JEFF LINDSAY

DEXTER

EM CENA





Planeta



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMINIO PUBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

"QUANDO O MUNDO ESTIVER UNIDO NA BUSCA DO CONHECIMENTO, E NÃO MAIS LUTANDO POR DINHEIRO E PODER, ENTÃO NOSSA SOCIEDADE PODERÁ ENFIM EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."



JEFF LINDSAY

DEXTER
EM CENA

Tradução
Solange Pinheiro

Copyright © Jeff Lindsay, 2013
Todos os direitos reservados
Direitos exclusivos de edição em português reservados para o Brasil
TÍTULO ORIGINAL *Dexter's Final Cut*
PREPARAÇÃO Tulio Kawata
REVISÃO Balão Editorial
DIAGRAMAÇÃO Balão Editorial
CAPA Thiago Sousa | all4type editorial
IMAGENS DE CAPA sodapix+sodapix | Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÂO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L721d
Lindsay, Jeff
Dexter: em cena / Jeff Lindsay; tradução Solange Pinheiro. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2013.
Tradução de: Dexter final cut
ISBN 978-85-422-0170-3
1. Morgan, Dexter (Personagem fictício). 2. Televisão – Programas – Estados Unidos. I. Pinheiro, Solange. II. Título.
13-02883. CDD: 791.4572
CDU: 821.111(73)-3

2013
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 — 3º andar — conj. 32B
Edifício New York
05001-100 — São Paulo — SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br
Versão Digital: Yuna TocaDigital

Para Hilary, como sempre

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigado a Samantha Steinberg, uma das artistas forenses mais importantes da nação e autora de *Steinberg's Facial Identification Catalog* e *Steinberg's Ethnicities Catalog,* que me ajudaram com a revisão técnica do manuscrito deste livro.
E agradecimentos especiais, como sempre, a Bear, Pookie e Tink, que me fazem lembrar por que devo me importar.

INTRODUÇÃO

Não é assim tão ruim estar morto. É surpreendente, mesmo, quando você pensa a respeito. Quer dizer, todo mundo parece sempre ter tanto medo da história toda, chorando e se lamentando e passando anos com pensamentos cheios de angústia relacionados à possibilidade de uma vida após a morte. E, no entanto, cá estou eu em um repouso tranquilo, quieto, livre da dor, e sem uma única preocupação na vida, não fazendo nada mais metafisicamente complicado do que relembrar minha Última Refeição – um excelente sanduíche de pastrami. *Ele me foi trazido, ainda quente, apenas quarenta minutos atrás, enquanto eu estava sentado em uma confortável cadeira dobrável, e me lembro de ter pensado: onde eles encontraram um* pastrami *tão suculento em Miami atualmente? Os picles estavam muito saborosos também. E só para ser etnicamente autêntico, tinha pedido um* cream soda *com o sanduíche, que eu não tomava fazia muito tempo. Delicioso. De modo geral, uma experiência culinária que fez com que estar morto parecesse um detalhe sem grande importância.*

... embora, para ser honesto, que é uma coisa que às vezes não dá para evitar, ficar deitado aqui no chão sem me mexer já estava ficando um pouquinho entediante. Eu realmente esperava que alguém me descobrisse logo; a morte não era algo suficiente para manter a mente ocupada, e parecia que eu tinha ficado aqui já fazia um bom tempo. Sei que essa não parece ser a primeira coisa com a qual você fosse implicar a respeito de estar morto – longas horas e nenhum tipo de desafio no trabalho –, mas eis a questão. Eu estava entediado. E o chão por baixo do meu corpo estava quente e começando a parecer muito duro. E, para complicar ainda mais, havia uma poça de imundície grudenta e vermelha se espalhando ao meu redor que fazia com que me sentisse bastante desconfortável – quero dizer, claro, que aquilo teria me deixado desconfortável se eu estivesse vivo de verdade.

Mas, de qualquer maneira, não era algo bom de olhar; devo ter uma aparência extremamente destituída de atrativos.

Outra preocupação excêntrica para o recém-falecido, talvez, mas verdadeira: eu estava destinado a ser uma visão não atraente. Aquilo era inevitável; não existe nada muito charmoso em um corpo morto a tiros, e nenhuma dignidade em ficar deitado na rua sob o sol de Miami, esperando em uma grudenta poça vermelha que alguém encontre seu corpo. E quando meu pobre cadáver atravessado por balas fosse finalmente descoberto, não haveria nem uma genuína manifestação de sentimento; nenhuma demonstração sentida de angústia e de desgosto. Não que eu alguma vez tenha achado a verdadeira emoção terrivelmente emocionante, mas, mesmo assim, a gente gostaria de ser pranteado de verdade, não gostaria?

Mas não hoje, não para o pobre Defunto Dexter. Afinal, quem poderia prantear um monstro como eu? Não, isso seria apenas proforma, *e até mesmo menos convincente do que o costumeiro; e eu, entre todas as pessoas, realmente não poderia reclamar. Eu havia passado toda a minha vida profissional – e uma grande parte do recompensador tempo dedicado a meu* hobby – *perto de cadáveres. Sabia muito bem que a reação mais natural quando alguém encontrava um corpo cheio de sangue coagulado era algo parecido com "eca, que nojo!", enquanto seu Descobridor bebe com voracidade uma bebida energética e aumenta o volume do seu Ipod. Até isso era mais honesto do que o ranger de dentes excessivo e destituído de sentido que eu sabia que iria merecer quando meu pobre corpo fosse descoberto. Eu não podia nem esperar por uma elegante declaração de pesar e de perda do tipo: "Oh, meu Pai do Céu, o pobre do Dexter!". Ninguém mais diz "Oh, meu Pai do Céu"; e, já que estamos falando do assunto, também duvido que alguém realmente sinta isso hoje em dia.*

Não, haveria muito pouca dor verdadeira pelo Dileto Defunto Dexter; ninguém pode expressar esse sentimento pela simples razão de que ninguém é capaz de senti-lo. Talvez eu seja a única pessoa honesta o suficiente para admitir que não sinto; no entanto, também nunca tive evidências muito fortes de que

alguma outra pessoa sentisse. As pessoas são excessivamente empedernidas e inconstantes, e até mesmo nas melhores ocasiões – e esta não era uma delas – eu não poderia esperar por mais do que um momento de repugnância com a visão do monte de esterco que era o meu corpo (mais ou menos) humano, e uma pontada de irritação por ter mais uma encrenca com a qual lidar. E então, sem dúvida, a conversa iria se voltar para o futebol americano, ou os planos para o fim de semana; e a lembrança do meu sanduíche de pastrami *iria durar muito mais do que o sentimento de perda de qualquer pessoa em relação à minha morte prematura.*

Mas, afinal, não havia alternativa. Eu tinha de tirar o melhor proveito da situação e ficar deitado aqui feito um peixe defumado até ser descoberto – o que me parecia um acontecimento que deveria ter ocorrido há muito tempo. Eu tinha sido jogado aqui sob a luz direta do sol há pelo menos meia hora. Será que um cadáver pode ter queimaduras causadas pelo sol? Eu tinha certeza de que os mortos evitavam cabines de bronzeamento artificial – até em filmes de zumbi –, mas aqui, sob a luz do sol do meio-dia, será que a pele morta poderia ficar queimada? Isso não parecia de acordo; todos gostamos de pensar em cadáveres pálidos e fantasmagóricos, e uma saudável epiderme beijada pelo sol certamente estragaria o efeito.

Mas agora estou ouvindo um coro crescente de estardalhaço e de preocupação nas proximidades: uma porta metálica se fecha com estrondo, vozes abafadas sussurram com premência; e finalmente ouço o som pelo qual estava ansiando, o ruído apressado de passos se aproximando. Eles se interrompem bruscamente ao meu lado, e uma mulher arqueja e exclama em voz alta: "Nãããão!". Finalmente: um pouco de preocupação real com minha trágica condição. Um tantinho melodramática, talvez, mas ela é tocante; e chegaria mesmo a amolecer o coração, isso se Dexter tivesse um coração para amolecer.

A mulher se debruça sobre mim e, no halo brilhante de luz do sol que rodeia sua cabeça, não consigo distinguir suas feições. Mas não tem como se enganar com o formato da arma que aparece em sua mão direita. Uma mulher com uma arma – seria

ela a Dileta irmã de Dexter, a sargento Deborah Morgan, tropeçando no pobre corpo de seu adorado irmão tragicamente assassinado? Quem mais poderia manifestar uma tão rara exibição de pesar bem armado por mim? E há uma ternura real em sua mão esquerda quando ela se aproxima do meu pescoço para sentir a pulsação: em vão, ai de mim, ou qualquer outra coisa que a gente diga em vez de "em vão" atualmente. Sua mão esquerda se afasta do pescoço e ela ergue o rosto em direção aos céus e diz, com dentes entrecerrados:

– Eu vou pegar os desgraçados que fizeram isso. Eu juro...

Esse é um sentimento que merece toda a minha aprovação – e, na verdade, ele soa um pouquinho como Deborah, mas não o suficiente. Há uma modulação hesitante e musical na voz que minha irmã jamais permitiria.

Não, não é Deborah, mas uma imitação histrionicamente terna. E ela soa ainda menos parecida com a enfurecida boca-suja da minha irmã quando acrescenta, em um tom de voz ligeiramente nasalado e muito mal-humorado:

– Mas que inferno, Victor, tem uma droga de uma sombra bem no meu rosto durante todo o tempo, pô!

Um homem, que parece ter vivido por um período interminável de exaustão que o conduziu para muito além do ponto da simples exasperação humana, exclama:

– Corta! Onde está a porra do maquinista?

Victor?

Maquinista?

O que isso pode significar? O quê, de verdade, está acontecendo? Como pode haver uma reação tão estranha à trágica morte de alguém tão jovem, tão talentoso e tão profundamente admirado – pelo menos por mim mesmo? Será um soluço cósmico, uma alucinação enlouquecida causada por eu ter penetrado no interior do Véu e adentrado no Além? Talvez algum momento confuso de transição na Unidade com Todas as Coisas, enquanto Dexter se afasta lentamente das amarras mortais e se dirige para a Última Morada?

E agora tudo fica ainda mais estranho à medida que uma cena surreal de atividade fervilhante começa a acontecer em volta do

meu corpo. Dúzias de pessoas, silenciosas e escondidas até então, pulam para a calçada e explodem em um frenesi furioso e focalizado, como se fosse a coisa mais natural do mundo passar ao lado de um Dexter coberto de sangue coagulado e se movimentar como se fossem formigas. Dois homens e uma mulher passam por cima do meu trágico cadáver e começam a lutar com grandes luzes montadas em tripés, refletores e montes de cabos elétricos, e a gente realmente tem de ficar pensando: Será assim que tudo se acaba para todos nós? Não com uma Explosão, mas com uma troca de luz?

Infelizmente para minha descoberta metafísica, nós precisamos esperar um pouquinho mais para responder a todas essas questões tão boas. Porque hoje não é, na verdade, o longamente temido dia de infâmia em que Dexter Desencarna. Ele é, pelo contrário, uma pequena e inofensiva fraude; o Dolo de Dexter. Pois, hoje, Dexter adentrou o agitado e alvoroçado mundo do show Business *profissional e de sucesso. Concederam-nos o grande e despretensioso obséquio de um Trabalho de Ator de verdade, e hoje estamos desempenhando, representando um papel para o qual pesquisamos uma vida inteira. Fomos escalados como extras, um cadáver de brincadeira, um pequeno e imóvel peão no grande tabuleiro de xadrez que é Hollywood.*

E agora, a mulher que não é Deborah dá umas palmadinhas amigáveis no meu rosto e se dirige para seu trailer, *murmurando comentários homicidas a respeito daquelas pessoas que permitiam que sombras caíssem em seu rosto quase perfeito. A equipe se manteve ocupada com as suas intensas e obscuras tarefas e, por cima de tudo isso, a voz mais que exausta de Victor entoa uma série de ordens cheias de cansaço, e então acrescenta:*

– E você precisa ir até o pessoal dos figurinos, e eles precisam limpar você para OUTRA tomada, tudo bem, Derrick?

– É Dexter – eu digo, me levantando dos mortos e me sentando. – Com X.

Victor não dá o menor sinal de ter me ouvido, ou mesmo de ter percebido que eu existo.

– Nós já estamos três dias atrasados, pessoal – ele lamenta. – Dá pra gente ir um pouco mais rápido?

Não percebo ninguém se movendo um pouco mais rápido, o que me parece algo perfeitamente justo. Afinal, se Victor decide me ignorar, ele não pode mesmo reclamar se os outros o ignoram, pode?

Um homem jovem e elegante aparece perto de mim e se ajoelha ao meu lado, trazendo consigo o perfume distinto de colônia floral.

– Muito bom – ele me diz, dando umas palmadinhas no meu braço. – Você parecia tããããão morto mesmo?

– Obrigado – respondo.

Ele coloca sua mão macia em meu braço.

– Vamos limpar você? – ele diz. Até então, praticamente tudo que saiu de sua boca foram perguntas, até mesmo afirmações simples como: "Oi, meu nome é Fred?". Eu não o pressiono por causa disso – embora esteja começando a suspeitar que Fred gostaria muito que eu pressionasse alguma coisa contra ele. Mas, mesmo que estivesse muito inclinado a fazer isso, e disponível, o que não estou, isso nunca daria certo. Ele não passa de um mero assistente de figurino, e Dexter é Talento – está escrito isso no contrato que eu assinei! –, e então me levanto com grande dignidade e me encaminho para o grande trailer *ocupado por Fred e seus companheiros. E enquanto ando, fico ponderando, e talvez a própria pergunta seja um clichê, um eco absurdo da obsessão humana por encontrar um sentido onde não existe absolutamente nenhum. Mas, apesar disso, enquanto olho ao redor para todo aquele estardalhaço e algazarra absurdamente caros, eu pergunto:*

Como foi que vim parar aqui?

CAPÍTULO 1

TUDO COMEÇOU DE MANEIRA MUITO PACÍFICA, APENAS POUCAS semanas atrás, em um delicioso dia do começo do outono.

Eu havia ido de carro para o serviço, como sempre, através da feliz carnificina que é a hora do *rush* em Miami. Aquele tinha sido um dia iluminado e agradável; o sol brilhava; a temperatura lá pelos 21°C; os demais motoristas buzinando alegremente e gritando ameaças de morte, e eu havia dirigido com uma agradável sensação de fazer parte daquilo.

Havia parado em uma vaga no estacionamento do QG da polícia, ainda ignorando por completo o terror que estava à minha espera em uma emboscada, e havia cuidadosamente carregado uma grande caixa de *donuts* até o prédio, e depois até o segundo andar. Havia chegado à minha mesa pontualmente, no meu horário habitual. E havia me acomodado em uma posição sentada em minha cadeira, uma xícara de café abjeto em uma das mãos e um *donut* de geleia na outra, sem sequer por um momento suspeitar que hoje fosse alguma coisa além de mais um dia de agradável rotina entre os recém-falecidos de Nossa Formosa Cidade.

E então o telefone em minha mesa começou a tocar e, como fui idiota o suficiente para atendê-lo, tudo mudou para sempre.

– Morgan – eu disse, no receptor. E se eu tivesse sabido o que estava por vir, não teria dito com tanta alegria.

Alguém do outro lado da linha pigarreou e, com um sobressalto de surpresa, eu o reconheci. Era o som que o capitão Matthews fazia quando queria chamar a atenção para o fato de que estava prestes a fazer um importante pronunciamento. Mas qual declaração relevante poderia ele ter então, para mim, antes mesmo que eu terminasse um *donut,* e por que iria falar a respeito disso no telefone com um mero CDF forense?

– Aham, hum, Morgan – disse o capitão. E então houve aquele silêncio.

– Aqui é o Morgan – eu disse, tentando ajudar.

– Tem um, hum – ele disse e pigarreou de novo. – Eu tenho uma tarefa especial. Para você. Dá para você vir até meu escritório? Agora. – Houve outra ligeira pausa, e então, o mais desconcertante de tudo, ele acrescentou: – Hum. Por favor. – E então desligou.

Fiquei encarando o telefone por um longo momento antes de recolocá-lo em seu suporte. Eu não sabia com certeza o que havia acabado de acontecer, ou o que aquilo significava: “Dá para você vir até meu escritório? Agora”. Capitães não designam tarefas especiais para peritos em análise de borrifos de sangue, e nem nós visitamos as salas dos capitães socialmente. Então, o que aquilo significava?

Minha consciência estava tranquila – a maior parte das coisas míticas está –, mas, mesmo assim, senti uma leve pontada de inquietação. Seria isso um problema – talvez uma acareação a respeito de alguma emergente evidência dos meus Modos Malvados? Eu sempre limpava tudo cuidadosamente – Nenhuma Parte do Corpo Deixada Para Trás! – e, de qualquer modo, já fazia um bom tempo desde que eu tinha feito alguma coisa a respeito da qual não valesse a pena falar. Na verdade, recentemente tinha começado a dar a impressão de que fazia tempo *demais,* e nas últimas noites eu andara afagando minha pequena lista de candidatos e pensando em um novo Companheiro de Brincadeiras. Meu último Encontro Encantador tinha acontecido havia muitos meses, e com certeza eu merecia outro em breve – a não ser que eu, de algum modo, tivesse sido descoberto. Mas, enquanto rememorava aquela noite maravilhosa, não conseguia me lembrar de nenhum deslize, nenhum atalho indolente, nada além de uma perfeição esmerada. Apesar disso, teria Alguém de Algum Modo descoberto Alguma Coisa?

Mas não: era impossível. Eu havia sido meticulosamente limpo, como sempre. Além do mais, se meu trabalho manual tivesse sido detectado, eu não teria recebido um educado convite para ir bater papo com o capitão – com um “por favor” de verdade adicionado a ele! Pelo contrário, eu estaria olhando para a Tropa

de Choque amontoada ao redor da minha mesa, me examinando através de seus rifles com mira telescópica guiada a laser e me implorando para tentar fazer alguma coisa.

Certamente, havia outra explicação mais simples para o fato de o capitão Matthews me intimar a comparecer ao Olimpo; porém, não importava quão diligentemente eu incitasse meu poderoso cérebro ao longo de seus processos, ele não apareceu com nada além de uma premente sugestão de que eu comesse o *donut* antes de comparecer perante a augusta presença do capitão. Aquilo não era na verdade uma resposta, mas era um pensamento bom e prático, e ele foi seguido por outro. Na verdade, não importava o que ele queria. Ele era o capitão, eu era um humilde perito em análise de borrifos de sangue. Ele dava ordens e eu as obedecia. Isso é tudo que você sabe neste mundo, e tudo de que precisa saber. E com um coro crescente de “O Dever Chama” soando nas minhas gaitas de foles mentais, eu me levantei da cadeira e me dirigi para fora da sala, terminando de comer meu *donut* enquanto saía.

Por ser um capitão de verdade, e muito importante no esquema geral das coisas, Matthews tinha uma secretária, embora ela gostasse de ser chamada de Assistente Executiva. O nome dela era Gwen; e ela possuía três virtudes em um grau maior do que qualquer outra pessoa que eu já tivesse conhecido: impressionantemente eficiente, insuportavelmente séria e inflexivelmente sem graça. Uma combinação deliciosa, e eu sempre a achei irresistível. Então, enquanto me apressava até a mesa dela, limpando os resíduos de *donut* das mãos nas calças, que era o lugar deles, não consegui deixar de tentar dizer um pequeno *bon mot*[1].

– Bela Gwendolyn – eu disse. – A face que lançou mil carros de patrulha!

Ela me encarou com uma ligeira carranca.

– Ele está esperando você – ela disse. – Na sala de reunião. Pode entrar.

Não era uma observação das mais alegres, mas Gwen nunca tinha sido conhecida por seu senso de humor brilhante, então lhe dirigi o meu melhor sorriso falso, de qualquer modo, e disse:

– Sagacidade e beleza! Uma combinação devastadora!

– Entre – ela repetiu, com um rosto que poderia ter sido esculpido em pedra ou, pelo menos, em um pudim muito duro. Passei rapidamente por ela e me encaminhei pela porta até a sala de reunião.

O capitão Matthews estava sentado à ponta da mesa, com uma aparência séria, viril e, pelo menos, seminobre, como ele quase sempre fazia. Sentada a um lado dele estava minha irmã, a sargento Deborah Morgan, e ela não estava com uma cara feliz. É claro, ela raramente estava feliz; entre sua cuidadosamente cultivada Cara Fechada de Policial e sua aparência geral de vigilância emburrada, a mais alegre expressão que havia conseguido arrumar em minha presença era um olhar de aquiescência malevolente. Mesmo assim, naquela manhã ela estava com um ar de grande desagrado, até mesmo para ela. Voltei meu olhar para as outras três pessoas sentadas ao redor da mesa, esperando encontrar alguma dica para o mal-estar da minha irmã.

Sentado mais perto do capitão estava um homem que era certamente o Macho Alfa do grupo. Tinha uns trinta e cinco anos, e vestia o que parecia ser um terno muito caro, e Matthews havia inclinado sua cabeça na direção do homem de um jeito que ia além da deferência e quase se aproximava da reverência. O homem me encarou quando entrei, escaneando-me como se estivesse memorizando uma lista de números, e então se voltou impaciente para Matthews.

Sentada ao lado desse sujeito charmoso estava uma mulher tão impressionantemente bonita que, por uma fração de segundo, esqueci que estava andando e parei na metade do passo, meu pé direito balançando no ar, enquanto a olhava de boca aberta, como um moleque de doze anos de idade. Eu simplesmente fiquei olhando, e não daria para dizer por quê. O cabelo da mulher tinha a cor de ouro velho, e seus traços eram agradáveis e regulares, não dava para negar. E os olhos eram de um impressionante tom violeta, uma cor tão improvável e, ao mesmo tempo, tão irresistível, que senti uma necessidade urgente de me aproximar e estudá-los com muita atenção. Mas

havia algo além da mera organização de seus traços, alguma coisa que não era vista e apenas *sentida,* que a fazia parecer muito mais atraente do que realmente era – uma Passageira das Luzes? O que quer que fosse, aquilo chamou minha atenção e fez com que eu ficasse incapaz de agir. A mulher observou meus olhos arregalados como quem não acha tanta graça assim, erguendo uma sobrancelha e me dando um sorrisinho que dizia: *é claro, mas e daí?* E então ela tornou a olhar para o rosto do capitão, me liberando para retomar meu passo interrompido e ir tropeçando para a mesa uma vez mais.

Em uma manhã cheia de surpresas, minha reação à mera Formosura Feminina era até que bem grande. Eu não conseguia me lembrar de ter agido de modo tão absurdamente humano: Dexter não se Derrete, não por causa da mera beleza feminina. Meus gostos são um pouco mais refinados, geralmente envolvendo um companheiro cuidadosamente escolhido e um rolo de fita adesiva. Mas alguma coisa naquela mulher havia me deixado completamente paralisado, e eu não conseguia deixar de olhar enquanto desabava em uma cadeira ao lado da minha irmã. Debs me recebeu com uma cotovelada nas costelas e um sussurro:

– Você está se derretendo todo – ela sibilou.

Eu não estava, é claro; mas, de qualquer jeito, endireitei-me e conclamei os fragmentos da minha dignidade em frangalhos, olhando ao redor em uma tentativa de recuperar minha habitual compostura.

Havia mais uma pessoa à mesa, que eu ainda não havia registrado. Ele havia deixado uma cadeira livre entre ele próprio e a Irresistível Sereia, e se inclinava na direção oposta a ela, como se pudesse contrair alguma coisa; sua cabeça apoiada em um braço, o cotovelo displicentemente plantado na mesa. Estava de óculos escuros do tipo usado por aviadores, que não disfarçavam que era um homem vigoroso e charmoso de seus quarenta e cinco anos, com um bigode cuidado à perfeição e um corte de cabelo espetacular. Não era possível ter certeza, com os óculos escuros grudados no rosto, mas com certeza parecia que não havia dado nem uma olhadinha na minha direção enquanto eu

entrava desajeitado na sala e me dirigia à cadeira reservada a mim. De algum modo, consegui esconder minha esmagadora decepção em relação à negligência dele e voltei meu olhar calmo e determinado para a cabeceira da mesa, onde o capitão Matthews estava uma vez mais pigarreando.

– Aham – ele disse, cuidadosamente. – Já que estamos todos aqui, hum. Então... – Ele acenou na direção de Deborah. – Morgan – ele disse, e me olhou. – E, ahn... Morgan. – Franziu o sobrecenho, como se eu o tivesse insultado ao escolher para mim um nome que ele já havia pronunciado, e a bela mulher deu uma risadinha no silêncio da sala. O capitão Matthews ficou até ruborizado, o que era, quase com certeza, uma coisa que não acontecia desde o ensino médio; e ele pigarreou uma vez mais. – Tudo bem – disse, com sólida autoridade e um olhar enviesado na direção da mulher. Acenou para o homem com o terno impressivo. – O sr., ahn, Eissen, que está aqui, representa, hum, a BTN. Big Ticket Network. – O homem acenou de volta para Matthews com uma demonstração muito deliberada de desprezo paciente. – E, hum, eles estão aqui, na cidade. Em Miami – ele acrescentou, caso nós tivéssemos esquecido em qual cidade morávamos. – Eles querem fazer um filme. Um, ahn, seriado para a TV, vocês sabem.

O homem com os óculos escuros falou pela primeira vez:

– Um piloto – ele disse, sem mexer o rosto, separando os lábios apenas o suficiente para revelar um conjunto faiscante de dentes perfeitos. – Queremos fazer um piloto.

A bela mulher revirou os olhos e me olhou, balançando a cabeça, e quando dei por mim eu estava sorrindo ansiosamente para ela, sem nenhuma decisão consciente de fazer isso.

– Correto – disse Matthews. – Um piloto. *Okay.* Então, o negócio é o seguinte. – Ele deu um tapinha ligeiro na mesa com as duas mãos e olhou para Deborah. – O sr. Eissen solicitou nossa cooperação. A qual estamos felizes em dar. Muito felizes – ele disse, acenando na direção de Eissen. – É bom para o Departamento. Uma imagem positiva e, ahn, aham. – Franziu o cenho outra vez, tamborilou os dedos na mesa e encarou

Deborah. – Então, é isso que você vai fazer, Morgan. – Franziu o cenho de novo e balançou a cabeça. – E, hum, Morgan. Os dois.

Talvez fosse pelo fato de eu não ter terminado minha xícara do abjeto café, mas eu não tinha a menor ideia do que Matthews estava falando. E então, já que Dexter sempre tinha sido um cara que aprendia as coisas rapidinho, eu pigarreei também. Deu certo; Matthews me olhou com uma expressão de surpresa.

– Desculpe, capitão – eu disse. – Mas devo fazer exatamente *o quê?*

Matthews piscou na minha direção.

– O que for preciso – ele disse. – Qualquer coisa que eles peçam para você fazer.

O sr. Bigode falou, uma vez mais sem mover qualquer músculo facial:

– Eu preciiiiiiso – ele disse, enfatizando a palavra sem a menor razão – saber Quem. Você. É.

Isso fazia ainda menos sentido do que o que Matthews falara, e não consegui pensar em nenhuma resposta mais arguta do que:

– Oh. Hm-hum... – Isso deve ter soado tão medíocre para ele quanto soou para mim, porque finalmente ele se moveu, voltando sua cabeça totalmente na minha direção e dando um piparote nos óculos escuros com um dedo muito bem manicurado.

– Preciso observar você; aprender a fazer o que você faz; entender como *ser* você – ele disse. E me mostrou rapidamente um conjunto de dentes faiscantes. – Não deve demorar mais que uns poucos dias.

A bela mulher perto dele bufou e murmurou alguma coisa que soou como “bundão”. No rosto do homem houve uma ligeira contração causada pela irritação; mas, a não ser por isso, ele a ignorou.

– Mas a troco de quê? – eu disse. E já que gosto de jogar no mesmo nível que meus competidores, acrescentei: – Você não gosta da pessoa que você é?

A Deusa soltou uma risadinha; o homem apenas franziu as sobrancelhas.

– É para o papel – ele explicou, soando ligeiramente surpreso. – Eu preciso fazer uma pesquisa para meu personagem.

Acho que eu ainda estava com uma expressão um pouco confusa, porque a bela mulher me dirigiu um sorriso estonteante que fez com que meus dedos dos pés se curvassem e eu ficasse feliz por estar vivo.

– Acho que ele não sabe quem você é, Bob – ela disse.

– Robert – ele grunhiu. – Não Bob.

– Na verdade, algumas pessoas nunca ouviram falar de você, sabe – ela disse, com uma doçura excessiva.

– Ele provavelmente também não sabe quem você é – retrucou Robert, ríspido. – A não ser que leia as revistas de fofoca.

O sr. Eissen, o homem com o terno maravilhoso, bateu o nó de um dos dedos na mesa. Ele fez isso com muita discrição, mas todos ficaram em silêncio e se empertigaram um pouco. Eissen me dirigiu um sorriso microscópico.

– Robert – ele disse, dando uma ligeira ênfase ao nome, e então acrescentando: –, Robert Chase. – Deu uma balançadinha na cabeça com ar de quem não acha aquilo importante. – Robert é um ator muito conhecido, sr. Morgan.

– Ah, certo – eu disse, fazendo-lhe um amigável gesto com a cabeça. Ele empurrou seus óculos escuros de volta.

– Quase todos os atores gostam de ter uma ideia da... *realidade...* por trás do papel que vão desempenhar – disse Eissen; e, de algum modo, ele fez com que aquilo soasse como se estivesse falando a respeito de criancinhas que estão passando por uma fase desagradável, e me dirigiu outro sorrisinho condescendente para acompanhar suas palavras.

– Jacqueline Forrest – ele continuou, com um pequeno floreio da mão para indicar a bela mulher. – Jackie vai fazer o papel de uma detetive durona. Como a sua sargento Morgan. – Ele sorriu para Deborah, mas ela não sorriu para ele. – E Robert vai fazer o papel de um gênio forense. O que nós ficamos sabendo que o senhor é. Então, Robert gostaria de seguir o senhor durante suas horas de trabalho por uns dias e ver o que o senhor faz, e como o senhor faz.

Eu sempre ouvi dizer que a imitação é a mais sincera forma de lisonja, mas não me lembro de alguém ter acrescentado que a lisonja era na verdade uma coisa boa; e confesso que não estava terrivelmente feliz. Não é que eu tenha algo a esconder – já escondi tudo que precisava –, mas eu gosto muito da minha privacidade, e a ideia de ter alguém me seguindo por aí e tomando notas sobre o meu comportamento era um tanto perturbadora.

– Hum – eu disse, e era bom ouvir que minha costumeira eloquência havia tomado a dianteira –, isso vai ser, hum, meio difícil...

– Não tem problema – disse o capitão Matthews.

– Eu consigo dar um jeito nisso – disse Robert.

– Eu não – disse Deborah, e todos a olharam. Ela parecia ainda mais emburrada do que quando eu entrei, o que era um feito e tanto.

– Qual é o problema? – perguntou Eissen.

Debs balançou a cabeça.

– Eu sou policial, não a porra de uma babá – ela disse, com os dentes cerrados.

– Morgan – disse o capitão Matthews, e ele pigarreou e olhou ao redor, para ver se alguém havia percebido o palavrão.

– Eu não tenho tempo para essa merda – Debs continuou, usando mais um palavrão. – Hoje de manhã fiquei sabendo de um tiroteio envolvendo carros em Liberty City, uma *overdose* na U e uma decapitação no Grove.

– Nossa – disse Jackie, com uma surpresa resfolegante.

Matthews balançou a mão com um gesto de pouco-caso.

– Não é importante – ele disse.

– O caramba que não é – retrucou minha irmã.

Matthews balançou a cabeça na direção dela.

– Passe para o Anderson ou para outra pessoa. Isto – ele disse, batendo o nó do dedo na mesa – tem prioridade. – E ele deu para Jackie o seu mais estonteante sorriso eu-sou-ponderado-mas-sou-machão. Ela sorriu para ele, aparentemente paralisando Matthews por vários segundos até que, uma vez mais, Deborah quebrou o encanto.

– Essa não é minha função – ela insistiu. – Minha função é prender criminosos, e não ser babá de uma modelo.

Eu olhei para Jackie para ver como receberia aquilo; ela só olhou na direção de Debs com ar impressionado e balançou a cabeça devagar.

– Perfeito – ela disse, suavemente.

– Sua função – disse Matthews com severidade – é seguir ordens. Minhas ordens – ele acrescentou, dando uma olhada rápida para Jackie para ver se ela estava impressionada. Mas Jackie não havia tirado os olhos de Deborah.

– Mas que saco, capitão – disse Debs. Matthews ergueu uma das mãos e a interrompeu.

– Já chega – ele disse bruscamente. – Eu estou designando você para ser consultora técnica destas pessoas. Ponto-final. Até receber outras ordens. – Debs abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Matthews a interrompeu na hora. – Você vai fazer isso, e vai fazer bem-feito, e é isso, é só isso, a discussão acabou. – Ele se inclinou ligeiramente na direção da minha irmã. – E, Morgan... cuidado com o que diz, certo? – Ele a encarou, e ela o encarou de volta, e por um momento foi só isso o que aconteceu, até que finalmente Eissen quebrou o encanto.

– Ótimo, tudo acertado – ele disse, e deu um sorriso falso para indicar que todos então estavam felizes. – Obrigado por sua cooperação, capitão. A Network fica muito grata.

Matthews abanou a cabeça.

– Bom, isso é... hum... E tenho certeza de que vai ser uma coisa boa. – Ele me olhou, e depois olhou Deborah. – Para todos nós – disse, com um olhar duro para minha irmã.

– Tenho certeza de que o senhor está com a razão – disse Eissen.

– Vai ser *impressionante* –, murmurou Jackie.

Deborah parecia não concordar.

CAPÍTULO 2

– ESCUTE – ME DISSE ROBERT CHASE, ENQUANTO CAMINHÁVAMOS juntos pelo *hall* até meu laboratório. – Nós precisamos ter umas regras básicas bem definidas, tudo bem?

Eu o encarei, vendo somente seu perfil, já que ele estava olhando fixamente à sua frente através dos óculos escuros.

– Regras? – perguntei. – O que você quer dizer?

Ele parou de andar e virou seu rosto para mim.

– Seu nome é Derrick, certo? – ele disse, estendendo a mão.

– Dexter – respondi. – Dexter Morgan. – Apertei a mão dele. Era macia, mas o aperto era firme.

– Certo. Dexter – ele disse. – E eu sou Robert. *Okay?* Só Robert. – Ele ergueu um dedo admoestador. – Não Bob.

– É claro que não – retruquei.

Ele balançou a cabeça, como se eu tivesse falado algo profundo, e continuou a caminhar pelo *hall.*

– Tudo bem – ele disse, virando a palma da mão para cima e balançando-a. – Eu sou só um cara comum. Gosto das mesmas coisas de que você gosta.

Isso não parecia possível, considerando aquilo de que eu realmente gosto, mas resolvi não desafiá-lo.

– Tudo bem – falei.

– Eu não ando por aí em uma Ferrari, nem cheiro coca nos peitos de uma prostituta, tudo bem?

– Oh – eu disse. – Bom, ótimo.

– Quero dizer, não me leve a mal – ele disse, com um sorriso pensativo e másculo. – Eu gosto das mulheres. Sou maluco por elas. – Ele me olhou rapidamente para ter certeza de que eu acreditava nele, e então continuou a falar: – Mas não gosto dessa coisa de... ser uma *celebridade.* Tudo bem? Eu trabalho, sou um *ator,* não um astro. Eu faço um trabalho, assim como você, e quando o meu dia de serviço acaba, gosto de relaxar, tomar umas cervejas, assistir a um jogo. Coisas absolutamente normais. Você entende? Nada de ficar indo a clubes, e *groupies*

e festas a noite inteira. Isso é... – Balançou a cabeça. – Isso é uma merda.

Aquilo tudo era muito interessante, mas eu já descobri que, na maioria das vezes, quando alguém enfatiza alguma coisa desse jeito está ou tentando convencer a si próprio – ou tentando disfarçar alguma coisa muito diferente. Talvez ele de fato cheirasse coca nos peitos de prostitutas e simplesmente não quisesse compartilhar isso. Mas, é claro, minha experiência com Astros de Hollywood tinha sido limitada a vê-los na televisão com menos da metade da minha atenção, então também era possível que Robert Chase estivesse falando algo de verdade usando algum monólogo tirado de algum papel anterior. De qualquer modo, ele realmente parecia insistir um pouco a respeito de ter gostos “normais” relacionados a mulheres e a esportes, e eu realmente tinha de ficar pensando se aquilo estava mesmo levando a alguma coisa.

– Tudo bem – eu falei. – Então, qual é a regra?

Ele agitou ligeiramente a cabeça, como se não tivesse me escutado.

– O que você quer dizer com isso? – ele perguntou.

– Regras básicas – eu disse. – Você falou que teríamos de ter as regras básicas bem definidas.

Ele parou de andar e se voltou para me olhar sem uma verdadeira expressão em seu rosto. Eu retribuí o olhar. Finalmente, ele sorriu e então me deu umas palmadinhas no ombro.

– Tudo bem – ele disse. – Acho que soei um pouco sei lá o quê.

Pomposo.

– De jeito nenhum – respondi, mentindo educadamente.

– O negócio é o seguinte – ele disse – eu não quero nenhum tipo de, você sabe, tratamento especial, ou seja lá o que for. Só faça as coisas que normalmente faz e aja como se eu nem estivesse aqui. Só faça o que você sempre faz, certo?

Eu tinha de acreditar que ele realmente dizia aquilo com convicção, mas apenas um ligeiro momento de reflexão genuína teria me mostrado quão impossível a Primeira Regra dele

realmente era. Em primeiro lugar, ele já estava recebendo um tratamento especial, porque tinham me ordenado que eu o desse a ele. E, em segundo lugar, se eu realmente fizesse o que sempre fazia, ele certamente sairia correndo da sala aos gritos. Mesmo assim, a vida nos ensina que o pensamento humano quase nunca caminha lado a lado com a lógica, e, em geral, é contraproducente mencionar o assunto. Então, somente fiz um gesto de concordância com a cabeça, de um modo tão agradável quanto possível, como se ele estivesse falando coisa com coisa.

– Claro – eu disse. – Algo mais?

Ele deu uma olhada ao redor por todo o *hall* – de um modo um tanto furtivo, pensei.

– Eu não gosto de... sangue – ele falou e engoliu em seco. – Eu meio que gostaria de... hum... não ter de ver muito sangue.

Até então, Chase tinha dado a impressão de ser um tanto destituído de senso de humor, mas essa afirmativa era tão absurdamente impossível que eu o encarei para ver se ele estava brincando. Não parecia estar; ele me lançou um olhar rápido, olhou ao seu redor novamente, e então fixou os olhos em seus sapatos. Valia a pena olhar para eles. Provavelmente custavam mais que meu carro.

– Hum – eu finalmente disse. – Você sabe que eu analiso borrifos de *sangue,* certo?

Chase se sobressaltou.

– Sim, eu sei, mas... – Ele balançou a cabeça como se tivesse um nó em seu pescoço, flexionou as mãos, e então deu um tipo de quase risadinha que não era nem um pouco tão convincente quanto deveria ter sido, vindo de um Ator Profissional. – Eu só... hum... – ele disse. – Eu não gosto dele. O sangue... hum... ele me faz ficar meio... enjoado. Só de pensar nele correndo dentro da gente, ou mesmo de olhar onde ele esteve, eu não consigo... e ver ele bem *ali,* assim, no chão, *espalhado...* – Estremeceu e então virou a cabeça rapidamente para me olhar, e pela primeira vez pareceu um ser humano menos-que-perfeito, real e vivo. – Eu simplesmente não gosto dele – disse, com uma voz que estava bem perto de uma súplica.

– Tudo bem – eu disse, já que não tinha muito mais o que dizer. – Mas não sei se dá para lhe mostrar qual é o padrão dos borrifos de sangue sem mostrar sangue para você.

Ele olhou os próprios pés de novo e suspirou.

– Eu sei – ele disse.

– Oh. Meu. *Deus!* – disse uma voz cheia de espanto atrás de mim, e eu me voltei. Vince Masuoka estava parado ali, as duas mãos no rosto e a boca muito aberta, dando a exata impressão de ser uma menina de doze anos que tivesse acabado de se deparar com o elenco inteiro de *Glee.*

– Vince. Sou eu – falei. Mas aparentemente não era; Vince me ignorou e apontou uma mão trêmula para Chase.

– Robert *Chase,* oh meu Deus oh meu *DEUS!* – ele exclamou, saltitando para um lado e para o outro como se tivesse de ir ao banheiro com muita urgência. – É você, é você de verdade – acrescentou; e embora eu não conseguisse dizer se ele estava tentando convencer a si próprio ou Chase, achei o desempenho dele profundamente irritante. Mas esse comportamento parecia ser exatamente aquilo de que Chase necessitava; ele se endireitou instantaneamente, com uma aparência tranquila, assumindo o comando e mais perfeito do que um simples ser humano jamais poderia ser.

– Como você está? – ele disse para Vince, embora devesse ter sido óbvio que a resposta era: “Completamente maluco”.

– Oh, meu Deus – Vince disse outra vez, e fiquei pensando se daria para fazê-lo parar de dizer aquilo se eu o esbofeteasse algumas vezes. Porém, ações assim tão lógicas e recompensadoras são desencorajadas no ambiente de trabalho, mesmo quando fazem todo o sentido, então vasculhei em meu interior e descobri autocontrole férreo em quantidade suficiente para suprimir minha necessidade absolutamente natural.

– Dá para ver que você já conhece Robert – eu falei para Vince. – E, Robert, este é Vince Masuoka. Ele trabalhava no laboratório da polícia forense antes de perder a cabeça.

– Ei, Vince – disse Robert. Ele deu um passo adiante com a mão estendida e um sorriso másculo em sua face. – É um prazer conhecer você.

Vince olhou a mão estendida como se nunca tivesse visto uma em sua vida.

– Oh. Oh. Oh. Aimeudeus – disse Vince. – Aimeudeus. Quer dizer... – Ele agarrou a mão de Chase como se estivesse se afogando e ela fosse um colete salva-vidas, e a segurou com firmeza entre suas duas mãos enquanto encarava Chase e continuava a balbuciar enlouquecido. – Isso é inacreditável. Eu estou tãããããão... Quero dizer, *sempre...* Oh, Deus, não dá para eu acreditar nisso... – E ainda mais estranho, enquanto ele ficava lá plantado, agarrado à mão de Chase, o rosto dele começou a ficar vermelho e ele baixou o tom de voz até um sussurro estranho e rouco: – Eu simplesmente amei você em *Durão e veloz!*

– É, bom... obrigado – disse Chase, de algum jeito extraindo com dificuldade sua mão da armadilha úmida do aperto de Vince, e acrescentando modestamente: – Isso já faz um bom tempo.

– Eu tenho o DVD – disse Vince, excitado. – Eu já assisti, sei lá, um milhão de vezes!

– Ei, legal – disse Chase. – Que bom que você gostou.

– Não consigo acreditar – disse Vince e ficou saltitando de um lado para o outro de novo. – Ai, meu Deus!

Chase apenas sorriu. Ele, aparentemente, já havia testemunhado esse tipo de comportamento antes, mas, mesmo assim, o acesso do Vince devia estar lhe deixando um tantinho desconfortável. Mesmo assim, ele enfrentou tudo com calma e masculinidade e deu umas palmadinhas amigáveis no ombro de Vince.

– Ei, bem – ele disse. – Derrick e eu temos de ir andando. – E ele se voltou para mim, me deu um cutucão e falou: – Mas estou mesmo esperando pela oportunidade de trabalhar com você. A gente se vê por aí!

Chase aferrou uma das mãos no meu cotovelo e me incitou a ir pelo *hall.* Eu precisava de pouco incitamento, já que o Vince tinha voltado a gemer “aimeudeus aimeudeus aimeudeus”, e nunca é agradável ficar na presença de alguém que antes havia sido seu amigo e que agora era um garoto-propaganda da tragédia das doenças mentais. Então, deixamos Vince no *hall* e escapamos

para o abrigo do meu pequeno escritório, onde Chase apoiou o quadril na beirada da minha mesa, cruzou os braços e balançou a cabeça.

– Bom – ele disse. – Não estava esperando isso aqui. Quer dizer, eu achei que os policiais fossem um pouco mais, sei lá. – Ele deu de ombros. – Hum, durões? Mais machões? Você sabe.

– Na verdade, Vince não é um policial – falei.

– Tudo bem, mas, mesmo assim – ele disse –, ele é gay? Quer dizer, sem problema, eu só estava pensando.

Olhei Chase, surpreendido, e, para ser honesto, uma grande parte da surpresa estava relacionada a mim mesmo. Eu havia trabalhado com Vince tantos anos e nunca me fizera essa pergunta. É claro, o assunto era completamente irrelevante, e eu não tinha nada a ver com isso. Afinal, eu não ia querer que ele ficasse xeretando *a minha* vida particular.

– Não sei – respondi. – Mas, no ano passado, na festa de Halloween, ele foi de Carmen Miranda. De novo.

Chase assentiu.

– Um dos sinais indicadores – ele disse. – Bom, merda, não me importo. Quer dizer, tem, hum, bichas em toda parte atualmente.

Fiquei pensando no jeito de ele usar aquela palavra, “bichas”. Ela me parecia ser uma palavra que, na verdade, não estava mais *au currant*[2] nos círculos mais liberais, como eu tinha achado que a comunidade de Hollywood seria. Mas pode ser que Robert apenas tivesse tentado se encaixar e assumido que eu costumeiramente dissesse coisas que não eram Politicamente Corretas porque eu era um membro durão e machão da Comunidade Policial de Miami, e todo mundo sabe que todos nós falamos desse jeito.

Seja como for, eu estava mais interessado na reação dele ao ataque da Síndrome da Menina Adolescente de Vince.

– Esse tipo de coisa acontece bastante com você? – perguntei para ele.

– Toda essa história de ficar maluco e de ficar saltitando? – disse de modo bastante casual. – Sim. Aonde quer que eu vá. –

Deu um cutucão em uma pasta de arquivos na minha mesa e a abriu com um piparote.

– Isso deve dificultar um pouquinho suas idas ao mercado – falei.

Ele não me olhou e disse:

– Hm-hum. – Uma pessoa faz isso por mim. De qualquer jeito – deu de ombros é diferente lá em Los Angeles. Lá, todo mundo acha que está no negócio com você, e ninguém quer ficar parecendo idiota. – Ele começou a folhear as páginas do relatório, o que achei um pouquinho irritante.

– Tenho um serviço para fazer no laboratório – eu disse, e ele me olhou ansiosamente, fazendo com que me sentisse um pouquinho melhor.

– É um, quer dizer – ele falou –, ãhm, um assassinato? Trabalho com sangue?

– Infelizmente, acho que sim – eu disse. – Preciso trabalhar com algumas amostras de uma cena de crime. – E como Dexter na verdade algumas vezes não é agradável, acrescentei: – O assassino fez um talho na artéria femoral, então, tinha sangue para todos os lados.

Chase inspirou profundamente por entre os dentes. Soltou o ar, tirou os óculos escuros e os olhou, então os colocou de novo. Observei-o por um momento, e isso pode não indicar coisas muito boas a meu respeito, mas eu estava gostando do modo como ele havia ficado um pouquinho pálido sob seu bronzeado. Finalmente, engoliu em seco e inspirou profundamente uma vez mais.

– Bom – ele disse –, acho que é melhor eu acompanhar e observar.

– Acho que sim – concordei.

Chase engoliu em seco, inspirou profundamente e se levantou, tentando com todas as forças parecer determinado.

– Tudo bem – ele disse. – Eu, ãhm, eu só vou olhar por cima do seu ombro...?

– Isso – eu disse. – Vou tentar não fazer muito esparramo.

Ele fechou os olhos, mas me seguiu.

Foi um pequeno triunfo, mas foi praticamente o único que eu obtive pelo resto da semana. Enquanto me arrastava pela minha rotina diária, Robert se arrastava comigo. Não atrapalhava muito, mas toda vez que me voltava ele estava lá, um esgar de concentração em seu rosto, e geralmente com um tipo de pergunta sem sentido: por que eu fiz aquilo? Por que era importante fazer aquilo? Eu fazia aquilo com frequência? Quantos assassinos eu já havia capturado fazendo aquilo? Eles eram mesmo *serial killers?* Havia muitos *serial killers* em Miami? Uma grande parte do tempo, as perguntas não tinham absolutamente nenhuma relação com o que eu estava fazendo, o que deixava a coisa toda ainda mais insípida e entediante. Dava para entender que era um pouquinho difícil para uma pessoa como ele formular perguntas inteligentes a respeito de cromatografia gasosa; mas, então, por que me observar fazendo aquilo? Por que ele não podia simplesmente ficar sentado em um bar esportivo e me mandar mensagens de texto com suas perguntas enquanto bebericava uma cerveja e assistia a um jogo?

Já era ruim demais aguentar as perguntas idiotas. Mas, na quarta-feira, ele levou as coisas a um novo nível de perseguição.

Estávamos uma vez mais no laboratório, e eu estava olhando no microscópio, em que tinha acabado de encontrar algumas semelhanças muito interessantes entre amostras de tecidos de duas cenas de crime diferentes. Endireitei o corpo, me voltei e lá estava Chase, franzindo as sobrancelhas com ar pensativo, uma das mãos massageando o topo da cabeça e a outra cobrindo sua boca. E antes que pudesse perguntar-lhe por que diabos estava fazendo um gesto tão ridículo, percebi que eu estava fazendo exatamente a mesma coisa.

Abaixei minhas mãos.

– Por que você está fazendo isso? – eu disse, deixando a maior parte da irritação afastada da minha voz.

Chase abaixou suas mãos também e sorriu; um sorrisinho convencido de triunfo.

– É isso que você faz – ele respondeu – quando encontra alguma coisa significativa. Você faz assim com as mãos. –

Repetiu o gesto rapidamente, uma das mãos na cabeça, e a outra cobrindo a boca. – Você faz isso – ele disse, deixando as mãos caírem – e daí fica parado ali com um ar muito pensativo. – E fez uma quase carranca que dizia com muita clareza: “Eu estou muito pensativo mesmo”. – Bem assim.

Acho que eu poderia muito bem ter feito isso e mais um monte de outras coisas durante toda a minha vida profissional sem me dar conta. Há pouquíssimos espelhos em um laboratório forense para me mostrar que cara faço enquanto trabalho, e, sinceramente, eu preferia assim. Todos temos padrões de comportamento inconscientes, e eu sempre tinha pensado que os meus fossem um pouquinho mais moderados e lógicos que os exibidos pelos meros mortais que me rodeavam.

Mas cá estava Chase, me mostrando claramente que meus maneirismos eram tão ridículos quanto os de qualquer outra pessoa. Era incrivelmente exasperador vê-lo me imitando bem na minha cara e, mesmo assim, isso não explicava a parte mais importante da questão.

– Por que *você* tem de fazer isso também? – perguntei.

Ele balançou a cabeça, um gesto rápido para o lado, como se eu fosse a pessoa que estivesse fazendo perguntas idiotas.

– Eu estou *aprendendo* você – ele respondeu. – Para o meu personagem.

– Em vez disso, não daria pra você aprender Vince? – falei e até mesmo para mim eu soei rabugento.

Chase balançou a cabeça.

– Meu personagem não é gay – ele disse, com ar bem sério.

No fim do expediente, na quinta-feira, eu estava muito a fim de virar gay se isso significasse que Chase iria parar de me copiar. Eu o observava enquanto ele macaqueava tudo que eu fazia, cada tique pequeno e inconsciente. Fiquei sabendo que eu fazia barulho ao beber meu café, lavava as mãos por muito tempo e ficava olhando para o teto franzindo os lábios enquanto falava ao telefone. Eu nunca tinha tido nenhum problema com minha autoestima; gosto muito de Dexter, assim do jeito que ele é. Mas, à medida que a macaqueação do Chase foi continuando, e continuando, descobri que até mesmo a mais saudável

autoimagem pode erodir sob um bombardeio de caçoada constante e solene.

Dei o melhor de mim para persistir. Disse para mim mesmo que eu estava seguindo ordens, e que tudo aquilo era parte do serviço, e que realmente não tinha escolha nessa questão toda, mas isso não ajudou em nada. Cada vez que me voltava, havia uma imagem espelhada do que quer que fosse que eu estivesse fazendo, mas com um bigode imaculado e um corte de cabelo perfeito. E, pior que tudo, de vez em quando eu me voltava e o via simplesmente me encarando, com uma expressão etérea de desejo abstrato em seu rosto que eu não conseguia decifrar.

Os dias foram passando, e a presença dele foi ficando cada vez mais irritante. *Já* era ruim demais ter Chase me seguindo, me observando, me imitando – mas, mesmo deixando tudo isso de lado, eu descobri que era impossível gostar de Robert Chase. Admito que eu raramente consigo alcançar o tipo de contato pessoal e caloroso que os seres humanos forjam de modo rotineiro, principalmente porque eu realmente não tenho sentimentos humanos. Mesmo assim, finjo isso muito bem; tenho sobrevivido no meio das pessoas a vida inteira e conheço todos os rituais e truques do contato social. Nenhum deles funcionou com Chase; e, por algum motivo, eu me flagrei relutando em continuar a tentar. Algo a respeito dele estava errado, ligeiramente fora de lugar, era pouco atraente, e embora não pudesse dizer o motivo, eu simplesmente não gostava dele.

Mas, havia recebido ordens para rebocá-lo por entre as tempestuosas águas da minha vida na polícia forense, e então rebocá-lo eu devia. E tenho de admitir, Chase era pelo menos diligente. Ele aparecia todas as manhãs praticamente no mesmo horário que eu. Na manhã de sexta-feira, até trouxe uma caixa de *donuts.* Devo ter ficado com ar de surpresa, porque ele sorriu para mim e disse:

– É o que você faz, certo?

– Às vezes eu faço – admiti.

Ele assentiu.

– Andei fazendo umas perguntas a seu respeito – ele falou. – Todos me disseram: “Dexter devora *donuts”.* – E sorriu para mim

divertido, como se a aliteração fosse algum tipo de sagacidade maravilhosamente inteligente.

Se antes eu tinha ficado irritado com ele, agora estava positivamente fervendo. Ele havia ido além da mera caçoada; agora estava "perguntando por aí" a meu respeito, xeretando minha personalidade, encorajando todos ao meu redor a despejar tudo a respeito dos maneirismos e pecadilhos de Dexter. Isso me fez ficar com tanta raiva que só consegui me acalmar imaginando Robert atado com fita adesiva a uma mesa, e eu todo feliz pairando sobre ele segurando uma faca para peixe. Mesmo assim, comi os *donuts* dele.

Aquela tarde me proporcionou o único alívio que eu tive durante toda a semana. E parecia muito adequado que ele viesse sob a forma de um homicídio.

Robert e eu tínhamos acabado de voltar do almoço. Eu tinha deixado que ele me persuadisse a levá-lo para comer Comida Cubana de Verdade; e então tínhamos ido ao meu local favorito, o Café Relâmpago. Os Morgan frequentavam aquele local por duas gerações – três, se a gente incluir o fato de que eu tinha levado minha filha, Lily Anne. Ela amou os *maduros*[3].

Seja como for, Robert e eu tínhamos comido prodigamente *ropa vieja, yuca, maduros* e, é claro, *arroz con frijoles negros.* Tínhamos acompanhado tudo isso com Iron Beer, a versão cubana da Coca-Cola, e finalizado com um *flan* e uma montanha de *cafecitas*[4]. Robert havia insistido em pagar, talvez tentando achar um jeito de comprar a minha afeição, então eu estava em uma disposição de espírito ligeiramente mais dócil quando voltamos para o nosso serviço. Porém, nem tivemos a chance de sentar nas cadeiras para refletir e fazer a digestão, porque, assim que entramos, Vince veio correndo, agarrando a sacola de lona que continha o seu *kit.*

– Pegue suas coisas – ele disse, passando rapidamente. – Temos um dos feios.

Robert o viu se afastar; seu ar de confiança relaxada pareceu escorrer dele e se acumular a seus pés.

– Isso é... ele quer dizer, ahn...

– Provavelmente não é nada – respondi. – Só um decepamento rotineiro com machete ou algo parecido.

Chase me encarou com os olhos arregalados por um instante. Então, empalideceu, engoliu em seco, e finalmente acenou.

– Tudo bem – ele disse.

Fui pegar minhas coisas, sentindo um cálido resplendor de satisfação ao ver o óbvio mal-estar de Chase. Como eu disse, às vezes não sou uma pessoa muito agradável.

CAPÍTULO 3

O CORPO ESTAVA DENTRO DE UMA CAÇAMBA EM UMA RUA SEM SAÍDA perto do *campus* central da Universidade de Miami-Dade. A rua estava escura, mesmo sob a luz do sol do meio-dia, sombreada pelos prédios que a rodeavam, e provavelmente ficava ainda mais escura à noite, quando um Alguém maldoso havia escolhido o local para sua diversão e seus joguinhos, provavelmente por essa mesma razão. A julgar pelo estado do corpo, tinha sido uma ideia muito boa. Era melhor que não fossem vistas as coisas que haviam sido feitas com o que uma vez fora uma mulher jovem e atraente.

A caçamba ficava em um ângulo no canto mais afastado da rua sem saída. Um dos lados da tampa estava escancarado, e mesmo a uns três metros de distância dava para a gente ouvir o zunido dos nove milhões de moscas que voavam ao redor em uma grande nuvem escura. Angel-Batista-Sem-Parentesco estava polvilhando o lado de fora da caçamba para procurar impressões digitais. Ele estava trabalhando cuidadosamente ao longo da parte superior, espalhando o pó com uma das mãos, e com a outra espantando as moscas.

Vince estava apoiado em um dos joelhos, no lado mais próximo da gente, ao lado da caçamba, onde uma parte do lixo mais mole havia se esparramado sobre a calçada. Ele estava cautelosamente vasculhando o grude imundo com seus dedos envoltos em luvas de borracha. Não parecia estar muito feliz.

– Deus do céu – ele me disse, sem olhar para cima. – Não dá para eu respirar.

– Respirar é algo superestimado – eu falei para ele. – Descobriu alguma coisa?

– Sim – ele respondeu quase rosnando. – Encontrei um bocado de lixo. – Rangeu os dentes e removeu alguma coisa que havia grudado em suas luvas.

– Se a gente tiver mais um como este, eu me transfiro para a Fiscalização.

Senti um pequeno e sombrio formigamento de interesse vindo do Passageiro.

– Mais um? – perguntei. – Será que vamos pegar mais um?

Vince limpou a garganta e cuspiu para o lado.

– Não parece uma morte acidental – ele disse. – E, definitivamente, não uma briga com o namorado. Meu Deus, eu odeio lixo.

– O que isso quer dizer com “outro”? – Chase perguntou de seu posto ao lado de meu cotovelo. – Vocês querem dizer que pode ser, assim, um *serial killer?*

Por um momento, Vince esqueceu que estava de joelhos no meio do lixo e deu um grande sorriso para Chase com adoração profunda.

– Oi, Robert – ele disse. Depois de uma semana inteira vendo Chase todos os dias, Vince ainda chegava quase a desmaiar na presença dele. Mas, pelo menos, ele não estava mais gemendo “aimeudeus”.

– Então, por que você acha isso? – perguntou Chase. – Como... você sabe... não é algo acidental?

– Ah – respondeu Vince. – É só, você sabe. Um pouco... extravagante? – Ele agitou uma das mãos alegremente, mandando um pequeno punhado de lixo voando pelo ar até cair no meu sapato. – Opa.

– Extravagante – Chase disse, pensativo. – Assim, como, você quer dizer, hum... O quê?

Vince continuou a sorrir. Nada que Chase dissesse, não importava quão cretino fosse, poderia causar um arranhão em sua armadura polida e brilhante.

– Complicado – disse Vince. – Assim como, você sabe. Ele não queria apenas matar a moça. Ele tinha *de fazer* coisas com ela.

Chase assentiu, e mesmo nas sombras da rua sem saída, eu achei que ele havia ficado um pouco mais pálido.

– Que, hum – ele disse e engoliu em seco. – Que tipo de coisas?

– Dê uma olhada – disse Vince. – É meio difícil descrever.

Chase transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, claramente desejando estar em praticamente qualquer outro lugar. Mas, de minha parte, eu não conseguia esperar mais. Gostaria de poder dizer que eu sentia uma premente sensação de dever em relação à Cidade de Miami, que me pagava para investigar essas coisas. Mas, na verdade, o peso de minhas obrigações profissionais não era nada comparado à crescente onda de sussurros pressurosos vindas dos mais profundos subterrâneos da Sombria Fortaleza de Dexter, me incitando a dar uma espreitada na caçamba e me deliciar com o que pudéssemos encontrar. Então, passei ao lado de Vince para me aproximar do local onde Angel-Sem-Parentesco estava meticulosamente fotografando as dúzias de impressões digitais borradas que havia encontrado.

– Angel, o que nós temos? – perguntei.

Ele não me olhou; apenas fez uma cara de desgosto profundo e acenou na direção da caçamba.

– *Mira* – ele disse.

Olhei lá dentro. A caçamba estava com uns dois terços dela repletos de uma deliciosa mistura de papel, plástico e de restos de comida apodrecendo. Esparramado por cima da bagunça perfumada estava o corpo nu e mutilado de uma moça. Dei um passo adiante para olhar melhor, e mesmo antes que quaisquer detalhes fossem registrados por mim de forma consciente, em um local escuro estéril e escondido dentro de mim, a imagem foi devidamente fotografada, e senti o Passageiro das Trevas sair de sua sonolência com um sacudir de asas de couro e um crescente sibilar de palavras que não eram bem palavras, sussurrando ao subir a escadaria cheia de sombras vindo do mais profundo subterrâneo do Castelo Dexter e rumo às muralhas defensivas para uma vista mais detalhada e docemente dizendo *Sim, Oh, Sim, Sim, Isso;* e com uma nova sensação de respeito, olhei cuidadosamente para ver o que havia despertado o Passageiro de seus sonhos sombrios.

Ela estava praticamente virada de costas para mim, escorregando parcialmente pela encosta do lixo amontoado;

mas, pelo que dava para ver de modo geral, sua morte não havia sido fácil. Um grande punhado de cabelos dourados no lado de sua cabeça havia sido arrancado pela raiz, revelando uma orelha parcialmente arrancada por uma mordida.

A parte visível de seu rosto estava tão brutalmente danificada que a própria mãe dela não reconheceria jamais o que havia sobrado. Seus lábios haviam sido cortados de modo desajeitado, deixando somente uma ruína rubra e irregular. Seu nariz havia sido esmagado até virar uma polpa achatada e vermelha, e a cavidade ocular visível estava vazia.

O resto dela parecia ter sido igualmente destroçado; o mamilo estava faltando, aparentemente arrancado com os dentes, assim como a orelha, e seu estômago tinha sido cortado bem abaixo do umbigo. Dava para ver pelo menos três ferimentos que poderiam tê-la matado, e mais uma dúzia que teriam sido horríveis o suficiente para fazer com que a morte parecesse uma boa ideia.

Mas antes que pudesse dar mais que uma olhada rápida, ouvi um som pavoroso atrás de mim, como se alguém estivesse estrangulando um animal bem grande; e me voltei para ver Chase se afastando rapidamente com as duas mãos pressionadas sobre a boca, o rosto ficando com um tom verde-claro quase tão rapidamente quanto ele se afastava. Com uma sensação de verdadeiro prazer, eu o observei ir correndo para a barreira. Aquela era uma reação comum ao ver uma morte grotesca pela primeira vez; porém, neste caso, muito satisfatória. E isso também me deixou em paz para dar uma olhada mais detalhada e com mais calma; e eu o fiz.

Vistoriei o corpo da cabeça aos pés, maravilhando-me com o grande alcance da devastação, e o Passageiro murmurou sua apreciação. Alguém gastara muito tempo e esforço fazendo isso; e embora os resultados certamente não estivessem no nível de meus elevados padrões artísticos, mesmo assim eles mostravam um pouco de vigor primitivo e de abandono que eram admiráveis, até mesmo contagiosos. A técnica era rudimentar, ineficaz, brutal, mas apontava para uma louca alegria experimental no trabalho que era uma delícia de ver. Afinal, tão poucos de nós parecem apreciar nosso trabalho atualmente. Quem quer que

tenha feito aquilo, claramente apreciou o ato. E, de modo igualmente claro – pelo menos para mim o assassino estava explorando, buscando alguma coisa que não havia encontrado direito, apesar de uma busca bastante meticulosa.

Dei mais uma olhada longa e cuidadosa nos restos despedaçados da moça e não precisei da aprovação sussurrada do Passageiro para concordar com Vince. Aquela poderia ter sido a primeira vez que Nosso Criminoso tinha feito aquilo, mas não seria a última. As coisas sendo como são, até que seria uma boa coisa pegá-lo antes que ele transformasse muitas outras moças em comida para peixe; e isso queria dizer que era hora de Dexter colocar seu poderoso cérebro na ativa e se mexer. Havia um serviço urgente e verdadeiro para fazer, e com Chase exilado perto da faixa amarela, pelo menos eu estava livre para fazê-lo.

Mas eu não tinha feito nada além de encontrar um local relativamente limpo para acomodar minha sacola, quando ouvi o que soava como uma salva de aplausos vindo de perto da fita amarela. Eu já tinha estado no local de centenas de homicídios, tanto na vida profissional quanto na busca pelo meu *hobby,* e vi e ouvi muitas coisas surpreendentes. Entretanto, posso honestamente dizer que nunca tinha ouvido antes um corpo mutilado ser aplaudido de pé. Eu me voltei para olhar com mais do que um pouco de curiosidade.

Bem naquele instante, Deborah estava passando por baixo da fita amarela, e por uma fração de segundo fiquei pensando se ela, de algum modo, havia finalmente conseguido o reconhecimento público que tão verdadeiramente merecia por seus anos de trabalho duro a serviço da Justiça. Mas não; alguns passos atrás da minha irmã, uma cabeça dourada e cuidadosamente despenteada apareceu, e percebi que o ávido soar aprobativo havia sido na verdade dirigido à sombra de Deborah, Jackie Forrest. Ela parou junto da fita amarela para acenar para a multidão e dar um sorriso estonteante, e as pessoas ao redor dela se moveram para a frente – não como se tencionassem agarrá-la ou tocá-la, mas era mais como se não pudessem evitar, pois havia alguma coisa nela que as impelia a se aproximar ainda mais.

Fiquei olhando enquanto Jackie trocava palavras com algumas das pessoas ansiosas e idiotamente sorridentes, e achei aquilo fascinante, de um modo estranho. O que havia nela que agia como erva-dos-gatos sobre essas pessoas? Ela era famosa, sim, mas Robert também era, e a reação da multidão não havia sido nada parecida. E ela era bonita – mas dava para eu ver pelo menos três mulheres na multidão ao redor dela que eram, sinceramente, mais bonitas. E, no entanto, todos saíram correndo na direção de Jackie, aparentemente sem saber o motivo.

Fiquei observando enquanto Jackie dizia umas poucas palavras finais para a multidão, um último sorriso, e então se esgueirou sob a fita amarela e se encaminhou para a caçamba. Eles ficaram olhando-a se afastar, incapazes de tirar os olhos, e percebi que eu não estava em melhores condições. Agora que havia visto uma multidão acéfala e babona encarando um ator de televisão, eu me senti compelido a observá-la também. Disse para mim que estava simplesmente tentando entender por que o populacho a achava tão enfeitiçadora, mas eu próprio não parecia acreditar.

Finalmente afastei os meus olhos e fui me encontrar com minha irmã. Debs já estava dando uma olhada na caçamba com uma expressão muito dura em seu rosto.

– Caralho – ela disse. – Porra de um caralho. – Ela balançou a cabeça. – Você descobriu alguma coisa?

– Eu acabei de chegar – respondi.

– Quem pegou o caso? – ela perguntou, os olhos dardejando sobre o corpo.

– Anderson – falei. Ela balançou a cabeça.

– Merda – ela disse. – Ele é incapaz de achar a própria bunda com as duas mãos.

– O que é isso? – perguntou uma voz rouca, e Jackie Forrest se juntou a nós.

– Talvez você não queira ver – eu avisei, mas ela já havia me colocado de lado para olhar dentro da caçamba. Relembrando a reação de Chase, eu me preparei para a inevitável explosão de horror, de angústia e de vômito, mas Jackie só ficou olhando.

– Nossa – ela disse. – Oh, meu *DEUS.* – Ela deu uma olhada na direção de Debs. – Quem faria isso?

– Um monte de pessoas – rosnou Deborah. – Mais e mais a cada dia.

– Nossa – disse Jackie outra vez, ainda olhando a moça morta, e então ela fechou a cara. – E aí, o que você faz agora?

– Nada – respondeu Deborah por entre os dentes. – O caso não é meu.

– *Okay,* certo – disse Jackie com um impaciente gesto com a mão. – Mas, *se fosse* seu caso, o que você faria?

Deborah desviou o olhar do corpo e encarou Jackie. Depois de uma longa pausa, Jackie desviou os olhos da coisa que estava na caçamba e olhou diretamente para minha irmã.

– O que foi? – ela perguntou.

– Isso não incomoda você? – perguntou Debs, acenando na direção do corpo.

Jackie fez uma careta.

– É claro que me incomoda – ela respondeu, a voz repleta de irritação. – Mas eu só estou tentando ser, sabe, profissional. Quer dizer, isso não incomoda você?

– É o meu serviço – disse Deborah.

Jackie acenou positivamente com a cabeça.

– Exatamente – disse ela. – E agora é o MEU serviço também. Eu preciso aprender a respeito de tudo isso. Quer dizer, ora. Você quer que eu saia por aí feito uma menininha assustada, e grite e desmaie?

Debs analisou-a por mais um longo tempo. Jackie analisou-a de volta.

– Não – Debs acabou dizendo. – Acho que não.

Jackie assentiu.

– Então está tudo certo – ela disse. – E então, se fosse seu caso, o que você faria agora?

Deborah olhou-a por mais um longo momento. Então balançou a cabeça na minha direção.

– Normalmente, falo com ele – ela disse, e Jackie voltou para mim os seus olhos cor de violeta. Eu não vou dizer que meus joelhos ficaram fracos e trêmulos, mas com certeza senti que

deveria fazer uma reverência, endireitar meu *smoking* e dar-lhe uma orquídea.

– Por que ele? – ela perguntou.

– Dexter é um perito forense – disse Deborah –, e às vezes ele tem sorte, encontra alguma coisa que pode me ajudar. E, além do mais – ela deu de ombros –, ele é meu irmão.

– Seu *irmão!* – ela exclamou com o que parecia genuíno prazer. – Isso é perfeito! Então, *você é* a policial durona, e *ele é* o *nerd!* Assim como no seriado!

– O termo preferido é *CDF* – eu disse. – Embora *geniozinho* possa ser usado em ocasiões difíceis. Mas nunca *nerd.*

– Oh, desculpe – ela disse e colocou uma das mãos sobre meu ombro. Dava para eu sentir o calor dela através da camisa. – Não tive a intenção de insultar você. Desculpe.

– Hum – eu disse, com uma grande consciência da mão quente dela sobre meu ombro. – Não tem o menor problema.

Ela sorriu e retirou a mão.

– Ótimo – ela disse. – Então, ahn, você já conseguiu achar alguma coisa que, você sabe... alguma coisa que possa ajudar?

Na verdade, a única coisa que eu tinha descoberto era uma ternura por ter tido a mão dela sobre meu ombro e, por algum motivo, aquilo era tremendamente irritante. Afinal, eu tinha passado a vida inteira sem sentir nem um ínfimo zéfiro dos ventos tempestuosos da concupiscência humana – e a troco de quê eu deveria começar agora, com uma inalcançável deusa de cabelos dourados? E, falando sério, eu tinha coisas muito mais importantes para fazer, muitas delas envolvendo fita adesiva e facas para peixe. Mas controlei a rabugice crescente e, dentro do espírito de cooperação estipulado pelo capitão Matthews, respondi:

– Em primeiro lugar – falei –, você deveria dizer: “Você descobriu alguma coisa?”. E não: “Hum, você já conseguiu achar alguma coisa?”.

Jackie sorriu de novo.

– Tudo bem – disse ela, e acrescentou: – Você descobriu alguma coisa?

– Não dê a impressão de estar tão feliz – eu disse. – É mais um tipo de rosnado casual e irritado. Assim. – Mudei minha cara para a minha melhor imitação da Cara de Policial de Deborah e disse: – Você descobriu alguma coisa?

Jackie riu. E era um som tão contagiosamente alegre que, por um momento, eu esqueci que estávamos parados ao lado de um corpo mutilado desovado em um monte de lixo.

– *Okay* – ela disse. – Então, você não é apenas um perito forense CDF, é um instrutor de interpretação também, hein? Tudo bem. Que tal assim? – E ela contorceu seu rosto em uma máscara com ar de peixe emburrado que realmente se parecia muito com a expressão de Deborah. – Você descobriu alguma coisa? – ela perguntou, com voz inexpressiva. Então deu uma risadinha de novo, e eu senti um sorriso responsivo se insinuando em minha face.

Contudo, Deborah não parecia compartilhar do nosso bom humor. Fechou ainda mais a cara e disse:

– Se os dois dementes já acabaram de fazer suas palhaçadas, nós ainda temos um corpo despedaçado aqui.

– Oh – Jackie disse, na mesma hora assumindo uma expressão séria. – Desculpe, sargento. É claro, você tem razão.

Embora não pudesse deixar de pensar que Deborah estava sendo um pouco desmancha-prazeres, eu também sabia que ela tinha razão. E, de qualquer modo, eu não gostava dos estranhos sentimentos humanos que Jackie estava causando em mim. Então, acenei ligeiramente para as duas, de modo muito profissional, e voltei ao trabalho.

Eu estava trabalhando não fazia muito tempo quando ouvi Vince emitir um som nauseado e dizer:

– Oh, Jesus. Oh, meu Deus. – E já que estava praticamente seguro de que Robert não tinha voltado para dar outra olhadinha no pessoal, eu me voltei para olhar Vince e ver o que havia causado aquele tipo de reação em alguém normalmente tão impassível, mesmo quando confrontado com a maior das carnificinas.

Vince havia arrastado uma caixa até a caçamba. Estava em pé sobre ela, examinando cuidadosamente o corpo, mas alguma

coisa o havia feito ficar petrificado naquele local, completamente imóvel, meio encurvado sobre a caçamba. Senti um novo sibilar de interesse por parte do Passageiro.

– O que houve? – perguntei, lutando para manter a ansiedade afastada da voz.

– Oh, caralho – ele disse. – Não dá pra acreditar nisso.

– Acreditar em quê? – eu perguntei, já me sentindo bem irritado com o jeito de ele se expressar com um dramático crescendo, em vez de simplesmente responder à minha pergunta.

– Sêmen – ele respondeu, sacudindo a cabeça e se voltando para me encarar com uma expressão de completa repulsa. – Tem sêmen na cavidade ocular.

Eu pisquei; tenho de admitir que aquilo parecia demais, até mesmo para mim.

– Na cavidade ocular? Você tem certeza? – perguntei, e que eu ter dito algo assim estúpido é uma indicação de quão chocado estava.

– Tenho certeza – ele respondeu, se voltando para olhar o corpo uma vez mais. – Na verdade, ele está *DENTRO* da porra da cavidade ocular, e isso significa que... Oh, mas que porra de caralho.

Eu me aproximei dele e olhei mais uma vez para os esfrangalhados restos da moça. Ela ainda estava morta. Vince havia virado ligeiramente a cabeça dela, de modo que dava então para ver o outro lado de seu rosto, e embora ele estivesse igualmente mutilado, o outro olho não havia sido arrancado. Ele estava bem aberto, olhando fixamente à sua frente, na direção da morte improvável que havia chegado até a moça. Fiquei pensando no que ela havia feito para causar esse tipo de fim monstruoso. Não que eu esteja papagueando a Fala do Estuprador Homicida: *Ela merecia isso, Ela só podia esperar isso se vestindo daquele jeito,* e por aí vai. Eu tinha certeza de que, quem quer que aquela moça tivesse sido, ela não havia feito nada para provocar deliberadamente uma coisa como aquela.

Mas sempre tem alguma coisa que a vítima faz de modo inconsciente, algum estímulo especial que faz o Passageiro se

erguer das sombras e se sentar no banco do motorista. Cada Monstro tem seu próprio ponto de ebulição específico que incendeia a Necessidade, e ele é quase sempre diferente.

E cada Monstro reage à sua maneira característica, seguindo um programa que proporciona uma satisfação única, uma série de rituais que tem sentido somente para ele, e que termina da maneira como *deve* terminar, não importa quão surpreendente possa ser para a testemunha humana acidental. E quando a imprensa e um público ultrajado se encolhem horrorizados, exigindo saber a razão, e entoam seu lamentoso e espantado coro do “Por que alguém iria fazer *isso?",* nós, que temos conhecimento das coisas, podemos apenas sorrir e dizer: *Porque sim.* Isso nunca vai fazer sentido para você, ou para qualquer outra pessoa, e não precisa fazer. Isso precisa somente *Me* satisfazer, realizar *Minha* fantasia especial. Esse é um bilhete eletrônico para uma viagem com apenas uma cadeirinha, a *Minha,* e ninguém jamais vai poder sentir essa excitação da montanha-russa do *Só-Eu,* a única coisa que proporciona somente para *Mim* essa satisfação máxima, e quer isso seja lenta e alegremente fatiar um companheiro cuidadosamente selecionado, ou destroçar uma moça e encher a cavidade ocular vazia com sêmen, é sempre o mesmo ato individual com a mesma conclusão de libertação, de satisfação e de gozo.

Mas isto...

Sei muito bem que todos nós temos nossos impulsos sexuais, até um ponto ou outro, até mesmo nós da Irmandade Sombria. Isso pode ser a mais básica e difusa parte do relógio humano: todos somos impulsionados pelo sexo. Mas os ponteiros se movem em velocidades diferentes para todos nós, e a coisa que faz com que os carrilhões comecem a soar é quase sempre única. Mesmo assim, isso estava muito além até do meu entendimento. Eu não conseguia me lembrar de ter visto alguma coisa parecida com essa concupiscência ímpar.

Sêmen na cavidade ocular; um gozo que era tanto real quanto metafórico. O que aquilo significava? Porque sempre tem algum significado. É sempre um símbolo fundamental em um mundo de significados pessoais, uma chave básica para entender quem

havia feito aquilo. Sêmen deixado em cadáveres é, na verdade, bastante comum, e o local específico onde ele é encontrado é sempre importante. Ele indica um desejo de controlar, de degradar, de conquistar aquele local particular. Então, era bem possível que o assassino tivesse algum problema muito especial relacionado à visão, ou à observação – ou também poderia muito bem ser um problema relacionado a olhos azuis, ou a lentes de contato, ou com alguém piscando.

Mesmo assim, esse era um ponto de partida para alguém com minhas habilidades especiais – as profissionais – e fiquei pensando enquanto trabalhava. Afinal, aquela era uma área de interesse real para mim. E, mais uma razão, se aquele fosse um caso de Deborah, ela certamente teria me pedido algum tipo de esclarecimento do Eu Perverso e Doentio. Então, fiquei pensando no assunto e, embora não conseguisse pensar em nada que fosse útil, pelo menos ajudou a passar o tempo.

Como tínhamos chegado na caçamba já um pouco tarde, depois do almoço, já havia passado bastante a hora do fim do expediente quando finalmente conseguimos terminar tudo lá na cena do crime. Empacotei minhas amostras, agarrei minha sacola e me preparei para ir embora. Chase estava parado ao lado da fita amarela que cercava a área do crime, conversando com uns policiais uniformizados. Aparentemente, ele não estava mais se esforçando para manter o almoço no estômago; na verdade, ele parecia estar no meio de uma narrativa hipnotizante, e os policiais estavam seguindo cada palavra dele com um interesse cheio de espanto. Sem ter a menor vontade de interromper uma cenazinha tão amigável, passei bem longe.

Mas Chase surgiu ao lado do meu cotovelo no instante em que eu estava sob a fita amarela.

– O que você descobriu? – perguntou. – É um *serial killer?*

Para ser franco, eu já estava ficando um tanto irritado com essa obsessão dele por *serial killers.* Por que todo mundo imagina que Miami está lotada de *serial killers?* Além do mais, Robert fazia com que eles parecessem uns esquisitões, umas aberrações, um tipo de bestas sub-humanas selvagens e agourentas; e, como eu poderia muito bem ter-lhe dito, eles

realmente não são. São perfeitamente normais. Quero dizer, a maior parte do tempo.

Mas ser sincero nem sempre é a melhor política, não importa o que os escoteiros digam para você. Então, balancei a cabeça diante da pergunta estúpida.

– É cedo demais para dizer – respondi.

Robert ficou ao meu lado o tempo todo durante o caminho de volta para o quartel-general, fazendo perguntas cujas respostas ele poderia ter conseguido com facilidade se tivesse me observado trabalhar; o que eu tinha feito na cena do crime, o que tinha descoberto, que tipo de amostras havia recolhido, por que fazia aquilo, o que iria fazer com aquilo, o que ia acontecer em seguida. Aquilo tudo era extremamente irritante, e eu não podia deixar de pensar que Jackie Forrest com certeza teria feito perguntas mais inteligentes – e teria uma aparência muito melhor ao fazê-las.

Chase me acompanhou até o laboratório e ficou observando enquanto eu apressadamente passava pela rotina de catalogar as amostras que havia trazido da cena do crime. Eu estava com fome, e suas perguntas faziam com que tudo demorasse mais do que deveria, já que eu tinha de explicar cada passo do processo. Pelo menos, ele já tinha ouvido falar de cadeia de evidências, o que poupou alguns minutos. Mas, quando finalmente terminei tudo e estava pronto para ir correndo até meu carro e ir rápido rumo ao meu fim de semana, ele me fez parar uma última vez.

– Então, é isso, certo? – ele disse. – Quer dizer, sexta-feira à noite. O fim de semana. Então, hum, nada acontece com tudo isso até a manhã de segunda-feira?

– Exatamente – respondi, mantendo um equilíbrio maravilhoso entre responder educadamente e sair correndo para a porta.

– Então, tudo bem – ele disse. – Então, ora. Você, ahn... você só... – Ele olhou para o outro lado e então virou rapidamente a cabeça na minha direção, de um modo abrupto o suficiente para me fazer ter um sobressalto.

– O que você faz nos seus fins de semana?

Eu realmente gostaria de dizer que saía procurando pessoas como ele e as despachava deste mundo em pacotes bem

arrumados, cuidadosamente embrulhados em sacos grossos de lixo. Porém, percebi que essa não seria a resposta mais politicamente correta.

– Sou casado – eu disse. – Fico com minha esposa e as crianças.

– Casado – ele falou, como se eu tivesse dito que era um astronauta.

– Então, assim, você leva as crianças ao parquinho? Encontros com outras crianças, esse tipo de coisa? Quantos anos têm seus filhos?

Lá no fundo, bem lá no fundo, no mais confortável e escuro recanto do Forte Dexter, eu ouvi um som muito leve semelhante ao do couro, um mero pigarrear, nem mesmo um agitar de asas – mas, com toda a certeza, um sinal de que o Passageiro havia se entusiasmado ligeiramente por algum motivo; não como se existisse algum perigo para mim, de jeito nenhum, mas, pelo contrário... o quê? Alguma coisa.

Eu olhei Chase, esperando algum tipo de dica a respeito do que poderia ter disparado o quase alarme do Passageiro. Mas ele apenas me encarou de volta, e eu não senti nenhum tipo de ameaça vindo de sua parte, embora ele estivesse me olhando com tanta intensidade como quando me havia feito as perguntas a respeito dos procedimentos forenses.

– Isso é por causa do seu personagem? – eu perguntei.

Ele passou a língua pelos lábios e desviou o olhar.

– Não, eu... sinto muito. Não quis me intrometer. Eu só, você sabe. – Ele deu de ombros e colocou as mãos nos bolsos. – Eu, hum, nunca me casei. Cheguei perto, uma vez, mas... – Tirou as mãos dos bolsos e fez um gesto de desamparo. – Eu não sei. Nunca tive filhos e sempre fiquei pensando, você sabe, se eu poderia ter feito isso, ser pai. – Ergueu os olhos para mim e rapidamente acrescentou: – Quer dizer, não a coisa física... a parte biológica, porque, você sabe, nunca tive nenhum problema nessa área. – Ele me lançou um sorriso rápido e estranho, então desviou o olhar e inspirou profundamente. – É só, as outras coisas. Coisas de todos os dias, tipo ensinar a criança a andar de bicicleta, e colocar um band-aid no joelho dela, e, você sabe, as

coisas que você faz o tempo todo. – E ele me olhou com aquela expressão de novo, aquela que dizia que ele desejava alguma coisa, mas não tinha a menor ideia de como obtê-la.

E, uma vez mais, senti um pequeno e hesitante murmúrio vindo do Subterrâneo, e mais uma vez não tinha a menor ideia da razão. Certamente, Chase não estava me ameaçando de jeito nenhum – e o murmúrio do Passageiro não tinha me indicado uma ameaça imediata; apenas um tipo de vago desconforto. Mas por quê?

Então olhei Robert e pensei no que ele havia dito. Não era nada sombrio e ameaçador, mas era ligeiramente estranho de um jeito que eu não conseguia identificar. Se ele realmente gostasse de crianças, por que não ter umas? E se estivesse inseguro, ele tinha condições de alugar meia dúzia delas para fazer uma experiência.

Mas eu não tinha resposta e não obtive uma de Chase, que havia se virado e dava a impressão de ter esquecido que havia qualquer outra pessoa na sala com ele. Ele estava com os olhos fixos na distância, mergulhado em seus próprios pensamentos e inclinando a cabeça para o lado como se estivesse escutando uma música fraca tocando em algum lugar. Inspirou profundamente, e com dificuldade, e então, de repente, se endireitou de novo e voltou a me olhar, espantado. Sacudiu o corpo.

– Seja como for – ele disse, animado. – Tenha um bom fim de semana. Com sua esposa... e as crianças. – Deu-me uma palmada no ombro, apertando-o por um breve instante, e então se afastou com passos rápidos para fora da porta e desceu as escadas, adentrando na solitária noite de Miami.

Fiquei pensando em Chase e sua estranha atuação até chegar ao meu carro. Com certeza, tinha alguma coisa a mais naquele homem do que eu havia suspeitado; uma profundidade de sentimentos que ele havia mantido muito bem escondida por trás de sua máscara cotidiana de frivolidade autocentrada. Ou suas diversas máscaras, já que ele certamente escondia todos os tipos de coisas a respeito de si – como por que ele detestava tanto Jackie. Provavelmente tudo isso fazia parte do fato de Ser

um Protagonista. Ele teria de esconder qualquer coisa que não se encaixasse com perfeição em sua imagem pública de machão-porém-sensível. Então, não podia deixar ninguém saber se ele gostava de cachorrinhos peludinhos e brancos, ou gostava de ler romances. Se o público ficasse sabendo disso, esse tipo de coisa poderia lhe custar a carreira. Eles poderiam pensar que ele era um boiola, ou pior – até mesmo um liberal! Não ia dar certo.

Mas, com toda a honestidade, isso não fazia a menor diferença, nem um pouquinho. Essa era apenas mais uma das dúzias de contradições cretinas que constituíam a multifacetada bagunça que era a humanidade; e, levando tudo em consideração, era muito menos interessante do que pensar no que Rita poderia ter feito para o jantar.

Dei a partida no meu carro e tirei Chase da minha cabeça enquanto abria caminho em meio à alegre brutalidade do tráfego noturno de uma sexta-feira em Miami.

CAPÍTULO 4

COMO EU TINHA FICADO ATÉ TARDE NA CENA DO CRIME, A HORA DO jantar já tinha chegado e passado quando finalmente cheguei em casa. O *hall* na porta da frente estava superlotado com três grandes pilhas de caixas de papelão que não estavam lá pela manhã, e tive de me agachar ao lado delas para fechar a porta. Rita e eu recentemente tínhamos nos aproveitado do falido mercado imobiliário e comprado uma casa hipotecada, maior que a nossa atual, e equipada com uma piscina. Todos tínhamos chegado a um estado de ansiedade absoluta só com a ideia de nossa nova residência palaciana, com mais espaço para todos, e nossa própria piscina, e até mesmo uma churrasqueira de tijolos nos fundos. E então... nós esperamos.

A filial local do banco nos deu um número para telefonarmos. Ligamos para esse número e nossas chamadas foram transferidas para um escritório em Iowa, no qual nos ofereceram um complicado menu pré-gravado, fomos mantidos na espera, e então desligaram o telefone. Chamamos outras vezes, tentando todas as opções do menu, uma por uma, até que finalmente conseguimos alcançar uma voz humana não gravada que nos disse que não poderia nos ajudar, que tínhamos de fazer tudo através do escritório local, e desligou.

Retornamos ao escritório local, onde nos explicaram que o banco deles tinha acabado de ser comprado por um banco maior, e que, agora que a fusão estava completa, tudo seria rápido e simples.

Telefonamos para o escritório central do novo banco, no qual nos ofereceram um complicado menu pré-gravado, fomos mantidos na espera, e então desligaram o telefone.

Quem me conhece bem pode dizer para vocês que eu sou um homem manso e paciente, mas houve mais do que alguns poucos momentos em nossa batalha épica com o grande sistema financeiro de nossa nação em que me senti extremamente tentado a botar alguns rolos de fita adesiva e uma faca para

peixe em uma malinha e resolver nosso problema de comunicações de um modo mais direto. Mas, felizmente para todos, depois de dezoito reuniões com diferentes vice-presidentes assistentes para a Repetição de Redundâncias Irritantes, Rita se manifestou e tomou a dianteira. Ela havia passado sua vida profissional no mundo da grande burocracia do dólar e sabia como as Coisas funcionavam. Finalmente encontrou a pessoa certa, telefonou para o número certo, preencheu o formulário correto, levou-o ao escritório correto e a papelada finalmente entrou no sistema.

E então nós esperamos.

Muitos meses se passaram enquanto o banco diligentemente perdeu os papéis e se esqueceu de arquivar os formulários; e então nos mandou cartas ameaçadoras exigindo taxas exorbitantes por todos os tipos de coisas que nunca tínhamos feito e das quais nem ao menos tínhamos ouvido falar. Mas, milagrosamente, Rita foi persistente e firme, e o banco finalmente esgotou seu arsenal completo de burradas burocráticas e reptilianas e relutantemente permitiu que fechássemos o negócio da nossa nova casa.

O dia da mudança estava então se aproximando rapidamente, só duas semanas adiante, e com sua costumeira eficiência selvagem, Rita estava passando cada momento livre enfiando coisas em caixas de papelão, fechando-as, rotulando-as com marcadores mágicos – uma cor diferente para cada cômodo em nossa nova casa – e ajeitando-as em pilhas bem organizadas.

Mas, enquanto eu me contorcia passando pelas caixas e entrava na sala de visitas, onde Lily Anne estava profundamente adormecida em seu chiqueirinho, eu descobri que, esta noite, Rita havia feito muito mais do que simplesmente encher caixas; uma farejada rápida foi suficiente para encher minhas narinas com o aroma, que ainda pairava no ar, de carne de porco assada, uma das especialidades culinárias de Rita. Certamente teria um prato de sobras esperando por mim, e, só de pensar nisso, minha boca começou a se encher de água. Então, passei correndo pela sala de visitas e entrei na cozinha.

Rita estava na pia, com luvas de um tom pálido de azul colocadas nas duas mãos, enquanto lavava a assadeira. Astor estava amontoada ao lado dela, enxugando os pratos do jantar com uma expressão emburrada no rosto. Rita ergueu o olhar e franziu as sobrancelhas.

– Oh, Dexter – ela disse –, finalmente você está em casa?

– Acho que sim – respondi. – Meu carro está lá na frente.

– Você não telefonou – ela disse. – Eu não sabia se... Astor, pelo amor de Deus, não dá pra você ir um pouquinho mais rápido? E, então, eu não sabia a que horas você estaria em casa – ela terminou, me olhando com ar acusador.

Era verdade. Eu não tinha ligado, principalmente porque havia me esquecido. Tinha ficado tão distraído por causa de Chase, e de Jackie, e pensando na bagunça horrível e fascinante na caçamba, que a ideia de telefonar simplesmente tinha sumido da minha cabeça. Suponho que apenas assumi que Rita ia saber que eu ia voltar para casa e assim guardar um pouco de comida para mim.

Mas, a julgar pelo jeito como ela estava me olhando, comecei a pensar que talvez essa minha ideia tivesse sido um erro. Relacionamentos humanos, especialmente toda essa História de Estar Casado, eram um território estranho para mim. Era claro que eu deveria ter telefonado para dizer que iria me atrasar – mas poderiam as consequências ser realmente tão calamitosas? Seria realmente possível que não houvesse um prato com o nome de Dexter nele, cheio de suculenta carne de porco assada e vai lá saber quais outras coisas maravilhosas? Um destino muito pior do que a morte – pelo menos, pior do que a morte de alguma outra pessoa.

– Nós tivemos um caso muito duro hoje – respondi. – Quando recebemos o chamado já era tarde, depois do almoço.

– Bom – Rita disse. – Eu preciso mesmo saber quando você vai voltar para casa. Já chega, Astor. Diga para Cody tomar banho.

– Eu quero tomar banho também – rosnou Astor.

– Você demora uma eternidade – disse Rita. – Cody vai entrar e sair do banho em dez minutos, e aí você pode gastar todo o

tempo que quiser.

– Com os germes nojentos dele por toda a banheira! – disse Astor.

Rita ergueu um braço e apontou.

– Vá – ela disse, séria.

– Me desculpe – falei para Rita, enquanto Astor passava por mim batendo os pés, parecendo a Miss Fúria Pré-Adolescente de 2012. – Hum, nós ficamos bem, hum, enrolados, e... então, tem um pouco de carne de porco sobrando?

– Já está quase na hora de dormir – disse Rita, enfiando a assadeira na cuba da pia. – E esta noite era para assistirmos juntos ao novo filme do pinguim, lembra?

Quando ela mencionou o fato, eu, na verdade, lembrei de que havíamos falado a respeito de ter uns bons momentos familiares, assistindo juntos a um DVD. Normalmente, eu teria aceitado isso como uma daquelas cansativas tarefas que simplesmente tenho de desempenhar para manter a educada ficção do meu disfarce: Papai Dexter, Pilar da Vida em Família. Mas, naquelas circunstâncias, pareceu que Rita estava evitando o único assunto que realmente suscitava interesse: havia, de fato, um pouco de carne de porco sobrando?

– Me desculpe – repeti. – Se é tarde demais, talvez nós pudéssemos, hum... tem? Sobrou um pouco de carne de porco para mim?

– Carne de porco? – perguntou Rita. – Isso não... Oh, é claro que tem um pouco de carne de porco. Eu não ia deixar... Está na geladeira. Mas, Dexter, é sério, você tem de ser um pouco mais... – Agitou uma das mãos, e então começou a tirar as luvas de borracha. – Vou esquentar pra você. Mas Cody ficou esperando pra... Acho que nós podemos assistir ao filme amanhã à noite, mas, mesmo assim...

Ela se apressou até a geladeira e começou a tirar as sobras de comida, e uma imensa sensação tomou conta de mim. Para ser exato, me senti mesmo muito satisfeito comigo na hora em que o micro-ondas começou a esquentar meu jantar e a reacender o aroma maravilhoso. Afinal, eu ia ter um jantar excelente sem ter de assistir a mais um filme sobre pinguins. A vida era boa.

E ela era ainda melhor quando eu finalmente me sentei à mesa na cozinha com meu prato e comecei a manejar meu garfo. Tinha bananas fritas, bem como a carne de porco assada, e *tortellini* em um molho de alho, em vez dos mais tradicionais arroz e feijão. Mas não perdi tempo lamentando a queda de uma instituição. Eu me dediquei à comida com afinco, e em alguns poucos minutos felizes eu estava satisfeito, e já deslizando naquele estado de sonolência idiota que acontece depois de você adicionar uma boa refeição a uma consciência tranquila. Nem sei bem como, mas consegui ficar em pé e cambalear até o sofá, onde desabei nas almofadas e comecei a digerir minha refeição e a pensar os profundos pensamentos de uma sexta-feira à noite.

Já que eu estava em tão profundo estado de contentamento, afastei todas as irritantes e desagradáveis trivialidades da semana e me concentrei em coisas mais agradáveis. Pensei no corpo na caçamba e me ocorreu que uma caçamba era um local estranho para desovar um corpo que havia sido despedaçado de um modo tão completo e singular – sobretudo uma caçamba bem ali perto do *campus,* a poucos quarteirões da parte mais movimentada do centro de Miami. Como eu muito bem sabia, é incrivelmente fácil colocar um corpo onde ele nunca será encontrado – especialmente aqui no esplendor tropical a que eu chamo de casa. Praticamente na frente da minha porta da rua havia um delicioso cemitério aquático que era quase sem fundo. E também havia o Parque de Everglades, com seus adoráveis esconderijos de crocodilos, e os matagais repletos de buracos fundos – o sul da Flórida era, sinceramente, o Paraíso para quem queria desovar um cadáver.

Havia tantas opções maravilhosas para desovar corpos, até mesmo para a pessoa com a mais limitada das imaginações. E então, na minha experiência, quando os restos são colocados onde eles fatalmente serão descobertos, geralmente é pelo fato de que a descoberta é uma parte importante do conjunto do pronunciamento artístico. *Vejam o que eu fiz; vocês não conseguem ver por que eu tinha de fazer isso?*

Eu não via, não ainda – mas ao pensar naquela palavra, *ver,* me lembrei do detalhe mais perturbador, o sêmen na cavidade ocular. Não havia mistério nenhum a respeito de como ele havia ido parar lá, mas o *porquê* disso era certamente a peça mais importante do quebra-cabeça. Era a consumação, o clímax literal de todo o acontecimento; e entender o que fazia com que isso fosse necessário era a chave para entender quem havia feito aquilo.

Enquanto eu refletia a respeito na sonolência induzida pela carne de porco, uma voz suave e sibilante que não havia sido alimentada e, portanto, não estava nem um pouco sonolenta, sussurrou uma pergunta capciosa em meu ouvido interior: *Ela ainda estava viva quando ele fez isso?*

O choque causado por esse pensamento me fez sentar empertigado. Estaria ela viva no fim, quando ele arrancou um dos olhos? Teria ela observado com o outro olho quando ele iniciou sua derradeira violação? Eu tentei imaginar isso a partir do ponto de vista dela; a dor insuportável, o conhecimento esmagador de que tinham sido feitas Coisas com ela que jamais poderiam ser ressarcidas; a lenta e brutal aproximação daquela indignidade ocular derradeira...

No mais profundo das sombras do Castelo Dexter eu senti o Passageiro se endireitar com um movimento brusco e sibilar em uma objeção desconfortável. O que, afinal, eu estava fazendo? Não havia propósito nenhum em tal ato destituído de sentido, e eu estava incorrendo no erro terrível de tentar sentir empatia, um defeito extremamente humano a respeito do qual eu tinha apenas um conhecimento acadêmico. E também não sabia nada a respeito de ser uma vítima mutilada e indefesa. No geral, eu tinha de acreditar que era uma coisa boa.

Não: era a perspectiva do predador que era importante para entender tudo isso – um ângulo que era muito mais natural para mim. Enviei um silencioso pedido de desculpas ao Passageiro e mudei meu ponto de vista mental.

Tudo bem: a parte básica da perseguição, da captura e do cativeiro, e todas as outras partes das preliminares, era padrão, sem o menor interesse. Aí começa o verdadeiro trabalho, e eu

me recostei no sofá e tentei ver como aquilo havia acontecido. Ao meu redor, em nossa casinha, dava para ouvir o clamor do banho, da escovação de dentes, da hora de deitar. Fechei meus olhos e tentei afastar tudo aquilo enquanto me concentrava.

Inspirar, expirar, focalizar; imagino os danos causados ao corpo, vejo como tudo deve ter acontecido; as mordidas e os talhos selvagens. A menina se contorce, apavorada, os olhos arregalados; sem saber o que vai acontecer em seguida, mas sabendo que vai ser algo além do horror; e, em minha imaginação, eu ergo a faca – e percebo que há alguma coisa pouco característica aqui, a primeira variação significativa. Pelo fato de ser a Minha Imaginação, tinha imaginado uma faca sendo erguida – afinal, é assim que eu faço. É um momento maravilhoso: ver os olhos ficando arregalados, os músculos se contraindo sob a fita adesiva, a respiração sibilar laboriosamente tentando soltar o grito que nunca vai ultrapassar a mordaça. Sempre uso facas e outros utensílios semelhantes, sem exceção. Não é apenas uma escolha estética, o orgulho de fazer cortes limpos e precisos; a ideia de quaisquer abomináveis fluidos corporais entrando em contato com minhas mãos é repulsiva, indizível, uma depravação horrorosa.

Partindo de minha experiência profissional, contudo, eu sabia muito bem que muitos companheiros de *hobby* preferem a abordagem manual, até mesmo necessitam dela para se sentir satisfeitos. Pensar no contato direto com a carne pulsante, úmida e sangrando me dava uma sensação de desgosto crescente; mas eu conseguia, pelo menos, entender isso, até mesmo aceitar. Afinal, a gente precisa tentar ser tolerante em relação aos demais. Entre nós, alguns querem colocar as mãos, os pés e os dentes no trabalho; outros preferem a abordagem mais civilizada de um trabalho distanciado feito com o frio aço inoxidável. Há lugar para todos; cada macaco no seu galho.

Mas, dessa vez, era diferente. Dessa vez, o assassino havia usado uma combinação de técnicas. A vítima havia recebido cortes profundos e sido apunhalada com algum tipo de lâmina; mas os danos mais significativos, a verdadeira assinatura do assassino, foram feitos com os dentes, os punhos, as unhas, e

outras – e mais íntimas – partes do corpo. Era uma abordagem pouco usual, e isso, com toda a certeza, significava alguma coisa muito importante.

Mas o quê? Eu sabia muito bem o que era o trabalho com facas; era o modo perfeito de obter controle, de causar danos precisos e permanentes. E então as mordidas – o desejo de ter o contato, de ter a conexão mais íntima possível com a agonia? Exceto pelo fato de que o que havia sido feito com a cavidade ocular era algo muito além de um chamego pervertido. Era uma declaração de poder absoluto, uma afirmação de que eu *possuo* você e posso fazer o que quiser com você. E era um grito de comando: OLHE PARA MIM! Mais: era uma punição, um modo de dizer que seus olhos me causaram mal; você deveria ter prestado atenção e me *visto,* mas você não viu e agora vou dar uma lição e vou fazer *isto.*

Lá no *hall,* a porta do banheiro bateu com uma força cataclísmica e meus olhos se arregalaram. Escutei por alguns momentos enquanto a voz de Astor passou das lamúrias para as ameaças e se ergueu em fúria estridente acima das palavras calmas e cheias de autoridade de Rita, finalmente diminuindo para um resmungo em surdina de descontentamento geral. A porta bateu de novo; Lily Anne começou a chorar, e a voz de Rita ficou apaziguadora; um minuto depois, a paz havia sido restabelecida, e eu retornei para meu alegre passatempo de imaginar uma carnificina pessoal.

O assassino desejava ser percebido; por todos nós, é claro, e era por essa razão que o corpo fora desovado de modo tão ostensivo. Mas, muito mais importante, ele tinha desejado que a vítima prestasse atenção nele, que o *visse* real e completamente, apreciasse a importância dele. Eu refleti a respeito disso por um minuto, e parecia certo. Você deveria ter me percebido, mas não o fez. *Você me ignorou e agora seu olho vai pagar por aquilo que seus olhos falharam em fazer.*

Fechei meus olhos novamente e tentei uma vez mais *ver* aquilo, imaginar o modo como tudo aconteceria; fazer com que ela Me sentisse e entendesse quão estúpida era por não saber que eu estava lá e vendo-a e precisando que ela Me visse, e ela

não vê e então eu a pego e lhe dou uma lição e a conduzo através do terror, da dor, da paixão da carnificina; e sinto o lento aproximar da satisfação até que, finalmente, ela entende e está pronta e eu também, e vejo aquela bela cabeça espancada, com o cabelo dourado, e minha excitação aumenta e estou pronto para a consumação...

Deve ter sido a carne de porco. Combinada com o dia extremamente longo de trabalho, e acrescentando a isso o *stress* de ter Robert me seguindo a semana inteira, a carne de porco simplesmente tinha me deixado esgotado. De qualquer modo, eu adormeci. Mas não caí naquela escuridão atemporal e destituída de sonhos que normalmente me recompensa quando fecho os olhos à noite. Pelo contrário, as visões continuavam: *Fico acima do corpo ainda vivo e olho para baixo para ver o que eu fiz. Sinto tamanha onda doce e crescente de êxtase e de satisfação. Me ajoelho ao lado do corpo e agarro um punhado do belo cabelo dourado e dou um puxão na cabeça de modo que ela tenha de olhar para mim. E o rosto se volta lentamente, e seguro a respiração enquanto as feições ficam claras, e é um rosto perfeito, sem marcas e cheio de desejo por mim, por aquilo que estou prestes afazer, e quando olho bem dentro dos insondáveis olhos cor de violeta, percebo que é Jackie Forrest, e o que vou fazer subitamente começa a mudar.*

E abaixo a faca e olho para ela, olho para a perfeita curva de seus lábios e as sardas em seu nariz, e aqueles olhos profundos e improváveis, e de algum modo as roupas dela sumiram e me reclino mais perto de seu rosto, e ele se ergue na minha direção, e há um momento infindável em que o toque quase acontece, quase completando alguma coisa que está quase ao meu alcance...

Abri meus olhos. Ainda estava no sofá, e a casa havia ficado escura e silenciosa ao meu redor, mas a imagem do rosto de Jackie Forrest ainda estava junto de mim.

Por que eu havia pensado nela? Estava tendo um sonho acordado tão agradável com uma vivissecção perfeitamente normal, e ela havia se intrometido e estragado tudo com suas exigências de que eu largasse a faca e tentasse algo mais

humano. Eu não queria ter o tipo de fantasia dela; esse não era eu, não Dexter, o Destruidor. Ela estava me forçando a me transformar em alguma criatura nova e assustadora, uma criatura que havia mergulhado de cabeça na sedução passional e sentido um imenso prazer com verdadeiros sentimentos humanos e um desejo por alguma coisa que estava tão fora do alcance do meu ser real como se ela estivesse em Marte.

Eu sabia que isso era totalmente ilógico, mas me flagrei profundamente aborrecido com Jackie, como se ela tivesse forçado sua presença de propósito. Mas, para minha maior surpresa, descobri que estava excitado na realidade, e não apenas em minha imaginação. Teria isso acontecido por eu pensar na vítima – ou por pensar em Jackie Forrest? Eu não sabia, e isso era ainda mais irritante.

Havia alguma coisa nela que eu achava intrigante, até mesmo constrangedora. E não era por ser uma atriz famosa – eu não tinha tido a menor ideia de quem ela era, tiveram de me dizer que ela era uma estrela. A celebridade nunca havia me interessado antes, e eu estava bastante certo de que não me interessava agora. E eu estava, com certeza, muito enfronhado nos modos maldosos para ficar interessado em qualquer tipo de namorico que fosse meramente sexual. Quando Dexter tem um caso, o brilho do seu parceiro dura para sempre.

E, no entanto, cá estava Jackie, preenchendo a tela em minha televisão particular interna, balançando seus cabelos perfeitos e sorrindo somente para *mim* com um lampejo de diversão inteligente em seus olhos, e por alguma razão enlouquecedora eu gostava disso e eu queria...

Queria o quê? Tocá-la, beijá-la, sussurrar tolices doces em suas perfeitas orelhas em formato de conchinhas? Isso era absurdo, coisa de desenho animado. Dexter com Tesão. Tais coisas não acontecem com nosso Terrível Escoteiro das Trevas. Eu estava além do alcance do mero desejo mortal. Eu não o sentia, não tinha *capacidade* de senti-lo, nunca tinha tido e não queria ter – e seja lá o que fosse que o fato de pensar em Jackie Forrest estivesse fazendo comigo, eu nunca iria ter. Esse não era mais que um instante de um ator que trabalha segundo o

Método, uma fugaz identificação com o assassino, uma mistura de papéis, quase certamente ocasionada porque o processo de digestão da carne de porco havia tirado todo o sangue do meu cérebro.

O que quer que aquilo fosse de verdade, não importava. Eu estava cansado, e meu pobre cérebro subnutrido estava escapando de mim, indo por um caminho que eu não apreciava e pelo qual jamais poderia caminhar. Eu podia ficar sentado aqui rangendo os dentes e me preocupando a respeito disso tudo, ou podia ir para a cama e esperar que uma boa noite de sono mandasse esses pensamentos perturbadores e absurdos de volta para a floresta escura que era o lugar deles. Amanhã era outro dia, e era sábado, um dia para fazer nada, o que é conhecido como uma cura infalível para o que atormenta você.

Eu me levantei e fui para a cama.

CAPÍTULO 5

ACORDEI NA MANHÃ SEGUINTE COM O ESTRÉPITO DE PANELAS E O aroma de café e *bacon* que vinha da cozinha flutuando pelo *hall.* Comecei a cambalear para fora da cama e então me lembrei de que era sábado; por isso, eu me concedi alguns minutos a mais para ficar relaxando e desfrutar do pensamento de que não tinha para onde ir e nada para fazer, e que Rita estava me preparando um maravilhoso café da manhã. Eu podia só ficar ali, deitado, confortável e complacente, com a consciência de que tudo estava bem no mundo e que nesta manhã não havia dragões para matar. Eu tinha o dia inteiro para dedicar a uma atividade: não fazer nada – e, ainda melhor, fazer isso sem ninguém ficar me seguindo e tomando notas a respeito de como eu fazia isso.

Fiquei deitado quase adormecido, embalado pelos agradáveis aromas do café da manhã, e deixando minha mente vaguear, o que foi muito bom até ela retornar ao breve sonho que eu tinha tido a noite passada no sofá. Quando a recordação do rosto de Jackie Forrest se intrometeu de novo, eu me sentei rígido na cama, irritado. Por que ela não podia me deixar em paz?

Toda a paz se fora; eu me levantei, me arrastei até o banheiro, tomei banho, me vesti e fui para a mesa da cozinha, esperando que o café da manhã me botasse nos eixos de novo. Lily Anne estava em seu cadeirão, atacando um pouco de purê de maçã e, quando eu entrei, ela agitou os pés e gritou:

– Papuuuuu! – que era o novo nome para mim.

Parei ao lado do cadeirão e fiz cócegas sob o queixo dela.

– Lily Willy disse eu, e ela gorgolejou. Limpei o purê de maçã do meu dedo e me sentei à mesa.

Rita estava no fogão e se voltou sorrindo.

– Dexter – ela disse –, tem café. Você gostaria de comer alguma coisa?

– Mais do que a própria vida – respondi, e alguns segundos mais tarde eu estava encarando uma fumegante caneca de café e uma pilha das rabanadas de Rita. Não sei o que ela coloca

nelas, mas são mais saborosas que quaisquer outras que eu já tenha comido, e depois de quatro pedaços de rabanada, uma fatia de cantalupo perfeito e maduro, e três crocantes fatias de *bacon,* eu me afastei da mesa e enchi uma segunda caneca de café, pensando que poderia haver algum sentido para esta curta e dolorosa existência, afinal.

Eu estava bebendo a metade da minha terceira caneca de café quando Cody e Astor apareceram. Eles chegaram juntos, ambos rabugentos e despenteados por causa do sono. Cody usava pijamas dos Transformers, e Astor vestia uma camiseta extremamente grande que tinha um desenho de algo que parecia ser um ornitorrinco, e eles desabaram em suas cadeiras como se alguém tivesse roubado todos os seus ossos. Cody atacou as rabanadas sem uma palavra, aparentemente ainda adormecido, mas Astor encarou seu prato como se ele estivesse repleto de larvas.

– Eu vou engordar se comer este treco – ela disse.

– Então não coma – disse Rita, alegremente.

– Mas eu estou *com fome* – se lamuriou Astor.

– Você prefere tomar um iogurte? – perguntou Rita.

– Eu *odeio* iogurte – sibilou Astor.

– Então coma suas rabanadas – Rita respondeu. – Ou então fique com fome. O que você preferir. Mas pare de choramingar, tudo bem?

– Eu não estou choramingando – choramingou Astor, mas Rita a ignorou e se voltou para o fogão. Astor ficou olhando as costas dela com um ar de desprezo venenoso. – Esta família é uma droga – ela resmungou, mas começou a dar umas bicadas na comida; e, enquanto eu bebia o resto do meu café, de algum modo ela se obrigou a comer tudo que tinha no prato e a pegar uma segunda porção.

Eu tinha quase deslizado de volta para uma versão um pouco mais atenta do estado de contentamento em que me encontrava ao acordar, quando Rita me arrancou do meu sonhar acordado.

– Vão terminando, vocês todos – ela disse, feliz. – Temos um montão de coisas para fazer hoje.

Aquilo soava como um pronunciamento agourento. Um montão de coisas para fazer? Exatamente o quê? Tentei me lembrar se eu havia visto uma longa lista de tarefas a executar – tarefas tão urgentes que pudessem invadir e conquistar um sábado que eu esperava poder dedicar à vagabundagem. Nada surgiu em minha mente, e nenhuma lista apareceu. Rita estava tão concentrada em sei lá quais fossem essas tarefas que havia assumido que nós todos poderíamos receber as instruções dela telepaticamente. Talvez minha antena psíquica e tivesse quebrada, mas eu não tinha a menor ideia da tarefa que deveria realizar, e parecia meio grosseiro perguntar.

Felizmente, Astor não era assim tão tímida.

– Eu quero ir para o *shopping* – ela disse. – Por que tenho que fazer um serviço idiota com vocês?

– Você é nova demais para ir ao *shopping* – disse Rita. – E, além do mais...

– Eu estou com quase *doze* anos – interrompeu Astor com voz sibilante, fazendo “doze” soar como uma idade tão provecta que requeria tratamento geriátrico constante.

– Bom, isso pode parecer idade suficiente para você – disse Rita. – Porém, o primeiro sinal da maturidade é... Cody, pare de ficar tamborilando na mesa. Vão se vestir e coloquem roupas velhas.

– Eu *só* tenho roupas velhas – disse Cody do jeitão meio silencioso dele.

– Por que nunca posso fazer o que *eu* quero fazer?! – quis saber Astor, e Lily Anne começou a berrar, *queo, queo, queo,* batendo com a colher na sua bandeja de modo sincopado.

– Porque você é parte desta família, e todos nós temos de... Dexter, dá pra você fazer o bebê parar com isso?

– Eu não quero ser parte de uma família – disse Astor.

– Bom – respondeu Rita, se afastando da mesa e pegando a louça suja –, se você consegue pensar em um modo melhor de ter Seu Próprio Quarto em uma Casa Nova... Dexter, *por favor,* o barulho da Lily Arme está me dando dor de cabeça.

– Ela não é uma casa *nova* – resmungou Astor, mas estava claramente se inclinando para a ideia de seu Próprio Quarto. O

único entusiasmo verdadeiro que eu vira nela recentemente tinha ocorrido quando ela estava pensando em se mudar para a casa nova, onde teria um espaço privativo e pessoal pela primeira vez. Mas, é lógico, ela não podia simplesmente ceder e admitir que estava empolgada.

– É nova para nós – retrucou Rita –, e vai parecer ainda mais nova quando nós a pintarmos e... Dexter, pelo amor de Deus, *por favor,* pegue a bebê e troque a roupa dela.

Eu me levantei e fui até o cadeirão, onde Lily Anne havia passado para o compasso de marcha com seu bate-que-bate com a colher. Mas, quando me aproximei, ela ergueu os dois braços e gritou:

– Papuuuu! Cóio coió! – Eu soltei a bandeja de metal do cadeirão e a peguei no colo, e com a pura e profundamente sentida gratidão que somente as crianças muito pequenas podem demonstrar, ela bateu no meu nariz com sua colher com toda força. – Papuuuu! –, ela repetiu, toda feliz, e enquanto eu ficava lá carregando-a, com lágrimas nos olhos e purê de maçã no meu nariz, eu não consegui pensar em nada mais para dizer além de:

– Ai.

Astor havia transformado suas reclamações em um tipo de ronco em segundo plano quando saí carregando Lily Anne e fui para o trocador. Eu estava feliz por ter descoberto quais importantes tarefas esperavam por mim; “roupas velhas” para Cody e “pintarmos” para Astor. Com meus legendários poderes de dedução, foi coisa de um instante concluir que íamos trabalhar na casa nova, muito provavelmente com rolos e pincéis e baldes de tinta de tons pastéis. Não era bem o dia de vagabundagem esquentando o sofá que eu tivera em mente, mas há destinos piores do que passar o dia pintando sua própria casa nova.

Eu limpei e troquei Lily Anne, e a coloquei no chiqueirinho. Limpei o purê de maçã e a correspondente baba de mim mesmo, e me vesti de novo, colocando umas roupas devidamente amarfanhadas, e então coloquei no carro toda a tinta, os pincéis e panos para proteger o chão que estavam amontoados na garagem.

Daí, entrei de novo em casa e fiquei sentado por uma meia hora, maravilhando-me com os sons caóticos que ressoavam com maior ou menor intensidade por toda a casa enquanto o resto da minha família se aprontava. Era realmente notável como eles podiam tornar complicada a mais simples das tarefas: Astor não conseguia encontrar meias velhas que combinassem e ficou ainda mais petulante quando sugeri que não fazia diferença se combinassem ou não, já que ela iria apenas sujá-las de tinta. Então, Cody apareceu com uma camiseta com o desenho do Bob Esponja, e Astor começou a berrar que a camiseta era *dela,* e que era melhor ele tirar naquele instante, e começaram a brigar para resolver de quem era a camiseta, até Rita aparecer correndo e resolver a questão pegando o Bob Esponja e dando para Cody uma camiseta do Avatar, que ele não queria vestir porque ainda gostava do Avatar e não queria que caísse tinta nela. E daí Astor apareceu usando uns shorts tão pequenos que poderiam ser uma tanga de jeans e brigou com Rita por mais dez minutos pelo direito de usar o que ela queria.

Cody finalmente apareceu e se sentou ao meu lado, e nós dois esperamos em uma camaradagem silenciosa, observando enquanto Rita e Astor trocavam de sapatos, camiseta, shorts, prendedor de cabelo e boné, brigando a cada etapa do processo. Na hora em que finalmente estavam prontas, eu estava tão cansado só de olhar as duas que não sabia nem se conseguiria erguer um pincel. Mas, de algum modo, nós todos entramos no carro, e eu dirigi até a casa nova.

Foi um dia surpreendentemente tranquilo. Cody e Astor ficaram cada qual em seu quarto, esparramando tinta em quase todos os cantos, de vez em quando chegando mesmo a passar um pouco nas paredes, que era o lugar para onde deveria ir. Rita pintou a cozinha e a sala de jantar, correndo de um lado para outro entre as pinceladas para supervisionar Cody e Astor, e Lily Anne ficou em seu chiqueirinho naquela que seria um dia a nossa Sala Familiar, gritando instruções.

Eu trabalhei do lado de fora da casa, arrancando ervas daninhas, pintando as partes decorativas da fachada e descobrindo dois ninhos de formigas lava-pés do pior modo –

pisando neles. Encontrei outras coisas ainda menos agradáveis – aparentemente, havia um cachorro imenso vivendo nas vizinhanças. Felizmente, havia uma mangueira ainda atarraxada na torneira na lateral do jardim.

Na hora do almoço, peguei o carro e fui até a rodovia Dixie e peguei duas pizzas grandes, uma só com queijo e a outra com salame duplo, e todos nos sentamos no recanto sombreado perto do que um dia seria nossa piscina, se conseguíssemos imaginar um jeito de tirar da água toda a crosta verde que boiava nela. Grandes pedaços da tela pendiam da estrutura da cobertura da piscina como barba-de-velho; várias das hastes de metal estavam encurvadas ou tinham desaparecido, mas tudo era nosso.

– Oh, meu Deus – disse Rita, agarrando um pedaço de pizza de queijo e olhando fixamente ao redor de si para ver seu novo reino. – Vai ser tão... – Ela agitou o pedaço de pizza de um jeito que deveria indicar uma magnificência ilimitada. – O que eu quero dizer é, ter nossa própria... Ah, Dexter, a Carlene disse que o sobrinho dela trabalha com manutenção de piscinas?

– O sobrinho da Carlene é advogado – eu disse. Lembrava-me perfeitamente de tê-lo encontrado na festa de Natal do escritório de Rita e de ter voltado para casa com três de seus cartões de visita.

– O quê? – disse Rita. – Não seja tolo, por que um advogado iria fazer manutenção de... ah, você está pensando no *Danny.* – Ela balançou a cabeça e comeu um pedaço de pizza. – Mmm. É o Mark. O irmão mais novo do Danny. – Falou isso com a boca cheia de pizza e mesmo assim conseguiu fazer com que soasse como se ela estivesse ensinando uma pessoa com problemas cerebrais a dar o laço nos sapatos. – Enfim, ele consegue tirar toda a sujeira da piscina e deixá-la completamente... mas poderíamos poupar bastante dinheiro se... – Mordeu mais um pedaço de pizza, mastigou e engoliu. – Quer dizer, não pode ser assim tão difícil. E ainda precisamos de uma nova cobertura para a piscina, que custa... mas dá pra gente comprar os produtos químicos na loja? Se você não se importar de fazer... Cody, você está com tomate em todo seu... assim, deixe que eu dou um jeito.

– Ela se inclinou para o lado de Cody e esfregou o rosto dele com uma toalha de papel, enquanto ele fechava os olhos com força e fazia uma cara irritada.

– Seja como for – disse Rita, se afastando de Cody. – Isso pouparia um pouco de dinheiro. Do qual nós vamos precisar para a nova cobertura da piscina, porque elas custam muito caro.

– Tudo bem – eu disse, sem saber exatamente com o que estava concordando.

Rita suspirou e sorriu toda feliz.

– Enfim... ela repetiu, e eu tive de concordar.

Eram 5h30 quando achamos que já tínhamos feito o suficiente. Limpamos nossos pincéis, e nós mesmos, tanto quanto possível, e entramos no carro. Aumentei o ar-condicionado na volta para casa; tínhamos passado o dia inteiro sem ele, já que a eletricidade ainda não estava ligada na casa nova, e embora fosse um agradável dia de outono, todos estávamos suados.

O dia seguinte foi um repeteco do sábado, a não ser pelo fato de termos começado a trabalhar uma hora mais tarde, já que, afinal de contas, era domingo. A única diferença foi que eu comprei nosso almoço em um Burger King nas redondezas. Percebi que eu realmente não me importava com o trabalho. Na verdade, entrei em um tipo de estado zen de não pintura, permitindo que a tinta se colocasse sozinha na parede sem nenhum tipo de esforço consciente da minha parte, e para mim foi um susto imenso perceber quanto eu havia feito quando demos as atividades por encerradas. Eu parei e olhei a grande extensão da casa recém-pintada, e pela primeira vez comecei a ter a sensação de ser um proprietário. Caminhei pela casa toda, deixando que a ideia de que logo estaria morando ali entrasse lentamente na minha cabeça. Não era uma sensação ruim, de jeito nenhum.

E então, na segunda-feira, eu cheguei para trabalhar ligeiramente dolorido por causa de toda a atividade física, mas bastante feliz apesar disso. Havia tirado quase toda a tinta do cabelo, das mãos e das unhas, e ainda estava com uma sensação de satisfação complacente com as coisas que perdurou até eu chegar à minha mesa, onde encontrei Robert

Chase sentado na minha cadeira, comendo um *pastelito*[5] de goiaba e bebendo ruidosamente o café da minha caneca pessoal. Uma grande caixa de doces estava sobre a mesa bem na frente dele. Havia duas grandes canecas de isopor com tampas ao lado da caixa, o que me fez perceber com um súbito lampejo de irritação que Chase havia usado minha caneca simplesmente pelo fato de ela ser *minha,* e que ele estava começando a nova semana sendo Eu.

– Ei, Dexter – ele disse, com um sorriso afetado e feliz. – Como foi o fim de semana?

– Muito bom – respondi, deslizando na esfarrapada cadeira dobrável que eu mantinha para as visitas.

– Ótimo, demais – ele disse. – Saiu com as crianças? Parquinho, e essas coisas? Empurrou elas no balanço...?

Eu olhei para ele, sentado ali à minha mesa, na minha cadeira, usando minha caneca, e descobri que não queria ter uma conversinha agradável com alguém que estava se esforçando tanto para se transformar em mim. Mas o que eu realmente desejava fazer para ele requeria um pouco mais de privacidade do que a que tínhamos ali no âmago do quartel-general da polícia, bem como um longo período de tempo sem interrupções e alguns rolos de fita adesiva. Mas, é claro, alguém da rede de televisão poderia mais cedo ou mais tarde sentir a falta de Robert, e desse modo as realidades do discurso civilizado não me deixaram outra escolha a não ser jogar o jogo de modo adequado. Então, estendi a mão até o outro lado da mesa – *minha* mesa – e peguei um *pastelito* da caixa.

– Só trabalho e nenhuma diversão – falei, dando uma dentada no doce. – Sinto dizer, mas foi muito monótono.

– Não, não, de jeito nenhum – disse Robert. – Quer dizer, passar um tempo com os filhos é... Você sabe: é importante.

– Suponho que seja – falei e dei uma mordida no doce. Estava muito bom. – E você? – perguntei, por mera cortesia. – Como foi seu fim de semana?

– Oh – ele disse, dando de ombros. – Eu voei até o México.

– É mesmo? – eu disse. – E você ficou...?

Ele tomou café – na minha caneca! – e olhou para o outro lado.

– É, hum – ele disse. – Vou sempre pra lá. Tem um lugar onde eu, você sabe. – Bebeu outro gole. – É, ahn. Um tipo de um *resort* particular. Eles me conhecem lá, e eu posso só, hum, relaxar. Nada de mais. Então – ele continuou, dando um tapa na mesa e se voltando para mim com um sorriso brilhante. – O que você fez com seus filhos? Você disse que são três?

Eu o olhei, sentado ali à minha mesa, claramente tentando fingir que estava interessado na minha vidinha – e ao mesmo tempo tentando fazer com que essa história toda de que ele era o tipo de criatura que vai para o México para o fim de semana não fosse nada de mais. E porque estava realmente começando a não gostar muito dele, resolvi não lhe dar uma chance.

– Nossa – falei. – Isso deve custar caro. Passagens aéreas na última hora... e você tem de voar de primeira classe, não tem? Quero dizer, para que ninguém incomode você. Então, isso custa provavelmente o quê? Uns dois mil dólares? E depois um *resort* particular? Eu nunca nem ouvi nada a respeito de uma coisa assim. Também não dá pra custar baratinho.

Ele desviou o olhar de novo e, para minha suprema alegria, começou a ficar vermelho sob seu bronzeado perfeito. Pigarreou e deu a impressão de estar bastante desconfortável.

– É, são, você sabe – ele disse. – As, hum, as milhas do cartão fidelidade... – Agitou a mão em um tipo de gesto de recusa convulsivo, infelizmente se esquecendo de que ainda estava segurando minha caneca de café. Um pingo de café se espalhou sobre minha mesa, e ele ficou olhando-o com a boca aberta quase uns dois centímetros. – Mas que bosta – ele disse. – Eu sinto muito. – Ele se levantou com dificuldade da cadeira, passou por mim com um pulo e foi para a porta. – Vou pegar umas toalhas de papel – ele disse por sobre os ombros.

Por um segundo, fiquei observando-o se afastar, impressionado com o fato de uma atuação assim desajeitada ter surgido tão naturalmente em um homem aparentemente perfeito. Era algo tão estranho que por um momento pensei que ela tinha de ser deliberada; talvez um modo de mudar de assunto? Será que ele estava mesmo se sentindo tão desconfortável ao falar a

respeito dos seus hábitos de gente rica? Ou estaria ocultando alguma coisa ainda mais abominável do que o dinheiro?

Mas é claro que isso era absurdo. Eu estava simplesmente sendo meu eu normal, nojento e suspeitoso, vendo a maldade espreitando em cada sombra – até mesmo quando não havia uma sombra de verdade. Pus o pensamento de lado e fui até minha mesa para ver se algum estrago sério havia sido causado. O café havia caído bem no centro do mata-borrão, o que foi sorte. Uma gotinha havia respingado em uma pasta do lado direito, mas apenas o suficiente para deixar uma ligeira marca na parte externa, não o suficiente para molhar os papéis dentro.

Robert entrou rapidinho, segurando um punhado de toalhas de papel, e eu me afastei para deixar que ele limpasse a sujeira que tinha feito; o que fez com uma fúria convulsiva, murmurando o tempo todo:

– Desculpe. Droga. Me desculpe.

Era uma atuação patética, quase o suficiente para me fazer sentir pena. Mas, é lógico, sentir pena não é algo que eu possa fazer de verdade e, mesmo se pudesse, não iria desperdiçar o sentimento com Robert. Então, só fiquei parado observando-o, e durante a maior parte do tempo consegui não dar um sorriso afetado.

Robert havia limpado a maior parte do café derramado quando o telefone tocou. Passei pelo ator e peguei o aparelho.

– Morgan – falei.

– Preciso de você em minha sala – disse uma voz familiar que era resmungona, mas cheia de autoridade. – Traga o arquivo.

– Qual arquivo? – perguntei.

– O da moça na *caçamba* – Deborah me disse, sibilando. – Mas que droga, Dexter. – Ela desligou, e fiquei olhando o telefone por uns momentos, imaginando o que minha irmã estava aprontando. Esse caso não era dela, Anderson havia assumido, e Deborah, teoricamente, não estava envolvida nele de jeito nenhum, a não ser como observadora, uma guia destacada para conduzir Jackie Forrest através do labirinto de seu primeiro caso verdadeiro de homicídio. Talvez ela fosse mostrar para Jackie que cara tinha um arquivo forense. Isso provavelmente queria

dizer que Jackie estava com ela lá, neste instante, e só de pensar nisso um pequeno lampejo de excitação se agitou dentro de mim, até me lembrar de que eu estava bravo com ela por me fazer pensar nela com tanta frequência e de modo tão agradável. Mas não dava para eu ignorar as ordens de Deborah sem me arriscar a levar um de seus dolorosos socos no braço; então, eu teria de me arriscar a ser assaltado por mais um pouco dos pavorosos sentimentos humanos de alegria causados pela exposição a Jackie.

Desliguei o telefone. Robert havia terminado sua faxina e estava parado perto da mesa com o monte de toalhas de papel encharcadas de café em sua mão.

– O que está acontecendo? – ele quis saber.

Eu tirei o mata-borrão manchado de café da minha mesa e o joguei na lata de lixo.

– Fomos convocados – eu disse. – Traga os doces.

CAPÍTULO 6

A MESA DE DEBORAH FICAVA EM UMA ÁREA NO SEGUNDO ANDAR, onde os tiras da Homicídios se reuniam. Assim como eu, ela mantinha uma cadeira de armar para suas visitas; quando abri caminho para Robert, a cadeira estava ocupada por Jackie Forrest. O cabelo dela estava puxado para trás em um rabo de cavalo bem firme, que não conseguia ocultar o brilho que parecia emanar de cada um dos fios. Não dava para dizer se ela estava usando maquiagem, mas seu rosto era macio e sem marcas, os olhos brilhando com inteligência e humor, tão perfeita que poderia ter sido um tipo de imagem idealizada do que o DNA era capaz se ele se esforçasse. Ela ergueu o olhar quando entramos e me lançou um sorriso luminoso, depois se voltou com um uma careta de desagrado ao ver Robert me acompanhando como uma sombra.

– Por que você demorou tanto? – perguntou Deborah. Fiquei sensibilizado com o calor da recepção.

– O tráfego estava uma droga – respondi. – E como foi o *seu* fim de semana?

Ela arrancou o arquivo do caso da moça da minha mão e o jogou sobre a mesa, dizendo:

– Essa porra desse caso.

Eu tinha imaginado que Deborah se sentiria incomodada com a brutalidade pouco usual desse assassinato, o suficiente para levá-la a querer fazer algo a respeito – mas, tecnicamente falando, ela não podia.

– Achei que o caso era do Anderson – falei.

– O Anderson não seria capaz de encontrar um oceano de merda se estivesse nadando nele – ela falou.

– O detetive Anderson? – disse Robert. – Ele parece ser um cara legal.

Deborah lançou um olhar rápido na direção dele; Jackie revirou os olhos. Adotei uma postura mais civilizada e simplesmente o ignorei.

– Bom – eu disse –, até mesmo o Anderson tem de ter sorte uma hora. E é o caso dele.

Debs fez um gesto irritado com a cabeça.

– Ele teve o fim de semana inteiro e não conseguiu nem identificar a moça – ela disse, e eu pisquei, surpreso. Identificar a vítima era o passo inicial mais básico, e deixar que 48 horas se passassem sem saber quem ela era parecia levar a Arte do Não Saber Nada a uma proporção épica.

– Isso é incrível – eu disse, e como conhecia minha irmã muito bem, acrescentei: – Então, o que você vai fazer a respeito do assunto, indo contra todas as ordens e os regulamentos do Departamento?

Deborah olhou para o arquivo em sua mesa, e depois para Jackie. As duas compartilharam um momento que não fui capaz de compreender.

– Eu nunca iria contra as ordens ou os regulamentos do Departamento – ela falou, o que não combinava muito com a história, pela experiência. Mas Debs disse isso com a cara impassível. E daí me olhou e, maravilha das maravilhas, ela sorriu. Era tão pouco característico dela que, por um momento, eu pensei que deveria estar possuída por demônios e quase dei um passo para trás para me proteger. Mas ela não lançou nenhuma fagulha de fogo, nem mesmo ficou falando coisas desconexas. Apenas continuou a sorrir e deu uma balançadinha de cabeça na direção de Jackie.

– Jackie pensou nisso – ela disse, e se voltou para olhar a atriz novamente. Dessa vez, os sorrisinhos afetados que trocaram eram claramente de uma grande satisfação mútua. – Vamos fazer uma investigação de mentira, para ensinar a Jackie como a coisa é feita – Deborah continuou, e então as palavras dela soaram com uma cadência estranha, como se estivesse lendo algo em um relatório oficial. – Dessa maneira, acompanharemos a verdadeira investigação do Departamento, sem interferir no processo oficial ou comprometer a liderança do policial encarregado da investigação, e, ao mesmo tempo, construiremos uma simulação válida e compararemos os nossos resultados com aqueles obtidos pelo detetive Anderson, o que possibilitará

que a pessoa em questão, srta. Forrest, compreenda as sutilezas de uma investigação de homicídio e toda a complexidade de seus procedimentos, assim como tais fatos são conduzidos em tempo real pelo Departamento de Polícia de Miami-Dade. – Ela me olhou de novo, ainda sorrindo. – Bem legal, né? Vou conseguir ficar por perto do detetive Cabeça de Merda e seguir os passos desse retardado, e Matthews não vai poder dizer nada, porque eu estou fazendo exatamente o que ele me mandou fazer.

– Além do mais – disse Jackie –, se nós realmente conseguirmos alguma coisa...

– *Quando* nós conseguirmos alguma coisa – corrigiu Deborah.

– Isso vai ser uma publicidade espetacular. Para o seriado E para o Departamento.

Olhei para Jackie com novo respeito.

– Inteligente – eu disse, e ela me dirigiu um sorriso que me fez ficar com vontade de cantar.

– Então – disse Deborah, me arremessando de volta para a realidade –, eu queria passar todos os procedimentos com você e ver o que nós temos. – Ela bateu com o dedo no arquivo. – Começando com a parte forense. – Deu outro sorriso idiota para Jackie. – Você sabe. Para que Jackie possa ver como a coisa funciona.

– Na teoria – disse Jackie com o mesmo sorriso idiota.

– Correto – disse Deborah.

Eu estava muito satisfeito ao ver que minha irmã tinha arrumado uma nova Melhor Amiga Para Toda A Vida, mas a atitude delas de Nós Não Somos Uma Graça estava começando a ficar um pouquinho cansativa. Felizmente para mim, Robert também pensava a mesma coisa, e ele não tinha tantas reservas para falar isso em voz alta.

– Opa, espera aí – ele disse. – Eu preciso entrar nessa também. – Deborah o olhou sem a menor expressão e Jackie ficou muito interessada nas unhas das suas mãos. – Quer dizer – ele falou esse é o jeito perfeito para *eu* aprender as coisas também, certo?

Deborah olhou rapidamente para mim, e então para Robert, dizendo, sem a menor entonação:

– Claro.

– Ótimo – disse Robert. Ele se recostou no peitoril da janela e cruzou os braços sobre o peito, claramente um homem assumindo o comando das coisas. – Então, o que meu personagem faz em primeiro lugar?

– Qualquer coisa que eu diga que ele tem de fazer – disse Jackie, e eu a encarei. Ela deu de ombros. – Eu sou a detetive. Minha personagem é. Então, é o meu caso. Você está aqui apenas para me dar pistas.

Robert fez uma cara muito infeliz. Descruzou os braços e colocou as mãos nos bolsos.

– Tudo bem, claro – ele disse. – Mas isso é, quer dizer... Eu preciso ter algum tipo de... Quer dizer, meu *personagem* tem de ter, você sabe, respeito.

O rosto de Jackie ficou rígido. Ela deu um tapa na mesa.

– O respeito é *conquistado* – ela falou. – Então, o que você tem para me dizer?

A boca de Robert se escancarou e depois se fechou. Ele tinha o ar de um homem que havia acabado de levar um sermão – e dos grandes. Eu, por outro lado, percebi o que Jackie estava fazendo. Era uma imitação praticamente perfeita de Deborah, e eu estava bastante impressionado.

– Caramba – eu disse. – Essa foi boa. Do jeito dela.

Jackie soltou uma risada baixa e radiante, que fez com que os dedos dos meus pés se contorcessem, e me deu um grande sorriso.

– Obrigada – ela disse. – A sargento Morgan... Sua irmã... nós trabalhamos durante o fim de semana. No Bennies. – O Bennies era um bar de tiras, local onde os policiais fora do expediente costumavam se encontrar, e às vezes davam uma parada lá para beber alguma coisa rapidamente enquanto estavam de serviço. A clientela era conhecida por não ser amigável com não tiras que apareciam por lá. Se Deborah havia levado Jackie para o Bennies, elas tinham ficado ainda mais amigas do que eu havia percebido. – É um lugar muito bom como pano de fundo – disse

Jackie. – Preciso mandar os roteiristas lá para conhecer. – Ela piscou para Deborah. – Nós andamos bebendo tequila. Ela não é assim tão durona com umas duas doses por baixo do coldre.

Deborah bufou, mas não disse nada.

– Parece com uma festa – eu disse e, coisa estranha, quase desejei ter sido convidado. – Então, agora que você é mesmo minha irmã, o que gostaria que eu fizesse?

Por um momento pareceu que Jackie ia dizer alguma coisa, mas então mordeu os lábios e pegou o arquivo.

– Vamos para o laboratório – ela disse, e então olhou rapidamente para Deborah. – Está certo?

– Não – respondeu Deborah. – O trabalho do laboratório é só uma porcaria que serve de base.

– Muito obrigado – eu disse.

– Tem alguma coisa aí que seja importante? – perguntou Deborah.

– Marcas de ligadura nos pulsos – falei. – Fibras de náilon provavelmente significam varal para pendurar roupas.

– Que poderiam ter vindo de qualquer mercadinho do mundo – ela falou.

– Ela foi amordaçada com as próprias calcinhas – falei. – Eles as encontraram na caçamba.

– Eu disse importante – falou Deborah. – Tudo isso é uma merda padrão.

– Bom – disse –, não tem nada nela, nada na caçamba, ou nas proximidades, que forneça a menor pista a respeito de quem ela era.

– E isso é o que mais precisamos fazer – falou Deborah. – Identificar a vítima.

– Por que é tão importante assim? – perguntou Robert, e as duas mulheres viraram as cabeças e lançaram para ele expressões idênticas de desdém. Robert parecia estar muito desconfortável. – Quer dizer – ele falou –, a evidência forense é, vocês sabem. Tem um monte de coisa ali. – Ele apontou para o arquivo. – Nós podemos conseguir assim, você sabe, uma impressão digital.

– Nós conseguimos – disse Deborah. – Para falar a verdade, nós conseguimos umas três dúzias de impressões digitais. Sempre conseguimos um monte de impressões digitais. Você sabe quantas vezes prendemos alguém por causa de impressões digitais?

– Não – disse Robert. – Quantas?

– Em números redondos? Zero – disse Deborah. – Mesmo quando ela é idêntica à do criminoso, um advogado decente acaba com ela na hora. Impressões digitais servem para o Sherlock Holmes.

– Não estou bem certo de que ele as tenha usado – eu disse, tentando ajudar.

– Ah, ele usou – disse Jackie. – Tinha um conto, eu esqueci o nome, mas ele pegou o cara por causa das impressões digitais.

– Para pegar um assassino na vida real – Deborah prosseguiu, paciente –, você precisa ter informações sobre a vítima. Porque em 99% das vezes eles se conhecem, foram vistos juntos, têm alguma conexão. Então, em primeiro lugar, precisamos saber quem é a vítima.

– Ah, sei – disse Robert. – Bom, como nós descobrimos isso? Quer dizer, se não dá pra usar impressões digitais, e o trabalho de laboratório é uma droga, o que nós fazemos?

– É – disse Deborah. – Boa pergunta. – E, antes mesmo de ela se voltar para me olhar, eu sabia o que estava por vir, porque, embora nunca fosse admitir isso, sempre que minha irmã estava emperrada, de algum modo isso se tornava *meu* problema. Eu, às vezes, pensava que ela devia ter uma tatuagem secreta em algum canto do corpo, “OQDF?”, O Que Dexter Faria? E, é claro, enquanto a pergunta de Robert ainda estava ecoando no ar, a cabeça dela virou para o meu lado.

– Dex? – ela disse, com ar de expectativa.

Foi bastante estranho, mas foi Robert que conseguiu um jeito de dizer o que eu estava pensando.

– Por que o Dexter? – ele perguntou, e eu me senti com vontade de aplaudir. – Quer dizer, ele faz o serviço de laboratório, e você disse que isso era inútil, então... você sabe – ele disse,

me olhando. – Não que eu pense que você é inútil, ou qualquer coisa desse tipo, amigão. Mas o que ele pode fazer?

Deborah encarou Robert, o tempo suficiente para deixá-lo desconfortável, antes de responder:

– Às vezes, Dexter tem esses... *insights* – ela falou. – Sobre o assassino.

É um fato comprovado pela ciência que a maior parte das situações na vida vai de mal a pior – eu acredito que isso se chame entropia. Qualquer cientista que por acaso estivesse nos observando naquele momento teria ficado silenciosamente satisfeito ao constatar que essa lei natural havia sido comprovada. Como Deborah tinha dito, eu tinha mesmo alguns *insights* relacionados às doentias e pervertidas criaturas da noite. Mas isso acontecia por eu ser uma delas. Deborah era a única criatura viva com quem eu havia falado sobre o assunto. Afinal de contas, eu não queria as pessoas andando por aí e dizendo coisas como: “Caramba, Dexter pensa igualzinho a um assassino. Por que será?”. Além do mais, como esses pensamentos vinham de um local íntimo, bem lá do fundo das Masmorras de Dexter, discutir isso sempre me fazia sentir como eu se estivesse seminu. Eu achava que minha irmã entendia isso; mas, volta e meia, como agora, ela me jogava nu e me retorcendo sob os refletores.

Robert e Jackie me olharam, e comecei a me sentir ainda mais desconfortável.

– O quê? – disse Robert. – Assim, ele, hum, *perfiliza?* – Eu nunca tinha ouvido esse verbo antes. Ele não fez com que me sentisse mais à vontade.

– Quase isso – disse Deborah.

– Nossa – disse Jackie, me olhando com novo respeito. – Como você aprendeu a fazer isso?

Com toda a certeza, essa era exatamente a pergunta que eu não queria responder. A única resposta honesta não era algo que, em minha opinião, desse para eu discutir com Jackie. Então, dei o melhor de mim para desviar a conversa para algo um pouco menos pessoal.

– Ah – eu disse, com ar modesto –, eu assisti a aulas de psicologia na faculdade. Suponho que você deu uma olhada na lista de Pessoas Desaparecidas, não é, maninha?

Deborah fez um gesto depreciativo com as mãos.

– A primeira coisa que nós fizemos – ela disse. – O que é isso, Dex? Vamos falar sério. – Ela apoiou os braços nas coxas e se inclinou na minha direção. – Eu quero mesmo botar esse desgraçado na cadeia e quero encontrá-lo antes de Anderson fazer uma merda com tudo. E antes que esse cara faça isso de novo. Porque você sabe que ele vai fazer isso de novo.

– Provavelmente – eu falei, passando por cima da vozinha insidiosa dentro de mim que estava dizendo com uma risadinha: *É Praticamente Certo Que Vai.*

– Então, vamos lá – disse ela. – Me dê alguma coisa para prosseguir. – Ela ficou me olhando com firmeza, sem piscar, e, algo ainda mais perturbador, Jackie se inclinou para o meu lado e fez exatamente a mesma coisa. Eu estava rodeado de Deborahs, todas elas impacientemente esperando que eu fizesse um milagre. Era uma expectativa grande demais para um único e solitário Diletante das Trevas, não importava que a malvadeza dele fosse justa. Felizmente para mim, Robert ofereceu a perfeita contrapartida ao cruzar de novo os braços e se recostar uma vez mais, com uma expressão de ceticismo em seu rosto.

– Ei, o que é isso? – ele disse. – Fazer perfis é uma coisa séria pra cacete. Quer dizer, os caras do FBI fazem isso, leva *anos,* e, mesmo assim, só acertam, tipo, metade das vezes. – Todos o olharam, o que foi um grande alívio para mim. Ele deu de ombros. – Bom, então, só estou dizendo.

– Dexter faz um pouquinho melhor do que isso – retrucou Deborah.

– Muito legal – disse Jackie. Ela me deu um sorriso encorajador, e eu não conseguia decidir se ia cair aos pés dela e deixá-la fazer carinho atrás da minha orelha, ou dar umas bordoadas na minha irmã por ter mencionado o assunto.

– Tudo bem, então – disse Robert. A voz dele tinha um tom ligeiramente desafiador, como se tivesse decidido que nós todos

estávamos contra ele, e então poderia contra-atacar. Ele esticou o queixo na minha direção. – Vamos ver alguma coisa.

Realmente, era muita consideração da parte dele me proporcionar uma motivação para fazer alguma coisa além de desejar que eu estivesse bem longe dali. O jeito Então-Me-Mostre era tão irritante que quase me fez esquecer o fato de eu não estar com muita vontade de falar a respeito de uma coisa tão pessoal, porque eu queria muito dizer alguma coisa maravilhosa que fizesse o queixo dele cair no chão.

– Bom – Pensei no corpo assim como eu o tinha visto: a extensão dos ferimentos, a estranha mistura de cortes profundos, mordidas, pancadas e, é claro, aquela violência ótica final. Todos estavam me olhando, e percebi que eu tinha de dizer alguma coisa. – Tudo, hum... tudo começa com os olhos...

– Tudo bem – disse Deborah com ar de expectativa. – O que é que tem com eles?

– Eles são a coisa mais importante – eu falei. – O que o assassino está tentando dizer a respeito de ela *ver.* E de, hum, *não* ver.

Deborah bufou.

– E eu não sei disso? O que eu quero dizer é: ele arranca o olho dela e enfia a porra dele na cavidade ocular, e devo pensar que isso é um acidente? Eu sei que ele a cegou, então, ele tinha um problema com os olhos. E daí?

– Mas é exatamente isso, Debs – eu falei.

– É o quê? – quis saber Jackie, soando muito parecida com Deborah.

– Ele não a cegou – eu falei. – Ele a deixou com um olho perfeito. Ele queria que ela visse o que ele estava fazendo.

– Merda – murmurou Robert.

– E ainda não sei o porquê, ou o que isso significa – Deborah rosnou, voltando a ser a pessoa mal-humorada de sempre.

– Tudo para ele gira ao redor disso – eu falei e senti um suave sussurro de encorajamento do Passageiro, quase como se ele estivesse murmurando: *Muito bem, continue...* – Visão, observar, *ver...* Tudo se relaciona a isso. Não é apenas parte disso tudo, é o ponto central.

– E que porra isso quer dizer? – perguntou Deborah bruscamente.

– Ainda não tenho certeza – eu disse, e Robert pigarreou para indicar que ele não ia dizer o que estava pensando.

– Eu não estou entendendo – falou Jackie. – O que quero dizer é, tudo bem, essa história da cavidade ocular. Mas como isso diz alguma coisa além do fato de ele ser um desgraçado doentio?

– Você tem de tentar entrar na cabeça dele – eu falei e inspirei profundamente. – Tentar imaginar o que ele estava pensando.

– Eu preferiria não fazer isso – disse Jackie em voz baixa, mas eu já estava ouvindo o distante murmúrio das asas e o lento crescer das sombras. Cerrei os olhos e tentei ver aquilo, vasculhando bem no fundo do Subterrâneo Sombrio e acariciando a coisa que se desenrodilhava lá, afagando-a, até que ela ronronou, se esticou e saltou no negro céu interno e me mostrou todas as imagens do prazer da Noite Perpétua...

E eu a vejo, vejo como ela se contorce, geme, se retorce selvagemente contra as cordas, lutando para soltar um grito que vá além da mordaça, não vendo nada além de sua morte iminente, nem mesmo vendo a suprema importância do Porquê daquilo, a razão pela qual aquilo tinha de ser, o Eu que está fazendo isso com ela porque ela se recusou a perceber – e mesmo agora os olhos dela estão fixos na faca e não na mão que a segura, e eu preciso fazê-la ME ver para fazer com que ela preste atenção em MIM, e eu deixo a faca cair e me aproximo, mais direto, mais íntimo, e começo a usar as mãos, os pés, os dentes – e, mesmo assim, ela não vai ME ver, e então eu a agarro pelos cabelos, aquele perfeito cabelo dourado, e forço o rosto dela para olhar e ela tem de ME ver, afinal.

E ela me vê.

Ela me vê. Pela primeira vez, ela olha para MIM e ME vê e sabe quem eu realmente sou, e, finalmente, finalmente, posso mostrar-lhe que me importo com ela como ninguém jamais poderia se importar, mostrar-lhe que isso tinha de acontecer, que tudo deveria acontecer assim, e, finalmente, finalmente, posso mostrar-lhe minha Verdade, meu Ser, minha Razão de Existir.

Eu posso mostrar para ela o meu amor.

E para que eu saiba que ela sempre vai ver o meu amor, arranco o olho dela e o mantenho comigo para sempre, para que eu possa me lembrar também.

E para que ela VEJA total e completamente como eu a amo, coloco meu amor ali onde o olho dela ficava.

E então foi a consumação. E sinto a tristeza de novo. Porque nada dura para sempre. Mas o amor deveria durar para sempre, e eu quero que esse amor perdure. E para que ela entenda isso, e para que esse amor dure para sempre e nunca possa mudar e nunca termine, e para que ele nunca possa ser nada além dele mesmo, há mais uma coisa. Nada mais pode acontecer que vá macular esse amor incomparável ou fazer com que esse momento perfeito seja menos que infinito. É importante.

E então eu a mato.

Alguém pigarreou; eu abro os olhos. A primeira coisa que vejo é Jackie. Ela estava me olhando com uma expressão muito estranha no rosto, uma mistura de fascínio e de pavor, quase como se tivesse escutado os murmúrios suaves e semelhantes ao couro que ainda estavam flutuando em meu cérebro.

– O que foi? – perguntei.

Ela abanou a cabeça. O rabo de cavalo dela balançou para um lado e então voltou para a posição inicial.

– Não é nada – ela disse. – Eu só... – Ela mordeu o lábio e franziu as sobrancelhas. – Onde você esteve agora?

– Ahn – eu disse, e dava para eu sentir o rubor subindo à minha face. – Eu, hum, é difícil explicar.

Deborah soltou uma risadinha, o que achei extremamente descortês.

– Tente – ela falou. – Eu também gostaria de ouvir.

– Bom, hum – eu falei, o que não estava bem à altura dos meus altos padrões de sagacidade. – Eu, hum... eu tento imaginar, vocês sabem. O que o assassino estava pensando e sentindo.

Jackie ainda estava olhando fixamente, ainda estava franzindo as sobrancelhas. Ela não havia sequer piscado.

– Hm-hum – ela disse.

– Hum – eu falei, ainda me movendo desajeitado no meio de insípidos monossílabos. – Então, você sabe. Eu trabalho em retrospecto a partir do que podemos ver. Usando o que eu sei. O que quero dizer é – acrescentei rapidamente –, o que sei a partir de *pesquisas,* e, hum, por estudar essas coisas. Em livros e...

– Trabalhar em retrospecto – disse Jackie. – Exatamente o que isso significa?

– É... você sabe – eu disse, me sentindo excepcionalmente desajeitado. – Existe alguma coisa única relacionada a cada assassino, então você tenta ver o que levaria alguém a fazer aquilo.

Finalmente Jackie piscou.

– Tudo bem – ela disse. – E, desta vez, ele arrancou o mamilo dela. E isso diz o que para você?

– Depende de como ele foi arrancado – eu falei. – Se foi arrancado com uma lâmina, quer dizer, estou punindo você por ter mamilos, e agora você não tem.

– Ele foi arrancado com uma *mordida* – disse Deborah. – O que isso quer dizer?

– Eu te amo – eu disse sem pensar, mas um sibilar satisfeito do Passageiro disse que eu tinha razão.

Deborah emitiu um ruído que parecia o de limpar a garganta, e Robert murmurou:

– Mas que porra.

Jackie, contudo, parecia absolutamente chocada.

– Eu te *AMO?* – ela disse. – Ele arranca o mamilo dela com uma mordida para dizer eu te *amo?*

– É, hum – eu falei. – Não é de jeito nenhum um amor normal, como poderíamos pensar.

– Não diga merda – disse Deborah.

– Mas o caso todo com esse cara está relacionado ao sexo – eu falei. Eu me senti um pouco na defensiva e não sabia muito bem a razão. – É uma mistura de compulsão, de sexo e de amor, e é algo tão poderoso e tão frustrante que ele nem consegue expressar isso a não ser, hum – eu dei de ombros –, fazendo como ele fez.

Dei uma olhada na minha pequena audiência. Deborah havia retomado sua habitual cara impassível de tira, e Robert estava com cara de quem tentava com todas as forças não soltar uma gargalhada. Mas Jackie olhou para bem longe de mim, em algum lugar na grande distância sobre os meus ombros, e lentamente começou a fazer um gesto positivo com a cabeça.

– Eu acho que consigo entender – ela disse.

Deborah balançou a cabeça, incrédula.

– Você consegue? – ela disse. – Caramba, como você consegue?

Jackie olhou-a.

– É quase como atuar – ela falou. – O que eu quero dizer é: como quando você está fazendo uma personagem de Shakespeare. Ele não diz nada no texto, como você deve reagir, ou como dizer as coisas. Então, você olha o que ele quer que você *faça,* o que ele quer que você *diga,* e trabalha em retrospecto a partir disso. – Ela se virou e me dirigiu um sorriso rápido. – Assim como Dexter disse.

O calor que eu estava sentindo no rosto subitamente desceu para o peito. Alguém me entendia. Jackie entendia o que eu havia feito. Era tão absurdamente improvável que essa deusa da tela prateada fosse entender qualquer coisa, quanto mais uma coisa como eu, que só consegui ficar parado e olhei para ela e senti um pequeno sorriso de gratidão se insinuar em meus lábios.

Mas, é claro, Robert não ia deixar que eu sentisse qualquer tipo de felicidade verdadeira.

– Oh, pelo amor de Deus – ele falou. – Isto aqui não é a porra do Shakespeare, queridinha. Isto não é o seu maldito TEE-aa-tro. Este é o mundo *real.* Esse é uma porra de um idiota louco, psicótico, doente da cabeça e cretino que gosta de morder peitos. Brincar de fazer as encenações do Neighbourhood Playhouse em sua cabeça não vai ajudar a pegá-lo.

– E nem vomitar a cada vez que você vê um pouquinho de sangue vai ajudar, Bob – disse Jackie com doçura.

Robert abriu a boca, fechou-a, e então a abriu de novo. Mas Deborah falou antes que ele pudesse soltar a sua – sem dúvida – resposta mordaz.

– Tudo bem, ótimo – ela disse. – Fico feliz por você entender, Jackie. Eu não entendo, mas, que merda, é por isso que aguento o Dexter.

– E a minha assombrosa competência? – eu falei. – E a minha reconhecida perspicácia? E...

– O que ainda não consigo entender – disse Deborah, passando por cima da minha modesta lista de qualidades positivas –, é como tudo isso se conecta com o ponto em que você começou. A respeito dos olhos. Eu acho – ela disse, erguendo a mão para eu não dizer alguma coisa que eu não ia dizer –, tudo bem, ele arranca o olho, ele fode a cavidade ocular e ele mata a moça.

– E mantém o olho – eu falei.

– Você não sabe disso – disse Robert, ríspido.

– Eu acho que sei – eu falei.

– Quase todos esses caras guardam suvenires – disse Deborah, e apreciei o raro momento de ter uma irmã que me dava apoio de vez em quando. – Isso é um fato indiscutível, saído diretamente do livro de regras.

– Então a gente tem de sair procurando um cara que está por aí carregando um punhado de olhos? – disse Robert, com uma expressão de grande desprazer e descrença. – Mas que bosta.

Jackie soltou um suspiro irritado.

– Boa ideia, Bob – ela falou. – Vamos começar a revistar as pessoas e quando nós acharmos alguém com um pacotinho cheio de olhos, é o nosso cara.

– Não fui eu quem começou o assunto – disse Robert, e ele ia acrescentar mais alguma coisa, mas Deborah o impediu.

– Os dois calem a boca, mas que merda. – E os dois ficaram quietos. Ela me olhou. – Quais são as chances de ele ter feito algo parecido antes?

Fiquei pensando no assunto.

– Muito grandes – respondi. – Talvez não muitas, mas quase com certeza uma ou duas, antes.

Jackie franziu as sobrancelhas e inclinou a cabeça para o lado.

– Como você sabe disso? – ela perguntou.

– A primeira vez não poderia ser assim, hum... tão *completa* – eu falei. – Só o fato de matar pela primeira vez seria muito perturbador, muito poderoso. Ele iria passar rapidamente por todo o processo, e então entrar em pânico e fugir, apressado. Mas então ele não é pego, e começa a pensar no que deveria ter feito... – Acenei na direção dela, quase subjugado pela ideia de que ela compreendia. – Você sabe.

– Sim – ela falou. – E então ele pensa: Foi rápido demais, eu não fui pego... Da próxima vez eu vou tentar *isto...* – Os olhos dela se perderam na distância outra vez enquanto ela via tudo. Observá-la dava um prazer imenso, um prazer que foi rapidamente destruído, é claro, por Deborah.

– Tudo bem – disse minha irmã. – Vamos colocar isso na rede, e ver se tem alguma coisa parecida por aí.

– E para quê? – perguntou Robert. – Quer dizer, mesmo que ele tenha feito isso antes, ninguém o pegou.

– Uma apreensão verdadeiramente penetrante do óbvio – disse Jackie.

– Vai muito além do trabalho de detetive vidente – disse Robert, com ar de raiva.

Deborah me olhou e balançou a cabeça, cansada.

– Tire ele daqui – ela falou.

CAPÍTULO 7

PASSEI O RESTO DA MANHÃ MOSTRANDO PARA ROBERT COMO ENCONtrar vestígios de sangue com luminol. Não é muito difícil; você o borrifa sobre alguma coisa e quaisquer traços de sangue que possa haver brilham na sua frente, não importa quanto ele tenha sido esfregado. Boa coisa; e ele não corrompe o DNA, que está se tornando cada dia mais importante.

Robert parecia não se importar com sangue nas quantias ínfimas com as quais estávamos trabalhando, e as horas passaram rápido o suficiente, com não mais do que uma ligeira irritação quando as perguntas de Robert ficavam muito persistentes. Mas, pelo menos, ele não estava sendo agressivamente desagradável. Quando Jackie não estava por perto, ele não era assim tão irritante; e quando o relógio se aproximou do meio-dia, passou pela minha cabeça que, se eu pudesse aguentar Robert um pouquinho mais, ele provavelmente pagaria meu almoço de novo.

Então, eu o aguentei com paciência enquanto ele acabava com quase um frasco de luminol com toda a alegria; e eu estava pronto para lançar- lhe uma sugestão casual de que almoçar poderia ser uma boa ideia, quando meu telefone começou a tocar.

– Morgan – falei.

– Venha cá – disse Deborah. – Nós temos uma pista.

– O quê? – eu disse, muito surpreendido. – Você quer dizer que já recebeu resposta da rede?

– É – disse ela. – Duas.

– Não é possível – eu falei.

E não era. Era cedo demais para qualquer um responder à pergunta que ela havia feito. Deveria ter levado dias, até mesmo semanas, para que algum tira em algum lugar do país lesse aquilo, checasse seus arquivos, encontrasse um caso igual e respondesse. A maior parte dos tiras tem uma vida, e um monte de casos que já são um fardo excessivo; desse modo, embora a

cooperação com um irmão da corporação fosse uma grande ideia, ela nunca seria tão importante quanto terminar um relatório antes que o capitão arrancasse sua pele, com um pouquinho de tempo de sobra para ir ao jogo de futebol do filho.

Mas Deborah estava alegando que ela tinha recebido não uma, mas *duas* respostas, e antes que eu pudesse fazer alguma outra pergunta, ela disse:

– Agora. – E desligou.

Deborah estava sozinha quando Robert e eu voltamos para sua mesa. Estava olhando feio para a tela do computador, quando entramos colocou os olhos em mim e deu umas batidinhas nela para me mostrar seu e-mail.

– Veja isto – ela disse. – *Dois* casos, em duas cidades diferentes; é nosso cara, sem a menor dúvida. – Deu um piparote no relatório impresso. – Corpo encontrado em uma caçamba, mamilo direito faltando, mesmo tipo de marcas nele...

– E a respeito dos olhos? – eu perguntei.

Ela confirmou com um gesto.

– O primeiro caso, há cerca de um ano, em Nova York, os dois olhos arrancados, um encontrado perto do corpo, o outro nunca foi achado. O segundo caso, hum... – Ela olhou o papel, fez um gesto com a cabeça. – É. Vegas. Tipo uns quatro meses atrás. – Ergueu os olhos da tela e sorriu, triunfante. – Um olho arrancado, traços de sêmen no rosto. É ele, Dex. Tem que ser.

Balancei a cabeça em assentimento. Provavelmente era ele. Mas saber disso não ajudava a prendê-lo e deixava uma pergunta crucial, talvez a mais importante de todas.

– Nova York, Las Vegas e agora Miami – eu falei. – Por quê?

– É mais difícil prender o cara se ele sai andando por aí? – sugeriu Robert.

– A maior parte dos *serial killers* nem imaginam que vão ser pegos – disse Deborah. – Eles ficam em um lugar, até mesmo em um bairro.

Robert me olhou e me perguntou:

– Verdade?

Eu confirmei com um gesto.

– É, é bem assim – eu falei. – Então, se esse cara não faz isso, é por alguma razão importante.

– Tudo bem. Então, por quê? – perguntou Robert.

– Ele poderia estar perseguindo alguma coisa, ou alguém, especificamente – eu falei. – Ou...

Uma ideia minúscula apareceu na minha cabeça.

– Todas elas são cidades em que acontece um monte de convenções.

– Exato – disse Deborah. – Podemos checar as listas, ver se alguma coisa combina.

– O que vocês estão dizendo – falou Robert –, é que ele poderia estar indo a todas essas convenções, assim, ele é um *shriner*[6], ou algo parecido?

Deborah sacudiu a cabeça, cansada. Fiquei com pena dela e resolvi ajudá-la.

– Um *shriner é* uma possibilidade – eu disse para Robert, paciente. – Ele poderia fugir em um daqueles triciclos pequenininhos que eles usam nos desfiles.

– Os arquivos estão chegando por e-mail – disse Deborah. – Mas eu tenho detetives em duas cidades diferentes querendo voar para cá e atirar em alguém.

– Fale para eles ficarem em casa – eu disse. – Já temos o bastante com nossos próprios atiradores em Miami. – Olhei ao redor da sala, e ela parecia um tanto vazia. – Onde está a Jackie?

Debs agitou uma das mãos.

– Ela tinha uma entrevista – disse. – Matthews disse que ela poderia usar a sala de conferências.

Antes que eu pudesse fazer uma cara que mostrasse que estava impressionado com o fato de Matthews permitir que alguém usasse sua sala de conferências, Robert perguntou, brusco:

– Entrevista? Com quem?

Pode ter sido minha imaginação, mas me pareceu que o rosto dele havia perdido um pouco da cor, e ele certamente estava a cara da infelicidade.

– Ela não disse com quem – disse Deborah. – Uma revista, eu acho.

– Revista – repetiu Robert. – Como assim, uma revista daqui? – ele acrescentou, esperançoso.

– O capitão nunca deixaria que ela usasse a sala de conferências para uma revista local – Debs falou com tamanha inexpressividade que eu percebí que ela havia detectado a apreensão de Robert e estava se divertindo um pouco à custa dele.

– Merda. Eles deveriam ter... Ela realmente não disse qual? Eu já volto – ele falou, se dirigindo para a porta. – Tenho que telefonar para o meu agente.

Debs e eu o observamos se afastando, e eu falei:

– Você tem um lado maldoso muito legal, maninha.

Ela confirmou com um gesto de cabeça, o rosto impassível.

– Ajuda a passar o tempo. – Voltou-se para o computador e, depois de catar milho no teclado por um momento, disse: – Os arquivos chegaram. – Franziu as sobrancelhas e apertou mais umas teclas, resmungando baixinho:

– Maldição.

Minha irmã tinha muitas qualidades notáveis, mas competência com computadores não era uma delas. Mesmo assim, depois de um tempinho, a impressora começou a zunir, e Debs se afastou do computador com um olhar satisfeito.

– Nova York chegou aqui primeiro – ela falou.

– Naturalmente – eu disse e me inclinei para olhar as páginas à medida que a impressora as cuspia. As primeiras páginas vieram rapidamente; eram o típico relatório policial padrão, e Deborah as agarrou e começou a ler com ansiedade. A página três levou um bom tempo para imprimir – uma fotografia, provavelmente da vítima assim como ela havia sido encontrada, e esperei impaciente enquanto surgia, uma linha de cada vez. Ela finalmente saltou para fora da impressora e eu a agarrei, ansioso.

Hoje em dia, a tecnologia digital deixou as fotografias policiais muito mais coloridas e detalhadas do que nos tempos de outrora. Meu pai adotivo, Harry, havia sido forçado a olhar para

granuladas fotos em branco e preto de cadáveres. Não deve ter sido tão divertido assim. Devido às câmeras com alta resolução de cores que nós utilizamos agora, dava para ver o maravilhoso arco-íris de pigmentos deixados pelos vários socos, mordidas e cortes profundos no corpo; do cor-de-rosa vivo e passando por todo o espectro até o púrpura escuro. Na verdade, a imagem era tão clara que dava para eu ver a marca de cada dente em uma das mordidas. Fiz uma anotação mental para dizer para Deborah checar fichas de dentistas para ver se encontrava algo que combinasse.

Estudei a fotografia cuidadosamente, procurando quaisquer pistas que pudessem me dizer alguma coisa nova. As similaridades eram surpreendentes. Essa vítima, assim como a nossa, era uma moça que quase com toda a certeza fora atraente antes da série de infelizes acontecimentos que haviam conduzido até esta fotografia. Ela tinha um corpo belo e bem cuidado, e cabelo cortado na altura dos ombros da mesma cor dourada que o da nossa vítima local. Analisei o corpo, percebendo que os ferimentos com a faca se localizavam nos mesmos locais, e eu estava tão entretido que vários momentos se passaram antes de eu me dar conta de um suave aroma floral nas proximidades e perceber que alguém estava atrás de mim. Olhei rapidamente, surpreso, ao ver que Jackie havia entrado silenciosamente na sala e estava parada muito perto de mim, dando uma olhada na fotografia por cima do meu ombro.

– Oh – eu disse. – Não ouvi você entrar.

– Eu era uma escoteira – ela disse. – Medalha de mérito em Excursionismo. – Não se moveu, e por um longo momento eu me esqueci da fotografia em minha mão e somente inspirei o perfume sutil que ela estava usando. Jackie finalmente estendeu um dedo ao meu lado e deu uma batidinha na fotografia.

– Esta é diferente – ela falou. – Eu quero dizer, não é aquela com que nós estávamos trabalhando.

– Exato – eu disse.

– Do que se trata? – ela perguntou, deslizando seu dedo ao longo do corpo na fotografia.

– Nós recebemos uma resposta para a pergunta que Deborah fez – eu disse.

– É mesmo? – disse Jackie. – Eu achava que isso demorava um pouco.

– Normalmente demora – eu falei. – A não ser que seja realmente um caso importante.

– E o que faria com que fosse importante? – ela perguntou.

– Uma porção de coisas – eu falei. – Ela poderia ser a filha de alguém.

– Com quase toda a certeza – murmurou Jackie.

– Ou talvez pelo fato de ela ser jovem, bonita, e não uma prostituta.

Jackie me olhou e ergueu uma das sobrancelhas.

– E branca?

Balancei a cabeça em aprovação.

– Claro. Mas ninguém jamais admite isso. Como você sabia?

Ela tornou a olhar para a fotografia.

– Eu fiz um filme para a televisão a respeito do assunto – ela disse. – Uma garota afro-americana desaparece, e a família não consegue que a polícia faça alguma coisa.

– Tenho certeza de que eles fizeram alguma coisa – eu falei. – Só que não tanto assim.

– De onde veio esta foto? – ela perguntou.

– De Nova York – eu disse e percebi que aquela era uma oportunidade incrível para aprofundar a educação forense dela. E, para ser sincero, eu também não queria que ela se afastasse. Então, acrescentei: – Quantas coisas você vê que são diferentes?

Ela me lançou um rápido olhar e me endereçou um meio sorriso zombeteiro.

– O que é isso, algo como um daqueles jogos para crianças? Encontre os sete erros?

– Esta é a versão homicídio – eu respondí. – Para adultos.

– Tudo bem – ela disse e começou a analisar a fotografia com toda a seriedade. Inclinou a cabeça para a frente, de modo que seu cabelo roçou em meu braço nu. Ela o puxou de volta para

seu lugar e o colocou atrás das orelhas, revelando o pescoço. Dava para ver a pulsação dela em sua artéria carótida.

– Vegas – disse Deborah. Ela falou baixinho, murmurando, mas mesmo assim eu dei um pulo; tinha esquecido que havia mais alguém na sala. Debs deu mais uns cutucões irritados no teclado e o segundo arquivo começou a ser impresso. Uma vez mais, as primeiras páginas eram o relatório, e elas saíram com um zumbido rápido. Quando a fotografia finalmente deslizou para fora da impressora, eu passei ao lado de Jackie e agarrei a foto, e ela era exatamente como as outras duas: uma moça com uma silhueta bela e atlética, e cabelos dourados caindo até a altura dos ombros. Não dava mais para ter dúvidas a respeito do padrão; agora era uma questão de tentar descobrir *por que* esse tipo específico era necessário.

– Eu achei uma coisa – disse Jackie, apontando para a fotografia. Olhei para o ponto onde o dedo dela tocava o rosto da vítima. Não havia nada ali além da pele lisa.

– O quê? – eu perguntei.

– Bem – respondeu Jackie –, a vítima de Miami tem uma marca de corte aqui. Deixa eu ver Vegas. – Ela estendeu a mão, e eu lhe dei a segunda fotografia, me inclinando para olhar junto com ela. – É, você viu? Esta aqui também tem. Só um ligeiro corte no rosto. – Ela me olhou, seus olhos cor de lavanda brilhando. – O que isso significa?

– Raiva – eu falei.

– Relacionada a quê? – ela perguntou. – Porque bem aqui no rosto é como...

Mas antes que ela pudesse dizer mais uma palavra, Robert entrou alvoroçado na sala.

– Eu vou ter de encerrar aqui mais cedo – ele disse, feliz. – Tenho uma entrevista com a revista *Screen Time* em uma hora e meia. – Esperou que alguém lhe desse os parabéns, mas ninguém deu, então ele acenou na direção dos papéis que Deborah estava segurando, fechou a cara e disse: – Tem alguma coisa no relatório? Vocês acham que é o nosso cara?

– É, eu acho – disse Deborah. – É praticamente a mesma assinatura. – E, talvez por eu já tê-la cumprimentado por seu lado

maldoso, ela acrescentou: – Dê uma olhada nestas fotos e veja por si mesmo.

Jackie o olhou, cheia de expectativa, e estendeu a mão com as fotos. Robert a encarou, e então os músculos de seu maxilar se enrijeceram, e ele se inclinou para a frente e as pegou. Engoliu em seco, fez um esforço óbvio para se controlar e começou a analisá-las.

– Jesus – ele disse. – Oh, meu Deus. – Devolveu as fotografias para Jackie. – Com certeza parece o mesmo cara. Quer dizer, não dá pra ter dois caras fazendo uma coisa dessas, certo?

– Provavelmente não – disse Deborah.

– Então, o que nós fazemos com essas fotos? – perguntou Robert.

– Comparamos as três – eu falei.

– Certo – disse Robert, com um gesto positivo de cabeça. – Estamos procurando o quê?

– Não sabemos até achar – eu falei. – Mas ele já fez isso três vezes, e a cada vez aumentam as chances de ele ter cometido um erro, deixado algum tipo de pista.

– Certo – disse Robert. Ergueu as sobrancelhas e acrescentou: – Ei, eu fiz um longa há alguns anos? Fiz o papel de um detetive alcoólatra, e tinha um assassino em série matando menininhas. E esse cara, meu personagem, ele é divorciado. Mas tem uma filha, e acontece que o assassino está perseguindo *ela,* então eu tenho de ficar sóbrio e pegar o assassino antes que a filha dele seja morta. – Deu de ombros. – Uma coisa de baixo orçamento, dinheiro de Israel. Mas muito autêntico, teve boas críticas. – Deborah pigarreou e Robert lançou um rápido sorriso para ela. – Certo. Desculpem. De qualquer modo – disse ele procura saber *quando* o assassino em série ataca, vocês sabem. Faz uma linha do tempo, e sabe que o cara mata alguém a cada seis semanas? Então, preparo uma armadilha para o cara na hora certa, e é assim que eu o pego. – Olhou para Deborah, e quando ela não disse nada, ele me olhou. – Então, eu pensei, talvez não seja nada, mas daria pra gente fazer isso com este cara?

– Por quê? – perguntou Jackie. – Nós não sabemos nem a cidade em que ele vai atacar da próxima vez. Então, como é que

pode ajudar saber quando vai ser?

– A gente podia só dar uma olhada – disse Robert, teimoso. Ele ergueu uma sobrancelha na minha direção e disse, com um tipo de ansiedade infantil: – Que é que cê diz, Dexter?

Eu não conseguia imaginar de que modo saber o intervalo entre as mortes pudesse dizer alguma coisa útil para Robert. Por outro lado, Robert feliz e ocupado era muito mais fácil de engolir do que Robert bicudo.

– Tudo bem – eu disse. – De fato, isso não pode prejudicar em nada.

Deborah deu de ombros e estendeu os dois relatórios.

– Divirta-se – ela me disse.

Peguei os relatórios da mão dela, e Robert se aproximou e ficou parado do meu lado, forçando Jackie a se afastar. Ela foi até a mesa da Deborah e apoiou o quadril na quina, enquanto Robert estudava as páginas que eu segurava. O cheiro dele não era nem um pouco tão bom quanto o de Jackie.

– Beleza – ele resmungou e ficou revirando as páginas, tentando ver todas ao mesmo tempo.

Empurrei os papéis na direção dele.

– Aqui – eu disse. – Vegas está por cima, Nova York embaixo.

Ele agarrou os papéis e se recostou no peitoril da janela novamente, analisando-os.

– Certo, certo – ele disse baixinho, franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça. – Não, isso não faz sentido. Setembro de 2011 em Nova York; então Las Vegas em junho de 2012, e agora em outubro em Miami. – Ele ergueu o olhar, a decepção visível em seu rosto. – Não deu certo – ele disse. – O intervalo é diferente.

– Ah, bem... – eu falei.

Fixou o olhar nos relatórios uma vez mais, tentando fazer com que eles se comportassem direito, mas não parecia dar certo.

– Bom, merda – acabou dizendo –, acho que passou longe.

Ninguém discutiu a questão. Robert se inclinou e jogou os relatórios na mesa da Deb, arrastou os pés, cruzou os braços, descruzou-os, e então se ergueu, muito ereto.

– Bom – ele disse –, eu, hum, eu preciso me preparar. Para a minha entrevista. – Sorriu. – Colocar uma camisa limpa, arrumar o cabelo, vocês sabem. Para o fotógrafo. Então... – Olhou para Deborah, e depois para mim, possivelmente esperando que fizéssemos uma objeção. Quando não fizemos, ele deu de ombros e me falou: – Então tudo bem. Vejo você amanhã?

– Certinho e cedinho – eu falei.

Ele apontou um dedo para mim, como se fosse um revólver, e dobrou o polegar. Pum.

– Certinho e cedinho – repetiu. Acenou para Deborah, deu uma olhada rápida para Jackie e se encaminhou tranquilamente para a porta.

Ninguém disse nada por alguns momentos. Jackie pegou os relatórios que Robert havia jogado sobre a mesa e os analisou. Ela franziu as sobrancelhas e disse:

– Estranho.

– O quê? – perguntei.

Ela balançou a cabeça.

– Ah, não é nada – respondeu. – É só que... Eu quero dizer, parece que eu estou bancando a diva: “Tudo gira ao meu redor!”. E eu não sou, então... esquece.

– Eu não vou esquecer se você não me disser – eu falei.

Jackie cruzou os braços no peito e me lançou um sorriso meio arrependido.

– Dexter, não é nada – falou, e enquanto eu ainda estava pensando no fato de que essa era a primeira vez que tinha me chamado pelo meu nome, ela prosseguiu: – Acho que é só uma coincidência idiota. Quando Robert mencionou as datas, é só que... Eu estava nesses lugares, nesses dias. Trabalhando em alguns filmes. Nova York em setembro, Vegas em junho. – Ela balançou a cabeça e agitou os relatórios como quem não acha importante. – Como eu disse, esqueça que acabei de dizer isso. – Ela descruzou os braços e deu uma palmada nas coxas. – Então – disse, olhando para Deborah. – Qual é nosso próximo passo?

Deborah até pode ter respondido, mas se respondeu, eu não escutei nada. Porque, enquanto eu observava Jackie voltando a

cabeça na direção de Deborah, o cabelo dourado balançando com o movimento, alguma coisa fez um clique nas Profundas Sombras do Sinistro Compartimento de Dexter, e olhei para as fotos em minha mão, ambas tão parecidas, e então...

Toda a luz se foi e eu estou respondendo ao urgente crepitar das asas negras e me ergo e me apoio nelas e deixo que elas me carreguem em um vento escuro e vamos subindo, subindo, subindo, rumo a um negro céu noturno, bem lá no alto, até um lugar onde dê para vermos, e subimos e voamos em círculos cada vez mais rápido até que nos encontramos no frio céu sem estrelas e olhamos e então ela está lá, uma única faixa do cenário aos nossos pés, de um tom vivo escarlate, e que é tão clara e nítida e inevitável como se estivesse iluminada por uma dúzia de sóis do meio-dia – e eu as vejo. E descemos em círculos rumo à luz de cor avermelhada, e eu estou com elas novamente, com as mulheres das fotografias, pairando acima delas e observando-as enquanto elas se contorcem e ficam salientes sob suas amarras, e cada um de seus músculos se contrai e cada centímetro da pele, cada nervo, cada osso, grita de dor, e isso não faz com que eu diminua o ritmo, isso me leva, pelo contrário, a fazer coisas novas e mais excitantes, e começo a fazê-las e ela se volta, para não ver o que vou fazer, e ela TEM de ver isso, ela tem de ME ver, ela TEM de observar, porque é por essa razão que estou fazendo isso, tudo se relaciona a isso, se relaciona ao fato de ela me VER, e então eu a agarro pelo cabelo, aquele cabelo dourado perfeito, e forço a cabeça dela a se voltar e vejo o rosto dela...

... e é o rosto ERRADO.

E isso me faz ficar furioso, e puxo o cabelo dela com força ainda maior, aquele cabelo dourado quase-perfeito, o cabelo não-tão-correto que se aproxima tanto e se parece tanto com o DELA, mas, ainda assim, não é o cabelo DELA, e esse rosto não é o rosto DELA, e não faz o menor sentido agora, embora eu visualize o rosto DELA, pelo contrário, quando eu acabo; mas ao olhar para baixo, para o que eu fiz, dá para sentir toda essa sensação se esvair, porque não está certo, não é ela, e um lampejo brilhante de raiva corre do topo da minha cabeça

descendo até meu braço, e eu pego a faca, a faca fria e impessoal, e dou um talho naquele rosto, aquele rosto tão errado, porque não é...

– Ah – eu disse, e meus olhos se arregalam para a luz fluorescente da sala de Deborah, e não importa quanto tente afastar essa visão e encontrar um jeito de não acreditar nela, as coisas que vi não se alteram. Até mesmo sob a luz penetrante e feia da sala, a imagem é a mesma e, o que é até pior, eu agora vejo Deb e Jackie me encarando, incertas, como se tivessem me visto urinando em uma rua movimentada. – Ah, hum – digo. – É que, vocês sabem. Eu só pensei uma coisa.

– O quê? – perguntou Jackie, soando como se não tivesse muita certeza do que estava perguntando; e, como se estivesse deliberadamente caçoando de mim e da minha visão, ela balançou o cabelo de um lado para o outro sobre os ombros... o cabelo dela, o perfeito cabelo dourado dela...

– É você – eu lhe disse. – O que eu quero dizer é: isso realmente tem tudo a ver com você.

Jackie ficou vermelha e brincou com seu rabo de cavalo.

– Isso não é, eu quero dizer...

Mas Deborah interrompeu o modesto balbuciar de Jackie.

– O que você quer dizer que tem tudo a ver com ela? – ela quis saber. – O que você está dizendo?

– É a razão pela qual ele fez isso – eu disse e percebi que ainda estava sentindo o soar das asas de morcego do meu voo interior com o Passageiro, e eu não estava agindo na vida real como deveria. Inspirei profundamente e joguei com força as fotografias na mesa, ao lado de Jackie. – O cabelo é parecido com o seu – eu disse. – Todas têm mais ou menos o mesmo tipo físico. Os mesmos lugares, e nas mesmas datas em que você esteve. – Ergui o olhar e fixei meus olhos nos de Jackie e ela me encarou sem piscar com um ligeiro brilho de medo crescendo naqueles olhos cor de lavanda. – E então a faca faz o talho no rosto, a raiva... porque é o rosto errado. Porque não é você.

Fiquei olhando os longos e elegantes músculos em sua garganta se moverem enquanto ela engolia em seco, e então

começou lentamente a balançar a cabeça. Mas, por mais que quisesse estar errado, eu sabia que não estava.

– É você – eu falei. – Ele as matou porque elas se pareciam com você.

CAPÍTULO 8

DURANTE ALGUNS INSTANTES, HOUVE UM SILÊNCIO ABSOLUTO NA sala de Deborah. Debs ficou só olhando fixamente, e Jackie simplesmente ficou sentada lá, segurando os cabelos, os nós dos dedos das mãos brancos, os lábios ligeiramente afastados, parecendo muito pálida e, aparentemente, nem mesmo respirando.

– Eu, eu, como eu, hum... – ela disse.

– Merda, de onde vem tudo isso? – perguntou Deborah.

– É, hum... é só que tudo faz sentido – eu falei.

– Não para mim – retrucou Deborah.

– Eu não acho – disse Jackie em voz baixa. – Eu, eu não sei se...

Deborah empurrou sua cadeira contra a mesa, fazendo um barulho que, subitamente, pareceu terrivelmente alto.

– Isso é tudo merda, Dexter – ela disse. – A não ser que você consiga alguma coisa *concreta* para eu me apoiar.

– Você tem as datas e os lugares – eu falei. – E as vítimas todas se parecem com ela.

Deborah balançou a cabeça, os lábios franzidos, e disse:

– Um monte de mulheres se parece com ela.

– Deborah, eu tenho certeza a respeito disso...

– Bom, eu não tenho – ela disse, cortante. – Você não tem nada com que prosseguir além de um de seus... palpites? E isso não é suficiente. Não posso ir até a sala do capitão e dizer: veja o que descobri quando Dexter fechou os olhos. Não quando não é nem mesmo meu caso. Preciso de evidências. Não apenas de mais uma de suas merdas de detetive vidente.

Aquilo doeu um pouco mais do que deveria. Afinal, tinha sido ela quem tinha me obrigado a fazer aquilo, de um modo ostensivo demais para o meu gosto, e agora ela estava me dando uma bronca por ter feito uma coisa que eu não queria ter feito de jeito nenhum. E tinha feito aquilo somente por ela, porque a família tem de servir para alguma coisa, e tinha sido muito

bem-feito. E agora ela me tratava com desprezo, caçoava de mim, acusava-me de sofismar. Então, eu vasculhei bem lá no fundo, para um retorno verdadeiramente doloroso, algo que pudesse mesmo acabar com ela. Mas, antes que eu pudesse ao menos dizer “Ah, é?”, Jackie falou:

– Ai, merda. – Me encarou e balançou a cabeça com movimentos bruscos de um lado para o outro. – Ah, meu Deus, Deborah... – Ela inclinou a cabeça para o lado e disse: – Eu quero dizer, sargento. Eu quero... ai, que merda.

– O que foi? – perguntou Deborah.

Jackie continuou com sua série de movimentos rápidos e espasmódicos com a cabeça.

– ... eu acho que ele tem razão – ela falou, com um fiozinho de voz.

– Por quê? – quis saber Deborah.

Jackie finalmente percebeu que ela ainda estava balançando a cabeça e parou. Ela inspirou profundamente, fechou os olhos, abriu-os e piscou para mim, e então olhou para Deborah.

– Tem um cara que me persegue – ela disse. – Ele andou... ele me mandou um monte de cartas.

– Que tipo de cartas? – perguntou Deborah.

Jackie passou a língua pelos lábios.

– Elas começaram, sabe, meio assustadoras; mas, era só uma coisa comum de fã. – Ela deu de ombros. – Recebo um monte delas. E, tipo, tem uma resposta padrão que minha assistente manda. Às vezes com uma foto. Ele não gostou daquilo. Queria algo mais... real. – Ela ergueu as mãos e agitou-as como se fossem dois passarinhos indefesos. – Alguma coisa *pessoal* – ela disse. Deixou as mãos caírem no colo. – O que eu *não* faço, nunca. Quer dizer, se é uma criança com câncer, ou algo assim, tudo bem, mas só uma carta comum de um fã, de um homem? Em geral, eu nem as vejo, quanto mais respondê-las. Minha assistente não as responde, e, se eles não entendem a dica, simplesmente os ignoramos. Mandamos as cartas deles de volta.

Jackie mordeu os lábios e olhou as mãos.

– E foi o que fizemos. Devolvemos as cartas dele, e... ele ficou furioso com isso. E escreveu de novo, mas... as cartas dele

ficaram extremamente... desagradáveis. E ele devolveu a minha foto, toda... em frangalhos. Cortada, e coisas escritas nela, e, hum... – Ela chegou mesmo a engolir em seco, inspirou profundamente, olhou fixamente para mim e disse: – E um dos olhos arrancado.

– Porra – disse Deborah, em voz baixa.

– E as cartas diziam umas coisas horríveis mesmo. Ruins a ponto de Kathy... – Ela ergueu o olhar. – Kathy é minha assistente – explicou.

– Certo – disse Deborah.

– As cartas eram tão sombrias e pervertidas e ameaçadoras que Kathy ficou preocupada. Ela as mostrou para mim. Eu, hum... Eu não sei. Realmente não acreditei que aquilo fosse sério, mas... – Deu de ombros e ergueu as mãos e então as deixou cair no colo de novo. – Falei para ela mostrá-las para a polícia.

– E ela mostrou? – perguntou Deborah.

– Sim – disse Jackie. – Quer dizer, eu acho que sim. Eu realmente não... Quer dizer, Kathy faz o serviço dela muito bem, então, eu tenho certeza de que ela mostrou.

– Tudo bem – disse Deborah. – E daí?

Jackie balançou a cabeça.

– E daí, nada – ela falou. – Sei lá, eu nem pensei mais nisso, simplesmente achei que as providências tinham sido tomadas, e eu precisava trabalhar. Você sabe.

– Onde estão as cartas agora? – perguntou Deborah.

Jackie piscou.

– Hum. Não tenho a menor ideia. Tipo, eu poderia perguntar para a Kathy?

– Onde ela está?

– Ela está aqui, comigo – disse Jackie. – Quer dizer, aqui em Miami.

– Telefone pra ela – disse Deborah. – Preciso ver essas cartas. E quero o nome do policial que as viu... em Los Angeles?

Jackie confirmou com um gesto de cabeça, mordendo o lábio inferior.

– Isso – ela disse. – Quer dizer, no Valley, mas...

– Tudo bem – disse Deborah. – Onde está sua assistente agora?

– Eu, hum... provavelmente no hotel. – disse Jackie.

– Telefone para ela – ordenou Deborah, de novo.

Jackie fez um gesto de aquiescência e se voltou para sua bolsa, que estava em cima da mesa, na ponta. Pegou um celular e digitou um número, se afastando de nós para falar. Falou umas poucas frases em voz baixa, então desligou, recolocou o celular em sua bolsa e nos encarou de novo.

– Eu falei com a Kathy – ela disse, o que teria sido meu primeiro palpite. – Perguntei se o policial em Los Angeles ainda tinha as cartas. E ela vai procurar o cartão de visitas dele e me telefonar. – Balançou a cabeça, nos olhou e então, quase como se alguém tivesse puxado a tomada e tirado todo o ar de dentro dela, afundou na cadeira dos visitantes ao lado da mesa. – Mas que merda – ela disse em voz baixa. Fechou os olhos e soltou o ar lentamente. – Mas que merda – repetiu. Abriu os olhos de novo e olhou de Deborah para mim. – Vocês acham que ele... Quer dizer, vocês acham que eu estou mesmo correndo perigo?

– Sim – Deborah e eu dissemos em uma só voz.

Jackie piscou diversas vezes. Os olhos dela ficaram úmidos e a cor de lavanda pareceu escurecer uns tons.

– Ai, cacete – ela disse. – O que devo fazer?

– Vou pedir para o capitão designar alguém para ficar com você – disse Deborah.

– Alguém... você está querendo dizer, como um guarda-costas? Como outro policial? – perguntou Jackie, ansiosa.

Deborah ergueu as sobrancelhas.

– Tem alguma coisa errada nisso? – ela perguntou.

Jackie hesitou, franziu os lábios, e então entrelaçou os dedos sobre a boca.

– É só que... – ela disse. – Ai, cacete, isso vai soar tão... – Ela olhou para mim e depois para Deborah. – Posso ser muito honesta com vocês?

– Espero que sim – disse Deborah, com uma expressão de ligeira descrença em seu rosto.

– É que... Como é que vou dizer – disse Jackie. Balançou a cabeça, se levantou e foi olhar pela janela. Não tinha muita coisa para ver lá fora, mas ela continuou olhando. – Minha carreira está meio... que... Acabando? Não é bem... As ofertas não estão mais aparecendo com tanta rapidez. E elas não são tão boas. – Mordeu o lábio e balançou levemente a cabeça uma vez. – Isso acontece. Para uma mulher nesse meio, tudo acaba aos trinta anos, e eu estou com trinta e três.

Jackie ergueu os olhos e forçou um sorrisinho.

– Isso é informação confidencial – ela disse, e Deborah e eu balançamos a cabeça, assentindo.

Jackie voltou a olhar pela janela.

– Seja como for – disse. – A verdade é: eu preciso que esse seriado vá em frente e que ele faça sucesso, ou então minha carreira vai estar praticamente acabada, e não tenho alternativa a não ser, talvez, me casar com um negociante de armas grego, ou algo assim. – Suspirou. – E até essas propostas estão diminuindo – admitiu.

Já era difícil demais sentir muita dor e pesar por Jackie simplesmente pelo fato de que ela não estava mais recebendo propostas de casamento de bilionários em número suficiente – e ainda mais difícil ver como isso afetava nossa atual situação.

– Sinto muito – eu disse. – Mas... ahn...?

Jackie balançou a cabeça.

– Eu sei – falou. – Tadinha de mim. – Soltou a respiração e por fim acabou se voltando rapidamente da janela. – O negócio é o seguinte. Se a rede de televisão descobrir que houve ameaças sérias à minha vida, vai ter de dizer para a companhia de seguros, e os valores do seguro para as filmagens vão aumentar tipo, *milhões* e, já que nem começamos a filmar ainda, de repente é muito mais barato se livrar de mim e escalar o papel de novo com alguém mais jovem e, provavelmente, com melhor aparência.

– Impossível – eu disse, sem pensar, e Jackie me dirigiu um sorrisinho luminoso.

– Mais barato – falou Deborah. – Você quer dizer que eles jogariam você na rua para economizar dinheiro?

– Você está brincando, certo? – perguntou Jackie. – Eles colocariam Jesus na rua para economizar cinquenta pratas.

– Merda – disse Deborah.

– Nós vamos começar as filmagens na próxima semana – disse Jackie. – Se eu conseguir, digamos, uma semana de filmagem antes que eles descubram, tudo bem para mim. – Ela inspirou profundamente e olhou com seriedade para Deborah. – Eu sei que é pedir muito. Mas... dá pra gente não dizer nada pra eles por uma semana?

Deborah deu de ombros.

– Eu não preciso falar com uma rede de televisão – ela falou. – Não devo porra nenhuma para eles.

– E o Robert? – perguntei. Afinal, ele era meu companheiro quase constante agora.

Jackie estremeceu de verdade.

– Oh, que droga – ela disse. – Se ele descobrir, vai contar para *todo mundo.* Ele faria qualquer coisa para que eu fosse demitida do seriado.

– Seria meio difícil impedir que ele descobrisse – eu falei. – Ele está comigo o dia inteiro.

– Por favor – ela disse. – É só por uns dias.

– Bom – eu falei –, vou fazer o melhor possível.

– Obrigada – disse Jackie, e Deborah pigarreou.

– Eu não preciso falar com a rede de televisão – ela falou –, e não tenho de contar para o Robert. – O rosto dela tornou a assumir a cara de tira forjada a frio, a que a impedia de demonstrar qualquer coisa, não importava o que estivesse sentindo. – Mas eu *tenho* de contar para o detetive Anderson. É o caso dele.

– O quê? Mas isso... Não! – disse Jackie.

Deborah cerrou o maxilar.

– Eu *tenho* de contar – ela disse. – Sou uma policial que fez um juramento e agora possui informações vitais relacionadas a um caso de homicídio, e Anderson é o encarregado desse caso. Se não contar para ele, perco meu emprego. E provavelmente vou para a cadeia.

– Oh – disse Jackie, dando a impressão de estar muito murcha. – Mas isso é... Quero dizer, você acha que Anderson iria, hum, não contaria para ninguém?

Deborah desviou o olhar.

– Ele vai contar – ela disse.

– Provavelmente vai pedir uma coletiva com a imprensa – eu disse.

– Merda – disse Jackie. – Merda, merda, MERDA. – Ela afundou na cadeira, dando a exata impressão de ser uma boneca de pano desamparada. – Eu não posso... Não vou pedir para você arriscar sua carreira – ela disse com uma resignação tão desesperançada e nobre que fiquei com vontade de matar alguma coisa por ela... o Anderson, por exemplo.

Mas esse pensamento feliz foi instantaneamente substituído por um daqueles maravilhosos momentos de inspiração que acontecem apenas uma vez na vida, e só para os Justos.

– Ah – eu disse, e uma parte da minha surpresa cheia de alegria claramente transpareceu em minha voz, porque Jackie ergueu o rosto, e Deborah fez uma cara feia para mim.

– O que foi? – perguntou Jackie.

– Deborah tem de contar para o Anderson – eu disse, todo feliz, e repeti isso para enfatizar. – *Anderson.*

– Eu sei a porra do nome dele – reclamou Deborah.

– E você também conhece a porra da personalidade dele – eu falei.

– Caralho, Dex, mas o que...

– Deborah, pense um pouquinho – eu falei. – Pode não doer tanto assim.

Ela me lançou um olhar duro por uns instantes mais, então soltou uma respiração malévola.

– Tudo bem, porra, eu estou pensando – ela disse, e o rosto dela assumiu a expressão de uma garoupa cheia de más intenções e com uma ligeira dor de barriga.

– Maravilha – eu falei. – Agora, imagine isso em sua cabeça: você, sargento Deborah Morgan, Defensora da Fé e Protetora da Justiça...

– Comece a falar da porra da coisa importante, tá? – ela disse.

– Você vai falar com o detetive Anderson – eu disse, paciente. – Você, uma pessoa a respeito de quem ele tem uma opinião muito elevada.

– Ele está cagando e andando pra mim – ela rosnou. – E daí?

– E é essa exatamente a questão – eu disse e deixei que a alegria se insinuasse outra vez em minha voz. – Ele realmente está cagando e andando pra você. E você leva pra ele seu arquivo sobre o caso e diz que tem uma pista muito importante... *você* diz para ele, Deborah. Não eu, ou Jackie, ou o capitão Matthews... *você* diz para ele. Com testemunhas. – Eu olhei para ela cheio de expectativas e, tenho de admitir, dei um sorriso convencido também. – O que ele vai fazer?

Deborah abriu a boca para dizer alguma coisa que parecia que ia ser extremamente ofensiva – e então o queixo dela caiu perceptivelmente, os olhos se arregalaram, e ela inspirou profundamente.

– Cacete – falou com a respiração entrecortada e me olhou com uma expressão que se aproximava do espanto. – Ele não vai fazer *nada.* Ele vai perder a porra do arquivo. Porque sou EU.

– Na mosca – eu falei, e era uma coisa que sempre tive vontade de dizer. – Ele vai ficar com medo de que você ganhe todos os créditos, então não vai fazer nada. Mas você fez *tudo* de acordo com as regras, com testemunhas. Você está livre, o segredo da Jackie está seguro, e tudo está bem no mundo.

– Isso daria mesmo certo? – perguntou Jackie.

Debs ficou estrábica, esticou o queixo e fez um gesto positivo com a cabeça.

– Até que pode dar.

– Ah, o que é isso? – eu perguntei. – Isso merece, pelo menos, um provavelmente.

– Tudo bem, provavelmente vai dar certo – ela falou.

– E se você forçasse a barra um pouquinho? – falei. – Você sabe, dizer como a pista é importante, e que ele deveria largar tudo que está fazendo para trabalhar com o que VOCÊ descobriu?

Debs bufou.

– É – ela disse. – Isso daria certo.

– Oh – disse Jackie –, isso é... Dexter, você é tão... Obrigada, obrigada mesmo, a vocês dois.

– Mas mesmo que isso dê certo – disse Debs, se voltando para uma subitamente esperançosa Jackie –, não vai manter você segura.

– Oh – disse Jackie, murchando outra vez.

– Temos de descobrir esse cara antes que ele descubra você – disse Deborah. – E, nesse meio-tempo, temos de colocar você em um lugar que ele não possa alcançar.

– Eu, hum... Dá pra eu ficar com vocês, aqui no quartel-general, durante o dia? – perguntou Jackie. – E então no hotel à noite, com a porta trancada e com corrente.

É sempre agradável se deparar com a inocência, mas, nesse caso, eu achei que deveria dizer alguma coisa.

– Hotéis não são seguros – eu falei. – É fácil demais entrar no quarto e agarrar alguém. – Eu tentei dizer isso como tivesse muita certeza, e tinha, mas sem dar muito a impressão de que soubesse que isso era verdade por experiência própria, o que eu consegui. Deve ter dado certo, porque Jackie parecia acreditar em mim.

– Bom, então, hum. – Olhou implorante para Debs. – Para onde vou?

– Você não pode ficar comigo – disse Deborah. Ela deu de ombros. – Sinto muito. Não vou colocar Nicholas em uma situação de risco. – Nicholas era o filho dela, nascido alguns meses depois de o pai ter desaparecido em um ímpeto de nobre sacrifício. Ele era um bebê muito simpático, apenas alguns meses mais novo que minha filha, Lily Anne; e Deborah o adorava.

– Eu poderia contratar um guarda-costas, mas eles são sempre tão... – Ela suspirou de novo. – Algum SEAL aposentado e musculoso, com uma pistola e cheio de pose. Se o Talibã estivesse me perseguindo, eu estaria segura. Mas isto? Quer dizer, um psicopata homicida? Eu preciso de alguém que entenda mesmo do assunto. – Ela olhava diretamente para mim enquanto dizia isso, o que, suponho, era muito justo, mas, mesmo assim, ainda um pouco perturbador. – Não apenas uma

pessoa que saiba atirar. – Ela voltou a olhar para Deborah. – É claro, é legal se eles sabem atirar também, mas... – Ela tornou a me olhar e piscou, os olhos pareciam grandes e úmidos. – Eu preciso de alguém em quem eu possa realmente *confiar.* Assim como confio em vocês dois. – Ela balançou a cabeça.

Continuou a me olhar, e se eu fosse realmente tão inteligente quanto gosto de pensar que sou, teria percebido onde aquilo iria chegar – mas, por algum motivo, não percebi.

– Dexter – ela falou –, sei que é pedir muita coisa, mas... tem algum jeito de que você possa... você sabe.

Devo ter ficado com cara de quem não sabia, porque ela caminhou na minha direção e colocou uma das mãos sobre meu braço.

– É só por uns dias – ela disse. – E eu pago o que você pedir, mas... Você faria?

Eu certamente estava pronto para concordar – teoricamente –, mas, mesmo assim, ainda não sabia o que ela estava me pedindo. Entendi que ela queria que eu ajudasse, mas eu não conseguia ver exatamente como poderia ajudá-la a encontrar um lugar seguro para ficar. Tudo em que consegui pensar foi em Jackie dormindo no meu sofá, com Cody e Astor passando por ela nas pontas dos pés para ir para a escola, e a imagem era tão inverossímil que eu nem consegui responder, a não ser para dizer:

– Hum...

– Por favor...? – ela pediu, com uma voz que era subitamente doce e um pouquinho rouca, e bem mais íntima do que um beijo. E embora ainda não soubesse o que ela estava me pedindo para fazer, eu queria desesperadamente fazê-lo.

– Bom, hum – eu falei, tentando soar muito disposto, o que pode ser difícil quando você não sabe com o que está concordando.

– Não é uma má ideia – disse Deborah, prestativa. – Eu posso ajudar você a dar um jeito nisso com Rita. – Acenou para Jackie. – E, na verdade, ele também sabe atirar – ela disse. Vasculhou a gaveta de baixo da sua mesa e tirou uma pistola Glock 9 mm em

um coldre para colocar na cintura. – Você pode usar minha arma de reserva.

Olhei para a Glock e depois para o rosto implorante de Jackie, e a luz finalmente começou a se fazer.

– Você quer dizer – eu disse. – Quer dizer, você... Isso é, isso é... – E embora em ocasiões normais Eloquência seja o segundo nome de Dexter, eu não conseguia dizer nada que fosse ao menos inteligível.

– Por favor? – repetiu Jackie, e o olhar que ela me lançou teria derretido uma estátua de mármore.

Dexter, é claro, é feito de um material mais rígido do que qualquer outro mortal, e olhares implorantes vindos de uma bela mulher nunca tinham exercido o menor poder sobre Nosso Perverso Pelejador. E era uma ideia absurda, algo estranho demais até mesmo para imaginar. Eu, um guarda-costas? Fora de questão.

E, de algum modo, quando o expediente de trabalho terminou naquela noite, e todos os bons escravos assalariados trotavam conscienciosamente rumo ao aconchego e ao lar, eu me flagrei na varanda de uma suíte no Grove Isle Hotel, bebericando um *mojito* e observando enquanto um pôr do sol espetacular incendiava o céu às nossas costas, se refletindo em tons de laranja e vermelho e cor-de-rosa na água da baía de Biscayne. Havia uma bandeja com queijos e frutas frescas na mesa ao meu lado, e a Glock era uma desconfortável protuberância na minha cintura. E eu estava repleto de espanto em relação à inevitável noção de que a Vida não tem o menor sentido, sobretudo quando as coisas haviam dado uma virada extravagante e repentina rumo ao luxo surreal e não merecido. Terror, dor e náusea eu consigo entender; mas isso? Eu conseguia apenas supor que estava entrando em uma armadilha que me levaria a algo ainda pior. Mesmo assim, o *mojito* estava muito bom, e um dos queijos tinha um sabor excelente.

Fiquei pensando se alguém chegava mesmo a se acostumar a viver desse jeito. Não parecia possível; não fomos todos destinados a suar e a sofrer e a suportar privações dolorosas enquanto mourejamos infinitamente no abjeto esgoto que é a

vida na terra? Como queijos com sabor acentuado, morangos frescos e luxo extremo se encaixavam nessa ideia?

Olhei para Jackie. Ela não tinha cara de quem jamais havia posto os pés no abjeto esgoto. Ainda tinha uma aparência viçosa, composta, e perfeitamente à vontade nesse ambiente opulento, como uma semideusa vagando pelo Olimpo. Era um contraste gritante com a cena que me havia acolhido em casa um pouquinho antes.

Eu havia deixado Jackie no quartel-general com Deborah e ido para casa para pegar uma escova de dentes e uma muda de roupas. Afinal, até mesmo guarda-costas precisam manter os bons hábitos de higiene. Fui até meu quarto e peguei uma sacola de ginástica de náilon azul. Coloquei uns pares de meias e cuecas nela – engraçado, da última vez que tinha usado a sacola, eu colocara nela fita adesiva e algumas lâminas e saíra para uma noitada de folguedos com um novo amigo: um homem encantador que engabelava moças para sair em seu barco e, de um jeito ou de outro, sempre voltava sozinho. Eu tinha o ajudado a entender que não era legal tratar os outros como brinquedos descartáveis; ensinei isso ajudando-o a se transformar em algo descartável. Tinha sido um verdadeiro prazer trabalhar com ele, uma noite imensamente agradável. Teria isso acontecido mesmo há três longos meses?

Meu sonho delicioso foi estilhaçado por um estrondo vindo da porta da frente, seguido imediatamente por um uivo nasal e penetrante, um som que só poderia ser Astor em uma profunda agitação pré-adolescente. A voz de Rita se elevou para se igualar àquilo, a porta bateu com ainda mais força, e então houve uma confusão de batidas de pés, gritos, e outra porta, mais próxima, se fechando com força.

Rita entrou no quarto com Lily Anne debaixo do braço, a sacola do bebê com as coisas da creche em um dos ombros e a própria bolsa no outro. Seu rosto estava vermelho, brilhando de suor, e as marcas de preocupação ao redor de sua boca pareciam subitamente ter se tornado permanentes. E me ocorreu que Rita não se parecia mais com a imagem dela que eu levava em minha

cabeça. Ela havia envelhecido e, por alguma razão, eu estava percebendo isso pela primeira vez.

– Oh, Dexter, você chegou cedo em casa – ela disse, empurrando Lily Anne na minha direção. – Você pode, por favor, trocá-la? Astor está completamente... Eu não sei o que fazer.

Lily Anne gorgolejou para mim, feliz, e chamou:

– Papuuu! – E eu a levei para o trocador enquanto Rita jogava as sacolas sobre a cama.

– Oh – disse Rita. Eu a olhei rapidamente; ela estava segurando minha sacola de ginástica. – Mas isto é... Quer dizer, você não...

– Notícias maravilhosas – eu falei, tirando uma fralda muito molhada de Lily Anne. – Tenho uma oportunidade de ganhar muito dinheiro, o suficiente para pagar a nova cobertura da piscina na nossa casa nova.

– Mas é... você sabe *quanto* custa? – Ela balançou a cabeça, e uma gota de suor voou de sua face e caiu na minha sacola de ginástica.

– Não tem problema – eu disse. Joguei a fralda molhada e peguei os lenços úmidos. – Eu vou ganhar esse dinheiro e muito mais.

– Fazendo o quê?

Hesitei; não apenas porque o fato de Jackie precisar de um guarda-costas era confidencial, mas também porque, repentinamente, me pareceu uma boa ideia não contar para Rita que eu ficaria isolado com uma bela estrela de cinema por muitas noites. – É confidencial – respondi. Limpei Lily Anne direitinho e peguei uma fralda limpa.

Rita ficou quieta. Eu a olhei. Ela estava franzindo as sobrancelhas, e as linhas em sua testa pareciam muito fundas. Uma mecha de cabelos mole e úmida caiu sobre as linhas.

– Bom, mas – ela disse –, quer dizer, é lícito? Porque... – Ela balançou a cabeça de novo.

– Perfeitamente lícito – eu disse. – E muito bem pago. – Coloquei as fitas adesivas na nova fralda e peguei a bebê. – Deborah disse que iria telefonar e falar com você a respeito do assunto.

– Ah, tudo bem – disse ela. – Se Deborah está... Mas não dá pra você me dizer o que é?

– Sinto muito – falei.

– É que tem tanta coisa pra fazer agora – disse Rita. – O dia da mudança está se aproximando... e Astor está completamente... – Ela largou minha sacola de ginástica e cruzou os braços no peito. – Sinceramente, Dexter...

– Eu sei – eu disse, o que era uma mentira, já que não sabia, porque ela não havia terminado frase ainda. – Mas é só por uns dias, e precisamos mesmo desse dinheiro extra.

Por um longo instante, Rita só ficou me olhando. Seu rosto parecia uma máscara de angústia cheia de incerteza, e ela parecia estar completamente sem forças. Tentei imaginar em que estaria pensando que poderia fazê-la ter a aparência de um pano de cozinha esfarrapado e úmido. Ela não me deu nenhuma dica, mas, por fim, disse:

– Bom... Nós precisamos mesmo de um dinheiro extra...

– Exato – eu disse. Devolvi Lily Anne para ela e peguei minha sacola de ginástica. – Então, vejo você daqui uns dias.

– Você me telefona? – ela perguntou.

– Mas é claro – eu assegurei, e ela se inclinou e me deu um beijo suado no rosto.

– Tudo bem – ela disse.

CAPÍTULO 9

E ENTÃO CÁ ESTAVA EU NO REGAÇO DO LUXO, LONGE DOS GRITOS E DOS guinchos e das meias sujas da minha vida doméstica normal. Provavelmente não era justo comparar, é claro, qual era a coisa boa. O hotel fazia com que mesmo minha casa nova equipada com piscina parecesse esquálida – fazia com que toda a minha vidinha parecesse um pouquinho menos brilhante e ensolarada.

Olhei para Jackie. Ela estava pegando um grande morango da bandeja e tinha uma aparência tão viçosa e perfeita quanto um ser humano pode ter. Definitivamente, não era justo compará-la com Rita.

– Os frutos do mar são muito bons aqui – disse Jackie, mordendo a ponta do morango. Ela engoliu e lambeu os lábios. – Acho que é o esperado. – Sorriu e bebeu um pouco do seu *mojito.* – Provavelmente você come frutos do mar muito bons o tempo todo.

– Na verdade, não – eu falei. – As crianças não comem.

– Crianças – ela repetiu, e me lançou um olhar estranho e divertido.

– O que foi? – perguntei.

Jackie balançou a cabeça.

– Nada. É só que... você parece tão, hum. – Ela agitou uma das mãos enquanto tomava outro gole de bebida. – Eu não sei – ela disse, colocando o copo sobre a mesa. – Tão... independente? Reservado? Quer dizer, eu não conheço você assim tão bem, e talvez esteja sendo, hum... – Ela tocou meu braço, ligeiramente, e então afastou a mão de novo. – Me diga se eu estiver sendo pessoal demais. Eu só tive essa impressão de que conheço você, sabe? E parece assim... – Pegou um pedaço de kiwi. – Como se você tivesse uma existência completa, tipo, só você. Para mim, é difícil imaginar você com filhos.

– É ainda mais difícil para mim – eu falei, e Jackie deu risada. Era um som agradável.

– Como é sua esposa? – ela perguntou.

– O quê, Rita? – disse eu. A pergunta me pegou um pouco de surpresa. – Ora, ela é, ahn. – Jackie me olhou sem piscar, e pensando nas horas de novelas diurnas a que tenho assistido com o intuito de compreender o comportamento humano, eu sabia que deveria dizer algo lisonjeiro a respeito de Rita, já que ela era, afinal de contas, minha esposa. E pensei a respeito disso, pensei quão cansada estava a aparência dela pouco antes e tentei pensar em algo agradável para dizer sobre ela, mas tudo que passou pela minha cabeça foi que eu estava acostumado com ela, que era cega para minhas inofensivas fraquezas com facas e facínoras; e isso não parecia ser o que a situação requeria. Pensei um pouco mais. Jackie continuou me olhando. O silêncio cheio de expectativa aumentou e, desesperado, eu acabei dizendo: – Ela cozinha muito bem mesmo.

Jackie inclinou a cabeça para um lado e continuou a me olhar até que comecei a pensar se havia dito alguma coisa errada.

– Isso até que é engraçado – ela acabou dizendo.

– O quê?

Um sorrisinho brilhou no rosto dela e depois sumiu.

– Se você pergunta para a maioria dos caras a respeito da esposa deles, a primeira coisa que eles dizem é, ah, ela é muito bonita mesmo, maravilhosa. Algo desse tipo. E você fica pensando nisso um tempão e tudo que consegue dizer é que ela cozinha muito bem?

Eu fiquei com vontade de dizer para ela que, afinal de contas, eu tinha minhas prioridades e, no que me dizia respeito, Rita poderia ter a cara do Shrek desde que fizesse *paella* de mangas do jeito que ela fazia. Entretanto, essa não parecia ser a melhor observação para se fazer, e eu não sabia direito qual era a correta, então gaguejei:

– Ora, mas você sabe. Quer dizer, ela é bonita.

– Ela tem de ser – disse Jackie, pegando o copo de novo. – Casada com um bonitão como você.

A conversação entre seres humanos é algo que eu tenho estudado diligentemente, já que ela não faz o menor sentido para mim, a não ser que siga a confortável trilha dos clichês, o que

acontece em 99% das vezes. Então, para poder me encaixar, eu aprendi as fórmulas da conversinha vazia e preciso segui-las, ou então fico perdido em uma selva de sentimentos e de impulsos e de noções de que não compartilho. Eu sou cego para as nuanças. Mas teria de ser surdo – e burro também – para não perceber que Jackie estava me fazendo um elogio. Tentei encontrar uma resposta apropriada, mas apenas consegui dizer:

– Ora, obrigado –, o que soou medíocre demais, até mesmo para mim.

Jackie segurou o copo com as duas mãos e olhou além da baía de Biscayne.

– Às vezes, eu me pego pensando – ela disse. – Você sabe. Assim como... Talvez eu devesse ter encontrado um cara decente como você e me estabelecido. Ter uma vida de verdade. – Ela ficou imóvel, só segurando o copo e olhando fixamente o horizonte, e eu a observei. Admito que eu estava surpreso ao ouvir o que soava como um pesar cheio de desejo na voz dela; afinal, ela era bonita, rica e famosa, uma estrela, e mesmo o observador mais equilibrado teria de dizer que ela tinha praticamente tudo que alguém poderia desejar.

E, para seu grande crédito, Jackie demonstrou ser bastante equilibrada ela própria, porque soltou uma risadinha e balançou o copo. Ele tiniu; estava vazio, a não ser pelo gelo.

– Eu sei – ela falou. – Não é muito convincente, nem mesmo para mim. Além do mais, eu já encontrei um monte de caras decentes e nenhum deles me fez ter vontade de desistir disto tudo. – Ela fez uma cara de arrependimento e colocou o copo na mesa. – E uma porção de caras não tão decentes também. Mas a verdade mesmo é que eu não trocaria minha vida por nada.

– Nem mesmo por um negociante de armas grego? – perguntei.

– Nem mesmo por dois – ela me disse, com um sorriso convencido. – E, de qualquer modo, esses caras são terrivelmente possessivos, então eu seria *propriedade* dele, sabe. Acho que eles têm de agir desse jeito, mas... – Ela deu de ombros. – Isso não funciona comigo.

Ela me olhou e eu devolvi o olhar, e o momento pareceu ir além do que seria confortável, mas não conseguia pensar em nada adequado para dizer, e, já que ela não parecia estar se sentindo incomodada com o silêncio, resolvi que também não me sentiria. Por trás de nós, o sol estava começando a sumir na linha do horizonte, e a água à nossa frente tinha aquela tonalidade dourada que apresenta ao anoitecer, ela se refletia no rosto de Jackie e, eu suponho, no meu também. Finalmente, os cantinhos da boca de Jackie se ergueram em um sorriso, e disse:

– Tudo bem. Provavelmente é hora de pensar em jantar. Você está com fome?

Eu poderia ter dito que é claro que estava com fome; o maquinismo poderoso que é o corpo de Dexter funciona o tempo todo em uma rotação muito alta e requer combustível regularmente. Mas me decidi por um educado:

– Para ser sincero, um pouquinho.

Jackie fez um gesto com a cabeça, subitamente com a aparência muito séria.

– Certo. Tem algum lugar muito bom mesmo aqui por perto? A rede de televisão está pagando, então não seja pão-duro.

Para ser honesto, meu gosto quanto a comida tende a ser mais robusto do que refinado, mas, de qualquer modo, havia outras considerações no momento que eram mais importantes do que o que poderia estar no menu.

– Hum – eu disse. – Que tal o serviço de quarto?

Jackie ergueu uma sobrancelha para mim, começou a dizer alguma coisa e então pareceu se dar conta da situação.

– Ah – ela disse. – Você quer dizer por causa... – Franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça. – Você acha que pode ser perigoso sair – falou.

– Sim – eu disse. – Está escurecendo, e devo supor que, a esta altura, ele já descobriu onde você está.

– Ah – ela repetiu e pareceu murchar um pouquinho, soltando o corpo na cadeira e deixando o queixo afundar no peito. – Eu estou sempre me esquecendo – ela disse. – Estava só aproveitando... – Suspirou profundamente, o que pareceu uma reação estranha, a não ser que estivesse mesmo querendo um

jantar sofisticado e extremamente caro. – Seja como for, o serviço de quarto é bom. Já que você está... – ela agitou uma das mãos com um gesto vago – cuidando da minha segurança.

– É por isso que estou aqui – falei.

Ela me olhou por um momento longo demais.

– Vou tentar me lembrar disso.

E antes que eu conseguisse descobrir o que aquilo significava, ouvi um som como se alguém estivesse arranhando a porta da suíte.

– É... – Jackie começou a dizer, mas eu ergui uma das mãos e a interrompi, ouvindo atentamente por um segundo. Não havia dúvidas, alguém estava tentando abrir a porta e entrar.

Nós ainda não tínhamos pedido nada, e como Jackie estava hospedada aqui há quase uma semana, eu não achava que a direção do hotel estivesse mandando uma cesta de frutas. Isso abria espaço para uma possibilidade óbvia e desagradável.

Eu me levantei cautelosamente e tirei a Glock do coldre.

– Dexter – disse Jackie –, eu acho que é...

– Você se tranque no banheiro – eu disse. – Pegue seu celular, por via das dúvidas.

– Mas eu só...

– Rápido! – ordenei, minha voz como um sibilo, e me movi rápida e silenciosamente para a porta, verificando se a pistola estava destravada e segurando-a na posição de prontidão, exatamente do jeito como Harry, meu pai adotivo, havia me ensinado há tanto tempo. Eu não gosto de armas. São barulhentas e, realmente, deixam muito pouco espaço para uma verdadeira expressão artística. Mas são eficientes, e Harry tinha me ensinado a usá-las apenas como um veterano de guerra e policial de carreira poderia ensinar, e com uma arma tão boa quanto esta eu seria capaz de abrir buracos em coisas a uma distância muito boa mesmo.

Entretanto, nesse caso eu esperava não precisar atirar. Então, apressei-me até o lado da porta, mantendo a mim e a minha Glock em prontidão.

Quando me aproximei da porta, ela começou a se abrir lentamente, quase timidamente; quem quer que fosse estava

sendo muito cuidadoso para não deixar ninguém saber que estava entrando. Infelizmente, para essa pessoa, eu já havia sido alertado. Com minha mão esquerda, segurei a beirada da porta é a abri com um puxão. Rapidamente, dei um passo adiante, agarrei o braço que segurava a maçaneta da porta e o puxei com força, e enquanto uma cabeça com cabelos castanhos e curtos enfiava o braço para dentro do quarto, eu deslizei para trás e pressionei o cano da Glock bem em sua orelha direita.

Um amontoado de papéis, chaves, celular e um copo do Starbucks caíram no chão e, quando tudo caiu, ouvi um ligeiro gemido de terror, e olhei para quem eu estava mantendo sob a mira da pistola.

Era uma mulher atarracada, com aparência comum, de uns trinta e tantos anos, usando óculos imensos no estilo do Elton John e um vestido leve de verão, de jeito nenhum como eu havia imaginado que nosso assassino seria. Ela tremia descontrolada.

– Por favor – ela disse com voz rouca –, por favor, não me mate.

Senti um cheiro desagradável e olhei para baixo na direção dos meus pés. O café estava escorrendo do copo, e uma poça de urina ao redor dos pés da mulher estava se expandindo para alcançar o café – e se esparramando agora na direção dos meus sapatos também, um belo par de tênis New Balance, praticamente novos.

– Por favor – a mulher sussurrou e tremia tanto que eu mal conseguia manter a pistola na orelha dela.

– Ahã – disse Jackie, e eu olhei em sua direção. Ela estava a cerca de três metros de nós, nos olhando com uma expressão de verdadeira preocupação. – Foi muito impressionante. Quer dizer, é bom ver que você realmente sabe o que está fazendo, mas... – Ela mordeu o lábio. – Eu, hum, eu tentei dizer – ela falou e acenou na direção da mulher que eu havia capturado. – Hum... – ela disse com um tipo de sorriso espantado. Jackie deu um sorriso amarelo e embaraçado e fez um gesto com a mão na direção da minha prisioneira. – Permita-me que eu apresente minha assistente, Kathy?

Eu olhei a mulher que estava segurando. Ela ainda tremia e me olhou com olhos arregalados e aterrorizados.

– É um prazer conhecê-la – eu disse.

CAPÍTULO 10

SE VOCÊ É JACKIE FORREST E ESTÁ HOSPEDADA NO GROVE ISLE HOTEL, você não tem o mesmo tipo de serviço de quarto com o qual as pessoas normais têm de se virar, até mesmo pessoas normais muito ricas. Já estive hospedado em alguns bons hotéis, mas sempre leva entre uma hora e três dias para a gente receber uma resposta ao solicitar o serviço. E quando a ajuda aparece, é normalmente um homem grosseiro com um problema sério nas costas, que somente fala urdu e se recusa a compreender a mais simples das solicitações, a não ser que ele veja notas de dólares de um valor muito alto.

Mas, para Jackie, o hotel havia, aparentemente, contratado um time de velocistas olímpicos com uma necessidade patológica de ser agradável. Trinta segundos depois de Jackie ter telefonado pedindo um serviço de limpeza, apareceu um trio de moças, ansiosas e sorridentes. Elas usavam crachás do hotel que traziam os nomes NADIA, MARIA e AMILA, e caíram sobre a poça como se estivessem morrendo de fome e aquilo fosse maná em vez de urina, enquanto a Pobre da Kathy ainda estava cambaleando para se afastar da porta e desabando em uma cadeira.

Uma das camareiras, Amila, era um tipo estranhamente familiar, e eu fiquei olhando-a por mais tempo do que alguém deve ficar olhando uma camareira de hotel que está limpando urina. Ela ergueu os olhos e sorriu para mim, e então balançou a cabeça, seu cabelo dourado oscilando de um lado para o outro.

– Eu cortei meu cabelo como Chackie – ela disse, tímida, com um sotaque muito forte de algum país do Leste Europeu. – Estrela muito importante, certo? – Ela olhou rapidamente para a cadeira em que Jackie estava acalmando os nervos da Kathy.

E, com certeza, era verdade. Amila havia mandado cortar o cabelo exatamente como Jackie, o que explicava por que ela parecia familiar.

– É muito bonito – eu falei, e Amila ficou vermelha e voltou sua atenção para o esfregão.

Ela e suas companheiras de trabalho haviam limpado nosso pequeno incidente em questão de minutos. Colocaram o copo do Starbucks, as chaves e o celular em uma mesa de canto e desapareceram, ainda sorrindo, e não deixando para trás mais do que um agradável aroma de limão, antes que Kathy conseguisse dizer “oh, Deus” mais de duas vezes. Amila parou rapidamente à porta e olhou avidamente para Jackie. Tocou seus cabelos, suspirou e desapareceu no *hall.*

Kathy disse “oh, Deus” mais umas vinte ou trinta vezes enquanto Jackie falava com ela em voz baixa em uma tentativa de acalmar seus nervos esfrangalhados. Tenho certeza de que é muito perturbador ter uma pistola pressionada contra sua orelha, mesmo uma arma tão legal quanto a Glock, mas, depois de uns cinco ou seis minutos de uma monótona miséria monos- silábica, eu comecei a pensar se a Kathy não estaria exagerando um pouco. Eu não tinha chegado a atirar nela; não tinha feito nada além de agarrá-la e de apontar a pistola. Mas, do jeito que estava fazendo, qualquer um ia pensar que eu havia arrancado o fígado dela e oferecido um pedacinho.

Entretanto, ela finalmente se acalmou o suficiente para deixar de dizer “oh, Deus” – e no mesmo instante passou a ficar me encarando falando:

– Seu filho da mãe. Seu horrível filho da mãe. Oh, seu filho da mãe.

Jackie me deu uma olhada rápida, para ver se eu me importava com linguagem de baixo calão e, quando dei de ombros, ela me lançou um sorriso rápido e voltou a acalmar Kathy.

– Dexter está aqui para me proteger, Kathy – ela disse. – Sinto muito, foi minha culpa, eu deveria ter dito para ele que você estava chegando.

– Oh, Deus, esse filho da mãe – disse Kathy, combinando de modo inteligente suas duas cantilenas irritantes.

– É minha culpa – disse Jackie. – Me desculpe.

– Meu celular! – disse Kathy, com voz estrangulada e pulou da cadeira.

– Meu Deus, se você estragou meu celular...!

– Tenho certeza de que está tudo bem – disse Jackie.

Kathy foi voando até a mesa de canto, onde Amila havia colocado suas coisas.

– Todos os seus compromissos! A lista de contatos... Tudo! – Ela agarrou o celular e Jackie seguiu-a e pegou-a pelo braço, trazendo-a de volta para a cadeira. Mas Kathy se recusou a se sentar até ter certeza de que o celular não fora danificado ao ter sido exposto à sua urina.

– Funciona – finalmente ela disse. – Oh, graças a Deus, ele ainda está funcionando. – E me lançou um olhar ainda mais severo, como se fosse eu que tivesse urinado nele. – Filho da mãe.

– Tudo bem, Kathy, nós estamos todos bem agora, está tudo bem – murmurou Jackie.

Vários outros minutos se passaram até que Kathy se acalmasse o suficiente para retomar um comportamento humano normal. Passei o tempo recolocando minha Glock no coldre, fechando a porta e me sentando em uma cadeira no lado oposto ao de Kathy e sua entediante crise de nervos. Mas até mesmo as coisas mais irritantes devem ter um fim, e Kathy acabou lembrando que ela era, afinal de contas, uma empregada – e uma que havia molhado as calças na frente da patroa, além de tudo. Ficou em pé e começou a balbuciar desculpas para Jackie, alternando-as com olhares venenosos para mim. Arrumou a pilha de papéis que havia trazido, relembrou Jackie a respeito de algumas entrevistas por telefone na manhã seguinte, e por fim saiu tropeçando pela porta, indo embora com um último olhar furioso para mim.

Fechei a porta quando ela saiu e me voltei para ver que Jackie estava me observando com um tipo de cautela divertida.

– O que foi?

Ela balançou a cabeça.

– Nada – ela disse. – É só que... sinto muito por tudo que aconteceu. Pobre da Kathy, ela é realmente dedicada a mim. E

muito competente no que faz.

– Ela deve ser – eu falei. – Se você permite que ela faça xixi no seu chão.

Jackie soltou uma risadinha que era tão contagiosa quanto surpreendente, e percebi que eu estava sorrindo como resposta.

– Ela fez mesmo, não fez? – disse Jackie.

– Se ela não fez – falei –, o café do Starbucks está indo de mal a pior.

Jackie soltou outra risadinha e ia se sentando na cadeira onde Kathy estivera sentada, mas interrompeu o gesto no meio e se endireitou com um movimento brusco.

– Oh! – ela disse. – Isso é, hum... Acho que vou preferir uma cadeira com um assento seco.

– Boa ideia – eu disse e fiquei olhando Jackie ir até uma ponta do sofá, onde se sentou e ficou relaxada em um abandono contente.

Ela suspirou e deu uma olhada no monte de papéis que Kathy havia empilhado no canto da mesa. Imediatamente, ficou tensa; seus ombros se ergueram um pouco e o sorrisinho desapareceu de seu rosto.

– As cartas – disse ela.

Pode ter sido a tensão de ter sido chamado de filho da mãe tantas vezes, mas não entendi o que ela estava querendo dizer.

– Quais cartas? – perguntei.

Jackie acenou na direção dos papéis.

– Dele – ela falou. – Do maluco. Kathy as trouxe pra você.

– Ah – eu disse. Era muita consideração da parte dela, embora eu realmente não as quisesse.

Jackie continuou a olhar o monte de papéis com uma expressão a meio caminho entre o ódio e a ansiedade.

Quando nada mais aconteceu por um longo minuto, eu pigarreei, educado.

– Bem – falei –, nós podemos pedir o jantar?

Jackie me olhou com uma expressão que não consegui entender, por um momento longo demais, antes de finalmente dizer:

– Tudo bem.

O jantar foi uma ocasião um tanto sombria. O espírito de camaradagem e de falta de compromisso da hora dos drinques havia desaparecido, e Jackie passou a maior parte da refeição encarando seu prato, mexendo na comida sem chegar a comer muita coisa. Aquilo era uma pena, porque era realmente muito boa. Eu havia pedido *tournedos;* eu sempre tinha imaginado o que seria um *tournedos,* e quando vi o prato no menu resolvi que não havia ocasião como a atual para descobrir. Sabia que era um tipo de carne de vaca, então parecia uma aposta com pouco risco, e acabei descobrindo que eram dois pedaços de carne muito saborosa, cozidos em um molho de vinho e manga. Eu tinha quase certeza de que a manga não fazia parte da receita original – afinal, como é que se diz "manga" em francês? –, mas era um toque extra muito agradável, e eu não tive a menor dificuldade para comer tudo, incluindo uma montanha de purê de batatas com alho e uma porção de brócolis, cozidos à perfeição.

Jackie havia pedido caranguejos; pelo menos, o prato lhe havia sido trazido. Abriu uma das patas e deu umas cutucadas nela por uns instantes, antes de pegar um bocadinho, sem nem ao menos mergulhá-lo na manteiga derretida. Também comeu um pouquinho de aspargos grelhados e meia colher de arroz selvagem. De modo geral, entretanto, ficou perfeitamente claro que ela estava tendo problemas com a ideia de comer. Por alguns momentos, fiquei pensando se ela me acharia rude se eu me oferecesse para terminar a refeição no lugar dela – afinal, caranguejo não cresce em árvores. Mas, depois de uma reflexão ponderada, decidi que não era a melhor opção.

Essa foi a última ocasião para uma reflexão ponderada de qualquer tipo aquela noite, já que Jackie havia pedido uma garrafa de vinho para cada um de nós – tinto para acompanhar meus *tournedos,* e branco para acompanhar seu caranguejo. A timidez que exibiu em relação à comida sólida não se estendeu ao vinho, e ela já havia tomado uns três quartos da garrafa quando afastou o prato. Somando com o *mojito* que havia bebido antes, isso deveria tê-la deixado muito tonta, mas os movimentos dela pareciam perfeitamente normais, e sua fala não ficou enrolada, apesar de ter falado pouco. Durante a primeira parte da

refeição, eu realmente não percebi como ela estava quieta, já que toda minha atenção estava concentrada no prato. Mas, quando os felizes sons de mastigação começaram a diminuir, tomei consciência de que nenhuma conversa surgiu para ocupar o lugar deles e observei enquanto Jackie ficava curvada sobre seu prato em um silêncio taciturno e brincava com sua comida sem comê-la.

E nem mesmo a excelente sobremesa melhorou o estado de espírito dela. Eu havia pedido algo chamado Bolo de Lava Decadente, que era muito bom, embora a decadência tivesse escapado à minha observação. Jackie havia pedido um tipo de *crème brûlée,* mas, uma vez mais, ela não o comeu. Pegou um pedacinho da crosta caramelizada do topo e a mastigou ruidosamente, nada mais. Eu comecei a pensar se ela tomava injeções de vitamina em segredo; ela certamente não comia o suficiente para manter uma vida humana.

Os garçons vieram e limparam os infelizes restos da nossa refeição. Fechei a porta quando eles saíram. Jackie ainda estava sentada à mesa em um tipo de moleza introspectiva. Fiquei pensando quanto tempo isso duraria. Fiquei pensando também se eu deveria fazer alguma coisa para ajudá-la a sair daquele estado. Se o fizesse, meu estudo de dramas televisivos diurnos me dava duas opções claras: ou o alívio terapêutico fazendo com que ela falasse a respeito do assunto ou uma conversinha alegre para mudar de assunto. Mas era impossível dizer qual das duas opções era a correta e, de qualquer modo, eu não tinha certeza se aquilo fazia mesmo parte do meu serviço.

E falando sério: qual era mesmo meu verdadeiro papel ali? No começo da noite, tínhamos conversado como dois bons amigos, mas eu não era um amigo – ela provavelmente estava apenas me deixando à vontade. Afinal, ela era uma pessoa rica e famosa – uma estrela, na verdade e eu não era nada mais que um modesto e despretensioso perito forense CDF com um *hobby* interessante. Tanto quanto eu soubesse, aquela era uma situação que nem mesmo Emily Post[7] havia abordado, e eu não sabia como proceder. Deveria manter as coisas em um nível formal e profissional, porque eu era um consultor técnico que

virara guarda-costas? Ou era agora um empregado – e, como tal, deveria seguir o exemplo de Kathy e fazer xixi no chão? Depois de um *mojito* e de quase uma garrafa de vinho, essa alternativa estava começando a parecer atraente, mas certamente ela iria conduzir o tom da noite em uma direção incerta; por isso, eu me decidi contra ela.

Então, fiquei ali, incerto, observando Jackie encarar o espaço vazio e sem vida, durante o que pareceu ser uma eternidade. Mas, finalmente, a cabeça dela se ergueu e seus olhos encontraram os meus.

– O que foi? – perguntou.

– Nada – respondi. – Eu só não sabia, hum... – E percebi que eu nem mesmo sabia o que não sabia; então vacilei em um silêncio embaraçoso. Jackie sorriu só com o canto direito da boca, um tipo de compreensão pesarosa.

– É, eu sei – ela disse. – Sinto muito. – Balançou a cabeça. – Acho que não fui uma companhia muito agradável para o jantar.

– Ah, bem – eu disse. – Não tem problema. Quer dizer, o jantar estava ótimo.

Ela sorriu de novo, usando os dois lados da boca dessa vez, embora ainda não parecesse completamente feliz.

– Certo – ela disse. – Fico feliz por você ter gostado. – Ela se levantou e caminhou até a porta de correr que conduzia à varanda, e por uns instantes só ficou lá parada, olhando para fora. Eu estava com medo de que voltássemos àquele silêncio melancólico e comecei a desejar ter trazido um bom livro. Mas, aparentemente, ela viu alguma coisa na baía que a fez ter uma reação; subitamente, ela se voltou e, com um entusiasmo que era claramente forçado, disse:

– Muito bem! É cedo demais para ir dormir. Então, o que podemos fazer?

Aquilo me pegou de surpresa, e pisquei como um idiota.

– Hum – falei. – Eu não sei. – Dei uma olhada ao redor do quarto para encontrar uma dica que não estava lá. – Não estou vendo nenhum jogo de tabuleiro.

– Droga – disse Jackie. – Bem que eu gostaria de uma partida de Banco Imobiliário. – Ela cruzou os braços sobre o peito e

inclinou a cabeça para um lado. – Então, o que você faria se estivesse em casa? Com sua esposa e as crianças?

– Ah, provavelmente eu iria assistir televisão – eu disse.

Jackie fez uma careta e disse:

– Eca. – Eu devo ter feito uma cara de surpresa, porque ela deu risada.

– Eu sei. Mas só o fato de fazer seriados de televisão não quer dizer que eu tenha de gostar deles.

– Não? – eu perguntei, e aquilo era bem difícil de imaginar. Quer dizer, eu gosto do meu trabalho, dos dois, na verdade. Por que outra razão eu os faria?

– Não – confirmou Jackie. – Eu acho, tem umas coisas boas de vez em quando. Mas, na maior parte do tempo, eu prefiro ficar olhando a parede. Na verdade, não consigo ver a diferença entre os dois. – Ela deu de ombros.

– É o serviço. Você faz um monte de porcaria, até chegar a uma posição em que tenha a chance de fazer alguma coisa que valha a pena. Mas aí você alcançou a reputação de ser alguém que é muito bom para fazer porcaria, e as coisas boas não acompanham a porcaria, e o dinheiro é bom demais para ser recusado... Ahn – ela disse, estendendo os braços como quem diz “mas que inferno”. – É uma vida boa. Não estou reclamando. – Fez uma careta e houve um silêncio por uns momentos, e então ela deu uma sacudida no corpo e continuou: – Ei, olhe só para mim. Caindo na depressão de novo. – Ela bateu as mãos uma contra a outra. – Foda-se. Que tal uma saideira? – E, sem esperar resposta, ela foi rapidamente para o seu quarto.

Fiquei parado, incerto, por um momento, imaginando se deveria segui-la. Mas, antes que eu pudesse decidir, ela voltou segurando uma garrafa.

– Pegue dois copos – ela disse, indicando o aparador. – Você sabe, para bebidas.

Eu segui o gesto com que ela indicou a grande bandeja de prata que estava na mesa, sob um espelho. Continha um balde de gelo de prata com pegadores também de prata, quatro taças de vinho e quatro copos. Peguei dois deles e me juntei a Jackie no sofá. Ela colocou a garrafa sobre a mesa de centro,

reverentemente, e eu a olhei ao me sentar. Era uma bela garrafa, com uma grande tampa de madeira e uma palmeira gravada na frente, e estava cheia de um líquido marrom.

– O que é isso? – perguntei educadamente, e Jackie sorriu.

– Panamonte – respondeu. – O melhor rum escuro que eu já bebi.

– Oh – eu disse. – Devo pegar um pouco de gelo?

Jackie me lançou um olhar de falso terror.

– Oh, meu Deus, não – ela disse. – Colocar gelo nele é um crime hediondo.

– Sinto muito – eu falei. – Não entendo muito de rum. A não ser daquele tipo que você mistura com Coca-Cola.

Jackie abanou a cabeça vigorosamente.

– Este não é – ela disse. – Misturar isto com qualquer coisa é como colocar um bigode na Mona Lisa. – Ela tirou a rolha da garrafa e despejou um pouquinho de rum em cada copo. – Experimente – ela mandou. Pegou os dois copos, me dando um e erguendo o outro na altura do rosto. – *Sláinte*[8] – ela disse.

– *Salud* – eu disse.

Bebi. Não era nada do que eu esperava. Nunca fui um verdadeiro Bebedor, mas há ocasiões em que a Convenção Social exige que você beba, e então tenho feito isso de vez em quando, e normalmente não aprecio. E já descobri que a maior parte das bebidas marrons que são servidas parece defumada, com um gosto acentuado que não aprecio, não importa quanto alguém insista que ele é muito raro e o melhor de todos, e nunca fui um fã muito grande dessas coisas. Mas esse rum não se parecia com nada que eu já tivesse bebido. Ele era doce, mas não enjoativo; escuro e denso e penetrante, e provavelmente a coisa mais suave que eu já havia provado.

– Caramba – eu disse. Parecia que era a única coisa apropriada a dizer.

Jackie bebeu um pouco e confirmou com um gesto de cabeça.

– É –, ela concordou, e por vários minutos nós só ficamos sentados e bebendo.

O rum pareceu afastar o aspecto sombrio das coisas para Jackie. Ela ficava visivelmente mais relaxada à medida que o

nível de bebida em seu copo diminuía. Para minha surpresa, eu também. Acho que era algo natural; como eu disse, não costumo beber, e já tinha tomado um *mojito* e várias taças de vinho. Eu provavelmente deveria ter me preocupado com o fato de o álcool poder me deixar tonto demais para ser eficaz como guarda-costas. Mas eu não me sentia bêbado, e teria sido uma pena desperdiçar a experiência de ficar sentado em um sofá e beber um rum escuro raro com uma celebridade. Então, não me preocupei; eu me sentei, aproveitei e bebi o rum lentamente, saboreando cada gole.

Jackie terminou o dela primeiro e pegou a garrafa.

– Mais? – ela perguntou, estendendo-a para mim.

– Provavelmente eu não deveria – eu disse. Ela deu de ombros e colocou outra dose em seu copo. – Mas ele é muito bom. Vou ter de arrumar uma garrafa.

Deu risada.

– Boa sorte – ela disse. – Você não vai encontrar na loja da esquina.

– Ah – eu disse. – Onde você compra?

– Não compro – ela respondeu. – Foi um presente. – Ergueu o copo em um meio brinde e bebeu. Deixou a bebida ficar na boca por uns instantes e então abaixou o copo. – Aquelas cartas – ela disse, brusca. – Elas estão me dando um puta medo.

– Sinto muito – eu disse.

– Tipo, por quê? – ela falou, encurvada e encarando o copo. – O que eu fiz para que ele me odiasse?

– Ele não odeia você – eu disse.

Jackie ergueu os olhos e disse:

– Ele está tentando me matar.

– Isso não é ódio – eu falei. – Para falar a verdade, do jeito dele, ele te ama.

– Caralho – disse e tornou a olhar o copo. – Acho que da próxima vez vou preferir lidar com ódio. – Ela pegou o copo e bebeu um gole, e então voltou os olhos para mim. – Como é que você entende esse maluco desgraçado tão bem?

Suponho que fosse uma pergunta justa, mas também era embaraçosa. Se lhe dissesse a verdade – eu o entendia por

também ser um maluco desgraçado –, isso iria prejudicar seriamente nosso relacionamento, o que teria sido uma pena. Então, dei de ombros e disse:

– Ah, você sabe. – Bebi um golinho do rum. – É como você estava dizendo antes. É um tipo de representação.

– Aham – ela disse. Não parecia muito convencida e não desviou o olhar de mim. – O que acontece é o seguinte, para atuar, você encontra uma parte da personagem dentro de você mesmo. Você a expande, você a modela um pouco, mas ela tem de estar *ali,* ou você não consegue fazer o papel. – Ela bebeu um golinho, ainda me olhando por sobre a borda do copo. – Então, o que você está mesmo dizendo é que tem algo dentro de *você...* – virou o copo para mim – ... que é igual ao louco desse cretino.
– Ergueu uma das sobrancelhas para mim. – Então? Tem? – Ela bebeu. – Você tem um assassino aí dentro de você, Dexter?

Eu a olhei assombrado, e bem nas profundezas do Calabouço de Dexter dava para eu sentir o Passageiro se contorcendo, desconfortável. Passei a minha vida entre policiais, pessoas que ocupavam cada hora de serviço caçando predadores como eu. Trabalhei entre eles por anos, por toda a minha vida profissional, e nenhum deles havia tido a mais ligeira suspeita em relação ao caráter branco como a neve de Dexter. Só um deles, para ser exato – o Dileto Sargento Doakes – havia chegado a suspeitar que eu era o que era. E, no entanto, cá estava Jackie – uma *atriz de televisão,* para completar! – me perguntando à queima-roupa se havia um Outro Maldoso dentro de mim, por trás do cuidadosamente elaborado sorriso de Dexter.

Eu estava impressionado demais para falar, e nenhuma quantidade de bebida poderia preencher o silêncio crescente e horrivelmente embaraçoso enquanto eu procurava alguma coisa para dizer. A não ser admitir que ela tinha razão, ou negar tudo e chamar um advogado, nada me ocorreu.

– O gato comeu sua língua? – ela perguntou.

– Ah – eu disse. – É só, só... é mais como “o rum comeu minha língua”.
– Eu ergui o copo. – Não estou acostumado com este tipo de coisa – eu falei, a desculpa soando muito esfarrapada até mesmo

para mim.

– Hm-hum – disse Jackie. – Mas você também não respondeu à minha pergunta.

Era insistente demais para alguém que deveria ser um peso-leve mental, e comecei a pensar se havia agido rápido demais ao decidir que gostava dela. Ela claramente não ia aceitar quaisquer evasivas cautelosamente elaboradas, e isso deixava Dexter, por assim dizer, meio encurralado. Contudo, sou celebrado por minha rapidez conversacional, e raramente fico perdido. Nesse caso, decidi que a melhor defesa seria realmente uma ataque completo da cavalaria, então coloquei meu copo na mesa e me voltei para ela.

– Feche os olhos – ordenei.

Jackie piscou.

– Como é que é?

– Exercício de atuação. Feche os olhos.

– Hum... certo. – Ela colocou o copo na mesa, se acomodou no sofá e fechou os olhos. – Tudo bem.

– Agora – eu disse é noite. Você está sozinha, em um escuro beco sem saída.

Ela inspirou profundamente, controlada.

– Certo...

– Tem alguém atrás de você – eu disse. – Ele está se aproximando, mais e mais...

– Oh – ela disse baixinho, e diversas emoções passaram rapidamente pelo seu rosto.

– Você se vira – eu disse. – E é *ele.*

Jackie soltou a respiração com força.

– Ele está segurando uma faca e sorrindo para você. É um sorriso terrível. E ele fala. – Eu me inclinei, me aproximando dela e sussurrei: – Oi, puta.

Jackie teve um sobressalto.

– Mas você tem uma arma – eu disse.

A mão dela se ergueu e ela puxou um gatilho imaginário.

– Pum –, ela disse, e os olhos dela se abriram rapidamente.

– É desse jeito? – eu perguntei.

– Exatamente assim.

– Você o matou? – eu perguntei.

– Putz, sim. Espero que sim.

– Como você se sente?

Ela inspirou profundamente uma vez mais, e então desabafou.

– Aliviada.

Eu balancei a cabeça, assentindo.

– Q. E. D. – eu disse. Ela me olhou sem entender. – Acho que é latim. Significa que acabei de provar.

– Provar o quê?

– Que há um assassino em todo mundo – eu disse.

Ela me olhou durante um longo momento. Então, pegou o copo e bebeu um gole.

– Talvez – ela disse. – Mas você parece muito à vontade com o que existe em você.

E eu estava, é claro. Contudo, não estava nem um pouco à vontade com o fato de ela ter adivinhado isso, então, fiquei aliviado por o assunto aparentemente ter se encerrado por enquanto, quando Jackie colocou o copo vazio na mesa e se levantou.

– Hora de dormir – ela disse. Espreguiçou-se e bocejou, parecendo um tipo de gato dourado. Ela me olhou e ergueu uma sobrancelha. – Onde os cães de guarda dormem? Aos pés da cama?

– Vou dormir no sofá – eu disse. – Desse jeito, posso vigiar a porta e a varanda.

– A varanda? – ela perguntou, piscando sem entender.

– Qualquer um pode entrar vindo do teto – eu disse. – Tudo de que você precisa é de uns seis metros de corda de náilon e de uma chave de fenda.

Jackie aparentava estar um pouco aturdida.

– Você quer dizer que ele seria capaz... para que serve a chave de fenda?

– Eu não sei se ele seria capaz – eu disse. – Eu sei que ele conseguiria. Qualquer um conseguiria; é só pular do teto, com a corda. A chave de fenda é para forçar e abrir a porta de correr de vidro. Uma criança de dez anos faria isso.

– Cacete – ela disse. Encarou-me, mas não estava me vendo de verdade. – Odeio essa merda toda – disse e então estremeceu ligeiramente, me olhou por um momento e repetiu: – *Odeio* isso... – Ela ficou imóvel, me olhando, inspirando e expirando, esperando por algum sinal que eu não sabia dar, e então ela finalmente balançou a cabeça, se virou e foi lentamente para a cama.

CAPÍTULO 11

EU ADORMECI RÁPIDA E COMPLETAMENTE, QUANDO ABRI OS OLHOS parecia que o tempo não havia passado, mas o primeiro clarão alaranjado de luz estava forçando o caminho através da porta da varanda; portanto, ou estava amanhecendo ou um disco-voador estava pousando sobre a *chaise longue.*

Pisquei e decidi que, com toda a probabilidade, estava amanhecendo. Os discos-voadores não ousariam aterrissar em Miami – alguém iria cortá-los em pedaços e rebocá-los para vender no ferro-velho. Comecei a me espreguiçar e a me sentar, mas fiquei paralisado na metade do movimento ao perceber que havia um estranho som semelhante a um zumbido vindo do quarto de Jackie. Ele não me parecia particularmente sinistro, mas eu não tinha a menor ideia do que poderia ser. Na qualidade de guarda-costas, parecia meu dever investigar, então, eu me levantei silenciosamente, peguei a Glock da mesa de canto ao meu lado e caminhei na ponta dos pés até a porta de Jackie. Girei a maçaneta silenciosamente, abri a porta e dei uma olhada.

Jackie estava sentada em uma bicicleta ergométrica, pedalando vigorosamente, e uma ligeira umidade devida ao suor Já cobria sua face. Quer dizer, em um ser humano qualquer, teria sido suor; nela, era resplandecência. Ela usava um *collant* muito ajustado ao corpo, que não fazia nada para deixá-la feia, e usava fones de ouvido, e ao me ver, ela tirou um deles.

– Bom dia – ela disse, um pouco alto demais. – Eu só vou demorar uma meia hora. Você quer pedir o café da manhã?

É claro que eu queria; a máquina finamente ajustada que é Dexter requer combustível frequente. Mas dei um jeito de disfarçar minha ansiedade inconveniente e só acenei para ela com um alegre *okay.*

– Ótimo! – ela respondeu. – Torradas integrais, suco de *grapefruit* e um pouco de iogurte grego, por favor. – E ela abaixou a cabeça, recolocou o fone de ouvido e começou a pedalar mais rápido.

Eu a deixei em seu passeio de bicicleta para lugar nenhum e fui chamar o serviço de quarto. Tentei com todas as forças admirar Jackie por seu pedido de café da manhã espartano, mas não deu certo. Para mim, todo o objetivo de comer é perdido se você realmente não *come* alguma coisa; e me parecia que torradas e suco de *grapefruit* não qualificavam como comida. Isso não era mais do que uma versão sofisticada de pão e água, e não era nem remotamente suficiente para sustentar a vida assim como eu a entendia.

Mas, pelo menos, não me senti impelido a seguir seu exemplo, e não segui. Eu pedi uma omelete de presunto e queijo, torradas de centeio com geleia, suco de laranja e uma bandeja de frutas. E, naturalmente, a maior caneca de café preto de Miami que eles conseguissem arranjar na caríssima cozinha deles.

O café da manhã chegou meros dez minutos mais tarde, e mandei o garçom colocá-lo na varanda. Eu o acompanhei até a porta, recoloquei a corrente na porta e voltei lá para fora. O sol havia aberto agressivamente o seu caminho na linha do horizonte, mas seu calor ainda não era tão brutal quanto seria logo depois, e havia uma brisa ligeira vindo da baía, então, a varanda parecia o ambiente ideal. Fiquei sentado e tomei o café enquanto esperava Jackie, olhando para fora, para a água, e pensando que havia muita coisa a ser dita a favor da minha nova carreira como guarda-costas. É verdade, ela era potencialmente perigosa, e as horas eram bastante longas. Contudo, olhando o lado positivo, eu estava vivendo como milionário sem pagar impostos altos; e tinha a oportunidade de andar com uma Verdadeira Atriz Viva de Hollywood e de comer *haute cuisine.* É claro, a comida de Rita estava longe de ser uma gororoba, mas, verdade seja dita, ela não era uma *chef gourmet* de cinco estrelas, nem uma celebridade famosa e bonita, e compará-la a Jackie realmente não era sequer uma competição. Era um pensamento indelicado, mas, já que ninguém mais poderia ouvi-lo, eu não me dei ao trabalho de fingir que não o tinha pensado.

Pelo contrário, eu pensei nisso um pouco mais. De fato, isso não era mais do que um agradável jogo mental, uma fantasia tola e quase humana, mas ajudou a passar o tempo. Tentei imaginar

que trocava minha vidinha monótona pela vida de Guarda-Costas de uma Celebridade. Eu Me imaginei como parte de um *entourage,* a presença com penetrantes olhos de águia ao lado de Jackie, supervigilante nos Tapetes Vermelhos da vida. Dexter, o Escudo Humano, Vivendo Em Grande Estilo em Hollywood, Cannes, e em todas as grandes cidades do mundo. Café da manhã na varanda em Maui e em Singapura e em Bali. Não ia ser difícil me acostumar a viver desse jeito, e se eu tivesse de desistir de me matar de trabalhar pela hipoteca da casa nova, e viver sem todos os gritos e guinchos e batidas de porta que eram parte do pacote da vida em família, o que eu realmente teria perdido além de tímpanos estourados e dores de cabeça frequentes? É claro, tinha Lily Anne, a extensão viva de tudo que sou Eu, meu carregamento de DNA para o futuro. E eu tinha, afinal de contas, prometido conduzir Cody e Astor para um Futuro Sombrio seguro e bem planejado. Meu caminho já estava traçado, e eu estava totalmente satisfeito com ele. De verdade, eu estava. Não precisava abrilhantá-lo com jatos particulares e *crème brûlée* todas as noites e uma deusa de cabelos dourados me conduzindo ao longo de uma existência de prazer puro e cravejada de diamantes. Não importava quanto eu apreciasse aquilo.

A porta de vidro se abriu, deslizando, interrompendo meu agradável sonho acordado, e Jackie saiu para a luz do sol.

– Bom dia – ela disse e se sentou ao meu lado. O cabelo dela estava molhado, e ela cheirava a xampu e ao mesmo perfume muito sutil que eu havia percebido ontem.

– Bom dia – cumprimentei. – Café?

– Oh, meu Deus, sim – ela aceitou e empurrou uma xícara na minha direção. Eu a enchi até a boca e observei enquanto Jackie colocava adoçante. Ela bebeu o café ruidosamente e disse: *aahhh,* como qualquer pessoa normal. Depois, colocou a xícara sobre a mesa, me olhando rapidamente e sorrindo.

– Espero que eu não tenha acordado você.

– Oh, bem – eu disse, incerto, já que ela tinha, afinal de contas, mas não parecia muito educado ressaltar. – Quer dizer, eu tenho de acordar...

– Sinto muito – ela disse, pegando a xícara de café e de novo fazendo barulho para beber. – Tenho de malhar todas as manhãs, não importa onde esteja, senão eu fico gorda.

– É difícil de acreditar nisso – falei.

Ela estendeu o braço e deu umas palmadinhas na minha mão.

– Que amor. Mas é verdade. Eu perco uma manhã, e então perder duas parece que não é nada de mais, e então, por que não três, e em um piscar de olhos estou pesando setenta quilos e desempregada. – Deu de ombros. – Faz parte do pacote. Não me importo. – Bebeu outro gole barulhento de café e ergueu uma sobrancelha para mim. – E você?

– Eu? – perguntei, um pouco espantado. – O que você quer dizer com isso?

Jackie fez um gesto com a xícara.

– Está na cara que você malha. Quer dizer – ela disse com um sorriso malicioso –, dá para ver que tem um excelente apetite, mas você parece estar bem em forma. – Ela piscou um olho para mim. – Assim como um guarda-costas de verdade deveria estar.

– Ah, bom – eu disse, um pouco desconfortável. – Eu gosto de correr. E, hum, um pouco de tai-chi...?

Ela fez um gesto, concordando.

– Eu bem que pensei. O jeito como você se moveu, quando fez Kathy fazer xixi no chão. – Sorriu outra vez e terminou seu café. – E isso me fez lembrar – ela continuou, colocando a xícara vazia sobre a mesa e pegando uma torrada. – Kathy vai estar aqui em poucos minutos; então, talvez você queira tirar a corrente da porta e se lembrar de não dar um tiro nela desta vez.

– Vou tentar lembrar – falei.

Eu mal havia acabado minha omelete quando ouvi uma batida à porta.

– Provavelmente é ela – disse Jackie e começou a se levantar.

– Deixe que eu abra – eu disse. Jackie parou o movimento pela metade. Ficou nessa posição desajeitada por um momento, piscando, e então falou:

– Ah, tá bom. – E voltou a se sentar em sua cadeira e se debruçou sobre seu suco de *grapefruit.*

Abri a porta com a corrente ainda colocada e olhei para fora. Kathy estava parada no *hall* com uma braçada de papéis, seu *smartphone* e outra copo de café do Starbucks. Ela me lançou um olhar duro e venenoso.

– Deixe. Eu. Entrar – ela disse, com os dentes cerrados.

Dava para perceber que meu legendário charme ainda não havia se insinuado através do constrangimento do nosso primeiro encontro. Mas isso certamente aconteceria com o passar do tempo. Então, fechei a porta e tirei a corrente, e Kathy passou bufando por mim e entrou no quarto de Jackie antes que eu pudesse encaminhá-la para a varanda. Um instante depois, passou bufando de volta, me lançou um olhar ainda mais venenoso e foi para a varanda.

Quando voltei para lá, onde os restos do meu café da manhã estavam à minha espera, Kathy havia se apossado da minha cadeira, colocado meu prato no chão, esparramado diversos montes de papel sobre a mesa e estava atarefada apontando para os diferentes documentos com uma caneta, balbuciando em um ritmo muito rápido:

– ... a não ser pelos direitos conexos, os quais Myron diz que é o melhor que podemos fazer agora, então, vá em frente e o assine, aqui, aqui e aqui. Oh. E então, o negócio de Marrocos? Que Valerie diz que é, de verdade, uma coisa *muito* boa, e uma publicidade que não podemos comprar; então aqui estão as informações. E a *Magic Magazine* quer uma sessão de fotos; eles estão na sua lista de compromissos para esta manhã...

E a coisa prosseguiu desse jeito por muitos minutos, com Kathy espalhando papéis, Jackie ocasionalmente assinando alguma coisa enquanto mastigava torradas, bebia seu suco e tentava dar a impressão de que estava prestando atenção. Uma ou duas vezes ela me olhou e fez uma careta, que Kathy não percebeu. Eu me contentei em ficar à espreita em segundo plano e tentando parecer alerta; por fim, Kathy perdeu o fôlego, recolheu os papéis e saiu bufando, me favorecendo com uma derradeira rosnadinha enquanto passava.

Voltei depois de acompanhá-la para fora e recolocar a corrente na porta para descobrir que Jackie estava bebendo mais uma

xícara de café. Ela havia comido uma das metades da torrada, um pedacinho da outra e cerca de dois terços da porção de iogurte. Isso não parecia o suficiente para manter uma vida humana, e certamente nem um pouco suficiente para uma vida não humana como eu, mas ela parecia satisfeita. Eu me sentei em minha cadeira e me servi de mais uma xícara de café.

– Eu acho que ela não gosta de você – disse Jackie com uma voz gutural cheia de café e de humor negro.

– Inconcebível – retruquei.

– Eu não acho que essa palavra signifique o que você acha que ela significa – ela disse.

Bebi meu café.

– Pode levar um tempinho – falei –, mas, um dia, ela vai apreciar minhas inúmeras virtudes.

– Pode levar mais tempo que o habitual – disse Jackie. – Ela não gosta mesmo de você.

Eu tinha certeza de que ela tinha razão, mas isso não parecia terrivelmente importante – sobretudo porque havia três fatias de cantalupo perfeitamente maduro sobrando na minha bandeja de frutas, e uma xícara cheia de café para acompanhá-las, então, dei de ombros e terminei o café da manhã.

O telefone do quarto tocou uns minutos depois para nos informar que um sedã de luxo estava à nossa espera no térreo. Descemos de elevador juntos, e eu saí na frente para dar uma olhada, o que era um procedimento padrão para um guarda-costa. Deixei Jackie no *lobby* com um porteiro que estava mais do que ansioso para tomar conta dela tanto tempo quanto fosse possível. Saí e fui pelo caminho que conduzia à entrada do hotel, pavimentado com pedras, e olhei dentro do sedã; era o mesmo motorista que nos tinha trazido na noite anterior, e ele acenou para mim. Eu acenei de volta e me voltei para olhar o resto da área ao redor da entrada.

Levou apenas alguns minutos para eu revistar a área ao redor da porta da frente do hotel. Havia algumas pessoas paradas perto da porta, supostamente esperando seus carros. Eu as observei cuidadosamente, mas elas não pareciam ser nada além de meus companheiros hóspedes do hotel: pessoas ricas, bem

alimentadas, parecendo muito satisfeitas consigo. Passei por elas e fui para o pátio.

O sol já brilhava intensamente, por isso, tive de piscar por um momento, para depois olhar ao meu redor com os olhos semicerrados. Lá na parte mais afastada da saída do hotel, onde a única rua de verdade da ilha conduzia para a ponte, havia dois carros parados, estacionados de maneira bem informal. Mas eles estavam longe demais para causar algum dano real; eu não estava esperando o ataque de um pistoleiro. Então, dei uma volta rápida ao redor do caminho circular. Havia alguns carros parados de modo ostensivo ao longo da calçada – uma Ferrari, um Bentley e um Corniche. Eu não achava que nosso assassino fosse dirigir algo que custava mais do que uma casa aquática nova, mas, assim mesmo, dei uma olhada dentro deles. Estavam vazios.

O manobrista do estacionamento ficou me olhando com ar cético enquanto eu voltava depois de espiar dentro do Corniche.

– Gosta dele? – ele me perguntou.

– Muito bom – eu disse. – É seu?

Ele bufou e disse:

– Nós só os estacionamos ali. Para causar boa impressão.

Eu fiz um gesto de quem concorda, como se aquilo fizesse sentido.

– Certo – eu disse. – Uma questão de *design.*

Ele deu de ombros. Eu voltei para dentro.

O porteiro estava todo entusiasmado, contando para Jackie sobre o sobrinho dele, um menino realmente muito bonito, que realmente sabia atuar e cantar como um anjo, não como esses caras do hip-hop de hoje em dia, mas *cantar* mesmo. Jackie estava sorrindo e acenando com a cabeça e tentando evitar que os olhos dela ficassem estrábicos por causa da tensão de ter de aguentar a tagarelice do porteiro sem dar umas cacetadas nele.

Fiquei com dó dela e interrompi sem esperar pelo fim da história.

– Estamos nos atrasando, srta. Forrest – eu disse, soando tão Oficial quanto podia.

Jackie me deu um sorriso cheio de gratidão e então acenou para o porteiro.

– Diga para ele não desistir – falou para o homem. – Sempre siga o seu sonho.

Ele lhe dirigiu um imenso sorriso, como se ela o tivesse sagrado cavaleiro.

– Sim, senhorita, eu vou dizer para ele, obrigado, srta. Forrest. – Ele pulou à nossa frente e segurou a porta enquanto eu conduzia Jackie até o carro à espera.

Quando saímos para a luz do sol, ouvi um tipo de murmúrio de excitação vindo do punhado de pessoas que estavam esperando lá; me voltei para ver que todas elas estavam me olhando com sorrisos felizes e vazios em seus rostos. Não Me olhando, na verdade, o que ficou claro como cristal quando alguém gritou:

– E aí, Jackie!

Ela sorriu e acenou, e eu a conduzi passando pela minimultidão até o sedã que nos aguardava. Eu sentia os olhos nos seguindo, e fiquei pensando por que aquilo não me deixava nervoso. Chequei o Passageiro das Trevas: longe de estar ansioso, ele, na verdade, parecia estar *ronronando.* Alguém no grupo de pessoas gritou *ohhhhhh!,* e senti que estava sorrindo com prazer. Eu sabia que era para Jackie – mas eu estava *com* ela, era parte de seu *entourage,* e em um momento de *insight* realmente bizarro, percebi que gostava daquilo. Eu apreciava ter sorrisos idiotas me seguindo. Era uma coisa totalmente impensável, é claro; Dexter tem de ser discreto, ou deixar de ser Dexter. Mesmo assim, percebi que eu me achava maior, mais charmoso, com a certeza de que coisas muito inteligentes saíam dos meus lábios a cada vez que eu os abria para falar. Isso era revigorante, intoxicante, e eu estava gostando tanto daquilo que não ouvi o crescente crepitar de aviso vindo da torre de vigia do Castelo Dexter até abrir a porta do carro.

Mas então eu o ouvi, alto e insistente, e coloquei dois braços protetores ao redor de Jackie e me voltei para observar a área.

– O que foi? – ela perguntou e se aproximou de meu corpo, subitamente tão nervosa quanto eu.

– Não sei – respondi.

Vistoriei o local; as pessoas na entrada do hotel não faziam nada além de sorrir para nós. Nenhum perigo ali. Mas senti um súbito formigamento de *alguma coisa,* um tipo de foco intenso sobre Nós, em algum lugar à direita. E me voltei para olhar.

Lá no fim do caminho que conduzia ao hotel, um homem estava parado perto de um dos carros estacionados. Ele ergueu alguma coisa, apontou para nós – e um instante antes de eu conseguir empurrar Jackie para as pedras irregulares e ásperas do caminho, reconheci a coisa: uma câmera, com grandes lentes teleobjetivas.

Click. Click. Click.

– *Paparazzi* – disse Jackie. – Eles estão em todos os lugares. – Ela me dirigiu um estranho olhar de preocupação intrigada. – Como é que você sabia que ele estava lá?

– Hum, eu não sabia, para falar a verdade – respondi. A ideia de descrever o Sistema de Alarme Distante e Antecipado do meu Passageiro era impensável. – Eu só, hum, eu só o vi se mexendo pelo canto dos olhos.

Ela continuou a olhar e soltou um *hm-hum,* soando muito pouco convencida.

Mantive a porta do carro aberta para ela e perguntei:

– Podemos ir?

Ela finalmente assentiu, deu meia-volta e entrou no carro, e eu me voltei para olhar nossa plateia pela última vez. O fotógrafo clicou mais algumas fotos e, enquanto eu me voltava, ouvi o som de uma motocicleta dando partida.

Perto da porta da frente do hotel, as pessoas ainda estavam sorrindo. Até mesmo o porteiro ainda estava olhando e acenando enquanto eu acomodava Jackie no banco de trás; mas, para ser justo, todas as outras pessoas na área estavam olhando-a também, olhando com um tipo de adoração cheia de desejo, como se Jackie fosse um cruzamento entre uma *pin-up* e o papa. Não chegaram a aplaudir enquanto ela deslizava no assento e eu fechava aporta, mas fiquei com a impressão de que fariam isso se aquele não fosse um hotel tão sofisticado.

Entrei pelo outro lado, sentindo outro surto daquela estranha satisfação de ser o centro das atenções. Eu a afastei sem muito

entusiasmo, mas ela não queria ir embora, e eu ainda estava me sentindo belo e importante à medida que o carro saía pela entrada do hotel, cruzava a ponte e adentrava na alegre confusão do tráfego matutino de Miami.

Tentei me recostar e apreciar o passeio, mas achei que era uma experiência muito estranha me insinuar por toda aquela bagunça no banco de trás do sedã. Mas era estranho ser um espectador em vez de participante, e embora as buzinas retumbassem e os gestos obscenos fossem feitos como sempre, era quase como se aquilo estivesse acontecendo em outro tempo e espaço enquanto eu observava tudo se passar em um filme.

Jackie olhou pela janela e, ao me sentir olhando para ela, se voltou e sorriu.

– O trânsito está bem ruim hoje – eu disse.

Ela ergueu uma sobrancelha em uma surpresa fingida.

– Isto? – ela disse. – Você chama isto de trânsito? – Balançou a cabeça. – Nunca dirija em Los Angeles. Faz com que isto pareça uma ensolarada manhã no parque.

– É mesmo?

– É mesmo – ela repetiu. E me lançando um sorriso condescendente, comentou: – Você acaba se acostumando.

Eu já havia percebido antes que as pessoas de Nova York e de Los Angeles tendem a ter uma postura relacionada às suas cidades, um tipo de confiança do sobrevivente que diz, eu venho da Vida Real, e se você mora neste lugarejo, nem mesmo está no jogo. E, antes, eu sempre tinha achado isso divertido; os nativos de Miami, afinal de contas, são tão rudes e agressivos quanto os nova-iorquinos, e igualmente encharcados de sol e vazios quanto os *angelenos,* e a combinação é um desafio único e letal a cada vez que você dirige. Mas alguma coisa no modo como Jackie disse aquilo fez com que me sentisse um pouquinho provinciano, e eu queria dizer alguma coisa para defender a ferocidade do trânsito de Miami.

Felizmente para a reputação da minha cidade, eu não precisei dizer uma única palavra. Quando finalmente entramos na via expressa Dolphin e ficamos parados no rosnado provocado por carros grudados uns nos outros, um Cadillac Escalade grande e

brilhante passou como um foguete por nós no acostamento. Ele estava indo, no mínimo, a uns 80 quilômetros por hora, e não havia mais que uns cinco centímetros de espaço entre ele e a fila de carros pelos quais passava com estrépito. Jackie se encolheu e o viu se afastando com a boca ligeiramente aberta de susto. Senti um ligeiro e cálido resplendor de orgulho – esta era minha cidade, este era o meu povo.

– Oh – ela disse. – Esse tipo de coisa acontece sempre?

– Quase constantemente – respondi. E como consigo ser quase tão condescendente quanto qualquer *angeleno,* acrescentei: – Você acaba se acostumando.

Jackie me encarou, e então sorriu, balançando a cabeça.

– Ponto para o time da casa – ela disse. Mas, antes que eu pudesse fazer dança da vitória, o celular dela começou a soar. – Merda. Minha primeira entrevista; eu não consigo lembrar quem é. – Ela pegou o celular e o jogou para mim. – Por favor? Só para saber quem é, para eu não parecer uma idiota?

Parecia um pedido razoável. Peguei o fone e atendi.

-Alô?

– Oi, aqui é Sarah Tessorro, *Reel Magic Magazine,* eu poderia falar com Jackie Forrest?

Cobri o celular com uma das mãos.

– Sarah Tessorro, *Reel Magic* – eu repeti, e Jackie assentiu. Eu lhe entreguei o telefone.

– Sarah! – disse Jackie, entusiasmada. – Tudo bem com você? – E então as duas embarcaram em uma conversa de cinco minutos, durante a qual Jackie falou sobre o novo seriado, sua personagem, e como o roteiro era maravilhoso, e como era bom demais trabalhar com um profissional tão maravilhoso quanto Robert. Eu ouvi essa parte com genuína surpresa, não somente pelo fato de ela ter usado em excesso a palavra “maravilhoso”, o que não era o estilo dela de jeito nenhum. Mas eu já havia observado Jackie com Robert durante uma semana e não precisava ler o roteiro para saber que se odiavam. Entretanto, Jackie disse isso de modo muito convincente, e minha apreciação por seu talento como atriz aumentou vários pontos.

Quando o sedã parou na frente do prédio do quartel-general, ela havia dito isso com igual convicção em outras duas entrevistas. Devia ter sido um trabalho duro, e percebi que ser uma estrela era um pouco mais difícil do que eu imaginava. Ficava claro que não eram só *mojitos* e pôr do sol; às vezes, você tem de repetir mentiras horrorosas de modo muito convincente. É claro, isso parecia ser uma coisa que eu faria muitíssimo bem – eu tinha tanta prática, afinal de contas – e comecei a pensar de novo se eu era velho demais para mudar de carreira.

Descemos bem na porta da frente; conduzi Jackie para o andar de cima e a entreguei para Deborah, que *já* estava trabalhando duro em sua mesa. Ela nos deu uma olhada quando entramos com uma expressão que não fui capaz de entender; era parcialmente sua Cara de Tira Padrão, mas com uma das sobrancelhas erguidas em uma descrença cínica.

– E então, como foi? – ela nos perguntou.

– Nenhum problema – respondi.

– A não ser quando ele tentou atirar na minha assistente – contou Jackie, com doçura. Mas, antes mesmo que eu pudesse acrescentar uma sílaba em defesa de minha honra, ela tirou a pilha das cartas psicóticas de fãs de sua bolsa e amontoou-as sobre a mesa de Deborah. – Ela trouxe isto. As cartas.

Deborah as agarrou com ansiedade.

– Ótimo – disse e já começou a lê-las com uma concentração selvagem. Jackie ficou observando-a, depois olhou para mim, e disse:

– Hum.

– Você vai ficar bem com a Debs – eu disse. – Vejo você mais tarde.

– Tudo bem – ela disse, e eu dei meia-volta e me dirigi para a porta.

Eu preferiria ter ficado com Jackie e minha irmã, sobretudo porque eu iria, de outro modo, ficar com Robert. Mas meu dever era claro, então eu as deixei e me afastei com passos lentos pelo *hall* até meu cubículo.

CAPÍTULO 12

EU NÃO ESTAVA ENROLANDO PARA EVITAR ROBERT, É SÉRIO, MAS NÃO me apressei, caminhando tranquilo pelo *hall* e saboreando as recordações da extravagância dourada da noite anterior. A comida, o rum escuro, a companhia... perfeição absoluta. E eu podia antecipar outra noite semelhante a essa no fim da dolorosa labuta de hoje. Não parecia muito correto que alguém como eu devesse ter tantos benefícios; mas, felizmente, isso não me impediu de aproveitar tudo.

Parei para tomar rapidamente uma xícara de café e tentei saboreá-la também, contudo, isso estava além das minhas habilidades. A beberagem tinha o cheiro de velhas aparas de lápis misturadas com torradas queimadas, nada como o néctar divino que eu andara bebendo apenas uma hora antes. Mesmo assim, ela provavelmente se encaixaria na mais limitada definição legal de café, e a vida não é perfeita – pelo menos, não durante o horário de trabalho. Peguei uma xícara cheia e me afastei lentamente para realizar o meu Dever.

Robert estava à espera sentado à minha mesa de novo, mas, para seu grande crédito, ele havia trazido *donuts* – incluindo dois *boston crèmes* dessa vez, e se você dá um desses para Dexter, vai descobrir que, subitamente, ele está com disposição para perdoar muita coisa. Nós comemos os *donuts* e bebemos aquele café verdadeiramente horrível, e eu fiquei ouvindo Robert contar uma longa e indubitavelmente fascinante história sobre um maluco dublê britânico em um filme que ele havia feito há muitos anos. O ponto central da história parecia ser incompreensível para nós dois, mas pode ter tido qualquer coisa a ver com o fato de Robert tê-lo confrontado a respeito de alguma obscura questão de honra. O que quer que tenha sido, Robert se divertiu contando a história toda e, felizmente, ele estava tão distraído com sua própria eloquência que eu consegui tirar sorrateiramente

o segundo *boston crème* da caixa e colocá-lo na minha boca antes que ele percebesse.

Depois de os *donuts* terem desaparecido, passamos muitas horas brincando com o microscópio e aprendendo como preparar lâminas do modo correto. Muito estranhamente, apesar da repulsa a sangue que havia demonstrado até então, Robert parecia fascinado com ele em seu estado microscópico.

– Nossa – ele disse. – Isso é muito legal mesmo. – Olhou-me com um sorriso. – Não é assim tão ruim quanto está seco e em uma lâmina. Quer dizer, eu até conseguiria gostar disso.

Eu poderia ter dito que compartilhava desses sentimentos, que eu gostava tanto de sangue em seu estado seco que tinha em casa uma caixa de jacarandá com cinquenta e sete gotas de sangue seco, cada qual em sua própria lâmina, cada uma delas uma pequena recordação de um amigo especial, agora falecido. Porém, eu nunca tinha acreditado muito nessa história surgida recentemente de dividir seus pensamentos e sentimentos, sobretudo os relacionados a um assunto tão pessoal; então, só sorri e acenei e lhe entreguei mais umas amostras para brincar. Ele as pegou ansiosamente, e passamos algumas horas felizes.

Bem na hora em que eu estava pensando que podia dar uma olhada na caixa de *donuts* para ver se havia deixado alguma coisa escapar, o telefone tocou, e eu atendi:

– Morgan.

– Nós identificamos o pervertido da Jackie – disse minha irmã. – Venha aqui.

Dei uma olhada em Robert, que estava todo alegre lidando para ajustar o foco fino em meu microscópio. Eu não tinha como levá-lo comigo para ouvir falar de um perseguidor cuja existência ele deveria ignorar.

– E quanto ao meu colega? – perguntei.

– Pense em alguma coisa – ela disse e desligou.

Coloquei o telefone na mesa e olhei Robert. Apesar de ser realmente irritante, ele não era assim tão burro, e eu tinha de lhe dizer alguma coisa plausível. Felizmente para mim, meu estômago fez um barulho gorgolejante, o que me ofereceu a desculpa perfeita.

– O café não me caiu muito bem – disse eu.

– É, estava ruim mesmo – disse Robert, sem erguer os olhos.

– Talvez demore um pouco – eu disse, e ele agitou uma das mãos na minha direção para indicar que questões relativas a meu intestino não eram de sua conta, e que ele ficaria bem. Eu saí e corri para atender ao chamado da minha irmã.

– Patrick Bergmann – disse Deborah quando eu entrei em sua sala uns minutos depois. Parecia um cumprimento estranho, mas eu tinha de supor que ela queria dizer que aquele era o nome do nosso perseguidor.

– Foi bem rápido – eu disse. – Como você conseguiu isso?

Deborah fez uma careta, balançou a cabeça e respondeu:

– As cartas. Ele as assinou. E colocou até mesmo o endereço.

– Isso é praticamente trapaça – eu falei. – Então, o que importa mesmo é saber: por que você demorou tanto?

– Ele mora em uma merda de um lugar no Tennessee – explicou Deborah. – Eu não consegui que ninguém de lá fosse checar, ver se ele ainda estava lá.

Jackie me dirigiu um sorriso imenso.

– Então, eu chequei no Facebook – ela disse e lançou um olhar carinhosamente divertido na direção de Deborah. – Na verdade, sua irmã nem sabia o que era isso.

– Eu já ouvi falar – disse Deborah, na defensiva. Ela balançou a cabeça, descrente. – Mas é uma merda. É uma porra de uma coisa de loucos. As pessoas colocam *qualquer* merda lá.

Jackie acenou indicando Debs.

– Eu mostrei para ela como funciona, e nós o descobrimos. Patrick Bergmann, Laramie, Tennessee. Com fotos e postagens a respeito de onde ele está. – O sorriso sumiu do rosto dela. – Hum – ela disse, devagar –, ele está aqui. Em Miami.

– Bom – eu disse –, mas a gente já sabia disso.

Jackie deu de ombros e pareceu se encolher, ficando repentinamente com a aparência de uma menininha perdida.

– Eu sei – ela disse. – Mas isso é meio... Quer dizer, eu sei que é idiotice, mas... ver no Facebook? Isso acaba fazendo com que fique mais real.

Tenho certeza de que Jackie dizia algo que fazia sentido – só que não para mim. O Facebook fazia ficar mais real? Mais real que o corpo destroçado da moça na caçamba? É claro, eu não sou, e nunca vou ser, um fã do Facebook. Pode ser uma ferramenta muito útil para descobrir o paradeiro das pessoas que tenho interesse em entrevistar por causa do meu *hobby,* mas a ideia de uma página de Dexter parece ser um pouquinho contraintuitiva. Frequentou a Universidade de Miami. Amigos: para ser sincero, nenhum. Interesses: vivissecção humana. Tenho certeza de que eu receberia um monte de solicitações de amizade, especialmente locais, mas...

Ainda assim, suponho, o ponto vital era que, na verdade, isso era mais real para Jackie. Era um trabalho difícil proteger alguém de determinado assassino psicótico, e se o protegido não acreditasse na veracidade da ameaça, era ainda mais difícil.

Então, pelo menos uma vez, o Facebook demonstrou ter um uso prático. Melhor ainda, ele nos deu uma foto do nosso novo amigo, Patrick. Como eu disse, isso era praticamente trapaça.

– Daria para eu ver a foto dele? – perguntei.

A boca de Deborah se contorceu em um ligeiro sorriso, e ela me entregou uma folha de papel que estava em sua mesa. Era uma impressão de uma foto do Facebook, que mostrava um cara de seus vinte e poucos anos, agachado ao lado de um cervo. O cervo tinha cara de estar muito morto mesmo, e o cara parecia estar um pouco feliz demais com isso. Eu já vi fotos do Troféu de Caça em quantidade suficiente para saber como elas devem ser: o Nobre Animal se acomodando ao Descanso Eterno enquanto o Poderoso Caçador fica parado ao lado dele, agarrando o rifle e parecendo solenemente orgulhoso.

Essa foto não era nada disso. Para começar, o cervo não estava somente morto; ele havia sido eviscerado. A cavidade abdominal havia sido aberta e esvaziada, e os braços do Poderoso Caçador estavam cobertos com o sangue do animal até quase os ombros. Ele estava segurando o que parecia ser uma faca Bowie e dava um sorriso idiota para a câmera, um monte de intestinos aos seus pés.

Tentei me concentrar no rosto dele, e enquanto eu analisava suas feições, o Passageiro murmurava um encorajamento sibilante. Patrick Bergmann não era uma pessoa com má aparência – corpo firme, constituição atlética, cabelos loiros sujos com um corte malfeito, traços regulares –, mas alguma coisa nele não batia tão bem. Por trás de seu óbvio deleite com a horrível bagunça ensanguentada em que ele estava chafurdando, seus olhos estavam abertos um pouco demais, e seu sorriso idiota tinha alguma coisa perturbadora, como se ele estivesse posando nu pela primeira vez e gostando da experiência. Seu rosto estava dizendo, tão claro quanto possível, que aquele era um retrato do verdadeiro Ele, seu Eu Secreto. Aquele era quem ele era; alguém que vivia para sentir o sangue correr pela lâmina de sua faca e se agachar no monte de vísceras aos seus pés. Eu não precisava ouvir o Passageiro entoando *Um de Nós, Um de Nós,* para saber.

Voltei a prestar atenção na conversa quando Deborah disse:

– Quer dizer que nós temos de contar para o Anderson a respeito disso também. O que eu quero dizer é: nós temos a identificação, a porra da foto... – Ela ergueu as duas mãos, as palmas para cima, o retrato da detetive desamparada. – Eu não posso esconder isso.

Jackie parecia desiludida, e então realmente torceu as mãos. Eu sempre tinha pensado que “torcer as mãos” era apenas uma forma de dizer, ou, pelo menos, uma coisa que a maior parte dos atores fazia em filmes antigos – mas Jackie fez o gesto. Ela ergueu as duas mãos na altura do peito e girou-as pelo pulso, e eu pensei com toda a clareza: *Caramba, ela está torcendo as mãos.*

– Isso não é um pouco como, ah, você sabe – disse Jackie. – Forçar a barra?

– Você já deu seu arquivo para o Anderson? – perguntei.

Deborah assentiu e disse:

– Primeira coisa hoje de manhã.

– E o que aconteceu?

Ela fez uma careta e então acrescentou, com ar de grande aversão:

– Do jeito que você falou. Ele o enfiou em uma gaveta, nem mesmo esperou que eu saísse da sala.

– Bom, então, isso não deveria ser um problema – eu disse.

– Sim, mas... quero dizer... – disse Jackie, e ela parecia muito preocupada. – É o nome dele, e a foto, e tudo. Nem mesmo o Anderson vai poder ignorar isso.

Deborah bufou e disse:

– O cara conseguiria perder a própria bunda em uma cadeira.

– É só que... o resto do elenco chega aqui hoje e amanhã, e então nós começamos a filmar e... O que eu quero dizer é... é a minha *carreira* – disse Jackie.

Deborah pareceu em dúvida.

– É a sua *vida* também – ela disse. – Isso deve contar para alguma coisa.

– Minha carreira É minha vida – disse Jackie. – Eu desisti de tudo por causa dela, e se eu perder esse seriado também... – Ela inspirou com dificuldade e agarrou a mão esquerda com a mão direita, apertando-as. – Eu só estou preocupada, acho.

– Eu não tenho alternativa – disse Deborah. – Preciso entregar isso para ele.

– Mas ele vai ignorar tudo – eu disse. – E, nesse meio-tempo, nós vamos encontrar o Patrick e manter você em segurança.

Jackie me dirigiu um sorriso de gratidão que me fez sentir uns dez centímetros mais alto.

– Obrigada – disse ela. – E, Dexter...

Ela ergueu uma das mãos e deu um passo na minha direção, e acredito que ela fosse me dizer alguma coisa excepcionalmente agradável, mas nunca cheguei a ouvi-la. Alguém pigarreou, e quando percebi que não era Jackie, nem Debs, nem mesmo eu, dei meia-volta enquanto um homem entrava no cubículo de Deborah. Ele tinha uns 45 anos, cerca de 1,75 m de altura e estava em uma forma física decente, a não ser por uma protuberância extra na região da cintura. Tinha cabelos e olhos escuros, e vestia alguma coisa que quase com toda a certeza deveria ser um terno, a não ser pelo fato de parecer ter sido feito de uma cobertura tirada de um sofá em um velho *lounge* de

discoteca. E embora eu não o reconhecesse, ele também trazia aquele ar indefinível que dizia que era um tira.

Ele ergueu uma sobrancelha para Deborah e perguntou:

– Detetive Morgan?

Deborah o olhou da mesma maneira.

– Sim?

O homem mostrou um distintivo, e então deu mais uns passos adiante e estendeu a mão.

– Detetive Echeverría, Departamento de Polícia de Nova York – ele disse, e o discurso dele combinava muito bem com o que nós todos acabamos acreditando que era o Sotaque de Nova York.

Deborah olhou-o por um momento e então estendeu a mão.

– Certo – disse ela. – Eu recebi seus e-mails.

Eles trocaram um aperto de mãos por alguns instantes, depois Echeverría se afastou um pouco e olhou para Jackie.

– Ora – ele disse –, é a Jackie Forrest. Mas que coisa.

Ela lhe dirigiu um sorriso pequeno e sem muito brilho.

– Detetive – ela cumprimentou.

Ele ficou olhando-a sem piscar por alguns segundos demais, até que finalmente Deborah pigarreou, e Echeverría virou a cabeça rapidamente para encarar minha irmã.

– O que posso fazer para ajudá-lo? – perguntou Deborah, dando um toque ligeiramente irônico às suas palavras, para ele entender que seu olhar de cobiça tinha sido observado.

– É... certo – ele disse. – O que você pode fazer, você pode me deixar ver o que você tem sobre aquele maluco que está investigando.

Deborah lhe deu um sorriso muito fraco do tipo Cortesia Profissional.

– Não posso fazer isso – ela redarguiu.

Echeverría franziu as sobrancelhas, piscou duas vezes e perguntou:

– Por que não?

– Não é meu caso.

Ele balançou a cabeça e falou:

– Mas que porra.

– Eu sei – disse Deborah. – Mas eu falei pra você não vir pra cá.

Echeverría balançou a cabeça de novo. A boca dele se contorceu.

– Você sabe quantos caras com ternos da Brooks Brothers eu tenho colados na minha bunda por causa dessa história? – ele falou.

– Sim – disse Debs. – A gente tem disso aqui também.

– Exceto pelo fato de que aqui os ternos são feitos de um tecido legal, adequado ao clima tropical – eu acrescentei, sempre ansioso para ser útil.

Echeverría me olhou. Muito estranho, não era um olhar cheio de calor, camaradagem e apreciação pelo meu vasto conhecimento dos padrões da alfaiataria. Ele estava mais perto do tipo de olhar lançado na direção de alguém que você flagrou atravessando a rua fora da faixa de pedestres para cuspir em freiras. Então, ele tornou a olhar para Deborah.

– Tudo bem – ele disse. – Então, mas que porra. – Ele franziu as sobrancelhas e acenou na direção de Jackie. – Desculpa aí, srta. Forrest. – Ela mostrou uns cinco ou seis dentes para ele, e ele tornou a olhar Deborah. Aparentemente, não tinha problema nenhum dizer “porra” sem pedir desculpas para minha irmã, porque ele tornou a dizer isso para ela. – Que porra de negócio está acontecendo aqui, Morgan?

Deborah, é claro, não fica atrás de ninguém no departamento de palavrões, e ela ficou à altura da ocasião com sua costumeira desenvoltura:

– A porra de negócio é a mesma velha merda.

– E que é...? – ele perguntou.

O rosto de Deborah se contorceu em um sorriso muito pequeno e irado.

– Por acaso acontece em Nova York que o capitão dê um caso bom para um idiota sem colhões que não seria capaz de achar um monte de merda nem que ele o estivesse usando como se fosse chapéu, e todo o resto do pessoal tem de ficar parado e olhar enquanto ele faz mais uma merda? – ela perguntou.

– Nunca acontece – disse Echeverría, com um sorriso parecido que dizia que nem ele acreditava naquilo que estava dizendo.

– Claro que não – disse Deborah. – Aqui também não. Todo o nosso Departamento é composto por profissionais altamente competentes.

Echeverría assentiu e disse:

– Certo. Então, quem é o idiota sem colhões?

– Se você está querendo dizer, quem é o Policial encarregado da investigação – disse Debs –, a resposta é o detetive Anderson.

Echeverría pareceu surpreso.

– Billy Anderson? – ele disse, e Debs concordou com um gesto. – Eu vou me encontrar com ele para tomar uns drinques. Me disseram que é um cara legal.

Deborah conseguiu não soltar uma gargalhada enlouquecida, mas sua boca se contorceu várias vezes, o que, para ela, é a mesma coisa.

– Quem disse isso? – ela perguntou. – Alguém a quem você pediria proteção?

– Hum – disse Echeverría, fazendo uma careta –, talvez não.

– Talvez ele consiga arrumar uns drinques – eu sugeri. – Mas não vai passar disso.

Echeverría me olhou de novo e resolveu que preferiria olhar para Jackie. Ele olhou, franziu as sobrancelhas e voltou a encarar Debs.

– Tudo bem, estou entendendo – ele disse. – Mas, hum... o que está acontecendo com vocês? O que estão fazendo envolvidos na investigação se o caso não é de vocês?

O rosto de Deborah se congelou em sua Cara de Falar Com o Capitão.

– Eu fui designada para trabalhar como consultora técnica para a Big Ticket Network, que está filmando um piloto de um seriado aqui. Estrelado – ela disse com um gesto na direção de Jackie – pela srta. Forrest.

Echeverría olhou para Jackie de novo.

– E assim – Debs continuou, e Echeverría forçou seu olhar a se desviar de Jackie e a retornar para minha irmã –, a srta.

Forrest e eu estamos conduzindo uma investigação paralela *simulada* só nossa, para que eu possa ensinar para ela as técnicas investigativas e os procedimentos policiais adequados.

Echeverría olhou para Deborah com novo respeito.

– Brilhante pra caralho – ele disse.

Deborah simplesmente fez um gesto de concordância.

– Então – prosseguiu Echeverría –, eu tenho de falar com o Anderson, perguntar pra ele se posso ver o arquivo do caso?

– Infelizmente, acho que sim – respondeu Deborah.

– E ele é mesmo um puta de um idiota completo?

– Pior – disse Debs. – Mas eu nunca disse isso.

– Bom, que merda – ele falou.

– É bem assim – disse Deborah.

CAPÍTULO 13

ECHEVERRÍA SAIU PARA ENCONTRAR ANDERSON, NÃO SEM ANTES lançar um longo olhar na direção de Jackie, e eu não me sentia particularmente infeliz ao vê-lo partir. É claro que ele tinha o direito de devorar com os olhos quem bem entendesse; e Jackie era, com certeza, digna de ser devorada. Mas, por alguma razão, eu não gostava daquilo. Talvez eu estivesse apenas ficando zeloso demais em meu papel de guarda-costas. Talvez fosse algo diferente.

Seja como for, fiquei feliz por ver Echeverría pelas costas, e isso me deu a chance de pensar um pouco mais em Patrick Bergmann. Saber como era a cara dele era muito bom, é claro; mas, para os meus propósitos, era mais importante saber como ele *pensava.* Ele perseguiria Jackie como se ela fosse uma gazela, ficando muito bem escondido, e então saltando quando ela não estivesse esperando um ataque? Ou seria o tipo de maluco que se exibia para sua vítima algumas vezes, só para criar suspense? Ele se aproximaria de alguma maneira bizarra, brilhante e inimaginável? Ou só a atacaria com um laço?

Eu sabia o que ele gostava de fazer depois de capturar suas vítimas – já tinha visto três vezes. Mas não sabia como gostava de perseguir, e com certeza ajudaria se eu conseguisse descobrir. E, colocando tudo isso de lado, eu, naturalmente, sentia certa curiosidade a respeito de alguém com quem compartilhava interesses.

– Posso ler as cartas? – perguntei para Deborah. Ela me olhou, inexpressiva. – As cartas que Patrick escreveu para Jackie – expliquei, tão paciente quanto possível.

Deborah inclinou a cabeça para um lado.

– Patrick – ela disse. – Ele já virou “Patrick” pra você.

– Esse *é* o nome dele – eu disse, tentando com todas as forças não parecer rabugento.

– O nome dele é *louco* – ela disse. – Ou uma porra de um louco. Ou o suspeito ou o criminoso. – Ela balançou a cabeça. –

Mas, pra você, ele é *Patrick.*

– Ai, meu Deus, ele está fazendo aquela *coisa* de novo – disse Jackie, me olhando fixamente como se eu fosse um equipamento de tecnologia alienígena que tivesse acabado de começar a funcionar por conta própria. – Você sabe, quando ele entra na cabeça do cara.

– Se vocês preferirem – eu disse, com toda a dignidade que consegui reunir naquelas circunstâncias –, eu posso voltar a beber café horrível com Robert.

Deborah emitiu um som que parecia um bufo.

– Eu não desejaria isso pra ninguém – ela disse. Pegou o monte de papéis de sua mesa. – Leia a porra das cartas – falou, estendendo-as para mim. – Entre de novo na porra do seu transe. E me traga de volta algo que eu possa usar.

– Obrigado – agradeci; e, embora achasse que tinha conseguido produzir um tom de autocontrole silencioso, mas ofendido, Jackie e Deborah soltaram uma risadinha em uníssono. Mas eu contive meu impulso bastante natural de enfiar a cabeça na parede e peguei as cartas, me acomodando na cadeira dobrável ao lado da mesa de Deborah enquanto começava a ler. As cartas eram todas impressas em uma impressora padrão de computador.

“Cara srta. Forrest”, começava a primeira.

Acho que eu devia dizer só Jackie mais eu queria ser educado a primeira vez, então aí vai. Eu quero dizer que já vi um monte de moça bonita na minha vida e nem todas ela na internet hahaha mais você é uma coisa especial. A primera vez que eu vi você eu sabia que você é uma coisa muinto especial e agora eu vi tudo que você já feiz e eu sabia que você e eu tinha que ficar junto como se isso fosse uma coisa que divia de acontecer. Eu sei qui eu não preciso de descrever isso pra você porque você vai centir isso assim que você me ver e então eu só vou dizer isso porque bem agora eu priciso muito que você me mande alguma coisa talvez que você tivesse uzando e você não tem que lavar ela antes se você sabe o que que eu quero dizer. Eu sei que você vai me ver logo.

Sua alma gêma Patrick Bergmann.

Eu li rapidamente as cartas seguintes; elas eram mais ou menos a mesma coisa, dizendo para Jackie com frustração crescente que ela estava destinada a ficar com ele, que qualquer um poderia entender isso e que ela tinha de entender isso também e com certeza entenderia isso assim que o visse. Elas não ficavam realmente interessantes até a quinta carta.

"Eu já tô cansado de recebê resposta daquela vaca que trabalha pra você", ela começava, e só ficava melhor.

Você não respondeu você mema e eu disse pra você que você divia. Você não me mandô a coisa que você tava usando e eu disse pra você queu precisava dela. É melhor você começá a escutá ou a coisa vai é ficá muinto feia memo. Porque que você não vê o que é tão claro e simple como a luz do sol que você e eu vamo ficá junto? Você sabe queu te amo e você vai me amá memo se você me vê por dois minuto. E você tem que sabê qui de um jeito ou otro você vai me ver!!!

A carta seguinte era ainda mais irada, começando com uma lista de palavrões mal-escritos que realmente me fez lamentar o estado da instrução pública em nossa outrora tão grande nação, e então prosseguindo em um fluxo constante de ameaças maldisfarçadas e completamente claras.

É melhor você enfiá isso na sua cabessa que isso vai acontecê e que isso é tudo e se você num pode vê isso eu vô fazê você VÊ isso e fazê você ME vê. Eu num tô com medo de fazê algumas coisa muinto ruim se elas fizé você abri o zolho e me olhá e sabê que o que que eu tô dizendo a respeito de você e eu é semporcento verdade.

Considerando o que havia levado àquilo, a carta final era, de maneira geral, material padrão, desapontadoramente previsível ao se voltar para a raiva fria, ameaças de violência e uma generalizada infelicidade psicótica. Eu a li duas vezes, fazendo uma pausa entre as leituras para ter pensamentos cheios de

gratidão relacionados à educação que eu havia sido sortudo o suficiente para receber de Harry – e, por mais incrível que isso pareça, do Sistema de Educação Pública de Miami-Dade, que estava começando a parecer muito bom comparado ao que Patrick tinha recebido em Laramie, Tennessee. Mas, é claro, como eu lembrei a mim mesmo, as escolas em Tennessee não deveriam receber toda a culpa; muitas pessoas inteligentes haviam surgido desse estado, e eu tinha quase certeza de que mais uma poderia aparecer a qualquer dia.

Li a última carta mais uma vez.

Se é assim que você qué jogá o jogo então é assim que eu vô fazê. Você qué ficá toda fria e muinto ruim comigo tudo bem por que eu posso jogá esse jogo inda melhor e você vai senti tê feito isso. Eu vou te achá e vo fazê você me vê e eu vô fazê você vê o qui você podia de tê tido e então eu vô tirá tudo isso de você, um pedacinho de cada veiz. E eu tô falando TUDO isso de verdade. Eu vô mostrá pra você que você não é deferente mais só uma puta como todas a zotra moça que pensa que elas são tão especial e eu vô fazê você VÊ o que que você podia de tê e isso vai sê a última coisa que você vai vê e eu tô indo atrais de você puta e é melhor você acreditá nisso.

Essa última carta não estava assinada “sua alma gêma”; o amor é tão frágil, não é? E, uma vez mais, ela era um pouquinho decepcionante por causa da mente vazia e ignorante que revelava. Eu absolutamente não espero que cada assassino doentio e pervertido dê mostras de brilhantes lampejos de inteligência e de originalidade, mas fala sério, uma coisa assim tão rasteira parece que deixa a gente um pouquinho envergonhado, vocês não acham?

De qualquer modo, ficou claro para mim que aquela não era uma mentalidade sutil, em busca de poesia visceral. Ele era um assassino pervertido e doentio muito óbvio, monótono e comum. Era psicótico, sim, e capaz de praticamente qualquer tipo de violência pervertida; entretanto, era despido de todo refinamento e, de maneira geral, parecia não ter um único pensamento sutil

ou interessante a respeito do que era, afinal de contas, um assunto muito importante.

Desapontador, mas, pelo menos, isso significava que deveria ser bem fácil encontrá-lo, a partir do momento em que eu colocasse minha mente brilhante e maravilhosa para trabalhar e começasse a seguir os rastros dele até seu covil, e então...

... e então nada mesmo, porque minha mente não estaria seguindo coisa nenhuma; minha mente estava firmemente encerrada em seu lugar dentro do meu crânio, cavalgando acima do corpo enquanto realizava suas tarefas como protetora de Jackie. Eu não podia caminhar sob a luminosa e acolhedora luz da lua e deslizar ao longo das sombras para encontrar Patrick no que seria com toda a certeza um esconderijozinho terrivelmente óbvio, não poderia levá-lo e prendê-lo com fita adesiva e encerrar as coisas do jeito certo, do meu jeito... porque eu estaria passando aquelas preciosas horas sombrias pairando sobre Jackie com vigilância e astúcia, e, talvez, um pouquinho mais de rum escuro.

Eu me dei conta de que a conversa na salinha de Deborah havia acabado, e ergui os olhos das cartas para ver Jackie e minha irmã me encarando.

– O que foi? – perguntei.

Jackie sorriu, encorajadora.

– Estávamos esperando que você fechasse os olhos e, você sabe – ela disse, com um gesto vago com uma das mãos –, fizesse aquela coisa quando você entra na cabeça dele.

– Eu tenho a impressão de que não vou caber – eu disse, tentando não soar confiante demais. – A dele é uma cabeça pequena e muito comum.

Deborah bufou, e Jackie disse:

– Comum?! Meu Deus, depois do que ele fez... e você diz que ele é *comum?!*

– Isso mesmo – afirmei. – Um assassino comum, banal, demente e psicótico. – Eu dei de ombros. – Bastante previsível.

– Então, preveja-o – disse Deborah.

– Fácil. Ele vai vir atrás de Jackie. – E acenei para ela com um sorriso tranquilizante.

Por algum motivo, isso não pareceu tranquilizar muito a atriz. Ela ergueu as mãos com uma expressão de alívio sarcástico.

– Puta merda, é muito bom saber disso – ela disse, balançando a cabeça. – Quer dizer, vir atrás de mim, isso é demais... mas a gente já não sabia disso?

Deborah, pelo menos, não estava tão irritada a ponto de precisar recorrer ao sarcasmo. É claro, Patrick não estava atrás *dela.*

– Como ele vai fazer isso? – Deborah perguntou.

– De um modo muito direto – eu falei para elas. – Nada sutil, nada muito inteligente. Ele é um martelo, não um escalpelo.

– Bom, maldição – disse Jackie. – Um martelo pode muito bem se enfiar no meu crânio do mesmo jeito.

– Não comigo aqui – eu disse, e embora admita que isso tivesse muita cara de contar vantagem, nada parecido com meu habitual estilo de discrição modesta, eu realmente acreditava nisso. – Sério, Jackie, esse cara não é capaz de nenhuma verdadeira surpresa.

– Ele deu um puta susto naquelas outras três moças – ela disse, sombria.

– Elas não sabiam quem ele era. E – acrescentei, tentando com todas as forças dizer isso com calma, modéstia e ser convincente – elas não me tinham por perto.

Ela me olhou longa e fixamente, seus olhos escaneando minha face, procurando algum sinal de que eu tinha superpoderes secretos. Acho que não viu nada do tipo, mas pareceu ficar um pouquinho mais relaxada.

– Bom – ela disse, e olhou para Deborah. – Quer dizer, então, hum... o quê?

– Nada mudou – Debs lhe disse. – Eu cuido de você durante o dia, Dexter cobre você a noite toda.

– Oh, me cobre – disse Jackie. E ela abriu a boca para dizer mais alguma coisa, então a fechou de novo, me olhou e, por algum motivo, enrubesceu. – Digo... – Hesitou e desviou o olhar de mim rapidamente; e por um momento ela pareceu tão perturbada que até seu magistral uso de sarcasmo a abandonou. – Então, tudo bem, então, tá certo. – Ela assentiu algumas vezes

e pigarreou. – Tudo bem – acabou dizendo outra vez. – Se vocês dois estão tão... confiantes?

Eu só fiquei lá parado e, *já* que não tinha ideia do que havia acabado de passar pela cabeça de Jackie, tentei parecer calmo e impressionantemente confiante, deixando que minha irmã dissesse:

– É, eu acho que sim. Dexter geralmente tem razão a respeito dessas coisas. – E então ela inclinou a cabeça para o lado e olhou para Jackie, pensativa. – Você quer contratar mais alguém?

– Oh, não – Jackie falou abrupta e rapidamente. – Quer dizer, não. Dexter é muito... – Ela pigarreou e me olhou, e então desviou o olhar. – Eu confio em você. Em vocês dois.

Deborah continuou a olhá-la com uma das sobrancelhas erguida, e por fim começou a balançar a cabeça.

– Bom, merda, quem pensaria nisso – disse baixinho, mas, antes que pudesse completar o que teria sido um pensamento muito interessante, o telefone da mesa dela tocou alto, e ela se voltou para pegá-lo. – Morgan – disse no receptor. Ela me olhou e falou: – Sim, eu acabei de vê-lo. Vou mandá-lo aí pra baixo agora mesmo. – Desligou o telefone e me lançou um sorrisinho maldoso. – Robert – ela disse. – Ele está solitário. – Fez um gesto brusco com a cabeça indicando a porta do *hall.* – Some! – ela disse.

Não parecia muito justo que bancar a babá de um ator um tanto quanto mimado devesse ocupar meu tempo quando havia um assassino para pegar – sobretudo quando era um assassino cujos esforços vulgares e rasteiros estavam dando à profissão uma má reputação –, mas a vida de trabalho na força policial poucas vezes faz sentido para os soldados rasos, e minha tarefa sem sentido era ficar com Robert. Eu sumi.

Robert estava exatamente onde eu o havia deixado, no laboratório. Mas não estava mais sozinho. Parado ao lado dele havia um afro-americano atarracado de seus trinta e tantos anos, com a cabeça raspada e grandes óculos com aro de osso. Ele tinha cinco ou seis *piercings* de ouro e diamante em sua orelha esquerda e vestia uma camiseta preta bem surrada em que

estava escrito “METALLICA” em letras elaboradas, e uns shorts de tecido xadrez largos e desbotados que estavam muito abaixo da cintura. Olhei para ele e ele me olhou de volta, inexpressivo. Robert nos poupou do que poderia ter sido uma situação social muito constrangedora exclamando em voz alta:

– Ei! Caramba, deve ter sido um descarrego dos diabos, hein?

Eu sou amplamente conhecido por meu aprumo sofisticado e minha ironia sempre pronta, mas não tinha a menor ideia do que aquilo podia significar; e somando à dificuldade de ter um estranho em meu ambiente, temo que aquilo tenha momentaneamente me deixado perdido. Eu só fiquei encarando Robert, e murmurei algo parecido com: *Oh, bom, você sabe,* antes de me lembrar que a desculpa para deixá-lo haviam sido dificuldades gástricas.

– Para ser sincero – corrigi –, outras coisas apareceram no meu caminho.

– É, eu imaginei – disse Robert. – Só estava brincando. Ei! Veja só quem está aqui! – E empurrou o outro homem um pouquinho para a frente.

– Oh – eu disse. – Hum, quem?

O cara afro-americano revirou os olhos, mas Robert disse:

– Ele está só brincando, Renny. Dexter Morgan, este é Renny Boudreaux!

Ele pronunciou o nome “boo-DROW”, e como sou um homem do mundo e reconheço um nome francês quando ouço um, fiz um gesto de cabeça para ele e disse:

– *Enchanté, m'sieu*[9]

Boudreaux me encarou e então, com um olhar de admiração no rosto, falou:

– Isso aí é *francês*?! Caraca, você é *fino.* Eu gosto disso. Francês, isso é... Me diz, Dexter, você já comeu um cara negro?

Eu queria mesmo acreditar que não havia compreendido bem o cara, mas ele disse aquilo em tão alto e bom som que não dava para a gente se enganar. Então, só balancei a cabeça e respondeu:

– Não, ainda não. Mas o dia é uma criança.

Robert caiu na gargalhada, mas Renny só acenou como se estivéssemos tendo uma conversa de verdade, e disse:

– Hm-hum. Bom, cê não vai começar *comigo,* seu filho de uma grande puta. Então, enfia esse seu maldito francês no rabo, que é o lugar dele. – Balançou a cabeça, me olhando com cautela, e concluiu: – Francês. Merda.

Sempre achei que a Arte da Conversação atinge seu ponto máximo quando todas as partes envolvidas têm uma vaga ideia a respeito do que estão falando, e, na presente situação, eu havia sido deixado de fora da jogada. Eu estava começando a me sentir como se tivesse entrado por acaso em algum tipo de Performance Surrealista – talvez uma daquelas que tentam provocar a audiência até uma reação extrema. Mas, pelo menos, Robert parecia estar se divertindo. Ele riu de novo, uma risada alta e metálica, que não parecia muito normal, e empurrou Renny na minha direção de novo.

– Renny vai fazer o papel de Aaron Crait, meu assistente forense – disse Robert. – Você sabe, no seriado. – Ele piscou e acrescentou: – Meio tipo você e Vince, certo?

Eu nunca tinha pensado em mim como alguém que tivesse um assistente; e, se tivesse, certamente não seria alguém como Vince; e pensar nele nesse papel assim tão subitamente me deixou ainda mais desconcertado. Contudo, Robert não me deu tempo para refletir a respeito desse relacionamento desconfortável. Ele continuou todo contente.

– Renny chegou hoje de manhã em Miami, e eu falei pra ele dar uma passada aqui, porque achei que você não ia se importar em dar um curso rápido de perícia forense, certo? – É possível que minha boca ainda estivesse aberta, porque Robert subitamente deu a impressão de estar um pouco desconfortável, até mesmo um pouco ansioso. – Hum, você não se importa, se importa, Dexter? – ele disse. – Porque é, você sabe, eu achei que fosse importante. Que, você sabe, nós estivéssemos todos em pé de igualdade... Pra gente fazer tudo certo. – Ele baixou o tom de voz e falou confidencialmente, quase implorando: – Só umas horinhas, esta tarde...?

– Bem, acho que sim – respondi. Afinal, eu havia sido requisitado para ficar à disposição da Big Ticket Network de modo geral e de Robert pessoalmente, e umas poucas horas passadas instruindo Renny provavelmente não iriam matar ninguém.

– Obrigado. Demais, não é, Renny? – Ele piscou de novo e acrescentou: – Você provavelmente viu Renny no Leno ou algo assim.

– Eu não assisto ao Leno – eu disse.

– É, bom, eu não culpo você – disse Robert. – Bom, Renny faz comédia *stand-up* quando não está atuando.

– Seu filho de uma grande puta, eu já disse DUAS VEZES pra você! – reclamou Renny, olhando feio para Robert, e não dava para dizer se ele estava bravo de verdade. – Eu não faço comédia... eu faço Comentário Social! – Ele balançou a cabeça e tornou a me olhar. – Deus fez esse cara tão bonito porque ele é BURRO pra cacete – ele me disse.

– Ah, achei que era o único que tinha percebido – eu falei, e Robert soltou outra de suas gargalhadas horríveis.

– Qual parte você percebeu, a burrice? – perguntou Renny. – Ou só a beleza... ele já deu em cima de você, Dexter?

– Ainda não – respondi. – É provável que ele faça isso?

– Eu num tô dizendo nada – disse Renny. – Mas se ele convidar você pra tomar um banho...

– Eu peço pra deixar pra outra hora? – eu falei.

– Não, seu retardado. Não deixe o sabonete cair – disse Renny.

– Rá! – grasnou Robert. – Muito legal, eu sabia que vocês dois iam se dar muito bem.

E já que agora sabia que Renny e eu estávamos nos dando muito bem, eu sabia exatamente a coisa certa para fazer nessa situação. Dei um passo adiante e peguei a mão dele.

– De qualquer modo... é um prazer imenso conhecer você, Renny – eu falei.

Renny ficou me encarando por uns instantes antes de devolver o aperto; quando fez isso, o olhar dele encontrou o meu, e o tempo vacilou em um rastejar lento e sombrio...

... e, só por um instante, eu achei que tinha visto *alguma coisa* por trás do véu dos olhos dele, alguma coisa sombria e maldosa; e aquilo estava me olhando e expondo suas presas. Eu não podia ter certeza absoluta; foi só um lampejo rápido, o suficiente para fazer o Passageiro das Trevas sibilar e desenrodilhar uma de suas espirais. Mas isso me espantou; eu larguei a mão de Renny e dei um passo para trás, procurando alguma confirmação no rosto dele. Não havia nada; ele só ficou me olhando e depois se voltou para encarar Robert.

– Então, porra, ainda não é hora do almoço? Seu namorado Dexter conhece algum lugar pra comer onde sirvam comida *de verdade?* Ou é tudo coisa de cubano branquelo? – Ele tornou a me olhar e acrescentou: – Cê num vai me levar pra comer nenhuma comida *francesa,* vai, seu viado?

– Bom – eu disse (e admito que estava satisfeito com minha rápida e suave recuperação do que havia sido até então um encontro muito desconcertante) e lhe dirigi meu melhor sorriso falso. – Se não dá pra você comer um Branquelo Cubano, e você não gosta de Veado à Francesa, sempre tem comida chinesa.

Renny me encarou, e então, lentamente, balançou a cabeça como quem concorda.

– A primeira coisa sensata que você disse.

CAPÍTULO 14

A TARDE TRANSCORREU DE MANEIRA BEM AGRADÁVEL, CONSIDERANDO que eu a havia passado com um zero à esquerda fútil e egocêntrico e um comediante muito barulhento que bem que poderia estar transportando um Passageiro das Trevas. Renny, aparentemente, era bem conhecido, apesar de eu nunca ter ouvido o nome dele, e na hora do almoço tanto ele quanto Robert foram cercados por admiradores com sorrisos tolos que queriam autógrafos, fotos e um ligeiro lampejo do brilho refletido por meus dois pupilos. Os dois levaram tudo isso numa boa, embora Renny passasse um sermão em seus fãs com insultos profanos ditos em voz bem alta. Eles pareciam gostar disso, e a situação, com certeza, fez Robert se divertir.

E uma vez mais, como tinha sentido com Jackie, percebi que eu tinha essa estranha sensação de apreciar o fato de ser Parte Daquilo, um dos Poucos, no centro das atenções dos meros mortais que nos viam. Comecei a pensar se, nesse meio-tempo, eu por acaso não tinha ficado com um parafuso a menos; com certeza alguma coisa estava errada. Esse não era um comportamento adequado para Nosso Escoteiro Sombrio; ávido por atenção, dando um sorriso convencido para a multidão lá do centro da invejada Panelinha, e absorvendo a luminosidade refletida como se ela fosse algum tipo de tônico. Ser constantemente observado, ter cada par de olhos seguindo cada movimento meu e, ainda pior, gostar disso – uma fantasia impossível para a Coisa que Eu era. Esse era um estilo de vida que destroçaria completamente tudo que eu era, tudo aquilo que eu defendia. Era impensável. Mas, aparentemente, eu gostava disso. Gostava *mesmo* disso.

Fiquei pensando nisso enquanto observava Renny; ele certamente adorava a atenção – e, no entanto, eu tinha visto o que eu tinha visto. Não tinha? E se tinha, ele claramente conseguira descobrir um modo de viver à luz dos refletores e ainda assim alimentar a besta. Será que eu conseguiria fazer

isso também? Pensei em seguir Jackie ao redor do mundo, de vez em quando me afastando discretamente para um pouco de diversão silenciosa. E eu não consegui evitar o pensamento: *será que eles têm fita adesiva em Carmes?*

Um trio de fãs sorridentes e soltando risadinhas interrompeu; Renny as insultou enquanto Robert dava autógrafos, e depois Renny os deu também, e as três fãs foram embora com seus pés mal tocando o chão. Eu havia acabado de conseguir conter meus sentimentos magoados pelo fato de elas mal terem me olhado, quando me dei conta de que Robert estava argumentando que a Personagem do Seriado interpretada por Renny, Crait, deveria ter uma sexualidade ambivalente.

– Por que cê quer que eu seja gay, seu filho da puta? – disse Renny. – Tá procurando um namorado?

– Não é gay – insistiu Robert. – *Ambivalente.*

– Ambimerda – disse Renny. – Então cê quer que eu corte pros dois lados? Por quê, caralho?

– Não, não, ambi, só... é assim, nós nunca ficamos mesmo *sabendo...* ele é hetero? Ele é gay? – disse Robert. – Quer dizer, talvez a gente o veja com uma mulher muito bonita mesmo.

– Gostei mais disso – disse Renny, assentindo.

– E então, tem uma festa, e ele aparece vestido de Carmen Miranda. – Ele me lançou um olhar rápido, franziu as sobrancelhas e voltou a olhar Renny. – Ou, você sabe – ele acrescentou –, Diana Ross.

– O caralho pro que cê diz.

– É tão *autêntico,* é... Você não consegue imaginar como isso poderia ser *poderoso?*

Com a vinda da palavra “autêntico” logo depois da referência a Carmen Miranda, eu subitamente percebi o que Robert estava fazendo. Quando tinha dito que ele e Renny eram exatamente como eu e Vince Masuoka, ele não estava simplesmente arrumando assunto para uma conversa. Estava afirmando um princípio estético básico. Assim como havia aprendido a copiar todos os meus maneirismos inconscientes, ele queria que Renny *se tornasse* Vince para o seriado. De modo que a Arte, se é que isso era arte, literalmente imitasse a Vida.

Balancei a cabeça e me desliguei deles; isso já era demais para a Arte da Criação.

Depois do almoço, nós voltamos para o laboratório e eu dei para Renny seu curso intensivo de perícia forense, enquanto Robert ficava saltitando ao meu lado e interrompia constantemente para mostrar quanta coisa ele já sabia. Justiça seja feita, Renny parecia ser muito mais esperto do que Robert; ele se concentrava, fazia perguntas muito inteligentes e rapidamente aprendeu o suficiente da coisa básica para enganar a mais sofisticada câmera de televisão. Mesmo assim, eu não conseguia me livrar daquela sensação de desconforto que havia sentido ao ficar imaginando se realmente havia visto Aquela Coisa por trás dos olhos de Renny, e, caso tivesse, o que ele poderia fazer com ela.

Na hora de ir embora, eu estava mais do que pronto para fugir uma vez mais para vigilância suntuosa, e foi com um ridículo sentimento de ansiedade que fui rapidamente até o covil de Deborah para pegar Jackie. Ouvi as vozes das duas antes de vê-las, mas, quando surgi com um *oi* todo feliz, as duas repentinamente ficaram em silêncio e me olharam com toda a seriedade.

– Eu não queria estragar a festa – falei.

– Nada de festa por aqui – disse Deborah, e Jackie balançou a cabeça.

– Então, o que foi? – eu falei. – Você deu para o Anderson o nome e a foto do Patrick Bergmann?

– Na-na-ni-na-não! – disse Jackie, toda feliz.

– O quê? Por que não?

– Ordens do capitão Matthews – disse Deborah com toda a solenidade.

Eu pisquei, e admito que essa era a única coisa que eu era capaz de fazer, a não ser dizer *mas,* então, fiz isso também:

– Mas...

– Que coisa, né? – disse Jackie, ainda com o que parecia ser uma leviandade muito inconsequente.

– Hum, é – eu disse. – Alguma razão particular?

– O Anderson nem olhou na cara do detetive Echeverría – disse Debs. – Então, o capitão dele telefonou para Matthews e exigiu uma explicação, e agora eu estou na merda.

– Você? – eu falei. – E qual a razão?

– Por interferir com a investigação de Anderson – explicou Debs. – Uma coisa que não aconteceu porque ele não investigou nada.

– E por atrair o Echeverría de Nova York pra cá – disse Jackie. – Aparentemente, isso viola o código não escrito.

– Alguém deveria escrevê-lo – eu falei.

– E, então, agora – disse Deborah, com um gesto irônico com as mãos –, nós temos as mãos livres e vamos pegar esse filho da puta pervertido e foder eles todos. – Ela deu de ombros. – Enquanto eu estou sendo punida.

– Ficar a pão e água? – perguntei.

– Pior – ela falou. – Eu fui oficialmente avisada para me afastar da investigação de Anderson...

– O que inclui – interrompeu Jackie, toda animada –, NÃO dar para ele quaisquer outras pistas, dicas ou conjecturas que possam interferir com o trabalho dele.

– Bem, então essa é a punição perfeita – eu disse.

– E – disse Deborah, fazendo uma careta – eu devo permanecer como consultora técnica para o seriado de Jackie durante toda a gravação. – Ela me lançou um sorriso irônico. – E você também.

– Oh – eu disse, imaginando como seria possível sobreviver à companhia de Robert por tanto tempo. Acho que meu rosto demonstrou o que eu estava pensando, porque Jackie emitiu um som que lembrava um bufo e falou:

– Ei, vocês. Não é assim *tão* ruim. Tipo, a comida no *set é* muito boa, e é tudo de graça.

– Ótimo – disse Deborah. – Eu posso comer *donuts* enquanto os corpos se amontoam ao redor do Anderson.

– Bem, se vai ter *donuts...* – eu falei.

Deborah balançou a cabeça.

– E você só precisa disso para ficar feliz?

– Isso... e a celebração que está acontecendo lá embaixo, no laboratório. É muito festiva mesmo.

– Um laboratório forense festivo? – disse Jackie, um sorriso se retorcendo nos cantos da sua boca. – Mas isso é trapaça.

– Mais um ator chegou – eu falei. – Renny Boudreaux?

– Oh, Deus, ele é o máximo – disse Jackie, balançando a cabeça. Ela olhou para Debs, que ergueu uma sobrancelha. – Um comediante fantástico. Quer dizer, ele é um idiota completo, mas um idiota muito engraçado mesmo.

Deborah bufou e disse:

– Um idiota engraçado. Grande conceito. – E as duas soltaram uma risadinha como se fossem membros de uma mesma fraternidade.

O sedã estava à nossa espera na porta da frente. Era o mesmo motorista de novo, e eu indiquei para Jackie o banco traseiro, entrando discretamente pelo outro lado. Fizemos a maior parte do trajeto em silêncio. Jackie olhava o trânsito pela janela, de vez em quando me lançando um olhar rápido. Eu olhava rapidamente de volta, conjecturando em que ela estaria pensando, mas ela não me deu dicas, a não ser por um sorrisinho ocasional e cansado. Era óbvio que estava ocupada demais tendo pensamentos profundos para querer uma conversinha banal; então, eu a deixei pensando e embarquei em um doce devaneio particular.

Pouco antes de entrarmos no acesso para a via expressa, um *BANG!* muito alto soou atrás do nosso carro, e nós dois fomos arremessados para a frente. Olhei pelo vidro traseiro: o motor de uma motocicleta havia produzido um som alto como o de uma explosão enquanto ela abria seu caminho entre os carros mais lentos ao longo da faixa branca. Lancei para Jackie um sorriso tranquilizador, e ela afundou no assento e voltou ao seu silêncio pensativo.

No cruzamento com a Dolphin, o tráfego se transformou em um rastejar, já que todo mundo parava para olhar um Jaguar cor de marfim parado no acostamento. Um fino fio de fumaça saía de uma das janelas e um homem muito gordo estava parado ao lado do carro, gritando com uma mulher esbelta e elegantemente

vestida. Ela fumava um cigarro imenso e tinha a aparência cansada enquanto o homem berrava com ela, as veias em seu pescoço se inchando visivelmente.

– Acho que estou começando a gostar de Miami – disse Jackie ao passarmos lentamente pelo Jaguar e seu teatrinho.

– Mais do que de Los Angeles? – perguntei.

Ela fez uma cara feia.

– Ninguém gosta de verdade de Los Angeles – ela disse. – Nós só temos de morar lá. Parte do nosso pacto com o Diabo. – E então ficou quieta de novo, só olhando pela Janela do sedã e perdida em seus pensamentos, até finalmente pararmos na frente do hotel.

O porteiro com o sobrinho talentoso manteve a porta da frente aberta para nós, e Jackie o recompensou com um sorriso.

– Obrigada, Benny – ela disse. – Você está trabalhando até mais tarde hoje?

Benny sorriu para ela.

– Peguei jornada dupla, srta. Forrest – ele falou. – Eu preciso mesmo da grana e, de qualquer modo, tenho que ser honesto, eu não quero ir pra casa enquanto a senhorita estiver por aqui.

O sorriso de Jackie ficou mais amplo e ela deu umas palmadinhas no braço dele.

– Bom, eu não gostaria de ter qualquer outra pessoa aqui na porta – ela disse, e Benny deu um sorriso tão grande que eu pensei que a cara dele fosse rachar. Mas não houve gritos de dor vindos de bochechas explodindo atrás de nós enquanto eu escoltava Jackie até o elevador, e quando as portas deslizaram se fechando, ela fechou os olhos e balançou a cabeça.

– Oh, Deus – ela disse –, aquilo soou idiota demais?

– Ele ou você? – eu perguntei, genuinamente confuso.

Ela se recostou na parede do elevador, os olhos ainda fechados.

– É uma coisa meio... como é que as pessoas dizem? *Noblesse oblige.*[10] – Ela abriu um olho e o fixou em mim. – O que soa muito pomposo, eu sei.

– Só um pouquinho – eu disse, encorajador.

– É, obrigada – ela agradeceu e fechou os olhos de novo. – Mas que inferno. Você tem de dizer alguma coisa e não tem de ser Shakespeare para fazer a felicidade de alguém. – Suspirou profundamente. – Faz parte do trabalho. E Benny parece ser um cara legal. Tão... *normal...*

Eu não disse nada. Afinal, você precisa entender mesmo uma observação antes de respondê-la, e eu não tinha entendido. Era óbvio que Jackie estava em uma veia filosófica – mas se a noite ia se encaminhar para Aristóteles ou para o existencialismo, não dava para eu dizer baseado no comentário dela a respeito da normalidade do Benny. E, como os melhores filósofos podem dizer para a gente, de qualquer modo, o resto é silêncio, então, eu fiquei quieto.

Levei Jackie até a suíte sem nenhum tipo de manifestação de Dialética Kantiana, e quando nos acomodamos em nossas cadeiras na varanda e esperamos os *mojitos,* Kathy bateu à porta, passando rapidamente por mim com um olhar duro e altivo quando eu a deixei entrar, e se encaminhou diretamente para Jackie, as mãos cheias de papéis e seus eternos celular e copo do Starbucks.

Os *mojitos* chegaram. Kathy agitou papéis e falou sem parar por mais uns dez minutos, enquanto Jackie assentia, interrompendo umas poucas vezes com perguntas abruptas, assinando uns papéis e acenando cansada para o quase interminável fluxo de detalhes. Quando Kathy finalmente Juntou os papéis e seu copo de café, Jackie tinha a aparência cansada e um pouco soturna. Fiquei imaginando o motivo. Ela havia suportado a artilharia de Kathy, que tinha sido um discurso longo e exaustivo vindo de uma pessoa bastante desagradável; mas, mesmo assim, eu estava surpreso ao ver como Jackie subitamente aparentava ser tão *mortal.* Ela pegou seu *mojito* e bebeu enquanto eu conduzia Kathy para fora e acorrentava a porta atrás dela, refletindo a respeito do alto preço da fama. Tudo tinha parecido tão atraente, mas agora eu me flagrei pensando.

Jackie tinha dito que havia desistido *de tudo* por isso; valia a pena? Quer dizer, não só ter de aguentar uma excrescência irritante como a Kathy algumas vezes por dia, embora isso

certamente desse a impressão de ser um fardo muito pesado. Mas trocar todas as outras coisas por causa das quais as pessoas *normais* viviam, as coisas que elas alegavam que as deixavam felizes: lar, casamento, filhos – todas as coisas que eu havia adquirido como suportes para meu disfarce. Elas não me faziam feliz, é claro, mas eu provavelmente não sou capaz de sentir a verdadeira felicidade. Momentos de uma satisfação muito recompensadora, sim – mas seriam eles o resultado da minha Vida Normal e Feliz? Não dava para eu pensar assim de improviso em tais momentos. Eu nunca tinha lançado um rápido olhar para uma pilha de roupa suja por lavar e me sentido extasiado; nunca sorri feliz enquanto Astor urrava com a mãe e jogava sapatos pela sala. Para ser honesto, nunca tinha sequer carregado minha própria filha, Lily Anne, e pensado *Isto é o Paraíso...*

Eu tinha meus momentos, é claro. Contudo, a maior parte deles parecia surgir quando eu estava pairando sobre um companheiro cuidadosamente escolhido e firmemente imobilizado com fita adesiva enquanto ele se contorcia tentando fugir da música cristalina da faca – não era bem a mesma coisa que apreciar uma noite tranquila em casa com a esposa e os filhos. Talvez nem mesmo a felicidade; mas dava certo para mim.

Olhando o lado mais positivo das coisas, eu certamente estava apreciando o tempo passado como parte do *entourage* de Jackie. Viver no regaço do luxo, ser admirado aonde quer que eu fosse – isso era viver na extravagância, uma vida sem a menor preocupação. A não ser, é claro, pela preocupação ínfima de saber que um assassino psicótico maluco poderia bater à porta a qualquer momento. A não ser por isso, eu não conseguia pensar em nada mais que eu pudesse sensatamente desejar como estilo de vida.

Mas seria essa a verdadeira Felicidade? Provavelmente não, ou eu não a estaria sentindo.

Será que Jackie a sentia? Seria ela feliz com a vida de luxo sem limites, admirada e até mesmo festejada aonde quer que fosse? Seria isso assim tão maravilhoso quanto aparentava ser? Será que a deixava satisfeita? Não era da minha conta, é claro –

mas, repentinamente, pareceu uma pergunta que eu gostaria de ouvir Jackie responder.

Voltei para a varanda para encontrar a atriz olhando fixamente para a água, ainda parecendo melancólica.

– Tudo bem? – perguntei.

Ela assentiu.

– Não poderia estar melhor – respondeu, e eu torcia para que ela fosse mais convincente quando as câmeras começassem a rodar.

Eu me sentei na cadeira e tomei um gole do *mojito.* Talvez o rum tivesse afrouxado a minha língua, mas, quando meu drinque começou a diminuir, o silêncio aumentou, e acabei perguntando, bruscamente:

– Você é feliz?

– Eu? – disse Jackie, me olhando como se eu tivesse sugerido alguma coisa indecente. Ela balançou a cabeça e olhou para fora, para a água da baía de Biscayne, e então pegou seu *mojito* e engoliu o resto dele e, ainda olhando para a baía, disse: – É claro que sou feliz. Eu tenho tudo que qualquer outra pessoa possa desejar. – Ela olhou o copo vazio. – Exceto mais *mojitos.* Peça uma jarra, tudo bem? – Colocou o copo sobre a mesa e se levantou. – Preciso ir ao banheiro – avisou e, em um leve redemoinho de perfume, sumiu.

Eu farejei a névoa de perfume dela e me acomodei de novo na cadeira, me sentindo um retardado completo. Por que estava pensando em tais coisas, fazendo perguntas tão estúpidas? Tentei me lembrar dos sinais que prenunciavam o Apocalipse; tinha certeza quase absoluta de que eles não incluíam ficar discutindo filosofia com uma estrela da televisão, mas talvez o Concílio de Niceia tivesse excluído esse da lista.

Chamei o serviço de quarto e pedi mais *mojitos.* Eles chegaram bem quando Jackie voltou, e o garçom quase despencou pela balaustrada da varanda enquanto tentava segurar a bandeja e puxar a cadeira para Jackie ao mesmo tempo. Jackie se acomodou e deu um sorriso cansado para o rapaz, e ele saiu tropeçando porta afora, com um sorriso imenso,

como se acabasse de ter sido eleito o presidente da turma da quinta série.

Coloquei a corrente na porta quando ele saiu e voltei para a varanda. Jackie estava amontoada em sua cadeira, olhando para fora, para a água, com a borda do copo apoiada em seu lábio inferior. Eu me sentei, pensando no que poderia ter deixado o estado de espírito dela tão amargo. Achei que era só a tensão por ser perseguida. Mas e se fosse eu? E se alguma coisa que eu tivesse dito ou feito – ou *não* dito e *não* feito – a estivesse deixando aborrecida? Isso seria desastroso; isso iria destroçar totalmente a minha nova fantasia de Capitão Entourage. Tentei pensar em como eu poderia tê-la ofendido e fiquei com as mãos abanando. Meu comportamento havia sido exemplar.

Contudo, alguma coisa estava claramente deixando-a aborrecida. Talvez fosse o nível de açúcar no sangue – ela não comia o suficiente para manter um *hamster* vivo, e o infalível relógio biológico dentro de Dexter estava dizendo que, com toda a certeza, era hora do jantar.

Mas, antes que eu pudesse formular uma sugestão educada de que a comida poderia ser exatamente a coisa que restauraria a saúde física e mental dela, meu celular começou a tocar. Eu o peguei e olhei para a tela. Era Rita.

– Oh – eu disse para Jackie. – Com licença. – Ela assentiu sem me olhar, e eu atendi ao telefone. – Oi – eu disse, com tanta alegria quanto fui capaz de fingir.

– Você disse que iria telefonar – falou Rita. – E isso foi na segunda-feira... e Deborah me disse que é alguma coisa arriscada. Mas eu não consigo entender o que ela quer dizer e... Você tem meias limpas?

– Sim, eu tenho meias – respondi, olhando rapidamente para Jackie e esperando que ela estivesse ocupada demais com seus pensamentos para me escutar.

– Você sempre perde suas meias – disse Rita. – E detesta quando elas estão sujas; se lembra daquela vez em Key West? E elas custaram o dobro do preço lá.

– Bom, não estou em Key West – eu disse. – E tenho umas meias limpas.

Os cantos da boca de Jackie começaram a se torcer, e embora eu esperasse que ela estivesse apenas se lembrando de uma excelente piada do tipo *toc-toc,* eu tive a distinta e desagradável sensação de que ela estava tentando com todas as forças não rir de mim.

– Você sabe quanto tempo vai durar? – perguntou Rita. – E há umas caixas muito pesadas aqui, coisas da garagem, eu não consigo carregar. Mas elas precisam ir para... Oh. A luz está ligada agora? E a companhia de seguros disse que a nova casa tem um valor de mercado muito mais alto do que... Astor, eu estou falando ao telefone. Astor, por favor! Você ainda está aí, Dexter?

– Estou aqui – eu disse. – Como estão as crianças?

– Um dente da Lilly Anne está nascendo – disse Rita. – Ela está muito mal-humorada, e eu não consigo nem... O quê? Não, primeiro você precisa fazer sua lição. Não. Porque você *tem* de fazer – ela disse. Para Astor de novo? Ou era Cody dessa vez? Não tinha como eu saber, e descobri que não me importava. Eu estava começando a achar a conversa toda irritante, e o jeito de Jackie lutar tão abertamente contra uma crise de risada caçoísta não ajudava em nada. Eu me afastei dela e abaixei o tom de voz.

– Sinto muito por não ter telefonado – eu disse, tentando dar um tom de fim de conversa para minha voz. – Mas vou tentar telefonar de novo amanhã, tudo bem?

– Amanhã é a reunião com a professora do Cody – ela disse. – Às três em ponto, e você disse... Mas *que inferno,* Astor, me deixa falar por um minuto!

Eu tenho quase certeza de que não tinha dito nada parecido, mas me lembro de ter dito que eu iria à reunião de pais de Cody.

– Vou tentar ir – falei –, mas estou ocupado demais.

– Bem, você prometeu mesmo – disse Rita. – E para ele é importante, então... Oh, meu Deus, o bebê. Tenho de desligar.

– Tudo bem – falei. – Tchau.

Desliguei meu celular e me voltei para Jackie. Ela estava me observando com uma expressão muito estranha no rosto, em parte diversão e em parte – o quê? Alguma outra coisa que eu não podia definir.

– O quê? – perguntei, mas ela só balançou a cabeça e bebeu outro gole de seu copo.

– Nada – ela disse. – É só... Nada. – Ela me olhou por sobre a borda de seu copo, os olhos cheios de uma diversão amorfa, entre outras coisas. – Sua esposa parece ser uma pessoa muito legal.

– É, ela é – eu falei.

– E uma boa cozinheira também...

Eu simplesmente assenti.

Ela inclinou a cabeça para um lado e me olhou fixamente, séria.

– Então, vale a pena. Toda... – Ela abanou uma das mãos para indicar quase tudo. – ... essa história de *casamento?* Funciona pra você?

Parecia uma pergunta estranha, o que combinava muito bem com o jeito como a noite estava transcorrendo.

– Acho que sim – eu falei.

– Você acha que sim – ela disse, ainda olhando fixamente, e eu dei de ombros e assenti. – Não é uma afirmação muito forte.

– Bom, o que eu quero dizer é... – falei, tentando pensar em uma resposta apropriada. – Tem seus altos e baixos.

– Hm-hum – ela disse. – Quais são os altos?

– Ah, o, hum... nós estamos nos mudando para uma casa nova – eu disse. – Ela, ahn... tem uma piscina? – Isso soou muito pouco convincente, até mesmo para mim, e Jackie deixou a afirmativa pairar na varanda por alguns segundos, o silêncio fazendo com que ela ficasse ainda menos convincente.

– Hh-hum – ela acabou dizendo. – A piscina precisa de uma cobertura nova.

– Exato. E tem uma cozinha muito maior – eu falei de modo um tanto brusco; não sei o motivo, exceto pelo fato de que eu tinha de dizer alguma coisa.

– Certo – disse Jackie. – E assim Rita pode cozinhar ainda mais.

– Sim, com certeza – disse eu. Agarrei meu *mojito,* principalmente porque estava chafurdando por um terreno muito

lamacento e precisava mesmo da segurança de ter alguma coisa para fazer com as minhas mãos.

– Hh-hum. – Ela bebeu e me analisou com uma sobrancelha erguida. – Então, o casamento faz você feliz?

– É, é, hum – eu disse, com minha habitual eloquência. – Quer dizer, você sabe.

– Não, eu não sei – ela disse. – Nunca passei por isso. – Ela inclinou a cabeça para um lado e deu de ombros. – Mas não dá a impressão de que esteja deixando você superempolgado. – E, embora tenha de admitir que eu estava começando a achar isso também, não parecia uma coisa que diria em voz alta.

– Você ainda não disse como é a Rita – disse Jackie com um franzir de sobrancelhas.

– Oh. Bom, hum... Quer dizer, ela era muito bonita, quando...

– *Era* bonita? – interrompeu Jackie e tomou um grande gole. Eu vi os músculos de seu pescoço se movendo suavemente enquanto ela engolia. – Meu Deus, eu iria arrancar seu coração se você dissesse isso a meu respeito.

– Oh, mas, isso – eu disse, conjecturando como tudo tinha ficado tão fora de controle. – Quero dizer, eu nunca iria dizer isso a seu respeito...

Ela me olhou por um momento e falou:

– É melhor não mesmo.

Ela acabou com os dois últimos dedos de *mojito* do copo e o colocou na mesa com um sonoro *toc.*

– E o jantar?

Depois de me debater com filosofia, com o telefonema de Rita e com o impiedoso interrogatório de Jackie, era agradável ver que finalmente havia alguma coisa real e recompensadora à qual me agarrar.

– É claro – eu disse, com a maior das alegrias que era capaz de simular naquelas circunstâncias. Jackie me lançou um sorriso um tanto cínico e fez um gesto indicando o telefone.

E fiz nosso pedido.

CAPÍTULO 15

EU ESTAVA SENTADO NA VARANDA NO COMEÇO DA MANHÃ SEGUINTE, paparicando minha segunda xícara de café, quando Jackie apareceu e se sentou à minha frente.

– Bom dia – ela disse, animada, afastando uma mecha de cabelos ainda molhados que caía sobre sua testa. Pegou o bule de café e encheu uma xícara. – Hum... Sinto muito se a noite passada eu estava um pouco... – Agitou uma das mãos. – Eu não sei. Só fiquei pensando que, você sabe. – Deu de ombros. – Eu realmente não sei o que fazer com você.

Eu devo ter olhado para ela de um jeito que mostrava como sua afirmativa soava estranha, porque ela ficou vermelha, olhou para o outro lado e agitou uma das mãos no ar e falou:

– O que eu quero dizer é que nunca tive um guarda-costas antes.

– Para ser honesto, eu também nunca fui um antes.

– Certo – ela disse e bebeu o café. – Mas vendo você aqui o tempo todo, esqueço por que você está aqui e eu meio que... você sabe. Não tem tanta gente assim com as quais eu possa só, assim, *passar o tempo.* – Fez uma careta. – Sobretudo homens. – Ela me deu um sorriso amarelo. – Mas eu me sinto muito... *confortável* com você.

Eu poderia ter-lhe dito que aquela não era realmente uma garantia muito boa do bom senso dela, mas Jackie bebeu o café e prosseguiu:

– Você me trata como um ser humano – ela disse. – Não como se eu fosse uma peça rara de porcelana, ou o segundo advento, ou algo assim, e isso é... você sabe como, para mim, isso é pouco comum? Ser tratada como... alguém normal?

– Não exatamente – eu disse. – Mas estou começando a ter uma ideia.

– É muito pouco comum – ela disse. – O que eu quero dizer é, eu sei que faz parte do pacote, e tem até algumas pessoas que gostam disso.

– Sim – eu disse, pensando em Robert. – Eu *percebi* isso.

Jackie me olhou e então me deu um sorriso meio convencido.

– É, ele gosta mesmo, não gosta? – ela disse para me mostrar que sabia o que eu estava pensando.

– Ele com certeza dá essa impressão.

Ela deu de ombros e bebeu um pouco mais de café.

– Bom, eu não. Quer dizer, é legal todo mundo achar que você é maravilhoso, mas às vezes eu só quero me sentir como... você sabe. – Ela jogou as duas mãos para o alto, como se estivesse indicando um *half a touchdown*[11], e então rapidamente as deixou cair de novo. – Idiotice, hein?

– De jeito nenhum – eu disse, cortês, e só um pouco espantado.

– Então, ter você por perto, falando comigo como se nós fôssemos só duas pessoas comuns, me faz... eu começo a ficar relaxada e a me *sentir* normal mesmo, e isso é muito bom. – Ela bebeu café de novo, olhando para a mesa. – E então lembro por que você está aqui, e... Ah, eu não sei. – Ela tomou mais um gole e então colocou a xícara sobre a mesa. – Fico pensando, sabe, como as coisas poderiam ter sido diferentes. Se... – Ela esticou o lábio inferior e soltou a respiração. – Esquece – ela disse e pegou de novo a xícara de café. – É idiotice.

– De jeito nenhum – eu falei, e não era idiotice mesmo. Incompreensível, sim, mas não idiotice.

– Tanto faz. – Deu um estranho sorriso forçado. – Só mais uns dias, e você pode voltar pra sua vida normal.

– Ah, mas, quero dizer, eu realmente não me importo.

Jackie ergueu uma sobrancelha na minha direção por cima da borda da sua xícara e disse:

– É mesmo?

– É, é mesmo – confirmei. Com um gesto com a mão, eu indiquei a suíte, a varanda e a vista. – Tudo isso é novidade para mim. Não tenho esse estilo de vida assim com tanta frequência. – Eu sorri, meu melhor sorriso Caipira na Cidade Grande. – É verdade mesmo, isso é divertido.

Ela me olhou por um longo momento e depois bufou.

– Bom, ótimo. Que bom que posso ser uma fonte de entretenimento.

Jackie ficou olhando fixamente dentro da sua xícara, e fiquei pensando o que eu teria dito de errado. Era óbvio que eu tinha tocado em um ponto sensível em algum lugar, e eu não queria ter feito isso. Sempre tinha achado perigoso chafurdar em águas conversacionais desconhecidas, especialmente as que envolviam sentimentos humanos, mas eu não queria que Jackie voltasse a ficar melancólica – sobretudo se fosse me culpar por isso. Então, dei o melhor de mim e disse:

– Jackie, é sério. Eu estou realmente me divertindo. Gosto de ficar perto de você. – Ela me olhou sem mudar de expressão, então eu acrescentei: – Eu gosto de *você.*

Ela me olhou por cima da borda da xícara, inexpressiva. Os olhos dela dardejaram da direita para a esquerda sobre meu rosto. Finalmente, bebeu seu café e sorriu.

– Bom, que ótimo – ela disse. – Eu estava começando a pensar que era somente o serviço de quarto.

– Para ser bem honesto – eu disse –, ele é muito bom também.

Jackie riu, um som breve e musical, e seu rosto perdeu as marcas de preocupação e voltou a ser perfeito.

– Tudo bem – ela disse.

Terminamos nosso café da manhã com fragmentos escassos de conversa inconsequente e uma rápida invasão de Kathy – mais papelada e lembretes de futuras chamadas telefônicas – e em pouquíssimo tempo estávamos no *lobby* tentando passar por Benny, o porteiro, sem ouvir outras cem páginas da história de sua vida.

– Ei, srta. Forrest! – ele exclamou alegre quando saímos do elevador. Ele me ignorou por completo, e embora eu realmente não fosse capaz de culpá-lo por preferir olhar para Jackie, mesmo assim senti a esnobada.

Jackie, naturalmente, encarou tudo numa boa. Ela lhe endereçou um grande sorriso e cumprimentou:

– Benny! Você não dorme nunca?

– Eu posso dormir quando estiver morto – ele falou. – Mas agora estou com a mais bela estrela do mundo no meu hotel.

Jackie colocou uma das mãos no braço de Benny.

– Que amor – ela disse, e o cara ficou vermelho de verdade.

– Não, ouça, eu falei sério – disse Benny.

– Bem, muito obrigada – disse Jackie, dando umas palmadinhas no braço dele e tentando seguir em frente.

– Deixa eu abrir a porta – disse Benny, passando apressado na nossa frente para manter a porta aberta, com um sorriso imenso.

Jackie me olhou com um ar interrogativo.

– Espere aqui enquanto eu checo – eu pedi, e ela fez um gesto de aquiescência.

Saí pela porta da frente e acenei para Benny.

– Obrigado, meu bom homem – eu agradeci, mas acho que o sorriso dele tinha se expandido demais e lacrado suas orelhas, porque ele continuou a olhar para Jackie e nem pareceu me ouvir.

Fui para fora e cumpri o meu pequeno ritual de segurança. O Corniche ainda estava ostensivamente estacionado na frente, e nosso novo e brilhante sedã estava parado atrás. Comparado ao Corniche, ele parecia um bêbado agachado ali, pedindo umas moedinhas de esmola.

Mas o motorista era o mesmo, e todo o resto parecia em ordem; então eu voltei e arranquei Jackie das patas ávidas do Benny e a levei até o banco traseiro do sedã. Assim como tinha acontecido no dia anterior, um pequeno grupo de observadores se amontoava na porta da frente do hotel e nos desejou tudo de bom em voz alta. O carro já estava se movendo pela saída do hotel quando coloquei o cinto de segurança, e quando o motorista fez a curva para a ponte que levava ao continente, ouvi o mesmo ruído de motor que tinha ouvido a noite passada. Eu me lembrei de ter ouvido uma moto sendo ligada na manhã de ontem também e fiquei pensando se elas estavam em todos os lugares agora. Talvez houvesse uma convenção da Harley em nossa cidade. Ou talvez o preço do combustível estivesse forçando mais pessoas a abandonar seus SUVs e a adotar as duas rodas.

Ou talvez fosse algo além disso.

Senti um sussurro seco das asas internas de morcego enquanto o Passageiro das Trevas se agitava em seu sono e murmurava: *Só é coincidência quando você não está prestando atenção,* e eu fiquei pensando nisso.

E se não fosse coincidência? E se não fossem muitas motocicletas, mas só uma motocicleta muito persistente e ela estivesse nos seguindo?

É lógico, mesmo que isso fosse verdade, poderia não ser mais que um *paparazzo* esperando tirar uma foto de Jackie sem sutiã, ou enfiando o dedo no nariz, ou dançando bêbada em um clube em South Beach. Esse tipo de pessoa é atraído pelas celebridades assim como as mariposas são atraídas pela chama. Com certeza alguns rodeavam por ali, e provavelmente não era mais do que isso; só alguém procurando um bom lugar para tirar uma fotografia.

Por outro lado...

Tenho uma sensação de paranoia muito saudável e natural, e Jackie estava, afinal de contas, me pagando para eu exercitá-la. Nosso perseguidor poderia muito bem resolver nos seguir em uma motocicleta – era o veículo ideal para evitar as armadilhas do trânsito com facilidade e para fugir de uma perseguição se você for identificado. E três encontros com uma motocicleta pareciam um pouquinho suspeitos.

Eu me virei no assento para olhar pelo vidro traseiro, esperando conseguir dar uma olhada rápida no motociclista, mas o meu cinto de segurança enroscou, quase me estrangulando, e não consegui me mexer direito. Levei a mão para o fecho – mas, antes que eu abrisse o cinto, o celular de Jackie começou a tocar.

– Merda – disse Jackie, ansiosa. – Acho que é o *Times.* Dá pra você atender, por favor, Dexter?

Eu atendi ao telefone; era, sim, o *Times* – mas o de Los Angeles. Jackie começou a conversar e, quando consegui me soltar do cinto de segurança homicida e me voltei para olhar para trás, não havia nada a ser visto, exceto o costumeiro comboio enlouquecido e brilhante de veículos irados e potentes. Olhei em todas as direções, mas não vi motocicletas e não ouvi mais

aquele barulho de explosão do motor. Então deixei a história toda de lado antes mesmo de estarmos na metade do trajeto para o trabalho e não pensei mais em motocicletas.

E também não houve uma real pausa para que eu pudesse pensar quando chegamos ao trabalho. Entreguei Jackie aos cuidados de Deborah e fui lentamente para meu laboratório e a cansativa labuta de mais um dia como pastor de Robert.

Eu esperava que Renny também estivesse lá, mas encontrei Robert sozinho, os pés apoiados na minha mesa, encarando intensa e extasiada- mente para um jornal dobrado. Quando eu entrei, ele ergueu o rosto com um olhar assustado e estranhamente culpado, e no mesmo instante deixou o jornal cair sobre a mesa. Parei na soleira da porta, e ele me olhou e se lembrou de sorrir.

– Oh! Ei! – ele disse. Então ficou com uma expressão muito culpada, e rapidinho tirou os pés de cima da mesa e os colocou no chão. – Quer dizer, bom dia!

– Renny não vai vir hoje? – eu perguntei.

Robert deu de ombros e disse:

– Ele vai vir mais tarde. Nunca chega no horário.

Esse me parecia um hábito estranho para alguém do *show business,* e eu cresci em Miami, onde o Horário Cubano é um padrão universal, e aparecer cedo significa que você está apenas vinte minutos atrasado.

– Por que não? – eu perguntei.

Robert fez uma cara do tipo que-é-que-você-estava-esperando?

– Ele é um *comediante* – disse, como se aquilo explicasse tudo.

– Bom, desde que ele esteja aqui para o almoço.

– Ah, ele não vai perder o almoço – disse Robert. E bufou, acrescentando: – E não vai pagar por ele também.

Por mim, tudo bem, desde que Robert pagasse o almoço. E eu estava também feliz por não ter Renny por ali, já que eu ainda não conseguira decidir o que ele era. Então, Robert e eu passamos os noventa minutos seguintes lidando com cromatografia gasosa e então, assim como havia sido previsto,

Renny entrou no laboratório, usando a mesma camiseta do Metallica, mas uns shorts diferentes de um tecido xadrez desbotado e caindo pela cintura.

– Saudações – ele disse, parando desajeitado, com um lado da bunda amontoado no balcão do laboratório.

– Ei – disse Robert. – Você não deveria dizer “qual é” ou algo parecido com isso?

Renny encarou Robert com a cabeça inclinada para um lado, uma sobrancelha erguida e a outra abaixada.

– Cê vai me ensinar a falar como *negro,* Robert? – ele perguntou. – Droga, essa é boa, eu tô morrendo de vontade de aprender.

– Rá! – exclamou Robert, uma interjeição muito artificial, até mesmo para ele. – Tudo bem. Minha culpa. Ei! Dá só uma olhada nisto, Ren. – Ergueu o gráfico que estávamos analisando. – Cromatografia gasosa – pronunciou o nome cuidadosamente, embora ele a estivesse destruindo.

– Hm-hum – disse Renny. – Se cê quer fazer um gráfico do *meu* gás, vai ficar bem ocupado. – Cruzou os braços e pareceu muito satisfeito consigo mesmo, o que, em minha opinião, não era justificado pela piada sem graça. Mas ficou olhando para nós com aquela expressão satisfeita, até eu estar pronto para jogar um microscópio na cabeça dele, e Robert acabou dizendo:

– O que está acontecendo, Renny?

Renny deu um sorriso imenso e disse:

– Estou acabando de chegar de um encontro com a produção. Para o meu *especial.*

– O seu o quê? – perguntou Robert. – Quando você conseguiu um especial?

Renny o olhou e balançou a cabeça, penalizado.

– Bobby, Bobby, Bobby, você não lê nada além do *The Advocate?*

– Ah, que é isso, Ren...

– Porque tava em todos os jornais, Bobby.

– Hum, não, você sabe – disse Robert. – Eu acho que não vi isso.

– É, eu sei – disse Renny. – Você não lê a não ser que seu nome apareça.

– Rá! Rá! É, tudo bem – disse Robert. – Mas quando ele vai ser gravado?

– Sábado à noite – respondeu Renny, parecendo muito feliz.

– Sábado... *este* sábado à noite?

– Hm-hum.

– Quê? – disse Robert. Ele parecia tão alarmado que eu tive de supor que Gravação de Especiais era um tipo de ameaça pessoal para ele. – Quer dizer, ei, isso é muito bom, mas eu quero dizer, você não pode ir embora, ou... você tem de estar aqui para o seriado, certo?

Renny o encarou com ar de superioridade – não era muito difícil, *já* que Robert estava praticamente hiperventilando, e disse:

– Bobby...

– É Robert – corrigiu Robert automaticamente.

– Bobby, cê andou cheirando aquele analisador de peido por muito tempo. Cê não sabe porra nenhuma a respeito do *show biz?*

Eu tinha de dar a Renny muito pouco crédito por ter aumentado sua piada do gás transformando cromatografia gasosa em análise de peido, mas Robert não pareceu perceber.

– Quer dizer, com certeza, é muito bom pra você... – ele disse, esfregando as mãos inconscientemente –, mas nós temos de começar a filmar, e... a rede sabe a respeito disso?

Renny mostrou para ele uma grande coleção de dentes brilhantes e disse:

– Si-im. Ideia deles.

– O quê?! – disse Robert.

Renny o deixou sofrer por mais um segundo antes de dizer:

– Meu especial é *na* Big Ticket Network. – Ele apontou para Robert, ainda sorrindo. – É a mesma rede em que o seriado vai passar. Você sabia disso, Robby?

Robert empalideceu e disse:

– Merda. Eles acabaram com a gente.

Renny deu risada. Apesar de suas piadas quase constantes, essa era a primeira vez que eu o ouvia fazer isso, e fiquei muito

feliz por ele ter se contido até então. Era uma risada alta, mas não terrivelmente alegre; o som dela me fez ficar um pouco apreensivo, e senti uma sutil sacudidela de simpatia vinda do Passageiro.

Mas Renny ficou rindo por vários segundos, batendo palmas para marcar o tempo, antes de finalmente ficar com pena de Robert.

– Oh, Bobby. Oh, Bert. Cara. Sempre é tudo a seu respeito, não é? – Ele riu ainda mais alto, o que me deixou com os nervos à flor da pele, de verdade. E a risada também não pareceu tranquilizar Robert. – Oh, cara. A vida de ator é uma droga, não é? Faz você ficar com a cabeça cheia de merda.

– Eu não acho isso engraçado – disse Robert. – Porque, você sabe, esse seriado é muito... Eu investi muito nele... – Ele fechou a cara e balançou a cabeça, e então olhou para Renny com uma leve esperança em seu rosto. – Quer dizer... o que você quer dizer?

– Eu quero dizer – disse Renny – que há muito, muito tempo, eu devia fazer o especial em Vegas. – Ele mostrou os dentes de novo. – Mas então eu consegui *esse* papel? E então o *sr.* Eissen diz: vamos gravar em Miami e usá-lo para promover o seriado. – Ele ergueu uma sobrancelha para Robert. – Isso pode indicar que meu papel fica um pouquinho maior. Eu sei que você gosta de grandes papéis, Bo.

– Robert – corrigiu.

Renny o ignorou.

– ENTÃO... a gente vai gravar o especial *aqui, neste* sábado à noite, com todo o elenco presente. Eu digo que estou aqui em Miami para gravar o seriado. Faço uma piada a respeito de todos os corpos com que a gente vai ter de trabalhar aqui. A câmera corta pra Jackie Forrest rachando sua linda carinha branca de tanto rir de... *moi*[12]. – Ele ergueu as duas mãos, as palmas voltadas para cima. – Todo mundo tem uma chance. Todo mundo feliz.

– Por que a Jackie? – disse Robert. Eu estava feliz por ver que ele já havia passado para a sua preocupação neurótica seguinte.

– Por que *ela* aparece na câmera? Quer dizer, eu posso dar risada mais alto do que ela a qualquer hora.

Renny olhou Robert, balançou a cabeça e se voltou para mim:

– Que bom que cê tá aqui, Dexter. O Robert é fácil demais.

– Não quero desapontar você – eu falei. – Mas o que tudo isso significa em inglês? – E como ele estava olhando para mim exatamente do jeito que tinha olhado para Robert, eu acrescentei: – Ou em espanhol, se você preferir.

Renny juntou as mãos, baixou a cabeça e as olhou, fingindo rezar. Pelo menos, suponho que fosse fingimento.

– Senhor – ele exclamou –, livrai-me dos idiotas. Por favor, Senhor... ajudai-me nesta situação. – Ele me olhou e disse, como se estivesse falando com uma criança: – Um especial, Dexter. Um especial de *comédia* de uma hora. Estrelando... eu, porque é isso que eu faço. Comédia. Porque sou um *Comediante,* e isso significa alguém que *faz* comédia. E a rede vai gravar meu especial *aqui,* neste sábado à noite, e vai usá-lo para promover o seriado do Bobby, deu pra sacar?

– Espera aí – disse Robert, com ar nervoso, mas esperançoso. – Então eles usam seu especial para promover o seriado...

– Obrigado, Jesus – disse Renny com ar devoto.

– Então o seriado não foi cancelado?

– Nós estamos *nessa,* irmãos e irmãs, e Renny Boudreaux está ainda *mais* nessa, porque ele vai aparecer *primeiro* e vai fazer cês rirem até a barriga *doer,* porque minha cabeça já tá funcionando faz tempo e eu sou de *matar.*

E quando disse “matar”, ele olhou para mim – e lá estava de novo, aquele súbito lampejar da chama sombria – e então Robert interrompeu, e o lampejar desapareceu, e uma vez mais eu fiquei pensando se tinha mesmo visto alguma coisa.

– É, mas... – disse Robert. Ele fechou a cara e então continuou: – Ah, tudo bem, ei, eu acho... quer dizer, isso é demais, você sabe. Eu quero dizer, desde que eles não... Ei, de qualquer jeito uma mão lava a outra, certo?

– Cerrrrrrrrto – disse Renny e olhou para mim.

Já que eu era novo no mundo do *show biz,* eu não sabia muito bem o que era esperado de mim, então só disse “parabéns” e

isso pareceu ser muito adequado. Renny fez um gesto com a cabeça na minha direção, franziu as sobrancelhas e tornou a olhar para Robert:

– Ah... Quase que ia me esquecendo. O pessoal do figurino quer ver você. Eles estão no hotel, na suíte 2417.

– Figurino – disse Robert, soando ligeiramente assustado outra vez, por alguma razão muito particular.

Renny o olhou com o rosto cheio de piedade.

– É, você sabe, figurinos. Tem aquela mulher maldosa e os dois amigos gays dela, e eles vão vestir você para essa merda. Você se lembra dos figurinos, não lembra, Robert?

Robert o olhou por meio segundo e então soltou sua peculiar risada artificial de novo.

– Rá! Rá! Tá, tudo bem, bom, eu tô caindo fora. – Ele se voltou e exibiu alguns dentes brilhantes na minha direção. – Vejo você mais tarde, Dexter – ele disse. Fez um som parecido com um *click,* de novo acompanhado por aquele irritante gesto "o meu dedo é uma pistola" e saiu andando tranquilo.

Renny ficou olhando Robert se afastar e então balançou a cabeça.

– Não dá pra resolver se o cara é uma porra de um idiota ou só mesmo estranho demais. – E então ele se voltou e fechou a cara para mim. – Você é fácil. Você é só estranho.

– Obrigado – eu falei.

– Mas tudo bem. Eu consigo *aguentar* quem é estranho – ele disse. E então sorriu de novo; um tipo de sorriso que dava uma impressão estranha e fez com que um ligeiro tremor de alarme percorresse os enrodilhados tentáculos do Passageiro que cochilava. – Você quer ir assistir ao meu *show,* Dexter?

Admito que ele me pegou de surpresa; eu não tinha nenhuma resposta pronta, a não ser uma piscada e um:

– Oh. Bom, quer dizer, é *este* sábado? –, que soou muito medíocre.

– Que bom, cê andou escutando, eu sabia que cê não era idiota – ele disse. Na verdade, eu não queria assistir ao *show* dele; nem nesse sábado nem em qualquer outro. Mas, é claro, se

Jackie ia comparecer, eu teria de ir junto. Então, fiz um gesto com a cabeça e disse: – Bom, hum, claro, seria muito agradável.

– Ah, não vai ser *agradável.* Mas talvez eu faça você dar umas risadas. E sua esposa. Você tem esposa, certo, Dexter? Porque eu sei que cê quer que todo mundo pense que você é *normal* e essa merda toda.

Mais uma vez, senti uma desconfortável movimentação de tentáculos bem dentro de mim; a observação sarcástica que Renny me dirigira chegava perto demais da verdade para ser completamente inocente, mas ainda não era nada definido o suficiente para eu ter certeza. Minha única chance de verdade era continuar a fazer o papel de Normal Estranho – por enquanto.

– Ah, sim, tenho – eu disse. – Eu tenho mesmo uma esposa.

– Hh-hum, bom – disse Renny. – O sr. Eissen quer que os consultores técnicos estejam lá, aparecendo nas câmeras. – Deu uma piscada para mim. – É você. E aquela moça bem durona.

– Deborah – eu disse. – A sargento Morgan.

– Hm-hum. O sr. Eissen diz que é algo como apoio para as tropas, mostrar os tiras lá, dando risada. E isso dá Credibilidade Policial para o seriado, e até mesmo mostra pra todo mundo que consigo me entender com tiras quando eu quero. Uma coisa que, para ser honesto... – Ele ergueu uma sobrancelha na minha direção, como se eu tivesse de dizer alguma coisa a respeito disso, mas eu não tinha a menor ideia do que poderia ser, então só assenti. Renny deu de ombros. – Seu chefe vai estar lá também – ele disse. – Ele quer ter certeza de que cê vai aparecer, COM sua esposa.

– Bom, então – eu disse –, acho que vou aparecer por lá.

– Vou colocar você na lista, com acompanhante.

– Obrigado – falei. E como essa parecia ser uma resposta ligeiramente inadequada para o fato de eu ter ser sido forçado a aceitar dois ingressos grátis para um *show,* eu acrescentei: – Você quer um pouco de café?

– Sim, quero – aceitou Renny. Endireitou o corpo e se afastou do balcão. – E é por isso que vou descobrir um Starbucks e não vou beber essa merda de veneno que vocês fazem por aqui. –

Ele se voltou e se encaminhou para a porta. – Vejo você mais tarde, cara.

E, subitamente, lá estava eu, sozinho de novo.

CAPÍTULO 16

EU FIQUEI POR UNS MOMENTOS PARADO EM MEU SUBITAMENTE DESpovoado local de trabalho e dei uma olhada carinhosa ao redor. Parecia que fazia tanto tempo que eu tinha estado aqui sem Robert se inclinando por cima do meu ombro e imitando solenemente todos os meus gestos inconscientes, que ver aquele local sem ele e Renny lá dentro era quase como voltar para casa depois de uma longa e exaustiva viagem. Passei alguns minutos limpando tudo, colocando as coisas em seus devidos lugares, em vez do lugar onde Robert as tinha colocado porque *parecia* que elas ficavam melhores lá. E então fiquei parado por uns instantes, olhando ao redor com satisfação silenciosa, e pensando no que fazer com o resto da minha manhã. Duas tarefas importantes me haviam sido designadas: instruir Robert e tomar conta de Jackie. Mas, naquela ocasião, eu não podia fazer nenhuma das duas; Robert e Renny tinham ido embora, e Jackie estava em algum lugar com Deborah.

Por uns instantes, eu me senti perdido; o que deveria fazer quando não tinha nada para fazer? Revirei meu cérebro de todos os jeitos e nenhuma ideia surgiu além de um lembrete de que eu deveria ir a uma reunião com a professora de Cody às três da tarde. Agora eram 10h22, o que deixava um espaço bem grande nas atividades diárias; nesse meio-tempo, eu senti que deveria fazer alguma coisa positiva, poderosa, dinâmica e inteligente, e não havia nada desse tipo que fosse imediatamente óbvio. Mas Dexter é celebrado por sua engenhosidade, e não levou mais que uns momentos de pensamentos profundos para me indicar a melhor atitude a tomar. Caminhei com passos másculos até meu pequeno local de trabalho e, com uma vitalidade vibrante e masculina, eu me sentei na minha cadeira, recostei-me e respirei profundamente: inspirar pelo nariz...

E rapidamente soltar o ar pela boca, com um pouco de irritação. Porque, à minha frente, na mesa, onde não deveria haver nada além de um mata-borrão limpo, Robert havia deixado

seu jornal. Não gosto de coisas amontoadas, especialmente as de outras pessoas, largadas em meu espaço pessoal. Eu me inclinei para a frente para pegar o jornal – e vi que, por baixo dele, caída sobre o mata-borrão quando deveria estar cuidadosamente em pé na parte posterior da minha mesa, estava uma foto de Dexter e Família.

No Natal anterior, Rita havia insistido que nós todos deveríamos ir a um fotógrafo de verdade e posar para uma Foto de Família de verdade. A coisa toda tinha sido um belo de um calvário, fazer com que todo mundo se arrumasse, penteasse o cabelo, lavasse o rosto e – o mais difícil de tudo – fizesse uma cara convincentemente agradável para a câmera. Mas tínhamos feito isso, e aqui estava o resultado: Rita e Astor à esquerda, com Cody sentado na frente delas, Dexter carregando Lily Anne – e, se Cody não estava sorrindo de verdade, pelo menos não dava para ninguém dizer que ele estava pensando em enfiar uma faca no fotógrafo.

Eu havia mandado emoldurar a foto e a colocado sobre minha mesa, porque é isso que os Seres Humanos fazem. E Robert tinha estado encarando-a furtivamente – e se sentindo culpado o suficiente para ter de escondê-la sob o jornal. De todas as coisas verdadeiramente irritantes que ele havia feito, essa era a que me deixava mais irritado, e eu não conseguia entender a razão. Mas me recusei a permitir que isso arruinasse minha oportunidade para uma reflexão não especificada; dei uma limpada na moldura de prata da fotografia, tirei impressões digitais imaginárias do vidro e a coloquei de volta no lugar dela, na parte posterior da minha mesa. E então eu me recostei, inspirei profundamente, expulsei Robert da minha cabeça e fiquei refletindo.

Nada mais natural, meu primeiro pensamento se voltou para Robert, e foi um pensamento um tanto irritado. Eu sempre tinha pensado que atores, escritores, artistas e outros psicóticos fronteiriços fossem um povo estranho, mas Robert estava em uma categoria toda sua, e ele me aborrecia muito mais do que deveria. Em geral, as pessoas não me aborrecem tanto assim, já que elas são, afinal de contas, somente carne e sangue, e eu sei muito bem quão frágil e transitório isso é. Mas tinha alguma coisa

a respeito de Robert que ultrapassava minha habitual indiferença em relação à espécie humana, e ela ia muito além da macaqueação de meu comportamento inconsciente. Será que eu realmente apertava meu nariz daquele jeito quando estava lendo memorandos departamentais?

De qualquer modo, por que deveria me incomodar se eu fazia isso, e Robert me imitava? Se todos os meus tiques e trejeitos chegassem à telinha prateada, não seria essa uma forma de imortalidade – até melhor para mim, uma imortalidade anônima? Mas até mesmo esse pensamento não me fez ter mais simpatia por Robert, e fiquei pensando se minha aversão pelo cara estava baseada na estética. Eu tinha sido ensinado a valorizar a originalidade na arte; e quando a gente ia direto ao ponto, Robert estava tentando fazer arte baseado na mera imitação. História da Arte 102, Segundo Semestre na Universidade de Miami, havia me ensinado que isso não podia ser feito. Arte significava criar alguma coisa *nova,* não imitar alguma coisa que já existia. O que Robert estava tentando fazer com todas as forças era, na verdade, nada mais que usar sua habilidade. Ele não fazia nada além de copiar meus tiques e trejeitos – até mesmo a ponto de ficar olhando fixamente o retrato da minha família, uma parte muito pessoal do meu disfarce, para a sua pesquisa para compor a personagem...

... o que, para ser exato, não fazia muito sentido, porque a personagem dele era solteira. Então, isso teria sido pura bisbilhotice? Mas, então, por que a intensidade? Não – tinha de ser alguma coisa além.

Será que ele realmente sentia um desejo triste e absurdo por uma família dele? É claro que isso era o que ele tinha dito, mas não tinha sido impressionantemente convincente. E, no entanto, não havia outra explicação, a não ser que eu estivesse inclinado a acreditar que, com suas oportunidades escolher todas as beldades glamorosas no mundo, ele estivesse olhando cheio de desejo para Rita. Com todo o respeito em relação a Rita, eu achei isso ainda mais difícil de engolir.

Não era a personagem dele, nem Rita, nem as crianças; então, não havia uma razão possível para o fascínio dele pela fotografia.

Não havia nada mais nela para ser visto, a não ser...

Em algum lugar, nas profundezas da Divisão de Análise de Informações do Departamento de Estudos Humanos, Universidade de Dexter, um sininho soou suavemente, anunciando que um novo relatório havia acabado de chegar à Caixa de Entrada, e fiz uma pausa no meio de uma reflexão para examiná-lo. Na verdade, o relatório afirmava, havia mais uma coisa no retrato de família: eu. Dexter, em pessoa.

Mas, é claro, não havia uma razão concebível para que Robert ficasse encarando uma fotografia *minha.* Com toda a certeza, não; ele era um ator principal ultramasculino – a não ser pelo fato de que nunca havia se casado, parecia evitar mulheres bonitas, tinha um corte de cabelo perfeito, usava sapatos maravilhosos, insistia naquela coisa do "Robert, e não Bob" e sempre se arrumava muito bem... com Produtos de Beleza! Mais de uma vez, ele foi flagrado encarando Dexter com uma expressão de desejo abstrato, o que fez com que o Passageiro emitisse um hesitante, incerto e não especificado murmúrio de inquietação. O único homem que eu conhecia e que se vestia rotineiramente como Carmen Miranda o adorava. E, acima de qualquer outra coisa, Robert era, pelo amor de Deus, um *ator.*

Dexter se orgulha muito de ter um cérebro que normalmente funciona muito bem, mais ou menos. E então, nessas raras ocasiões em que ele funciona de modo um pouco mais lento do que eu gostaria que funcionasse, tenho de fazer uma pausa e ficar pensando se deveria comer mais peixe. Porque era claro que eu tinha estado encarando uma longa lista de indícios muito óbvios e falhado em chegar à conclusão óbvia.

Robert era gay.

E, de algum modo, talvez por causa de seu intenso estudo de Dexter em todo seu charme e glória, Robert havia desenvolvido uma paixão por seu objeto de estudo – *moi.*

É claro que isso fazia todo o sentido. Me conhecer é me amar, e eu também sentia muito apreço por mim. Uma lista das minhas melhores qualidades facilmente ocuparia a parte da frente de um cartão de 7,5 cm x 12,5 cm. Embora a lista diminua de modo bastante dramático depois de "bom ao usar facas". Porém, tais

traços de altíssima qualidade não teriam o menor significado para um paspalhão fútil como Robert; tudo para ele se limitava à aparência superficial. É claro que já tinham me dito em mais de uma ocasião que não sou assim completamente horrível para se olhar, para as pessoas que gostam desse tipo de coisa. Isso não tinha o menor significado para mim, já que o único propósito da boa aparência é conseguir sexo, e eu sou bastante desinteressado nisso. Mas, claramente, significava alguma coisa para Robert. E mesmo com metade de Hollywood à disposição para ele fazer sua escolha, ele havia se decidido por Dexter.

Ele gostava de mim. *Gostava* mesmo de mim.

Sério, isso já era demais – e confirmava a péssima opinião que eu tinha da inteligência de Robert. Eu? Sério? É claro que era lisonjeador, mas era impossível. Como eu poderia trabalhar com ele se sabia que estava me olhando fixamente, cheio de desejo, devaneando e lutando para abafar as declarações daquele Amor Que Não Ousa Declarar O Nome?

E de algum jeito eu teria de fazer isso. Eu tinha recebido ordens, e Robert, as dele, e ele só poderia devanear em seu tempo livre – e na mesa dele. Joguei o jornal na cesta de lixo, limpei um pouco de sujeira – na maior parte, imaginária – do meu mata-borrão e recoloquei a fotografia em seu lugar. Eu me recostei novamente para pensar, tentando afastar Robert dos meus pensamentos, mas era difícil. Mesmo sem essa absurda devoção por mim, o homem era uma presença estranha e perturbadora, e, depois de passar uma semana em sua companhia, eu estava definitivamente sentindo que havia sido afastado do meu ponto de equilíbrio. E, para ser justo, não era só o Robert. A semana toda havia sido estranha, e eu não tivera realmente tempo para refletir a respeito dela até agora; e enquanto relaxava e permitia que meu cérebro poderoso vagueasse por onde desejasse, eu me flagrei pensando em Jackie.

Ela era uma pessoa estranha, também, a julgar pela minha experiência limitada, e de minha perspectiva ainda mais estranha – e de um modo muito mais agradável do que Robert, é claro, mas, mesmo assim: ela parecia infeliz por ser uma celebridade,

embora, julgando pelo que eu podia ver, fosse muito boa nesse campo; ela fantasiava com a ideia da Vida Comum, no entanto, estava arriscando a sua própria vida Fora do Comum para não sair de debaixo das luzes dos refletores, se expondo a um ataque de uma besta voraz tão somente para manter seu papel nesse ainda hipotético seriado televisivo. Isso me parecia inutilmente complicado; por que não relaxar e se divertir? Eu certamente estava me divertindo.

Mas, para mim, tudo isso iria terminar, e logo. Isso fazia alguma diferença? Talvez tudo isso acabasse se tornando enjoativo se fosse permanente – "A Morte é a mãe da beleza", como alguém já falou. Eu sempre havia pensado que isso significava alguma coisa um pouquinho diferente, mas dava para ver como se encaixava na situação. Era muito provável que eu gostasse do estilo de vida de Jackie porque sabia muito bem que até mesmo a mais excitante montanha-russa sai dos trilhos mais cedo ou mais tarde, e ninguém tinha me oferecido nenhum tipo de isenção permanente dessa lei básica da natureza. Minhas férias no Valhalla[13] terminariam logo, e eu seria arremessado do Paraíso de volta para o Poço onde era o meu lugar. Injusto e indesejado, mas inevitável. É claro, eu provavelmente poderia fugir com Robert, mas a ideia não era assim tão atraente. Eu só precisava aceitar que meu belo interlúdio chegaria ao fim.

Ah, bom. Um grande poeta, cujo nome me escapa, havia colocado tudo isso muito bem quando disse: "colhei botões de rosas enquanto puderdes". Durante os poucos dias seguintes, eu ainda teria a chance de colher botões de rosa para mim e poderia muito bem me divertir com isso. E como o Computador Dexter não é nada menos do que minucioso, uma pequena engrenagem se moveu com um clique abafado e relembrou a parte final do poema do botão de rosa: um estranho lembrete de que o botão de rosa de hoje *sei-lá-o-quê sei-lá-o-quê* "amanhã estará morrendo". Ah, a Morte, um sentimento adorável, e ela me fazia lembrar que, acima de tudo, eu estava colhendo os botões de rosa porque estava sendo pago para impedir que Jackie morresse nas mãos de um demente monótono e brutal.

Uma pena; eu poderia aproveitar a colheita de flores muito mais tempo se não precisasse me preocupar com isso. Ah, se eu tivesse umas poucas horas de inércia para deixar de lado os frangalhos que usava no trabalho e entrar suavemente na escorregadia pele de Dexter, o Diabo, eu poderia dar um jeito nessa coisa toda e me concentrar em admirar a vista da varanda de Jackie. Isso não ia demorar muito – eu tinha provas mais do que suficientes da culpa de Patrick para satisfazer o Código de Harry. Eu simplesmente teria de encontrá-lo e permitir que a Natureza Sombria seguisse o seu curso. E não acho que seria assim tão difícil encontrar uma criatura obtusa como Patrick Bergmann. Apenas se eu tivesse tempo...

Em algum lugar muito distante, bem nas profundezas da amuralhada Fortaleza de Dexter, uma criaturinha minúscula entrou na torre e tocou um delicado sino de prata; quando o doce som ecoou através do ar frio e cortante, eu me sentei muito reto em minha cadeira e pensei: “Ahá”. Eu sei que isso soa pretensioso, até mesmo melodramático, mas eis a questão: eu pensei mesmo “ahá”. Porque havia acabado de lembrar que, na verdade, eu tinha o tempo. Tinha mesmo um pequeno espaço de talvez umas três horas para executar minha mágica – até meu compromisso vespertino com a professora de Cody.

Mas três horas seriam o suficiente? Odeio fazer essas coisas correndo, e havia um obstáculo muito pequeno no meu caminho: eu não sabia onde Patrick estava. E mesmo que o encontrasse rapidamente, eu teria muito pouco tempo para matá-lo e me livrar das sobras. Seria melhor, de fato, se eu simplesmente enfiasse a faca e jogasse o corpo no esconderijo mais conveniente sem ficar me demorando muito nas partes boas.

E, coisa muito estranha, só de pensar nisso eu estremeci. Nunca havia feito nada assim tão frio antes e não tinha certeza se seria capaz de fazê-lo agora. Isso simplesmente não parecia *certo.* O que eu faço normalmente – se normal é a palavra adequada – é muito mais deliberado, até mesmo contemplativo. Ele tem sua origem em um ponto padrão e percorre seu curso sem pressa segundo um duradouro conjunto de regras ditadas por muita prática e, naturalmente, pelo Código de Harry. E, ao

terminar, eu havia atendido a todos eles, e, portanto, a mim mesmo, a Harry e à Musa. Isso tinha de ser feito Exatamente Daquele Jeito, ou então não iria dar a sensação de estar *certo.*

E cá estava essa horrível palavra não dexteriana: sensação. Eu não sou controlado por aquilo que sinto, talvez porque durante a maior parte do tempo eu não sinta. Sou um Monstro bem ajustado e sem sentimentos, e muito feliz por sê-lo, e sentimentos eram uma coisa que eu dava para meus Companheiros de Brincadeiras – sentimentos intensos e imediatos. Se eu não pudesse oferecê-los para Patrick, tudo seria incompleto, não satisfatório, Dexter Interruptus.

Mas, é claro, isso não importava. Eu não estava fazendo isso por mim, a não ser pelo fato de que ganharia alguns dias de descanso sem preocupações no regaço do luxo. Não, eu estava fazendo isso por Jackie – e, de certo modo, para o conjunto da raça humana. Eu estaria removendo uma mácula horrível da face da humanidade marcada pelas pústulas da varíola, uma ameaça para o indivíduo e para a coletividade – ora, isso era, na verdade, uma boa ação! Talvez eu conseguisse convencer a Tropa dos Lobinhos de Cody a me dar uma medalha de Honra ao Mérito por homicídio altruísta. E se eu tivesse de dar uma apressada nas coisas mais do que gostaria – bom, que pena. Isso não era hora para brincadeiras. Era um serviço para ser feito, e eu era exatamente o vilão indicado para fazê-lo.

Então, tudo certo: não haveria tempo para nenhum tipo de diversão com o Patrick Bergmann. Eu simplesmente iria encontrá-lo, acabar com ele e me desfazer dele, de um modo decisivo e rápido – e, uma vez mais, eu vacilei ao pensar nisso. Fazer isso de modo apressado, e em plena luz do dia? Repulsivo, até mesmo sujo; isso tinha muito a cara – bom, a cara de assassinato.

De todos os pensamentos estranhos que eu poderia ter, esse talvez fosse o mais estranho, mas lá estava ele. Dexter estava hesitando a respeito de fazer o que ele sabe fazer de melhor, simplesmente porque esse seria um serviço apressado. Estaria a minha nova vida em meio ao luxo estragando o firme e feliz núcleo do monstro que eu sou? E me transformando em uma

solteirona incapaz do mais simples e do mais justificado dos fins? Estaria eu assim tão bem domado?

Passei um severo sermão em mim mesmo, disse para eu me animar, agir como homem, ser uma pessoa admirável, fazer o que tem de ser feito; e depois de muitos outros clichês semelhantes, comecei a acreditar que poderia fazer isso, mas a ideia ainda me incomodava.

Cheio de melindres? *Moi?*

Não importa, isso tem de ser feito, e o seria. E hoje era minha única oportunidade de fazê-lo, e eu não iria protelar a decisão. Olhei o relógio: 10h28. Teria de sair do laboratório lá pelas 2h15 para chegar à escola de Cody para a reunião das três horas – e eu teria de aparecer na reunião por amor ao dever, à correção e para ter um álibi incontestável. Mas, se eu fosse almoçar um pouco mais cedo, digamos, lá pelas 12h30, isso me daria duas horas antes da reunião, supondo que eu fosse capaz de fazer às pressas a parte relativa ao *almoço* propriamente dito. Parecia um sacrifício imenso – mas eu disse para mim mesmo que estava fazendo isso por um propósito nobre, e eu teria condições de pedir alguma coisa muito apetitosa no serviço de quarto à noite, quando tudo tivesse acabado.

Então, que seja. Iria engolir minhas ridículas objeções e fazer tudo como deveria ser feito. Eu me voltei para meu computador para iniciar a busca.

Por nenhum motivo além do hábito, chequei minha caixa de entrada e encontrei o costumeiro monte de absurdos, de improbabilidades e de imoralidades. Mas havia também um Memorando Oficial do Escritório do Capitão Matthews, informando-me que minha presença seria necessária no sábado à noite no Teatro Gusman, e eu havia recebido a ordem extra de levar minha esposa, de me vestir de modo apropriado e de dar risada quando a câmera se voltasse para mim. Percebi que estava apalpando meu nariz e parei com um pouco de irritação.

Então, Renny havia dito a verdade quando falou que o capitão me queria lá – para dar mais uma polida na imagem positiva do Departamento, sem dúvida. Bom, esse seria apenas mais um pequeno fardo nesta infindável vida de dor que de algum modo

eu iria enfrentar e sobreviver. Nesse meio-tempo, eu tentaria dar um jeito de garantir que Patrick não fizesse o mesmo.

Tenho de fato uma modesta competência no setor de descobrir coisas com um computador e também tenho recursos à minha disposição que a maior parte das pessoas não tem, uma cortesia do meu serviço com os Melhores de Miami. Em poucos minutos, eu tinha confirmado que Bergmann, Patrick M., de Laramie, Tennessee, era o orgulhoso proprietário de uma Kawasaki 650 Ninja vermelha. Então, eu estava certo a respeito da motocicleta nos seguindo. Essa foi outra ocasião para dizer *ahá.* As únicas novidades mesmo eram a cor e o modelo, e nenhuma das duas me disse onde ele poderia estar naquele momento preciso. Porém, uma vez mais, ele não era uma pessoa complicada. Se não conseguisse encontrá-lo em uma hora ou algo assim, eu simplesmente teria de abdicar da Ordem Internacional dos Gênios Modestos. Eu não sabia onde ele estava pernoitando: tudo bem. Trabalhar de trás para a frente, partindo de onde eu sabia que ele estava.

Estava nos seguindo há vários dias, esperando calmamente enquanto aprendia nossa rotina. Ele tinha paciência, a paciência de um caçador de cervos, e para ele a situação era bastante parecida com uma caçada ao cervo: aprender os hábitos deles, aprender como pensam; o resto é fácil.

A essa altura, ele já teria aprendido nossa rotina, sabendo que, das 9 às 5, Jackie estaria ou aqui no quartel-general, inacessível, ou fora daqui, em uma cena de crime com policiais armados por todos os cantos. Até mesmo uma ameba como Patrick saberia que teria pouquíssimas chances de chegar perto de Jackie enquanto ela estivesse rodeada de tiras. Então, ele iria observar, aprender os rituais e procurar as ocasiões de maior vulnerabilidade.

E, naturalmente, era óbvio quando esses intervalos de vulnerabilidade aconteciam. As únicas duas vezes em que eu o vira tinham sido no hotel, de manhã. Eu não o vira chegar à noite – mas ele estava lá esperando de manhã. Em algum momento entre as 18 horas, quando Jackie e eu voltávamos para o hotel, e as 7h30 da manhã, quando saíamos, ele assumia seu posto na

extremidade do caminho que levava à entrada do hotel e esperava.

E quão paciente ele seria? Provavelmente não muito – isso era importante para ele, mais importante do que qualquer outra coisa na sua vida. Tão importante, na verdade, que havia abandonado todo o resto de sua vida para fazer isso. Ele estava seguindo Jackie por muito tempo, o que com frequência acarreta consequências negativas no poder aquisitivo da pessoa.

Poupança? O suficiente para ficar um ano ou mais na estrada? Eu não achava que Laramie, Tennessee, fosse uma estufa de bilionários, e tinha certeza de que os recursos de Patrick Bergmann eram limitados. Ele não ficaria hospedado no Setai, em South Beach, nem mesmo no Senesta, no Grove. De fato, era mais seguro supor que ele não pudesse nem ao menos pagar um daqueles pardieiros baratos de Miami – não se estivesse na estrada perseguindo Jackie por tanto tempo. Mesmo assim, ele tinha de dormir, comer, e por aí vai. Quando Jackie estava intocavelmente rodeada por policiais armados, ele retornaria ao seu covil para comer um sanduíche de pasta de amendoim e dar um cochilo? Ele teria de fazer essas coisas, mas aonde ele iria para conseguir tudo isso pagando muito pouco?

A página de Patrick no Facebook tinha mostrado que ele era um cara que gostava de espaços abertos. Será que tentaria acampar? Ele não poderia saber com antecedência que as oportunidades para dormir sob a luz das estrelas são um tanto quanto limitadas dentro da Cidade de Miami. Não temos locais para acampar em Miami, a não ser por uns poucos parques para passar a noite em *trailers.* Então, ele tentaria dormir em um banco no parque? Não era provável – em uma cidade que depende tanto do turismo, tais coisas eram vigorosamente desencorajadas. Mas a ideia de acampar parecia boa – era barato, anônimo e combinava com o que eu sabia dele. Então, como ele acamparia?

Não esperando por nada mais que alguma confirmação visual, fui uma vez mais para a página dele do Facebook. E lá, surpresa das surpresas...

Como já mencionei, não sou fã do Facebook. Para mim, ele me parece um tipo de vírus silencioso e sutil que se insinua em todos os aspectos do tecido vivo da existência diária até que é impossível pensar em cereais sem encontrar um anúncio de Raisin Bran em sua caixa de entrada. Tenho certeza de que infindáveis e intrusivas conexões podem ser muito divertidas para algumas pessoas, mas isso não faz o menor sentido para Dexter.

E não faria o menor sentido para Patrick também, mas ele tinha arrumado lá um segundo lar para si, então percorri a página dele para dar uma olhada – e passei uns bons trinta segundos encarando, incrédulo.

Como já observamos anteriormente, as pessoas realmente colocam algumas coisas surpreendentes nas páginas do Facebook, quase como se estivessem tentando deixar mais fácil para aquela coisa controlar a vida delas. Mesmo assim, tem de haver um limite, vocês não acham? Sobretudo se a pessoa está em temporada de matança – a pessoa não deveria manter um silêncio discreto, desde que tenha todas as suas faculdades mentais? Quer dizer, fala sério, daria para alguém ser assim tão burro?

Aparentemente, algumas pessoas eram, sobretudo Patrick Bergmann. E então eu fiquei olhando fixamente, pensando que estava com toda a certeza tendo alucinações, porque todo mundo sabe que nada é assim tão fácil. Mas, apesar de todo o meu olhar fixo, a página não se alterou. Ela ainda mostrava uma fotografia de Patrick parado ao lado de algum tipo de pilar de cimento com a baía de Biscayne como pano de fundo. Atrás dele, e além do mar, a linha do horizonte do centro de Miami se erguia agressivamente, e sob a fotografia estava escrito: “Acampando em Miami!”.

Eu estava esperando encontrar alguma dica ínfima, mas isto – tive de lutar contra um momento de afeição irracional pelo bom e velho Facebook e lembrar que, afinal de contas, quem tivera a ideia de olhar lá havia sido eu, baseado em minha estranha e precisa avaliação da personalidade de Patrick. E lá estava, exatamente onde eu esperava.

Se me sentira um pouquinho melindrado por pensar em acabar com Patrick sem os Devidos Procedimentos de Dexter, todos esses sentimentos de ternura desapareceram naquela hora. Qualquer um assim tão sem noção não era digno de passar mais um único dia respirando o oxigênio de que eu poderia precisar um dia. Era claramente um dever cívico arrancar esse idiota da vida humana o mais rápido possível, antes que ele tivesse a chance de contaminar todo o fundo genético.

Analisei a fotografia; por alguma razão, achei que *já* tinha visto esse lugar antes, e era algo além da minha familiaridade com o horizonte de Miami e a água. Acho que eu poderia ter descoberto o lugar triangulando o ângulo dos arranha-céus que estavam ao fundo com o azimute do arco solar vezes pi ou algo assim, mas eu tinha certeza de que já vira esse exato lugar antes e quase tanta certeza de que lembraria a razão se o ficasse encarando por tempo suficiente. E, é claro, depois de alguns minutos de concentração zen, eu tinha descoberto.

Como foi mencionado antes, não há muitos locais em Miami onde o acampamento seja encorajado. Mas há um lugar onde ele é absolutamente *necessário.* E essa fotografia havia sido tirada lá, acima de qualquer dúvida.

A Lei de Miami tem sua própria lógica – ou ausência dela –, e Patrick havia aterrissado em um dos exemplos mais brilhantes. Um decreto havia sido emitido proibindo que predadores sexuais vivessem a menos de 750 metros de qualquer coisa que pudesse abrigar crianças. Mas o Comitê da Condicional exigia que esses mesmos pobres e ignorantes pedófilos vivessem dentro dos limites da cidade. E como 750 metros são, quando você pensa nisso, uma distância relativamente grande, acontece que havia um único local em que essas pessoas podiam viver que atendesse aos dois requisitos – sob o viaduto Julia Tuttle, em uma ilha na metade do caminho entre Miami e Miami Beach.

Patrick estava lá. Não podia ser em outro lugar. Mesmo assim, Devida Diligência é o nome do meio de Dexter, então eu acessei no Google a localização e olhei algumas fotografias: elas eram uma correspondência perfeita. Patrick estava mesmo acampando na colônia dos predadores sexuais, sob o Julia Tuttle. Uma

coisinha reptiliana se agitou dentro de mim e uma pontada de excitação surgiu para lhe fazer companhia.

Eu tinha encontrado Patrick.

CAPÍTULO 17

MEIO-DIA EM MIAMI. O SOL BRILHAVA ALTO E FORTE, EMBORA NÃO tão quente nesse outono ameno como havia brilhado alguns meses antes. Mesmo assim, a quantidade de placas de carro licenciados no norte informava claramente que aqui estava mais agradavelmente quente do que em Nova Jersey ou em Michigan nessa época do ano. Era estranho dirigir entre os turistas ligeiramente abobalhados na tarde iluminada, mantendo minhas sombras desejadas em meu peito e murmurando doces promessas para elas que sim, nós realmente estávamos a caminho para fazer o que apenas nós sabemos fazer tão bem, e não importava que fosse durante 0 dia e não à noite; não importava que não houvesse a trilha sonora de uma lua rubro-prateada flutuando sobre nós, nenhum prazeroso coral de doce antecipação vindo de um céu noturno de um azul profundo. Aqui há apenas o ruído estranho do dócil e alegre trânsito do começo da tarde na via expressa, nem mesmo o conforto homicida da hora do *rush;* e essa é a música errada, o andamento fácil demais, harmonias fora de lugar ou faltando; tudo isso é diferente, perturbador, errado, nada daquilo com que estamos acostumados.

Meio-dia e nada de lua, perambulando entre as famílias de Ohio e casais de aposentados de Iowa e executivos brasileiros, em vez de ficar espreitando nas sombras da noite feitas para a maldade, e tudo isso parece tão impróprio como se tivéssemos entrado por acaso em uma igreja e encontrado todo mundo nu.

Mas é disso que dispomos, é onde e quando estamos, e com o que devemos lidar, não importa que pareça tão inadequado, tão irreal, tão completamente errado agora. Como pode ser? Aqui, sob a luz do sol – como isso pode acontecer? Como podemos nadar através da luminosidade de um dia perfeito para ir à praia para executar nosso melhor serviço noturno? Nunca antes houve um Dexter à Luz do Dia, e os bebês sombrios que deslizam tão alegres na escuridão de uma Noite Jubilosa não estão felizes por

sair e brincar sob o brilho da luz e a brisa do meio-dia e as queimaduras vermelhas do sol em corpos brancos e pálidos. Eles não estão nem um pouco felizes; o Passageiro das Trevas não está feliz, e, então, Dexter também está longe de se sentir feliz com as coisas do jeito que elas são.

Mas, indiscutivelmente, as coisas são o que são. Devemos aceitá-las assim como as encontramos e devemos nos preparar no pouco tempo que nos foi concedido. E, assim, serpenteamos em meio ao tráfego e entramos na Eighth Street. Calle Ocho, lar de *cafecitas* e *pastelitas* e, por mais tentadoras que essas coisas normalmente sejam, nós as deixamos de lado dessa vez e paramos no estacionamento de uma loja que vende equipamentos para manutenção de piscinas. Piscamos uma vez mais por causa do sol indesejado, e então entramos na loja, onde compramos um pequeno *kit* para testar água, feito de plástico, pagamos em dinheiro e voltamos para o estacionamento, onde abrimos o porta-malas.

De dentro do porta-malas, nós tiramos uma camisa branca de mangas curtas; parados ali, na sombra muito limitada ao lado do nosso carrinho, nós a vestimos. Há uma gravata preta e fina de nó pronto em seu bolso, e nós também a colocamos. Finalmente, e muito importante, nós pegamos uma prancheta, e agora nosso disfarce está completo e nós estamos prontos. Nós não somos mais Dexter Diurno Perseguidor, nós nos transformamos magicamente no Anônimo Funcionário.

É um velho disfarce, mas sempre eficaz. As pessoas veem uma prancheta e uma gravata e não veem nada mais. Nesse caso, elas vão ver o Anônimo
Funcionário que Testa a Água, e enquanto nós andamos calmamente pelo Acampamento do Predador, procurando atentamente uma Ninja vermelha ou qualquer outro sinal da nossa presa, fazemos uma pausa de vez em quando para pegar amostras de água e escrever notas, garantidos pelo conhecimento de que uma prancheta proporciona maior invisibilidade que o manto do Harry Potter.

No carro, nós desembalamos nosso *kit* para testar a água e o colocamos por cima da prancheta no banco do carona, e então

partimos, passando pela Ocho e North rumo à NE 36th Street, e depois pelo viaduto Julia Tuttle.

O trânsito está tranquilo, para os padrões de Miami, e agora nós nos movemos com facilidade pelo viaduto. Passamos pela Colônia dos Predadores, procurando despreocupada e cuidadosamente qualquer sinal de Patrick e, não encontrando nenhum, paramos no acostamento uns cinquenta metros mais à frente. Pegamos os acessórios para nosso pequeno drama de costumes, e então abrimos a porta e saímos para a pavorosa inexatidão daquele brilhante sol do meio-dia. Ficamos parados por um momento e piscamos, esperando que, de algum jeito, o dia fique ligeiramente mais escuro para atender nossos propósitos, ou, pelo menos, que nós possamos ficar um pouco mais à vontade sob a incessante luz ofuscante que nos ataca de modo tão desagradável.

No entanto, nenhuma dessas coisas acontece. O sol desfere seus golpes, e nós ainda estamos pouco à vontade e temos muito pouco tempo. Então, inspiramos profundamente, seguramos a prancheta com firmeza em nossa mão e marchamos de volta rumo à ponte que abriga a Colônia.

O sol parece ainda mais forte durante a caminhada de volta para a ponte, e nós estamos transpirando profusamente quando saímos da estrada e descemos para a sombra sob a ponte; transpirando, quando nós deveríamos ser somente controle frio como o gelo; transpirando tanto por causa da estranheza quanto por causa do calor, observando com ligeiro alarme enquanto grandes gotas quentes caem de nossa testa, deslizam sobre nosso nariz e se espatifam no concreto. Nós estamos transpirando, e é a luz do dia, e as pessoas estão por todos os lados, e essas coisas não deveriam acontecer, e isso faz com que nossos passos pareçam um pouco largos demais enquanto eles batem com força no cimento em sua cadência sem ritmo excessivamente alta e desengonçada. Porém, nós prosseguimos, porque devemos, passamos pela primeira tenda, onde um negro de meia-idade com a cabeça raspada está levantando pesos com dois galões de leite, daqueles de plástico, aparentemente cheios de água. Os braços dele são finos, mas suas veias ficam

salientes enquanto move seus braços, abrindo e fechando, abrindo e fechando. Ele nos encara e acenamos; ele desvia o olhar rapidamente e nós passamos por ele até a borda da água, onde nos ajoelhamos e enchemos nosso pequeno analisador de plástico com água. Nós o erguemos contra a luz do sol e o olhamos com olhos quase fechados por uns instantes, e então o esvaziamos, ficamos parados, tomamos notas na prancheta, e prosseguimos.

Vamos para a segunda tenda, que está silenciosa e desocupada; e então seguimos mais profundamente rumo à sombra sob a ponte; e ver o dia ficar só um pouquinho mais escuro faz com que nós respiremos com um pouco mais de facilidade; está longe de ser noite, mas está caminhando para a direção certa, e nós nos movemos junto, permanecendo nas sombras e caminhando lentamente ao longo da borda da água, parando duas vezes mais para nossa encenação silenciosa com a água e a prancheta.

Nós estamos no centro do acampamento agora e fazemos uma pausa, olhando ao redor para a expansão extranatural do acampamento. Há abrigos feitos de papelão e alguns feitos de madeira com tetos de lata; outros não são mais que folhas de plástico muito esticadas para formar uma barraca, e umas poucas barracas de verdade, tudo misturado como se tivessem sido tirados aleatoriamente de algum lugar e despejados sem o menor cuidado no concreto sob a ponte.

À minha direita, o concreto se eleva para alcançar a superfície da estrada, e agasalhada na confluência onde a estrada e o concreto se encontram, uma mulher em um saco de dormir me encara; olhos sem vida me seguindo sem o menor interesse. Caminhamos lentamente pelo acampamento, procurando qualquer coisa que possa nos indicar a presença de nosso apressado encontro, Patrick, e finalmente, na parte mais afastada do acampamento, bem na beira da água, nós encontramos.

É uma barraca arredondada com boa aparência, um pouco gasta e manchada; mas, mesmo assim, ainda é claramente um equipamento sério e de boa qualidade para um homem que gosta da vida ao ar livre. Nenhuma motocicleta vermelha está

estacionada ao lado dela, e nenhum sinal do próprio Patrick, mas nós temos absoluta certeza de que esta é a tenda dele, porque ela foi decorada de um jeito que só Patrick poderia fazer.

De cada lado do pedaço de lona preso com um zíper que serve como a única porta da tenda, está um galão de leite, do mesmo tipo usado pelo levantador de pesos careca. Estes também estão cheios de água, para mantê-los com firmeza no local enquanto sustentam seu fardo extremamente pesado.

Um pedaço de pau foi enfiado na boca de cada garrafão, e no alto de cada um deles está uma cabeça de gato.

As cabeças foram cuidadosamente cortadas dos corpos e parecem estar mortas há pouco tempo, e elas nos encaram com idênticas expressões boquiabertas de pavor bichano.

Entre elas, preso ao pedaço de lona que serve de porta da tenda, está uma placa grosseiramente escrita à mão. Ela diz: “IÇO PODIA CONTECÊ PROCÊ”, e, por baixo, em letras menores: “Cai Fora!”.

A combinação de erros de ortografia e de uma perfeita carnificina de gatos é tão reveladora quanto uma fotografia: esta é a tenda de Patrick. E nós finalmente sentimos a alegria fria e diligente e firme e hábil da maldade iminente e quase vemos a luz ao nosso redor descer lentamente pelo espectro de cores, passando do maldito amarelo brilhante do meio-dia e descendo para o laranja, o vermelho e...

Mas vermelho. Mas, espere um pouco, onde está a motocicleta vermelha? Nós não a vemos em lugar nenhum e sabemos que ele a manteria por perto – até mesmo um caipira como Patrick saberia que ele não poderia deixá-la sem proteção perto da estrada.

Olhamos ao redor; não há um lugar visível onde uma moto pudesse ser guardada, e as felizes sombras ficam mais claras se afastando de nós e retornando à esqualidez diurna. Não existe uma motocicleta – a não ser que ela estivesse dentro da tenda. Mas é uma tenda pequena, e a placa com o aviso estava presa à lona da porta da tenda de um modo que indicava que Patrick a havia colocado lá pelo lado de fora, provavelmente ao sair, e não há ligeiras dobras ou rugas em toda a lona que indiquem

movimento, nem mesmo uma pequena respiração fraca e sonolenta; e nós observamos outra grande gota de suor percorrer nosso nariz enquanto voltamos bruscamente para a luz do dia e para a decepção.

Patrick não está aqui.

No meio do dia, em nosso pequeno intervalo de tempo, Patrick se afastou para onde não deveria estar. Ele estragou tudo.

Nós lutamos contra a mal-humorada necessidade de dar um pontapé rancoroso na tenda, e só para garantir que estamos completamente seguros, passamos por ela e vamos até a água, prestando muita atenção em qualquer ronco ligeiro ou rumor vindos de dentro da tenda. Não há nada, nenhum som, e estamos tendo pensamentos muito tristes enquanto nos agachamos e fazemos nossa pantomima da água mais uma vez.

Só para ter certeza, nós nos levantamos e nos viramos rápido demais, fingindo tropeçar, e dando na tenda um vigoroso encontrão “acidental”. Nenhuma resposta vem de dentro.

– Sinto muito! – nós dizemos em nossa voz oficial e esperamos uma resposta. – Olá? Tem alguém em casa? – Outra vez, não há resposta.

Agora é definitivo. Patrick não está aqui.

E embora fiquemos perambulando por mais uns vinte minutos, executando truques sem o menor sentido com a prancheta, ele não volta; e finalmente temos de admitir que ficar por ali um pouco mais seria extremamente suspeito e temos de pegar nossos brinquedos e admitir a verdade óbvia e dolorosa:

Nós fizemos merda.

Caminhamos de volta pelo acampamento, fazendo pausa duas vezes para rabiscar palavrões na prancheta, e então subimos de volta para o viaduto e nos encaminhamos com passos arrastados para o carro, em um brilho cansado, amargurado e muito infeliz de transpiração. Tentamos com todas as forças ter pensamentos positivos, produzir algum pequeno fragmento de alguma coisa que faça com que toda essa viagem sem sentido pareça qualquer coisa além de uma completa perda de tempo. E, finalmente, quando abrimos caminho pelo trânsito no fim do viaduto, um pequeno lampejo de otimismo se insinua pela

imundície mal-humorada e nós suspiramos e aceitamos isso como a melhor coisa pela qual possamos esperar:

Pelo menos, agora dá tempo para o almoço.

Eu comi alguma coisa rapidamente, sozinho em um restaurante na Calle Ocho, um lugar novo que abrira havia tão pouco tempo que a garçonete ainda era educada. A comida era boa. Eu a finalizei com uma *cafecita* e então voltei lenta e pensativamente para o serviço. Fiquei conjecturando aonde Patrick teria ido. Ele sabia que não poderia se aproximar de Jackie durante o dia. Se estivesse mantendo a programação que eu achava que ele mantinha, esse seria o período de sono dele, e ele deveria estar deitado lá em sua tenda em um descanso tranquilo. Logicamente, podia ser que ele tivesse ficado sem carne seca de búfalo e fora a uma loja mais próxima para comprá-la. Porém, depois de todos os meus preparativos, e de minha infindável indecisão a respeito de fazer tudo rapidamente e à luz do dia, era estranhamente decepcionante voltar daquela incursão vespertina com nada para mostrar além de uma pequena mancha na minha camisa causada por um pouco de feijão-preto derramado.

Agora eu ia ter de ficar perdendo tempo com Robert e Renny por mais uma hora, fingindo ser manso e paciente – e depois ainda teria de ir à reunião com a professora de Cody. Essa reunião tinha parecido uma boa ideia quando era minha desculpa para dar uma saída, e meu álibi. Agora, estava começando a se parecer demais com um trabalho monótono, rotineiro e muito minucioso, um confronto inútil e irritante com uma professora primária, alguém que nunca seria capaz de entender Cody nem a dificuldade dele em se ajustar. A professora iria querer discutir jeitos de ajudar Cody a se ajustar com facilidade a seu novo ano escolar e estratégias para a adaptação bem-sucedida, e ela não iria querer ouvir a verdade, não acreditaria nela nem que eu a falasse com simples monossílabos rimados acompanhados por brilhantes ilustrações pintadas com giz de cera. Nenhuma professora em nenhuma escola no sistema de ensino público do condado de Dade jamais entenderia a verdade nua e crua.

Cody nunca iria se ajustar, nunca seria feliz e nunca iria se adaptar.

Cody não era, e nunca seria, um saudável menino normal que queria jogar bola e amolar as meninas. Cody desejava outras coisas que o sistema escolar não poderia lhe oferecer, e sua única chance de ser uma criatura bem ajustada era aprender como consegui-las e como fingir ser humano, como viver de acordo com o Código de Harry – e essas coisas ele tinha de aprender de outro monstro, eu.

As coisas que Cody queria, de que ele *necessitava,* são censuradas pela sociedade intolerante em que vivemos, e nós nunca conseguiríamos explicar isso, nem uma parte disso, de jeito nenhum. E então nós nos sentaríamos com a professora, hesitaríamos e vacilaríamos e trocaríamos sorrisos falsos e clichês grandiosos e fingiríamos sentir esperanças para um futuro brilhante e luminoso para um menino que iria crescer incessantemente em um Legado Sombrio já escrito em sangue, não em giz. E pensando em como eu teria de inevitavelmente evitar essa verdade com a professora e, pelo contrário, passar quarenta e cinco minutos trocando palavras animadas e sem sentido, com uma sonoridade *new age,* com alguém que Realmente Se Importava, fez com que eu sentisse vontade de enfiar meu carro no Buick lotado de mulheres com cabelos azuis vindas de Minnesota que andava lentamente ao meu lado na rua.

Mas tudo isso fazia parte de manter meu disfarce como Desvanecido Papai Dexter, não tinha como evitar. Pelo menos, eu podia antecipar a noite que se seguiria à reunião; vagabundeando em uma *chaise longue* com Jackie e comendo morangos enquanto o sol se punha. Isso quase fazia com que a frustração e os aborrecimentos do resto do dia valessem a pena.

E pensei uma vez mais em como seria se eu pudesse ter o estilo de vida de Jackie em tempo integral: sem reuniões com professoras, sem pintura de casas enquanto eu pisava em um ninho de formigas lava-pés, sem guinchos e gritos agudos e fraldas sujas. Nada além da eterna vigilância em um ambiente cravejado de joias. Era uma fantasia, é claro, nada mais do que um modo de apaziguar a rabugenta besta interior depois de seu dia de desapontamentos. Mas era uma fantasia muito boa, e ficar enrolando um pouco dentro dela era bom o suficiente para

colocar um ligeiro sorriso em meu rosto quando eu cheguei a meu escritório.

O sorriso, ligeiro como era, durou até eu quase me aproximar da minha cadeira, quando me deparei com Vince Masuoka se dirigindo para fora em plena velocidade enquanto eu estava tentando me dirigir para dentro. Demos um encontrão violento, e como sou maior do que Vince, ele foi arremessado para longe e ao batente da porta.

– Ai, meu cotovelo! – ele exclamou, se endireitando rapidamente e esfregando o braço onde se chocara contra o batente. – Tem mais um!

– Mais um cotovelo? – eu disse. – Grande coisa. Todo mundo tem dois.

– Outro corpo! – disse Vince, endireitando-se e continuando a corrida para fora do laboratório, fazendo uma pausa somente para dizer por cima do ombro: – O fode-olho! Ele matou outra moça! – E então ele sumiu pelo *hall,* me deixando parado na porta e olhando-o, para perceber que agora eu sabia o que Patrick andava fazendo essa tarde em vez de dormir em sua tenda. E, algo realmente muito estranho, eu estava mesmo com vontade de ir junto e ver o que ele havia feito.

Entrei no laboratório. Robert e Renny estavam lá, parados com um ar de incerteza e dando a impressão de que não sabiam muito bem o que as personagens deles iriam fazer quando o fode-olho atacasse de novo, e não quisessem ouvir ninguém lhes dizer.

Entretanto, eu lhes disse:

– Vamos indo.

Os dois piscaram para mim como se fossem corujas indecisas.

– Indo? – disse Robert. Renny passou a língua pelos lábios.

– Cena de um crime – esclareci. – Não tem nada igual para você aprender a respeito de cenas de crime.

Eles olharam um para o outro como se estivessem esperando que o outro fosse bolar um jeito muito bom mesmo de sugerir que, em vez disso, fôssemos tomar café, mas nenhum dos dois fez isso, e então seguimos Vince e saímos do prédio.

CAPÍTULO 18

DESSA VEZ, O CORPO HAVIA SIDO DEIXADO EM UMA CAÇAMBA NAS docas em Coconut Grove, perto da Prefeitura, a uns oitocentos metros, pela água, do Grove Isle Hotel, onde eu estava acompanhando Jackie. Quando desci do carro, dava para ver com nitidez a silhueta do hotel pairando alto sobre o clarão dolorosamente luminoso da água.

A fita amarela já havia sido colocada, dois policiais uniformizados à frente dela, parados com aquela postura sólida e substancial que os tiras parecem adotar instintivamente quando vestem seus uniformes. Até mesmo Deborah tinha ficado parada daquele jeito muito tempo atrás, na época em que usava a roupa azul para trabalhar. Os olhos deles giraram na minha direção, e eu dei um passo adiante, procurando meu crachá.

– Opa, ei, Dexter – disse Renny atrás de mim, e eu me voltei para olhá-lo. Robert passou rapidamente por nós, se dirigindo para os dois policiais perto da fita amarela. Assim como havia feito da última vez, ele ficaria ali, parado perto da fita, falando bobagens com os policiais, para não ver o maravilhoso horror na caçamba. Mas esse era o primeiro cadáver de Renny, tanto quanto eu soubesse, e ele ficou parado, hesitante, passando a língua pelos lábios e lançando um rápido olhar desejoso para o movimento de retirada de Robert.

– Robert disse que o último era doentio pra caralho – ele disse.

– Bom – eu disse o Robert não chegou a dar uma boa olhada nele.

– Saiu correndo gritando e vomitando as tripas, hum? – disse Renny, com somente uma sombra de um sorriso em seu rosto.

– Ele não chegou a gritar – falei.

– Ah, certo – disse Renny, olhando uma vez mais para Robert, e então para trás dele, na direção da caçamba. – Ei, fala sério. Isso aí vai ser muito ruim mesmo?

Essa pode não ser a melhor referência para meu caráter, mas eu estava muito ansioso para ver se esse corpo era mesmo obra

do Patrick Cabeça Oca, e se havia alguma coisa diferente nele, e eu estava ficando cada vez mais irritado por ter de ouvir a enrolação de Renny em vez de dar uma espreitada na surpresa na caçamba. Assim sendo, tranquilizar alguém não era um assunto de suprema importância na minha cabeça.

– Ah, vai ser muito ruim – falei. – Venha cá e eu mostro pra você.

Ele não deu um passo e perguntou:

– Eu tenho mesmo de olhar essa merda?

– Bom – eu disse, dividido entre meu dever de conduzir Renny e meu desejo crescente de ver a maravilha à espera –, você precisaria mesmo ver o que Vince faz em uma cena de crime. Quer dizer, isso é o que seu personagem faz, não é?

Renny olhou para a caçamba lá nas docas e engoliu em seco.

– Tá certo – ele disse. Então me lançou um olhar duro e eu vi uma vez mais o minúsculo lampejo de alguma Coisa interna se acendendo. – Mas se eu vomitar, você limpa tudo. – Ele inspirou profundamente e então passou por mim com determinação em seu andar e rigidez em sua coluna vertebral e, assim eu esperava, não muita coisa em seu estômago.

Segui Renny até ele ficar a uns três metros da caçamba, e então ele se imobilizou.

– Dá muito bem pra ver o Vince daqui – ele disse.

Não parecia haver muito sentido em discutir a respeito desse assunto, então eu passei silenciosamente por ele e me aproximei de Vince Masuoka, que estava agachado à sombra da caçamba.

– Você chegou bem na hora – disse Vince.

– Para quê?

– Agora é que começa a diversão de verdade – ele disse. Fez um gesto rápido com a cabeça para um lado. Eu olhei e, a uns dez metros de distância, vi o detetive Anderson falando com um homem magro, de cabelos brancos, que usava calças cáqui, uma camisa polo azul-clara e *docksides.* Até mesmo daquela distância, o homem de cabelos brancos parecia bem abalado.

– Anderson tem uma testemunha – disse Vince. – O velho saiu de um dos grandes barcos a vela. Ele viu alguém jogar um carpete enrolado aqui e ir embora em um caiaque.

O caiaque me fez pensar; será que o Patrick teria um novo meio de locomoção ao estilo de Miami? Ou seria possível que outra pessoa tivesse feito isso dessa vez? Sentindo um ligeiro e crescente tremor de incerteza e de interesse, eu passei por Vince e dei uma olhada rápida dentro da caçamba, bem no meio do lixo.

O corpo da moça jazia no topo de um pedaço de carpete marrom sujo, o tipo de carpete esfarrapado e manchado que a gente vê no lixo de qualquer área residencial onde alguém esteja reformando a casa. Ele estava parcialmente desenrolado, o suficiente para mostrar a parte superior de algo muito ruim, e não o suficiente para esconder o restante do conteúdo da caçamba.

Quase tudo era lixo orgânico; nada de papel ou de pedaços de plástico, como da outra vez. Essa caçamba era usada pelas pessoas vindas das filas de grandes iates na doca mais próxima, e por qualquer um que tivesse usado o local para limpar peixes nas proximidades, e o cheiro que se erguia de lá de dentro era o suficiente para matar pequenos animais a dez passos dali. Mas ele não desencorajava as quase sólidas nuvens de moscas que sobrevoavam em círculos os montes de restos de comida úmidos e pouco consistentes que estavam apodrecendo. E, é claro, também não exercia o menor efeito na moça morta que se amontoava nua no alto do pútrido monte de porcarias em decomposição.

Parecia que ela havia passado maus bocados. Assim como a vítima anterior, esta havia sido cortada, apunhalada, mordida e levado unhadas, com um entusiasmo indisciplinado, porém, frenético, uma impaciência selvagem que havia deixado pouquíssimas partes de pele visível que não tivessem marcas do trauma.

O estado do sangue ao redor dos ferimentos indicava que ela havia permanecido viva durante a maior parte dos cortes, talhos e socos, todo um arsenal de ataques que deixou a moça morta com a aparência de quem havia passado uma semana na Academia do Ataque Psicótico.

Uma vez mais, um grande punhado de cabelo dourado havia sido arrancado pela raiz, deixando uma parte em carne viva e de

um tom de vermelho-escuro do couro cabeludo à mostra. Sob aquele cabelo, tão parecido com o de Jackie na cor e no corte, não havia muita coisa reconhecível deixada no rosto que não tivesse sido cortado por unhas, dentes e a lâmina de uma faca, mas alguma coisa no perfil atiçou as minhas lembranças por um instante, antes que eu as deixasse de lado. É claro que ela parecia familiar – ela se parecia com Jackie, assim como todas as outras vítimas. Esse era o ponto central da coisa toda para o Patrick.

Eu olhei mais um pouco, mas não vi nada que pudesse ajudar; então me voltei e encarei Vince.

– Você achou alguma coisa? – perguntei, sem muita esperança e, na verdade, também sem muito interesse. Eu sabia quem havia feito aquilo, e não poderia ter mais certeza nem mesmo se Patrick Bergmann tivesse assinado seu trabalho.

– Só isto – disse Vince. Ele ergueu uma pequena sacola plástica usada para colocar as evidências. Dentro dela, pude ver os contornos do que parecia ser um sabonete pequeno, do tipo de sabonetinhos que os hotéis deixam nos banheiros para seus hóspedes. – Você não vai querer saber onde eu o encontrei – ele acrescentou, alegre. Eu me inclinei para dar uma olhada melhor e, através do plástico, consegui identificar o brasão e as palavras “Grove Isle Hotel And Spa”, em uma escrita elaborada.

Vince agitou-o, brincalhão.

– Talvez isto ajude Anderson a descobrir quem é a vítima desta vez – ele disse.

Abri a boca para dizer que não parecia possível, já que Anderson não descobriria nem se ele tivesse declarações autenticadas do assassino e da vítima, mas fechei a boca e dei um passo para trás e não disse nada.

Porque eu sabia quem ela era. Lembrei por que ela parecia familiar, e não era pelo fato de ser parecida com Jackie. Era pelo fato de eu tê-la visto, parada no *hall* e enrubescendo, sorrindo, feliz por estar tão perto de sua heroína da vida real, Jackie Forrest.

Dei uma chacoalhada nos controles do meu banco de dados e apareceu o resultado: o nome dela era Amila, e era a camareira

no Grove Isle Hotel que viera para limpar a sujeira no chão da suíte; e ela tinha me dito que mandara cortar o cabelo igual ao de Jackie Forrest, e isso tinha feito com que ela fosse assassinada...

Uma coisa sucinta e sombria fez cócegas em minha espinha, só uma ligeira brisa de inquietação me dizendo que alguém estava observando, dei as costas para a caçamba e olhei bem para além do píer com suas duas filas de barcos e para o clarão dolorosamente luminoso da água.

A menos de cinquenta metros de distância, bem lá na ponta da doca, um pequeno ponto amarelo subia e descia com as ondas ligeiras. Um remo se ergueu enquanto eu observava e mergulhou para dar duas ligeiras batidas para manter a proa apontada para nós; um remo de pás duplas para caiaque.

Por trás do caiaque, como se fosse para enfatizar essa dica tão óbvia, o Grove Isle Hotel se elevava contra o brilhante céu vespertino; o hotel onde Jackie e eu estávamos. O hotel onde Amila havia trabalhado até Patrick acabar com a carreira dela.

O remo mergulhou preguiçosamente de novo, fazendo o bote se virar ligeiramente para o lado, de modo que não pudesse haver a menor dúvida do que ele era, um caiaque. Era o barco perfeito para a vida ao ar livre do Patrick. Eles eram leves e, portanto, muito fáceis de roubar, e seria com certeza muito mais simples do que tentar esconder um cadáver em uma motocicleta. Uma viagem rápida através de menos de um quilômetro de água, jogar o corpo, e então remar de volta a uma distância suficiente para poder ficar olhando a diversão.

E é claro que ele iria observar. Não somente ver a excitação quando seu projeto fosse descoberto – ele também ficaria olhando para ver quem iria aparecer, porque Jackie tinha feito sua aparição da última vez, e ele queria vê-la quando ela chegasse a essa cena de crime também. Sem nem pensar, eu sabia como isso era importante para ele: fazer Jackie olhar e *ver* e saber que poderia ter sido ela – que *seria* ela muito em breve e saber que ele a estava olhando e esperando para fazer com que tudo acontecesse de novo, com ela...

Mas fazer isso era puro húbris. Ele havia se arriscado muito, descarregando esse corpo de um barco pequeno em plena luz do

dia. E eu tinha certeza absoluta de que isso não acontecia por ele estar ficando mais ousado. Essa morte havia acontecido rápido demais, imediatamente depois da sua última, interrompendo o padrão e revelando a primeira fenda na armadura de homem rústico do Patrick. Porque, ao chegar mais perto de Jackie, ao ficar observando o hotel durante todas as horas da noite, esperando uma chance – até mesmo um vislumbre –, a frustração dele estava crescendo, devorando-o, afetando-o a tal ponto que sua satisfação com a vítima anterior havia durado somente uns míseros dias. Logo essas substitutas não seriam suficientes para ele; teria de ter Jackie, mas ele não conseguia se aproximar dela, e então observava e aguardava e a frustração crescia à medida que cada dia passava, repetindo o dia anterior, sem mesmo a menor brecha para uma oportunidade...

Patrick estava ficando impaciente. Estava perdendo a habilidade para esperar pelo momento certo e sentindo a pressão do tempo que corria incessantemente, com nada para mostrar como resultado a não ser uma conta bancária com cada vez menos dinheiro. Ao matar a camareira, ele estava tentando encaminhar a situação na direção do clímax, provocando-nos por vê-lo assim tão perto, nos desafiando a fazer alguma coisa, nos incitando a tentar fazer com que ele parasse, evitar que fizesse o que estava fazendo.

E, por mais estranho que pareça, naqueles dois ou três segundos, enquanto eu olhava com os olhos semicerrados através da luminosidade na água para Patrick em seu caiaque, seguindo todos aqueles pequenos momentos de lucidez enquanto eles passavam rapidamente pelo meu cérebro, eu descobri outro pensamento minúsculo borbulhando lá no fundo e subindo à superfície à luz do dia com o estourar feliz de uma brilhante bola de chiclete cor-de-rosa, e o pensamento era mais ou menos assim:

Tudo bem, Patrick, eu aceito seu desafio.

Por um instante, eu não tinha bem certeza do que queria dizer com aquilo, e pisquei, dando as costas para o clarão na baía e olhando fixamente além da doca, de volta para a fita amarela que

demarcava a cena do crime, onde Robert estava parado tagarelando com os dois policiais uniformizados. Não havia sinal ainda de Deborah e de Jackie, o que era muito bom. Olhei para além da fita amarela, para a crescente multidão de basbaques e para as ruas movimentadas de Coconut Grove; o Grove, aquela meca para os ricos desocupados de Miami, com suas butiques caríssimas, lojas exóticas e restaurantes casualmente sofisticados. O Grove, onde Dexter havia vivido por tanto tempo antes de se casar, e onde, ainda agora, Dexter mantinha seu barco de pesca a apenas uns mil e quinhentos metros desse exato lugar...

Oh. Barco de pesca. Acho que era *isso* que eu queria dizer.

Eu olhei meu relógio; faltavam quinze para as duas, apenas uma hora para trocar de roupa antes da reunião com a professora de Cody. Voltei a olhar para Patrick, se balançando lá de modo tão insolente em seu caiaque roubado, e a visão dele acionou um mecanismo na sinistra maquinaria de relógio do cérebro soturno de Dexter. Uma rodinha começou a se mexer com ruído e bateu em uma alavanca que inclinou uma chapa de metal mais acima sobre um fulcro que bateu em uma brilhante esfera fria, de modo que ela rolou pela calha e entrou na caixa de SAÍDA, e eu a peguei, a mantive em minha mão e a ouvi dizer: *Tem tempo suficiente.*

E teria.

CAPÍTULO 19

EU GUARDAVA MEU BARCO EM UMA RESIDÊNCIA PARTICULAR EM UM canal, ao sul do centro da parte mais movimentada de Coconut Grove. A casa ficava em uma rua silenciosa; os proprietários, um casal de idade, moravam em Nova Jersey durante a maior parte do ano e vinham para essa casa somente para os meses mais frios do inverno. Eles ficaram bem felizes ao aceitar o meu modesto aluguel, e eu fiquei igualmente feliz por pagar menos que a taxa corrente pelos direitos de docagem. E, além de um bom negócio, também consegui um lugar relativamente discreto para manter meu barco, o que de vez em quando era uma coisa muito boa, considerando que às vezes eu colocava Certos Itens nele e os levava para consigná-los a suas profundezas salgadas, e provavelmente era muito melhor que ninguém me visse fazendo isso.

E nesse dia brilhante e subitamente movimentado, ele teria valido o dobro do que eu pagava, porque a doca ficava a apenas dez minutos de carro da aromática caçamba onde Amila jazia em um repouso desajeitado.

Nem lembro quais foram as desculpas esfarrapadas que dei enquanto saía correndo da cena do crime e ia para 0 meu carro. Acho que eu disse que estava saindo cedo para uma reunião com a professora do meu filho porque estava preocupado com o trânsito; não era o melhor dos meus desempenhos, mas eu estava com pressa e ninguém pareceu perceber que não fazia muito sentido.

De qualquer modo, assim que passei pelo enlouquecedor rugido do trânsito no meio do Grove, dez minutos depois eu estava no meu bote e me dirigindo para o canal, um bocado mais rápido do que o limite máximo de velocidade permitido na área. Mas, tendo decidido fazer isso e fazer agora, eu havia me agitado até fervilhar de impaciência, rangendo os dentes só com a ideia de que não chegaria a tempo; que Patrick poderia ir embora, e eu perderia minha segunda chance e – provavelmente

a última – de acertar as coisas do meu jeito particular e inimitável.

E então fui rapidamente através do canal, merecendo um olhar duro e maldoso de um velho sem camisa que estava na margem, enquanto passava a uns bons dez nós, e um grito para eu ser mais comedido quando alcancei a boca do canal e embiquei o barco em velocidade máxima.

Pela água, era uma linha reta até chegar ao lado mais distante da doca de Dinner Key, onde ardentemente esperava que Patrick ainda estivesse esperando e observando, e percorri a distância na metade do tempo que tinha levado de carro. Havia diversos trechos espinhosos de águas pouco profundas, mas passei direto por eles na velocidade máxima, ignorando a possibilidade de bater no fundo e perder uma hélice do motor, e teria ido ainda mais rápido se pudesse. Eu não conseguia me livrar do temor de que Patrick já tivesse partido quando eu chegasse lá, e rangia os dentes impacientemente, o tempo todo.

Pouco mais de vinte minutos haviam se passado desde a hora em que eu havia saído apressadamente da doca até o momento em que embiquei meu barco lentamente ao redor da primeira ilha barreira e entrei na marina; um tempo notavelmente bom. Mas não era a viagem para quebrar recordes que iria colocar um sorriso em meu coração e uma canção em meus lábios; era a visão do pequeno caiaque amarelo, ainda balouçando no mesmo lugar, enquanto eu desacelerava e diminuía para a velocidade regulamentar dentro da marina. Agora que sabia que ele ainda estava lá, eu podia sossegar, e não queria chamar a atenção de ninguém em terra – nem, os céus nunca permitam, da Polícia Marítima, conhecida como AquaNazis por aqueles de nós que já tinham sido parados e abordados pelos diligentes combatentes do crime em alto-mar.

E ao ver Patrick sentado ali tão tranquilo em seu caiaque, olhando fixamente para toda a confusão causada por seu grosseiro trabalho manual, passou pela minha cabeça que eu não tinha nem mesmo pensado em *como* eu iria fazer aquilo. Tinha me apressado em meio à agitação de ir embora para então chegar sem ter a menor ideia do que fazer quando chegasse, e

agora que estava mesmo lá, eu não sabia o que fazer em seguida. Inspirei profundamente para me reequilibrar e examinei a situação por diversos ângulos. Estávamos em plena e forte luz do sol, e o sol brilharia claro demais tanto sobre o pecador quanto sobre o justo, e eu não tinha bem certeza de qual dos dois eu era; entretanto, fosse como fosse, eu estava bem iluminado demais.

Qualquer um em terra que me visse enfiar uma faca em Patrick não teria dúvidas quanto à minha vinculação – e havia uma grande multidão de prováveis testemunhas; pessoas em seus barcos na doca, mais pessoas se amontoando nas proximidades da fita amarela e, ainda pior, toda uma tropa de agentes da lei. Qualquer um deles poderia olhar no momento errado e enxergar a muito visível violência do merecido falecimento de Patrick.

Dei uma olhada ao redor. Atrás de mim, no lado mais distante de Patrick, estava a última ilha barreira que marcava o fim do ancoradouro de Dinner Key. Em terra, no lado oposto mais afastado, e, portanto, invisível dali, havia um parque – teria Patrick encontrado um local quieto lá para deixar sua motocicleta? Ele estaria basicamente deserto agora, sobretudo com alguma excitação real nas docas das proximidades.

À minha direita, a baía de Biscayne se estendia até o Turkey Point de um lado e Elliot Key do outro. Havia alguns barcos espalhados pela grande extensão de água, mas nenhum perto o suficiente para ver o que eu poderia fazer.

E o que seria? Eu estava me aproximando cada vez mais de Patrick, e mesmo assim estava com as mãos abanando, sem achar um modo de fazer o que realmente precisava fazer. Dei uma olhada ao redor, procurando inspiração. Então olhei de novo para Patrick flutuando ali tão insolente e feliz, e isso lançou uma pontada de irritação profunda correndo pelo meu corpo; isso era culpa *dele. Ele* estava me fazendo passar por todo aquele aborrecimento, aquele selvagem ignorante. O amador grosseiro e estúpido, flutuando ali sem uma só preocupação, enquanto gente melhor que ele estava sendo forçada a correr por aí loucamente e a *improvisar* um jeito de limpar sua sujeira descuidada e

desajeitada. Isso era demais, era irritante demais, e soltei uma respiração sibilante e mal-humorada...

E inspirando de novo, eu senti a luz brilhante dessa tarde arruinada pelo sol percorrer lentamente o espectro de cores até chegar a um violeta frio e mortal; senti a preocupação e as palpitações se dissiparem e se afogarem nas sombras florescentes, e muito lento-e-feliz senti todas as coisas mundanas e maçantes caírem na lata de lixo, e toda a maravilhosa e firme prontidão da calma fria do Passageiro das Trevas se elevar das Profundezas de Dexter e se arrastar aconchegantemente a seu lugar para assumir o controle desse dia escuro de sol...

E nós estamos prontos.

E nós sabemos o que fazer, e como fazer, e sabemos que, de algum jeito, isso vai dar certo.

E então partimos para a ação.

Nós nos movemos lentamente na direção do idiota babão no caiaque, uma das mãos no acelerador, sentindo o ronronar do poder em prontidão ali, e o correspondente rugir do poder muito maior que estava indolente bem abaixo da superfície do feliz sorriso da pessoa que sai a passeio de barco e que nós alinhavamos em nosso rosto. *Mais perto...*

Não perto o suficiente, não ainda. Ele não nos percebeu ainda, não olhou, não desviou o olhar. Ele não faz nada a não ser ficar parado ali, recostado em seu bote de plástico amarelo, olhando fixamente na direção das docas como se aquilo fosse tudo que existisse no mundo, e fosse impossível haver uma Qualquer Coisa escorregadia se esgueirando em sua direção com tamanha satisfação gelada.

Ele fica olhando fixamente, inconsciente, observando apenas a doca, de onde um zumbido de júbilo flutua em nossa direção por sobre a água – um júbilo que não deveria estar lá na presença daquele horror desajeitado na Caçamba, um júbilo que somente poderia ser nossa silenciosa recompensa nesta meia-noite ensolarada, e um pequeno lampejo do olhar de relance nos diz que Jackie chegou e que a multidão esqueceu todos os motivos pelos quais se reuniu, e só consegue pensar em sua presença dourada, e meu companheiro inconsciente e sem suspeitas não é

diferente, não mais cônscio do que seu caiaque do fato de que nós estamos apenas a uma distância de poucas batidas de coração de lançar nossos tentáculos sobre sua sonolência boquiaberta e levá-lo para muito longe do brilho e do calor da luz do sol e rumo ao escuro profundo e frio...

Mais perto...

E ele finalmente nos olha; algum ligeiro estalo ou zumbido do motor o alerta que nós estamos tão, ah, tão perto mesmo, e ele se volta para nos olhar assombrado, e lá está o rosto do Facebook, com seu sorriso secreto de olha-só-o-que-eu-fiz, e ele fica olhando fixamente sem ver por apenas um segundo, e então se volta para se concentrar de novo na mulher de cabelos dourados na doca, perdido uma vez mais em seus pensamentos famintos e não tendo nem uma sombra de uma pista de que Alguma Coisa muito mais faminta está prestes a devorá-lo.

Mais próximo...

E ele nos olha de novo, e dessa vez estamos um pouco perto demais para ser somente o casual trânsito passageiro, e uma carranca faz vincos em seu rosto, uma carranca que se transforma, lenta e deliciosamente, em alarme – ele reconhece esse rosto que nós estamos usando? Ele nos conhece e percebe que, finalmente, nós viemos para apanhá-lo, viemos para interromper sua diversão desajeitada e acabar com suas trapalhadas letais e acabar com ele de uma vez por todas?

Talvez conheça; endireita o corpo com um gesto brusco, agarrando seu remo como se ele pudesse salvá-lo do que está para acontecer, o que vai acontecer logo, o que *tem* de acontecer, e enfia as pás do remo na água com força – esquerda, esquerda, esquerda, e direita, enquanto gira o bote em um pânico crescente que dá um prazer muito grande de observar. O que imagina que está para acontecer? Captura? Prisão? A poderosa Mão da Justiça? Algemas de aço e que alguém vai informá-lo severamente de seus direitos, e então uma longa espera em uma série de cômodos pequenos e malcheirosos com barras de ferro nas portas e nas janelas?

Ele remaria mais rápido se soubesse que não havia cômodos com grades de ferro, nem algemas, e nenhuma captura se

agitando alegremente à sua passagem? Que a única justiça para ele seria a final, vinda da Suprema Corte da Dor, e que seus direitos são limitados a apenas um: ele tem o direito de se livrar de suas amarras mortais e rodopiar na direção da Eternidade Sombria, e não há apelos, nem condicionais e nenhuma escapatória mesmo.

Porque nós estamos nos aproximando, não importa quão rapidamente ele reme. Nós estamos bem ali com ele, muito contentes por ficar esperando e vê-lo enfiando seus remos para dentro e para fora da água com tanta determinação. Esquerda, direita, esquerda, direita – cada vez mais rápido. Para ele, é uma corrida de velocidade, uma corrida rumo à segurança em uma velocidade realmente estonteante, rápido demais mesmo – para um caiaque.

Não para nosso barco a motor.

Para nós, com nossa mão no acelerador, é uma diversão, uma brincadeira com o rato antes de nossas garras aparecerem, e ficamos perto dele, cada vez nos aproximando um pouquinho mais, cada vez mais perto...

Agora ele está realmente se movendo muito bem, enfiando os remos na água com um ritmo rápido e bom, e olhando rapidamente para trás para nos ver sorrindo calmamente, felizes, deslizando para um pouquinho mais perto, e mais perto, e ele tenta, ele realmente faz um esforço muito grande para colocar seu barquinho amarelo em uma velocidade espantosa; os maxilares firmemente cerrados, as veias salientes em seu rosto e em seus braços, ele faz um esforço tão grande, com tanta valentia, como se o mero esforço pudesse deixar para trás as leis da natureza, e nós estamos tão impressionados com o esforço dele que quase fazemos uma pausa e aplaudimos.

Mas agora ele está perto daquela última ilha barreira, e está se voltando na direção do parque em terra firme e muito possivelmente de uma fuga, e ele quase consegue sentir seu sabor agora, a excitação de escapar, de saltar sobre a barreira de água e ir rumo à liberdade, sua fuga, conseguida com tanto sacrifício, daquele perseguidor estranhamente lento que ainda vai ociosamente atrás dele, lento e sorridente, e talvez haja um

pequeno intervalo em seu pânico em que comece a pensar por quê.

Por que nós nos aproximamos tão lentamente? Por que nós não caímos sobre ele, ou gritamos, ou atiramos? Por que simplesmente sorrimos, e sorrimos, e somos o vilão, chegamos tão um pouquinho mais perto de cada vez?

Por quê? Ele ainda não sabe, não tem condições de saber, mas é realmente muito simples. Demasiadamente simples para esse estúpido simplório.

Nós estamos sorrindo porque estamos felizes.

E estamos felizes porque esperávamos que ele fizesse exatamente isso, e agora ele fez isso por nós, como se tivesse estudado seu papel em nosso Roteiro Sombrio, e fez todas as coisas certas bem certinho, e a hora é agora.

Agora, quando ele finalmente fugiu para o lado oposto da pequena ilha; agora, quando finalmente se afastou da marina, invisível nesse momento para as filas de iates, não podendo ser visto por causa da ilha, escondido das docas com sua multidão de tiras e de basbaques, e ainda a uns oitocentos metros da margem. Agora, quando tudo está perfeitamente Tão Certo quanto jamais poderia estar, e toda a nossa prontidão jubilosa e faiscante está pronta e polida e preparada para saltar neste momento perfeito...

Agora.

E nossa mão se flexiona acionando o acelerador, e o rugir da nossa felicidade engole o ruído crescente do motor, e nosso barco se move para a frente – não rápido demais, mas rápido o suficiente, mais rápido do que qualquer caiaque, não importa quão assustado esteja seu remador.

E ele não tem tempo para nada além de mais um assustado e estrangulado ganido de lamentação, um abrupto grito de protesto por isso poder chegar a acontecer para aquela maravilha que é *ele,* e então isso já aconteceu. Nosso barco bate na lateral do caiaque, bate com força, com toda a força do nosso peso e da maior velocidade, e toda a necessidade maldosa que segura o leme e continua a sorrir, sorri ainda mais agora, com verdadeiro deleite pelas coisas adoráveis que estão agora acontecendo para

a ignorante excrescência que está no caiaque e merece tudo aquilo.

Mas ele não está no caiaque, não agora, não mais. Agora ele está na água, se agitando para todos os lados, lutando para agarrar algo que flutue, ou alguma coisa que faça sentido, e não há nada parecido ali a que ele possa se agarrar. O caiaque já está se afastando rapidamente, muito longe do seu alcance e emborcado, e a margem está ainda mais longe, e apenas um pequeno barco de pesca com um capitão muito sorridente pode ser visto nas proximidades. E então ele se debate lá na água, e tosse e borrifa água, e ele grita:

– Mas que porra...! – E nós ficamos cuidadosamente dando voltas ao redor e lentamente rastejamos entre ele e a margem.

– Desculpe! – nós gritamos, com perfeita insinceridade. – Não vimos você!

E ele se agita um pouco mais na água, mas então diminui a sua luta épica; porque não faz sentido que nós tenhamos batido nele daquele jeito de propósito, e ele está na água bem ali sob a luz do sol, e de qualquer modo nós estamos sorrindo e pedindo desculpas e realmente não há para onde ir. Então ele vem pela água enquanto nós nos aproximamos dele, nos olhando fixamente com suspeita e ressentimento, e ele grita de novo:

– Mas que porra de banho! – E há sinais muito evidentes do Tennessee em sua voz. – Cê me viu!

– Desculpe! – nós dizemos de novo e procuramos abaixo de nós, sob a ponta do barco, o gancho, onde ele se aninha em suas amarras, e o retiramos e o erguemos. – Segure isto! – nós gritamos, alegres. – Nós vamos tirar você daí!

Ele pisca sem entender e olha fixamente o gancho do barco enquanto balança perto de seu rosto.

– Quem é *nós*?

Somos nós, é claro, o Nós Sombrio, o não-tão-visível mas ah tão-forte e ardiloso Nós do sorriso interno sombreado, o sorriso feliz e maldoso que se expande para fora vindo do âmago gelado e subindo para a máscara de burrice luminosa que nós usamos para ocultar os dentes pontiagudos – mas nós não dizemos isso para ele; nós não lhe dizemos que ele já foi considerado

excessivo por não mais do que este sorriso muito real e muito feliz – pelo contrário, nós não dizemos nada além de “pegue o gancho!”, e acrescentamos um alegre “opa!”, quando o gancho do barco, aparentemente em um movimento não intencional, se choca contra a têmpora dele. Uma batida pequena e cuidadosa, criteriosamente elaborada para parecer um acidente, e perfeitamente calculada para deixá-lo tonto só o suficiente, de modo que por um instante frágil e sufocante tudo fica ligeiramente nublado para ele e ele respira água.

– Desculpe! – nós gritamos, enquanto ele começa a cuspir e entra em um pânico atordoado e de olhos arregalados. – Pegue o gancho do barco! – nós berramos, com uma premência mais apavorante em nossa voz enquanto nos afastamos lentamente do lugar onde ele se debate na imensidão profunda que logo vai ser o seu lar.

E ele se estica para pegar o gancho do barco, uma onda de pânico enlouquecido e gratificante que o ergue para fora da água só o suficiente para que ele possa aferrar as duas mãos frenéticas no cabo do gancho do barco.

– Ótimo! – nós dizemos com alívio cheio de alegria, porque nós o pegamos agora. Fisgamos nosso peixe, enfiamos irremediavelmente o anzol na carne macia de sua estupefação salivante, e então nós o puxamos, trazendo-o para mais perto e para o lado do barco. E rebocamos nossa presa para cima, para onde ele possa colocar as duas mãos na borda do barco e soltar a vara, e nós soltamos o gancho do barco para nos ajoelharmos no deque e aparentemente oferecer-lhe a mão esquerda para ajudá-lo a vir para a frente, para cima, para dentro do barco.

Somente a mão esquerda, mas ele a pega; nós o puxamos um pouquinho mais para cima. E ainda sem se dar conta e tonto e encharcado, ele fica lá largado, uma parte do corpo na água, a outra, fora; do mesmo modo que está agora, neste momento perfeito, maravilhoso, precipitado e não planejado, já meio pendurado para fora da vida.

Ele segura nossa mão esquerda, balançando lá entre tudo e nada, e nós o seguramos bem ali, nossos rostos próximos um do outro. Nossa mão esquerda apenas, e ele procura a mão direita

para erguê-lo completamente, e não a vê, e olha de volta para nós com uma confusão misturada com raiva, alarme e desespero.

– Mas que porra?

E o momento é este – o momento pelo qual nós tínhamos esperado e tínhamos planejado por muito pouco tempo, mas nós hesitamos, porque não é certo. Ainda não provamos que ele é culpado, não temos a segurança exigida pelo Harry e não planejamos de verdade, e por um instante fazemos uma pausa, balançando em um barco incerto em um mar de dúvidas.

E Patrick percebe isso também, e vê que, seja lá o que esteja acontecendo, não é o que ele pensa que deveria estar acontecendo, e com seu rosto tão perto do nosso, conseguimos ver que está se recompondo para alguma ação com propósito, algum salto ou ataque súbito, e como sempre, felizmente, no momento preciso, nós sabemos exatamente o que fazer.

– Jackie Forrest – nós dizemos.

E funciona, como sempre funciona. Patrick fica imóvel. Por um instante, ele se esquece de respirar, e isso é uma pena, porque as respirações dele estão contadas agora, e a quantidade é muito pequena. E ele nos encara, tão próximos, e nós observamos os olhos dele – observamos e realmente sentimos uma estima profunda por esse trapalhão selvagem. Porque nós sempre precisamos da Prova do Harry para merecer esses momentos de fascínio e de êxtase, e não temos nada – mas Patrick vem nos ajudar.

Nós o observamos, e o olhar que surge em seus olhos brilhantes e estúpidos é tudo de que precisamos. Só com as quatro sílabas daquele nome, Jackie Forrest, tudo que ele fez e planejou fazer está lá em seus olhos, um desfile de imagens tão repletas de culpa quanto uma confissão de vinte páginas. Ele fez tudo, não há a menor dúvida, esse olhar não seria capaz de mentir. É ele, com toda a certeza, indubitavelmente, e, sem esperar nenhum tipo de não-eu-não-fiz, nós erguemos nossa mão direita, a mão que estava esperando tão pacientemente escondida, e enfiamos a faca que estava pairando ali, esperando exatamente por aquele momento, enfiamos a lâmina uma só vez

e com muito cuidado bem no lugar certo, e Patrick se enrijece, ofega e fica nos olhando fixamente enquanto sente a faca penetrar e subitamente, terrivelmente, sabe o que está acontecendo. E nós observamos a lenta e frágil beleza daquele momento enquanto ele tremula através das duas minúsculas telas gêmeas de seus olhos azul-claros; o momento de negação indignada de que aquilo pudesse alguma vez acontecer com o *eu* especial e precioso, e então o luminoso florescer da agonia do mundo que se acaba quando ele entende que *sim, pode,* e então *sim, aconteceu,* enquanto o cuidadoso tique-taque do relógio biológico soa uma vez mais e então subitamente, e de modo impensável, para...

E então o momento mais belo de todos, enquanto aquele pensamento se afasta para sempre, aquele pensamento e todos os demais, se afastando com remadas, com todo e qualquer traço de tudo aquilo que significa *Eu;* eles se afastam em um turbilhão de águas escuras, se afastam do pequeno e inútil monte de carne e de propósitos que foi Patrick e rumo à maré crescente da infindável noite inexpressiva e despida de pensamentos; se afasta de tudo que ele jamais pensou ou jamais foi ou jamais desejou ser, se afasta da minúscula praia iluminada que era a vida e se encaminha para o rápido e infinito vórtice do Nunca Mais.

E nós observamos e ficamos espantados enquanto até mesmo aquela fagulha final fenece ha distância indistinta e a perene película de vacuidade cobre os olhos agora vazios. E a coisa que estamos segurando, a coisa que foi Patrick, assassino de mulheres, vivo com uma energia cheia de vida e ilimitada – aquela coisa agora não é mais que uma caixa vazia, um contêiner não amável que vai apodrecer e se desfazer mais rápido do que papelão barato sob a chuva, e enquanto vemos aqueles olhos ficarem vazios nós estamos realmente emocionados, como sempre ficamos: emocionados, transportados, elevados por um momento tão iluminado e transitório; então somos lançados para baixo de novo, esgotados, esvaziados de tudo que é importante, tão perto da felicidade quanto jamais poderemos estar.

Está feito. Nós fizemos isso, e isso acabou.

E agora as cores do dia deslizam para cima, para o lado mais brilhante do espectro, que é o lugar delas, e a lâmina dura e sombria daquela ação se funde uma vez mais em uma satisfação confortável e cansada de um serviço bem-feito, e eu puxo a coisa desajeitada e vazia para cima, sobre a borda do barco, e sobre o deque. Eu a deixo ali deitada e assumo os controles do barco, indo lentamente para longe da margem e rumo à tarde subitamente brilhante demais e vazia demais.

CAPÍTULO 20

MAIS MEIA HORA SE PASSOU ANTES DE EU DEIXAR PATRICK BEM ACONchegado no buraco profundo mais próximo, com uma âncora imensa cuidadosamente presa às suas pernas. Eu sempre tenho uma âncora extra; elas são bastante úteis, em muitas situações tão comuns ligadas à navegação. Gosto de comprá-las sempre que posso nessas ocasiões de família vende tudo, porque a gente nunca sabe quando pode precisar lançar uma âncora extra, ou ajudar um companheiro de navegação em uma situação difícil, ou esconder um corpo recém-falecido. Era uma âncora Danforth, própria para tempestades, boa e sólida, e eu tinha certeza de que ela iria manter Patrick lá embaixo até que os caranguejos o tivessem comido e deixado só os ossos limpos. E se de algum modo ele por acaso subisse à superfície, seria em algum momento no futuro, quando Dexter estivesse bem longe e completamente inocente, e nunca poderiam investigar a âncora, nem me conectar com o irreconhecível cadáver mordiscado pelos peixes – afinal, eu nunca havia sido formalmente apresentado a Patrick.

E também pode ser que eu não devesse ter me sentido tão bem em relação ao meu estranho interlúdio ensolarado. Ele havia sido executado rápido demais, e com uma arma terrivelmente desajeitada, e, ainda pior, sem nenhum dos meus rituais Tão Importantes Mesmo – mas tinha sido executado, e Jackie estava segura, e agora eu estava livre para colher os frutos dos meus diligentes serviços. Poderia relaxar no luxo sem me preocupar, saboreando *mojitos, tournedos* e ocasos sobre a baía, sem uma só preocupação. Patrick havia desaparecido para sempre.

E eu também não me preocupava com o fato de alguém achar o corpo dele. Ele estava muito bem escondido, eu nunca poderia ser ligado a ele, e não havia nada além de rosas e de arco-íris em Dexterville. Eu estava tão imerso em meu fulgor de contentamento completo que não me preocupava com nada mesmo; na verdade, até navegar de volta pelo canal até a doca –

bem devagar, dessa vez, o que me valeu um aceno emburrado do homem sem camisa. E foi só depois de amarrar o barco e Começar a andar com passos lentos através do gramado em direção ao meu carro, que dei uma olhada rápida no meu relógio – e então, finalmente, comecei a me preocupar.

O ponteiro pequeno estava apontando para o três, e o grande, para o onze, e só foi preciso um instante de um brilhante trabalho detetivesco para perceber que isso significava que faltavam só cinco minutos para as três horas, e que eu ia me atrasar para o meu álibi.

Fui correndo até o carro e dirigi pela ruazinha de um modo que nenhum velho sem camisa que se prezasse poderia jamais aprovar. Felizmente, ninguém estava na rua para me ver, e em poucos minutos eu estava na Main, rumo à Douglas, e então virando à esquerda na Dixie.

O trânsito não estava complicado, mas, mesmo assim, mais uns vinte minutos se passaram antes de eu parar em uma vaga no estacionamento da escola. Entrei tão rápido quanto pude sem chegar a correr; seguindo pela calçada e me dirigindo para a sala principal, onde assinei o devido registro, grudei com um tapa uma etiqueta autocolante de VISITANTE em minha camisa e me apressei através do *hall* até a sala de aula de Cody.

A professora de Cody desse ano era uma mulher de meia-idade incansavelmente alegre que se chamava sra. Hornberger. Ela estava sentada à sua mesa quando eu entrei, com Cody e Rita sentados à frente dela como duas crianças travessas chamadas à frente da sala. Os três me olharam quando eu entrei; Cody quase sorriu, a sra. Hornberger ergueu uma sobrancelha inquisitiva, e Rita, sem nem ao menos respirar, imediatamente começou o ataque:

– Oh, Dexter, pelo amor de... Já são três e vinte, e você nem ao menos telefonou... É sério, isso é tão...

– Peço desculpas por me atrasar – eu disse. Ninguém me ofereceu uma cadeira, então arrastei uma das carteiras da sala para perto de Cody e me espremi nela. – A coisa tá muito ruim? – sussurrei para Cody, e ele deu de ombros.

– Tudo bem – ele disse baixinho. É claro, ele teria dito exatamente a mesma coisa se a professora tivesse ateado fogo nos dois.

Eu tenho de admitir, Cody tinha mesmo um pequeno problema na área de comunicação. O trauma causado pelo pai biológico, um canalha viciado em *crack,* que costumava espancar Cody e Astor até ele ser finalmente instalado com todo o conforto na prisão, havia deixado Cody excepcionalmente silencioso. O que a selvageria do pai havia feito com Astor ainda não havia ficado bem claro, a não ser que extremo mau humor fosse induzido por trauma.

Mas as surras do Papai Biológico também tinham empurrado Cody eternamente para fora do mundo da luz do sol, e para dentro da escuridão fria em que os predadores vivem. Elas o haviam transformado em meu verdadeiro herdeiro, o Príncipe Coroado das Trevas de Dexter, ansiosamente aguardando meu treinamento, de modo que pudesse assumir seu legítimo posto no Trono das Sombras. Eu tinha certeza de que a reunião de hoje não iria abordar essa parte da educação de Cody.

– Sr. Morgan – disse a sra. Hornberger, severa. Todos os olhos se voltaram automaticamente para ela, e Rita até parou de falar. A professora olhou para cada um de nós individualmente, para ter certeza de que estávamos prestando atenção. Então o sorriso voltou para seu rosto, e todos respiraram de novo. – Nós estávamos discutindo as... dificuldades *conceituais* de Cody... com a socialização.

– Oh – eu disse, e como não tinha ideia do que mais poderia dizer, acrescentei: – sim, é claro. – E ela acenou para mim com ar de aprovação.

E então nós embarcamos em busca de Chegar a um Acordo Significativo Em Um Contexto de Alcançar Objetivos Sociais e Educacionais Apropriados e Simétricos, parando ao longo do caminho para acariciar cada sonora palavra com um toque *new age* relativa a Sentir-se Bem já pronunciada. Aquilo era tão tortuoso quanto eu tinha temido que pudesse ser, e claramente era muito pior para Cody. Ele só podia entender uma palavra de cada quatro e se contorcia e retorcia as mãos e movia as pernas

para a frente e para trás, e, depois de só uns dez minutos, havia dado uma nova dimensão para a palavra “inquietação”.

Rita seguia cada palavra que saía dos lábios da sra. Hornberger com uma concentração ofegante, a testa franzida por causa da preocupação. De vez em quando, ela a interrompia com uma de suas frases fragmentadas que terminavam com um ponto de interrogação. A sra. Hornberger assentia como se ela realmente entendesse e introduzia mais um clichê de seu arsenal, e Rita assentia avidamente e voltava a franzir o rosto todo em uma máscara de preocupação.

Eu observava o rosto dela se contrair em sua máscara enrugada e me espantei uma vez mais ao ver como Rita aparentava ter envelhecido repentinamente. As linhas de preocupação em sua testa pareciam permanentes, acompanhadas por outras ao redor da boca. Além disso, sua pele havia perdido a cor e parecia estar se transformando em um pálido e flácido mapa tridimensional de relevo de um deserto qualquer. Seria isso apenas preocupação por causa de Cody ou ela havia mesmo ficado tão velha quanto aparentava? Nós tínhamos a mesma idade – isso queria dizer que eu também estava ficando velho? Isso não era visível quando eu me olhava no espelho – pelo menos, não para mim. Talvez eu estivesse cego para a minha real aparência e também estivesse começando a ficar enrugado e pálido. Esperava que não fosse o caso; eu ainda tinha uma porção de coisas importantes por fazer, e não queria parecer uma uva-passa andante branca e pálida enquanto as estivesse fazendo.

É estranho ver por onde a mente vagueia quando é subitamente atacada por platitudes sinceras e inúteis. Tenho certeza de que eu teria sentido mais simpatia por Rita, mais empatia por Cody e mais admiração pelo fantástico domínio que a sra. Hornberger tinha da inutilidade educacional polissilábica. Mas eu não senti; tudo que realmente sentia era uma irritação de fazer ranger os dentes por causa do Tormento Pelo Jargão e uma ligeira repugnância pelo visível declínio de Rita rumo à velhice – e um ligeiro susto por pensar que eu também poderia estar me encaminhando lentamente para a senilidade.

Depois de meia hora ter se passado com muita luta, eu perdera todo o brilho do contentamento que havia tão recentemente iluminado minha vida e estava começando a me contorcer quase tanto quanto Cody. Porém, mais uns quinze minutos se passaram até que a sra. Hornberger finalmente marchasse rumo à sua triunfante conclusão: Objetivos Sociais devem ser Integrados em um Plano Individualmente Elaborado para a Aprendizagem Cooperativa, com um Compromisso Total voltado para o Alcance Bem-Sucedido dos Objetivos em Casa e na Escola, em Níveis Individuais e Institucionais. E eu finalmente pude cambalear com passos fracos para fora da sala de aula, segurando minha testa febril e ansiando, de modo surpreendente, mas intenso, por um *mojito* gelado com Jackie.

Fui com Rita e Cody até o carro dela, onde paramos para permitir que ela terminasse uma frase. E então ela olhou para mim com aquela mesma face cheia de rugas causadas pela preocupação e disse:

– Dexter, você está mesmo...? Porque eu quero dizer, eu não sei.

– Com certeza – eu disse. Algo bastante surpreendente, eu a entendia, ou pelo menos achava que entendia. – E vou mesmo voltar para casa em poucos dias, com dinheiro suficiente para uma cobertura para a piscina novinha. – E, ao dizer isso, eu senti o pesar se revolvendo; seriam mesmo somente uns poucos dias mais?

– Bom – ela disse. – Mas é que... eu só... – Ela agitou as duas mãos, impotente. – Seria legal se você... você não pode mesmo nem me dizer o que está fazendo?

Eu abri a boca para dizer que não, eu não podia mesmo – e então lembrei que sim, de certa maneira eu tinha de dizer, ordens do capitão.

– Hum – eu disse, sem saber muito bem por onde começar. Repentinamente, eu me senti um pouco como uma criança pedindo permissão para comer um biscoito depois de ter comido todos, menos aquele, e eu não sabia o motivo. Não havia razão para me sentir culpado ou inquieto; eu havia feito exatamente o que deveria fazer, e pelo mais nobre dos motivos: uma cobertura

para a piscina. Então, deixei o assunto de lado, como se fosse uma ressaca causada pela invectiva da sra. Hornberger e mergulhei de cabeça.

– Estão filmando um seriado de televisão na cidade – eu disse, e Rita se acendeu como se fosse um bolo de aniversário e se lançou em uma reação sem fôlego.

– Oh! – ela disse. – A do jornal? Eles disseram que Jackie Forrest... Você sabia que ela tem trinta e três anos? Eu não acho que ela aparente isso, mas, é claro, ela deve ter um monte de... E Robert Chase! Ele é TÃO charmoso, mas ele não tem feito nada em praticamente... é isso que você... Oh, meu Deus, Dexter, alguma coisa horrorosa aconteceu com Robert Chase?

– Não ainda – respondi, lutando para manter o pesar fora da minha voz. – Mas a questão é a seguinte: o capitão Matthews me designou para ser um consultor técnico para o seriado. E, você sabe, ensinar para Robert o que eu faço.

– Oh. Meu. DEUS! – disse Rita. – Você ENCONTROU mesmo... Dexter, não dá pra acreditar... quer dizer, isso é simplesmente demais!

– É só um serviço – eu disse. E admito que estava um pouquinho irritado ao ver Rita tão excitada só com a simples ideia de Robert Chase. – Seja como for – disse, esperando que pudesse falar a coisa toda sem mais um dos frenesis verbais de Rita –, há outro cara no elenco, um comediante, Renny Boudreaux?

– Sei, ele é muito bom – disse Rita, com toda a seriedade. – Ele usa umas palavras que... E você se encontrou com ele também?

– Sim – respondi. – E ele vai gravar um programa especial no sábado à noite. E o capitão quer que eu vá.

– Quer que você vá? – ela disse. – Isso não faz nenhum... e por que você não gostaria de ir, de qualquer modo? Por que...

– Ele acha que é bom para a imagem do Departamento – eu disse. – Para mostrar tiras e estrelas todos juntos. E então eu tenho dois ingressos...

– Ohmeudeus ohmeudeus ohmeuDEUS! – disse Rita. – Mesmo? Oh, Dexter, Oh, meu Deus! Isso é *incrível...* Mas nunca

que vou conseguir uma babá a tempo!

Mais cinco minutos foram necessários para Rita se acalmar o suficiente para dizer com coerência que me encontraria às 7h30 no *lobby* do Teatro Gusman sábado à noite, e percebi que estava ficando cada vez mais ansioso por meu *mojito.* Isso era muito estranho, nunca fui um bebedor, e tinha certeza de que não tinha virado um da noite para o dia – e certamente não era bebedor o suficiente para ficar todo trêmulo quando as cinco horas da tarde se aproximassem sem eu ter minha dose usual. Mas eu quase conseguia sentir o gosto da bebida fria deslizando sobre minha língua e descendo pela garganta, quase via Jackie me olhando por cima da borda do seu copo perolado de gotas d'água, seus grandes olhos cor de violeta cheios de humor por causa de alguma coisa que eu não tinha dito ainda, e senti que estava ficando cada vez mais irritado com a enrolação em alta velocidade de Rita.

E ela enrolou mesmo. Balbuciou de modo reverente a respeito de Jackie, chegou mesmo a soltar risadinhas por causa de Robert e lançou vários cumprimentos desconexos para Renny, como ele parecia ser inteligente, embora *realmente* usasse uma linguagem muito grosseira. E então entrou em um frenesi paralisado porque não tinha nada mesmo que pudesse vestir – embora eu soubesse com toda a certeza que o armário dela estava transbordando de roupas – e como eu podia esperar que ela aparecesse no mesmo ambiente com alguém como Jackie Forrest...!

Eu não tinha a menor ideia de que Rita soubesse mesmo alguma coisa a respeito de estrelas da televisão, e ainda menos ideia de que ela se importasse com isso, de que fosse ficar impressionada a ponto de atingir uma incoerência infantil só de pensar em se encontrar com Robert Chase e de ver Jackie Forrest em uma roupa elegante. O que quero dizer é, eu me sentava no sofá ao lado de Rita todas as noites, e nós assistíamos a TV juntos – mas vê-la desabar em um tipo de adoração balbuciante a um herói só porque ela ia assistir ao *show* de Renny e poderia até mesmo respirar o mesmo ar que Robert Chase! Esse era um lado dela do qual eu nunca vira um

indício antes e não tinha bem certeza a respeito do que fazer com ele agora.

Mas, felizmente, até Rita precisa respirar de tempos em tempos, e quando ela finalmente parou para fazê-lo, eu interrompi rapidamente e com muita firmeza:

– Rita, preciso voltar – eu disse. – Você estará lá no sábado?

– Mas é claro que vou... quer dizer, tenho de achar uma roupa *em algum lugar* e não tenho ideia... Talvez a filha da Nancy, Terry? Mas ela está na banda marcial, então não sei...

– Você não precisa usar uma roupa sofisticada – eu disse. – Eu não vou nem usar gravata.

– Dexter, eu vou aparecer na televisão! Com a Jackie Forrest! É claro que tenho de usar alguma coisa... Oh, palavra de honra, você não tem a menor ideia... Talvez ainda dê pra eu usar aquela roupa de Key West? Você sabe, aquela que você disse que parecia uma camisola?

– Perfeito – eu falei. – Encontro você às 7h30 no *lobby.*

– Sim, é claro – ela disse. – Mas eu não sei mesmo...

Eu me inclinei e lhe dei um beijinho no rosto.

– Tchau. Vejo você no sábado.

Rita também me beijou, e eu me virei para finalmente poder ir.

– Dexter – ela me chamou, e suspirei e me voltei.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não a disse. Por um longo momento, não disse nada mesmo, só ficou me olhando, e eu fiquei pensando no que havia interrompido o frenesi. Eu estava prestes a dizer alguma coisa, quando ela falou:

– É só que... você tem roupas limpas?

– Meias E cuecas – assegurei.

– E uma camisa decente para usar nesse negócio?

– Sim – respondi, extremamente intrigado com a mudança de paradigma. – Uma bela *guayabera*[14].

Rita assentiu, ainda me olhando fixamente.

– Porque é só... – Ela agitou uma das mãos, como um passarinho com a asa quebrada, e olhou para Cody, e depois para mim de novo. – Estou sentindo sua falta. Nós todos estamos.

– Eu também – disse Cody, em sua voz rouca e baixa demais.

Eu pisquei para os dois, com uma surpresa que se aproximava do choque. Não apenas porque a ideia de lavar minhas roupas havia levado Rita diretamente a dizer que sentia minha falta. Achei chocante ela sentir minha falta de qualquer jeito. E Cody também? Por quê? Sei exatamente o que eu sou – embora, felizmente, ninguém mais pareça saber – e o que sou não é um prêmio assim tão grande, a não ser que agora estejam dando medalhas por vivissecção inspirada. E ouvi-la dizer que todos *sentiam minha falta?* O que isso significava? Por que alguém iria sentir minha falta? Tudo que eu fazia era voltar para casa para as refeições, me sentar no sofá por uma hora ou duas e então ir para a cama. Por que alguém iria sentir falta disso?

Esse era um maravilhoso paradoxo do comportamento humano que tinha me intrigado a vida inteira, e normalmente teria sido divertido ficar ponderando por um tempo sobre ele. Mas Rita estava me olhando cheia de expectativa, e anos de estudo do comportamento humano, sobretudo em novelas diurnas, ensinaram-me a reconhecer uma deixa quando ouço uma. Então, dei para Rita um cálido sorriso sintético e disse:

– Eu sinto falta de vocês também. Mas são só uns poucos dias a mais. E – acrescentei quando a face dela continuou paralisada naquela expressão preocupada – precisamos mesmo do dinheiro.

Foram necessários vários minutos, mas Rita finalmente concordou:

– Bom, sim. Mas é que... você sabe. – Eu não sabia, e ela não me esclareceu. Apenas deu de ombros e falou: – Tudo bem, então. – Deu três passos na minha direção, se inclinou, e eu lhe dei um beijinho no rosto. Olhei para Cody, que estava observando com seu habitual estoicismo alerta.

– Relaxe – eu lhe disse. – Não vou dar um beijo em você.

– Valeu – ele agradeceu.

– E vejo você em poucos dias – falei. – Lembre-se de Visualizar seus Modelos de Procedimento.

Cody fez uma careta horrível, balançou a cabeça e disse:

– Eca. Tenho de admitir que nós dois estávamos de pleno acordo.

Virei-me de novo, e Rita me chamou.

– Dexter... telefone só umas... Quer dizer, se não for demais?

– Tudo bem – eu disse, vendo o *mojito* flutuando no ar na minha frente. – Eu telefono.

Já passava das quatro da tarde. O trânsito estava começando a ficar lento com o início da hora do *rush,* e as filas uniformes de carros estavam se espremendo, se coagulando em nós ruidosos e raivosos, começando a formar uma crosta imóvel nas vias expressas. Levei mais de uma hora para abrir caminho por entre os rosnados e voltar para o meu escritório, e ao longo do caminho tive tempo de sobra para refletir a respeito do que havia sido, afinal de contas, um dia muito longo. Embora a reunião com a professora tivesse levado embora o fulgor de meu encontro com Patrick, eu não senti preocupações nem remorsos. Ninguém iria sentir falta dele, e tudo tinha acontecido bem mais rápido do que ele merecia.

O sedã de Jackie estava esperando do lado de fora do quartel-general, o motor funcionando, quando eu finalmente voltei. O motorista estava recostado no para-lama dianteiro, fumando um cigarro, e ele me acenou quando me aproximei. Eu me encaminhei até o carro, e a janela traseira se abriu deslizando.

Jackie me olhou com um sorriso pequeno, mas que de algum modo me fez sentir que tudo ficaria bem.

– Ei, marinheiro, você gostaria de uma carona? – E o sorriso ficou só um pouquinho maior quando ela disse: – Eu acho que é hora de *mojitos.*

Eu também achava. Entrei no carro.

CAPÍTULO 21

No sábado de manhã, Jackie dormiu até tarde. Eu costumo acordar cedo e, de qualquer modo, é difícil ficar cochilando na cama quando você está no sofá em um hotel de luxo. Então, acordei às sete da manhã e estava sentado na varanda com o café da manhã às sete e meia. O sol nasceu bem na hora, como havia feito nos dias de semana, mas eu tentei tomar meu café um pouquinho mais devagar, em homenagem ao fim de semana.

Bem lá longe na água, alguns barcos passavam, se dirigindo ao sul para as Keys, ou a leste para Bimini, para a Corrente do Golfo, e até para mais longe. Um grande barco pesqueiro passou rugindo bem em cima do buraco profundo onde eu havia colocado Patrick, erguendo uma grande onda em sua passagem. Fiquei pensando se aquela turbulência seria suficiente para livrá-lo de sua âncora; talvez ele subisse à superfície como um flutuador saído de um pesadelo e ficasse saltando atrás do barco em velocidade até as Bahamas.

Provavelmente não. E, se ele subisse, duvido que o grande barco fosse diminuir a velocidade, não com vários tipos de marlim à espera.

Bebi meu suco de laranja. Ele havia sido feito na hora e estava muito bom. E os *waffles* belgas também estavam bons, e o *bacon* estava preparado no ponto certo: crocante sem estar seco. E as frutas estavam excelentes também, talvez as melhores que eu já tinha comido – exceto pelas do café da manhã de ontem. E de anteontem. Elas não tinham o gosto das frutas que as pessoas normais compram no supermercado, que sempre têm um gosto aguado, como se tivessem sido injetadas com água para torná-las maiores e mais brilhantes. Estas tinham mesmo um sabor real. Elas tinham o gosto exato que a gente sempre acha que a fruta teria de ter, mas nunca tem.

Bebi. Isso era realmente uma maravilha para mim; pelo menos por enquanto. Fiquei conjecturando se a gente chega a se acostumar com esse tipo de coisa, cansado o suficiente para

chamar o garçom e mandar tudo de volta se um pedaço de pera tiver uma mancha na casca. Eu não achava que o faria, mas, quem sabe? Viver desse modo altera as pessoas, e talvez eu acabasse me transformando em um idiota egocêntrico – como Robert, por exemplo. Não era possível que ele tivesse começado a vida do jeito que estava agora, ou os pais dele o teriam estrangulado no berço.

Então, talvez eu também mudasse, depois de alguns anos vivendo uma vida de cobertura. É claro, a gente nunca iria ficar sabendo; tudo isso iria terminar logo, logo demais, e eu voltaria para o mundo das peras com manchas e maçãs com gosto de água. Triste, deprimente e inevitável – mas por que deixar o futuro arruinar o presente? No momento, a vida era boa. Eu estava vivo, e Patrick não, e eu ainda tinha duas fatias de *bacon* e a maior parte das frutas.

Quando faltavam vinte minutos para as oito, eu tinha comido o último pedaço de cantalupo perfeitamente maduro, afastado o prato e enchido de novo minha xícara de café. Havia tentado, mas não dava mesmo para fazer o café da manhã se estender ainda mais sem me mover em câmera lenta. Então, enchi minha xícara e só fiquei lá sentado à luz do sol esperando Jackie. Apesar do café, o tamanho do café da manhã e o sol em meu rosto me fizeram sentir um pouquinho sonolento, preguiçoso, como uma lagartixa grande e bem alimentada sobre uma pedra.

Às oito e meia, eu estava saturado de café e cheio de impaciência. Nem havia motivo para ficar impaciente; era sábado, afinal de contas, e eu não sabia de nada urgente que estivesse acontecendo em algum lugar que requeresse minha presença. Mesmo assim, ficar sentado lá sem fazer nada me deixou nervoso. Suponho que seja demais reclamar por não ter nada para fazer a não ser ficar sentado na varanda da cobertura e tomar café. Há destinos piores, afinal – eu próprio causei muitos deles. Mas a verdade é que eu me sentia ignorado, até mesmo deixado de lado, e queria que Jackie pulasse da cama e corresse para o meu lado, de modo que eu pudesse protegê-la; algo duplamente estúpido, já que eu sabia muito bem que não havia nada do que protegê-la.

Mas faltavam quase quinze para as nove quando ela finalmente apareceu, e não foi nada do tipo pular-e-correr, mas foi mais um tropeçar-e-arrastar. Ela desabou na cadeira oposta à minha tão pesadamente como se tivesse sido jogada do telhado e me encarou por algum tempo antes de se lembrar como falar.

– Bum dgia – ela cumprimentou, em uma voz que estava em algum lugar entre um crocitar e um grunhido. Ela pigarreou, então fechou os olhos, balançando ligeiramente. – Café – ela disse, e se um resmungo pode soar ao mesmo tempo autoritário como uma ordem e queixoso, o dela soou. Eu a encarei; seu rosto parecia inchado, amarrotado, e o cabelo estava desarranjado e não tinha sido penteado.

Ela abriu um olho atordoado e crocitou:

– Por favor.

Estendi o braço para pegar o bule de café, e ela fechou o olho de novo. Enchi uma xícara e a coloquei na frente de Jackie, e quando ela não se moveu, eu me inclinei, peguei sua mão e a coloquei na asa da xícara. Ainda sem abrir os olhos, ela esvaziou a xícara e a estendeu na minha direção, grunhindo:

– Mais.

Tornei a encher-lhe a xícara. Ela bebeu essa um pouco mais devagar, e mais ou menos na metade dela o rosto de Jackie começou a encolher e a ficar do tamanho normal, e então ela abriu os olhos. Eles eram da cor de lavanda de novo, quase toda a vermelhidão havia desaparecido deles. Terminou a xícara, reencheu-a por conta própria dessa vez e bebeu devagar.

– Desculpe – ela disse depois de alguns minutos. Sua voz ainda estava um pouco rouca, e ela pigarreou. – Eu não consegui dormir esta noite – explicou, e ela soava quase humana de novo. – Então, bebi uns goles do rum escuro. – Deu de ombros. – Tudo bem, mais do que uns goles. Seja como for, não funcionou. Então, tomei uns comprimidos para dormir. – Jackie fechou os olhos e balançou a cabeça lentamente. – Cara, ah, cara, *eles* fizeram efeito. Eu acho que quase dei uma de Marilyn

– Uma de quê?

– Monroe – ela disse, com um sorrisinho. – Você sabe, deusa das telas toma dose fatal. Ai, minha cabeça.

– Você quer uma aspirina?

– Eu tomei umas quatro ou cinco – ela disse. – Elas vão fazer efeito em um minuto. – Franziu os lábios e suspirou profundamente. – É esse cara. O perseguidor. Patrick Qualquercoisa.

– Bergmann – eu disse, tentando ajudar.

– É. Eu só fico pensando: ele está lá fora, provavelmente me vigiando neste instante mesmo, talvez se esgueirando para dentro do hotel e mexendo na fechadura da porta...

Por meio segundo, brinquei com a ideia de lhe dizer que Patrick não estava se esgueirando na direção de nada a não ser rumo à provável decomposição. E em um mundo racional, por que não? Que pessoa sensata poderia levantar objeções quanto à remoção de um assassino brutal, que fazia coisas pavorosas com seres humanos e gostava disso? Mas, em um momento de reflexão séria, ocorreu-me que, se eu lhe dissesse, Jackie poderia perceber que essa era uma descrição perfeita para mim também; então, poderia não ser uma ideia muito boa. E, afinal de contas, carne apodrecendo dificilmente seria um tópico adequado para uma conversa durante o café da manhã. Então, decidi por lhe dar uma garantia mais banal.

– Há uma corrente na porta – eu disse. – E um Dexter bem armado e bem letal no sofá.

Ela pigarreou de novo.

– Eu sei, mas isso foi a noite passada, no escuro. Tudo fica maior e mais perigoso no escuro.

É claro que ela tinha razão quanto a isso, mas, em vez de concordar, eu só fiz um gesto e ela prosseguiu:

– E então eu comecei a pensar no que você tinha dito, como ele poderia descer do telhado em uma corda, e juro que dava para ouvi-lo arranhando a porta. Eu pulava da cama e olhava e... – Balançou a cabeça e sorriu com tristeza para o seu eu da noite anterior. – Bem idiota, certo?

– Bem – eu disse.

– É, obrigada, você não precisa concordar comigo. – Ela suspirou e olhou a grande bandeja na mesa com sua tampa de prata. – Esse aí é o café da manhã?

– O seu de sempre – eu disse.

Jackie ergueu a tampa de prata e olhou os míseros bocados de comida no prato. Fechou os olhos, deixou a tampa cair e se afastou da bandeja.

– Acho que preciso de alguma coisa um pouquinho mais substancial hoje – ela disse e se levantou. – Vou pedir uns ovos.

– O *bacon* também está muito bom – avisei.

O café da manhã de Jackie chegou tão rápido que talvez eles o tivessem preparado no *hall* fora do nosso quarto, e ela caiu de boca nele como se não tivesse comido por uma semana – o que não tinha feito mesmo, pelo que pude observar. As poucas e ínfimas porções de comida que ela geralmente mordiscava, em minha opinião não serviam para nada, e era um estranho tipo de alívio vê-la comendo alguma coisa que fosse mesmo qualificada como comida. E, até melhor, ela deixou duas fatias de *bacon* em seu prato. Elas pareciam terrivelmente solitárias, então eu rapidamente lhes ofereci um novo lar.

E já que o garçom nos havia deixado um bule de café fresco, enchemos nossas xícaras, e então, quase em uníssono, nós bebemos e nos recostamos.

– Melhor – disse Jackie. – Muito, muito melhor.

E era verdade. Ela tinha uma aparência quase super-humana de novo. A cor e as formas haviam voltado para seu rosto. Suas faces haviam emergido da névoa, e os olhos dela estavam claros e brilhantes, e bem cor de lavanda outra vez.

Por um ou dois minutos, somente bebemos ruidosamente nosso café em um silêncio confortável. Eu não me senti pressionado a dizer coisas inteligentes e interessantes e, aparentemente, nem Jackie. Nosso devaneio foi finalmente destroçado pelo som do interfone, clamando por atenção. Jackie se levantou bruscamente e murmurou:

– Merda. – E entrou pela porta de correr para atendê-lo. Ela voltou um momento depois, fazendo uma careta. – Kathy – ela disse. – Querem me ver nos figurinos. Ela vai nos encontrar lá.

– Mas é sábado – eu disse. – Quer dizer, as pessoas não tiram um dia de folga?

Jackie balançou a cabeça com um sorriso que dizia que eu tinha muito que aprender.

– Nós começamos a filmar na segunda-feira de manhã, Dexter – ela disse. – O pessoal que trabalha com os figurinos e a maquiagem tem milhares de coisas de última hora para fazer, e eles precisam de nós lá para poder fazê-las.

– Oh – eu disse, e com certo esforço assumi meu papel de guarda- costas. – O sedã vai estar aqui para nos levar?

Ela assentiu e se sentou, pegando sua xícara.

– Ele vai estar ali na frente em dez minutos. – Ela esvaziou a xícara, colocou-a na mesa depois e disse: – É melhor eu me arrumar. – Mas, antes de ter tempo de se levantar, o celular dela tocou. Ela balançou a cabeça e reclamou: – Isso não acaba nunca. – Mas quando o pegou e olhou a tela, disse, espantada: – Oh. É sua irmã. – Ela tocou a tela e levou o telefone ao ouvido. – Bom dia, sargento. Não, eu já tomei café da manhã. – Ela me olhou, divertida. – É claro. Ele chegou mesmo a acabar o meu... Eu sei, ele deve ter um metabolismo acelerado, porque...

É sempre bom saber que as pessoas estão falando de você, mas, a julgar pelos sorrisos idiotas que Jackie lançava na minha direção, a conversa não era das mais lisonjeiras. Mas a não ser rosnar e arrancar o celular das mãos de Jackie, não havia nada que eu pudesse fazer exceto suportar aquilo, então eu suportei, e a conversa aparentemente mudou para outro tema logo em seguida.

– É mesmo – disse Jackie. – Em seu dia de folga?... Eu sei, é por isso que tentei evitar isso... Não... Não, eu tenho de ir para uma prova... Uma prova *de figurino.* Para o seriado... Você sabia que nós começamos a filmar na segunda-feira?... Ah, bom, porque...

Ela olhou rapidamente na minha direção de novo, dessa vez com algo a mais em seus olhos. Desafio? Especulação? Não dava para ter certeza. Sua língua se insinuou entre os lábios, e sua boca se contorceu como se ela estivesse tentando controlar um impulso malicioso e não estivesse conseguindo.

– Claro, por que não? – disse. – É uma excelente ideia, eles vão adorar isso... Bom, eu não me importo... Não, ela é um

pouquinho bruxa, mas acho que está tudo bem... Eu *vou garantir* que fique tudo bem... Claro, isso vai ser demais. Tchau. – Tocou a tela de novo e colocou o telefone de lado. – Sua irmã – repetiu, um tanto desnecessariamente.

– Eu sei – eu disse. – Como estou?

Mas Jackie já havia se levantado e saído às pressas.

– Tenho de me aprontar – ela falou por cima do ombro e então desapareceu, penetrando nos obscuros mistérios de fazer a maquiagem, o cabelo e qualquer outra coisa que as mulheres fazem quando Se Aprontam.

Dez minutos mais tarde, o porteiro interfonou para me dizer que o carro estava lá embaixo; e só uns dois ou três minutos depois disso, nós estávamos no elevador e passando pelo *lobby.* Benny, o porteiro, havia finalmente tirado um dia de folga, e o substituto dele estava à nossa espera na porta, olhando fixamente para Jackie com tensão visível misturada à reverência.

Embora não houvesse necessidade, eu fiz toda a minha rotina de sair e dar uma olhada ao redor. Tudo parecia bem. Não havia sinal de um perseguidor encharcado e incrustado de craca em nenhum lugar. O Corniche ainda parecia ser muito caro.

O motorista do sedã era o mesmo homem, o que parecia um pouco surpreendente. Abri a porta da frente e enfiei minha cabeça no carro.

– Você não tem os fins de semana de folga?

– Não se estou conduzindo Jackie Forrest – ele disse e deu uma piscada para mim. – E, além do mais, eu recebo hora extra.

Na qualidade de companheiro de trabalho, fiquei muito feliz por ele, fechei a porta e fui pegar Jackie. Fiquei imaginando se eu estaria ganhando hora extra. E me passou pela cabeça que nunca havíamos conversado a respeito do preço de meus serviços, e fiquei pensando em como eu poderia mencionar o assunto sem soar mercenário. É claro, eu *era* mesmo mercenário – mais do que isso, com Patrick aconchegado em seu cemitério aquático, agora eu era tecnicamente um assassino de aluguel, o que soava tão mercenário quanto uma pessoa possa desejar. Eu não havia pensado nisso por esse ângulo antes; parecia inimaginável que eu tivesse matado por dinheiro. Eu não havia

feito isso de propósito – havia matado Patrick para poder relaxar por uns dias e desfrutar da vida de Acompanhante de Celebridade.

É claro, isso fazia com que tudo parecesse ainda pior: eu havia matado para ter o serviço de quarto. Que criatura terrível e vulgar eu era. Fiquei pensando se deveria me sentir mesquinho e ordinário, ou talvez somente empedernido e calejado. Quão mais baixo ainda poderia descer? Eu já era indiferente ao sofrimento de minhas vítimas, então não podia tentar fazer isso se encaixar em um novo eu ainda mais frio, se é que realmente havia um.

Eu não achava que tivesse mudado nada, mas a gente é sempre o último a saber quando mudou para pior. Talvez esse novo eu já fosse um monstro de egoísmo e de indiferença. O que viria em seguida? Perderia minhas maneiras à mesa, ou pararia de dar gorjetas em restaurantes? Mas, na curta caminhada de volta para o *lobby* do hotel, eu realmente não conseguia elaborar nenhum detalhe a respeito de como essa nova situação poderia me levar a agir, então decidi não me preocupar com isso e voltar a pensar em como poderia trazer o tópico Desembolso para Dexter à atenção de Jackie.

Quando acomodei a estrela no banco de trás do sedã, eu ainda não tinha conseguido pensar em nada que não soasse como uma acusação ou uma grosseria. Então, engavetei o tópico por enquanto e me acomodei para aproveitar o passeio.

Passamos pela cidade com um trânsito mais leve, a maior parte do tempo cada qual com seus pensamentos. Várias vezes peguei Jackie me olhando com o que poderia ser chamado de um sorriso malicioso secreto, e se por um lado é agradável ser o alvo da felicidade de outra pessoa, não senti felicidade nenhuma com a diversão malcontida dela – sobretudo porque eu não tinha ideia do que a estava causando.

A equipe e a maior parte dos membros menos famosos do elenco haviam sido hospedados no Hyatt Regency no centro da cidade. Era um trajeto curto em uma manhã de sábado e paramos na curta e circular entrada para carros na frente do hotel apenas quinze minutos mais tarde. Uma vez mais, desci do carro e fiz a mímica da vigilância eterna, olhando para todos os lados

procurando sinais de um Patrick à espreita. Não vi nenhum traço dele – uma péssima notícia para os amantes de zumbis voltei para o carro e ofereci a mão para ajudar Jackie a descer.

O figurino tinha uma suíte no 24º andar, e entramos em um elevador lotado por três executivos, paramentados com ternos cinzentos e pastas, o que parecia um exagero em uma manhã de sábado. Talvez houvesse um encontro na igreja deles. A porta se fechou deslizando, e um deles deu uma olhada rápida em nossa direção, com ar importante. Ele afastou o olhar, condescendente, e então teve uma reação de surpresa.

– Cacete, é a Jackie Forrest?! – deixou escapar, e os outros dois se sobressaltaram e então ficaram nos encarando também.

Jackie sorriu graciosa e fez a parte dela, a *noblesse oblige* de que havia falado. Quase desejei que ela tivesse sido sem educação com eles, já que tive de manter a porta do elevador aberta por um longo minuto enquanto ela dava um autógrafo em uma das pastas com uma hidrográfica. Houve um toque distante, indicando que outra pessoa precisava do elevador, e a porta ficou batendo na minha mão enquanto tentava se fechar e atender ao chamado.

Mas finalmente Jackie se livrou de seu público admirador e saiu no 24º andar. Quando as portas deslizaram se fechando, eu ouvi o babaca do autógrafo dizendo excitado para os outros:

– Caramba, mas que gosto...

E então, felizmente, as portas deslizaram se fechando na última sílaba, deixando que eu ficasse imaginando o que Jackie era, e fomos rapidamente pelo corredor até a suíte onde o Figurino havia se instalado.

Entrar na suíte era a mesma coisa que a gente se flagrar em uma colmeia no exato instante em que alguém lhe desse uma porretada. No olho do furacão, uma mulher alta de idade indeterminada estava parada com ar de comando ao lado de um manequim. Robert estava estacionado imóvel à frente dela, usando uma camisa pavorosa em estilo havaiano quando a mulher a puxou, fechando-a, e começou a abotoá-la. Robert dava muito a impressão de que estava com medo de se mexer, e olhei

para a mulher com um pouco mais de atenção para ver o que poderia inspirar tal terror.

O cabelo dela era preto, com mechas cinzentas que poderiam ter sido pintadas, e ela usava óculos grandes com armação grossa espiralada para os lados e brilhando com diamantes falsos. A face dela estava fixa em uma expressão de mesquinharia permanente, os lábios comprimidos e os olhos semicerrados, como se automaticamente desaprovasse tudo mesmo e soubesse *exatamente* o que fazer para dar um jeito nisso e fazer você se sentir mal.

Uma fita métrica pendia ao redor de seu pescoço e ela estava gritando com alguém chamado Freddy, mas que *bosta,* pegue a porra do revólver de *cola* quente antes que ele fique *gelado.* E um jovem delgado, provavelmente Freddy, voou para longe dela apavorado, provavelmente para encontrar a porra do revólver de cola quente.

Embaixo da janela que ia do chão até o teto, em um sofá baixo e diversas cadeiras combinando, um punhado de homens e de mulheres se sentavam juntos, tagarelando. Em uma mesa perto delas havia um grande bule de café de cromo e algumas caixas de doces.

Outro jovem esbelto correu na direção oposta, os braços transbordando de uniformes azuis da polícia. Dei uma olhada em uma das mangas que balançavam; ela dizia POLÍCIA DE MIAMI. Fiquei pensando onde eles tinham arrumado os distintivos, já que eu tinha estado por perto da polícia de Miami a minha vida inteira e nunca tinha visto nada parecido com aquilo.

– Feche a boca – disse Jackie, e eu percebi que estava encarando cheio de espanto, boquiaberto, a movimentação. – Se a Sylvia vir alguma fraqueza, está tudo acabado.

Fechei a boca, e Jackie me pegou pelo cotovelo para conduzir-nos para a segurança. Mas, antes que eu pudesse dar mais um passo, a porta da suíte se abriu com estrondo, e eu me voltei para olhar. E, infelizmente para minha autoimagem, minha boca ficou aberta de novo.

Porque, parados lá, emoldurados pela porta, estavam Cody e Astor. Atrás deles, apareceu um carrinho de bebê com dois

passageiros, e meu maxilar ficou ainda mais caído quando reconheci os dois passageiros como minha filha, Lily Anne, e o filho da Deb, Nicholas.

– Papuuuu! – chamou Lily Anne, estendendo os braços para eu pegá- la, e Nicholas ficou se jogando de um lado para o outro com a excitação do momento.

E, é claro, bem atrás deles, usando um sorriso de superioridade e empurrando o carrinho, estava a sargento Irmã Deborah.

– Oi, Dexter – cumprimentou Astor. – Este lugar parece uma loucura. Eles têm *donuts,* ou qualquer coisa assim?

– A tia Deborah *falou* – disse Cody, baixinho.

– O quê, mas o que que... – eu disse, e mesmo eu achei que estava parecendo um deficiente mental.

– Deixe de bobagem, Dex – disse Deborah. – E feche sua boca.

CAPÍTULO 22

VOCÊS JÁ PERCEBERAM QUE, DE VEZ EM QUANDO, A GENTE COMEÇA A ter a impressão de que o mundo todo é uma conspiração com o intuito de fazer você parecer um idiota completo? E se for uma criatura razoável com um conhecimento ainda que superficial de lógica, você se diz que tudo isso é mera paranoia; você se convence a esquecer isso e a persistir. Mas então alguma coisa acontece que faz você pensar que essa não é uma ideia assim tão absurda, afinal de contas.

Esse era claramente um desses momentos. Na minha frente, Debs estava com um sorriso malicioso. Cody e Astor, passando por mim para examinar o ambiente, me deram uma olhada e o mesmo sorriso malicioso também. E quando eu me voltei para olhar Jackie, lá, no rosto dela, estava o mais impiedoso dos sorrisos maliciosos.

– O que, hum – eu disse, superorgulhoso por ter conseguido não gaguejar –, o que está acontecendo aqui?

– Dexter, você vai trabalhar em *um filme* – disse Astor, com certa dose de maldade, embora não tanta quanto usava com Rita ultimamente. – Com estrelas... – Deu uma olhada rápida em Jackie e depois em Robert. – E você nem mesmo disse pra gente, ou trouxe a gente aqui, *nada.* – Ela me olhou então, um olhar frio e mal-humorado. – Você *sabe* que vou ser uma atriz e deveria *se importar* com a gente e ajudar a gente a aprender coisas e a fazer coisas legais e nem mesmo *contou* pra gente.

– Você devia ter contado pra gente – disse Cody baixinho, e aquilo doeu mais do que o desprezo de Astor.

– É, mas a escola, e de qualquer jeito – eu disse; e, lamentavelmente, eu estava gaguejando dessa vez.

– Hoje é *sábado* – disse Cody.

– Você está agindo como um *bocó* – Astor me disse. E antes que eu começasse a conjecturar onde ela havia aprendido essa palavra, Deborah empurrou o carrinho pela porta e veio pelo quarto na minha direção.

– Rita me telefonou e me perguntou se eu poderia cuidar das crianças – disse Debs. – Algum tipo de crise horrorosa no trabalho envolvendo o euro e os preços de imóveis na Alemanha. O que você deveria saber, se telefonasse pra ela ao menos uma vez.

– Sim, mas – eu disse –, quer dizer, em um sábado...?

– Você é mesmo um *bocó* – disse Deborah, balançando a cabeça.

Olhei Jackie rapidamente; ela sorriu e confirmou com um gesto.

– Você – ela disse, toda feliz.

Todos ficaram me encarando com leve desprezo e diversão; parecia que até mesmo os dois bebês haviam aprendido aquele olhar, e fiquei esperando que Lily Anne falasse: “Bocó, papuuuu!”. Felizmente para mim, ela não falou, e fiz um imenso esforço para recolher os esfarrapados frangalhos da minha dignidade.

– Bem – eu disse –, estou muito feliz por ver vocês todos.

Eu poderia ter continuado com minha subserviência embaraçosa, mas Astor havia fixado o olhar em Jackie.

– Você é uma atriz? – ela perguntou, quase tímida, o que era um jeito de falar realmente muito estranho vindo de Astor.

Jackie olhou para ela e ergueu uma sobrancelha.

– Sim, eu sou – ela respondeu.

– Você *é famosa?* – perguntou Astor.

Jackie lhe dirigiu um sorriso educado.

– Eu acho que é uma questão de opinião – ela disse.

Astor ficou encarando-a mais uns instantes e então fechou a cara, me deu uma olhadinha e perguntou para Jackie:

– Por que você está com o Dexter?

Jackie me olhou procurando ajuda, mas eu não tinha nada para oferecer. A ponta da língua dela apareceu entre seus lábios, e ela inspirou profundamente.

– Dexter está... me *ajudando* com... um problema.

Astor balançou a cabeça.

– E que tipo de problema *ele* poderia ajudar você a resolver? – ela disse, e o velho tom sarcástico reapareceu em sua voz; até

mesmo deu uma risadinha. – Você tem um problema com borrifos de sangue?

– Não, é claro que não – disse Jackie.

– É só isso que o Dexter sabe fazer – disse Astor. – A não ser... – Ela se conteve bem na hora, me olhou, e sua boca caiu e ela se virou rapidamente para Jackie. – Ah, merda. Vocês estão tendo um *caso.* – Ela tornou a me olhar. – O Dexter está dormindo com uma atriz famosa...! Isso é tão irado...!

Jackie enrubesceu de verdade, e minha irmã Deborah, prestativa como sempre, soltou um som que parecia um bufo divertido.

– O quê? Não! – eu disse. – Astor, isso é ridículo.

– Bom, então, *o que* é? – ela quis saber. – Por que você está saindo com ela?

Eu hesitei, e Jackie não tinha nada para dizer também. Deborah ergueu uma sobrancelha e deu de ombros, o que também não ajudava em nada. Aparentemente, eu tinha de resolver a questão, então tentei ir bem devagar.

– É um tipo de segredo – eu disse.

– Casos são sempre um segredo – disse Astor. Fiquei pensando se alguém iria notar se eu a atirasse pela janela.

– Astor, não é um caso – eu continuei, e então, inspirando profundamente, mergulhei de cabeça. – Jackie recebeu umas cartas assustadoras. Eu estou só... garantindo que nada ruim aconteça com ela...

O rosto de Astor se iluminou e ela deu um grande sorriso para Jackie.

– Você tem um perseguidor demente? Nossa! Você *é* mesmo famosa!

Jackie me lançou um olhar estarrecido, e eu disse:

– Astor, por favor, isso é segredo.

– Por que é segredo? – disse Astor. – Se eu tivesse alguém me perseguindo, ia querer que todo mundo soubesse.

– Jackie poderia perder o emprego – disse Deborah.

Astor franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça

– Por quê? – ela perguntou. – Não é culpa dela.

– É complicado – eu disse. – Então, por favor, não conte pra ninguém.

Astor me olhou como se estivesse calculando o que poderia arrancar de mim em troca de seu silêncio, e eu estava pronto para lhe prometer um novo pônei, quando o destino me sorriu uma vez mais. Do lado oposto do quarto, perto do *hall* de entrada, houve uma explosão de gritos irados e *todo mundo* se voltou para olhar.

Renny estava segurando Kathy, a assistente de Jackie, pelos pulsos; ela estava lutando para se afastar e gritando com ele, furiosa, para que a soltasse, ou ela iria dizer para todo mundo. Renny disse algo em voz baixa e ansiosa, e Kathy puxou seus braços com força e lhe deu um tapa.

– Eu falei pra você da última vez! – ela disse. – Juro por Deus, Renny, você só... – E então um dos moços magrelos da Sylvia apareceu, se colocando corajosamente entre os dois e falando palavras tranquilizadoras. E Kathy se afastou, lançando para Renny um último olhar duro, e disse: – Eu estou falando sério, seu cretino! – Ela se voltou rapidamente e veio com passos rápidos na direção de Jackie. Pela primeira vez, os braços dela não estavam lotados de papéis, e ela não tinha nem mesmo o telefone – sua marca registrada – em uma das mãos e o copo do Starbucks na outra. Ela passou direto por mim com um olhar duro e parou na frente de Jackie.

– Sylvia disse que não podia mais esperar por você e iria lidar com Robert em primeiro lugar...

– Tudo bem, Kathy, está tudo bem – disse Jackie, tranquilizadora. – Você está bem?

Kathy colocou os óculos no lugar com um dedo curto e grosso, e disse:

– Eu estou bem. Mas aquele bosta do Renny...

– Está tudo bem, já passou – disse Jackie, pegando Kathy pelo braço e a conduzindo para o sofá, no lado oposto do quarto onde Renny se encontrava.

Ele continuou a olhá-la, um olhar no rosto dele que era uma combinação estranha de raiva e de diversão. Então se voltou e viu que eu estava olhando; e quando nossos olhos se

encontraram eu ouvi um suave sibilo vindo de uma Qualquer Coisa enrodilhada dentro de mim, e o distante agitar de asas reptilianas enquanto ela se esticava e se contorcia inquieta em uma quase prontidão para se erguer e encontrar a coisa que nos encarava lá da Qualquer Coisa sibilante de dentro de Renny...

E então Renny deu meia-volta, e o Passageiro bocejou, se virou e voltou para seu cochilo preguiçoso, e eu fiquei pensando uma vez mais se realmente havia visto aquela ameaça nos olhos de Renny. A que isso – se não fosse outra coisa – o levaria? E o que ele havia feito para Kathy? Ela parecia estar tão brava com ele como havia ficado comigo – será que Renny também a tinha feito fazer xixi no chão?

No entanto, antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa além de definir as perguntas, Astor voltou a falar, com a voz reverente e baixa:

– Oh, oh. É aquele cara do seriado de que a mamãe gostava. Está reprisando o tempo todo. Como é que é mesmo o nome dele...

Eu me virei para ver de quem ela estava falando. Infelizmente, ela estava olhando diretamente para Robert.

– Você quer dizer o Robert? – eu perguntei. – A sua mãe assiste ao antigo seriado do Robert?

– Robert *Chase* – disse Astor, excitada. Ela ficou olhando-o com um olhar faminto e passou a língua pelos lábios. – Eu vi o Robert na televisão umas trocentas vezes. – Havia um tom de desejo na voz dela que eu nunca havia ouvido antes; e percebi que, por mais ridículo que isso pudesse parecer para mim, Astor estava caída por um artista; e pelo *Robert,* pelo amor de Deus.

De qualquer modo, eu tinha minhas obrigações como seu padrasto, como ela já havia me relembrado, e como eu estava pronto para fazer quase qualquer coisa para tirar a cabeça dela do segredinho de Jackie, afastei o suspiro cansado que estava tentando surgir e o substituí por entusiasmadas palavras paternas:

– Quer que eu o apresente você? – E Astor me lançou um olhar que me fez pensar que talvez houvesse uma minúscula

esperança de um dia eu conseguir reconquistar suas boas graças.

– Mas claro, pô – ela disse.

– Astor – disse Deborah, em tom de reprimenda.

– Eu quis dizer, sim, por favor, Dexter – ela emendou, com um olhar completamente artificial de inocência angelical. – Eu realmente gostaria de conhecê-lo.

– Eu também – disse Cody, teimosamente se recusando a ser deixado de lado.

– Bom – eu disse, pensando no Robert que havia chegado a conhecer bem demais –, espero que vocês não se decepcionem.

Astor bufou e balançou a cabeça.

– Dexter, ele é um *astro* – ela disse, sua voz cheia de pena pela minha burrice. – Como é que a gente pode ficar decepcionado?

Dava para eu pensar em uma dúzia de modos assim na hora, todos baseados em meu conhecimento de Robert, mas talvez fosse preferível deixá-lo arrasar os sonhos dela por conta própria, então eu só disse:

– Tudo bem. Vamos lá.

– Você conhece o Robert? – perguntou Astor. – Você *conhece* mesmo?

– Ah, sim, eu o conheço – confirmei. – Vamos.

Fui até o local onde Robert estava lutando com sua repugnante camisa havaiana; ela parecia ser uns números menor que o necessário; ele não conseguia fechar todos os botões.

– Eu não engordei um *grama* – ele estava dizendo para a mulher assustadora, a Sylvia. – Nem meio quilo em quinze anos... O tamanho está errado. Ou ela encolheu quando você a lavou.

– Eu não deixo nada encolher – a mulher rosnou para ele.

– Bom, alguém deixou... Dá só uma olhada nisto! – Robert manteve a camisa aberta e mostrou o peito nu. Era liso e sem pelos, como se ele o tivesse depilado, mas também deve ser dito que ele era magro e discretamente musculoso. – Não tem gordura aqui, gordura nenhuma!

A mulher se aproximou de Robert e deu um puxão na camisa; ela também não conseguia abotoar. Soltou um sibilo muito alto, e então arrancou a camisa dele com um gesto brusco.

– Teddy! – ela rugiu, e o moço que estivera carregando uniformes correu até ela.

– Sylvia, os distintivos dos braços estão todos caindo também, e nós não temos cola quente em quantidade suficiente para...

Sylvia jogou a camisa de Robert no pobre do moço, e ele a recebeu em pleno rosto.

– Pegue isso – ela rosnou. – Vá e arrume outra IGUAL a esta... dois números maior.

– Eu não sei se eles têm mais com este padrão... – disse Teddy com voz lamentosa, afastando a camisa do rosto. – O homem disse que eles...

Sylvia fechou os olhos.

– Vá – ela disse calmamente, mas com uma voz que estava fervendo com ameaças terríveis, e Teddy saiu voando com a camisa.

– Ei, Dexter! – disse Robert. Ele voltou os olhos para Cody e Astor. – Que é que cê tem aqui, hum?

Astor me olhou com um respeito novinho, que eu jamais vira antes em seus olhos.

– Você conhece *mesmo!* – ela disse. – Você conhece o Robert Chase!

– É claro que ele me conhece – disse Robert, alegre. – Ele andou me ensinando tudo sobre perícia a semana inteira. Para o meu novo seriado. – Ele se aproximou um pouco das crianças e estendeu a mão para Cody. – Tudo bem, parceiro?

– Oi – disse Cody, olhando-o com solenidade, e então lentamente apertando a mão de Robert.

Robert se voltou para Astor e estendeu a mão.

– E como você se chama, coisinha linda?

Astor enrubesceu. Era uma visão assombrosa, algo que eu nunca tinha visto em todos aqueles longos anos em que a conhecia. Ela enrubesceu e estendeu a mão para Robert como se estivesse tocando as Joias da Coroa.

– Astor – ela respondeu em uma voz tão baixa que poderia ter sido a de Cody.

– Astor – repetiu Robert, sorrindo para ela. – Um lindo nome para uma menina linda. – Continuou sorrindo, segurando a mão dela por uns segundos demais, e então se voltou para mim. – Caramba, Dexter, você disse que tinha filhos, mas não me falou que sua filha era uma modelo.

O rosto de Astor ficou ainda mais vermelho, mas Cody fechou a cara. Era óbvio que estava se sentindo deixado ligeiramente de lado.

– Bom, o que nós temos aqui? – disse a voz alta e assustadora de Sylvia, a bruxa dos figurinos. Eu me voltei, preparado para desembainhar uma espada e trucidá-la antes que ela tivesse a chance de devorar meus filhos, mas, pelo contrário, descobri que estava dando um sorriso imenso.

– Estes são os filhos do Dexter – Robert falou para ela. – Você sabe, meu consultor técnico.

– Nossa, mas eles são lindos! – exclamou Sylvia.

O rosto dela se fendeu em alguma coisa que provavelmente deveria ser um sorriso carinhoso; era difícil dizer, já que sua face obviamente não era feita para tais coisas. Mas ela sorriu e olhou para Cody e Astor com afeição materna, e eu não poderia ter me sentido mais espantado nem que tivesse visto um orçamento do governo federal equilibrado.

Sylvia se ajoelhou entre Cody e Astor, ainda com o sorriso carinhoso e que dava a impressão de ser falso em seu rosto.

– Olá, homenzinho – disse para Cody e colocou a mão no ombro dele. – Nossa... você é muito forte... você joga futebol americano?

Cody estava lutando com todas as forças para não parecer feliz.

– Só futebol – respondeu, com sua voz baixa demais.

– É um esporte maravilhoso – disse Sylvia com voz suave. – Como você se chama?

– Cody – ele disse. Estava visivelmente dividido entre o ressentimento por estar sendo tratado como um idiota, e a alegria

por ter alguém prestando tanta atenção nele, mas parece que a alegria estava vencendo.

– Meu nome é Sylvia – ela lhe disse. – Sou a encarregada de todas as roupas que os atores usam no seriado.

Cody fez um gesto positivo com a cabeça.

– Figurinos – ele disse.

Sylvia bateu as mãos, deliciada.

– É isso mesmo! Então, você é inteligente também!

É claro que Astor não estava gostando nada de estar sendo deixada de lado. Ela revirou os olhos e disse:

– Ai, menino.

Sylvia olhou para o lado dela.

– E como você se chama, meu bem?

– Meu nome é Astor – respondeu. – Eu vou ser atriz.

– Bem – disse Sylvia –, todas as menininhas pensam assim.

Astor emitiu um som que era quase igual ao sibilar de Sylvia.

– Eu tenho quase *doze* anos – ela falou.

– Ei, ela pode ser – disse Robert, abrindo caminho até Astor. – Quer dizer, ela tem a aparência para isso, com toda a certeza. – E Astor ergueu os olhos para ele com adoração ainda maior, se é que isso era possível. – Então, Dex – disse Robert –, belos filhos, e que bom que você trouxe os dois aqui... mas o que você está fazendo aqui em um sábado? Hum... e com *ela...?* – Fez um gesto indicando Jackie e, embora eu nunca antes tivesse visto um gesto de cabeça expressar desprezo, de algum modo ele conseguiu fazer isso. Mas, afinal de contas, era um ator profissional. – Quer dizer, hum... – ele falou, erguendo uma sobrancelha, e com toda a clareza esperando uma explicação razoável.

– Oh, bem – eu disse, esperando que alguma coisa brilhante me ocorresse.

– O Dexter andou realmente trabalhando com o senhor a semana toda, sr. Chase? – perguntou Astor.

– Robert – ele disse com um sorriso que mostrava mais dentes faiscantes e brancos do que três seres humanos juntos deveriam ter. – Pode me chamar de Robert.

– Robert – disse Astor, fazendo uma experiência e gostando do som.

– Ei, você quer ser atriz. – Ele indicou o outro lado da suíte com um gesto de cabeça. – Eu tenho de pegar a minha camisa... Você quer ver como é o camarim de um ator?

– É claro, Robert – disse Astor, não soando tão madura quanto achava que tinha soado. Ela me deu uma olhada rápida com uma indiferença fria e acrescentou: – Eu já volto.

– Nós não vamos demorar nada, Dex – ele me disse, ainda me mostrando dentes em excesso. – Tudo bem?

– Hum – eu disse, com a vaga noção de que isso era como brincar com algum tipo de perigo. Mas, antes que eu pudesse esboçar uma objeção, Astor revirou os olhos.

– Está *tudo bem.* Vamos, Robert. – E ela me lançou seu melhor olhar adulto e adicionou: – Robert e eu já voltamos, Dexter. – Ela o pegou pela mão e os dois foram para o pequeno *hall* no lado oposto da suíte, onde havia três portas, que supostamente levavam para quartos e banheiros.

Robert me deu uma olhada; o rosto dele estava iluminado de uma maneira que eu ainda não tinha visto antes, e me lembrei de que ele tinha uma queda por mim. Ele provavelmente achava que poderia me agradar dispensando atenções à minha doce e inocente filhinha. Bom, ele não podia e logo descobriria quão doce e inocente Astor era. Assim que deixasse de lado seu culto ao herói e começasse a agir como ela própria, nós veríamos se ele gostaria disso. Eu acenei para ele; ele acenou de volta, e os dois desapareceram pela porta mais afastada. Quando desviei o olhar deles, eu vi Jackie se aproximar rapidamente de mim.

– O que ele disse? – ela perguntou em voz baixa, mas cheia de tensão. – Ele perguntou por que você está aqui comigo?

– Bem, para falar a verdade... – eu disse.

– *Maldição* – ela sibilou. – O que você falou pra ele?

– Nós fomos interrompidos – eu falei. – Eu não disse nada.

– Bom, ele vai perguntar de novo... temos de pensar em *alguma coisa* – ela disse. – Ele é o único cara que realmente não pode saber de nada a respeito de... Patrick. – Ela mordeu o lábio e aparentou estar muito preocupada. – Robert é... ele não

poderia ficar mais feliz com outra coisa além da oportunidade de espalhar que há um psicopata atrás de mim e fazer com que eu seja demitida...

Ela fez uma careta e olhou ao redor para ver se alguém a havia ouvido; ninguém estava perto o suficiente. Cody estava a poucos passos de distância com Sylvia, enfiando alfinetes no manequim. Ninguém mais.

– Droga, eu não sei. A gente podia dizer... – Ela se interrompeu, franzindo a testa e olhando ao redor. – Já sei – ela disse, a inspiração e o alívio percorrendo seu rosto. – Onde está Kathy?

Uma porta bateu com força, e Kathy veio apressada do *hall* por onde Astor e Robert haviam ido. Jackie ergueu uma das mãos para chamar a atenção dela, mas Kathy não a viu; ela só passou rápida e ruidosamente pela porta que levava para a suíte e desapareceu.

– Mas que diabos...? – disse Jackie.

– Talvez ela tenha ficado sem café – sugeri, mas Jackie só ficou me olhando, e depois para a porta pela qual Kathy havia saído, franzindo as sobrancelhas, e então Robert e Astor vieram trotando em nossa direção. Robert estava abotoando a camisa, com uma expressão agitada. Fiquei pensando no que Astor teria lhe dito. Como eu sabia muito bem, ela era capaz de dizer algumas coisas bastante surpreendentes. A julgar pela expressão de Robert, essa tinha sido algo muito especial.

Assim como Cody, Astor havia sido afastada da Normalidade para sempre. Cody gostava de matar coisas, e com o aconselhamento adequado ele cresceria para ficar assim como eu, um monstro bem ajustado. Mas Astor – eu realmente não sabia. As meninas são diferentes, mesmo que a forma que a diferença dela fosse assumir ainda não estivesse clara. Partindo do meu conhecimento sobre o assunto, estava na idade em que nós logo descobriríamos.

Assim como eu, e seu irmão, Astor não conseguia sentir empatia pelas outras pessoas. Ela realmente não tinha emoções, a não ser que a gente incluísse na lista um mau humor avassalador. Eu havia pesquisado um pouco, só para estar

prevenido, e era mais provável que Astor fosse seguir uma carreira que lhe permitisse manipular as pessoas de algum modo, e então abrir seu caminho para o topo fazendo qualquer coisa que fosse preciso, sem pensar em quais seriam as consequências para os demais. Aprenderia a fazer com que as pessoas fizessem exatamente o que ela queria que fizessem, às vezes simplesmente porque ela podia fazer isso, só para ver os outros sofrendo.

Além disso, eu não sabia mesmo de que ela seria capaz um dia; não havia demonstrado muito interesse por nada, a não ser por roupas e fazer os meninos sofrer, o que era praticamente normal para uma menina de sua idade. Na maior parte do tempo, ela parecia estar apenas com raiva, e grande parte de sua raiva se expressava verbalmente; às vezes dizia e fazia coisas que poderiam ser bastante surpreendentes para os despreparados. A julgar pela expressão no rosto de Robert, achei que ela havia feito isso com ele.

– Foi... Você viu? Nós só ficamos... um minutinho, algo assim, e, hum... para onde foi sua assistente? – disse Robert, com uma voz que soava tão agitada quanto seu rosto, enquanto ele dava uma olhada ao redor. Astor ficou parada ao lado dele, com um tipo de sorriso de superioridade em seu rosto.

– Você não tem sua própria assistente, Bob? – perguntou Jackie, com excessiva doçura.

Robert fez cara feia.

– Você sabe, nós temos de trabalhar juntos, então...

– Robert quer me mostrar o lugar onde fazem maquiagem, mas eu disse que tinha de falar com *você* antes – disse Astor. – Posso ir ver? Por favor, Dexter?

– É só ali do outro lado do *hall* – disse Robert rapidamente. E quando eu não dei resposta, ele prosseguiu: – E, ora! Você não me disse... como é que você veio parar aqui? Com as crianças e... – Ele deu uma olhada para Jackie e então engasgou. – E, você sabe, no sábado?

– Dexter vai ter um papel menos de cinco – disse Jackie. – Então, eu disse que iria mostrar para ele onde ficam os figurinos. – Ela sorriu para Robert, e não era um sorriso feliz. – Tudo bem,

Robert? – ela falou, como se o nome dele fosse pronunciado entre aspas.

– O que é um “menos de cinco”? – quis saber Astor.

– Bom – disse Robert, olhando fixamente para Jackie e mostrando seus dentes para ela –, ele não pode ser pior na atuação do que alguns profissionais.

– Exatamente o que eu acho – retrucou Jackie, com doçura, e dessa vez *ela* mostrou os dentes. – Ele com certeza é melhor que... alguns atores.

– Uau! – disse Sylvia, se aproximando e se intrometendo. – Vocês dois ainda estão pensando nisso? Depois de todos esses anos?

– Algumas coisas duram para sempre – disse Robert, fazendo uma carranca. – Assim como herpes.

– Para o Robert, esquecer é tão difícil – disse Jackie, despreocupada. – E foi uma coisa tão INSIGNIFICANTE também.

Robert ficou muito vermelho e cerrou os punhos.

– Acho que você é a especialista no assunto.

– Bem – disse Jackie, ainda com a mesma doçura revestida de acidez –, *você* com certeza não é nenhum especialista.

Robert abriu a boca para dizer alguma coisa arrasadora. Mas ele não teve oportunidade; Sylvia o pegou pelo braço e disse:

– Já chega, vocês dois. Vamos fazer a prova das suas calças.

– Ele vai me mostrar o lugar onde fazem a maquiagem – disse Astor.

– O trabalho está em primeiro lugar – disse Sylvia. – Vamos, Bob.

– Robert – ele corrigiu, de modo automático. Sorriu para Astor e acrescentou: – Só vai levar uns dois minutos. – Sylvia segurou o braço dele com força, e com um último olhar duro para Jackie, Robert permitiu que a mulher o arrastasse dali.

Astor ficou olhando enquanto ele se afastava, fazendo um bico enorme, e então, com um olhar enviesado na minha direção para ver se eu iria impedi-la, foi atrás deles.

Olhei para Jackie, esperando ter uma dica a respeito do que estava acontecendo. Isso havia ido além das habituais

alfinetadas entre os dois. O veneno deixava claro, assim como as palavras, que eles tinham um tipo de história juntos, e igualmente claro que era desagradável. Esperei que Jackie dissesse alguma coisa que pudesse me esclarecer. Mas ela só ficou olhando as costas de Robert, e quando ele finalmente entrou em um dos quartos da suíte, ela se voltou para mim e disse:

– Bom, agora temos de arrumar um menos de cinco para você.

– Isso aí é algum tipo de *smoking?* – perguntei.

Jackie sorriu e me deu umas palmadinhas no rosto, e embora aquela fosse uma declaração óbvia de que eu era um adorável retardado, a mão dela tinha um toque tão bom que eu me concentrei no adorável e perdoei o resto.

– Ainda tem muita coisa pra aprender – ela disse. – E tão pouco tempo. – Ficou com a mão no meu rosto por um momento, e eu consegui sentir aquele leve aroma de perfume vindo do pulso dela. Então, ela abaixou a mão.

– Já que a Kathy não está aqui, eu vou ter de fazer isso pessoalmente – ela disse. – Mas o diretor me deve um favor. Então...

Ela sorriu e, de um modo muito parecido com o de Astor para levar Robert, pegou a minha mão e me conduziu para fora da porta.

CAPÍTULO 23

DORIS, MINHA MÃE ADOTIVA, COSTUMAVA DIZER QUE A GENTE APRENDE uma coisa nova a cada dia. Eu sempre tinha encarado isso como uma ameaça sutil, mas, nesse caso, o que aprendi com Jackie foi inofensivo e deliciosamente inútil. Acontece que eu tinha pensado em "calças três quartos",[15] e isso não era um *smoking,* mas um tipo de roupa para jogar golfe usada pelos Três Patetas. Um *menos de cinco,* por incrível que pareça, era um papel, que tinha esse nome porque o ator em questão – e, nesse caso, ele era bastante questionável – iria dizer menos de cinco linhas de texto. Não consegui entender direito por que esse número era tão importante; algo a ver com os sindicatos, eu acho. Quanto mais aprendia a respeito do *show business,* mais parecia que tudo nele estava relacionado a um sindicato ou outro.

De qualquer modo, dar uma parte com falas para um perito forense CDF sem experiência em atuação – pelo menos, não na frente das câmeras – não parecia ser grande coisa para o diretor, Victor Torrano. Ele só suspirou e disse:

– Tudo bem, mas que inferno, pare de dar essas piscadinhas para mim.

E fiquei feliz por ver que ele estava falando com Jackie, não comigo.

Victor se voltou para me examinar da cabeça aos pés.

– Hum. Tudo bem, tenho alguns papéis para os quais eu ia usar gente daqui mesmo. Hum, não é machão o suficiente pra ser um tira. E nem tem cara de bandido o suficiente pra ser um traficante de drogas... – Ele olhou meu rosto com os olhos semicerrados. – É, desculpa aí, como é que você se chama?

– Dexter Morgan – respondi. Não esperava que aquilo tudo fosse ser assim tão fácil.

– Dexter, certo. Você sabe alguma coisa de trabalho forense?

Eu não consegui evitar um ligeiro sorriso ao responder:

– Pra falar a verdade...

E *voilà:* ele disse uma só palavra, e Dexter era um ator.

Jackie me reconduziu para o antro de Sylvia, um bilhete de Victor, firmemente seguro em minha mão, afirmando que eu era agora e doravante para o futuro, ou pelo menos por um episódio, Ben Webster, cena 49, e deveria ser adequadamente paramentado.

– Ben Webster – eu falei para Jackie quando nos afastamos da Presença de Victor. – Ele não era um dramaturgo da era elisabetana?

Jackie deu uma palmadinha na minha mão.

– Acho que não – ela disse. – Você não está nervoso com isso, está?

– Ah, não – eu falei. – De jeito nenhum.

Ela voltou aqueles imensos olhos cor de lavanda para mim e me deu um sorriso malicioso.

– Você vai ficar bem – ela disse. – Não se preocupe.

Para ser sincero, eu não estava preocupado com o fato de representar. Afinal, tenho representado a vida inteira, desempenhado o papel de ser humano e de um cara muito legal, duas coisas que eu com toda certeza não era. E já que eu até então não tinha sido jogado na cadeia nem morto a tiros, devia estar fazendo um serviço muito bom.

Voltamos para a sala dos figurinos a tempo de ver Cody ajudar Sylvia a medir o braço de Renny com a fita métrica. Renny estava lá, sem camisa, e tenho de dizer, não era uma visão que inspirasse muita reverência. Ele não era gordo, mas, com certeza, não estava na mesma forma física que Robert havia exibido. Seus músculos eram todos fracos e sem forma definida, claramente o corpo de um homem mais interessado em comer do que em malhar.

– Miss Forrest? – disse uma voz musical ao meu lado, e um dos assistentes de Sylvia estava lá.

– Sim? – disse Jackie.

O assistente sorriu.

– Oi, eu sou o Freddy? Por falar nisso, eu *adoro* seu trabalho... e a Sylvia quer que eu arrume você, para os uniformes? Para a cena do funeral?

Jackie assentiu.

– E o que quer que a Sylvia queira...

– ... a Sylvia *consegue* – finalizou Freddy. – Acredite em mim, eu sei, eu trabalho bastante com ela? Seja como for... – Ele sorriu e fez um gesto na direção do pequeno *hall.* – Poderia vir comigo?

Jackie se voltou para mim e disse:

– Isso pode demorar um pouco... tem café lá perto do sofá? – E então ela sorriu e foi embora com Freddie.

Eu fui dar uma olhada em Cody. Ele me olhou e assentiu, o que era equivalente a um sorriso de rachar a cara para ele.

– Dexter – disse Renny –, eu sabia que você ia aparecer quando eu tirasse minha camisa. – Ele flexionou o braço, ou tentou; não tinha muita coisa para exibir. – O que você acha?

– Fique quieto – ralhou Sylvia, dando um tapa nos braços, para que eles abandonassem a pose e voltassem a ficar no lugar deles.

– Acho que você deveria vestir a camisa – eu disse.

– Eu sei, a tentação é grande demais, não é? – disse Renny. – Isso acontece comigo o tempo todo.

Eu o deixei achar que sim.

– Como é que o Cody está se saindo? – perguntei para Sylvia. – Ele está deixando você surda de tanto falar?

Ela me deu uma olhada rápida, e então falou bruscamente para Renny:

– Erga o braço. Seu braço *esquerdo.* – Ela continuou a medir enquanto falava. – Cody é um amor de menino e está me ajudando muito – ela disse e lançou para Cody aquele sorriso horroroso e pouco natural de novo. – Mas ele não falou mais do que três palavras.

– Se ele chegou a dizer três, é um bom sinal – eu disse. – Ele deve gostar de você.

Cody me lançou um olhar inexpressivo.

– Onde está sua irmã? – perguntei.

Com um gesto rápido com a cabeça, indicou a porta principal da suíte.

– Robert – ele disse e colocou diversos parágrafos de desaprovação naquela única palavra.

Sem nenhum motivo lógico, eu olhei na direção da porta. Ela não disse nada, nem mesmo se abriu. Eu tinha ficado com Jackie e Victor por uns dez minutos; não conseguia imaginar como ficar olhando maquiagem pudesse levar aquele tempo todo – mas, é claro, eu não era uma menina de onze anos, nem um ator gay que estava começando a envelhecer. Embora, pensando no assunto, eu tivesse um pedaço de papel na mão afirmando que, na verdade, eu *era* de fato um ator agora. Fiquei pensando se eu automaticamente passaria a me interessar por maquiagem – ou por Robert. Isso ainda não tinha acontecido.

Em todo caso, se Astor podia passar todo esse tempo examinando *blush* e sombra para os olhos, ficava claro que ela havia abandonado toda a sensatez com suas fantasias a respeito de ser atriz. Eu não via como aquilo pudesse ser prejudicial; quando a gravação do seriado acabasse, não haveria muitas outras chances para ela dar uma olhadinha na vida glamorosa do *show biz* – a não ser, é claro, que eu fosse tão devastadoramente emocionante na participação como ponta que isso me encaminhasse para a minha própria carreira como ator. Isso poderia acontecer, mas realmente não parecia ser o desenlace mais provável.

Mesmo assim, por enquanto Astor poderia olhar e sonhar; e eu poderia tirar vantagem de um dos pequenos benefícios da profissão. Então, dirigi-me até o bule, peguei um *donut* e enchi uma xícara de café para mim.

De algum modo, eu sobrevivi àquela tarde e, finalmente, reunimos Astor e Cody e os mandamos embora com a Tia Deborah. Isso tinha sido uma provação, tornada ainda pior pelo modo como Jackie havia me lançado em excesso aquele sorriso condescendente quando me flagrou no papel de Papai Dexter. Pessoalmente, eu não achei assim tão engraçado e fiquei aliviado e feliz quando Debs finalmente levou as crianças embora; Jackie e eu voltamos para o hotel para um almoço fora de hora e depois nos arrumamos para o *show* de Renny daquela noite.

Jackie deveria fazer um pouco mais do que se sentar na plateia e rir para as câmeras. A rede de televisão planejou fazer

uns minutos de Por Trás dos Bastidores com as Estrelas, e ela era parte do plano. Tinham dito que ela deveria chegar um pouco antes para fazer isso, então, chegamos ao Gusman às 7h05. O Teatro Gusman é, na verdade, o Centro Gusman para as Artes Cênicas; e não querendo ser minucioso demais, o “teatro” que faz parte do nome é, na verdade, o Olympia, uma sala de cinema onde projetavam filmes mudos na década de 1920, e que havia sido restaurada. Na marquise na frente do prédio está escrito “OLYMPIA” e essa noite, sob as grandes e luminosas letras, estampava-se: “Somente Hoje! RENNY BOUDREAUX!”

Uma grande multidão estava amontoada na calçada. Um mar de rostos ansiosos se voltou cheio de expectativa para o sedã quando ele parou na frente do teatro. Eu estendi a mão para abrir a porta, e Jackie segurou meu braço.

– Estou com medo – ela disse. – Saiu nos jornais que eu estaria aqui à noite, e ele poderia... ele pode estar no meio da multidão, me esperando.

– Creio que não – eu disse; e, para ser sincero, tinha uma certeza bem maior do que a que deixava transparecer. – Mas, se ele estiver, não vou deixar que se aproxime de você.

Ela me encarou, seu olhar indo do meu olho esquerdo para o direito, como se achasse que poderia encontrar conforto em um deles, mas não soubesse com certeza em qual. Eu tinha a sensação de angústia de que deveria dizer alguma coisa ainda mais tranquilizante, então, fiz força para me lembrar de uma fala de algum filme antigo, olhei firmemente para ela e disse:

– Ele vai ter de me pegar primeiro.

Jackie ficou me olhando por mais alguns segundos e então, repentinamente, se inclinou para a frente e me beijou na boca.

– Acredito em você – ela disse.

Minha boca estava repleta do sabor do batom dela, e meu cérebro estava repleto de um choque que me deixou tonto. Eu não conseguia nem mesmo pensar durante o que me pareceu ser bastante tempo, e quando finalmente consegui produzir um pensamento coerente, tudo que surgiu foi:

– Eu, hum, eu vou sair. E checar...

E então eu vi quando comecei a me movimentar bruscamente como um desajeitado robô adolescente, tateando para abrir a porta e saindo para a rua.

A multidão estava observando o carro e prendendo a respiração, e houve um profundo suspiro de indiferença quando eu saí. É claro que doeu, mas, afinal, eles ainda não tinham visto a minha participação como ponta. Fiquei pensando se teriam visto Jackie me beijar. Tornei a olhar para o carro; as janelas eram revestidas com uma tonalidade escura demais para que desse para enxergar através delas. Isso explicava tudo; se tivessem visto Jackie me beijar, provavelmente teriam me aplaudido.

Eu repeti toda a encenação cretina de checar a área procurando sinais de Patrick. Não descobri nenhum; nada de algas, caranguejos ou marcas de corrente de uma âncora se arrastando pelo chão, então, voltei e abri a porta.

– Tudo tranquilo – disse, e Jackie me estendeu a mão e deslizou pelo banco do carro.

– Você está com batom na boca – ela disse baixinho e sorriu.

Limpei a boca na manga da camisa e peguei a mão dela, ajudando-a a sair para a calçada. Houve uma pausa de dois segundos, durante a qual conseguimos dar um passo completo na direção da porta da frente, antes que alguém berrasse: “Jackie Forrest!”, e então eu tinha mesmo de proteger Jackie de alguma coisa. A multidão se avolumou na nossa direção, zumbindo como uma colmeia alimentada com esteroides. Dúzias de câmeras jogaram *seu flash* bem na minha cara, e por uns instantes eu não conseguia ver nada a não ser pontos arroxeados que se agitavam enlouquecidos. Eu pisquei, e minha vista voltou ao normal bem a tempo de me esquivar enquanto uma fuzilaria de mãos se dirigiu até nós, segurando a programação da noite para que fosse autografada, e se agitando como pássaros enraivecidos, e gritos de “Jackie! Jackie!” golpearam nossos ouvidos com todos os sotaques possíveis, do cubano ao haitiano até o caipira.

Jackie realizou o notável feito de dar grandes sorrisos para a multidão e ignorá-la ao mesmo tempo, mantendo a cabeça um

pouco abaixada e para a frente, e segurando meu braço como se eu fosse a última porção de margem do rio que desmoronava, e a única coisa que poderia impedi-la de ser arrastada para a morte. Tentei ampará-la o máximo que podia e ao mesmo tempo continuar a andar, mas era impossível proteger todo o corpo dela, e só pude esperar que ela não estivesse recebendo o tipo de tapas casuais e acidentais que eu estava levando dos fãs alucinados por estrelas.

De algum jeito, conseguimos chegar até a porta do teatro através da floresta de braços que se agitavam enlouquecidos, e quando a multidão finalmente ficou menos compacta, e depois ficou para trás, a primeira coisa que eu vi com clareza era que havia três porteiros segurando a porta e sorrindo divertidos para nós.

– Obrigado pela ajuda – eu lhes disse. Eles nem ao menos olharam para mim; toda a sua atenção estava concentrada em garantir que Jackie passasse pela porta sem se ferir de modo fatal em uma dobradiça.

Quando conseguiram nos colocar em segurança lá dentro, os porteiros ficaram parados e sorriram orgulhosos, como se tivessem acabado de salvar Jackie da morte certa. Senti vontade de pegar as cabeças deles e batê-las umas contra as outras; não tinham feito nada além de olhar cheios de complacência enquanto a multidão tentava nos fazer em pedaços, e agora eu tinha um rasgão na minha *guayabera* novinha. Mas Jackie apenas fez um gesto com a cabeça para eles e disse:

– Obrigada. – E me deu o braço para que eu a conduzisse até o teatro.

Levou um momento para nos recuperarmos do amor selvagem da multidão, e enquanto nós caminhávamos pelo ornamentado *lobby* e entrávamos no Olympia, eu descobri mais um buraco na minha camisa, três arranhões no braço, e pelo menos dois pontos tão sensíveis nas minhas costelas que com certeza se transformariam em hematomas até a manhã seguinte. E, no entanto, de um modo bastante improvável, aquilo tinha sido excitante. Uma vez mais, percebi que gostava da atenção alucinada de uma multidão de estranhos. Eu sabia que as

pessoas mal tinham me visto, que se concentravam somente em Jackie, mas tudo bem. Era ainda mais inebriante saber que o centro de toda aquela adoração estava comigo; ela tinha me *beijado* de verdade, e a multidão nunca conseguira algo assim de Jackie. Porém, junto com aquele deleite complacente, percebi que eu tinha de afastar uma crescente amargura pelo fato de que tudo aquilo teria de terminar, e logo.

Olhei o perfil de Jackie; de algum modo, mesmo depois dos socos e empurrões da multidão, o cabelo dela ainda estava perfeitamente penteado, e ela era exatamente a Deusa que a multidão precisava que fosse – uma Deusa que tinha me beijado, e eu ainda não sabia o motivo.

Ela virou a cabeça para o meu lado e fixou os olhos cor de lavanda em mim.

– O que foi? – perguntou.

– Oh – eu disse, subitamente embaraçado, e nem sabia por quê –, nada. Você sabe.

Jackie sorriu.

– Eu *não* sei – ela disse. – Você vai me contar?

– Sério, não é nada – eu falei. – É só... a multidão. E você... – Eu queria dizer *Você me beijou,* mas, sei lá como, o que saiu da minha boca foi: – Você parece tão... perfeita.

– Já era mais do que tempo de você perceber – murmurou, e então nós estávamos dentro do teatro e ela olhou ao redor. – Oh! Olha só isso! É lindo! – Ela parou de andar e olhou fixamente para cima, mas os meus olhos foram atraídos para a curva do pescoço dela, e eu a olhei por um longo momento antes de também olhar para o teto.

Suponho que o teto do Olympia seja mesmo bonito. Mas eu já o tinha visto antes e já tinha lido nos jornais tantas vezes que ele é deslumbrante, uma maravilha, um tesouro de glória restaurada, e daí por diante. Só que ele não é exatamente o tipo de coisa que me deixa emocionado de verdade. Mas Jackie precisou de alguns instantes para absorver as volutas douradas e o céu noturno artificial, e eu fiquei parado, educadamente, enquanto ela arregalava os olhos.

– Nossa! – ela acabou dizendo. – Ganha de longe do Chinese Theater, lá em Los Angeles.

Na frente do teatro, na terceira fila, Deborah se voltou para trás, nos viu, e se levantou. Mas, antes que ela nos alcançasse, um moço bem vestido veio do *lobby* e se apressou em nossa direção. Eu o observei cuidadosamente, para ver se detectava algum indício de que ele pudesse ser um pistoleiro, ou um zumbi, mas ele apenas sorriu e chamou:

– Srta. Forrest?

Jackie afastou os olhos do teto espalhafatoso, e o moço lhe dirigiu um sorriso imenso.

– Oi, eu sou Radym Reitman – ele disse. – O sr. Eissen quer que a senhorita vá até o camarim do Renny... eles estão filmando o material do *pré-show?*

– Sim, claro – ela disse, e então Deborah se juntou a nós.

– Mas que diabos aconteceu com você? – ela perguntou, olhando o rasgão na frente da minha camisa.

– O público apaixonado – eu disse. – Acho que alguém me reconheceu.

Deborah bufou e voltou sua atenção para Jackie.

– Nem um arranhão em você – ela comentou.

– Muita prática – disse Jackie.

– Tenho de encontrar Rita no *lobby* – eu falei para Deborah. – Você pode ficar com Jackie?

– Claro – disse Debs, e Reitman pigarreou. Deborah o olhou com um belo de um Olhar de Policial, e ele ficou quieto e se remexeu todo.

– Ah – disse Jackie. – Eu só preciso ir até os bastidores um instantinho... tudo bem?

– Claro – disse Deborah. – Mas eu tenho umas cervejas para nós. – Ela acenou na direção da poltrona em que estava sentada quando nós entramos. – Deixe eu pegar primeiro.

– Oh, que bom, obrigada – disse Jackie, e com um último sorriso para mim e uma palmadinha no meu ombro, seguiu Debs e Reitman na direção da frente do teatro.

Eu observei enquanto elas pegavam as cervejas e depois seguiram Reitman por uma porta lateral. Quando saíram, olhei

para o palco. Não tinha nada de mais nele, a não ser, como pano de fundo, a vista de uma cidade à noite. Pendurado no topo havia um cartaz iluminado e cintilante de uns 2,5 m de altura que dizia “RENNY”. Na frente, perto da ponta do palco, havia um banquinho com uma garrafa d'água sobre ele, e um microfone sem fio em um suporte. Nada de brilhos, nada de artifícios; estava tudo nas mãos de Renny.

Olhei meu relógio; milagrosamente, ele não havia sido arrancado do meu braço nem destroçado pela multidão, e até funcionava. Eram 7h28, e eu deveria encontrar Rita no *lobby* às 7h30, então, fui calmamente pelo corredor e passei para o *lobby.*

Baseado em desempenhos anteriores de Rita, eu tinha certeza absoluta de que teria de esperar uns quinze ou vinte minutos; ela vivia de acordo com o Horário Cubano, embora fosse uma loura anglo-saxã. Nunca tinha chegado menos de vinte minutos atrasada para qualquer coisa em todo o tempo que eu a conhecia.

Mas eu havia pensado sem levar em conta sua obsessão infantil com todas as coisas ligadas a Hollywood. Quando entrei tranquilo no *lobby,* fiquei paralisado, atordoado com a visão que me aguardava. Era Rita, já andando pra cá e pra lá nervosa, enquanto esperava por mim. Ela chegou à ponta mais distante do *lobby,* e o vestido transparente com cara de *negligée* que ela estava usando rodopiou em volta de seu corpo. Mesmo com a distância, dava para eu ver as linhas de preocupação no rosto dela, e ela estava esfregando as costas da mão esquerda com a mão direita num gesto nervoso. Então, ela me viu; seu rosto se iluminou e praticamente saiu correndo pelo *lobby.*

– Dexter, meu Deus – ela disse. – Eu acho que acabei de ver o Andy Garcia? E eles disseram que o prefeito... esta é a sua camisa? – Ela colocou a palma da mão na minha *guayabera* e a acariciou, como se pudesse transformá-la em algo mais apresentável. – Oh, Dexter, tem um *buraco* nela, bem *na frente...* é isso mesmo que você está usando? – Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes e ficou com ar preocupado.

Sufoquei o impulso de dizer-lhe que não, não era minha camisa, era do Andy Garcia, e que eu ia agora mesmo trocar de

roupa com ele, bem ali no *lobby.*

– Está tudo muito bem – eu disse. – Não é um baile formal; é um *show* de um comediante.

– Sim, eu sei, mas é sério, é um *buraco* – ela disse. – E tem outro nas costas... e o que é isso na sua manga? – Com um franzir de sobrancelhas, ela esfregou alguma coisa, e percebi que era o batom do beijo de Jackie que eu havia limpado na manga.

– Ah, foi só, você sabe – eu disse, com tanto desinteresse quanto pude conseguir. – Alguém na multidão, ou qualquer coisa assim.

Rita balançou a cabeça e, felizmente para mim, não pareceu perceber a mediocridade da minha resposta.

– A camisa toda está... Você está um horror, Dexter... E isso não combina de jeito nenhum com o que eu... Quer dizer, agora eu estou com cara de algum tipo de... Quanto tempo tem até que... Se eu realmente, eu poderia trocar por...

– Você está muito bem – eu disse, embora, para ser franco, quando comparei o *ensemble* dela com o que Jackie estava usando, ela estivesse usando uma roupa exagerada.

Rita passou as duas mãos na frente do vestido, alisando as rugas que não estavam lá.

– Sim, bem, *tudo bem* – ela disse e balançou a cabeça com ar de dúvida. – Quer dizer, isso... você deveria ter me dito que isso era... O que as outras pessoas estão usando?

Tenho um bom conhecimento a respeito de muitas coisas, mas devo admitir com alegria que *coutière*[16] não é uma delas, e não achava que o *lobby* do Gusman fosse o local para aprender. Então, assumi minha atitude mais autoritária e coloquei uma das mãos no braço dela e a puxei com gentileza.

– Vamos entrar – eu falei. – Você pode ver por si mesma.

Rita fincou os dois pés no carpete e não se moveu, e um olhar alarmado passou por seu rosto.

– Todo mundo? Meu Deus, eu não sei se consigo...

Eu a puxei com um pouquinho mais de força.

– Vamos – eu falei. – Vou apresentar você para o Robert Chase.

Se eu tinha achado que a reação de Astor em relação a Robert tinha sido exagerada, era só por ainda não ter visto a reação da mãe dela. Rita enrubesceu profundamente e começou a tremer e, pela primeira vez, teve dificuldade para emitir uma única palavra.

– Ro, Ro, eu re... – ela gaguejou. – É... você... Rob... Robert está aqui? E você...?

Eu observei o desempenho dela com irritação. Em todo o tempo que eu tinha conhecido Robert, ele não revelara nada que indicasse que merecia receber nem mesmo a mais leve forma de respeito – e cá estava Rita entrando em um transe daqueles de ficar com os joelhos bambos só de pensar em ficar perto do homem. E eu tinha certeza de que lhe dissera que Robert estaria aqui, então, não havia mesmo a menor desculpa para o fato de ela despencar em um estado de coma babão que ameaçava arruinar o carpete do Gusman. Será que ela ficaria menos nervosa se eu lhe dissesse que Robert era gay?

Contudo, olhando pelo lado positivo, em seu estado de fraqueza ela não estava em condições de resistir; eu segurei com firmeza o braço dela outra vez, e ela saiu tropeçando.

– Vamos – eu disse. – Milagres nos aguardam lá dentro. – E eu a conduzi pelo *lobby* até o interior do teatro.

Tinham me dado dois lugares a apenas duas fileiras do palco, na parte central e no corredor. Quer isso tenha sido ideia da Network, ou do capitão Matthews, eu deveria me sentar bem ao lado de Robert. Suponho que tudo tenha sido organizado de modo que as câmeras focalizassem os astros sentados muito felizes ao lado de Pessoas Que Realmente Eram Da Polícia. Fosse qual fosse a razão, isso fez com que apresentar Rita a Robert fosse praticamente inevitável, mas, quando caminhamos pelo corredor na direção do palco, não dava para ver Robert em lugar nenhum. Porém, quando nos aproximamos da nossa fila, ele saiu da porta por onde Jackie e Debs tinham desaparecido, e se encaminhou na nossa direção, sorrindo e acenando para a multidão.

Eu tinha tido a inocente ideia de fazer uma simples apresentação enquanto estivéssemos nos sentando, e então a

vida ia continuar. Contudo, uma vez mais, eu fizera meus cálculos sem contar a adoração abjeta que Rita sentia por Robert. No instante em que ela o viu, ficou imóvel, empalideceu e começou a tremer de novo.

– Oh, não. – O que parecia uma coisa muito estranha para dizer se ela realmente gostaria de conhecê-lo. – Oh, meu Deus, é ele, é *ele...* – Ela começou a saltitar se apoiando nas pontas dos pés e nos calcanhares enquanto dizia: “oh, meu Deus, oh, Deus, oh, Deus...!” e outras evocações de
uma divindade que, tanto quanto eu pudesse dizer baseado em um conhecimento rápido, não tinha nada a ver com Robert.

Ao redor de mim, no teatro, dava para eu ver as cabeças se voltando em nossa direção, algumas divertidas e outras curiosas. É verdade que eu tinha gostado da atenção emanada da multidão enquanto eles adoravam Jackie; porém, isso era muito diferente, dava para eu sentir gracejo, condescendência, até desdém nos muitos olhares que vinham até nós, e disso eu não gostei. Empurrei Rita para a frente mais uma vez, e ela prosseguiu, com passos curtos e bruscos. Finalmente a levei até os nossos lugares, embora ela se recusasse a sentar-se. Pelo contrário, ficou lá em pé saltitando e olhando fixamente para Robert, até eu perceber que, se eu não fizesse alguma coisa, nós ficaríamos parados no corredor a noite inteira.

Então, voltei para o corredor e acenei para Robert, e ele se aproximou de nós, sorrindo.

– Robert – eu disse. – Esta é minha esposa, Rita.

Robert estendeu a mão.

– Ei, demais! – ele disse. – É muito bom mesmo conhecer você!

Rita só ficou lá parada, o rosto congelado em uma máscara paralisada, com os olhos fixos. Eu torcia para ela não babar de verdade.

Depois de uma pausa embaraçosa, Robert estendeu o braço e segurou a mão dela.

– Nossa, dá pra ver a quem Astor puxou – ele disse, balançando a mão inerte de Rita. – Você tem filhos incríveis, Rita.

Rita finalmente falou:

– Oh, eu ahaha... Ah, meu Deus, eu não consigo acreditar... Eu sou fã de verdade de... Oh, Deus, é *você* mesmo...!

– Bom, eu acho que sim – disse Robert com um sorrisinho tranquilo. Ele tentou soltar a mão dela, mas agora, embora ela não tivesse sido capaz de estender a mão para cumprimentá-lo, Rita se aferrou à mão de Robert em um aperto úmido, mortal e desesperado.

– Hum – ele disse e olhou para mim.

– Rita – eu disse –, acho que Robert gostaria de ter a mão dele de volta.

– Oh, meu Deus – ela disse soltou a mão dele e pulou para trás, aterrissando com firmeza nos dedos dos meus pés. – Eu sinto muito, sinto muito, eu só...

– Ei, não se preocupe com isso – disse Robert. – Foi um prazer conhecer você, Rita. – E ele sorriu para ela e então passou por nós e afundou cheio de gratidão em seu assento.

Rita ficou encarando-o mais um pouco, apesar de eu lhe dar uns cutucões nas costas, até eu finalmente dizer:

– Podemos nos sentar agora?

– Oh! – Ela deu um pulo como se tivesse levado um choque. – Mas eu não posso de jeito nenhum... você se senta do lado dele é só... Meu Deus, eu não conseguiria!

– Tudo bem – eu disse e deslizei para o assento ao lado de Robert. Um instante depois, Rita lembrou como tinha de fazer para se sentar e afundou no assento ao meu lado como se não tivesse ossos no corpo.

Fiquei sentado ali e observei Rita se sacudindo por vários minutos; ela começava a se acalmar e então dava uma olhada rápida para Robert e começava a enrubescer e a se contorcer de novo. Tentei ignorar isso, mas os espasmos de adoração dela chacoalhavam meu assento. Olhei à minha esquerda, onde Jackie e Deborah deveriam se sentar. Elas ainda não tinham voltado; provavelmente estavam bebendo cerveja e se misturando com outras celebridades no camarim de Renny. Eu esperava que ele ficasse de camisa.

Meu assento estremeceu, e voltei a olhar para Rita. A perna esquerda dela estava balançando para baixo e para cima em um

espasmo nervoso e provavelmente inconsciente. Fiquei pensando se ela voltaria ao normal de novo quando o *show* começasse. Renny provavelmente teria de ser muito engraçado para afastar a cabeça dela do fato de estar sentada perto de Robert, o Deus. Esperava que Renny fosse hilariante. Mas o que ele tinha dito para Robert – que ele não fazia comédia, que fazia comentário social? Será que isso seria engraçado o suficiente para parar as convulsões de Rita? Será que alguém que tinha um Passageiro poderia chegar a ser engraçado? Quer dizer, eu sou muito conhecido por ter um humor seco, mas não conseguiria manter um teatro lotado às gargalhadas.

Mesmo assim, uma rede de televisão de verdade acreditava em Renny, o suficiente para lhe dar esse especial. É claro, essa mesma rede havia escalado Robert em um papel principal – mas eles também tinham escalado Jackie, então acho que isso se transformava em uma chance de 50%. E quem sabe? Tudo pode acontecer. Talvez ele até *me* fizesse rir. Eu acho que não, mas coisas mais estranhas já aconteceram – muitas delas comigo. Afinal, eu era casado, tinha filhos, e todo mundo achava que eu era uma maravilha.

Houve uma explosão de música espalhafatosa vindo do sistema de som; um moço com aparência alegre entrou no palco e pegou o microfone do suporte.

– Eeeeeeeeiiiiiiiiii – MIAMI! – ele exclamou em uma voz feliz e muito alta e, por alguma razão, a audiência aplaudiu cheia de entusiasmo.

Ele começou a nos dizer que estávamos filmando aquela noite, o que eu já sabia, e nos pediu que desligássemos nossos celulares, não tirássemos fotos *com flashes* e nos lembrássemos de rir muito. Disse uma ou duas coisas que acho que deveriam ser engraçadas, e então exclamou:

– É iiiiisso AÍ! Divirtam-se com o *show*!! – E enfiou o microfone de volta no suporte e saiu a passos largos do palco, sob um aplauso enlouquecido.

Um instante depois, as luzes se apagaram, o barulho da multidão baixou para um sussurro, e o locutor anunciou:

– Senhoras e senhores... o sr. Renny... Boudreaux!

CAPÍTULO 24

RENNY DEIXOU QUE OS APLAUSOS AUMENTASSEM E AUMENTASSEM E AÍ aumentassem um pouco mais até a audiência ficar em pé e gritar e fazer um barulho imenso, e o velho teatro começar a tremer. Então, ele se encaminhou com os ombros encurvados para os três degraus do palco e parou, olhando para a audiência com desaprovação evidente. Os aplausos ficaram ainda maiores; Renny balançou a cabeça e caminhou até o microfone enquanto a risada aumentava e se misturava com os aplausos. Ele tirou o microfone de seu suporte, se voltou para nós e ficou encarando a audiência.

Mais risadas, mais aplausos; Renny só ficou com a cara fechada. E no instante preciso em que o barulho da multidão começou a diminuir, ele falou:

– Porra, o que tem de *errado* com vocês, pessoal? – E nós estávamos de novo em um efervescente e exuberante mar de alegria.

De novo, o *timing* dele era perfeito, e no momento exato ele disse:

– Eu vou dizer o que tem de errado: vocês são *idiotas!*

Por estranho que pareça, isso ocasionou uma grande risada, o que pareceu enfurecer Renny, e ele berrou:

– Estou falando *sério!* – E as risadas ficaram ainda mais fortes, até que Renny estendeu um braço e, quando o barulho diminuiu um pouco, ele disse: – Sentem, caralho!

Com uma ligeira surpresa, eu percebi que estava em pé, junto com todas as outras pessoas; e quando me sentei, todos os outros também se sentaram. Renny esperou até que ficássemos em silêncio e então começou a falar. Ele mencionou o piloto que estávamos filmando e apresentou Robert e depois Jackie, e quando ela se levantou para agradecer os aplausos, eu vi Deborah olhando vigilante ao redor do teatro, bem no estilo guarda-costas. Eu me lembrei de que deveria estar protegendo Jackie também, então me voltei e fingi estar procurando

quaisquer sinais de encrenca. Não havia nada, é claro. Jackie voltou a se sentar, em segurança, e Renny pegou um pedaço de papel amarrotado em seu bolso. Ele fechou a cara ao vê-lo e depois olhou para nós.

– Eu devo dizer muito obrigado para os tiras aqui de Miami. – Ele balançou a cabeça. – Isso faz sentido para vocês? EU... dizendo muito obrigado para *tiras?* Mas a Big Ticket disse "por favor", e eles estão pagando por essa bosta, então... Muito obrigado, tiras. – Ele deu uma olhada para o papel amarrotado. – Ei, capitão Matthews, você tá aqui? – O capitão se levantou, com um sorriso modesto e másculo em seu rosto, acenou para a multidão e recebeu aplausos educados. – É, eu só perguntei se você estava aqui, capitão. Eu não disse, levante e roube a porra da atenção que eu recebo. – E ele sorriu pela primeira vez. – Ei, é verdade... primeira vez que posso dizer porra pra um tira... e além disso ele é capitão. Ei, capitão Matthews! Porra porra porra porra porra porra porra...!

Renny esperou que as risadas acabassem e começou a falar a respeito de Miami, do trânsito de Miami, da comida de Miami, da diversidade das pessoas aqui – e com muita frequência, quando alguma observação escandalosamente cínica dele causava uma grande risada, ele fazia uma pausa, olhava fixamente a audiência e exclamava:

– Estou falando sério!

Aparentemente, esse era o seu bordão, as palavras pelas quais ele havia se tornado famoso, como o "QUÉÊÊÊ!!!!!????" do Steve Martin; e a cada vez que ele dizia isso, metade da audiência entoava "Estou falando sério!" junto com ele.

E ele estava mesmo sendo sério; só estava sendo engraçado ao fazer isso. Ele mencionava assuntos sérios e fazia o povo olhá-los de um jeito novo, um jeito que era ao mesmo tempo provocativo e engraçado.

Ele se meteu a falar de política de um modo que teria de ser chamado de carnívoro, e isso levou à educação pública.

– Vocês todos cortam o auxílio para as escolas públicas. Tirem todo o dinheiro destinado a ensinar os malditos dos seus filhos, e aí vocês vão reclamar porque os médicos são todos da índia!

Vocês preferem ter um médico americano que passou por suas escolas públicas, e agora ele é um puta de um idiota tão grande que pensa que o dr. Jivago é o novo diretor do hospital onde ele trabalha?

"E aí vocês dizem, ei! Podemos dar um jeito nas escolas... com uma loteria! E todo o dinheiro vai para as escolas públicas! E os lobistas tomam conta disso, e agora *uma parte* do dinheiro vai para as escolas. E então os políticos se intrometem e, de repente, uma *parte* dos *lucros* vai para as escolas. E, agora, o que vocês fizeram não está mais só ligado a levantar fundos: vocês transformaram a *educação* dos seus filhos em uma loteria. E vocês sabem como isso funciona, certo? Um de cada dez milhões é um vencedor; o resto... todos uns merdas sem sorte.

"Eu estou falando *sério!*

"E quem ganha a maior parte desses bilhetes perdedores, ahn? É, certo, é o cara negro. A mesma velha merda. Vocês todos pensam, ah, agora tudo está diferente, porque a gente elegeu um presidente negro, mas ainda é difícil pra cacete ser um cara negro nos Estados Unidos. Ainda mais porque eu *odeio* basquete...!

"Mas, a coisa poderia ser pior", ele prosseguiu. "Eu poderia ser gay." Seu olhar perscrutou a plateia e disse: "Levantem as mãos... quantas bichas nós temos aqui esta noite?". Por incrível que pareça, umas poucas mãos se levantaram, mas Renny balançou a cabeça. "Que é isso, cara, eu sei que tem muitos mais de vocês... eu vejo seus sapatos." Ele balançou a cabeça de novo e esperou que a risada acabasse. "É, ser gay hoje em dia, deve ser um saco... Quer dizer, pro resto de vocês... Dá um tempo, tá? Vocês acham que é nojento, tudo bem, vocês não precisam olhar. Mas, fala sério, por que vocês se importam com quem os outros estão trepando, porra? E se eles gostam tanto de trepar com a criatura que eles querem se casar, por que porra cês se importam?" Ele assumiu uma expressão solene e disse, com uma voz desagradável: "Oh, Renny, mas está na Bíblia." Renny bufou e balançou a cabeça. "Grande merda, é, tá na Bíblia, eu dei uma olhada lá. Um de vocês, seus filhos da puta, fez isso...? Eu acho que não. Bom, eu olhei. É, tá na Bíblia. Tá

bem lá, perto de onde diz que vocês não podem arredondar o corte da vossa cabeleira e vocês não podem comer camarão. E dá pra eu ver umas porras de umas cabeleiras arredondadas aí na plateia. E quantos de vocês, que ficam descendo o cacete nas bichas, comem camarão? Porque se cês pensam que Deus quer que cês mijem nos gays, cês também têm que parar de tomar aquele borbulhante coquetel de camarão... Eu estou falando *sério!"*

Umas fileiras atrás de mim, uma voz disse bem alto:

– Bicha!

Renny olhou bem para a cara do homem e sorriu.

– Não é legal? Vocês veem o que acontece quando dão uma cerveja para um homem com pinto pequeno?

A plateia caiu na gargalhada, mas o cara importuno não tinha terminado ainda. Ele gritou de novo, ainda mais alto:

– Você é uma BICHA!

E Renny sorriu e disse:

– Se cê pensa mesmo que eu sou uma bicha, por que você não chupa o meu pau, e se eu gostar... Maldição, você tinha razão. E se eu não gostar... pelo menos *você* se divertiu um pouco esta noite.

A plateia aplaudiu Renny entusiasticamente, e o cara intrometido se afundou em seu assento, enquanto Renny continuava. E acho que aquilo não foi uma conversa notável, nada mais do que o comentário crítico rotineiro que acontece toda noite, em todo lugar em que um comediante ficar parado na frente de uma plateia. Mas, para mim, foi memorável – não pela grande qualidade do humor cintilante, mas por uma coisa completamente diferente.

Porque, quando os olhos de Renny passaram por mim para se concentrar no cara intrometido, bem atrás de minha cabeça, eu senti meus cabelos ficando em pé no meu pescoço, e bem nas profundezas do Castelo Dexter um alarme começou a soar enquanto meu Passageiro se punha em estado de Atenção Máxima e começava a sibilar avisos para mim.

E quando Renny olhou firmemente o cara que o havia criticado e acabou com ele, eu vi a Coisa por trás de seus olhos, a Coisa

que eu achei que poderia ter visto, e agora não havia dúvida, não havia a menor dúvida. Acima do barulho da multidão eu ouvi o rugido sibilante da imensa Coisa Sombria que se erguia triunfante lá das sombras profundas por trás do sorriso de Renny. E eu a observei enquanto ela se desenrolava e lampejava em sua grande extensão tenebrosa e estendia suas garras longas e afiadas na direção do cara que tinha interrompido Renny, e estava lá para que todos vissem; e embora ninguém mais visse, eu vi e entendi.

Um Passageiro. Não dava para duvidar.

Não sei como, nem o porquê, mas sempre sei quando eu o vejo. Eu sempre vi. E agora não havia dúvida, nem a menor sombra de dúvida: Renny tinha um Passageiro das Trevas, assim como eu.

Renny continuou a falar, e tenho certeza de que o resto do *show* dele foi igualmente engraçado e repleto de comentários ferozes, mas não percebi. Eu estava perdido em uma linha de pensamentos que me levou para bem longe dali, não teria percebido se Renny ateasse fogo em seu próprio corpo.

Em primeiro lugar, só pensei no fato de Renny ser um monstro, assim como eu. Porém, isso me conduziu para pensamentos que eram bem mais elevados, e muito mais relevantes. Porque Renny tinha um Passageiro. Eu não sei como ele lidava com os cuidados e a alimentação dele, mas ele tinha um. E se conseguia sobreviver, e até mesmo florescer, em Hollywood... Por que não eu?

Eu criei tudo em minha imaginação: Dexter, recostado à beira da piscina, em Bel Air, observando as sombras ficando cada vez mais profundas à medida que o sol mergulhava no oceano Pacífico e uma lua lenta e grande começava a ficar cada vez maior no céu; e Dexter sente a excitação da velha Noite Alegre começar a se apoderar dele, e ele se ergue do seu posto à beira da piscina e com seu costumeiro cuidado entra silenciosamente na grande e arejada casa com seus pés de predador e pega sua sempre pronta sacola com brinquedos e utensílios e silenciosamente adentra na noite que é tão escura e acolhedora,

não importa que o sol esteja se pondo na água, em vez de se levantando.

Poderia dar certo. Não tinha razão para não dar. E eu não conseguia me livrar da ideia de que seria muito mais feliz na Costa Oeste, em uma terra de novas oportunidades, um panorama novo de escuridão inexplorada.

Mas, é claro, eu não tinha sido realmente convidado. E não havia razões para pensar que o seria. Jackie certamente tinha a vida dela na Califórnia, com seus próprios amigos e rotinas e medidas de segurança; e além de um rápido beijo, ela não havia me dado indícios de que eu poderia ser parte dessa vida. Se eu fosse lógico em relação às coisas, tinha de admitir que, com toda a probabilidade, quando terminassem de filmar o piloto aqui, ela iria me agradecer, me abraçar, e voltar para a Costa Oeste, deixando Dexter para trás como nada mais do que uma lembrança ocasional e terna.

E não importaria quanto eu quisesse que as coisas fossem além disso; eu não teria como fazer isso acontecer e nem sabia dizer o que esse além poderia ser.

Então, quando o *show* de Renny se dirigiu para o final indubitavelmente hilário, foi um Desencorajado Dexter que finalmente recobrou os seus sentidos irritadiços enquanto percebia que todos ao seu redor estavam ficando em pé e aplaudindo enlouquecidos. E como o Artigo Principal do Código de Harry é se adaptar, Dexter se levantou e aplaudiu também.

Rita estava ao meu lado, aplaudindo com um entusiasmo muito excitado. Suas bochechas estavam levemente ruborizadas, e um imenso sorriso estava grudado em seu rosto, um sorriso como eu nunca vira antes, alegria e entusiasmo misturados com excitação. Ela tinha um ar extático, como se tivesse acabado de dar uma rápida olhada em um mundo de beleza mágica. Eu tinha certeza de que o *show* fora agradável, mas Rita parecia ter sido transportada para outro plano. Eu havia me sentado ao lado dela no sofá e assistido a televisão com ela todas as noites por anos, mas nunca suspeitei que o mundo do entretenimento e seus habitantes tivessem tanto prestígio e fossem tão excitantes para ela. Eu não conseguia imaginar como alguém com um QI de três

dígitos pudesse ficar tão hipnotizada – mas, é claro, eu conhecia Renny e Robert muito melhor do que ela.

E quando os aplausos finalmente diminuíram, ela ainda ficou lá, parada, olhando para o palco como se fosse um local onde um milagre tivesse acabado de acontecer. Só depois de Robert me dar uma palmada no ombro e dizer que precisava sair fora foi que Rita finalmente parou de dar aquele sorriso imenso para o palco vazio e voltou para a realidade com um choque.

– Oh – ela disse. – Oh, meu... Dexter, o sr. Chase está... – E ela emudeceu, piscando e ficando vermelha.

– É Robert – ele disse, como era de se esperar, e sorriu para ela. – E eu posso chamá-la de... hum?

– Rita – eu respondi para ele.

– Rita, certo! Bom, ei, Rita, você tem um cara legal aqui do seu lado. – Ele me deu uma palmada no ombro para mostrar como me apreciava. – É melhor você ficar por perto dele. – Piscou para ela e colocou a mão no braço dela. – Você deixa ele ficar por aí com essa turma de Hollywood, e alguém pode tentar roubá-lo.

Rita ficou ainda mais vermelha.

– Obrigada, senhor, aahh, eu quero dizer Robert, eu... oh. Ela colocou os nós dos dedos da mão direita na boca, como se tivesse dito algo vergonhoso e quisesse punir seus dentes.

Robert nem pareceu perceber. Ele só apertou ligeiramente o braço dela e falou:

– O prazer foi todo meu. Foi bom conhecer você, Rita. – Deu outra apertada no braço dela e olhou para mim. E então, com uma inevitabilidade irritante, ele me deu um tiro com seu dedo-indicador-revólver e disse: – Vejo você na segunda, parceiro. – Passou por nós e saiu caminhando pelo corredor. Rita ficou olhando-o ir, os nós dos dedos ainda na boca.

– Oh, meu Deus – ela disse.

Dei uma olhada ao redor. Jackie estava parada em seu assento junto com Deborah, mas ela estava olhando para mim, e de repente eu me senti muito cansado da tagarelice cheia de adoração de Rita em relação a Robert.

– Vamos – eu disse –, vou acompanhar você até seu carro. – E, para minha completa surpresa, ela jogou os braços ao meu

redor e deu um abraço apertado, acompanhado por um monte de beijos úmidos no meu rosto.

– Oh, Dexter, muito obrigada. Foi a coisa mais incrível... ver Robert Chase e *falar* mesmo com ele...! – ela me disse no ouvido, e me deu mais um beijo úmido. – E Renny Boudreaux foi *maravilhoso...* quer dizer, a linguagem foi um pouco rude. Mas falando sério... obrigada. Muito obrigada mesmo por tudo isso.

Isso tudo parecia meio exagerado; os ingressos não tinham me custado um centavo, e eu tinha recebido ordens para aparecer lá com Rita. Mas eu só disse:

– Foi um prazer. – E me livrei do abraço dela. – Onde você estacionou?

– Oh, a uns quarteirões daqui... no hotel?

– Tudo bem – eu disse e tentei levá-la para fora. Mas, aparentemente, ela ainda não tinha terminado.

– Eu, realmente... eu estou falando sério. Obrigada, Dexter, tudo isso foi tão, assim, como um sonho.

E ainda teve mais disso, e eu só continuei a acenar e a sorrir, até que ela se esgotou e fiz com que fosse caminhando pelo corredor na direção do *lobby* e, finalmente, porta afora, e saísse para as ruas iluminadas da noite de Miami.

Eu a acompanhei até o estacionamento, ouvindo-a fazer uma recapitulação do *show,* me contando as melhores frases de Renny – todas elas eu tinha, afinal de contas, acabado de ouvir pessoalmente. Mas ela sentia um prazer muito grande em repeti-las, e acabei me desligando dela por completo até chegarmos ao carro.

– Boa noite – eu disse e abri a porta do carro para ela. Ela se inclinou e me deu um beijo no rosto outra vez.

– Muito obrigada mesmo, Dexter – ela disse. – Foi incrível demais... E quando você vai voltar para casa?

– Só mais uns dias – eu falei, e tenho certeza de que mantive o pesar fora da resposta.

– Tudo bem – ela disse. Bem... – Comecei a pensar que ela iria ficar ali parada ao lado da porta aberta do carro até ser atingida por um raio. Então, dei um beijinho na bochecha dela.

– Boa noite – eu disse. – Vejo você em poucos dias. – E dei um passo para trás para lhe dar espaço suficiente para fechar a porta do carro, com ela dentro. Ela piscou para mim por uns instantes e sorriu.

– Boa noite, Dexter – disse, se sentou no banco do motorista, deu a partida no carro e foi embora. E voltei para me encontrar com Jackie, pensando que poderia muito bem me divertir um pouco agora.

Tudo isso acabaria em muito pouco tempo.

CAPÍTULO 25

DURANTE A NOITE, EU ACORDEI COM O SOM DE SIRENES. ELAS ESTAVAM a poucos quilômetros de distância, o som aumentando de intensidade em seu lamento monótono e urgente, mas estava se aproximando cada vez mais, e sem nem mesmo pensar nisso eu sabia o que aquilo significava, e para onde elas estavam se dirigindo: para cá, para este hotel, porque outro corpo havia sido encontrado, o que significava...

"Patrick", eu pensei. "Ele matou de novo". E em meu cérebro semidesperto eu vi seu rosto ávido, enquanto ele escapava das correntes que eu havia posto com tanto cuidado ao redor de seu corpo; e em meu horror semiconsciente eu olhei enquanto ele lenta e alegremente começou a nadar na direção do hotel, na *minha* direção, seu rosto em decomposição fixado em um sorriso morto...

A imagem estava perto demais e era real demais, e abri meus olhos com um sobressalto. "Impossível", falei para mim mesmo. Mas, no quarto às escuras, com as sirenes soltando o seu lamento e o sono ainda embotando o meu cérebro, não parecia impossível. "Ele está morto", eu disse para mim, "completa e totalmente morto". E eu sabia disso com uma certeza absoluta, mas com a mesma segurança as sirenes se aproximavam, e com a mesma segurança eu sabia que elas estavam se dirigindo para cá.

Dei uma olhada no quarto às escuras e tentei me concentrar em coisas reais: uma cadeira, uma mesa, a janela. Os fantasmas começaram a desaparecer no mundo dos sonhos, e respirei profundamente – e então um novo pensamento surgiu rápido, e, à sua maneira, era tão perturbador quando o primeiro pesadelo:

E se eu matei a pessoa errada?

E se aquela tivesse sido uma pessoa qualquer, inocente como um escoteiro do mais alto nível, em seu caiaque, e que por acaso se parecia com uma fotografia borrada no Facebook? E eu havia esmagado a garganta dele e o afogado e transformado em

comida para os caranguejos, pensando que era Patrick – e agora o Patrick *de verdade* estava bem aqui, agora, neste hotel, e ele tinha acabado de matar alguém, e ele poderia até mesmo estar a caminho daqui, deste quarto...

Fiquei acordado. Saí do sofá e fiquei parado por alguns instantes, piscando feito um idiota, e então peguei a Glock e fui silenciosamente até a porta do quarto de Jackie. Fiquei parado lá por um momento, tentando ouvir algum som, e quando encostei meu ouvido à porta, ela se abriu com força e eu quase caí.

Jackie estava lá parada, os olhos muito abertos, uma das mãos na maçaneta da porta e outra na garganta. Ela estava usando uma camisola de algodão bem simples que chegava até a metade das coxas e, sei lá como, nela a camisola parecia mais atraente do que qualquer coisa que a Frederick's de Hollywood[17] poderia produzir. Fiquei olhando-a boquiaberto por um momento, antes que a voz dela me trouxesse de volta para a vida real.

– Eu ouvi as sirenes – ela disse. – E fiquei pensando... – Ela olhou para baixo e viu a pistola na minha mão, e seus olhos se arregalaram ainda mais. – Oh.

– Eu também pensei a mesma coisa – contei, e ela assentiu.

Por uns trinta segundos, só ficamos lá parados, ouvindo enquanto as sirenes se aproximavam ainda mais. Em minha cabeça, nunca houve a menor dúvida quanto ao fato de elas estarem se dirigindo para o hotel, mas, mesmo assim, prendemos a respiração quando ouvimos o som alto e estridente diminuir aos poucos e então cessar por completo bem abaixo de nós, no pátio. Fui até a porta da varanda e a abri, saí e olhei para baixo. Dois carros de patrulha haviam parado em um ângulo estranho, típico dos policiais apressados. As portas estavam bem abertas e as luzes piscantes se refletiam acima e na frente do hotel e, enquanto eu observava, mais carros pararam atrás dos dois, carros de patrulha cheios de detetives. Eu voltei para a suíte e fiquei ao lado de Jackie; olhamos as luzes piscando através da porta aberta da varanda, até que Jackie finalmente se lembrou de respirar.

– Oh – ela disse –, oh, que merda.

– É – eu falei.

Jackie inspirou com dificuldade, e então disse:

– Não é... quer dizer, nós não sabemos... Merda.

Mesmo com as frases incompletas, eu segui o raciocínio dela perfeitamente. E embora eu tivesse vontade de tranquilizá-la, dizer-lhe que não era mesmo, que não *poderia* ser, aquela imagem meio sonhada não me abandonava, e eu só fiquei lá parado e senti o suor sair da minha mão e passar para a empunhadura da Glock.

Jackie balançou a cabeça e caminhou rapidamente pelo quarto e foi até o sofá e se sentou, se inclinando para a frente, os joelhos bem juntos, com as mãos na almofada ao lado deles. Eu a segui e me sentei ao lado dela. Parecia que não havia muita coisa a ser dita. Eu me lembrei de que ainda estava segurando a Glock e voltei a travá-la.

Ainda estávamos sentados daquele jeito uns cinco minutos mais tarde quando o interfone tocou. Eu o peguei e disse:

-Sim?

– Mas que merda está acontecendo? – disse uma voz; eu a reconheci, era a minha irmã, Deborah, e ela parecia estar muito tensa. – Vocês estão bem?

– Está tudo bem, Debs – eu disse, com uma voz tão tranquilizadora quanto fui capaz de produzir. – Você está aqui no hotel?

Debs soltou a respiração, soando quase como se estivesse exalando uma grande baforada de fumaça de cigarro.

– Estou aqui embaixo, no *lobby* – ela disse.

– O que aconteceu aí embaixo? – perguntei, *o que* era desnecessário. Eu tinha certeza de que sabia o que tinha acontecido; eu só não sabia *com quem.*

– Tem uma mulher morta aí, um andar abaixo do de vocês – disse Debs, e a voz dela soava muito ríspida. – Ela está bem desfigurada, mas tem uma carteira de motorista em nome de Katherine Podrowski. Isso significa alguma coisa pra você?

– Podrowski? – eu disse, e ouvi Jackie ofegar atrás de mim e então emitir um ligeiro gemido.

– Kathy...? – ela perguntou.

– Um garçom do serviço de quarto viu o sangue escorrendo por baixo da porta. Ele usou uma chave-mestra, deu uma olhada e ainda está chorando – contou Debs. – Parece que nosso cara aprontou mais uma.

– Mas... – eu comecei; e, felizmente para mim, parei antes de dizer mais alguma coisa.

– É a Kathy? – perguntou Jackie em um sussurro rouco e aterrorizado.

– Ela foi retalhada, eviscerada, e um olho desapareceu – prosseguiu Deborah, de um modo bastante determinado, eu achei, e, definitivamente, muito ríspida.

– Qual olho? – eu perguntei.

Deborah soltou um sibilo alto e longo.

– Estou subindo – ela disse e desligou o telefone.

Eu também desliguei e voltei a me sentar ao lado de Jackie.

– É a Kathy – eu disse.

– Oh, meu Deus – exclamou Jackie. Ela passou os braços ao redor do próprio corpo e começou a tremer, depois a chorar. – Oh, meu Deus. Por alguns minutos ela chorou e se balançou; os braços segurando com firmeza o próprio corpo. E então inspirou profundamente, com dificuldade, e inclinou o corpo sobre as coxas. – Oh, Jesus, ai que merda. É minha culpa, tudo isso é culpa minha. – E colocou as mãos sobre o rosto e, depois de uns instantes, os ombros voltaram a tremer.

Como já mencionei, realmente não entendo a maior parte do comportamento humano, mas entendo mesmo uma dica básica quando vejo uma; e quando uma mulher esconde o rosto nas mãos e chora, qualquer homem sentado ao lado dela deve proporcionar conforto e apoio. Então eu fiz isso, colocando um braço ao redor do corpo de Jackie e dando umas palmadinhas ligeiras no ombro dela.

– Não é culpa sua – eu disse, o que era mais do que óbvio. – Você não pediu para ter um perseguidor psicótico.

Ela fungou alto, a primeira coisa não atraente que a vi fazer.

– Eu deveria ter dito para eles – ela falou. – Eu deveria... tão egoísta, e agora Kathy está morta.

– Não tinha como você saber que ele iria fazer isso – eu falei. – Não é sua culpa de jeito nenhum. – E isso pode não ser assim tão lisonjeiro para mim, mas eu estava sentindo muito orgulho do jeito como estava encontrando as coisas adequadas para dizer. Afinal, a maior parte do meu poder cerebral estava dedicada a tentar descobrir quem havia matado Kathy, já que eu tinha certeza absoluta de que não tinha sido Patrick.

– É, sim. *É* minha culpa – ela insistiu. – Se eu não tivesse ficado tão preocupada com minha carreira idiota... e agora Kathy está morta por causa de um seriado de televisão idiota de que eu nem gosto! – Seus ombros tremeram com ainda mais força, e ela soltou um lamento misturado com uma fungada e se virou para mim, afundando o rosto no meu peito, e quando fez isso eu tive a profunda consciência de que a camisola dela era realmente muito fina, e de que eu ainda estava vestido para dormir – o que significava, sem camisa e usando apenas uma samba-canção meio velha. Meu outro braço instintivamente passou ao redor do corpo dela, e eu a segurei, sentindo as lágrimas e outras coisas escorrendo pelo meu peito. Fiquei imaginando por que não me importava.

Porque eu não me importava; na verdade, estava me sentindo muito bem mesmo. Parei de dar as palmadinhas no ombro dela e comecei a massageá-lo, de um modo que esperava que fosse tão relaxante para ela quanto para mim. A pele dela estava morna, seca e muito macia; eu ainda conseguia sentir um leve cheiro do perfume exalado por ela, e comecei a pensar em todos os tipos de coisas impensáveis que não se encaixavam mesmo no estado de espírito do assassinato recente.

Felizmente para todos nós, umas batidas autoritárias soaram na porta da suíte; eu me afastei de Jackie e fui até a porta.

– Quem é? – perguntei, de modo bastante desnecessário.

– Mas quem diabos você pensa que é? – rosnou alguém que só poderia ser a Deborah. – Abra a porra da porta!

Abri a porra da porta, e Deborah passou por mim como uma fúria e entrou no quarto. Ela parou ao ver Jackie amontoada no sofá, com os olhos vermelhos e o nariz escorrendo e, uma coisa que tem de ser admitida, não estando com a melhor das

aparências. Debs se virou para mim e, pela primeira vez, pareceu perceber que minha indumentária era um tanto informal. Ela balançou a cabeça, claramente ainda sentindo o fogo latente dentro dela por causa das coisas de modo geral e procurando algo a que pudesse atear fogo. E, como sempre, esse algo era eu.

– Linda calcinha – disse ela, olhando fixamente para minha roupa. – Você está pensando em perseguir o cara usando isso?

Eu queria mesmo dizer para Deborah que não iria de jeito nenhum perseguir o cara, não sem um cilindro de oxigênio – mas não podia. Debs sabe o que eu sou e, de sua maneira restrita, ela quase aprova – mas Jackie não, não aprovaria, e isso teria deixado a conversa um tanto embaraçosa. E eu ainda estava fechando a boca quando aquela incerteza minúscula e maldosa se insinuou de volta na – totalmente ridícula – dúvida ilógica de que eu poderia ter matado a pessoa errada. Então, em vez disso, eu só disse:

– Dá a impressão de que é o mesmo assassino?

Deborah me olhou feio.

– Quantos desses malucos você acha que a gente tem andando por aí? – ela questionou, e passei por um momento de grande desconforto antes de ela acrescentar: – Ainda não vi o corpo, mas parece que é o mesmo.

– Ah – eu disse, com um ligeiro tremor de esperança. Jackie deu uma fungada das grandes, e eu me lembrei do motivo. – Vocês já identificaram o corpo?

– A foto da carteira de motorista bate – disse Deborah. – É ela, não tem dúvida. Kathy Podrowski. – E olhou para Jackie e disse, desnecessariamente: – A sua assistente.

Jackie emitiu um som que estava a meio caminho entre um lamento e a ânsia de vômito, e Deborah deu uma olhada para ela antes de se voltar para mim:

– Nós dois sabemos o que isso significa. E nós dois sabemos o que temos de fazer a respeito disso.

– Sim – eu falei. – Você tem de contar para o policial encarregado essa história que a gente está deixando de lado.

– Exato – ela rosnou.

– Hum – eu disse. – Quem é o encarregado?

O rosto de Deborah demonstrou uma raiva ainda maior, o que era impressionante, e ela rosnou:

– O Anderson.

Eu pisquei.

– Mas isso é... – eu disse, mas Deborah balançou a cabeça com amargura.

– Dois tiroteios envolvendo carros esta semana, mais uma decapitação ritualística, e aquela carnificina no Grove – ela disse amargamente. – E então é a vez do Anderson de novo porque estou ocupada escondendo essa merda dessa história do demente, e quando o capitão Matthews descobrir eu vou ter muita sorte se só for rebaixada para a Fiscalização e... Mas que *merda,* Dexter!

Vindo do sofá, houve um ligeiro som de alguém pigarreando, e nós dois nos voltamos para Jackie. Ela estava sentada muito ereta, os joelhos juntos, uma das mãos segurando a garganta. Seus olhos ainda estavam vermelhos, mas ela havia parado de fungar e estava claramente lutando para controlar suas emoções.

– Se isso puder prejudicar sua carreira... – ela disse, hesitante.

– Nem diga isso – disse Deborah, brusca.

Jackie pareceu intrigada e depois chocada. Balançou a cabeça.

– Ah, não – ela disse. – Eu estava só... Eu ia dizer que posso dizer para eles que foi tudo minha culpa. E é isso mesmo, porque você recebeu ordens para fazer o que eu pedisse, e... – Ela ergueu a mão e deixou-a cair no sofá ao lado de seu corpo. – Eu só... eu não quero que ninguém mais seja ferido – ela terminou de dizer com voz fraca. Enfrentou o olhar duro de Deborah por uns instantes, sem piscar, e então afastou os olhos. – É minha culpa. Parecia tão pequena e vulnerável que eu queria matar coisas por ela.

Deborah não parecia encarar as coisas da mesma maneira.

– Não importa o que você diga para eles – ela falou, inflexível. – Eu sou uma oficial que fez um juramento e tenho de saber o que fazer. – Encarou Jackie, mas a atriz não ergueu os olhos, e depois de uns instantes o olhar de Deborah ficou um pouquinho

menos duro: – Não é culpa sua. Sou eu que... Eu *sei* muito bem o que devo fazer, e fiz o que fiz. – Deborah endireitou o corpo, como se estivesse pronta para enfrentar o pelotão de fuzilamento, e era isso mesmo, administrativamente falando. – Eu ferrei tudo. A responsabilidade é minha, então, eu aguento as consequências. Inspirou profundamente, se voltou e se dirigiu para a porta com um passo tão cadenciado que eu quase podia ouvir a marcha do Coronel Bogie[18] tocando.

– Deborah – eu disse. Ela me olhou com uma expressão gelada, uma das mãos na maçaneta da porta, mas eu não conseguia pensar em nada para dizer que pudesse melhorar a situação. – Hum... Boa noite...?

Debs me olhou sem a menor expressão por um tempo que pareceu longo demais. Em seguida, só balançou a cabeça, abriu a porta e saiu.

Fui até a porta, fechei-a e coloquei a corrente. Fiquei parado ali por uns instantes, pensando no que a morte de Kathy significava. Ou a conversa com Deborah havia mandado um jorro de adrenalina para meu cérebro, ou eu estava apenas ficando completamente acordado, mas comecei a ver inconsistências pequenas e perturbadoras. Se alguém fora capaz de entrar no quarto da Kathy, não teria sido igualmente fácil entrar aqui, no nosso quarto? E, algo ainda mais básico: por que a Kathy? Ela não era loira, nem jovem, e, definitivamente, não era atraente. O corpo dela não tinha sido jogado em algum lugar público, e Debs havia dito que tinha sangue escorrendo por baixo da porta, o que não combinava com o modo como as outras vítimas tinham sido assassinadas. É claro, alguma coisa poderia ter apressado Patrick e ele teria precisado ir mais depressa do que gostaria, e então...

Mas não: de jeito nenhum. Era realmente impossível, e afastei o pensamento com firmeza. Não era Patrick, não poderia ter sido Patrick. Eu *O* havia matado, e não outra pessoa; Patrick estava mortinho, e já parcialmente comido por uma voraz vida marinha. E, não importava quão popular fosse a ideia difundida agora na televisão, eu me recusava a acreditar que ele havia voltado do mundo dos mortos. Definitivamente, não era Patrick.

Então, quem era?

Quem havia matado Kathy, e por quê?

E o que eu faria a respeito, se é que faria algo? Afinal, isso não era problema meu, de jeito nenhum. Kathy me odiara, e eu não tinha motivos para me importar. A morte dela, não importava quão desagradável tivesse sido, não tinha absolutamente nada a ver comigo, e não havia a menor razão para que eu continuasse a pensar nela.

É claro, Jackie estava chateada, mas encontraria uma nova assistente. Ela estaria mais preocupada com a possibilidade de perder o papel que a havia trazido para Miami. Porque Deborah teria mesmo de relatar a ameaça do perseguidor. Mesmo que eu dissesse para minha irmã que o perseguidor já havia partido desta pra melhor, ela não poderia dizer isso para outro detetive.

Então, provavelmente Debs tinha razão – ela estava encrencada. Quão encrencada dependeria de uma porção de coisas, como o jeito de ela apresentar as informações quando contasse para Matthews o que havia acontecido. Havia possibilidades: enfatizar cuidadosamente que estava seguindo ordens, auxiliando a produção, e que o detetive Anderson poderia facilmente ter obtido as mesmas informações se não estivesse ocupado transformando a investigação em um desastre – daria para fazer isso. Deborah poderia sair ilesa da história. É claro, isso tudo teria de ser feito de modo muito sutil, mas, mesmo assim...

E quando essa palavra, “sutil”, passou pela minha cabeça, eu suspirei. Deborah era tão sutil quanto um elefante roxo. Ela não teria a menor ideia de como proceder em uma situação como essa. Eu poderia até escrever um roteiro para ela, mas Deborah nunca seria capaz de desempenhar o papel assim como ele fora escrito. Eu conhecia minha irmã muito bem e, embora fosse muito capaz como policial, era totalmente incapaz como política. Nunca tinha conseguido seguir as regras do jogo de modo adequado, e não iria começar bem agora. Além do mais, ela já havia se deixado ficar em um frenesi masoquista e estava claramente disposta a levar a culpa no caso, porque era A Coisa

Certa a fazer – como se isso realmente significasse alguma coisa.

Não, do jeito que as coisas estavam agora, a cabeça de Debs seria servida em uma bandeja. E quando isso acontecesse, o destino de Dexter seria terminar como sobremesa. Eu também tinha de saber qual era o limite, tão claramente quanto Deborah, e o tinha ultrapassado sem a menor sombra de dúvida. Eu não sabia muito bem qual poderia ser minha punição – a Fiscalização não tinha departamento forense –, mas, com quase toda a certeza, seria alguma coisa desagradável. Suspensão, provavelmente ficar sem pagamento – e bem quando eu mais precisava do dinheiro.

– Dexter – disse Jackie em voz baixa, e eu me virei bruscamente para olhá-la. Por um momento, perdido em meus desagradáveis pensamentos, eu havia esquecido que ela estava lá. – O que vai acontecer? Com Deborah? E com você?

Eu balancei a cabeça e respondi:

– É cedo demais para dizer.

– Mas pode ser alguma coisa ruim?

– Pode ser.

Ela olhou para seus joelhos. Eles eram muito bonitos, mas eu não via uma razão premente para ela ficar olhando-os. Eu a observei, mas ela não fez nada interessante; e, depois de um momento, um grande bocejo se apossou de mim, e percebi que estava muito cansado. Afinal, ainda era o meio da noite, e fingir estar perpetuamente vigilante consome um bocado de energia. De repente, eu não queria mais nada no mundo além de me deitar e dormir – e Jackie estava sentada na minha cama, o que tornaria o ato de esticar o corpo e dormir um tanto embaraçoso, ou, pelo menos, uma ação com a participação de gente demais. Eu havia acabado de formular um jeito educado de pedir para Jackie sair do sofá, de modo que eu pudesse me deitar e dormir, quando ela falou, abrupta, ainda olhando fixamente seus joelhos:

– Ele vai voltar, não vai?

A princípio, eu não sabia o que ela estava querendo dizer, e depois eu não sabia muito bem o que dizer. Após alguns

segundos de um silêncio embaraçoso, ela finalmente me olhou e disse:

– O assassino. Patrick. Ele vai voltar e vai tentar de novo.

– Ah, eu não sei.

– Ele vai. Eu sei que ele vai. E da próxima vez...

Jackie estremeceu, mas não disse mais nada, então eu retornei às minhas observações *já* prontas a respeito do assunto "sono".

– Seja como for – eu disse –, amanhã vai ser um longo dia. – Eu me aproximei do sofá e fiquei parado ao lado ela, olhando cheio de desejos para meu local de repouso. – A gente deveria tentar dormir um pouco.

Ela se levantou bruscamente, e, ao tentar sair da frente dela, eu quase caí por cima da mesa lateral. Ela agarrou meu braço e me segurou; mas, quando eu endireitei o corpo, ela não me soltou. Pelo contrário, ela se aproximou e me olhou, e aqueles olhos cor de lavanda estavam imensos; parecia que iam me olhar para sempre.

– Ele vai voltar – ela disse. – Eu sei que vai. – Ela inspirou profundamente e com dificuldade. – Ele poderia estar aqui no hotel, agora mesmo.

Ela estava muito mais perto de mim do que precisaria estar para me dizer isso, mas eu não reclamei. Só engoli em seco e respondi com uma boca que, sei lá por que motivo, subitamente estava seca demais.

– Bom, pode ser – eu falei, e, de algum jeito, ela conseguiu se aproximar ainda mais.

– Eu não quero ficar sozinha. Não esta noite. Eu estou... estou com medo. – Ela ergueu o rosto para mim com seus olhos muito abertos e atemorizados, e eu senti que estava caindo em um infinito mar cor de lavanda.

Eu não consegui dormir muito aquela noite, mas nem liguei, mesmo. Acontece que eu não estava nem um pouco tão cansado quanto tinha pensado que estava.

CAPÍTULO 26

ACORDEI NO MEIO DA NOITE E POR QUASE UM MINUTO INTEIRO FIQUEI deitado cochilando, os olhos fechados, sem saber onde estava. E nem sei bem o porquê, mas isso não me preocupava nem um pouco. Um lençol macio e perfumado me cobria da cintura para baixo, e uma sensação de entorpecimento semiextático cobria o resto do meu corpo. Fiquei deitado lá entre o sono e a vigília, pensando como é que eu tinha ido parar onde quer que eu estivesse; e por que aquilo deveria me fazer sentir tão bem.

E então alguma coisa fez um ligeiro ruído ao meu lado, e por causa do som os meus olhos se abriram por inteiro. Eu me virei para o lado esquerdo e olhei.

Jackie Forrest, estrela da TV, adorada por milhões e perseguida por negociantes de armas gregos, estava deitada ao meu lado, nua. Seu cabelo dourado estava despenteado e esparramado de modo desigual pelo travesseiro, e uma das mãos fechada ao lado do rosto. O lençol não cobria o corpo dela por inteiro; dava para eu ver a ligeira névoa de sardas que cobriam seus ombros, desciam pelo peito e pelos seios – os seios dela, perfeitos e incríveis.

Até então, eu nunca tinha entendido a obsessão masculina por essa característica feminina; os seios são, afinal de contas, nada mais do que um equipamento funcional, até mesmo utilitário. Eles eram, em sua origem, uma ferramenta de sobrevivência de primeira necessidade para a criação de filhos saudáveis, tornados ligeiramente obsoletos com o advento das mamadeiras e do moderno leite em pó para os bebês; e entrar em um transe abobalhado só por vê-los sempre tinha me parecido o cúmulo da estupidez humana.

Mas, enquanto olhava os seios de Jackie Forrest, eu entendi a loucura pela primeira vez. Os seios da Jackie eram algo separado da humanidade; eles tinham um lugar de destaque no plano dos avatares, belos, perfeitos, coisas icônicas, a própria representação de tudo que o seio feminino ideal deveria ser; tão

além de qualquer coisa que já tivesse visto antes que eu só podia ficar maravilhado ao olhar fixamente para eles. Então, era *isso* que causava tanta loucura...

Não consegui evitar; estendi a mão e toquei o seio que estava mais perto. Ele era delicado ao toque, incrivelmente macio, e convidava a um exame mais próximo e mais detalhado. Eu o cobri com minha mão e fui recompensado com uma sensação de satisfação que nunca tinha sentido antes, ou nem mesmo acreditado que fosse possível. O mamilo rosado e perfeito roçou contra a palma da minha mão e ficou rígido – e isso, também, era impressionantemente, implausivelmente satisfatório.

Jackie fez um movimento ligeiro, uma leve mudança na posição dos quadris e dos ombros, uma das pálpebras estremeceu. Eu afastei a mão, e então, ainda sem saber muito bem o que estava fazendo, e o porquê, aproximei minha boca do seio dela e rocei os lábios nele.

Jackie fez outro movimento ligeiro. Em seguida, a mão dela passou suavemente por meu rosto e rodeou minha nuca, e me sentei e olhei seu rosto.

Os olhos dela estavam entreabertos, e sua língua deslizou pelo lábio inferior, e então a boca se curvou em um sorriso sonolento.

– De novo? – ela disse com um quase sussurro rouco. Estendeu a mão e puxou meu rosto para perto do dela, e nós fizemos de novo.

Em algum lugar à distância, em uma neblina de felicidade perfeita, um zumbido irritante começou a se insinuar na nuvem etérea de euforia em que Dexter flutuava, sem sonhar. Eu tentei afastá-lo e voltar para a minha nuvem, mas o som ficou mais alto e mais insistente, e a nuvem começou a se desmanchar, resquícios de felicidade absoluta desaparecendo no monótono e cinzento torpor da consciência que retornava. Ouvi um ruído ao meu lado e abri um olho enquanto Jackie desligava o despertador e saía desajeitada da cama, indo rapidamente para o banheiro.

Eu a observei se afastar, tonto por causa da falta de sono, mas acordado o suficiente para me espantar com o que havia acontecido comigo. Eu estava deitado na cama de uma Estrela

de Verdade e havia passado a noite fazendo coisas improváveis com ela – coisas que nunca antes pensara em fazer, mas que, de algum modo, eu havia feito com tanta naturalidade com Jackie. E pensei de novo nas multidões que a seguiam com tamanha adoração boquiaberta, e como qualquer um deles teria dado tudo que tinha para poder ser eu agora – ou, pelo menos, algumas horas atrás. Mas só tinha um de mim, e eu era ele, e eu havia passado a noite na cama com Jackie Forrest.

Ouvi a água começar a correr no banheiro, e Jackie começou a se mover sob o chuveiro fazendo muito barulho. Eu me espreguicei e fiquei lá deitado por um momento, muito satisfeito comigo mesmo. Eu tinha realizado um feito notável e me sentia muito bem a respeito. Mas, além disso, percebi que estava com fome, o que não deveria ter sido nenhuma surpresa. Afinal, eu havia queimado um bocado de calorias à noite, e meu corpo nunca se envergonhava na hora de pedir um reabastecimento.

Saí da cama e fiquei olhando ao meu redor, entontecido, procurando minha cueca. Eu tinha certeza de que ela havia chegado a entrar no quarto, mas não tinha tanta certeza assim até que ponto. Finalmente, encontrei-a aos pés da cama, por baixo dos lençóis amarfanhados. Eu a vesti e fui em silêncio para a sala de estar, localização da minha antiga cama, o elegante sofá de couro. Lindo para se olhar, delicioso para ficar deitado nele, mas não era nem de longe o local ideal para dormir, e eu teria ficado feliz por me afastar dele por uma razão muito menor. Mas sair do sofá e ir direto para a cama de Jackie era o melhor dos mundos possíveis.

Contudo, quando me flagrei chapinhando em um pântano de auto- congratulação fútil, um pensamento ínfimo e desagradável aterrissou ao meu lado. Por que eu deveria acreditar que essa mudança tinha algum significado? Na noite anterior, Jackie tinha ficado nervosa, apavorada, precisando desesperadamente de conforto e de companhia. Isso não era garantia de que ela fosse se sentir do mesmo modo essa noite, ou na noite seguinte, ou jamais. Sou um completo ignorante nas questões sexuais e emocionais humanas, mas sei o suficiente para saber que quase nada nesse departamento é garantido. Cada pessoa é diferente,

cada uma tem expectativas diferentes, e não há duas que tenham a mesma experiência, mesmo quando a compartilham. Baseado no que eu posso dizer, a coisa toda se parece com duas pessoas falando línguas diferentes que têm as mesmas palavras; tudo tem o mesmo som, mas as palavras têm significados diferentes em cada língua. Para uma pessoa, *amor* quer dizer sexo; e, para a outra, quer dizer para sempre – dois sentidos completamente diferentes e, entretanto, até a pronúncia das duas sílabas é a mesma.

Então, o que a noite passada realmente significou?

Para mim? Eu tinha passado as melhores horas que jamais tinha passado sem ter de recorrer ao uso de fita adesiva e estava com muita vontade de fazer com que isso virasse o Novo Normal – mas não tinha a menor ideia a respeito do que Jackie estava pensando. Ela havia agido como se estivesse se divertindo, mas poderia ter sido só isso: atuação. Talvez tivesse decidido trocar algumas horas de esforço indigno pela proteção extra de ter alguém perto dela, um braço protetor caso Patrick aparecesse. Certamente, isso fazia mais sentido do que pensar que havia resolvido que Dexter estava destinado a ser seu príncipe encantado para todo o sempre. Afinal, ela era uma beldade internacional, e o que eu era? Nada, na verdade; nada além de um perito forense CDF que fazia bicos praticando vivissecção humana. Eu não tinha o direito de assumir que haveria mais de uma noite; nenhuma razão lógica para pensar que uma noite de abraços ardorosos tinha sido o primeiro passo rumo a um futuro novo e brilhante.

Fiquei parado ao lado do sofá, sob a cálida luz do sol que entrava pelas janelas, e senti que estava perdendo o ânimo. Tudo isso terminaria cedo demais, e agora havia muito mais para lamentar do que o excelente menu do serviço de quarto.

Por outro lado, o menu era realmente excelente, e, desanimado ou não, eu ainda estava com fome. Peguei o telefone e pedi o café da manhã.

Eu tinha acabado de comer e estava na metade da minha segunda xícara de café quando Jackie finalmente apareceu na

varanda. Ela hesitou por uma fração de segundo, e então se inclinou e me beijou antes de se sentar, e disse:

– Bom dia.

– Parece que é – eu respondi, cheio de cautela. – Como... hum... – E percebi que estava balbuciando e mergulhei em um silêncio bastante embaraçoso.

– O quê? – perguntou Jackie.

– Bom, eu ia perguntar se você tinha dormido bem, mas, de repente, isso me pareceu uma coisa tão incrivelmente idiota, porque...

– É.

– Então, hum... você quer um pouco de café?

– Muito.

Enchi uma xícara para ela, e ela a pegou e a segurou perto da boca com as duas mãos, soprando para que o café esfriasse, e depois o bebendo. Quando a xícara estava pela metade, ela a abaixou e inspirou profundamente. Então soltou o ar, lenta e perceptivelmente, e olhou para o colo.

– Eu não... – E então mordeu os lábios e ergueu os olhos. – Eu me sinto péssima.

Eu não via como poderia aceitar essa observação como um cumprimento, e isso deve ter transparecido em meu rosto, porque Jackie pareceu ficar ligeiramente assustada e acrescentou rapidamente:

– A respeito da Kathy. De ela estar... morta.

– Ah – eu disse, com certo alívio muito egoísta. Eu tinha ficado tão envolvido em meus pensamentos torturantes que havia até esquecido a história da morte da Kathy. Muito superficial, sem dúvida, mas eu nunca aleguei ser uma pessoa cheia de compaixão.

– É minha culpa – disse Jackie. – Meu egoísmo fez com que ela fosse morta. E então nós... eu me sinto tão *mal* a respeito do que fiz...

Senti vontade de dizer-lhe que ela não devia mesmo, porque tinha feito tudo muito bem; mas, àquela altura, eu sabia que ela estava falando a respeito da Kathy. Com certeza, algumas palavras de conforto se faziam necessárias – e, coisa

surpreendente, percebi que eu queria fazer com que ela se sentisse melhor.

– Jackie – eu disse não foi culpa sua, não foi mesmo. Se foi culpa de alguém, foi minha.

Ela pareceu ficar espantada.

– Sua? – ela disse, e eu assenti.

– Espera-se que eu seja o especialista – eu disse. – E eu não tinha a menor ideia de que ele iria atacar a Kathy. Então, você não tinha como saber.

Jackie bebeu seu café e franziu as sobrancelhas.

– Talvez. Mas...

– Na verdade – eu falei –, isso é tão contrário ao padrão de comportamento do Patrick que eu não sentiria a menor surpresa se descobrisse que não tinha sido ele. – Não acrescentei que eu ficaria ainda mais surpreso se descobrisse que *tinha sido* ele.

– Você quer dizer que *outra* pessoa matou Kathy? – disse Jackie. – Mas *por quê?*

– Não sei – respondi.

Jackie franziu as sobrancelhas e abaixou o olhar, e então balançou a cabeça.

– Não – ela acabou dizendo. – Quem mais poderia... Não. Isso é loucura.

– Exatamente o que estou querendo dizer – eu falei. – Cidadãos saudáveis e sensatos geralmente não fazem essas coisas. – E, devo dizer, eu falava nisso com certo conhecimento de causa.

Ela pensou no assunto, bebendo seu café, e finalmente suspirou e balançou a cabeça de novo.

– Não. Sei que você está tentando fazer com que eu me sinta melhor, mas... não acredito nisso.

Olhei para Jackie, se revolvendo em uma tristeza desnecessária, e em um dos momentos mais estranhos até então, eu percebi que queria que ela sorrisse, desse risadas, sentisse o sol e o vento em seu rosto e conhecesse a verdadeira felicidade; ou, pelo menos, terminasse seu café sem cair em lágrimas.

– E se eu puder provar que foi outra pessoa? – eu disse.

Ela pareceu ficar um pouco assustada e perguntou:

– Como?

Eu sorri, e foi quase um sorriso de verdade.

– É isso que eu faço – falei. – Modéstia a parte, tenho de admitir que sou um perito forense muito bom.

– E é muito bom também em mais uma coisinha ou duas – ela disse, mas percebeu que estava sendo leviana e ficou com expressão culpada. Ela se voltou para o outro lado de novo, franzindo as sobrancelhas.

– Tudo que quero é olhar os relatórios e falar com Vince, antes de você decidir que não merece mais viver – eu disse.

Um longo momento depois, ela tornou a me olhar; e se não havia uma verdadeira esperança em seu rosto, pelo menos ela não parecia mais estar completamente infeliz.

– Tudo bem – ela disse. Bebeu outro gole de café, seguido por uma inspiração profunda, e deixou que um olhar determinado tomasse conta de seu rosto. – Certo – ela falou. Colocou a xícara na mesa e estendeu a mão na direção dos dois pratos cobertos sobre a bandeja, e hesitou. – Qual dos dois é o meu?

– Os dois – respondi, e ela ergueu uma sobrancelha. – Bem, eu não tinha certeza... Quer dizer, pedi seu habitual café da manhã minguado – eu disse, batendo em uma das tampas de prata –, mas pensei... de qualquer jeito, tem também uma omelete e um pouco de *bacon,* caso você quisesse alguma coisa mais, porque, hum... – terminei falando meio desajeitado, soando demais como a Rita.

– Porque eu abri meu apetite ontem à noite? – ela disse.

– Bem... sim, eu acho que sim.

Ela sorriu e disse:

– E como. Mas começamos a trabalhar na frente das câmeras amanhã, então... – Ela deu de ombros e ergueu a tampa da bandeja com as torradas e o suco de *grapefruit.* Colocou a tampa de lado e pegou uma fatia de torrada, fazendo barulho ao mastigar e bebendo o suco.

Dei uma olhada na outra tampa, a que cobria a omelete, e quer fosse fome de verdade, ou só a necessidade de fazer alguma coisa, eu ergui a tampa.

– Se você tem certeza – eu falei. – Quer dizer, a omelete está muito boa mesmo.

Jackie bebeu o suco e disse:

– Tenho certeza.

Comi a omelete.

Quando terminei, coloquei mais café na xícara de Jackie, e então na minha. Bebemos, e o silêncio ficou mais profundo, e eu fiquei pensando se deveria começar a tagarelar, só para acabar com o silêncio.

– Ouça – ela acabou dizendo. Eu a olhei, atento. – A noite passada... – Ela bebeu mais café e então afastou o olhar. – Foi muito bom.

– *Muito* bom – eu falei. – Quer dizer, *bom* não parece mesmo ser a palavra adequada.

Ela tornou a me olhar e me dirigiu um rápido sorriso.

– Fico feliz por você pensar assim – ela disse. – Porém... – ela balançou a cabeça e olhou seus pés. – Sempre tem um *porém,* não tem?

– Eu não, hum... tem? Quer dizer, sempre? – perguntei.

Jackie me olhou de novo e deu um sorriso meio pesaroso.

– É, sempre – ela disse. – Quer dizer, agora é uau, graças a Deus, mais uma vez... mas as coisas sempre são diferentes à luz do dia... – Provavelmente ela tinha razão, e por um breve instante eu desejei fazer de novo à luz do dia, para ver quão diferente era, mas Jackie não parecia estar com a mesma disposição; suspirou profundamente e tornou a afastar o olhar.

– Eu estava apavorada a noite passada – ela disse. – Tinha certeza de que ele estava no hotel, vindo atrás de mim, e... – Fez uma pausa abrupta e me olhou atordoada. – Não é que... – ela disse, parecendo estar muito embaraçada. – Quer dizer... foi uma coisa que eu queria mesmo fazer. Com... você. – Ela olhou os seus joelhos. – Você tem esse... eu não sei. Tem alguma coisa em você que... – Franziu os lábios e balançou levemente a cabeça duas vezes. – Eu não sei. Assim, você é esse... *cara* normal, seguro e, e... sólido? Comum? Não, talvez confortável? – Ela balançou a cabeça mais uma vez. – E, ao mesmo tempo, tem essa impressão que eu tenho, como se você fosse um daqueles

meninos encrenqueiros de quem eu costumava gostar, com um canivete no bolso ou algo assim, e a combinação é tão...

Ela me olhou, e sua língua passou pelo lábio inferior. Suspirou e baixou os olhos de novo.

– Eu gosto mesmo de você, Dexter – ela disse. – Quer dizer, é sério. Mas... nós vivemos em mundos diferentes, e você sabe. Eu vou voltar para Los Angeles, e você vai voltar para a sua esposa.

– Eu não *preciso* voltar – falei e isso escapou da minha boca antes mesmo de eu perceber o que estava dizendo.

Ela me olhou com muita seriedade, depois desviou o olhar. Então, balançou a cabeça.

– Você tem filhos, e... não vamos deixar a situação complicada, tudo bem?

– Não é assim tão complicada – eu falei.

Jackie sorriu com um pouquinho de tristeza e disse:

– É. Sempre é.

– Eu sei que não sou um negociante de armas grego – eu falei. – Mas...

Ela pareceu ficar espantada.

– Oh! – ela disse. – Ah, não, não é isso. – Estendeu o braço por cima dos restos do café da manhã e pegou minha mão. – Eu já tenho mais dinheiro do que posso gastar. E se esse seriado for longe o suficiente para começar a ser reprisado, vai ser o meu dinheiro E S.

– Seu o quê?

Ela sorriu.

– Dinheiro E S., sabe? Dinheiro suficiente para dizer Foda-Se para qualquer um ou qualquer coisa de que eu não goste, para não precisar me preocupar com as consequências. – Ela apertou minha mão, em seguida a soltou. – De qualquer jeito, não é esse o problema.

– Qual é o problema? – eu quis saber.

Ela suspirou de novo, profundamente, e se virou para ficar olhando a água. Olhei seu perfil. Era muito bonito, embora ela o estivesse estragando um pouquinho com mais um franzir de sobrancelhas, tendo seus pensamentos profundos e tristes a respeito de... o quê? Com certeza, não a meu respeito?

– Fui egoísta – ela acabou dizendo. – E isso fez com que Kathy fosse assassinada.

– Jackie, isso é...

– Não, deixe eu falar. – Suas sobrancelhas se franziram ainda mais. – Tantas pessoas são tão completamente voltadas para si mesmas, para o que *elas* querem, que não pensam em como isso pode afetar os outros. Sobretudo em minha profissão.

– Não é só na *sua* profissão – eu disse, pensando que isso tinha soado com uma boa descrição da vida cotidiana.

– Sempre odiei isso. Eu tento... – Fez um gesto com uma das mãos na direção da água. – Tem essa sensação de... poder... que faz parte do fato de ser famoso. E eu vi como isso transforma pessoas boas em... o que...

– Cretinos? – eu sugeri, pensando em Robert.

– Hm-hum, tudo bem – ela disse, ainda olhando para a baía. – Eu não quero isso. – Ela se voltou para me olhar, parecendo muito séria. – Não quero ser uma pessoa assim.

– Não acredito que você seja – eu falei.

– Eu vou ser – ela disse – se tentar afastar você da sua família.

Olhei para Jackie e seus profundos olhos cor de lavanda, aquele rosto perfeito, macio e um pouquinho sardento, e pela primeira vez me ocorreu que estávamos falando exatamente a respeito daquilo: Jackie me tirar da minha família. Dexter abandonar Rita e as crianças para galopar rumo a um pôr do sol regado a *mojitos* e a uma vida de bem-aventurança de primeira qualidade. Jackie e Dexter, um mundo sem fim – ou, na menor das possibilidades, um mundo sem fim por mais algumas semanas.

Eu queria aquilo; havia sentido um pouco do gosto do mundo de Jackie, e da própria Jackie, e gostara. Eu gostava de tudo relacionado a isso; o torvelinho da multidão de adoradores aonde quer que fôssemos; o gratificante rumor de adoração de todas as pessoas que nos vissem; o serviço de quarto e as limusines e as entrevistas por telefone, e a sensação de ser tão importante que cada arroto e cada soluço de nossas vidas eram significativos – eu gostei. E gostei da sensação de estar com Jackie, no mundo

dela – e na cama dela. E gostava dela. Eu queria mais disso, tudo isso.

E fiquei pensando no que aquilo significava: abandonar a conhecida labuta de me arrastar em meio ao tráfego violento duas vezes por dia, em um carrinho velho e caindo aos pedaços, e me arrastar através das piadas velhas e da rotina vazia do meu serviço, afundado até os joelhos em carnificina e insensibilidade. E para quê? Só para trazer para casa um salário pequeno demais, que desaparecia imediatamente no vácuo contínuo e voraz da vida em família, com suas hipotecas e aparelhos para os dentes e sapatos novos e compras no mercado. E o infinito e cansativo trabalho árduo de lidar com as crianças e seus problemas constantes, sempre atirados na sua direção na mesma lamúria exigente e egocêntrica; e todo o ensurdecedor ruído matinal de descobrir as meias e a lição de casa e o outro sapato enquanto eles se aprontavam para ir para a escola, seguidos por mais gritos e brigas e batidas de porta – e então a atuação praticamente idêntica todas as noites na hora de dormir; as fraldas e as brigas e as novas calças jeans e reuniões com professoras, e brigas em altos brados a cada passo ensurdecedor do caminho. E pensei em Rita, com suas frases perpetuamente interrompidas, e com a sua eterna preocupação exagerada a respeito de absolutamente tudo, e as linhas de expressão fixas em sua face enquanto ela caminhava rapidamente para uma velhice que não deveria tê-la alcançado por pelo menos mais uns dez anos, e a sensação de que ela sempre esperava de mim alguma coisa que eu não poderia lhe dar, a qual não conseguia nem ao menos identificar. Daria mesmo para deixar tudo isso para trás em troca da mera perfeição?

Eu achei que dava.

Olhei para Jackie. Ela ainda estava observando meu rosto, e os olhos dela estavam ficando úmidos.

– Jackie – comecei.

– Eu não posso, Dexter – Eu não posso mesmo.

Eu me levantei e fui me sentar ao lado dela na *chaise longue.*

– Eu posso – disse e a beijei. Por um momento, ela não correspondeu, mas depois também me beijou.

E acontece que as coisas não eram assim tão diferentes à luz do dia. Nem mesmo bem ali, na varanda...

CAPÍTULO 27

NOSSA *SIESTA* NÃO PROGRAMADA NA *CHAISE LONGUE* SE TRANSFORmou em um cochilo imprevisto, e então um despertar um tanto assustado, o que levou a um segundo banho, e ele demorou muito mais do que deveria e terminou na cama da Jackie de novo. E o dia inteiro se passou em uma indolente névoa de brincadeiras idiotas e de cochilos aconchegantes, e, antes que eu percebesse, já era noite.

E a manhã seguinte, segunda-feira, chegou rápido demais, e nos surpreendeu em um estado quase comatoso, perdidos em um sono tão profundo que não ouvimos o interfone até ele soar pela terceira vez. Eu me arrastei para fora da cama e o peguei, para ficar sabendo que o motorista da limusine estava ficando indignado e exigindo nossa materialização imediata no carro, ou chegaríamos atrasados ao *set* de filmagens e as forças da escuridão iriam destruir seu sedã.

Escovei rapidamente os dentes e penteei o cabelo, e Jackie arrumou o cabelo dela e a maquiagem, e poucos minutos mais tarde estávamos recuperando o fôlego no banco traseiro da limusine, a caminho do trabalho.

Não falamos mais nada a respeito do futuro, mas ele estava muito presente em minha cabeça. Parecia o cúmulo da ironia que, embora eu nunca tivesse tido vontade de lidar com o problema que ter uma mulher representava – a não ser como parte do meu disfarce agora eu estivesse amarrado a *duas* delas. Era uma situação estranha para mim, quase surreal. Nunca teria imaginado que, entre meus outros defeitos, eu fosse um sátiro, um cara lascivo; Don Juan Dexter, caminhando a passos largos pela vida com um sorriso libidinoso, hordas ávidas de beleza feminina seguindo os meus passos. Que canalha que eu era – e como isso me deixava feliz de um modo tão cretino. Era como viver uma absurda fantasia adolescente: pular da cama com minha deusa de estimação e depois entrar na limusine. E então ir para um dia duro de trabalho no *set* de filmagem, almoço com o

meu agente, passar por uma entrevista ou duas, sempre fazendo pausas ao longo do caminho para permitir que o tropel de mulheres em adoração se iluminasse no clarão de meu radiante magnetismo. Dexter Dionisiano, o surpreendente deus do amor.

Meu estado de espírito efervescente – e um silêncio por parte de Jackie para lhe fazer companhia – durou todo o percurso até o estúdio que a produção havia alugado para o primeiro dia de gravações. Ele ficava a poucos quarteirões do rio, na ponta norte da área da Little Havana, e, apesar dos maiores esforços do nosso motorista, chegamos com dez minutos de atraso.

– Merda! – disse Jackie, enquanto passávamos pelo portão e íamos para o estacionamento. – Odeio chegar atrasada. Sempre parece essa porra de coisa de diva.

– Nós temos uma desculpa muito boa – eu falei.

Ela sorriu e apertou minha mão.

– Sim, temos, mas não é o tipo de coisa que eu possa explicar para o diretor.

– Quer que eu fale com ele? – perguntei.

– É só a gente não fazer isso de novo – ela disse. Ergui uma sobrancelha, e ela, deu risada. – Pelo menos, a última parte – acrescentou.

O carro parou na frente das grandes portas de enrolar, e olhei para ver o motorista nos observando com interesse pelo espelho retrovisor. Nossos olhos se encontraram, e ele deu uma piscada.

– Já chegamos, srta. Forrest – ele disse.

– Obrigada – disse Jackie. Levou a mão para pegar a maçaneta da porta, mas o motorista já havia saído do carro e aberto a porta para ela.

– Me pediram para avisar que todos estão reunidos na sala de conferências – disse o motorista, enquanto eu descia do carro. Ele indicou a porta de metal menor ao lado da grande porta de enrolar. – No fim do *hall,* à direita.

– Todos? – perguntou Jackie. – Ou só o elenco?

O motorista balançou a cabeça.

– Eu não sei, senhorita. Eles me disseram “todos”, mas não me disseram o que isso significava.

Jackie mordeu os lábios e franziu a testa, e então estremeceu ligeiramente.

– Obrigada – disse para o motorista, agradecendo com um pequeno sorriso.

Ele inclinou a cabeça de modo quase imperceptível e respondeu:

– Só estou fazendo o meu serviço.

Passamos pela porta que o motorista havia indicado e caminhamos por um corredor um pouco longo pintado de um tom realmente irritante de verde-claro. À direita, passamos por duas portas que se abriam para o local de gravações propriamente dito. À esquerda, as paredes estavam decoradas com borrões de tinta, gordura, e o que eu esperava que fosse manteiga de amendoim. Na metade do caminho, passamos por um grande mural decorado com avisos, folhetos, avisos da OSHA[19], e importantes normas de segurança. Mal passamos pelo mural e já começamos a ouvir os ruídos de conversas vindos do fim do *hall.* Jackie começou a andar mais devagar e me lançou um olhar rápido.

– Você sabe o que isso quer dizer, não sabe? – ela disse em um tom de voz baixo e preocupado.

– Que os *donuts* de geleia já se acabaram? – perguntei.

O sorriso dela foi um pouco mecânico.

– É agora – ela disse. – É agora que vão falar para todo mundo a respeito de Patrick. E então eles apresentam a minha substituta. – Segurou o lábio inferior com os dentes e o mordeu. – Ai, que merda. Eu não consigo fazer isso. Não com Rob... com todos olhando e secretamente ficando contentes.

Eu tinha certeza de que ela havia começado a dizer “Robert”, e parado depois de uma sílaba odiosa, e senti uma onda de simpatia. Uma das poucas partes do comportamento humano que eu realmente entendo é a natural relutância em deixar que seus inimigos vejam você humilhado. E, já que Jackie estava comigo agora, e o inimigo era uma criatura infame e irritante como Robert, eu também senti a mesma coisa. Mas também não vi nenhum jeito de evitar a situação.

Então, passei um braço pelos ombros de Jackie e a puxei para perto de mim e disse:

– Eles não podem substituir você.

Ela balançou a cabeça.

– Não vejo como possam evitar isso. O seguro...

– Vou fazer-lhes uma proposta que eles não podem recusar – eu disse, com as bochechas inchadas. Não era uma imitação muito boa, e Jackie não deu um sorriso muito bom para ela, mas era, pelo menos, um sorriso.

– Obrigada, Don Vito – ela disse. Afastou-se de mim, endireitou os ombros e exibiu um pequeno sorriso confiante. – Vamos acabar com isso – ela disse e marchou rumo à porta no fim do corredor.

Fui atrás, conjecturando se ela tinha razão. Será que iriam mesmo demiti-la? E, se demitissem, o que aconteceria comigo? Eu poderia convencê-la de que ela ainda precisava do meu tipo especial de proteção – mas e se ela resolvesse fugir? Voar de volta para Los Angeles, ou mesmo para algum lugar mais distante, onde o hipotético Patrick não pudesse encontrá-la? Eu seria convidado a ir junto para Sumatra, ou Dubai, ou Brisbane, qualquer lugar para onde ela fugisse? Eu esperava que sim, mas não tinha como saber com certeza.

Antes que eu pudesse decidir, Jackie havia chegado à porta da sala de conferências. Parou de novo para se aprumar e depois passou pela porta, com Dexter indo atrás como a cauda de seu cometa.

Robert, Renny e muitas outras pessoas que eu não reconheci já estavam sentadas ao redor da grande mesa de carvalho que ocupava o centro da sala. Outro amontoado de pessoas estava parado na extremidade da sala, onde um bule de café se acomodava ao lado de várias caixas de doces com aspecto promissor.

De algum modo, Jackie evitou o apelo mágico dos *donuts* e passou direto para a mesa, então eu a segui. Robert chamou lá do seu assento no lado oposto da mesa.

– Ei, Dexter –, ele disse, quando nós passamos e, ao lado dele, Renny fez um gesto de cabeça. Eu acenei, e me juntei a

Jackie no assento que estava tão longe de Robert quanto ela conseguiu ficar e ainda assim permanecer na sala de conferências. Felizmente para mim, havia uma cadeira vazia ao lado da dela, e eu me sentei discretamente nela.

Jackie imediatamente começou a tagarelar com a mulher à sua direita, aparentemente se esforçando para demonstrar que estava confiante, despreocupada e com o controle total de um universo perfeito. Olhei ao redor da sala e analisei as pessoas que a lotavam. O grupo perto do bule de café parecia ser, em sua maioria, pessoal da área técnica. Usavam roupas surradas e funcionais, ocasionalmente decoradas com braçadeiras, rolos de fita e outros equipamentos misteriosos.

O grupo ao redor da mesa tinha de ser de atores. Eles não estavam tão bem-vestidos quanto o pessoal da produção, mas o desmazelo deles era calculado e parecia custar caro. Os sorrisos frequentes revelavam dentes universalmente faiscantes, e todos eles lançavam olhares furtivos uns para os outros, como se fosse para garantir que nenhum deles estava andando sorrateiro por trás deles com um machete. Eu não vi Deborah em lugar nenhum, e não era capaz de decidir se aquilo era bom ou ruim.

Um pouquinho depois, Debs entrou atrás do sr. Eissen e do capitão Matthews, e então eu soube: era ruim. A cara dela estava fixa em sua máscara mais rígida e pétrea do tipo Eu-Sou-Uma-Policial, a que mostrava que ela era governada pela disciplina e pelo dever, e que nunca havia tido sentimentos de ternura em toda a sua vida. Mas, como eu a conhecia tão bem, conseguia ver que, por trás da máscara, ela estava fervilhando; e quando o detetive Anderson a seguiu pela porta, com um sorriso convencido, eu soube a razão. Esse seria um fuzilamento público, e as únicas perguntas que importavam eram quantas balas havia e de qual calibre.

Eissen se encaminhou diretamente para a cabeceira da mesa, e o capitão Matthews foi atrás dele, lançando um único olhar desejoso para os *donuts* para nos mostrar que ele ainda era apenas um policial. Debs estava apenas um passo atrás, e Anderson estava na retaguarda, fixando os olhos em Jackie com

um tipo de olhar de quem sabe das coisas, de superioridade e de luxúria em seu rosto.

Eissen se sentou na única cadeira vazia; Matthews procurou outra e não viu nenhuma, mas o olhar dele se fixou em Deborah, e ele fechou a cara para ela antes de dar a volta para ficar em pé ao lado de Eissen, em uma postura que mostrava que ele realmente preferia ficar em pé.

– Obrigado por serem pontuais – disse Eissen em voz baixa, e a sala ficou silenciosa com tanta rapidez e de modo tão absoluto que pensei que havia ficado surdo. – Sei que todos vocês estão ansiosos para trabalhar... – Deu um sorriso fraco para mostrar que aquilo poderia ser considerado uma piada, mas ninguém riu. – Então, vou tentar ser conciso. – Deu uma olhada rápida para Matthews e depois olhou fixamente ao longo da mesa na direção de Jackie. Senti que ela se enrijecia ligeiramente. – Fiquei sabendo que nós temos um... problema – ele disse e parou para afastar os olhos de Jackie e olhar ao redor da sala antes de prosseguir – A srta. Forrest recebeu diversas ameaças sérias à sua vida.

Mesmo a presença glacial de Eissen não poderia impedir o murmúrio imediato de choque e de espanto que percorreu a sala, e Eissen esperou que ele cessasse, os olhos azuis e frios fixos em Jackie. Ela apenas deu um sorriso, aparentemente despreocupada e desatenta, e minha opinião a respeito do talento dela como atriz subiu dois pontos.

– No curso normal dos acontecimentos – prosseguiu Eissen, e a sala ficou mortalmente silenciosa de novo –, nós atrasaríamos a produção e escalaríamos outra pessoa no lugar da srta. Forrest. – Ele sorriu, um movimento ainda mais fraco e menos engraçado dos lábios que me fez desejar estar armado. – Para proteção dela, é claro, bem como para proteger o que é um investimento considerável de tempo e de dinheiro da Big Ticket Network.

Acenou na direção de Jackie, e ela correspondeu ao aceno, com um sorriso falso muito melhor que o de Eissen.

– Entretanto – ele continuou, e por baixo da mesa eu senti a mão de Jackie se agarrar à minha –, neste caso, tivemos uma

ideia que esperamos que seja uma... alternativa *produtiva.* – Ele fechou a cara ligeiramente, como se estivesse infeliz com a escolha do adjetivo. – Há certos riscos envolvidos, mas, depois de consultar o capitão Matthews... – Eissen inclinou a cabeça para o lado, e Matthews pigarreou e fez um gesto de cabeça – e o detetive encarregado do caso... – Anderson fez um ligeiro movimento, como se fosse dar um passo à frente e dizer seu nome, mas Eissen prosseguiu, e Anderson se acomodou e continuou a encarar Jackie de modo furtivo e ávido – ... eu acredito que os riscos possam ser minimizados – disse Eissen. Ele afastou as mãos para indicar a sala toda. – Todo o elenco e a equipe de produção estão aqui, em uma locação relativamente cara, e isso representa muito dinheiro. Se adiarmos a produção agora, esse dinheiro estará perdido. E então eu decidi... – Eissen fechou os olhos e deu aquele sorriso minúsculo de novo –, consultando a Network, é lógico – ele abriu os olhos novamente –, que iremos prosseguir conforme programado. Com... a srta. Forrest.

Jackie apertou minha mão com tanta força que achei que ela poderia quebrar alguns ossos e, uma vez mais, um murmúrio de surpresa encheu a sala. Eissen esperou que ele desaparecesse, e então prosseguiu:

– Admito que fui influenciado por minha equipe de publicidade, que está... excitada... com o tipo de repercussão que a situação vai criar. – Ele assentiu duas vezes e disse: – Um seriado sobre uma policial que persegue assassinos... e que está na mira de alguém enquanto um assassino de verdade a persegue. – Uma vez mais, os lábios dele se moveram em um sorriso minúsculo. – Quando digo “estar na mira”, quero dizer que o piloto está na nossa mira, é o nosso objetivo, e não que a srta. Forrest esteja na mira de um revólver.

Ninguém deu risada com essa tenebrosa tentativa de humor. Talvez não tenha sido o momento oportuno.

– De qualquer modo – Eissen foi em frente –, isso com quase toda a certeza vai gerar uma publicidade muito boa.

– E, se eu morrer – disse Jackie –, a publicidade é ainda melhor.

Eissen fixou seu olhar mortal em Jackie, mas a rápida explosão de risos de quase todas as outras pessoas na sala impediu-o de açoitá-la com os olhos, forçando-o, pelo contrário, a lançar mão de seu horrível sorrisinho de novo.

– Então é isso – ele disse e soltou sua risada própria e ligeiramente menor dessa vez. – É claro, todos esperamos que a situação não chegue a esse ponto.

Alguém perto da mesa de café murmurou um “lógico que não”. Eissen ignorou o aparte e prosseguiu:

– Todos vocês assinaram um acordo de confidencialidade – ele disse. – Nossos advogados me *garantiram...* – e ele fez uma pausa momentânea para permitir que nós todos sentíssemos o peso daquela palavra – que ele se aplica a esta situação. Se vocês falarem a respeito disso a *qualquer pessoa...* Bem, ouçam minhas palavras, não façam isso. – Ele olhou ao redor da sala; fiquei com a impressão de que ninguém achou que Eissen estivesse brincando.

“O capitão Matthews me garantiu que o pessoal dele pode fornecer segurança suficiente para minimizar os riscos. Para *todos* nós. E estou pedindo que vocês todos sejam ainda mais cuidadosos. Este é um *set* de filmagem fechado. Se vocês virem qualquer pessoa que não faça parte do grupo, ou perceberem qualquer coisa fora do comum, falem com um policial. Teremos muitos deles por aqui.”

Ele deu uma olhada rápida para Matthews, e o capitão concordou com um gesto.

– Muito bem – disse Eissen. – Vamos produzir um piloto. – Ele agitou ligeiramente a mão. – Capitão?

O capitão Matthews pigarreou e deu um passo adiante, franzindo a testa de modo solene para todos nós.

– Eu gostaria de assegurar a todos vocês – ele disse – que temos a situação sob controle absoluto, e a investigação está prosseguindo muito... aham. De maneira satisfatória. – Suas sobrancelhas ficaram ainda mais franzidas. – Quer dizer, estamos muito confiantes de que não existe um perigo significativo que não possa ser, ahn... – Ele olhou rapidamente para Anderson, que ficou lá parado, tentando, sem sucesso, dar

a impressão de ser sério e competente. – O policial encarregado da investigação me *garantiu...* – disse Matthews, e o tom de voz dele fez Anderson endireitar o corpo um pouco mais – que uma prisão é iminente. – Anderson deu um ligeiro sorriso presunçoso, e Matthews fez uma pausa para produzir diversos ruídos de limpar a garganta, todos muito poderosos; um estratagema, eu tinha certeza, de que ele estava lançando mão para Anderson entender o fato de que aquilo era uma ameaça e também provavelmente para ocultar seu próprio embaraço por ter de dizer uma Platitude Policial tão pavorosa. “Prisão iminente” é uma frase muito antiga que diz, em tradução livre, “nós não temos a menor pista”, e Matthews a tinha usado publicamente para ter a certeza de que, se uma prisão não acontecesse de verdade, seria culpa do Anderson.

– E, então, aham – disse Matthews – eu peço a vocês todos que... hum... fiquem atentos, assim como o Sr. Eissen disse. – Ele sorriu para Eissen, que não pareceu perceber. – Não há nada com que se preocupar. Com algumas poucas precauções. Então, simplesmente avisem um policial se vocês virem alguma coisa que pareça, ahn, perigosa. – Fechou a cara, como se tivesse ouvido a contradição naquilo que ele havia dito, o que não me pareceu provável. Então se voltou e encarou Deborah por uns instantes, antes de pigarrear de novo. – A sargento Morgan – ele disse, ameaçador, e tornou a olhar a sala – está familiarizada com a, hum, aparência. Do suspeito. – Ele olhou com cara feia para Debs por um momento antes de prosseguir. – Ahn... E ela *estará* no *set* – ele disse –, durante todo o tempo das filmagens. O processo todo.

Debs não se moveu, nem mesmo uma ligeira contração dos músculos, mas ela irradiava tamanha infelicidade revoltada que eu podia senti-la em minha cadeira na outra ponta da mesa. Matthews fixou os olhos nela por mais um longo e embaraçoso momento e depois se voltou e lançou para a sala um sorriso fraco e espasmódico.

– Então, eu gostaria de assegurar para vocês que estamos dando atenção total a este caso. E quero dizer novamente quão felizes estamos por tê-los aqui em Miami. E espero que todos

vocês possam conhecer a verdadeira Miami, ahn... – Fez uma pausa e olhou ao redor, como se tivesse percebido o que poderia estar desejando para eles e imaginando onde amontoaria os corpos. – A, hum, South Beach, vocês sabem – ele disse. – A vida noturna. E as praias. – Ele acenou para as pessoas que estavam na sala e lhes endereçou um sorriso másculo e confiante. – Divirtam-se – finalizou.

E enquanto Matthews estava aparentemente imaginando se teria mais alguma coisa a dizer, Eissen silenciosamente apoiou as palmas das duas mãos sobre a mesa.

– Tudo bem – Eissen disse. – Obrigado, capitão. E policiais. – Acenou uma vez e olhou rapidamente pela sala. – Nós todos estamos aqui para trabalhar. Vamos trabalhar. – Examinou as pessoas, possivelmente para ver se alguém iria dizer não e fazer greve, e quando ninguém o fez, ele moveu a cabeça afirmativamente, se levantou e saiu rápido da sala.

Victor Terrano, o diretor, se levantou de sua cadeira perto da cabeceira da mesa.

– Muito bem, pessoal – ele chamou, erguendo sua voz acima do falatório. – Nós já estamos duas horas atrasados e ainda nem começamos a filmar. Vamos sair e começar a ralar.

Um dos técnicos gritou: – Buuu!

Victor balançou a cabeça e disse:

– Deixe disso, Harvey. Só se lembre que aqui é um estado onde trabalhar é um direito. – E todo mundo riu e começou a sair pela porta.

Victor foi para a porta, também, revelando uma cena cheia de tensão atrás da cadeira em que Eissen estivera sentado. O capitão Matthews havia se voltado e estava falando em voz baixa, porém, firme, com Deborah, e ela não parecia feliz por estar recebendo a atenção total dele. Anderson estava atrás dos dois, a cabeça se virando de um lado para outro, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. Eu não precisava ler lábios para saber que Debs estava levando uma bronca, e que Anderson estava adorando aquilo.

– Graças a Deus – Jackie murmurou ao meu lado. – Oh, graças a Deus...

Eu me voltei para olhá-la. Ela ainda estava mostrando para o mundo um sorriso confiante e despreocupado, mas sua voz tremia um pouco, e a mão dela se aproximou e agarrou uma das minhas sob a mesa. Ela inspirou profundamente, a respiração um pouco trêmula, soltou o ar e então disse:

– Estou viva.

– E eu estou muito feliz por você estar viva – falei.

Ela apertou minha mão, em seguida a soltou e se levantou.

– Vamos ver onde está meu camarim.

Eu a segui pela porta e fomos por um corredor lateral à direita. A primeira porta pela qual passamos estava escancarada. Dei uma olhada rápida: os dois lados do longo cômodo estavam cobertos por espelhos bem iluminados, e um aparador ia de uma ponta a outra na altura da cintura, umas doze cadeiras colocadas sob ele. Na parede dos fundos havia um armário, cheio de uniformes de policiais, de ternos, de camisas e de calças, com uma fileira bem organizada de sapatos no chão por baixo das roupas. Um pedaço de fita adesiva estava colado na porta na altura dos olhos. Nele estava escrito “HOMENS”.

– É aqui que você vai se vestir – disse Jackie. – Com os outros caras que fazem pontas.

– Pontas? – perguntei.

Ela sorriu e deu umas palmadinhas no meu ombro.

– Os papéis não importantes – ela disse.

A porta seguinte conduzia a um cômodo praticamente idêntico, mas, dessa vez, estava rotulada “MULHERES”.

– E você fique longe daqui – disse Jackie com uma cara ameaçadora. – Aqui está cheio de sem-vergonhas.

– Sim, Oh Poderosa – eu falei.

A porta seguinte estava fechada, mas nela estava escrito “RENNY BOUDREAUX”. Logo ao lado dessa, estava “ROBERT CHASE”, e, quando passamos lado a lado pela porta, ela se abriu e Robert ficou parado na soleira, piscando. Os olhos dele foram rapidamente de Jackie para mim; ele ficou imóvel e apenas me olhou com os olhos arregalados por alguns instantes.

– Oh – ele disse, com uma expressão estranha no rosto. Choque? Culpa? E então rapidamente entrou e fechou a porta.

Jackie balançou a cabeça.

– Um puta de um louco – ela murmurou, e então finalmente estávamos na frente da porta onde estava escrito “JACKIE FOREST”. Ela ficou parada por um minuto, olhando seu nome, e balançou a cabeça. – Finalmente eles quase escreveram direito – ela disse. Olhou para trás ao longo do corredor. – Mas sempre me colocam por último, bem longe. – Ela fez uma careta. – E bem ao lado do Bob.

– Robert – eu corrigi, automaticamente, e Jackie bufou.

– Vamos entrar – ela disse e abriu a porta.

Em muitos aspectos, o camarim de Jackie era uma cópia menor dos Homens e Mulheres. Mas havia apenas uma cadeira, na frente de um espelho menor. Ao lado havia uma mesa, ocupada com um grande buquê de flores frescas recém-cortadas, uma cesta de frutas e uma caixa grande e espalhafatosa de chocolates muito caros. Sob a mesa havia um frigobar, e ao longo da parede no lado oposto estava um sofá que tinha cara de ser confortável. Uma porta no outro lado do camarim estava entreaberta e revelava um banheiro, que tinha até chuveiro.

– Bom – eu disse. – Então é assim que vive o um por cento.

– Esquálido – ela falou. – Mas você acaba se acostumando.

Antes que eu pudesse me acomodar no sofá com a caixa de chocolates, uma batida soou à porta e, um instante mais tarde, ela se abriu e o detetive Anderson entrou, um pouco ressabiado. Ele estava carregando uma grande caixa de papelão e exibia um sorriso convencido muito irritante mesmo.

– Oi, srta. Forrest – ele disse.

Jackie ergueu uma sobrancelha e ofereceu seu menor sorriso, dizendo: – Sim?

Anderson colocou a caixa na mesa e estendeu a mão.

– Detetive Anderson – ele disse, sorrindo para Jackie como se ela fosse um pote de mel, e ele, um urso morrendo de fome.

Jackie hesitou, antes de apertar a mão dele.

– Ah, sim – ela disse. – Acho que já ouvi seu nome.

– Sim, escute – disse Anderson, ainda agarrado à mão de Jackie. – Eu trouxe umas coisas... Hum, sua assistente? A

senhorita Podrowski...

O sorriso minúsculo sumiu do rosto de Jackie, e ela tirou com força a sua mão da de Anderson e disse:

– Sim.

Anderson transferiu o peso do corpo de um lado para outro, incerto, e então indicou a caixa de papelão com um aceno.

– Eu, hum... Eu trouxe as coisas dela. Do quarto dela. – Deu um piparote na caixa. – Mala, bolsa, *laptop.* Nós demos uma olhada em tudo, e, hum, eu esperava que a senhorita pudesse dar uma olhada. Ver se a senhorita percebe alguma coisa que a gente possa não ter visto?

Eu não disse nada, mas não consegui deixar de pensar que o que Anderson poderia deixar de ver daria uma lista muito longa. Jackie franziu as sobrancelhas e olhou rapidamente na minha direção.

– Isso pode ajudar – eu falei.

Ela tornou a olhar para Anderson.

– Tudo bem. Vou dar uma olhada.

– Obrigado, srta. Forrest – disse Anderson. – Sei que a senhorita está muito ocupada, mas eu agradeceria se pudesse, sabe. O mais rápido possível.

– Vou dar uma olhada – repetiu Jackie.

Anderson passou a língua nos lábios e transferiu o peso do corpo de um lado para o outro de novo.

– E, hum – ele disse. Um sorrisinho estranho apareceu em seu rosto e logo desapareceu. – Eu gostaria de dar minha garantia *pessoal.* Vou pegar esse camarada, e a senhorita não precisa se preocupar com isso.

– Obrigada, detetive – disse Jackie com o menor de seus sorrisos. Ela começou a se afastar dele, um claro gesto de despedida, porém, Anderson tocou o ombro dela; ela tornou a olhá-lo, e ele prosseguiu, incansável:

– E, hum, a senhorita sabe. Se a senhorita estiver toda, sabe? Assim, estiver preocupada? Quero que a senhorita pense em mim como se eu fosse um braço protetor. Totalmente à sua disposição, vinte e quatro horas por dia, todos os dias da

semana. – Ele ofereceu um cartão de visitas, acenou para ela e sorriu, como se tivesse acabado de dizer alguma coisa incrível.

Jackie o olhou com uma expressão muito séria e pensativa no rosto, e o examinou da cabeça aos pés antes de olhá-lo bem nos olhos. Durante vários segundos, não disse nada, e Anderson ficou com cara de quem estava muito embaraçado, transferiu o peso do corpo de um pé para o outro e começou a ficar vermelho de verdade.

– Um braço protetor – acabou dizendo Jackie, inexpressiva. – Obrigada. – Ela sorriu, maliciosa. – Mas eu já tenho um braço forte e de confiança – ela disse, se inclinou na minha direção e colocou a mão na minha nuca, acariciando-a de leve. – Eu preciso ir ver os figurinos. Você pode me acompanhar, Dexter? – E ela me deu um sorriso cálido o suficiente para torrar as sobrancelhas de Anderson.

– Será um prazer – eu disse.

Jackie tocou o meu rosto e se afastou. Dei uma olhada rápida para Anderson. O rosto dele estava cheio de manchas e sua boca estava muito aberta, e ele observou Jackie se afastando calmamente, até eu me mover para segui-la, obrigando-o a dar um passo para trás.

– Com licença – eu disse. – Tenho que ficar com a senhorita Forrest. – Ele me olhou e eu sorri. – Eu sou o braço protetor dela.

Anderson me devolveu o olhar com ódio tão puro que eu queria ficar parado lá por uns minutos e admirar, mas, afinal de contas, o trabalho de um braço protetor nunca tem fim.

– Tchauzinho – eu disse e segui Jackie para fora do camarim.

CAPÍTULO 28

Alcancei Jackie na metade do corredor, não com tanta facilidade quanto eu pensava, já que ela estava praticamente correndo do Anderson.

– Merda – ela disse, quando eu finalmente fiquei ao seu lado. – Não vou conseguir lidar com as coisas da Kathy, não tão cedo. – Ela balançou a cabeça. – E aquele asqueroso cabeça de merda do Anderson.

– Asqueroso cabeça de merda – eu repeti, e fiquei impressionado com sua vivida, mas acurada, descrição. – Você se expressa muito bem.

No entanto, por algum motivo, meu elogio sincero não a deixou mais animada. Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça de novo.

– Não dá... Se olhar as coisas da Kathy agora eu vou desmoronar e não posso aparecer na frente das câmeras com cara de quem andou chorando – ela disse. Hesitou e então me deu uma olhada rápida. – Será... Pode mesmo ter alguma coisa importante nas coisas dela?

– Com o Anderson encarregado do caso? – eu perguntei. – O assassino poderia estar escondido na mala da Kathy e ele não iria perceber.

Jackie parou de andar. Estávamos na bifurcação do corredor, em que o lado principal conduzia de volta para o *set.*

– Será que eu poderia pedir... Você se importaria de dar uma olhada nas coisas dela, Dexter?

– Eu não a conhecia – falei.

Jackie suspirou.

– Eu sei – ela disse. – É só que... Já é duro demais não começar a chorar a cada vez que penso na Kathy, e eu... – Ela colocou a mão no meu braço e piscou para afugentar as lágrimas. – Por favor? Você faria?

Com o jeito de Jackie me olhar, com aqueles incríveis olhos cor de lavanda começando a ficar cheios de lágrimas, eu teria feito

malabarismos com serras elétricas em chamas se aquilo a fizesse feliz.

– Claro – eu disse. – Eu vou dar uma olhada.

Jackie sorriu.

– Obrigada – ela disse. Inspirou profundamente, fungou e endireitou o corpo. – Agora eu preciso mesmo encontrar a Sylvia. – Ela se aproximou de mim e encostou sua testa na minha com delicadeza. – Obrigada. Vejo você mais tarde. – E saiu andando a passos largos pelo corredor.

Eu fiquei olhando-a se afastar por alguns minutos. Até então, eu não tinha percebido como é divertido ficar só olhando alguém andar. Jackie era muito competente nesse setor – não somente pelo fato de não cair, ou não bater em uma parede, embora isso também fosse verdade. Mas havia alguma coisa no jeito de ela colocar um pé na frente do outro que me fez pensar em como eu havia me sentido ao acordar ao lado de seu corpo nu. Isso não fazia o menor sentido, mas era verdade. Por isso, fiquei olhando Jackie até ela desaparecer por uma porta oposta ao *set.*

Dei meia-volta e me encaminhei de novo para o camarim de Jackie. Não vi Anderson, o que me pareceu estranho. Ele certamente não tinha passado por nós. Poderia ter passado pela porta na extremidade do corredor em que eu estava, mas um recado colocado nela avisava com clareza que um alarme soaria se a porta fosse aberta, e eu não tinha ouvido nenhum alarme. Isso parecia indicar que ele ainda estava no camarim, e isso era muito estranho.

A porta estava escancarada, e dei uma olhada ao redor e dentro do camarim de Jackie. Anderson ainda estava lá dentro. Estava parado no lado mais afastado, junto do armário que continha as roupas de Jackie. Ele estava segurando a manga de uma das blusas dela bem debaixo de seu nariz e aparentemente a estava cheirando. Eu não sabia por que ele estava fazendo aquilo, mas me deu vontade de quebrar uma cadeira na cara dele. Ainda assim, um pouco de bom humor é sempre a melhor saída, então controlei meu impulso e entrei no camarim.

– Procurando pistas? – perguntei, alegre, e ele deu meia-volta com um movimento brusco, praticamente jogando a manga da

blusa para longe do rosto. – Porque eu ouvi falar que você não tem nada mesmo.

– Não tenho... Eu só estava, o que você está querendo dizer? – ele perguntou.

– Eu disse que você não tem uma única pista – falei. – Todo mundo sabe.

A testa dele ficou franzida, e eu provavelmente poderia ter contado até cinco ou seis até ele perceber que eu o havia insultado.

– Escute aqui, geniozinho – ele disse. – Estou conduzindo uma investigação de homicídio...

– Cheirando as roupas da Jackie? – perguntei. – A axila dela é suspeita?

O rosto de Anderson ficou vermelho vivo, e ele começou a gaguejar, até ficar claro para nós que nada coerente sairia de sua boca. Ele deu uma olhada ao redor procurando um jeito de fugir e não viu nada além do banheiro. Então, pigarreou, resmungou alguma coisa que eu não consegui ouvir e passou rapidamente por mim, lançando-me um último olhar duro da soleira da porta antes de desaparecer.

Fechei a porta e fui olhar a caixa com as coisas de Kathy. Tirei a mala e a coloquei no chão. Eu duvidava que pudesse ter alguma coisa importante entre as meias e as calcinhas dela, e mesmo que a mancha de urina tivesse sido lavada, eu preferiria não olhar a roupa íntima de Kathy. A bolsa era um lugar mais provável para encontrar alguma coisa, então despejei o conteúdo dela na mesa de maquiagem e dei uma examinada em tudo. Havia o costumeiro amontoado de moedas, de papel de chicletes, de recibos, de cupons, um grande molho de chaves; um pacote de lenços de papel, um batom, um espelhinho, três canetas e um punhado de clipes de papel. Um punhado de notas de um dólar, enroladas em um recibo de estacionamento. Dois absorventes em um saquinho de plástico cor-de-rosa brilhante. Um pacote grande de chicletes sem açúcar sabor canela. Uma carteira com um monte de cartões de crédito, a carteira de motorista, alguns cartões de visita, quarenta e três dólares em dinheiro, três canhotos de cheque.

Eu fiz uma careta ao olhar o monte de coisas inúteis. Alguma coisa estava faltando. Não sou especialista no que as mulheres carregam em suas bolsas, mas alguma coisinha irritante estava escondida em um canto do meu cérebro e sussurrando que estava faltando uma peça nesse quebra-cabeça.

Olhei dentro da caixa, erguendo a capa de náilon preto do *laptop* e abrindo o zíper. Não havia nada lá dentro além do computador, com seu onipresente logotipo da maçã meio mordida. Dei uma olhada nos compartimentos fechados com velcro: um cabo elétrico, um *pen drive* em um compartimento, nada mais – e a minúscula voz lamurienta continuou a me importunar e a me cutucar, dizendo que tinha de ter mais alguma coisa. Então, abri a mala e, conforme temia, encontrei apenas calcinhas, meias, roupas, um maiô meio laceado e um par de sandálias.

O tampo da mala se fechou com um estalo; eu a coloquei no chão e, ao endireitar o corpo, eu sabia o que estava faltando: o celular dela. O seu todo-poderoso e onipresente celular, aquele que tinha todos os seus contatos e compromissos. Seu acessório mais característico, a única coisa sem a qual ela nunca ficava. O celular tinha de estar ali, na bolsa dela, ou em outro lugar, e não estava.

É claro, era possível que ele ainda estivesse no laboratório, talvez porque fosse uma maçaroca ensanguentada sem condições de ser liberada para o mundo. Também era possível que alguém – provavelmente Vince, na minha ausência – estivesse checando as chamadas, o calendário, e assim por diante, para tentar encontrar alguma pista sobre a identidade do assassino.

E também era possível que o assassino o tivesse levado. Não como um suvenir, o que era fácil de entender – pelo menos, para mim –, mas porque estava com pressa de ir embora da cena do crime e queria ter a certeza de que nenhum memorando ou anotação no celular pudesse ligá-lo ao crime. Sem tempo para olhar, ele só pega o telefone e sai correndo na escuridão. Isso é o que eu teria feito. Ir embora discretamente e me livrar do

telefone mais tarde, jogando-o de uma ponte, ou em um canal convenientemente próximo.

Isso fazia sentido, e eu tinha certeza de estar com a razão. Se o celular da Kathy não estivesse ainda em custódia da polícia, o assassino estava com ele.

E era muito fácil checar, claro. Tudo que eu tinha de fazer era perguntar – não para o detetive encarregado da investigação, claro. Esse era o Anderson, e eu estava bastante certo de que ele não queria me dizer nada, a não ser que fosse "você está preso". Mas um telefonema rápido para Vince deveria esclarecer as coisas.

Peguei meu celular e me sentei na cadeira em frente ao espelho. Ele tocou seis vezes, e então Vince disse, com sua voz de Charlie Chan[20]:

– Hong Fat Noodle Company.

– Eu quero, por favor, *cat lo mein* para viagem.

– Aí depende, Gafanhoto – ele disse. – Pra onde você vai?

– Pergunta rápida – eu disse. – Podrowski. A vítima no Grove Isle a noite passada. Você ainda está com o celular dela?

– Resposta rápida – ele disse –, não.

– Ele foi encontrado na cena do crime?

– Aí já são duas perguntas – disse Vince. – Mas a resposta é a mesma: não.

– Ahá – eu disse. – Se você não achar que isso é idiota demais.

– Por que ahá? – ele perguntou.

– Porque Kathy, a vítima, nunca ficava longe do celular dela. Então, se você não sabe onde ele está...

– Oh, céus – ele disse. – O assassino o levou.

– Oh, céus? – eu perguntei.

– Claro – ele disse. – Porque você disse ahá. Devo supor que você disse isso para o Anderson?

– Devo supor que seja uma piada?

– Hahaha! – disse Vince, com sua terrível risada falsa, muito pior que a minha.

– Parece trabalho do mesmo assassino?

– Bom – disse Vince, cauteloso. – É claro que não sou nenhum detetive Anderson...

– Agradeço a Deus por isso.

– Mas não tinha cara, não. O olho foi arrancado, e naturalmente o Anderson caiu de boca nesse detalhe e disse *Quod Erat Demonstrandum*[21].

– Ele disse isso?

– Alguma coisa parecida. Com menos sílabas – disse Vince. – Bom, ele tinha certeza de que era o mesmo. Mas, acontece o seguinte, o corpo estava um horror. Onze punhaladas, incluindo duas que rasgaram a artéria carótida.

– Eca – eu disse, pensando nas grandes manchas de sangue úmido e pegajoso.

– É, é mesmo – disse Vince. – E quer saber o pior? Tinha vômito em todos os lugares. Como se ele tivesse dado uma olhada no que fez e então despejasse para fora a comida. Eu odeio mesmo ter de lidar com vômito.

– Relaxe – eu disse. – Em poucas horas você vai voltar a lidar com cabeças decepadas e matéria fecal.

– Uma coisa fascinante, matéria fecal – disse Vince, pensativo. – Está dentro de todos nós.

– Em alguns mais do que em outros – eu falei. – Obrigado, Vince.

-Ei! – ele disse, antes que eu tivesse desligado. – Você está no *set* de filmagens? Com o Robert?

– Ele está por aí – eu disse. – Eu devo agir como consultor técnico... e também – eu continuei, tentando soar muito casual – vou fazer um pequeno papel.

– Oh, meu Deus – ele disse. – Você vai estar *NO* piloto?

Eu cobri o celular com a mão e mudei de voz.

– Faltam cinco minutos, senhor Morgan! –, eu disse e então voltei a falar no celular: – Estão me chamando. Tenho de ir, Vince. Diga oi pro povinho aí.

– Dexter, espere! – ele disse. – O Robert...

Desliguei e fiquei em pé.

Fui pelo corredor até a sala dos figurinos. Jackie ainda estava em reunião com Sylvia, parada com os braços bem esticados

enquanto Sylvia fazia marcas na blusa dela com um pedaço de giz e seus dois assistentes corriam de um lado para o outro; um estava com um ferro, e o outro, com um punhado de botas de borracha.

Fechei a porta e dei uma olhada ao redor. Eu não tinha nada para fazer por pelo menos mais uns quinze ou vinte minutos; então cedi à minha curiosidade e fui dar uma olhada no estúdio. Eu nunca tinha visto um antes, e se isso ia passar a fazer parte da minha nova vida como Dexter Demóstenes, achei que precisava ver que cara aquilo tinha.

Passei pela pesada porta de metal e entrei. O local tinha mais ou menos o tamanho e o formato de um hangar para aviões, com um teto alto e o piso de cimento. A não ser por manchas isoladas de luz, vindas das lâmpadas elétricas, estava às escuras. Não havia janelas, ou nada mais que permitisse a entrada da luz, e cortinas grossas e negras pendiam das paredes.

Os membros da equipe de produção estavam no maior atropelo, indo para dentro e para fora das poças de luz como se fossem formigas correndo ao redor de um formigueiro que alguém tivesse destruído com um pedaço de pau. Em duplas ou em trios, eles iam apressados executando suas tarefas místicas, grudando fita adesiva no chão em padrões precisos e sem sentido, carregando suportes de metal para as luzes de um lugar para o outro, desenrolando grossos cabos, dois ou três embrulhados juntos, e carregando partes soltas de um cenário: uma janela, uma porta corta-fogo de um vermelho brilhante, uma cadeira giratória.

Dei uns passos na escuridão e quase fui decapitado por três pessoas carregando o que parecia ser a parede dos fundos da sala do capitão Matthews. – Ei, olha por onde anda disse uma delas com voz alegre, uma moça de porte atlético com cabelos louros curtos e um martelo pendurado no quadril. Ela continuou a andar rapidamente com as outras duas pessoas, transportando a parede com facilidade por entre as luzes, mais cenário, e outros trabalhadores.

Fiquei parado e deixei que meus olhos se adaptassem à escuridão antes de voltar a andar com cuidado pelo estúdio,

prestando atenção para ver se havia mais cenários mortíferos. No centro do estúdio, emoldurada por um amontoado de luzes, de câmeras, e de uma intensa ação técnica, estava uma parede cenográfica, a quina à minha frente, e caminhei na direção dela para ver o que era. Passei rapidamente por dois homens que sacudiam pedaços de plástico transparente e colorido na frente de uma luminária e dei uma olhada para ver o que essa parede poderia ser. Quando o lado maior da parede ficou exposto, eu parei e fiquei encarando.

Eu estava olhando para o que parecia ser o interior de um apartamento em Miami Beach. Uma porta de correr levava a uma varanda, onde o topo de uma palmeira ondulava na frente de uma grande extensão de um verde-azulado brilhante da baía de Biscayne. Por uns instantes, aquilo me deixou desorientado, e eu realmente dei um passo para trás e olhei do outro lado da parede, só para ter certeza de que ela era mesmo apenas bidimensional. Felizmente para mim, era.

Eu me aproximei um pouco mais e olhei de novo. A cena ainda parecia muito real para mim, a não ser pelo fato de eu observar um cara ruivo e atarracado abrir a porta de vidro e entrar na varanda falsa para ficar, aparentemente flutuando no ar, parado na frente da palmeira e começar a lidar com a fronde. Era um efeito artístico inusitado; se a palmeira fosse real, então haveria um gigante de cabelos ruivos flutuando no ar ao lado da fronde.

Fiquei admirando a visão surreal até que alguém me deu uma palmada no ombro. Eu me voltei e vi um homem de uns 45 anos de idade, de barba, com três rolos de fita adesiva pendurados em seu cinto.

– A gente tem que ajustar a luz – ele disse. – Dá pro cê ficar pra lá? – Ele indicou com a mão o lado mais distante do estúdio e passou rapidamente por mim, puxando uma longa tira de fita adesiva de um dos rolos.

– É claro – eu respondi para as costas dele e tomei uma nota mental para tentar experimentar o jeito de ele organizar seus rolos de fita em um futuro muito próximo.

Caminhei cautelosamente até o local que o sr. Fita Isolante me havia indicado, e essa acabou sendo uma sábia decisão.

Aninhada no canto, na semiescuridão acolhedora, descobri uma mesa grande, que soltava gemidos sob o peso de uma considerável quantidade de comida. Havia *bagels, cream cheese,* tomate e cebola em fatias finas – e salmão marinado de verdade! E tinha até uma vasilha grande cheia de M&M's, e uma bandeja com três tipos de queijo; uma vasilha imensa com iogurte, bananas, maçãs, laranjas e cereal com frutas secas. E na outra ponta da mesa, bem ao lado de um bule de café, havia uma pilha de oito caixas de doces da Munequita Bakery, minha doceria favorita.

Eu tinha acabado de pegar uma *pastelita* de goiaba e um *donut* de geleia e me acomodado nas sombras no canto do *set* quando senti uma presença hostil soltando fumaça atrás de mim, e me voltei, preparado para trucidá-la com a *pastelita.* Mas contive meu ímpeto ao ver que era apenas a Dileta e Degradada Deborah, a cara fechada com força suficiente para quebrar nozes.

– Bom dia, caríssima irmã – eu falei. – Não é uma maravilha estar aqui, no coração de Hollywood?

– Vá se foder! – ela disse.

– Talvez um pouco mais tarde – prometi. – Depois de terminar minha *pastelita.* – Ela não disse nada, só ficou lá dirigindo um olhar duro para o *set* e rangendo os dentes, alto o suficiente para eu achar que tinha ouvido os molares se despedaçando. – Você quer um *donut?* – perguntei, esperando acalmá-la só um pouquinho.

Não deu certo. Antes que eu pudesse sequer piscar, ela fincou um punho em mim, pousando-o com força em meu braço, com força suficiente para eu quase derrubar meu *donut* de geleia.

– Ai! – falei. – Você preferiria um *bagel?*

– Eu preferiria dar um pontapé no saco do Anderson e voltar a fazer trabalho de polícia de verdade – disse ela, por entre os dentes cerrados com força.

– Ah – eu disse. – Então não deu muito certo quando você falou para o capitão a respeito do Patrick?

– Ele arrancou a minha pele – ela respondeu e rangeu os dentes com força ainda maior. – Com o Anderson olhando. E me

olhando com aquele sorriso convencido a porra do tempo todo, enquanto o capitão me dizia que eu sou uma puta de uma idiota.

– Aiaiai – eu disse. – Mas ele não suspendeu você?

– Ele quase fez isso, que bosta – ela falou. – Mas percebeu que, se fosse suspensa, eu iria atrás do assassino em meu tempo livre.

Eu assenti e comi um pedaço de goiaba. Pelo que eu conhecia da Deborah, seria exatamente isso que ela faria. Era um palpite muito perspicaz, e minha opinião a respeito da inteligência do capitão Matthews aumentou.

– E então ele me mandou ficar no *set* – disse Debs. – Assim, eu não posso fazer porra nenhuma a não ser ficar por aqui e bancar a babá. Enquanto Anderson ferra o caso e dá uma puta risada da minha cara.

– Ah, ele não está só ferrando o caso – eu falei. – Ele disse para Jackie que quer ser o braço protetor dela, vinte e quatro horas por dia, sete dias na semana.

Ela bufou.

– Ele *disse* isso? Pra *Jackie?!*

– É – eu falei.

– E o que ela disse?

Eu sorri com a recordação, algo tão próximo de um sorriso verdadeiro quanto jamais havia sido capaz de produzir.

– Ela disse que já tinha um – eu falei. E dei uma mordida muito satisfeita, colocando o último terço da *pastelita* na minha boca.

Deborah me olhou, um olhar duro e inquisidor, e fiquei pensando se eu estava, inconscientemente, comendo com a boca aberta. Levei a mão para checar; não estava. Engoli o doce e devolvi o olhar para Deborah.

– O que foi? – perguntei.

– Seu filho *da puta* – disse Deborah, e, de algum jeito, a raiva dela estava agora concentrada em mim, e eu não tinha a menor ideia do motivo.

– O que foi que eu fiz? – perguntei.

– Você *trepou* com ela! – Deborah me disse com a voz sibilando. – Você trepou com a bosta da Jackie Forrest!

Olhei para Deborah, espantado, tentando lembrar se eu dissera alguma coisa que pudesse ter dado uma dica para ela; não me lembrei de nada, mas, estava claro, ela sabia. Talvez existisse mesmo alguma coisa ligada a essa história toda de Intuição Feminina a respeito da qual a gente sempre está ouvindo falar. Porque Deborah sabia, e ela estava visivelmente muito chateada com a coisa toda.

– Deborah – eu disse, lutando desesperado para dizer alguma coisa que pudesse explicar tudo, acalmá-la, talvez até mesmo mudar de assunto. Mas nada me ocorreu; eu fiquei lá parado, silenciosamente boquiaberto, e minha irmã me olhando com um olhar duro o suficiente para abrir furos nos para-lamas de um Buick.

– Seu puto de um idiota – ela disse. – Você tem alguma ideia do que fez?

Não era uma pergunta bem formulada: eu tinha uma ideia muito boa do que tinha feito. Eu tinha feito mais de uma vez, e tinha uma ideia de que gostaria de fazer de novo – mas essa não parecia ser a mesma ideia que Debs tinha.

– Esposa e três filhos – ela rugiu – e você tem de aprontar essa. Pular na cama e fazer merda com a bosta da Jackie Forrest.

– É, mas, Deborah – eu disse, e não fazia a menor diferença que não tivesse nada mais para dizer, porque ela continuou a falar sem esperar pela minha contribuição:

– Puta que o pariu. Eu sei que todos os homens pensam com a cabeça de baixo, mas achei que você fosse diferente. – Ela me deu um cutucão no peito com um dedo muito duro. – E então aparece a Jackie e você é um puto de um idiota tanto quanto qualquer outro mané de cabeça-oca, e você tem que ir e trepar com ela.

– Ela me deu mole – eu disse, e isso pareceu horrível até mesmo para mim.

– Puta que PARIU, Dexter! – ela disse, e estava falando em voz alta o suficiente para que alguns técnicos começassem a desviar a atenção do que estavam fazendo e dessem uma olhada rápida na nossa direção.

– Deborah, a gente tem que fazer silêncio aqui – eu falei. – Podemos discutir o assunto mais tarde?

– Não vai *haver* um mais tarde – ela disse. – Eu acho que nunca mais vou querer falar com você. – E bateu as duas mãos no meu peito, o suficiente para me fazer dar um passo para trás, e então deu meia-volta e se encaminhou para o outro lado do *set,* passando rapidamente pelo pessoal da produção que corria de um lado para o outro e quase derrubando duas luzes diferentes.

Fiquei olhando Deborah se afastar, pensando se ela havia dito aquilo de verdade. Nunca mais falar comigo? Eu, o único irmão dela? Seria possível? Eu nunca tinha sequer pensado nessa possibilidade – nem por uma fração de segundo tinha pensado que qualquer coisa que eu fizesse com Jackie pudesse de algum modo afetar meu relacionamento com Debs. Ela era minha *irmã* – isso não deveria ser o tipo de coisa que dura para sempre? Ela havia continuado a ser minha irmã até mesmo quando descobriu meu verdadeiro eu maldoso. Pelo que eu entendia das coisas, o que fazia nas minhas Noites Especiais era considerado muito mais socialmente inaceitável do que o que tinha feito com Jackie.

E, contudo, Deborah tinha imediatamente ficado com um mau humor do cão, talvez para sempre, só porque eu tinha dado uma arranhada em alguns votos conjugais sem importância, umas meras palavras rituais, resmungadas em um ritual destituído de sentido perante uma divindade hipotética – e ela nunca mais iria falar comigo?

Já falei diversas vezes que não entendo o comportamento humano – mas eu sempre fiz justiça à Deborah, excluindo-a da mera humanidade. Ela estava acima da idiotice rotineira da arraia-miúda, com um pé nas alturas olímpicas ocupadas por mim. No entanto, cá estava ela, agindo de um modo tão tolo e falível quanto qualquer criatura que passa o dia na frente da televisão assistindo a *reality shows;* nunca mais falar comigo só porque eu – por uma vez na vida – tinha agido de modo humano? Não podia ser.

Olhei do outro lado do *set,* onde ela estava, de costas para mim. Mesmo distante, dava para ver a tensão enraivecida nos ombros dela, e ela não relaxou nem olhou para o meu lado.

Parecia que estava brava o suficiente para cumprir sua ameaça – mas por quê? Por que iria uma escapadela tão insignificante incitá-la a ter uma reação tão forte? De que jeito os meus encontros com Jackie afetavam Deborah?

E por que pensar na Vida Sem Debs fazia com que eu me sentisse tão murcho?

CAPÍTULO 29

Foi uma coisa muito triste, mas Deborah não arredou pé. Ela me evitou pelos dois dias seguintes, o que deu bastante trabalho para ela, já que nós dois passamos doze horas de cada um desses dois dias no mesmo estúdio. Era um espaço relativamente pequeno, e os locais onde tínhamos permissão para ficar vagabundeando eram ainda menores; contudo, de algum jeito, ela conseguiu descobrir um modo de garantir que minha sombra ofensiva nunca tocasse a sua sombra honrada. Eu tinha pensado que algumas horas de raciocínio pudessem acalmá-la e fazê-la relembrar que eu era a única pessoa viva de sua família, mas isso não aconteceu. E quando tentei conversar, ela se afastou com passos duros, sem nem ao menos lançar um olhar na minha direção. Se eu chegasse só a me inclinar para o lado dela, do outro lado do estúdio, ela sairia batendo os pés, indo tão longe de mim quanto seria possível sem sair do prédio.

E depois de certo tempo, o comportamento da minha ex-irmã começou a me deixar com raiva. Quem era ela para me julgar, e por que eu deveria me importar, se me julgasse? Ela queria me chutar para fora da vida dela? Ótimo; considere-me chutado. Isso não representava uma perda para mim – nós não tínhamos um parentesco real, não de sangue, que é o que realmente importa. Tínhamos crescido na mesma casa, mas eu não conhecia nenhuma lei que decretasse que um imóvel compartilhado era um elo que unia para sempre. Que diferença faria se nunca mais conversássemos? A conversa é algo supervalorizado, uma perda de tempo e de energia quando havia coisas mais importantes a fazer – como experimentar as *pastelitas* no bufê de comidas.

De qualquer modo, eu já havia abandonado o mundo minúsculo e restringido pela moral e pelas experiências de vida da Deborah e entrado em um mundo novo e muito melhor. Agora estava gravitando na órbita levemente perfumada de Jackie, com flores frescas e chocolates no travesseiro, e eu gostava dele

muito mais do que havia gostado de servir de saco de pancadas para a Deborah.

Debs não queria ter nada mais que ver comigo. Tudo bem. Um laço complicado e irritante a menos que me prendia a uma vida que eu estava ansioso para deixar para trás.

Além do mais, eu tinha um trabalho a fazer. Eu aparecia em três cenas como Ben Webster, Perito Forense CDF, e em duas delas eu tinha palavras de verdade para dizer. Não muitas, é claro, mas eram importantes o suficiente para ser incluídas no roteiro, e senti que devia dar o melhor de mim. Então, mergulhei no trabalho brutalmente árduo de me lembrar das vinte e duas palavras que eu tinha de dizer na frente das câmeras – e, para ser justo, somente recordá-las não era o suficiente. Elas tinham de surgir na hora certa, e na ordem certa, e tinham de ser ditas de um modo que fosse convincente e interessante. Atuar era mesmo muito mais difícil do que a maior parte das pessoas possa imaginar, e passei muitas e longas horas procurando o jeito certo de dizer: “Os resultados do laboratório chegaram”. Eu encontrei onze inflexões diferentes antes de me decidir pela melhor.

Dois longos dias no *set,* e mais duas noites com Jackie, noites que pareciam excessivamente curtas. Nossas horas de ócio, bebendo *mojitos* e vendo o pôr do sol, eram agora uma lembrança distante: depois de passar doze horas no *set,* Jackie estava tão cansada que, quando voltávamos para o hotel, não dava tempo para nada além de uma refeição rápida, de um período curto, porém, intenso, de estudo do roteiro para o dia seguinte, e então um banho. É claro, o banho era mútuo e durava um pouco mais que o costumeiro. E daí, direto para a cama, para algumas horas de sono precioso, apenas ocasionalmente interrompidas por atividades não dedicadas ao descanso.

Não existe vida que não tenha seus enigmas, e a minha nova vida não era exceção. Para começar, Robert parecia andar me evitando. Talvez eu tivesse partido o doce coraçãozinho dele, e talvez ele tivesse sabido disso por intermédio da Deborah, mas não havia dúvida a respeito. Assim como minha irmã, ele fugia da minha sombra. Não havia mais convites para almoço, nada de

perguntas enfadonhas a respeito de impressões digitais. Ele se transformou em algo indisponível e inabordável, passando o tempo todo ou em seu camarim, “Estudando Minha Parte”, ou bem longe do *set,* indo para ninguém sabia onde.

Até o Renny falava comigo de vez em quando, jeitosamente arrancando de mim alguns elogios a respeito de sua atuação no especial de sábado à noite. Mas Robert estava esquivo; se eu passasse por ele no corredor, ele me cumprimentava com um gesto e saía correndo antes que eu pudesse falar, e se o visse pegando uma xícara de café, ele me dizia um oi rápido e alegre, e então saía correndo, ainda mexendo sua xícara de café. Para falar a verdade, não me importava em não falar com ele, mas era um tanto desconcertante que isso fosse decisão dele, e me fez ficar pensando se eu deveria mudar de antisséptico bucal. Mas Jackie não havia reclamado, e ela com toda a certeza saberia melhor que Robert se eu estivesse sofrendo da Síndrome do Mau Hálito.

Passou pela minha cabeça que Robert estava me evitando por causa da raiva que ele sentia de Jackie, e por eu estar tão claramente *com* ela agora – e, para ser exato, a última vez que ele tinha falado mesmo comigo fora na suíte do hotel onde ficavam os figurinos, quando me viu chegar com Jackie. E então as crianças tinham aparecido, e cada qual tinha ido por seu caminho; e é claro que ele não poderia me confrontar, apontar um dedo irado para mim e me acusar de ser hétero. Tanto faz; eu não lamentava o caminho que tinha trilhado, mesmo que Robert provavelmente o fizesse.

Quaisquer que fossem suas razões, Robert estava me evitando, e isso fazia com que fosse muito difícil dar conselhos técnicos para ele. Mas dei um jeito de controlar meu desalento e ainda conseguir a minha cota de *pastelitas.*

E por algum outro motivo, esses dois dias também se passaram sem nenhum progresso para pegar o assassino de Kathy. Parecia impossível, pelo menos para Anderson, mas, de algum jeito, ele não estava mais perto de botar as mãos em seu criminoso do que estava no dia em que tinha nascido. Ele ainda estava convencido de que o assassinato de Kathy fora obra do

mesmo assassino, e então, naturalmente, era muito difícil para ele encontrar qualquer pista. Eu teria ficado muito feliz em conduzi-lo até Patrick, especialmente se pudesse deixar os dois juntos debaixo d'água, mas, isso iria contra as regras: ser um cabeça de merda asqueroso não tornava Anderson um candidato adequado para receber minha Atenção Especial. Além disso, Patrick não tinha matado Kathy. E como eu realmente não tinha o menor interesse em saber quem a tinha matado, deixei que Anderson ficasse se movendo desajeitado em seu nevoeiro estúpido e ignorante. Eu não tinha mesmo gostado de Kathy, e não era minha tarefa levar o assassino dela à justiça. E, além disso, eu estava ocupado demais treinando minhas falas e gravando minhas duas primeiras cenas.

Minha atuação parecia ter sido razoavelmente bem recebida. Pelo menos, ninguém chegou a reclamar de verdade, e quando terminei a primeira cena, aquela em que dizia “Os resultados do laboratório chegaram” para Jackie, ela me deu um abraço.

– Você consegue dizer Emmy? – ela me perguntou, sorrindo.

– Eles dão um para o melhor coadjuvante CDF? – eu perguntei para ela.

– Agora vão ter que dar – ela disse.

Mesmo com a tensão pela espera do meu prêmio, os dois dias e noites passaram rapidamente. E, então, entramos no terceiro dia de filmagens.

Quarta-feira era nosso primeiro dia fora do estúdio, nas ruas cálidas e maldosas de Miami. Iríamos gravar no centro da cidade, a poucos quarteirões do Biscayne Boulevard, em uma rua lateral que margeava um grande estacionamento. Era minha grande cena também, aquela em que eu, no papel de Ben Webster, me afastava das minhas amarras mortais, e Jackie, como a durona detetive Amber Wayne, jurava se vingar impiedosamente sobre meu corpo que perdia o calor.

As ruas haviam sido isoladas por vários quarteirões em cada direção, e os soldados uniformizados mantinham uma barreira mais compacta do que jamais haviam feito em uma cena de homicídio. Dentro do estacionamento, um punhado de *trailers* grandes e com ar-condicionado havia sido instalado. Um era para

todos os atores, o outro, para as atrizes; e um, para minha surpresa e meu deleite, havia sido dedicado inteiramente ao conforto e bem-estar da srta. Jackie Forrest – e isso queria dizer o conforto de Dexter também. Esse era um arranjo delicioso, embora Jackie me garantisse que era um procedimento padrão, um dos privilégios concretos de ser uma Atriz Principal. Era fato sabido que os verdadeiros artistas precisavam de privacidade em uma proporção direta ao salário e à posição deles nos créditos iniciais. Mas, na qualidade de novo namoradinho de Jackie, eu era muito bem-vindo para desfrutar de um pouquinho de semiprivacidade com ela, e não permiti que quaisquer noções antiquadas de solidariedade para com as classes trabalhadoras me impedissem de desfrutar do *trailer* luxuriante e fresco, e nem de sua geladeira bem abastecida. Pelo contrário, eu me vesti com as roupas de Ben Webster no quarto do *trailer* da Jackie, e então me estiquei no sofá com uma xícara de café e tentei não me sentir mal por causa de todos os outros atores que faziam pontas e que estavam amontoados em um único *trailer.* E de algum jeito consegui sobreviver à culpa devastadora, e, lá pelas dez e meia da manhã, eu finalmente fui chamado.

Um moço bastante excitado, de pele bem escura, e com sotaque haitiano, me levou para o local da rua onde eu deveria morrer. Eu poderia com toda a facilidade ter descoberto isso por conta própria, já que ele estava cercado de pessoas, de *vans* e de caminhões – um deles com um gerador imenso –, bem como câmeras, luzes, e uma cobertura listrada de azul e branco onde um homem, a quem eu reconheci como Victor, o diretor, se sentava com outras pessoas, empoleirados em cadeiras altas de lona na frente de alguns monitores grandes e de telas finas. Victor não olhou quando nós passamos. Ele parecia estar muito ocupado, dando instruções para seus cúmplices. Tentei achar um megafone, ou uma coqueteleira para martínis – qualquer coisa que indicasse as santificadas tradições de Hollywood –, mas havia apenas *walkie-talkies* e um copo descartável de café, vindo de um restaurante das proximidades, em cada mão.

Meu jovem condutor me guiou passando pelo centro de comando, explicando sem fôlego que estava estudando

comunicação social bem aqui na Universidade de Miami-Dade, e que seu tio Hercule estava dirigindo um dos caminhões cenográficos para o seriado e tinha conseguido para seu sobrinho, ele próprio, Fabian, esse emprego fantástico de Assistente de Produção, que não pagava assim tão bem, mas era uma experiência fantástica, e será que daria pra eu passar por ali?

Eu passei. Fabian me levou até uma *van* branca com abertura na lateral, onde um homem alto com a cabeça raspada e um bigode elaborado estava sentado no para-choque. Ele ficou em pé quando nos aproximamos, e disse em voz alta:

– É ele, Fabian? Brilhante!

Mesmo sem o "brilhante", seu sotaque dizia que ele era britânico. Ficou em pé e estendeu a mão, pairando muitos centímetros acima de mim e de Fabian.

– E aí, cara – ele disse. – Sou Dickie Larkin. Tenho de fazer você ficar todo ensanguentado.

Apertei a mão dele e Fabian desapareceu em um trotezinho. E quando o haitiano Fabian me entregou para o britânico Dickie, só pude ficar pensando; estaria eu vendo um exemplo de bons empregos norte-americanos sendo roubados por estrangeiros?

Mas Dickie não me deu tempo para refletir a respeito de paradigmas socioeconômicos. Ele me pegou pelo cotovelo e me conduziu até a porta lateral da *van.*

– Tire a camisa – ele disse e abriu as portas duplas.

– Mas acabei de vestir – eu falei.

– E agora você vai tirar – ele falou. – Tenho que deixar você preparado, não tenho?

– Ah – eu disse. – Você tem?

Ele se virou, segurando uma armação de arame, com quatro pequenos tubos vermelhos pendurados dela, e disse:

– Tenho. Não dá pra você morrer direito sem os seus petardos.

– Eu achei que petardo era um tipo de fruta exótica – falei.

– Achou errado, garotão. – Ele ergueu sua estranha armação e a sacudiu. – Isto... isto é um petardo. Quatro dessas coisinhas tão lindas. – Ele os estendeu na minha direção. – Que não tenho

como colocar em você se você não tirar essa droga dessa camisa.

– Bom, então... – eu disse e tirei a camisa de Ben Webster, me sentindo um pouco estranho por estar na rua daquele jeito, meio sem roupa. Mas eu precisava me acostumar com essas coisas; agora eu era um ator, e meu corpo era minha tela, seminu ou não. De qualquer modo, Dickie nem olhou para o meu lado. Ele continuou a trabalhar, assobiando, alegre, e me explicando como os petardos funcionavam enquanto os colocava em seus lugares.

– Isto aqui não é nada além de um pequeno fogo de artifício – ele disse. – E um detonador. – Fez um gesto indicando a van. Tentei dar uma olhada por trás dele, mas ele era alto demais. – Eu tenho uma pequena caixa preta. Dá uma apertada no botão e bum! Erga os braços.

Ergui meus braços o máximo que pude enquanto Dickie passava a armação ao redor das minhas costas, e então procurou atrás dele quatro pequenas bolsas de plástico, cada uma delas cheia de um negócio que se parecia de um jeito perturbador com sangue. Meu rosto deve ter demonstrado algum sinal de ligeira repulsa, porque Dickie balançou a cabeça e disse:

– É sangue falso, garotão. Garantido, à prova de AIDS.

– Tudo bem – eu disse. – Ele vai, hum... fazer sujeira?

– Não se preocupe – ele falou. – Você não vai ter de limpar.

Ele tinha razão, é claro, e aquele foi um pequeno consolo – mas eu realmente não gosto de sangue, e a ideia de carregá-lo perto da minha pele daquele jeito era ligeiramente repugnante. Porém, sufoquei os meus sentimentos com um profissionalismo férreo e deixei que Dickie fizesse seu serviço. Ele colocou uma das bolsas na ponta de cada um dos pequenos tubos vermelhos.

– Os detonadores – ele disse. – Isso aí faz estourar a bolsa de sangue e dá a impressão de que você foi baleado. Barato e legal. Assim – ele disse e deu um passo para trás. – Tudo bem. Dá pra você se mexer direito?

Eu ergui e abaixei os braços, me mexi de um lado para o outro, dei uns pulos.

– Dá – eu disse. – Como, hum... Qual é a sensação?

– Você vai sentir um ligeiro choque – ele disse –, e essa é a sua deixa para você cair morto, entendeu?

– Quanto é “ligeiro”? – perguntei.

Ele piscou para mim.

– Não vai matar você, cavalheiro – ele disse. – Eu já passei por coisa pior. – Não era exatamente um grande consolo, mas, aparentemente, era toda a informação que eu iria receber de Dickie. Ele deu umas ajeitadinhas, recuou uns passos de novo e me olhou com ar satisfeito.

– Tá acabado – ele disse. – Bote a camisa e tá pronto para ir.

Voltei a vestir a camisa. Ela estava um pouco mais apertada com os fogos de artifício do Dickie amarrados por baixo, mas ele me garantiu que eles não apareciam, e em um piscar de olhos fui com passos largos para a rua para encontrar Meu Marco. Marco não era um cara: era um pedaço de fita adesiva no chão que indicava onde você tinha de ficar para que as câmeras pudessem mantê-lo em foco. Eu tinha aprendido tudo sobre Marcos ao gravar a minha primeira cena e me senti muito profissional ao perguntar para Martha, a Assistente do Diretor, onde estava o meu. Ela me levou até um lugar na calçada, apenas a poucos metros de onde uma passarela se erguia e passava por cima da rua.

– O carro vai passar por ali – ela disse. – Eles atiram, e você cai bem aqui. – Ela me mostrou a segunda marca feita com a fita, metade na sarjeta e metade na calçada. – Sua cabeça cai para cá – ela disse, fazendo um gesto na direção da passarela. – Tente não se mexer muito depois de cair no chão. – Ela deu uma palmadinha no meu braço. – Continuidade – ela disse e se afastou rapidamente, falando em voz alta em seu *walkie-talkie.*

Trabalhar na sétima arte é um bocado mais difícil do que a maior parte de nós jamais possa pensar. Você pode pensar que uma coisa tão simples quanto filmar bandidos matando Dexter seria uma coisa fácil. Afinal, pensem em todos os filminhos maravilhosos que nós fazemos todos os dias com nossos celulares. Mas a coisa de verdade, como a que estávamos fazendo naquele momento, é muito mais difícil. Há uma porção de pequenos gestos que têm de ser coordenados à perfeição,

luzes e refletores que precisam ser movidos por aí, microfones sendo colocados e retirados, e muitos acessos de gritos rituais dados pelo diretor às outras pessoas. E então, finalmente, quando tudo está perfeito, um avião passa por cima de nossas cabeças e estraga o som, de modo que você tem de começar tudo de novo.

No grande esquema das coisas, minha morte era apenas um ponto no enredo, um detalhe pequeno e insignificante na história maior e mais importante da bela, mas inflexível, detetive Amber Wayne. Mesmo assim, foram necessárias sete tentativas diferentes antes que tudo acontecesse para a total satisfação do diretor, Victor. Era entediante, e é difícil parecer chocado e surpreso de modo convincente quando a mesma coisa acontece sete vezes em seguida. Mas tudo isso era parte da minha nova profissão, e se eu conseguisse abrir meu caminho escada acima e pegasse papéis maiores um dia, essas sete tomadas se multiplicariam em muitas mais – exponencialmente mais se fosse um longa-metragem em vez de um seriado para a televisão. Jackie tinha me dito que, em um longa-metragem com um orçamento respeitável, cento e cinquenta tomadas não eram uma coisa incomum.

Então, eu executei com toda a paciência a simples ação de olhar com surpresa para um carro que passava, uma vez depois da outra, até Victor ficar feliz – e então tive de aguentar ser baleado três vezes. Estou certo de que teriam sido mais vezes se não fosse pelo fato de que, a cada vez que os petardos explodiam e as bolsas de sangue estouravam, a minha camisa ficava arruinada; e eles tinham apenas três camisas iguais. Então, depois da terceira vez que passei pela rotina da amarração com o Dickie, e atuei como Dexter, o Cisne Moribundo, e caí com toda a graça na sarjeta, Victor berrou:

– Tudo bem, já chega. Tragam Jackie aqui. Não se mexa, Derrick.

– É Dexter – eu disse, me sentindo desconfortavelmente parecido com Robert ao objetar quando era chamado de “Bob”. Victor não respondeu; sem dúvida, ele tinha muitas ordens importantes para dar.

Não me mexi. Ninguém me perguntou se eu estava confortável, o que não estava. O sol estava quente para um dia de outono, e o chão era duro. Mas não parecia muito profissional solicitar um travesseiro ou um guarda-sol; então fiquei lá deitado e perdido em meus pensamentos profundos e sombrios. Fiquei pensando quando Jackie apareceria e fiquei pensando quantas tomadas teríamos de fazer. Fiquei pensando se nossos futuros espectadores seriam capazes de ver um elo especial entre nós dois nessa cena, nossa grande cena juntos. Eu tinha ouvido que "química" entre atores dava um toque mais do que especial para o trabalho deles, e certamente tínhamos química. Talvez ela transparecesse na tela. É claro, eu estava morto, e isso limitava mesmo meus processos químicos. Talvez não fosse essa a ocasião e o lugar para pensar em meu Emmy.

E fiquei pensando se haveria outras cenas em que pudéssemos ficar juntos no futuro. Havia, mesmo, um futuro para Jackie e Dexter? Não tínhamos mais discutido a questão, já que eu havia mudado de assunto de modo tão agradável na *chaise longue,* na varanda da suíte de Jackie. Seria esse apenas um romance de faz de conta, o tipo de acidente de trabalho de Hollywood, a respeito do qual a gente lê nas revistas de fofocas? Ou seria mais que isso, algo que duraria mais, um novo começo em um cenário completamente novo?

Do jeito que as coisas estavam agora, eu não iria sentir muitas saudades da minha vida antiga: Deborah, minha irmã, aparentemente havia rompido comigo para sempre; minha vida doméstica havia se transformado em uma irritante pedra de moinho pendurada em meu pescoço; e meu trabalho não era nada além da habitual execução de tarefas rotineiras. Eu não tinha amigos de verdade – além do meu barco, não havia nada que pudesse amarrar minha vida em Miami. É claro, havia o Meu Eu Noturno, o Diabólico Dexter que despachava os Malvados para seus merecidos destinos com uma lâmina afiada e um sorriso caloroso. Mas esse outro eu era transportável; e julgando por tudo que havia ouvido falar do mundo do cinema, eu tinha certeza de que havia um monte de Companheiros dignos em Los Angeles – ou, para ser exato, para onde quer que eu fosse.

Sendo a natureza humana o que ela é, eu poderia ter a certeza de encontrar diversão de qualidade em todos os cantos deste velho e cansado mundo.

Havia um detalhe pequeno, talvez importante: Jackie ainda não havia me convidado para ir com ela quando partisse, e eu não tinha a menor ideia se realmente fazia parte dos planos dela para qualquer futuro que se estendesse além das noites no hotel. Eu nunca consegui entender seres humanos – sobretudo seres humanos femininos. E bem quando tenho certeza de que sei exatamente o que estão pensando, elas dizem ou fazem alguma coisa tão surpreendente e chocante que só posso ficar espantado e perceber uma vez mais que não sou a única criatura que está andando por aí com uma completa mentira colada em meu rosto.

Eu achava que Jackie gostava de mim – e talvez fosse além de *gostar.* Se não, ela com certeza estava me dando uma imitação incrivelmente convincente. Mas eu não sabia, e não sabia como descobrir, a não ser que acabasse fazendo a pergunta desajeitada bruscamente. E se a resposta fosse “não”, o que eu faria? Será quê conseguiria só apertar a mão dela e ir embora, voltar a ser o tão Decepcionante quanto Desnecessário Dexter?

Ouvi uma batida de porta de *trailer* nas proximidades, e Martha se aproximou de mim.

– Ela vem vindo – ela disse e se debruçou sobre mim falando acusadoramente: – Você se mexeu. – Arrumou meu braço esquerdo e depois o direito. – Assim – ela falou e virou minha cabeça uns dois centímetros para a direita. – E assim... tudo bem, ótimo. – Desapareceu, e um momento depois Jackie estava parada ao meu lado.

– Você parece tão natural – ela disse, com um sorrisinho.

– É muito mais duro do que parece – eu falei. – E o chão também é.

– Bom, então vamos ver se conseguimos fechar essa cena em uma tomada só – ela disse.

Em seguida, Victor estava berrando instruções, o pessoal das luzes começou a se mover ao redor dos refletores, e o sonoplasta passou por ali e ficou pairando nas proximidades,

segurando um longo cabo com um microfone na ponta sobre a cabeça de Jackie.

Jackie desviou o olhar de mim e fiquei olhando enquanto ela passava pela estranha transformação pela qual sempre passava quando as câmeras se voltavam para ela. O rosto dela ficava mais frio, mais rígido, e seus traços pareciam se alterar sutilmente, até que não era mais o rosto de Jackie.

A primeira tomada começou – e foi interrompida abruptamente, por nenhum motivo que eu pudesse ver, antes que Jackie pudesse falar. Que enganação essa história de fechar em uma tomada.

A segunda tomada foi um pouco melhor. Jackie até chegou à parte em que ela vê meu corpo estraçalhado e exclama:

– Ben! Oh, meu Deus, Ben! – E então uma motocicleta passou rugindo em uma rua das redondezas, e Victor gritou:

– Corta!

Tomada número três, e Jackie chegou até a parte em que ela se ajoelha pesarosa ao lado do meu corpo, e diz, por entre os dentes cerrados:

– Eu vou pegar os desgraçados que fizeram isso. Eu juro! – Porém, em vez de olhar, vingativa, à distância, ela se voltou para o diretor e disse:

– Mas que inferno, Victor, tem uma droga de uma sombra bem no meu rosto durante todo o tempo, pô!

E assim foi. Longe de fechar em uma tomada só, nós ainda estávamos tentando acertar depois de onze tomadas. Eram apenas poucas palavras e poucas ações simples, mas cada uma delas requeria dúzias de ajustes precisos, e cada ajuste levava vários minutos, e o tempo não para, nem mesmo para o diretor. Os ânimos começaram a esquentar, até mesmo o de Jackie. Eu tinha descoberto que ela era uma pessoa diferente durante as horas de trabalho: exigente, impaciente e ocasionalmente – como agora – irritadiça. De jeito nenhum uma diva, pelo menos não em minha opinião. Mas ela sabia exatamente o que queria e não tinha vergonha de pedir.

O pessoal das luzes começou o seu rebuliço e mexeu as coisas por ali; o sonoplasta andou de um lado para o outro e uma

vez ou duas gritou umas frases misteriosas na direção de Victor; Jackie ficou ainda mais nervosa; e esse tempo todo o pobre Defunto Dexter ficou deitado sem se mover no duro e desconfortável pavimento, e ficou pensando quando seu tormento iria cessar, e se já era hora de comer. E finalmente, provando uma vez mais que o sol ilumina os malvados tanto quanto os justos, eu ouvi Victor gritar:

– Mas que *saco!* – Houve um murmúrio premente de vozes apaziguadoras, e então Victor disse: – Merda. Tudo bem, pessoal, hora do almoço!

CAPÍTULO 30

Fui com Jackie até o seu *trailer.* Ela caminhava a passos rápidos, com a cabeça baixa, claramente preocupada, e não fiz nada que pudesse atrapalhar a concentração dela. Não falou até estarmos confortavelmente instalados no sofá, no frescor e na calma do *trailer.* Alguém havia, com muita consideração, deixado a comida sobre a mesa, e dei uma olhada.

Pode parecer um paradoxo, mas, embora todo o resto se mova tão lentamente em um *set,* as fofocas correm mais depressa do que a velocidade da luz. Eu tinha percebido, no segundo dia, que as pessoas que tinham me ignorado antes agora estavam sendo educadas e amáveis. Cada vez que eu pegava uma xícara de café ou mais uma *pastelita,* alguém elogiava Jackie em algum lugar por perto, onde eu pudesse ouvir. Acrescentando isso aos olhares astutos e às piadinhas que ouvi, ficou claro que todo mundo sabia que Jackie e Dexter eram um Casal. E, então, algo mais do que natural, *duas* belas caixas com comida haviam sido deixadas no *trailer* de Jackie, a Dele, assim como a Dela.

Abri uma caixa: um bom e grosso sanduíche de frios, queijo, alface e tomate. Um pacote de batatas fritas, picles, um saco plástico com um grande *cookie* de chocolate.

Olhei para Jackie. Ela estava sentada no sofá, o roteiro ao seu lado, os braços cruzados, um ar preocupado no rosto.

– Não quer comer nada? – perguntei.

Ela ergueu os olhos, como se estivesse me vendo pela primeira vez.

– O quê? Ah... Claro, por que não? – E então ela franziu as sobrancelhas, tornando a ficar com o olhar perdido no mesmo ponto fixo na parede do *trailer,* os lábios se movendo ligeiramente.

Peguei uma caixa, sentei-me ao lado de Jackie no sofá e perguntei:

– Quer alguma coisa para beber? Tem refrigerante, chá gelado, Perrier...

– Tanto faz – ela disse, um tanto mal-humorada, pensei.

Peguei uma garrafa de Perrier na pequena geladeira do *trailer,* tirei a tampa e a dei para Jackie. Ela pareceu não me ver.

– Jackie?

– Pelo amor de Deus, mas que... Ah, obrigada – disse e pegou a garrafa da minha mão, mas não fez nada com ela.

Meu celular tocou. Eu o deixara no pequeno quarto, sobre a cômoda, e fui lá olhar. Com a pressa, tropecei em alguma coisa que eu realmente deveria ter visto – a grande caixa com os pertences de Kathy. Ela fora conosco para o *trailer* e agora ocupava o espaço estreito entre a cama e a cômoda. Jackie ainda não tinha conseguido dar uma olhada nas coisas, mas mantinha a caixa por perto, caso tivesse alguma infeliz crise de consciência. Eu passei ao lado da caixa e dei uma olhada no meu celular.

O visor do celular estava brilhando com o nome da pessoa que chamava: era Rita. Eu hesitei, tentando decidir se tinha alguma coisa para lhe dizer agora. Tornei a olhar para Jackie, que ainda estava franzindo a testa, olhando fixamente à sua frente e movendo os lábios em um conversa inaudível com um amigo invisível. Olhei de novo para o celular, ainda indeciso, e ele parou de tocar. Uns segundos depois, ele bipou, sinal de que Rita havia deixado uma mensagem.

Peguei o telefone e vi que agora eram doze chamadas não atendidas da Rita, cada uma com sua mensagem de voz.

Eu suponho que deveria ter telefonado para ela, ou, pelo menos, ouvido as mensagens, mas não queria fazer isso; não queria ser sugado de volta para nenhum tipo de rodamoinho que estivesse girando ao redor da minha antiga vida bem quando ela estava indo pelo ralo. Não tinha a menor paciência para uma discussão a respeito de que cor as bordas da piscina na casa nova deveriam ser, ou por que a saia da Astor estava tão curta. Essas coisas não pareciam mais fazer parte de mim ou de quem eu era, e eu não tinha nenhum desejo sutil de voltar para elas, muito menos um sentimento de obrigação. Para ser exato, não tenho um senso de dever, nunca tenho – a não ser para mim mesmo. Antigamente, eu telefonaria para Rita porque tinha

aprendido que esse era o tipo de detalhe insignificante que a fazia ficar feliz; e eu precisava dela para manter meu fingimento de ser um cara normal. Ela era uma grande parte da minha camuflagem; as pessoas viam um homem casado com três filhos, e por isso não viam o monstro que eu realmente sou.

Mas agora? Eu não conseguia ter o menor interesse pelas notas de Cody em uma prova de interpretação de texto, ou pela opinião de Rita a respeito das minhas roupas para lavar. Senti uma leve pontada ao pensar em Lily Anne – a única conexão biológica direta que eu tinha com o futuro, meu único lance de DNA rumo à imortalidade. Mas, afinal de contas, qualquer coisa que acontecesse, eu teria a permissão de vê-la de vez em quando; e, nesse meio-tempo, uma menininha precisava mesmo era da mãe, muito mais do que de um pai com uma tendência a fatiar e picar qualquer coisa que caísse sob a sua faca.

Então, deixei o telefone de lado e voltei a olhar para Jackie. Ela ainda estava com aquele olhar fixo, a testa ligeiramente marcada por uma ruga, mas, pelo menos, seus lábios tinham parado de se mexer.

Voltei para o sofá e a olhei. Aparentemente, ela não me percebeu, e não se moveu. Eu me sentei ao lado dela e perguntei:

– Alguma coisa está errada?

Ela me olhou, ainda com a testa franzida.

– O quê? Ah, não, é... Ouça, se eu lhe dissesse que você é um canalha peso-leve, o que você diria?

– Eu não... eu, hum – gaguejei. – Quer dizer, você *vai* mesmo me dizer isso?

Jackie pareceu ficar surpresa, então deu uma risadinha e disse:

– Não, não é você, é só... é uma fala, é uma coisa que Tonio me diz, na cena seguinte. – Tonio era um dos bandidos em nosso interessante pequeno drama, o cara que Jackie, no papel de Amber Wayne, achava que tinha me baleado.

– Ah – eu disse e admito que estava aliviado. – Então, você não acha que sou um bandido peso-leve? – Eu estava

avançando às escuras e sem a menor vergonha, mas por que não?

– Dexter, não seja um retardado – ela disse e me puxou para perto. – Eu acho que você é o cara que está mais longe de ser um bandido.

– Mas mesmo assim ainda um peso-leve? – perguntei. Apesar da longa manhã de trabalho, o cheiro dela era muito bom.

Ela encostou o rosto no meu pescoço.

– Campeão peso-pesado – murmurou. E então ela me deu uma mordidinha.

Eu dei um pulo e disse:

– Ai. – Olhei para ela e, embora ainda estivesse me olhando, e não estivesse mais com a testa franzida, ela estava com um ar sério.

– A questão é – ela disse. – O que vamos fazer a respeito dessa situação?

E lá estava, em alto e bom som.

– Bem – eu disse, ainda procedendo com muita cautela –, o que você gostaria de fazer a respeito?

Alguma coisa passou rapidamente pelo rosto dela. Desânimo? Irritação? Eu não saberia dizer. E então ela deu um ligeiro bufo e balançou a cabeça.

– Uma das coisas de que eu realmente gosto em você é que você não se parece de jeito *nenhum* com qualquer outro cara que eu já tenha conhecido – ela disse. – Mas tem um lado negativo nisso.

– O que você quer dizer?

– Dexter... essa foi sua deixa. Você deveria dizer que quer fugir comigo, que não pode viver sem mim, que precisa de mim como o ar que respira...

– É tudo isso – eu disse, muito embaraçado. – Mas eu não... quer dizer, eu queria saber. Quer dizer, o que *você* pensa.

Ela balançou a cabeça de novo.

– Eu sou a menina, você é o menino – ela disse, cutucando-me com o dedo, para que eu entendesse qual dos dois era eu. – Você tinha de me *dizer* o que eu acho, seu retardado. Convença-me... Você não sabe nada a respeito de mulheres?

– Eu acho que não – eu disse. – Tem algum livro...?

Ela me deu um soco no braço, nem de perto tão forte como os que a Deborah dá. Ou costumava dar, eu acho que deveria dizer. Mesmo assim, eu o esfreguei.

– Idiota – disse Jackie. – E você ainda não falou.

– Bom – disse eu, sentindo-me muito desconfortável. – Eu, hum... eu acho que eu... – Ela estava me observando, atenta, aqueles imensos olhos cor de lavanda fixos em mim sem piscar. – Eu acho que eu, hum... Eu preciso de você como o ar que eu respiro. E, hum, eu quero fugir... com você?

Jackie continuou a me observar durante o que pareceu ser muito tempo. E então ela finalmente sorriu e estendeu as mãos e entrelaçou os dedos na minha nuca.

– Melhor – ela ronronou. – Muito melhor. – E puxou meu rosto para perto do dela.

O sinal para voltarmos ao trabalho soou uns quarenta minutos depois. E acontece que tive de comer meu sanduíche enquanto voltava para o *set.*

Outras duas horas se passaram antes que eu finalmente ficasse morto o suficiente para deixar Victor satisfeito. Precisamos mover os refletores oito vezes; as câmeras, três vezes, e mudaram uma das falas de Jackie para se adaptar melhor à excelente imitação de Deborah que ela estava fazendo. E na hora em que fui liberado de meu estado cadavérico, minha perna esquerda havia adormecido, eu estava com dor de cabeça, nas costas e no pescoço por ter ficado deitado na calçada em uma posição tão desconfortável por tanto tempo – e deve ser dito que eu também estava absolutamente enojado por ficar lá deitado com uma camisa encharcada de sangue, falso ou não. De modo geral, foi o suficiente para me fazer repensar minha decisão de me tornar um astro da tela ganhador de prêmios. Mesmo assim, toda grande arte tem seu preço, e hoje era o dia de Dexter pegar o cheque de pagamento.

Foi sem a menor relutância que abandonei meu lugar na frente das câmeras. Fiquei parado, me espreguicei e tentei recuperar um pouco da sensação na perna enquanto Jackie confabulava com Victor. Quando consegui andar de novo sem me parecer

com Long John Silver[22], eles já estavam se preparando para uma série de *closes* de Jackie enquanto ela reagia a coisas que não estavam acontecendo. Por mais fascinante que esse tipo de psicose autoinduzida seja, eu já estava cansado dela depois de cinco minutos, e então dei um afetuoso adeus ao apelo hipnótico das câmeras e me dirigi para o *trailer* para trocar de roupa e relaxar.

Ouvi meu celular tocando enquanto subia os três degraus que levavam à porta do *trailer,* e não precisava ser nenhum genial cientista construtor de foguetes para adivinhar que era Rita me chamando de novo. Eu me arrastei pela sala e caminhei até a cômoda, passando cuidadosamente pela caixa com os pertences de Kathy dessa vez, e dei uma olhada rápida para a tela. Sim, claro. Era Rita – e ela já tinha chamado outras sete vezes enquanto eu jazia morto na rua. Fala sério, a mulher estava obcecada por mim, e eu nem era uma estrela ainda.

Coloquei o telefone de lado e saí andando para ir à quitinete e pegar um refrigerante – fiz uma pausa. Dezenove telefonemas pareciam uma coisa excessiva, até mesmo para Rita, a não ser que ela estivesse telefonando por algum motivo muito importante. A única pergunta a ser feita era: importante para quem? A princípio, eu tinha suspeitado que Deborah havia contado tudo para Rita em uma crise de Ódio do Dexter, e Rita estivesse telefonando para guinchar na minha cara clichês a respeito da minha completa devassidão. Essa era uma conversa que ela poderia muito bem ter sem a minha presença; e eu preferiria que fosse assim.

E se Rita ganhasse o prêmio da loteria, maravilha; isso iria suavizar o golpe quando ela começasse sua nova existência sem Dexter.

Mas, por outro lado, se ela estivesse telefonando para informar algum tipo de calamidade...

Não seria uma coisa drástica o suficiente para requerer uma ambulância ou a intervenção da polícia, ou eu teria ouvido algo a respeito de um dos policiais que estavam aqui no *set,* ou do Vince, ou talvez mesmo da Deborah. E isso deixava...

O quê?

É verdade que eu não sou humano de verdade e não tenho os imprudentes e ilógicos sentimentos característicos dessa raça selvagem e nômade. Mas, infelizmente, compartilho de uma ou duas fraquezas humanas, e uma das mais mortais dela é a curiosidade. Dezenove telefonemas para informar alguma coisa que era extremamente significativa, mas nem boa demais e nem ruim demais; era uma verdadeira charada, e eu não gosto de charadas. Elas são uma afronta à minha autoestima tão duramente conquistada e tão bem cuidada; e quanto mais impossíveis elas parecem ser, mais as detesto – e, mesmo assim, ainda me sinto impelido a descobrir a resposta.

E finalmente, depois de vários minutos de conjecturas infrutíferas, quando eu já havia chegado naquele estado em que começo a ranger os dentes, eu me rendi, peguei o celular e telefonei para Rita.

– Oh, Dexter, graças a Deus – ela disse, em vez do mais tradicional Alô, e a voz dela me informou na hora que eu poderia com toda a segurança abandonar a opção Ganhadora-da-Loteria. – Eu estou telefonando sem parar... Oh, meu Deus, onde você andou? Eu não sei o que fazer, porque... por que você não atendeu?

Na presente situação, eu não respondi porque não conseguia enfiar uma única sílaba nos espaços entre as palavras ditas pela Rita. Mas essa não era mesmo a questão.

– Desculpe – eu falei. – Mas estou trabalhando com o pessoal do seriado esta semana.

– Televisão – ela disse, irritada. – Dexter, não é mais do que um piloto... E você não telefona e você não *responde...* e eu estou ficando louca!

Parecia que não ia ser nada muito emocionante, mas eu queria saber o que estava errado, então, eu só disse:

– Bem, sinto muito, mas estamos trabalhando o dia todo... e eu tenho um papel com fala agora, Rita. Quer dizer, como ator.

– É, eu sei, Astor disse que você... mas é exatamente isso!

– Isso o quê?

– Astor! – ela gemeu. – Eu não sei onde... ela nem mesmo, oh Deus, eu devia ter dado um celular pra ela.

Eu conhecia os padrões conversacionais da Rita o suficiente para saber que, pelo menos, estávamos nos aproximando da resposta. Nosso problema tinha alguma coisa a ver com Astor – mas seria mesmo a respeito de Astor não ter um celular?

– Rita, fique calma – eu disse. – O que aconteceu com a Astor?

– Ficar *calma?* Quando já procurei em todos os lugares e telefonei para você umas vinte vezes e... Dexter, eu não tenho a menor ideia de onde ela foi!

– Ela *desapareceu?* – eu adivinhei. – Astor desapareceu?

– Sim, é claro, é isso que eu... Dexter, o que a gente vai fazer?

– Será que ela não ficou na escola depois da aula? – eu perguntei, esperançoso.

– Ela não *foi* pra escola! – berrou Rita, como se estivesse cansada de me dizer sempre a mesma coisa. – Ela nem ao menos *chegou* à escola hoje de manhã! E então alguém da escola telefonou para informar que ela estava ausente e era só aquela mensagem gravada horrorosa e eu não consegui falar com ninguém na diretoria e ela não foi para lugar nenhum onde eu possa encontrá-la porque nenhum dos amigos dela sabe oh Dexter, ela *sumiu!* – Era uma frase admirável, emitida em alta velocidade e no volume máximo sem uma única pausa para respirar, e fiquei impressionado por alguns instantes antes que o significado das palavras entrasse na minha cabeça.

– Rita, você está dizendo que ela desapareceu desde hoje de manhã?

– E eu flagrei Astor a noite passada... ela saiu escondida de casa! E não voltou pra casa até... Eu ouvi a porta, ou nem teria ficado sabendo... e agora ela sumiu de vez!

– A noite passada? – eu disse, tentando me agarrar a um farrapo de lógica que flutuava por ali. – Ela saiu escondida a noite passada, mas voltou e foi para a escola hoje de manhã?

– Eu a deixei na frente da escola como todos os dias, e o Cody, e então eu levei a Lily Anne para a creche. E quando cheguei ao trabalho, alguém da escola estava telefonando e... Dexter, eu estou enlouquecendo, eu não sei o que fazer! – ela

berrou, o que achei que significava “sim”. – Por favor, você tem que... Eu não sei o que fazer!

– Tudo bem – eu disse, e como não havia nada mais que eu pudesse fazer, acrescentei: – Eu estou indo.

– Depressa! – ela disse, e desliguei o celular.

E, tendo dito que estava a caminho, percebi que eu estava, tinha de estar, não poderia fazer nada além disso. Embora tivesse mentalmente me desligado de Rita e da prole dela, e apesar do fato de que nunca me sinto com a obrigação real de realizar nenhuma das dolorosas tarefas ligadas à paternidade humana, eu não via que outra coisa poderia fazer. Eu disse para mim mesmo que só queria garantir que meu rompimento não fosse sobrecarregado pela culpa, pelas acusações, pelas recriminações e por qualquer outra coisa que pudesse atrapalhar uma partida tranquila, e, até certo ponto, isso era verdade. Mas também percebi que fiquei pensando o que Jackie pensaria a meu respeito se eu ignorasse esse tipo de responsabilidade.

E, finalmente, se fosse para ser completamente honesto, e eu poucas vezes sou, tenho de admitir que ainda tenho um certo sentimento de... *propriedade* em relação a Astor. Se ela havia sumido, as chances de que um predador a tivesse capturado eram grandes, e se isso fosse verdade, ele a tinha tirado de *mim;* não somente um membro da irmandade dos predadores, e um que estava em um ponto muito mais alto da cadeia alimentar, mas *eu.* Para alguém invadir a minha área e pegar uma das minhas posses... isso era intolerável, e eu senti que estava ficando cada vez mais frio e com raiva e ansioso para trocar umas palavrinhas com essa criatura nociva. Atacar crianças – *minhas* crianças – não era apenas algo mais que desprezível, era um insulto pessoal. Tinham tirado alguma coisa minha; eu iria recuperá-la e ajudar essa criatura a ver como as atitudes dela haviam sido erradas.

Então, não fiquei pensando no assunto por muito mais tempo. Coloquei meu celular no bolso e voltei para o lugar onde Jackie estava filmando seus closes.

Felizmente para mim, Jackie havia acabado de filmar quando eu cheguei lá, e ela estava indo de volta para o *trailer* para

descansar um pouco.

– Ei! – ela disse, quando me viu. – Achei que você estaria afundado em uma xícara de café e um pão doce.

– Aconteceu um imprevisto – eu disse. – Astor desapareceu.

– Astor? – ela disse. – Sua filha?

– Filha da Rita – eu disse. Por algum motivo, parecia uma diferença importante. – Eu tenho que encontrá-la.

– Oh, meu Deus, é claro que sim.

– Tenho certeza de que não é nada – eu disse, embora não tivesse certeza nenhuma.

– Vá – ela disse. E então ela franziu a testa e pegou na minha camisa.

– Mas talvez você devesse trocar de roupa antes.

Dei uma olhada e vi que ainda estava usando a ensanguentada camisa de Ben Webster. Certamente, seria melhor não sair andando por aí para tentar fazer um resgate dando a impressão de que eu era a vítima.

– Oh – eu disse. – Acho que você tem razão.

Voltei para o *trailer* com Jackie e comecei a vestir minhas próprias roupas. Jackie se instalou no sofá e ficou me olhando.

– Você tem outra cena pra filmar? – perguntei.

– Não agora – ela disse. – E então vem a grande cena. O horror final.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei, enfiando as calças. – Eu já morri... o que poderia ser pior?

Ela fez uma cara de genuíno horror e chegou mesmo a estremecer.

– Uma cena de amor com o Robert.

– Ah – eu disse, e me sentei ao lado dela para calçar os sapatos. – Você consegue?

– Tem que conseguir – Estremeceu de novo. – Mas ele quer passar a cena comigo, e... seria melhor se eu fosse, é uma cena importante. – Ela suspirou e balançou a cabeça. – Ou eu poderia dar uma olhada nas coisas de Kathy, como prometi para o detetive Anderson. Estou adiando, e adiando, e não quero mesmo pensar que a Kathy está... – Ela desviou o olhar de mim e ficou olhando o quarto, onde a caixa estava amontoada ao lado

da cama. – De repente, só de pensar em beijar o Robert faz essa ideia ficar suportável.

– Bom, então – eu disse, me levantando –, é o que você tem que fazer.

– É – disse Jackie, ainda olhando a caixa. E então ela deu uma sacudida no corpo e se levantou. – Olhe só pra mim, tamanha atriz, completamente egocêntrica. Envolveu-me com os braços. – Sua filha desapareceu – ela disse e me abraçou com a cabeça apoiada no meu peito, e então ergueu os olhos para mim, aqueles incríveis olhos cor de lavanda subitamente ficando úmidos. – Vá encontrá-la, Dexter. E vá rápido. E... – Ela me dirigiu um olhar longo e inquisidor, e era claro que havia outra coisa que ela queria dizer, mas depois de um longo instante ela só ocultou o rosto no meu peito. – E depois volte pra mim.

Eu ia dizer que é claro que voltaria, mas então ela ergueu a cabeça e seus lábios cobriram os meus, e não pareceu ter a menor importância dizer alguma coisa. E, rápido demais, Jackie se afastou de mim.

– Vá – ela disse. – Antes que eu arraste você para o quarto. – Ela se inclinou e me deu um beijo rápido no rosto. Então foi para o quarto, tirou o *laptop* de dentro da grande caixa com as coisas da Kathy e o ligou na tomada ao lado da cama. – Merda – eu a ouvi murmurar. – Eu odeio isso...

Eu também não estava muito feliz com as coisas naquele momento, mas me dirigi para a porta. E quando estava longe, quase a ponto de não escutar mais, eu ouvi a porta do *trailer* se abrir com força, e a voz de Jackie gritar:

– Robert! – e então em um tom mais baixo: – Filho *da puta...*

Ela claramente havia decidido que preferia passar a cena com Robert em vez de olhar as coisas da Kathy. Qualquer uma das opções era um programa difícil, mas algumas horas difíceis estavam à minha espera também.

Fui até a barreira policial.

Eu tinha deixado meu carro no estacionamento do serviço, já que estava andando com Jackie no sedã. Mas encontrei um policial que estava indo para lá e consegui uma carona. Ele estava ouvindo uma rádio AM que transmitia um programa de

entrevistas conservador. O âncora estava fazendo algumas observações muito interessantes a respeito do presidente. Geralmente não presto muita atenção em política, mas, pelo que o homem dizia, eu tinha de acreditar que, em algum momento do passado recente, as leis relativas a sedições deveriam ter mudado.

O policial que estava dirigindo, entretanto, estava assentindo e murmurando sua aprovação, então só fiquei ali, grato por não ter de conversar, e em meros doze minutos eu estava entrando no meu carro e me dirigia para casa.

CAPÍTULO 31

NAQUELE HORÁRIO, EM UMA TARDE NO MEIO DA SEMANA, NÃO ERA difícil chegar até meu tranquilo bairro em South Miami. O trânsito estava sossegado, e fui rapidamente pela 1-95 e então direto pela Dixie sem problemas, e em uns vinte minutos parei em frente à minha casa – minha antiga casa – e estacionei o carro. Fiquei sentado por uns instantes, olhando aquele lugar. Ele tinha sido meu lar por muitos anos, e ainda era o lar de muitas coisas com as quais eu me importava. Minha caixa de jacarandá particular, por exemplo; o cuidadosamente escondido relicário para minha sempre crescente coleção de *mementos mori.* Cada um dos meus Companheiros estava lá, representado por uma única gota de sangue seco em uma pequena lâmina de vidro. Não o Patrick, é claro, e isso era uma pena, mas ele tinha sido só um serviço apressado. Mas todas aquelas outras ternas recordações, cinquenta e sete delas, ainda viviam na minha caixa. Eu a levaria comigo? Eu tinha de levar, é claro – deixá-la aqui era impensável, e o mesmo se aplicava a me desfazer dela. Mas minha bela e singular coleção poderia fazer essa transição para uma vida agitada e cheia de excitação? Será que eu encontraria um lugar novo e seguro para ela em minha vida nova e desconhecida?

Aquela caixa e suas lâminas eram importantes para mim – mas, naquelas circunstâncias, era muita burrice me preocupar com elas. Eu tinha de encontrar Astor, onde quer que estivesse; e se ela tivesse sido levada por algum predador, como eu suspeitava, então logo haveria outra lâmina na caixa.

A porta da frente da casa se abriu com estrondo, e Rita veio esbaforida até meu carro quando eu saí.

– Oh Dexter graças a Deus você está aqui, vamos, rápido – ela disse, levando a mão para a maçaneta da porta do lado do passageiro.

– Ir para onde? – eu disse.

Rita afastou a mão do meu carro com um gesto brusco, como se ele a tivesse queimado.

– Oh! Eu não tenho... eu não sei, só parece que... quer dizer, eu pensei que se nós pudéssemos... Oh, não... – ela disse e deu a volta no carro e se agarrou em mim, colocando a cabeça no meu peito e fungando, bem onde Jackie havia tão recentemente pressionado seu rosto.

Eu afastei Rita e dei uma sacudidela gentil nela.

– Rita – eu disse –, tem algum lugar para onde a gente possa ir? Você teve notícias da Astor?

– Não, é claro que não, não, mas, Dexter – ela disse. – O que nós vamos fazer?

– Em primeiro lugar, a gente tem de ficar calmo. – Eu não acreditei que Rita fosse aceitar essa sugestão com algum tipo de entusiasmo, e ela não aceitou. Fungou de novo e gemeu, saltitando de um lado para o outro, dando a exata impressão de uma criança que precisasse ir ao banheiro. – Tudo bem – eu disse, segurando o cotovelo dela. – Vamos entrar.

E, sob os protestos incoerentes dela, eu a levei até dentro de casa e a fiz sentar no sofá.

– Então – eu disse –, qual foi a última vez em que você teve notícias dela?

– Pelo amor de Deus, Dexter, você fala como se fosse um... quer dizer, é a *Astor,* pelo amor de Deus, e você está só...

– Sim, estou – a interrompi. – Nós não vamos encontrá-la tendo ataques histéricos.

– Oh – ela disse. – Acho que você tem razão, mas...

– Quando... – eu disse de modo deliberado. – Quando foi que você teve notícias dela?

– Eu não tive – disse Rita. – Eu só... como eu falei, hoje de manhã eu a deixei na escola. No mesmo lugar de sempre, e então eles ligaram para dizer...

– Tudo bem – eu disse. – Mas você a deixou na frente da escola?

– Sim – ela disse. – E então... quer dizer, Cody estava resmungando tanto, e precisava trocar a fralda da Lily Anne, então eu só, eu fui embora.

Não foi necessário mais do que um minuto de reflexão para ver o que aquilo significava. De um modo estranho, foi desapontador. Eu tinha deixado meu Outro Eu de prontidão, preparado para procurar e destruir qualquer pervertido arrogante que tivesse agarrado Astor e, como sempre, eu me senti um pouco murcho quando tive de deixar que toda aquela alegria calculista se fosse.

– Ela não foi levada – eu disse. – Ela foi embora por conta própria.

– O quê!? – Rita disse, com ar horrorizado. – Dexter, isso é uma estupidez! Ela nunca iria...

– Ela fez isso – eu disse, com firmeza. – Há um policial ali na escola pela manhã, e centenas de pais, e de motoristas de ônibus, e de professores, todos vigiando, prestando muita atenção. Ninguém poderia pegar a Astor lá sem ser visto. Então, não a pegaram. Ela foi por sua vontade.

Rita me encarou com os olhos muito arregalados e a boca escancarada quase igual aos olhos.

– Mas... por quê? – ela disse. – Para onde ela iria?

– Para praticamente qualquer lugar – eu disse. – Ela poderia ir até o Metro Rail, não é longe, e então... ela tinha um pouco de dinheiro?

– A mesada dela – disse Rita. – E... – ela mordeu os lábios. – Eu acho que ela pegou um pouco de dinheiro da minha bolsa. Quarenta dólares.

– Bom, dá pra excluir Singapura – eu disse. Quarenta dólares, e mais a mesada da Astor, talvez mais uns dez ou vinte dólares, se tivesse economizado, não a levariam para muito longe. – Ela disse alguma coisa? Por exemplo, falou de algum novo amigo, ou de alguém que ela conheceu *on-line?* Nenhuma dica?

– Oh, não – disse Rita. – Eu nunca permitiria que ela... você sabe como ela é. Ela não faz amigos com facilidade, e... Ela não disse nada.

– Certo – disse e me levantei. – Vou dar uma olhada no quarto dela.

– O quê? – disse Rita. – Dexter, ela não está lá, tenho certeza de que eu teria... Ah, você está querendo dizer que vai procurar alguma coisa...

– Isso – eu disse, passei por ela e fui pelo *hall* para o quarto que Astor dividia com o irmão. Era um quarto pequeno, pequeno demais para duas crianças de sexos diferentes que estavam crescendo, e essa tinha sido uma das razões principais que nos levaram a comprar a casa nova e mais ampla, onde cada qual teria seu próprio quarto. Um dos lados do quarto era ocupado pelo beliche – Cody na parte de cima – e o outro lado era cuidadosamente dividido entre o espaço Dele e o Dela.

O quarto estava atravancado com todas as tralhas que a gente poderia esperar que crianças normais juntassem – mas havia diferenças, porque estas, afinal, não eram crianças normais. A violência do Papai biológico, e provavelmente o DNA dele, haviam encaminhado os passos delas para o Caminho Sombrio, e elas nunca iriam mesmo andar sob a alegre luz da Normalidade.

E, por isso, alguns toques bizarros saltavam aos olhos de qualquer observador treinado, sobretudo se ele fosse também um Monstro como eu. Por exemplo, Cody tinha uma porção de figuras de ação – ele ficava muito mal-humorado se a gente dissesse que eram bonecos – como qualquer garoto da idade dele. Mas cada um deles havia sido carinhosa e cuidadosamente decapitado. As minúsculas cabeças de plástico estavam dispostas em uma fileira precisa na prateleira de cima de sua estante de brinquedos, alinhadas com precisão, com perfeição, nenhuma delas fora do lugar.

Todo o lado do quartinho que pertencia a Cody era, na verdade, assustadoramente arrumado. Os sapatos dele estavam alinhados, as pontas juntas, os livros guardados com as lombadas alinhadas, e mesmo as roupas sujas cuidadosamente colocadas em uma cesta azul de plástico, dando a impressão de que tinham sido dobradas antes de serem colocadas lá. Meninos na pré-adolescência nunca são tão organizados, mas, como eu mesmo tinha sido assim, não me preocupava. Alguma coisa em um Monstro faz com que ele goste das coisas bem-arrumadas. E já que Cody compartilhava dos meus outros gostos, os Sombrios, eu supunha que a Organização dele fosse somente parte do pacote.

O lado da Astor, pelo contrário, era tão caótico quanto um espaço pequeno possa ser. Ela tinha uma escrivaninha com uma estante, e uma cadeira estava colocada pela metade sob a escrivaninha. Roupas, tanto as limpas quanto as sujas, estavam empilhadas na cadeira e por cima da estante, tudo, desde shorts e calças jeans e vestidos até pés de meias com cores estranhas e calcinhas com estampas coloridas. Era uma bagunça, mais do que o usual, como se ela tivesse tirado cada peça de roupa que possuía e procurado alguma coisa entre elas jogando-as para todos os lados enquanto procurava.

Se ela tinha, de fato, procurado alguma coisa enquanto estava se preparando para partir, as coisas que ela resolvera levar seriam significativas. Eu não era especialista no guarda-roupa de Astor, mas dava para reconhecer algumas das peças mais importantes, já que eu a tinha ouvido soltar gritos agudos por causa delas quando ainda não tinham sido lavadas, ou eram ridículas demais para serem usadas, ou a cor errada para uma sexta-feira. Dei uma olhada no monte de camisetas e de saias e de malhas e de casacos de moletom com capuz sem saber muito bem o que eu estava mesmo esperando encontrar – e encontrando de qualquer maneira.

Umas semanas antes, um tipo de Baile de Outono fora organizado na escola e, para minha surpresa, Astor tinha insistido em ir. E, além disso, ela havia passado uma semana inteira em um nervosismo crescente a respeito de não ter nada para usar, o que me pareceu ainda mais estranho, considerando que no fundo do guarda-roupa dela havia uma pilha de roupas suficiente para abrir uma butique.

Mas Rita havia compartilhado da excitação de Astor, me dizendo apenas que o primeiro baile de uma menina era muito especial, quase como a primeira comunhão, e que *é claro* que ela precisava de um vestido novo, e é claro que ele tinha de ser Perfeito. E então as duas tinham passado um fim de semana inteiro percorrendo toda a Miami, indo de um *shopping* para outro, até que acharam o vestido perfeito. Era um vestido justo prateado que brilhava e cintilava e irradiava tons de azul quando se mexia; e Astor tinha ficado mais feliz com aquele vestido do

que eu jamais a tinha visto ficar. E ele deve ter cumprido o seu papel, porque ela voltou para casa do baile irradiando um complacente desprezo por meninos.

Mas ele não parecia estar aqui, agora. Revirei a pilha de roupas sem achar uma faísca de tecido prateado. Fui até o guarda-roupa e dei uma olhada dentro dele, mexendo nas coisas até ter certeza de que ele não estava lá também.

Aonde quer que Astor tivesse ido, ela tinha levado seu Vestido Muito Especial.

Voltei para a mesa dela e fiquei pensando nisso. Ela não teria levado aquele vestido se planejasse viajar de carona pela América do Sul, escalar o monte Rainier ou dar um jeito de viajar para a Austrália em um navio cargueiro. Ela não se arriscaria a deixar que ele ficasse sujo. Então, aonde ela *tinha* ido?

Dei uma olhada ao redor. Do outro lado da pilha de farrapos, havia dúzias de fotos pregadas na parede, misturadas na maior confusão e até mesmo se sobrepondo umas às outras. Eu me aproximei e olhei a camada mais recente, esperando ver alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse indicar para onde ela tinha ido. A maior parte das fotografias colocadas na parede era de Astor, muitas das quais ela própria claramente tinha tirado, segurando a máquina na frente de seu rosto, ou fotografando um espelho. Havia três fotos pregadas sobre todas as outras, no centro da parede. Mas elas não mostravam nada além de Astor fazendo palhaçadas com Robert, obviamente tiradas no dia em que ela e os irmãos tinham me surpreendido na suíte dos Figurinos. Em uma delas, Astor estava com uma maquiagem muito clara cobrindo seu rosto e sangue falso pingando da boca; ela estava atacando Robert enquanto ele se afastava dela com um terror fingido.

A outra mostrava Astor com uma maquiagem excessivamente carregada, fazendo biquinho para sua própria imagem no espelho largo e iluminado de uma sala de um Maquiador Profissional; o Retrato de Uma Artista como uma Jovem Fatal.

Na última fotografia, Astor, ainda usando aquela maquiagem horrível, estava parada na frente de Robert com olhos imensos e uma expressão de desejo dramático tirada diretamente de ... *E o*

vento levou, enquanto Robert olhava para o outro lado com uma expressão de nobre desejo em seu rosto.

Uma quarta fotografia, colocada um pouco mais para o lado, era uma fotografia padrão de Robert, tirada para publicidade. Com caneta preta, alguém, supostamente Robert, tinha escrito: “Para a Bela Astor, com meus mais sinceros votos”, e um floreado ilegível que provavelmente era a assinatura dele.

Não tinha nada mais, só essas fotografias tolas, e nada nelas além da grande paixão pela ideia de ser atriz de uma menininha que teve a chance de fazer isso de verdade com Maquiagem de Verdade e com um Astro de Verdade. Não havia nada naquela parede que eu não tivesse visto antes; nenhum folheto turístico do Rio de Janeiro, nenhum número de voo anotado às pressas, nada. De qualquer modo, eu dei mais uma olhada por mais um minuto, olhando dentro do guarda-roupa, sob a cama e até mesmo debaixo do colchão, mas não achei o menor indício do lugar para onde ela poderia ter ido ou o motivo.

Eu me sentei na ponta do beliche e fiquei pensando. Agora eu tinha certeza de que Astor tinha fugido – ou melhor, tinha simplesmente decidido ir embora – e não sido levada por um cretino babão com problemas mentais. É claro que isso não ia durar muito. Uma menina sozinha nas ruas não fica sozinha por muito tempo: essa é uma simples lei da natureza. Logo teria companhias – elas a encontrariam. Com certeza, não gostaria de seus novos amigos, ou das coisas que eles a obrigariam a fazer, mas não ficaria sozinha. Alguém que estivesse procurando uma menina como ela a encontraria, e a levaria, e então Astor desapareceria para sempre em um mundo de dolorosas surpresas.

Nesse ínterim, porém, havia uma pequena chance de que eu pudesse chegar até ela antes de outra pessoa. E isso deveria ser fácil, porque eu a conhecia muito bem, eu a conhecia de um jeito que nem a mãe dela conhecia, e também porque eu sou muito inteligente mesmo e quase sempre resolvo esses pequenos quebra-cabeças.

Portanto, para onde ela iria? E, algo igualmente importante, por que ela iria *agora?* Ela tinha resmungado a respeito de odiar a

família e de ter vontade de fugir, mas todas as crianças fazem isso, e eu nunca tinha levado Astor a sério. Astor era inteligente demais para se jogar porta afora e dar chances para o azar, ou para pensar que poderia instantaneamente encontrar um lugar onde sua Verdadeira Grandiosidade e Beleza fossem reconhecidas e recompensadas. E ela tinha levado seu Vestido Especial. Então, se ela fora embora, tinha sido para um lugar específico, e para um lugar que ela tinha certeza de que seria melhor.

Mas o que poderia ser melhor do que ter três refeições completas, mais o lanche, e sapatos novos de vez em quando? E tudo isso com uma família que – por algum motivo – realmente gostava dela, pagava todas as suas contas, aguentava seus rompantes desagradáveis e raivosos – e mais, um semipai que sabia e entendia o que ela realmente era no sombrio e danificado interior de seu ser pervertido?

Acima de tudo, estava para se mudar para uma casa nova, com um quarto todo dela e uma piscina. Ela tinha ficado muito excitada por causa da casa nova, pintando com cuidado o seu quarto e planejando onde sua mesa e sua cama ficariam, e o que ela iria vestir em sua primeira festa na piscina – daria para ela encontrar mesmo alguma coisa melhor do que isso para a qual fugir, alguma coisa que estivesse bem ali, agora, imediata e ao seu alcance?

Houve um ruído de ligeiras fungadas vindo da soleira da porta, e a voz lamurienta de Rita chamou: – ... Dexter...? – Eu pisquei até cair em mim. Como acontece às vezes quando estou me concentrando em alguma questão complexa, percebi que ficara olhando fixamente à minha frente, sem chegar a ver alguma coisa. Mas quando a interrupção de Rita me trouxe de volta para a realidade, eu vi que estava olhando diretamente para o mural de fotos da Astor.

– Dexter? – ela choramingou de novo – Você... descobriu alguma coisa?

Eu abri a boca para responder, mas as palavras que saíram dela me surpreenderam; elas não eram de jeito nenhum as palavras que eu achava que iria dizer.

– Sim – eu disse. – Eu sei para onde ela foi. – E, algo ainda mais estranho, eu sabia.

– Oh! – disse Rita. – Oh, graças a Deus!

Eu mal consegui me levantar e ela estava por cima de mim, soluçando e berrando na frente da minha camisa e me deixando coberto de coisas úmidas e desagradáveis. Eu a afastei de meu peito; e ela me olhou com um rosto úmido, avermelhado e inchado.

– Onde ela está? – ela perguntou, tentando, sem sucesso, com uma fungada, tirar um pouco de meleca de seu lábio e colocá-la de volta para o nariz. – Para onde ela foi? Nós temos de... Dexter, pelo amor de Deus, nós temos de imediatamente... Oh, por que você está parado aqui desse jeito... Dexter, *vamos!*

– Eu vou buscá-la – eu disse. – Quero que você fique aqui.

– Ficar aqui?! Mas isso é... Não, Dexter, eu não vou conseguir... o que é que você está querendo dizer, ficar aqui? Isso é completamente... por que eu deveria ficar aqui?

A verdadeira resposta para esse *por quê?* era que eu não a queria comigo, não para onde estava indo. Mas, como não havia outro jeito de dizer isso sem dar início a uma guerra nuclear das grandes, eu falei para ela a primeira coisa que passou pela minha cabeça:

– Ela pode voltar para casa. Alguém tem que estar aqui, em todo caso. – Eu coloquei a mão no ombro dela e franzi a testa com toda a seriedade. – E esse alguém tem que ser a mãe dela.

Não sei muito bem por que isso acontece, mas eu já percebi que palavras como *tem que* e *precisa* têm um poder mágico especial, alguma coisa que atinge um local brando e babão no coração humano que eu, felizmente, não tenho. Porque dirigir tais palavras para uma pessoa que o tem – alguém como Rita, por exemplo – quase sempre faz com que elas inspirem profundamente, endireitem os ombros e façam coisa que elas com toda a certeza não querem fazer.

Rita não me decepcionou; como se estivesse seguindo uma instrução impressa em um folheto, ela abriu a boca para objetar – e então a fechou, inspirou profundamente e endireitou os ombros.

– Tudo bem – ela disse. – Provavelmente, isso é... quer dizer, é claro que eu quero ir, mas... e se ela voltar? Eu não poderia... Eu vou ficar aqui.

– Muito bom – eu disse e a segurei pelos ombros, como se ela tivesse acabado de concordar em saltar de paraquedas por trás das linhas inimigas e explodir uma ponte. – Eu telefono assim que a encontrar.

– Sim, isso é... E se ela vier aqui, eu... Mas Dexter, onde ela está?

Eu lhe dirigi um sorriso encorajador.

– Em um lugar melhor – eu disse, e antes que Rita, de modo atabalhoado, pudesse fazer muitas outras novas objeções, eu já estava no *hall,* saindo pela porta da frente e indo embora.

O trânsito tinha ficado um pouco pior nos últimos quarenta minutos, mas a maior parte dele estava no contrafluxo, saindo do trabalho no centro da cidade e se dirigindo para a casa nos bairros, e não houve obstáculos importantes sérios dignos de nota, em toda a Dixie e de volta pela 1-95.

Mostrei minhas credenciais para um policial que tinha cara de estar muito alerta, e ele me indicou o lado mais distante do estacionamento. Parei o carro lá e olhei ao redor enquanto descia. Dava para ver mais policiais, todos com a mesma expressão alerta, andando pelo *set,* bem como posicionados na barreira. Pareciam estar levando essa história de segurança muito a sério – se era pelo fato de o capitão Matthews ter ordenado isso, ou porque eles gostavam da ideia de manter o povinho afastado das filmagens superlegais, eu não saberia dizer. Mas eu não via como Astor poderia ter se esgueirado para dentro do *set* sem ser vista, então, voltei para perto do policial que havia controlado minhas credenciais.

– Estou procurando uma menina – eu disse.

– E não estamos todos? – ele me disse, inexpressivo, olhando para a distância.

– Ela tem onze anos de idade – eu disse. – Cabelos loiros, talvez esteja com uma mochila?

O policial me encarou e perguntou:

– Fugiu de casa?

Eu sorri, tranquilizador; não queria uma confusão imensa e oficial a respeito do assunto, ainda não.

– Não ainda – eu disse. – Ela quer ser uma estrela de cinema, então...

Ele assentiu e disse:

– É. Meu filho, dez anos de idade. Ele quer ser um arremessador reserva. Então ele aparece em Fort Myers, em um treinamento de primavera dos *Red Sox.* – Ele bufou. – A merda dos Red Sox?!

– Poderia ter sido pior – eu disse. – Poderia ter sido o Mets.

– Tem razão – ele disse. – Deixa eu perguntar para o pessoal da barreira.

O policial ficou de costas e se afastou uns passos enquanto falava no rádio, e uns segundos mais tarde ele voltou para mim e fez um gesto positivo.

– Consegui – ele disse. – Umas horas atrás. Alvarez disse que ela veio para cá e pediu para falar com o Robert Chase, o tal do ator, sabe?

Assenti; tinha certeza absoluta de que sabia quem era Robert Chase.

– Então, é claro, Alvarez disse de jeito nenhum, não posso fazer isso, e por que você não está na escola? E ela diz que é *sobrinha* dele, e que Chase a está esperando. – Ele deu de ombros. – Então, aqui é Miami. Umas merdas ainda mais estranhas acontecem todos os dias, certo? Alvarez dá o recado, e, assim, uns dois segundos depois, aparece o Chase todo apressado. E pega ela pela mão e a leva embora.

Fazia sentido: por mais angelical que pudesse parecer, Astor era uma predadora, à maneira dela. Ela, naturalmente, iria jogar a isca para Robert; ele tinha mostrado que gostava dela, e embora o primeiro impulso dele fosse o de me telefonar, ou para Deborah, Astor não o deixaria fazer isso. Eu quase podia ouvi-la lisonjeando e atormentando e mentindo sem parar – e o coitado do Robert, que achava que gostava de crianças, mas nunca tinha tido de lidar com uma, ainda mais uma como Astor, ficaria completamente sem proteção. Ele iria fazer o que ela quisesse, indefeso, dizendo para si mesmo que iria telefonar logo em

seguida, e, de qualquer jeito, ela estava segura aqui no *set,* que mal fazia?

– Para onde eles foram? – eu perguntei para o policial.

Ele balançou a cabeça indicando a fila de *trailers* dos atores.

– Lá para o *trailer* dele – ele disse. Eu agradeci e me dirigi para lá também.

O *trailer* do Robert estava no lado mais afastado da fila. Ele tinha insistido em ser colocado lá em quase isolamento, provavelmente porque desejava privacidade para poder entrar em seu Transe do Método e se transformar em seu personagem. E já que esse personagem tinha uma quantidade inquietante de hábitos que ele tinha roubado de mim, acho que ele deveria ter sido colocado ainda mais longe, talvez no meio do Parque de Everglades, onde tivesse a chance de ser devorado por um píton birmanês.

Mas o fim da fila era o mais longe que ele tinha conseguido chegar. Eu passei lentamente pelos lustrosos *trailers* de alumínio; um para Renny, um para as Mulheres, e um para os Homens; um para Victor, o diretor. Um *trailer* para a maquiagem, e outro para os figurinos. Um profundo zumbido desagradável do ar-condicionado abafava quaisquer sons que pudessem vir de lá de dentro. A porta do *trailer* das Mulheres se abriu bem quando eu passei por ele, e ouvi risadas se sobressaindo ao som do hip-hop que vinha de dentro. Então a porta se fechou de novo e tudo ficou em silêncio.

Três degraus conduziam à porta do *trailer* do Robert. Eu os subi e bati à porta. Não houve resposta. Não havia som em nenhum lugar, a não ser o ruído do ar-condicionado, que sobrepunha tudo. Esperei, então bati de novo; de novo, nenhuma resposta.

Mexi na maçaneta da porta e, para minha surpresa, ela virou com facilidade e a porta se abriu. Fiz uma pausa momentânea; uma vida longa e cheia de maldade me ensinou que, com frequência excessiva, uma surpresa desagradável está nos espreitando por trás da porta. É claro, essa surpresa normalmente tinha sido Eu, mas a precaução nunca é demais.

Dei uma olhada no interior do *trailer;* nada estava à espreita. O *trailer* estava em penumbra, todas as cortinas puxadas e as luzes desligadas, e nada se movia ou fazia o menor som. Eu entrei e olhei ao redor. O *trailer* era muito parecido com o de Jackie, a mesma disposição do ambiente com o sofá e a quitinete, e uma porta que dava para o quarto e o banheiro adjacente. Dei uma olhada nos cômodos, olhei em todos os armários e gavetas, e não encontrei o menor sinal de que Astor sequer tivesse estado ali.

E por falar nisso, havia pouquíssimos sinais de que Robert tivesse estado ali também. Umas peças de roupa penduradas no armário, e um par de sapatos na parte de baixo, mas não havia nenhum toque pessoal; nada de Ipod, ou pasta, ou livro, nenhum par de sapatos confortáveis, boné de beisebol ou óculos escuros. Nada de vitaminas, de produtos para clarear os dentes ou desodorante – nenhuma das coisas que um Ator Profissional devesse ter em seu *trailer* ou locação.

Era uma coisa estranha, mas não o suficiente para a gente queimar a cabeça. A pergunta importante era: se ele tinha ido para algum lugar com a Astor, para onde? Uma escapadinha do *set* para tomar um sorvete? Ou estariam os dois ainda em algum lugar do set? Ele poderia estar andando com Astor por aí, para ela ver as coisas realmente legais – Dickie e seus petardos, maquiagem, ou talvez outra visita para Sylvia nos figurinos. Tinha um monte de coisas para ver, e se Astor quisesse ver tudo – e ia querer –, ela não daria para o Robert muito espaço para tomar outras decisões.

Então, poderiam estar em qualquer lugar nessa vasta floresta de *trailers* e de *vans* e de geradores, e encontrá-los poderia levar mais tempo do que eu realmente gostaria de gastar. Mas também era possível que Robert estivesse filmando uma cena, com Astor olhando embevecida de algum canto. Isso seria rápido e fácil – e ainda mais rápido e fácil para descobrir. Havia uma programação das gravações com quinze páginas de extensão na mesa no *trailer* de Jackie que iria me dizer quem, quando e onde. Dei uma última olhada ao redor, só para ter certeza, e então saí, fechando a porta atrás de mim.

O *trailer* de Jackie ficava na outra ponta. Passei rapidamente pela fila e subi os degraus que levavam à porta. Ela não estava fechada; senti uma ligeira e ridícula onda de esperança de que Jackie estivesse lá dentro, e entrei rapidamente pela porta...

... e fiquei imóvel, um pé ainda balançando no ar, enquanto todos os fios de cabelo da minha nuca ficavam arrepiados.

Não havia nada que pudesse ser visto ou ouvido indicando que algo estava errado, mas eu fiquei lá paralisado, em uma prontidão alerta e imóvel. Bem lá no fundo, mas subindo rapidamente os degraus do subterrâneo e chegando às muralhas do Castelo Dexter, Alguma Coisa havia sibilado e se desenrodilhado e começado a sussurrar seus suaves e sibilantes avisos de que nem tudo estava como deveria ser, e então eu não me mexi. Eu ouvi. Eu olhei ao redor e esperei, e não havia nada mesmo a não ser o crescente crepitar daquele sussurro reptiliano.

Dei meio passo para entrar no *trailer.* Uma rajada de ar gelado vindo lá de dentro soprou em meu rosto, ar frio o suficiente para deixar uma cerveja gelada, e com ele um ligeiro travo de alguma coisa que fez com que meu cérebro voltasse com estrondo ao longo do tempo, para muito longe, de volta para aquele quartinho horrível e frio há tantos e tantos anos, onde o Verdadeiro Dexter tinha nascido em um gelatinoso lago de sangue...

E eu fiquei sentado lá, imóvel, naquela umidade vermelha horrível e pegajosa que ficava cada vez mais grossa, e é só aquele cheiro que existe, o cheiro de cobre se oxidando, e Mamãe não está se mexendo, e eu estou perdido e desamparado e me debatendo em um mundo sombrio de sangue e não há jeito de escapar e não existe ajuda...

E dou uma piscada e estou de volta, aqui, agora, bem aqui no *trailer* de Jackie, e não naquele inferno horrível e úmido e nojento, de jeito nenhum, eu estou aqui, e isso foi há muito tempo e em um lugar tão distante, e não há razão para relembrar aquele pavoroso parto de três dias, nenhuma razão mesmo...

A não ser pelo fato que o cheiro também está aqui e agora. O gelado e enjoativo cheiro de cobre em oxidação – o cheiro de sangue.

Dou uma sacudida no meu corpo. Digo para mim mesmo que não é nada disso. Não é possível. Não é nada além do cheiro da carne assada do almoço e o vento gelado vindo do ar-condicionado e as memórias ruins surgindo bruscamente, por causa da tensão e da perturbação pessoal, e tudo isso vai passar e tudo vai ficar muito bem se eu somente me lembrar de respirar normalmente e relembrar Dexter que ele já é um cara crescidinho e que nunca mais vai ficar preso naquele horrível quarto gelado com seu chão vermelho e grosso e pegajoso.

Eu disse para mim mesmo que tudo era exatamente como tinha de ser, e que nada poderia dar assim Tão Errado, e dei mais um passo – e o cheiro ainda está lá, ainda mais forte, e as lembranças se lamentam e gemem e se chocam contra as paredes do meu ser que se faz em pedaços, e urram para mim que é para eu fugir, sair correndo daquele quarto por amor à minha vida e à minha sanidade. Mas afasto os espíritos maus e dou mais um passo, e mais um, até ver que não há nada para ver perto do sofá, da geladeira, e dá para eu ver dentro do quarto agora, e...

Ela estava lá, caída aos pés da cama com um braço sobre a cabeça e o outro dobrado de uma forma muito pouco natural sob seu corpo. Seu cabelo dourado estava esparramado ao redor dela como se tivesse sido jogado de uma altura muito grande, e metade daquele cabelo, a metade que estava mais perto de mim, estava empastado no chão por uma poça espessa e vermelho-escura já se coagulando, e apesar da minha necessidade de fugir daquela horrível bagunça vermelha com cheiro de cobre, eu dei mais um passo adiante e olhei para baixo sem ter dentro de mim a menor esperança.

Ela não se moveu. Ela nunca mais se moveria. Seu rosto estava pálido e congelado em uma expressão de terror cheio de exaustão, e ela olhava para mim com olhos enevoados que não piscavam e não viam e nunca mais iriam piscar ou chorar ou ver alguma coisa, nunca mais.

Lindos olhos cor de lavanda.

CAPÍTULO 32

NÃO SEI QUANTO TEMPO FIQUEI LÁ PARADO OLHANDO PARA O CORPO sem vida de Jackie. Pareceu que foi uma eternidade. Eu não tinha o menor motivo para fazer isso; ficar parado olhando para o seu corpo desconjuntado não a traria de volta, não iria nem ao menos levar o pavoroso sangue vermelho e pegajoso de volta para ela. E também não me ajudava nem um pouco a aceitar o fato de ela estar morta.

A morte não é uma estranha para mim. Ela tem sido toda minha vida por muitos anos, e eu sei que cara ela tem, qual é o cheiro dela, qual o som dela – mas, pela primeira vez, achei que sabia a sensação que ela causava, também, porque era *ela,* Jackie. E, de repente, a Morte era uma coisa nova, errada, ruim e difícil de lidar. Ela não tinha nenhum direito de se apoderar de Jackie e de consumi-la e de me deixar aqui sem ela. A Morte não fazia parte do mundo de Jackie: ela não combinava com Jackie, não com alguém com tanta vida e tão bonita e tão cheia de belos planos para mim. Não era certo. Não era justo. Não podia ser.

Mas era. Ela estava morta e não havia um caminho de volta. A morte havia soprado sua feia película cinzenta sobre aqueles olhos cor de lavanda, e ela parecia ser uma coisa muito definitiva e dolorosa de um modo repentino, de um jeito que nunca havia sido antes.

Eu não sou sentimental, de jeito nenhum – acredito que os sentimentos exigem alguns traços de humanidade –, mas Sentimentos que não tinham lugar no interior de uma Coisa como eu percorreram o meu corpo. Eu os observei passando em sua pressa enlouquecida; remorso pesar arrependimento, até mesmo culpa; uma amarga sensação de oportunidades perdidas, e raiva de novo. Sentimentos gradualmente se alastraram para fora do Subterrâneo Sombrio e subiram os frios degraus de pedra do Castelo Dexter, guinchando com desprezo e deslizando corrimão acima, soltando gritos agudos ao longo dos cômodos e arrancando as tapeçarias.

E então esses sentimentos se foram, e eles tinham deixado para trás o sentimento final e mais duradouro de todos:

Vazio.

Esse era o fim. Tudo tinha acabado. O sonho estava morto, tão frio e exangue quanto o mísero amontoado de carne aos meus pés. Jackie tinha partido, mas Dexter tem de seguir em frente de algum modo, se afastar do futuro mágico que estivera oscilando ali na frente dele e voltar para a dolorosa sordidez que tinha sido sua vida antes que tudo isso o arrebatasse para um mundo de esperanças luminosas e faiscantes – um mundo que havia demonstrado ser tão sólido e real quanto uma peça de um cenário para a televisão.

Eu me afastei do corpo de Jackie e voltei a ficar na porta do *trailer.* Eu sabia o que tinha de fazer agora. Não seria muito divertido, mas eu voltaria a me acostumar com aquilo de novo. A diversão havia desaparecido para sempre do mundo de Dexter.

Peguei meu celular e chamei Deborah. Ela não respondeu e deixou a chamada cair na caixa postal. Eu desliguei e telefonei de novo. De novo, nada. Tentei pela terceira vez e, finalmente, ela atendeu.

– O que foi? – ela disse, com uma voz tão monótona e sem vida que poderia ter sido a da Jackie.

– Dá para você ir para o *trailer* da Jackie? – eu disse.

Silêncio; então, finalmente, ela disse:

– Sim.

– Pois faça isso agora – eu disse. – Rápido. – E desliguei.

Eu sabia que, o que quer que fosse que estivesse entre nós, isso não impediria Deborah de vir. Ela não é idiota e saberia que eu não a chamaria a troco de nada a essa altura.

E, é claro, em quatro minutos, eu ouvi os passos dela nos degraus lá fora, e então a porta do *trailer* se abriu com força e ela estava parada lá, franzindo a testa na relativa escuridão do interior.

– O que foi? – ela disse, com a mesma voz inexpressiva.

Eu me afastei da porta e indiquei o quarto.

– Lá dentro – eu disse. Ela balançou a cabeça uma vez, ainda com a testa franzida, e então entrou e olhou à minha frente, onde

Jackie jazia esparramada em seu amontoado desleixado.

Deborah ficou imóvel por um segundo, e então sibilou:

– Porra. – E se aproximou rapidamente do corpo. Ela se agachou ao lado dele e estendeu a mão na direção do pescoço de Jackie, mas interrompeu o gesto pela metade ao ver que não havia necessidade de sentir o pulso. Ficou lá agachada por longos segundos antes de finalmente se levantar, olhar para o corpo de novo e se aproximar de mim.

– O que aconteceu? – ela disse, e havia uma raiva fria em sua voz. – Ela tentou romper com você?

Por um momento, só fiquei piscando para ela, como um idiota, sem ter a menor ideia do que ela queria dizer, e então entendi.

– Não fui eu, Debs.

– Eu não vou abafar esse caso, Dexter – ela prosseguiu, como se não tivesse me ouvido. – Eu não posso ajudar você e não ajudaria nem se pudesse.

– Deborah, não fui eu. Eu não a matei.

Acho que ela me ouviu dessa vez, mas ainda não acreditava em mim. Inclinou a cabeça para um lado e me lançou um olhar duro com olhos frios e fixos, como uma ave de rapina decidindo se vai atacar ou não.

– E quem foi? – ela disse.

Eu balancei a cabeça e respondi:

– Não sei.

– Hm-hum. Onde você estava?

– Eu não estava aqui – eu disse. – Rita me telefonou; Astor fugiu, e eu fui para casa para procurá-la.

Deborah retorceu a boca.

– Casa – ela disse, com uma ironia pesada.

Eu a ignorei.

– Astor veio pra cá, pra ficar na locação, e eu vim perguntar se Jackie a tinha visto, e... – Sem nenhum motivo aparente, eu tornei a olhar para o lugar onde estava o corpo dela. – E ela estava ali – eu completei, sem nenhuma convicção.

Deborah ficou em silêncio, e voltei a olhar para ela. Ainda estava me encarando sem piscar, friamente, mas pelo menos ainda não tinha procurado suas algemas.

– Onde ela está agora? – Deborah finalmente disse.

Eu a olhei, pensando se ela tinha perdido a cabeça.

– Deborah, ela está bem *ali* – eu disse, acenando na direção do corpo. – Ela não vai para lugar nenhum.

– Astor – ela disse, por entre os dentes cerrados. – Onde está a Astor?

– Oh – eu disse, estranhamente aliviado. – Eu não sei. Está com o Robert, em algum lugar.

Deborah olhou para o corpo de Jackie de novo e balançou a cabeça.

– Você a deixou aqui sozinha – ela disse –, e ele a pegou.

– O quê? – eu disse, cheio de uma justa indignação e de certeza. – Não foi Patrick. O perseguidor... não pode ser!

Ela tornou a me olhar.

– Por que não?

E ela tinha me pegado, é claro. Se ainda estivéssemos desfrutando de nossas boas relações, eu poderia ter dito para ela por que não, explicado que Patrick, o perseguidor, não estava mais no mundo dos vivos. Mas, do jeito que as coisas estavam entre nós, eu não achava que poderia me eximir de uma morte confessando outra. Então fiz o que Dexter faz e contemporizei, cauteloso:

– Não parece ser o jeito de ele proceder. E, você sabe. Os dois olhos ainda estão aí.

– Hh-hum – ela disse, bem do jeito que eu a tinha ouvido dizer inúmeras vezes antes, quando estava tentando fazer com que um suspeito continuasse a falar. E, por algum motivo, isso funcionou comigo também.

– E, além do mais – balbuciei como ele conseguiria entrar aqui? Temos policiais ao longo de toda a barreira, em todos os lugares. Ninguém conseguiria passar por eles.

– Ninguém que já não fizesse parte daqui – ela acrescentou.

– Sim, é claro.

– Como, por exemplo, um extra? Talvez um extra que também fosse o *namorado* dela? – E ela deu uma inflexão totalmente maldosa àquela palavra.

– Tudo bem, Deborah – eu disse, e se o tom da minha voz revelava que eu estava tão irritado que já nem me importava mais, tudo bem. – Se você está com tanto ódio de mim que prefere me colocar na cadeia em vez de pegar quem quer que seja que realmente fez isso, tudo bem. Pegue as algemas. Me prenda e seja uma heroína, a durona que botou o irmão atrás das grades por um crime que ele não cometeu. – Eu estendi minhas mãos, os pulsos unidos à espera das algemas. – Vá em frente.

Deborah me olhou um pouco mais, como se realmente fosse fazer isso. Então, balançou a cabeça e soltou uma respiração longa e sibilante por entre os dentes.

– Tudo bem – ela disse. – De um jeito ou de outro, não é meu problema.

– Deborah...

– Nem tente – ela disse. – Eu estou pouco me importando. – E se afastou de mim e pegou o celular para fazer uma ligação.

Eu já estive presente em muitos homicídios mesmo, tanto profissional quanto pessoalmente, mas nunca tinha estado em um deles como a pessoa que encontrou o corpo. E também nunca tinha estado em um deles como suspeito, nem mesmo quando eu era o culpado. Descobri que essa era uma experiência totalmente diferente e não gostei dela – ainda mais quando o detetive Anderson chegou para assumir o controle.

A primeira coisa que Anderson fez foi botar Deborah da porta para fora e em seguida saiu pisando duro por todo o *trailer* e resmungou e sibilou e atormentou Angel-Sem-Parentesco, que tinha chegado para cuidar da parte forense do assunto. E quando ele finalmente me levou de lado para me fazer perguntas, não se comportou como um homem falando com um colega de profissão que se encontrava em circunstâncias infelizes. Pelo contrário, ele me pegou pelo cotovelo e me arrastou até perto da geladeira. Nós ficamos lá parados, e ele me lançou um olhar longo e ameaçador com os olhos semicerrados. Eu esperei, educadamente, mas ele continuou lá parado, claramente convencido de que poderia me dar uma amolecida antes de arrancar uma declaração incriminatória de mim.

Meu telefone tocou. Levei a mão para pegá-lo, mas ele estendeu sua mão rapidamente e segurou a minha com força. Eu o olhei com as sobrancelhas erguidas; ele balançou a cabeça com um gesto negativo. Não valia a pena brigar por causa disso, então, soltei o celular e olhei para Anderson, esperando que ele fizesse alguma coisa que pudesse indicar um grau de inteligência maior do que o da geladeira. Esperei em vão, mas ele finalmente balançou a cabeça com outro gesto negativo e me agraciou com um ligeiro sorriso de escárnio.

– E que belo braço protetor.

Levei alguns segundos para entender o que ele estava querendo dizer. Isso deve ter transparecido em minha face, porque ele prosseguiu:

– Você disse que a estava amparando. – Ele deu outro sorriso de escárnio. – Como um braço protetor.

Normalmente, a melhor política quando você está sendo interrogado por um detetive é permanecer educado e manso, mas a mansidão havia se esvaído de mim com a morte de Jackie, e eu estava irritado o suficiente com a tentativa grosseira dele para retrucar na hora:

– E que belo detetive. Você disse que iria encontrar o assassino.

Ele ficou ligeiramente ruborizado e balançou a cabeça.

– Talvez eu tenha – ele disse, e não havia como não entender o que ele estava dizendo dessa vez.

– Você não achou – eu falei.

– Hm-hum – ele disse. – A não ser pelo fato de que é sempre o namorado, não é?

– Claro – eu disse. – Mesmo quando a vítima está sendo perseguida por um maníaco homicida que já matou antes e jurou matá-la. Faz todo o sentido suspeitar do namorado, e não do perseguidor psicopata. Pelo menos, faz sentido para *você.*

Ele me encarou e achou que ia dizer mais alguma coisa, algo extremamente perspicaz e intimidante e arrasador. Mas, como todos nós já observamos previamente, a Sagacidade floresce em um galho de árvore que está perpetuamente fora do alcance do detetive Anderson, então ele só ficou me encarando e depois

balançou a cabeça de novo, quando finalmente percebeu que nenhum *bon mot* estava a caminho.

– Você não está livre dessa – ele disse e se afastou para atormentar Angel um pouco mais.

E eu não estava fora. Não dava nem para arriscar. Fiquei lá por quase uma hora, olhando. Sempre que ele pensava no assunto, Anderson me lançava um olhar intimidante, mas, exceto isso, nada mais aconteceu.

Eu não me importava. Na verdade, estava feliz por ser Anderson o encarregado da investigação, em vez de alguém como Deborah, que poderia mesmo resolver o caso, porque eu não queria que ele fosse solucionado bem agora. Quem quer que tivesse feito isso, tinha feito para *mim* tanto quanto para Jackie. Tinham matado meu belo futuro ao lado dela, e me atirado de volta para o monte de esterco da enjoativa existência da mão para a boca na desesperança da vida mesquinha e sem sentido que eu havia superado; e quem quer que tivesse feito isso comigo, eu iria encontrar essa pessoa e fazê-la pagar. Não, eu não queria que ninguém encontrasse esse assassino. Ninguém, a não ser Eu.

Então, fiquei parado perto da geladeira, olhando Anderson pisando duro por ali, o perfeito Ideal Clássico do som e da fúria sem significado algum, e dei uma examinada nos dois ou três pequenos fatos interessantes que eu sabia a respeito desse assassino.

Em primeiro lugar, eu sabia que não tinha sido Patrick. Mas eu era o único que sabia, e outra pessoa poderia muito bem ter tido a esperança de usar essa história toda do Perseguidor Psicopata como disfarce. Eles já tinham feito isso, para ser exato, se eu supusesse que a mesma pessoa havia matado Kathy. Eu pensei só por uns instantes e fui em frente e supus isso: o olho de Kathy tinha sido arrancado, não havia razão para fazer isso a não ser para desviar a atenção da investigação. O mesmo assassino havia matado as duas.

Portanto, eu tinha dois acontecimentos que me forneciam pistas. Se estivesse me sentindo otimista, isso teria me alegrado, porque dois assassinatos fornecem o dobro de provas. Mas eu

acrescentei o que sabia sem nenhum otimismo; ele havia me abandonado para sempre, deixando para trás apenas um resíduo amargo.

Kathy havia sido uma não entidade, quase uma não pessoa. Eu não pensava mal dos mortos, embora eles não pudessem me impedir se eu o fizesse. Mas meu doce e curto período de tempo nos píncaros do *show biz* tinha me ensinado que, na hierarquia daquele mundo, uma Assistente Pessoal não ocupava nem a mesma posição que o manobrista do serviço de *valet parking,* que poderia, afinal de contas, ser um ator em ascensão.

Entretanto, Kathy havia sido um pau para toda a obra profissional vinte e quatro horas por dia, e era impossível que ela pudesse ter o tipo de inimigos exacerbados que desejassem matá-la, sobretudo com tanta frieza e premeditação e de modo tão vívido e visceral. Mas alguém tinha, de fato, a matado – e levado seu celular, no qual ela mantinha todos os compromissos, números de telefone e contatos de Jackie e etc. Isso queria dizer – pelo menos para mim – que a morte de Kathy estava ligada a alguma coisa que havia no celular.

Até mesmo em Hollywood, poucas pessoas iriam matar para conseguir um endereço ou um número de telefone – a não ser, talvez, o número de telefone de um agente muito bom. Mas, no caso, isso parecia improvável; tinha certeza quase absoluta de que o telefone não havia sido levado por causa de informações a respeito dos contatos. E com isso sobravam os compromissos, e esse pensamento suscitou um ligeiro e ressecado rumor de interesse do Detetive das Sombras aninhado em seu covil interno.

Tudo bem: o celular havia sido levado para ocultar um dos compromissos. Isso queria dizer que ou valia a pena matar para ocultar um dos futuros compromissos de Jackie – ou o compromisso não era de Jackie. Era o celular de Kathy, afinal de contas. Por que ela não poderia manter coisas pessoais nele, também? E *SE* alguém havia marcado uma hora para encontrá-la no quarto de hotel e tinha ido lá especificamente para matá-la, fazia sentido que essa pessoa levasse o celular para esconder o registro do compromisso.

Mas espera aí: isso só fazia sentido se o assassino soubesse que Kathy mantinha todas essas coisas em seu celular. E isso queria dizer que era alguém que a conhecia e sabia como ela trabalhava – e *isso* significava que era ou alguém ligado ao passado dela, que tinha vindo de Los Angeles só para matá-la... Ou, muito mais provável, alguém que estava aqui e agora envolvido na produção desse piloto. Alguém com um motivo muito forte para impedir que Kathy... o quê? Fosse a algum lugar, fizesse alguma coisa, dissesse alguma coisa...

Um filminho apareceu na tela da sala de projeções particular de Dexter: poucos dias antes, na suíte dos figurinos, e Kathy dando um tapa em Renny, se afastando dele às pressas, gritando alguma coisa parecida com: “Da próxima vez, eu vou contar para todo mundo!”.

E outro filminho: Renny me encarando enquanto a escura e reptiliana sombra de Alguma Coisa agitava as suas asas por trás dos olhos dele.

E mais um: Renny olhando para a plateia de seu Especial com aquele mesmo olhar, um olhar que eu conhecia tão bem, porque era o olhar de um assassino, e eu ensaiava todos os dias para ocultar o meu com falsos sorrisos meigos que fossem convincentes.

E Renny partindo para cima do cara que o tinha criticado com um ataque agressivo que só poderia ser chamado de letal, rapidamente exibindo sua verdadeira personalidade de assassino para quem quisesse ver.

Renny.

Tudo se encaixava: ele tinha o motivo, quaisquer que fossem os detalhes, e eu sabia que ele tinha aquela coisa especial dentro dele que transformaria um assassinato em uma opção simples e viável. E então, para esconder essa coisa, não importa o que ela fosse, ele tinha matado Kathy – e então vomitado, segundo o Vince, quando viu a porcaria que havia feito? Mas tinha também matado Jackie, apesar de sua repulsa, que ele não deveria sentir, se realmente tivesse o seu Passageiro das Trevas?

O estrondeante trem de cargas da Dedução de Dexter parou subitamente. Não fazia sentido. Ninguém capaz de matar com facilidade poderia jamais vomitar ao ver o que tinha feito. E, de qualquer modo, como isso se ligava ao fato mais importante, a morte da Jackie?

Tudo bem, talvez não fosse Renny. Mas eu ainda tinha os dois corpos e a certeza de que havia uma conexão entre eles. Então, deixei Renny de lado por um momento e tentei recolocar o trem nos trilhos.

Alguém, possivelmente não o Renny, matou Kathy e levou seu celular para evitar que alguma coisa fosse descoberta. Então, apesar de não ter gostado de matar, o que me parecia um desperdício, havia matado Jackie. Pela mesma razão? Mas essa pessoa já tinha o telefone; portanto, se preocupar por quê?

Anderson passou por mim pisando duro e saiu pela porta do *trailer,* e eu olhei para o lugar onde Angel estava calma e metodicamente vasculhando o local ao redor do corpo de Jackie, bem na frente da grande caixa com as coisas de Kathy. Em algum lugar, uma moedinha de latão caiu em uma abertura com um tinir suave. Eu pisquei.

Eu me aproximei de Angel. Ele olhou rapidamente para cima e tornou a olhar para um pedaço de carpete que estava colocando em um saco plástico de evidências.

– Cai fora – ele disse. – Você está com vibrações ruins.

– Eu preciso ver uma coisa – eu disse.

– Não – ele disse. – O Anderson poderia me dar um tiro.

– Só vai levar um segundo – eu disse. – É muito importante.

Angel se sentou nos calcanhares e me olhou, visivelmente tentando decidir se valia a pena se arriscar por mim.

– O quê? – ele acabou dizendo.

Eu fiz um gesto indicando a grande caixa de papelão atrás dele.

– O computador – eu disse. – Ainda está na capa?

Ele me olhou por mais uns instantes, então suspirou profundamente. Inclinou-se para a caixa, onde a capa de náilon preto do computador se amontoava no topo da pilha. Com um

dedo coberto pela luva de borracha, deu um piparote e abriu a capa.

– Não – ele disse. – Nada de computador. – Ele retirou o dedo e a capa se fechou, molenga. – Ele deveria estar aqui?

– Estava aqui hoje de manhã – eu falei.

– Merda – ele disse. – Bom, eu não peguei.

– Não – eu disse. – Mas alguém pegou.

Angel soltou um suspiro profundo, obviamente sentindo-se infeliz pelo fato de que um computador pudesse ter sumido quando ele era o encarregado da investigação forense, e disse:

– É importante?

– Acho que sim – respondi.

– Por quê?

– Porque é um Apple – eu disse.

Angel balançou a cabeça.

– *Coño,* Dexter, que história é essa.

– Obrigado, Angel.

Ele suspirou de novo e voltou a ficar de quatro.

– Acho que não gosto mais de você – ele disse.

Voltei para o meu posto ao lado da geladeira, muito feliz comigo mesmo. Agora eu sabia por que a Jackie tinha sido assassinada. Porque, se você tem um *smartphone* da Apple e um computador da Apple, você conecta os dois, então, todos os dados do celular vão para o computador. E Jackie tinha ligado o computador, visto o compromisso e sido assassinada por causa disso.

Mas se Kathy tinha mantido todas as suas atualizações, todos os dados teriam sido copiados no sistema de nuvem também, o que significava que eles ainda deveriam estar lá, compromisso incriminador e tudo o mais. Mas a conta da nuvem da Kathy não poderia ser acessada por ninguém mais, não sem a senha dela. E, ao levar o *laptop,* o assassino tinha garantido que a informação ficasse fora de alcance.

Não cheguei a dar umas palmadinhas nas minhas costas, mas estava muito satisfeito. Já tinha descoberto quase tudo – exceto, é claro, o minúsculo detalhe sem importância: quem era o assassino.

Tentei fazer Renny se encaixar de novo, e ele se encaixou, quase. Mas, finalmente, eu não conseguia acreditar que alguém que tivesse um Passageiro pudesse vomitar depois do simples, relaxante e, muitas vezes agradável, ato de matar alguém.

Por outro lado, se eu eliminasse Renny, quem sobrava? Talvez Renny tivesse vomitado porque tinha comido ostras estragadas. *Tinha* de ser Renny – não havia mais ninguém que se encaixasse. De qualquer modo, eu com certeza tinha de dar uma investigada no passado recente dele e ver se ele se encaixava. Talvez fazer com que Deborah checasse isso, e...

Deborah. Aparentemente, ela ainda não estava falando comigo, a maior parte do tempo, e não seria fácil eu me aproximar agora, com Anderson conduzindo sua palhaçada por todos os cantos e botando Deborah para fora da porta. Parecia impossível que o fato de ela ter sido expulsa da cena do crime a tivesse deixado sensível a ponto de estar pronta para esquecer e perdoar.

Mesmo assim, eu tinha uma pista que ela podia usar, e ela era uma policial até a medula dos ossos. Ela queria resolver esse caso – ainda mais por ser um caso do Anderson. E era pelo menos possível que quisesse enfiar a cara dele na lama mais do que queria me evitar. Valia a pena tentar.

É claro, eu não podia tentar enquanto estivesse ali parado ao lado da geladeira e esperando que Anderson voltasse para me intimidar. Eu precisava estar na ativa e pensei em minha nova e curiosa posição como Pessoa Envolvida No Caso. Na verdade, ninguém tinha me dito para permanecer ali, não sair da cidade, chamar um advogado. Eu simplesmente tinha ficado por ali devido à necessidade instintiva de ser útil de algum modo. Era óbvio que isso não ia acontecer – a não ser que dar um motivo para Anderson ficar olhando feio para alguma coisa seja considerado útil. Por isso, dei uma olhada ao redor para ver se alguém estava me observando; ninguém estava, e eu saí despreocupadamente pela porta do *trailer.*

Deborah estava andando de um lado para outro perto do *trailer* e parou para me olhar enquanto eu descia os três degraus. Por um instante, pensei que ela fosse dizer alguma coisa, e talvez ela

também tenha pensado. Mas não falou nada. Só balançou a cabeça e deu meia-volta para retomar sua caminhada.

– Deborah – eu falei para as costas dela.

Ela parou de andar e os ombros se ergueram até quase alcançar as orelhas. Então ela se voltou e me olhou com uma versão muito mais convincente do olhar hostil que Anderson tinha tentado.

– O que foi? – ela disse.

– Acho que sei quem matou Jackie – respondi.

Ela não falou nada por uns instantes, então balançou a cabeça.

– Vá falar para o Anderson – ela disse.

– Prefiro falar para você – eu disse. – Assim, alguma coisa boa pode surgir de tudo isso.

Ela me olhou com a cabeça inclinada para um lado.

– Você não vai me convencer a entrar em uma droga de momento "perdoe e esqueça" digno de uma fotografia, Dexter. Você fez merda, e das grandes, e por sua causa Jackie está morta e Rita está... o quê? – ela disse, e suas palavras ficaram ainda mais exaltadas enquanto falava. – Você já matou Rita, Dexter? Porque isso faria sentido pra você, não faria?

– Deborah, pelo amor de Deus...

– Faz mais sentido do que ir embora e deixá-la viva pra estragar tudo mais tarde, não é?

– Eu não matei...

– E se não matou, e agora? Você ainda vai largar Rita e os *seus* três filhos, agora que fez merda das grandes em sua cama nova em folha? Ou vai rastejar de volta e tentar fingir que isso nunca aconteceu? Porque ela pode aceitar você de volta, mas não sei se eu vou.

– Tudo bem – eu disse. – Vou falar para o Anderson. – E como eu também sei dar as minhas cartadas, acrescentei: – E ele vai fazer merda e com certeza um assassino vai escapar porque você está ocupada demais tendo um ataque para fazer alguma coisa a respeito.

Eu fiquei muito feliz por estar a uns dez passos de distância dela porque, a julgar por seu olhar, se estivesse perto o

suficiente, ela teria cometido algum tipo de ato violento, com toda a probabilidade resultando em ferimentos graves. Mesmo a dez passos de distância, dava para eu ouvir os dentes dela rangendo.

– Desembuche – acabou dizendo, os dentes ainda cerrados.

Falei para ela a respeito do celular e do computador, e como isso significava que a mesma pessoa tinha matado tanto Jackie quanto Kathy, e ela ouviu. Ela não irrompeu em sorrisos luminosos e me abraçou, mas ouviu. Quando terminei, ela me olhou por um minuto e então disse:

– Tudo bem. Então, quem fez isso?

– Renny Boudreaux – eu respondi. – Ele teve um tipo de briga com Kathy, e ela gritou que da próxima vez iria contar para todo mundo.

Deborah me deu um olhar escarnecedor. Eu quero dizer, mesmo – um escárnio de verdade, do tipo que você dá para uma pessoa patética que nem merece seu desprezo, mas por quem, mesmo assim, você sente desprezo.

– Renny Boudreaux está em Nova York – ela disse. – Gravando os programas matutinos pra promover o especial dele. Ele foi embora ontem.

– O quê? – eu disse. Devo admitir que estava pelo menos parcialmente chocado.

– Nova York – ela repetiu. – Todo mundo no *set* sabe disso, e você também saberia, se tivesse lido a programação da produção em vez de passar todo o seu tempo transando com a Jackie.

Esse parecia ser um golpe muito baixo, mas ela ainda não tinha acabado comigo.

– E enquanto isso – ela disse, passando sem o menor esforço do escárnio de volta para um rosnar dos muito bons, –, enquanto você fica trepando por aí e me faz perder meu tempo com merda, você ainda não encontrou a Astor.

Eu não cheguei a cambalear por causa do choque, mas os ataques dela definitivamente me deixaram um pouco fraco e incerto.

– Bem – eu disse, com voz fraca –, mas...

– Encontre a sua filha, seu retardado – disse. – Esqueça o caso. Você já causou estragos demais. – E ela deu meia-volta e se afastou com passos largos para a outra ponta do *trailer.* Eu fiquei lá parado, fitando-a, mas ela passou por mim sem nem me olhar, como se eu fosse um tipo de vida vegetal comum e bastante sem graça. Eu queria agarrar Deborah pelos ombros e sacudi-la e dizer que aquilo não era minha culpa. Patrick estava morto, e outra pessoa tinha assassinado Jackie e arruinado a única oportunidade que eu jamais teria de me erguer acima da lama e alcançar a genuína luz dourada do sol. E então eu queria encontrar o assassino de Jackie e prendê-lo confortavelmente com fita adesiva sob a lâmina da minha faca e dar-lhe um bom tempo para refletir a respeito do que tinha feito. E iria; eu não deixaria isso de lado, um caso esquecido e arruinado pela incompetência do cabeça-dura do Anderson e pela indiferença burocrática da Deborah.

No entanto, por mais que fosse irritante admitir isso, Deborah tinha razão a respeito de uma coisa. Eu tinha de encontrar Astor, e esse era um problema mais iminente do que minha vingança.

Tudo bem: por onde começar? O *trailer* do Robert era o lugar óbvio, mas eu já tinha olhado lá. Ainda assim, isso tinha sido uma hora antes. Era pelo menos possível que tivessem voltado, e nem que fosse para eu proceder com todo o zelo, eu deveria dar uma checada de novo.

Deborah passou por mim mais uma vez sem me olhar, e enquanto ela ainda estava no lado mais distante da sua neurótica caminhada de sentinela, eu passei pelo caminho dela e me encaminhei para o *trailer* do Robert.

CAPÍTULO 33

O TRAILER DO ROBERT AINDA ESTAVA ABERTO E, QUANDO EMPURREI a porta, percebi que ainda estava escuro também. Uma vez mais, parei na entrada e examinei dos dois lados, e uma vez mais não vi nada, não ouvi nada, não senti cheiro de nada. Passei pela porta e olhei ao redor; ainda não havia ninguém em casa. Tanto quanto eu pudesse dizer, nada havia mudado. Mesmo assim, olhei em todos os cantos e em todos os armários, porque a meticulosidade é uma virtude tão importante quanto a limpeza, e encontrei exatamente a mesma quantidade de Nada que tinha encontrado antes.

E agora, o quê? Astor ainda estava desaparecida, Deborah ainda não estava falando comigo, e Jackie ainda estava morta. O mundo não era de jeito nenhum o local feliz que tinha parecido ser tão recentemente, e só por uns instantes parecia não haver o menor sentido em fingir. Todo o propósito, a determinação e a necessidade de Fazer Alguma Coisa se esvaíram de mim, e eu desabei na ponta do sofá na sala de estar do Robert. Tudo tinha parecido tão luminoso e belo hoje de manhã, e agora o mundo havia subitamente retornado para sua real forma, cinzento e destituído de sentido e maldoso, e embora esse certamente fosse um cenário melhor para o Desalentado Dexter, eu não gostei dele. Eu queria que as coisas voltassem a ser o que tinham sido. Assim como um menininho preso em uma aventura sombria e soturna, eu queria ir para casa.

Mas eu não era um menininho, e, algo ainda pior, eu estava em casa. Era isso, essa desalentadora, dolorosa, caminhada sem sentido através do lodo. Era lá que eu vivia; de volta para a velha e feia realidade de novo. E não havia nada que eu pudesse fazer a respeito disso, nada mesmo, a não ser encontrar Astor e levá-la de volta para casa à força e recomeçar o mesmo e velho *show* de sombras.

Casa: de volta para as meias sujas no chão e os guinchos intermináveis e os monólogos infinitos e sem sentido e

desconjuntados de Rita. Rita: a única pessoa que ainda falava comigo, e eu não queria mesmo falar com ela e não conseguia entender o que ela dizia. E, pensando em Rita, eu me lembrei que meu celular havia balido enquanto estava sendo interrogado por Anderson. Tinha de ser a Rita, não sobrava mais ninguém.

E então, com um suspiro profundo e uma sensação de voltar para o dever doloroso, eu peguei meu celular e olhei a tela. É: Rita. Ela tinha deixado uma mensagem, é claro – por que deixar passar uma oportunidade de tagarelar? Acessei a caixa postal e ouvi.

"Dexter", ela disse. "Eu sei que você está procurando. A Astor? Porque já faz um bom tempo agora e você não... e, de qualquer modo, eu pensei em uma coisa, e eu ia... Eu sei que você disse que ela poderia voltar pra casa, e eu pensei, é claro, ela pode, mas talvez não... E então, seja como for, eu só vou sair por uns vinte minutos. Oh. E eu telefono para você quando eu voltar, caso..." Eu a ouvi respirar, como se fosse continuar a falar, mas, em vez disso, ela desligou.

Dei uma olhada no relógio. A chamada tinha sido feita há cinquenta e oito minutos. Eu tinha frequentado a escola, então sabia que cinquenta e oito minutos eram mais que vinte minutos, e ela não tinha me telefonado de novo.

Liguei para o celular dela, mas ele tocou e tocou, até cair na caixa postal. Desliguei. Eu não conseguia acreditar que Rita tivesse saído de casa, e era ainda mais difícil de aceitar que ela tivesse ido a algum lugar sem o celular. Mas, aparentemente, ela tinha, e eu só precisaria esperar até ela retornar.

Enquanto isso, Astor não estava correndo perigo; estava com Robert, e com quase toda a certeza estava em algum lugar ali por perto, aprendendo truques de maquiagem. Não ia querer ser encontrada, um fato que deixava as coisas mais difíceis, mas seria muito mais fácil localizar Robert. Se ele não estivesse rondando ali por perto, nas proximidades de toda a excitação, alguém teria de saber onde estava – Victor, o diretor, seria um bom lugar para começar.

Encontrei Victor em seu *trailer,* a apenas duas portas de distância. Dava para eu dizer que ele estava ali porque, quando

comecei a passar pelo *trailer,* Martha, a assistente do diretor, saiu correndo de dentro como se estivesse sendo perseguida por abelhas assassinas. Antes que eu pudesse fazer alguma pergunta, ela passou voando por mim, murmurando:

– Merda merda merda merda *merda.* – E então desapareceu no fim da fileira de *trailers.*

Eu subi os degraus e bati à porta. Não houve resposta, mas dava para ouvir uma voz lá dentro, que se erguia em uma agonia desesperada. Abri a porta e entrei.

Victor estava sentado à mesa, a mão com os nós dos dedos brancos segurando com força o celular contra o seu rosto. Um grande copo d'água estava na frente dele. Ele estava ouvindo alguém do outro lado da linha, balançando a cabeça e lamentando:

– Não. Não. Não, é impossível, porra, não. – E, enquanto eu fiquei ali parado, olhando, ele pegou o copo e bebeu toda a água.

E então ele procurou atrás de si uma grande garrafa azul, que reconheci como uma marca de vodca muito popular, encheu de novo o copo, e bebeu mais um saudável drinque. Eu não achava que ele tivesse enchido a garrafa de vodca com água. Ele me olhou sem me ver e, subitamente, explodiu com quem quer que estivesse falando com ele ao telefone.

– Bom, maldição, o que *você* faria? Nós temos metade de um piloto gravado e uma estrela morta, e a rede está pegando na porra do meu pé para eu FAZER uma porra qualquer, e não posso fazer merda nenhuma sem ela e não posso ressuscitar a porra dos mortos! – Ele ouviu por uns segundos, realmente poucos, e então rosnou no celular: – Bem, então você me telefona quando SOUBER de alguma coisa.

Desligou o celular com um ruído forte e o jogou sobre a mesa.

– Reescrever – ele murmurou, nervoso. – REESCREVER uma porra qualquer a respeito de uma mulher morta... Cretino... – Victor pegou seu copo de “água” de novo e pareceu me notar pela primeira vez. – O que foi? – Não estava com cara de quem ia me convidar para me juntar a ele em um drinque.

– Eu estou procurando o Robert. – Ele só ficou me olhando. – O Robert Chase? – eu acrescentei, tentando ajudar.

Victor franziu a cara toda e ficou muito vermelho, como se fosse me dar uma dose do veneno que havia despejado ao falar no celular, e eu não estava a fim disso. Provavelmente não foi a coisa mais gentil que eu poderia ter feito, mas eu estava pouco me importando.

– Ele está com minha filhinha – eu disse. – Ela tem onze anos de idade.

Toda a cor sumiu do rosto de Victor. Foi uma coisa espantosa; em um instante ele estava inchado como um grande balão vermelho, e, no outro, ele era uma coisa branco-esverdeada com os ossos da face salientes sob a pele flácida.

– Ai, mas que caralho, eu estou morto – ele murmurou e pegou o copo com as duas mãos, erguendo-o entorpecido na altura do rosto e o esvaziando.

Quando o copo ficou vazio, Victor o recolocou sobre a mesa. Suas mãos estavam tremendo, e o copo chacoalhou por uns instantes antes de ficar parado na frente dele. Ficou olhando-o fixamente e, finalmente, olhou para mim com olhos quase tão mortos como os de Jackie.

– Todo mundo dizia que era só fofoca – ele falou, e as palavras dele estavam ligeiramente indistintas. – Eu nunca... quer dizer, você sabe. Richard Gere e o *hamster.* Tom Cruise é gay. Toda essa merda. Só essa merda de ficar apunhalando pelas costas, típica de Hollywood. – Ele ergueu o copo, viu que estava vazio, e o recolocou sobre a mesa. – Eu juro, eu nunca pensei... eu não achei mesmo.

Victor fechou os olhos e caiu para a frente, até seu rosto quase se encostar na mesa.

– Porra – ele disse. – Por que eu? Por que sempre tem que ser eu...? – Começou a balançar a cabeça, de um modo ritmado e lento. – Eu estou morto. Tudo a merda pra cima de mim e eu estou tãããããão... uma porra... de um morto... – E ele parou de sacudir a cabeça e parou de respirar e só ficou lá sentado, um grande monte esverdeado.

Eu nunca ia pensar que isso seria possível, mas o rosto dele tinha ficado ainda mais verde, e ele ficou sentado lá, por um

longo momento, imóvel. Então se endireitou' com um gesto brusco, abriu os olhos com força e inspirou profundamente.

– Você tem que entender, Chase não foi ideia minha – ele disse. – Eu queria alguém mais novo, mas a rede precisa de um astro. Eles têm uma lista, ela indica a audiência de todo mundo...

– O... o quê de todo mundo? – eu disse.

Ele me lançou um olhar impaciente e irritado.

– Índices de audiência. Quão populares eles são. Quantos espectadores eles conseguem para assistir a um programa. – Ele ergueu uma das mãos, depois a deixou cair, impotente. – Robert está bem no alto da lista.

– Certo – eu disse. – Ele é popular.

Victor assentiu.

– Ele é popular. Um astro. E as pessoas sempre fazem cada merda de loucura por causa dos astros. É... Todo mundo diz qualquer coisa parecida, você sabe, a respeito de qualquer um que consegue chegar lá. É um trabalho mesquinho e cheio de rancor, mas se eu soubesse que era mesmo verdade essa história do Chase com as menininhas...

Ele parou de falar e olhou de novo para a mesa.

– Foda-se – ele disse. – Eu escalava o Robert de qualquer jeito. Ele tem índices grandes mesmo. – Ficou olhando fixamente para as próprias mãos por um momento, em seguida se moveu desajeitado para o lado e agarrou a grande garrafa azul de vodca e começou a encher o copo mais uma vez.

Eu o fiquei olhando e senti minúsculos dedos gelados fazendo cócegas na minha nuca.

– O que você quis dizer – eu falei – a respeito de Chase e das menininhas?

Ele não me olhou.

– É só um boato – ele disse, mas não parecia ter soado convincente nem para ele próprio. Tampou a garrafa de vodca e quando se inclinou para recolocar a garrafa ao chão, eu me sentei ao lado dele e peguei o copo cheio. – Mas que porra – ele disse e eu lenta e deliberadamente virei o copo cheio no colo dele.

Victor não tentou me impedir. Ele só ficou olhando a poça de bebida encharcando as suas calças compridas, a boca aberta silenciosamente. Então, olhou para mim e sorriu.

– E qual é o boato, Victor? – eu perguntei. – A respeito de Robert Chase e das menininhas?

Ele me olhou, e seu pomo de adão subiu e desceu, por fim fechou a boca e olhou para o chão de novo.

– Ele *gosta* delas – ele disse com voz baixa e rouca. – Gosta mesmo delas. – Deu-me uma olhada rápida e então engoliu em seco de novo. – Ele *gosta* de menininhas.

Deslizei para mais perto dele e coloquei um braço ao redor de seus ombros, sentindo que ele ficava mais tenso à medida que eu o tocava.

– E quando você usa essa palavra, *gostar* – eu disse –, o que isso realmente significa para você, Victor?

– Ele tem relações sexuais com elas – ele respondeu em um sussurro. – Robert Chase é um pedófilo.

Fiquei pensando nos dias que eu havia passado com Robert, e o jeito dele de falar cheio de desejos sobre crianças. Achei que não era convincente, e não era – mas não porque ele não gostasse de crianças; era porque ele *realmente* gostava delas. E o retrato de família que ele havia deixado escondido na minha mesa. O interesse súbito e total dele por Astor quando se encontraram, e o jeito de ele instantaneamente conseguir ficar sozinho com ela na sala de maquiagem – e até mesmo o fim de semana de Robert no México em um *"resort* particular especial", o que provavelmente queria dizer um lugar que fornecia o que homens com os gostos dele queriam; tudo isso se somava, se encaixava tão perfeitamente que, olhando em retrospecto, só um idiota poderia ter deixado de ver todas as pistas óbvias. E eu tinha sido um idiota. Uma verdadeira ameba, sem tirar nem pôr. Eu tinha achado que ele era gay, e como sou uma ameba fútil e convencida e idiota, até tinha pensado que ele tinha um interesse por mim. E o tempo todo, tinham sido as crianças, afinal.

Não havia mais dúvidas a respeito. Ondas e mais ondas de desprezo por minha completa estupidez caíram sobre meu corpo, e fiquei sentado lá por um bom tempo, só deixando que as ondas

me erguessem e depois me jogassem com estrondo na praia rochosa de novo.

É claro que Robert gostava de menininhas, meninas como Astor. E sendo uma verdadeira Filha das Trevas como era, é claro que Astor teria correspondido, adorando a sensação de ter poder e controle enquanto um homem adulto, um *Astro,* concentrava toda aquela atenção bajuladora nela. Naquele sábado, na suíte dos figurinos, momentos depois de se encontrarem, ela tinha saído às pressas com ele, indo pelo *hall* até o pequeno camarim...

E mais um filminho curto passou rapidamente pela tela no crânio de Dexter: Kathy indo para aquele quarto onde Astor e Robert tinham desaparecido e depois saindo correndo como se tivesse visto um fantasma, sumindo porta afora. Ela os tinha visto envolvidos em um Comportamento Inadequado – e não tinha dito nada? Porque Robert tinha pedido e implorado por uma chance para se explicar? Sim; mesmo com Kathy, o poder dele, de um astro, tinha servido para alguma coisa. Então ela tinha concordado em encontrá-lo aquela noite, talvez até mesmo pensando em chantageá-lo, e ele a havia assassinado, e levado o celular para que ninguém soubesse a respeito do encontro deles. Ele tinha até mesmo vomitado, o que se encaixava tão bem com o que eu sabia a respeito dele que, no momento em que Vince me falou a respeito disso, eu deveria ter pensado nele, e uma vez mais deixei a maré de recriminação me erguer e me arremessar no paredão rochoso algumas vezes. Mesmo naquele momento eu deveria ter visto isso, e se tivesse visto, a minha vida nova e bela ainda estaria seguindo seu rumo, e Jackie ainda estaria viva. Estúpido, estúpido, *estúpido* Dexter.

Fiquei sentado e rangi os dentes e me amaldiçoei até que, finalmente, tomei consciência de um som muito irritante nas proximidades. Eu me voltei para perceber que ainda estava com um braço ao redor dos ombros de Victor, e ele estava pigarreando para chamar minha atenção enquanto tentava se libertar com gestos fracos.

– Ei – ele disse. – Ouça, eu realmente não, você sabe, só... você vai...?

– Eu ainda não resolvi – eu disse e o olhei. Ele se encolheu, e percebi pelo som da minha voz e pela sensação de frio em meu rosto que Victor estava vendo o Verdadeiro Dexter, vendo-o de um modo que muito poucas pessoas tinham visto e vivido para contar. – Para onde eles foram? – perguntei.

Ele estremeceu ao ouvir o tom da minha voz, mas só balançou a cabeça.

– Não sei – ele disse. – O Chase estava aqui hoje de manhã, e então... Merda, eu não sei mesmo. Por favor, você está me machucando.

Eu o olhei só por mais uns instantes. Ele estava assustado, bêbado e debilitado demais para mentir; por isso, eu o soltei e me levantei.

– Porra – Victor disse, massageando os ombros. – Cê me deu um puta de um susto.

Eu olhei de novo para ele lá da porta do *trailer.*

– Porra – tornou a dizer, e, enquanto eu saía, ele estava pegando o copo.

Saí do *trailer* de Victor e deixei o mágico mundo do *show business* para trás de mim, para sempre. Nada mais de luzes, câmeras e petardos e encontrar o meu marco. Nada mais de multidões em adoração e de *mojitos* ao pôr do sol e de sedãs com motoristas. Adeus aos maquinistas e aos extras. E *adiós* a contratar pedófilos porque eles são populares, e a fingir que qualquer coisa cai bem se ajudar a audiência e você não vê mesmo nada de errado nisso.

E até logo para sempre para o novo eu em um ambiente inconsistente e espalhafatoso que era só cores brilhantes e mentiras felizes na superfície, e nada além de doença e de morte por baixo, que é onde vale mesmo, assim como todas as outras coisas neste mundo vil e corrompido. Para mim, não havia meio de fugir, nenhuma esperança de felicidade, nenhuma carreira nova.

O *Début* de Dexter tinha descarrilado.

Fui até o meu carro. Eu ainda não sabia muito bem para onde estava indo, mas pelo menos seria para longe disso tudo.

CAPÍTULO 34

QUANDO CHEGUEI AO MEU CARRO, AINDA NÃO SABIA PARA ONDE IR. Isso parecia bastante adequado ao retardado completo em que eu havia me transformado; sem ideias, sem objetivos, sem esperança. O Avatar da Idiotice. Sem ter a menor ideia de para onde ir, apenas uma necessidade premente de ir rapidamente para lá. Então, naturalmente, eu só me sentei em meu carro e apoiei a testa no volante. Não era muita coisa, mas pelo menos isso não estava acabando com ninguém por perto de mim.

Como isso poderia ser eu? Como tanta confiança calma e capaz poderia se transformar neste monte patético de partes de corpo usadas e destituídas de cérebro? Dexter, o Debiloide, que havia despreocupadamente apresentado Astor a um pedófilo e encorajado os dois a brincar juntos; Dexter, o Demente, que fez tudo para que Jackie fosse morta e depois a deixou sozinha com o assassino – um assassino que tinha estado bem debaixo do meu nariz por mais de uma semana, e eu nunca tive a menor indicação. Dexter, o Destruidor, que deixou atrás de si sofrimento e miséria e morte e seguiu alegremente em frente, sem ter consciência do que ficava para trás – e, aparentemente, de tudo que estava à sua frente também. Tinha sido pura sorte eu não me estrangular enquanto tentava dar o laço nos meus sapatos.

E eu nem conseguia acreditar que isso era uma aberração, um desvio precipitado de um caminho bem trilhado de astúcia. Eu tinha ferrado tudo que estava ao meu redor sem fazer o menor esforço, com tanta naturalidade e tão completamente, que tinha de acreditar que esse era o Eu real que finalmente subia à tona. Eu tivera sorte por muito tempo, nunca percebendo mesmo a ameba que eu realmente era, mas minha sorte finalmente tinha acabado, e cá estava eu, prisioneiro do pior Eu possível, em uma circunstância em que precisava ser a bem calibrada e inteligente máquina de destruição que sempre tinha sido antes, ainda que fosse somente na minha imaginação.

E então, com o mundo desabando ao meu redor em chamas, cá estava eu, sentado imóvel em meu carro, massageando a minha testa e conjecturando para onde tinham ido todos os pensamentos. Astor poderia estar em qualquer lugar. Robert poderia tê-la levado para o seu *resort* especial no México, ou para Los Angeles, ou para qualquer outro lugar. Ele poderia estar fazendo coisas horríveis com ela agora, enquanto ela suplicava e se contorcia e ficava pensando por que nenhuma ajuda chegava. Mas a Ajuda, sob a forma de Dexter, não iria aparecer, porque ela não sabia para onde ir – e isso poderia ser um verdadeiro golpe de sorte para Astor, considerando o que eu havia feito até então. E é claro, o que eu estava fazendo agora, também, porque ficar sentado aqui dizendo para mim mesmo que eu era uma ameba não ajudava ninguém, ainda que isso fosse verdade.

Então, *pense,* Dexter: tente com todas as forças fazer com que algo novo e maravilhoso aconteça nessa enfadonha e imóvel caixa de areia dentro de seu crânio. Tente achar um pensamento verdadeiro, uma ideia genuína, antes que seja tarde demais para Astor também – se é que já não era.

Nada surgiu. Isso não me surpreendia, em meu atual estado de idiotice avassaladora. Eu deveria ter somente aceitado o fato de que era mentalmente deficiente e aprender a ser feliz. Talvez comprar um banjo. Porque eu não tinha a menor ideia de onde eles poderiam estar, nem mesmo a sombra de uma pista para descobrir isso. Eu só podia esperar que em algum ponto no meio do caminho, de algum jeito, alguém casualmente se deparasse com eles e tirasse Astor das mãos de Robert. É claro que não seria eu. Eu não conseguiria encontrá-los nem que caíssem de uma árvore sobre a minha cabeça. Até mesmo Rita tinha mais chance. Pelo menos, ela tinha uma, como é que se diz mesmo, uma dessas tais de ideias...

E talvez essa ideia tivesse dado início a alguma coisa. Talvez a sorte dela estivesse sendo maior do que a minha. Não poderia ser muito pior, a não ser que ela acidentalmente tivesse ateado fogo em si mesma. Então, peguei meu celular e telefonei para Rita, mais pelo fato de eu ser um cretino tão evidente que não conseguia pensar em mais nada.

Mas o celular de Rita tocou e tocou e caiu na caixa postal. Para onde quer que ela tivesse ido, ela ainda estava lá. Isso queria dizer que ela tinha encontrado os dois? Ou só estaria presa no trânsito? E aonde ela tinha ido, por falar nisso?

Selecionei a mensagem que ela tinha deixado antes, e a ouvi de novo. Ela não tinha mudado nada. A única parte que deu uma leve sombra de uma dica foi quando ela falou: "... você disse que ela poderia voltar pra casa, e eu pensei, é claro, ela pode, mas talvez não... E então, seja como for, eu só vou sair por uns vinte minutos...".

"Voltar pra casa, mas talvez não" era tão típico de Rita, tão cheio de viravoltas e incompleto, que poderia significar qualquer coisa. Mas eu tinha lutado para entendê-la por muitos anos e pensei que conseguiria interpretar. É claro, *pensar* estava demonstrando ser uma atividade perigosa e estranha para mim, mas eu tentei de qualquer jeito e peguei "casa, mas não" e acrescentei a isso "sair por uns vinte minutos", e isso só poderia significar uma coisa. Provavelmente era a coisa errada, mas a ideia que surgiu era a nossa Nova Casa. Casa, mas ainda não era casa, a dez minutos de carro, e com toda a certeza um lugar para onde Astor gostaria de ir.

É claro, eu teria de presumir que Astor tinha algum poder de decisão relativo ao lugar para onde iriam, mas eu sabia como ela era persuasiva, ou, na falta disso, como ela era teimosa. E Robert estaria desesperado para encontrar um lugar onde pudesse passar despercebido. Tudo isso era novidade para ele – exceto, aparentemente, a história da pedofilia – e ele iria supor que o mundo todo estava na sua cola. Então, iria querer encontrar um lugar quieto e imprevisível, um lugar onde ninguém pensasse em procurar. E a sempre prestativa Astor poderia muito bem sugerir um lugar onde ela se sentisse segura: a Casa Nova, desocupada, rodeada de sebes e equipada com Seu Próprio Quarto.

E um último farrapo de alguma coisa que poderia ter sido pensada caiu com ruído no chão do empoeirado e desocupado Salão de Baile do Cérebro do Dexter: *se* Robert e Astor tivessem ido para lá para se esconder, e *se* Rita foi para lá e encontrou os

dois, Robert não iria sorrir e autografar uma fotografia e mandá-la embora. Para ser exato, ele iria fazer o possível para impedi-la de ir embora e informar a localização deles. É muito provável que iria amarrá-la ou imobilizá-la bem com fita adesiva. E, se tivesse um pingo de bom senso, iria amordaçá-la também. Depois, a colocaria em um armário, ou em um banheiro, e a deixaria lá enquanto ele ficava vigiando os seus próprios rastros e esperava para ver quem ou o que estaria vindo atrás dele.

E, levando tudo em consideração, só havia uma pessoa que poderia ir atrás dele: eu. Essa não era uma boa notícia para os mocinhos, se fosse para pensar em minha trajetória recente, mas não havia ninguém mais. E se houvesse mais alguma pessoa, eu não iria querê-la de jeito nenhum.

Robert estava com Astor, e ela era minha. Ela me pertencia, assim como uma gazela pertence ao leão, e ele a havia surrupiado, levado uma coisa *minha,* e eu não poderia permitir que ele escapasse.

E Robert tinha matado Jackie, e me deixado encalhado na praia de um lugar escuro e arenoso, repleto de nada mais do que de um vazio épico. Tinha tirado a única coisa que eu já havia tido e que se parecia com um *sentimento,* minha única tentativa de felicidade, e ele não poderia sofrer o suficiente por isso, nem que eu o amarrasse e mantivesse sob minha faca por todas as noites durante um ano, cada sessão mais longa e mais satisfatoriamente criativa. Não havia uma retribuição possível que pudesse compensar o que ele havia tirado de mim, mas o que ele pudesse me dar como pagamento, eu iria pegar. E não iria parar de pegar até que tudo se acabasse, e ele também; cada dente excessivamente branco, e cada sorriso muito iluminado, cada gesto estudado e expressão ensaiada, tudo isso. Eu iria tirar tudo que ele tinha, tudo que ele tivesse sido ou fosse ser, e eu iria despachá-lo para sempre para o lugar onde apenas a dor é uma realidade, uma dor lancinante e infinita, que destruísse a alma. E se eu fizesse uma bagunça grande o suficiente para levar os tiras diretamente para mim, tudo bem também. Nada mais havia restado neste mundo além do sofrimento monótono, e

se eu tivesse de suportá-lo na prisão, ou no sofá ao lado de Rita, não fazia a menor diferença para mim.

Poderia ser a última coisa que eu faria, mas iria fazê-la. Iria arrancar Robert de seu complacente e excessivamente adornado mundo de mimos e o arrastaria diretamente para o meu: o mundo do Sombrio de Deleite do Dexter. Ele não tinha a menor ideia do que havia desencadeado ao puxar a minha corrente. Eu estava indo, e mesmo que ele soubesse disso, estaria esperando pelo manso e educado Dexter Diurno, o Dexter do Donut, o cara molenga dos respingos de sangue lá do escritório, que não representava uma ameaça maior do que uma cadeira giratória. Mas esse Dexter havia desaparecido, talvez para sempre, e era uma coisa muito diferente que estava indo ao encontro de Robert, e ele não iria gostar da diferença, nem um pouquinho.

Dei a partida no carro e saí do estacionamento, passando pelo policial na barreira, e entrei no trânsito noturno, e a noite escura e sem estrelas penetrou em mim e me encheu com o fulgor de um objetivo muito especial, e eu estava pronto para o Robert.

Era o pico da hora do *rush,* e o tráfego estava complicado de um jeito que não tinha solução. Eu avançava aos milímetros, rangendo os dentes e pensando em coisas novas e especiais para fazer com Robert. Ele era bonito, e muito consciente disso; essa seria uma ajuda, eu podia me aproveitar disso. Poderia passar horas só brincando com o rosto dele, lenta e cuidadosamente removendo cada parte dele e segurando-a em frente a seus olhos, para que pudesse Me ver segurando partes permanentemente removidas dele, e ver cada passo do meu jeito de fazer isso, e isso não poderia ser detido, ou reduzido, ou consertado. Isso estava acontecendo com *ele,* e era só isso que podia ser real, e que poderia ser real, e não havia um caminho de volta para a situação. Esse era o *show* perpétuo em Dexterlândia, e os ingressos não podiam ser reembolsados e valiam apenas para a entrada.

E eu estava tão profundamente mergulhado em meus agradáveis devaneios que, antes de me dar conta, eu já estava na US 1 e me dirigia para o sul rumo à Casa Nova. O tráfego engasgava e bufava e se arrastava, mas eu acompanhava o seu

passo lento, pensando apenas no que estava prestes a acontecer, e de modo tão completo, com alguém que merecia isso mais do que ninguém jamais havia merecido.

Saí da US 1 à esquerda, e em poucos minutos estava lá. Passei pela frente da casa para ver se havia sinais da presença deles no lugar. Um pequeno conversível estava parado na frente da porta da garagem. A minivan de Rita estava estacionada de modo descuidado atrás dele. Um *full house,* mas o coringa estava chegando.

Prossegui, examinando a área para ver se alguém estava observando, e não vi ninguém, nada fora do lugar, nada além do tranquilo bairro de classe média que ele deveria ser. Ao longo da rua, casas modestas irradiando a satisfeita calma noturna de um dia cumprido a contento. Bicicletas apoiadas nas árvores, patins largados nas calçadas, e os discretos aromas de meia dúzia de jantares se entremeavam entre as casas e lutavam pelo predomínio. Mas nada estava fora, ninguém estava olhando, e tudo estava tão exatamente calmo e despido de suspeitas como eu tinha desejado que estivesse.

Estacionei a um quarteirão de distância da casa, sob a copa de uma imensa figueira-de-bengala, peguei a faca para peixe de sob o banco e descí do meu carro. Já era noite escura, e eu a inspirei profundamente, absorvendo a escuridão em meus pulmões e deixando que ela percorresse todo o meu corpo e subisse pela minha coluna, e enquanto ela se espalhava sobre meu rosto e ia até as pontas das orelhas, senti a calma fria e escorregadia assumir o controle e lentamente, cuidadosamente, nos incitar a uma ação decidida e ansiosa.

Nós olhamos sobre o capô do carro, pela rua, até a Casa. Uma luz brilhava sob a porta da frente. Nós não nos importamos. Seu brilho desagradável nunca Nos afetaria: nós iríamos silenciosamente dar a volta por trás, roçando a sebe e seguindo as sombras. Nós passaríamos por poças de escuridão e deslizaríamos sob a esfrangalhada tela da cobertura da piscina até a porta de trás. Nós usaríamos a chave que nós temos carregado todas essas semanas, e nós iríamos deslizar pela porta, entrar em casa, e chegar até Robert, e então nós iríamos

começar, e nós não terminaríamos até que não houvesse mais nada a fazer.

Uma inspiração profunda, um lento e firme fulgor de claridade e de controle, e todos os tons frios e escuros de azul da noite ao nosso redor luziram cálidos e brilhantes em nossos olhos, e os aromas da noite chegaram vividos até nosso nariz, e todos os estalidos e sussurros da vida noturna começaram a se misturar à música ritmada da caçada, e nós seguimos adiante com eles.

Devagar, com um descuido casual em nossos passos, nós caminhamos na direção da Casa. Luminosidade e tagarelices da televisão nas salas de nossos vizinhos, e tudo é tão normal quanto possa ser, tudo tão maravilhoso e tão livre de problemas... tudo a não ser pelo Monstro despreocupado andando lentamente a caminho de uma noite agradável de brincadeiras descompromissadas que não combinavam muito bem com esse sonolento bairro.

Nós chegamos à sebe e tudo está como deveria ser, o que *tem de* ser, e fazemos uma pausa para ter certeza, e, quando temos certeza, nós deslizamos sem o menor ruído na escuridão ainda mais profunda da entrada lateral e nos movemos cuidadosamente, em silêncio, perfeitamente, ao longo da sebe cheia de sombras até o quintal.

E movendo-nos cuidadosa e silenciosamente ao longo de um pequeno trecho iluminado, nós fazemos mais uma pausa atrás de uma limeira a apenas três metros da cobertura da piscina, onde um grande pedaço de tela arrancada está pendurado, e nós ficamos lá e não fazemos nada a não ser respirar, esperar, ouvir e observar.

Vários minutos se passam e nós continuamos imóveis e sem fazer o menor ruído na nossa paciência de predador. Nada acontece. Não há nenhum som ou algo visível ou cheiro, e ainda assim nós não nos mexemos, só ficamos esperando e observando. Este lado da casa é bastante visível, uma janela deixa passar um ligeiro brilho, como se uma luz estivesse acesa bem fora do cômodo. Ao longo da parte de trás da casa, de frente para a piscina, está a minha porta, e então uma grande porta de correr de vidro, e então outra janela. Nessa última

janela, uma luz mais forte brilha e, no centro, podendo ser visto através da porta de correr de vidro, há um brilho fraco, vindo de uma lâmpada colocada por trás da porta.

Mas do nosso lado, na nossa porta, há apenas essa sombra sem luzes, e nada se move ali, e nós sentimos a luminosa felicidade porque tudo está bem, tudo está pronto, porque uma vez mais as coisas vão acontecer do nosso jeito, como elas sempre acontecem quando nós estamos caçando, e, finalmente, quando não houve o menor sinal de nada se mexendo por um bom tempo, nós nos movemos, um longo e macio deslizar intencional, para fora das sombras e ao longo da grama ressequida, e através da esfrangalha borda da tela rumo à porta.

Nós fazemos uma pausa, uma das mãos na maçaneta, e nosso ouvido pressionado contra a porta; nada. Nada além do som abafado do ar-condicionado central soprando pela casa. Tudo está em silêncio, tudo está pronto, e de dentro do nosso bolso nós tiramos a chave da Nossa Casa Nova, uma casa mais nova e maior e mais iluminada e recém-pintada, pronta para a maravilhosa nova vida familiar que nunca vai se mudar para lá agora, porque esse sonho foi construído sobre a fumaça de um alegre narguilé, uma delgada imagem de alguma coisa que nunca foi mais do que alucinações de esperança, e essa ilusão se evaporou como a miragem que era e deixou para trás cinzas escuras e frias. E isso não importa. Nada mais importa mesmo, a não ser este momento, esta noite e esta faca, e este Agora.

Isto é o que *é*: Dexter com uma lâmina e um alvo. Essa é a única Realidade que jamais existiu, a caminhada sorrateira por entre as sombras, o salto súbito, o som do aço em um quarto cheio de sombras, e os abafados guinchos e gemidos enquanto a Verdade, lenta e alegremente, surge rapidamente por entre as cortinas e agradece os aplausos. É isto o que é, e o que foi, e o que será, e nunca houve mesmo nada mais no mundo a não ser este Propósito Sombrio, e nunca houve outro tempo além de *agora,* e nós colocamos a chave na fechadura e com um ligeiro movimento do pulso a porta está aberta.

Dois centímetros, cinco; quinze lentos e cuidadosos centímetros a porta se abre, e nós fazemos uma pausa

novamente. Nenhum movimento, nenhum som, nenhum sinal de nada além das paredes escuras, ainda com o leve cheiro de tinta fresca.

Ainda devagar e cuidadosamente, nós abrimos a porta, abrimos o suficiente para entrar de lado sem ruído, e nós fazemos isso, e quando nós nos voltamos para fechá-la em silêncio, nós ouvimos um TUMP que dava para rachar um melão, e o quarto em sombras se ilumina ao nosso redor como uma estrela que explodisse, e uma dor viva floresce na parte de trás da nossa cabeça, e quando nós cambaleamos para a frente, passando da surpresa estúpida para a escuridão cheia de dor, nós uma vez mais estamos repletos com a pavorosa verdade da nossa completa e acéfala incompetência, e a voz maldosa e caçoísta da nossa autorrecriminação enquanto ela diz em alto e bom som: *Eu avisei!*

E um instante antes de a escuridão começar a tomar conta de tudo e afastar tudo menos o desgosto, dá para eu ouvir uma voz fraca vindo de uma grande distância, uma voz familiar, a empostada e sarcástica voz de uma menina de onze anos de idade, enquanto ela diz com uma grande e amarga presunção:

– Você não precisava ter batido nele com tanta *força...*

E então, felizmente para mim, ou para todos os estúpidos e ineptos farrapos de autoengano que sobraram de mim, a escuridão vazia assume o controle e nos conduz direto por um túnel longo e sem vida.

CAPÍTULO 35

POR MUITO TEMPO, SÓ HOUVE A ESCURIDÃO. NADA SE MOVEU, OU, SE moveu, não havia nada que iluminasse o seu caminho, e nada para ser visto. Havia apenas uma melancolia atemporal, sem fundo, sem pensamentos, sem forma ou propósito, e isso era muito bom.

E então, em algum lugar bem lá longe no horizonte soturno, um persistente balido de dor começou a importunar nas bordas da escuridão. Ele latejava insistente, e com cada batida ritmada de seu pulsar ele maior, mais vivido, enviando ramificações espinhentas de miséria que ficavam maiores e mais fortes e afastavam a escuridão a passos curtos que ficavam cada vez menores. E finalmente a dor cresceu em uma árvore grande e luminosa com suas raízes fincadas profundamente no leito de rochas firmes, e expandiu seus ramos e iluminou a escuridão e, oh!, pronunciou o seu nome:

Sou eu, Dexter.

E, surpresa!, a escuridão retrucou:

Oi, idiota.

Eu estava acordado. Não sabia se isso era uma coisa boa: doía demais e, até então, eu tinha me dado muito melhor quando estava inconsciente. Mas não importava quanto eu quisesse me entregar e voltar a dormir, a dor latejante em minha cabeça era grande o suficiente para garantir que eu tinha de acordar e viver com minha estupidez aparentemente ilimitada.

Então, eu acordei. Estava atordoado e dopado, e não estava entendendo as coisas muito bem, mas estava acordado. Eu tinha bastante certeza de que não fora dormir de modo normal, e pensei que talvez houvesse uma explicação realmente importante para eu ter feito isso, mas em meu estado atordoado e dolorido eu não conseguia pensar muito bem nisso, ou em qualquer outra coisa, por isso, retornei à mesma estupidez que tinha me trazido até aqui e tentei ficar em pé.

Não deu muito certo. Na verdade, nenhum dos meus membros parecia estar fazendo o que deveria fazer. Mexi um braço; ele parecia estar atrás das minhas costas por algum motivo, e se mexeu desajeitado uns cinco centímetros, puxando o outro braço junto, e aí ele parou e voltou a ficar onde estava, molenga, preso sob as minhas costas. Tentei mexer as pernas; elas se moveram um pouco, mas não separadamente – também pareciam estar mantidas unidas por alguma coisa.

Inspirei profundamente. Doeu. Tentei pensar, doeu ainda mais. Tudo doía e eu não conseguia me mexer; isso não parecia certo. Teria alguma coisa acontecido comigo? Talvez – mas como eu poderia saber se não conseguia me mexer nem ver? Minha cabeça latejou enquanto uma ou duas ideias passavam por ela e apareceram com uma resposta: você não pode saber se você não pode se mexer e não pode ver.

Isso era certo, eu tinha certeza disso. Tinha aparecido com a resposta certa. Eu me senti muito bem com isso. E em um ímpeto de autoconfiança avassaladora e completamente injustificada, agarrei-me a outro pensamento que passou flutuando: eu iria *fazer* alguma coisa a respeito disso.

Isso também era bom. Eu resplandecia de orgulho. Duas ideias completas inteiras, só por minha conta. Será que conseguiria ter outra? Dei uma respirada que transformou a parte de trás da minha cabeça em um lago de dor derretida, mas uma terceira ideia apareceu. *Não consigo me mexer, então vou abrir os olhos.*

Maravilha, eu estava funcionando a pleno vapor. Ia abrir os olhos. Se eu me lembrasse de como fazer isso...

Eu tentei; consegui dar uma ligeira tremida nas pálpebras. Minha cabeça latejou. Talvez abrir dois olhos fosse difícil demais; eu ia abrir *um* deles.

Lentamente, com muito cuidado, e com uma grande dose de esforço cheio de dor, eu abri um olho.

Por uns instantes, não fui capaz de entender o que estava vendo. Minha vista estava borrada, mas parecia que estava olhando alguma coisa cor de creme, talvez um pouco felpuda? Não dava para dizer o que era, nem a que distância estava.

Forcei a vista, doeu demais. Mas, depois de um longo e dolorido momento, as coisas começaram a ficar em foco.

Um pouco felpudo, por baixo do meu corpo, onde deveria haver chão: “Ahá”, eu pensei. Carpete. E ele era cor de creme. Eu sabia que havia alguma coisa em que eu poderia pensar a respeito disso e que tinha a ver com carpete cor de creme. Pensei com muita força por um tempo e finalmente me lembrei: a suíte na Casa Nova tinha carpete cor de creme. Eu deveria estar na Casa Nova. O carpete estava embaçado e difícil de ver, porque meu olho estava muito perto dele.

Mas isso queria dizer que eu estava deitado de bruços. Isso não parecia certo, não uma coisa que eu normalmente fizesse. Por que estava fazendo isso agora? E por que não conseguia me mexer?

Alguma coisa não estava mesmo certa. Mas agora eu tinha várias pistas muito boas e uma leve lembrança obscura me disse que havia coisas que eu gostava de fazer com pistas. Eu gostava de acrescentar uma à outra. Fechei o olho e fiz as contas. Meu rosto estava perto de um carpete. Minhas mãos e pernas pareciam estar mantidas juntas por alguma coisa, portanto, eu não conseguia me mexer. Minha cabeça doía de um jeito que me dava vontade de gritar – a não ser pelo fato de que só de pensar em um barulho alto ela doía ainda mais.

Eu tinha certeza de que não queria fazer essas coisas todas comigo. Algo pouco habitual havia acontecido. Isso só podia querer dizer que outra pessoa tinha causado tudo isso. Cabeça, mãos, pernas, Casa Nova – tudo isso estava conectado. Elas se somavam e criavam um significado, e se eu conseguisse deixar a dor de lado só por um momento, iria lembrar o que elas queriam dizer.

Ouvi uma voz em outro quarto – a voz de Astor se elevando em um tom de reprimenda e de desprezo. E lembrei:

Eu tinha ouvido aquela voz, aquela mesma entonação, no momento exato em que todas essas coisas pouco comuns tinham começado a acontecer.

Por um bom tempo, só fiquei flutuando em meio à dor, me lembrando de detalhes. Eu me lembrei do *tump* na minha cabeça

que me tinha colocado nessa situação e me lembrei da voz de Astor enquanto eu cambaleava para a frente e, muito devagar mesmo, comecei a me lembrar da razão pela qual estava aqui.

Eu tinha vindo aqui para amarrar Robert. Não tinha dado certo. Pelo contrário, ele tinha me amarrado.

E, a princípio lentamente, e depois com um fluxo de lembranças amargas, e uma raiva rastejante, tudo voltou à minha cabeça.

Robert tinha matado Jackie e, ao fazer isso, ele tinha matado minha vida nova e maravilhosa. E tinha levado Astor, ele a tinha tirado de *mim,* e tinha feito todas essas coisas bem debaixo do meu nariz farejador noturno, me transformando em um trapalhão, um pateta, um palhaço perfeito: Desleixado Dexter, Bobo Real na Corte das Trevas. Vistam-no como um arlequim e libertem-no com sua faquinha engraçada. Observem enquanto ele se esfaqueia e cai, tropeçando em seus imensos sapatos largos. Dexter, o Defraudado, olhando bem na cara de Robert e sorrindo porque ele só vê uma idiotice egocêntrica, inofensiva e acéfala. E ainda olhando e sorrindo enquanto a ameba sem um pingo de inteligência raciocina melhor que ele, passa na frente dele e desaba por cima de sua cabeça.

Durante vários e luminosos segundos a raiva se apossou de mim e eu tremi por causa dela, rangendo os dentes e forçando as cordas que me prendiam. Rolei uma vez, duas, e forcei meus membros com fúria e, é claro, nada mesmo aconteceu, a não ser pelo fato de eu estar agora a três passos de distância de onde estivera, e de minha cabeça latejar ainda mais.

Tudo bem; força bruta não era a solução. E, visivelmente, pensar não era nosso ponto forte. E com isso sobrava rezar, o que é simplesmente Falar Com Você Mesmo, e Eu Mesmo não tinha sido de grande ajuda recentemente. Havia alguma coisa a fazer?

E, de um modo estranho, e felizmente bem na hora, aconteceu que havia uma última coisa: pura, idiota, não merecida Sorte.

E a Sorte entrou deslizando no quarto onde eu jazia.

– Dexter – uma voz baixa sussurrou, e virei minha cabeça para a porta com um grande e dolorido esforço.

Astor estava lá parada, uma silhueta brilhante, a luz vinda do outro quarto por trás dela. Ela estava usando o que parecia ser um *négligé* de seda branca, com um laço azul-claro mantendo-o preso abaixo do pescoço dela. Entrou na ponta dos pés e se agachou ao meu lado.

– Você se mexeu – ela sussurrou. – Tá tudo bem com você?

– Não – eu respondi. – A minha cabeça está doendo e estou amarrado.

Astor nem prestou atenção nisso.

– Ele bateu em você com toda a força – ela disse, ainda falando baixinho. – Com um taco de beisebol. Ele bateu com força na mamãe também. Ela não se mexe já faz um tempo. – Colocou uma das mãos na minha testa e então tirou, fazendo um gesto de cabeça. – Eu não sabia que ele ia fazer isso. Achei que você podia estar morto.

– Eu vou morrer – eu disse. – E você também, se não me desamarrar.

– Ele não vai me matar – ela disse. Havia um tom convencido e estranho na voz dela. – O Robert me ama.

– Astor, o Robert não ama ninguém além dele próprio. E ele matou umas pessoas.

– Ele fez isso por mim – ela disse. – Pra gente poder ficar juntos. – Ela sorriu, um pouquinho orgulhosa, um pouquinho satisfeita consigo mesma, e um pensamento bizarro e inesperado passou rapidamente pela minha cabeça latejante; ela estava mesmo pensando em me deixar amarrado, por amor a Robert. Impensável, mas ela estava pensando nisso.

– Astor – eu disse, e, infelizmente, um pouquinho do Papai Desaprovador apareceu na minha voz. Era o pior tom possível para usar com Astor, e ela balançou a cabeça e franziu a testa de novo.

– É verdade – ela disse. – Ele matou as duas porque me ama mesmo.

– Ele matou Jackie – eu falei.

– Eu sei. Sinto muito – ela disse e deu umas palmadinhas no meu braço. – Ele meio que foi obrigado a fazer isso. Ela entrou correndo no *trailer* dele, gritando com ele, e nós estávamos...

juntos – ela disse, com ar convencido e um pouquinho tímido. – Ela estava gritando alguma coisa a respeito de o computador dizer que ele tinha matado Kathy, sei lá quem é essa criatura. Mas ela viu a gente lá, você sabe. Eu deixei ele... me *beijar,* e... E ela meio que, uau, só ficou parada lá. E Robert deu um pulo, e estava todo "não, não, espere um minuto, eu posso explicar". E ela olhou para ele, e disse algo parecido com: "tudo bem, você pode explicar isso para a sargento Morgan". – Ela deu um sorriso ligeiro. – Tia Deborah.

– Sim, eu sei – falei.

– Então, sei lá, o Robert deu um pulo e me falou, fique aqui, e ele saiu pela porta, atrás da Jackie. – Ela deu de ombros. – Eu não quis perder nada, então fui atrás e vi os dois entrando no *trailer* da Jackie, e quando eu cheguei lá ele estava correndo para fora de novo, levando aquele MacBook Air superlegal. – Ela assentiu. – Ele disse que posso ficar com ele. Quando a gente for para um lugar seguro.

– Astor, não tem nenhum lugar seguro – eu disse. – Ele matou duas pessoas. Vão encontrar o Robert e vão colocá-lo na cadeia por muito tempo.

Astor mordeu os lábios.

– Não sei, não – ela disse.

– Eu *sei* – eu disse. – Não existe nenhum lugar para onde ele possa ir que não o encontrem.

Ela não parecia convencida.

– As pessoas ficam livres depois de matar, o tempo todo – ela disse, e me olhou com um tipo de sorriso afetado e desafiador de quem sabe das coisas.

– Mas o Robert matou alguém *famoso,* Astor. Os policiais têm de pegá-lo ou vão ficar com cara de bobos na frente de todo mundo. Eles vão fazer o melhor que puderem neste caso e vão pegá-lo.

– Talvez – disse ela.

– Com certeza – eu falei. – Eles vão fazer o impossível. Na verdade, a única coisa que pode fazer os policiais irem mais fundo ainda é se o Robert também sequestrou alguém. Como uma menina de onze anos de idade com cabelos loiros.

– Ele não me *sequestrou,* Dexter. Eu fui com ele. Ele me ama.

– Você ama o Robert?

Ela emitiu um ruído de desprezo.

– Claro que não. Mas ele vai me levar para fazer filmes.

– Ele não pode fazer isso da prisão. Ou se estiver morto – eu disse.

– Mas ele disse que podemos fugir! – exclamou. – Nós podemos nos esconder dos tiras!

– E como ele vai levar você para o mundo do cinema se estiver se escondendo da polícia?

Ela segurou o lábio inferior com os dentes e fechou a cara.

– Eu não sei – ela disse. E achei que finalmente eu a tinha convencido.

– Astor – eu falei. – A carreira de ator do Robert acabou. A *vida* dele acabou. E a sua também, se você ficar com ele. – Rastejei até chegar um pouco mais perto dela e ergui meus pulsos o máximo possível. – Agora, me desamarre.

Astor me olhou. Então se voltou e olhou para a porta. Depois tornou a me olhar e balançou a cabeça.

– É melhor não – ela disse. – O Robert pode ficar bravo.

– Astor, pelo amor de Deus!

Ela colocou uma das mãos sobre a minha boca.

– Shhhhh – ela disse. – Ele vai ouvir você.

– Eu já ouvi – disse uma voz vinda da porta, e Robert entrou no quarto.

Ele mexeu no interruptor ao lado da porta e a luz do teto se acendeu. Era bem mais forte do que eu me lembrava, e tive de cerrar os olhos. Por isso, não pude ver nada até Robert se ajoelhar ao meu lado, a cabeça dele bloqueando a luz. Então, consegui ver, mas desejei que não pudesse; Robert estava carregando uma faca de açougueiro muito grande, e tinha a cara de quem sabia muito bem o que queria fazer com ela.

Robert me analisou por uns instantes, a cabeça inclinada para o lado. Mesmo sob a luz forte do quarto, o bronzeado dele parecia perfeito, sua pele lisa e macia, e os dentes ainda eram perfeitos quando ele afastou os lábios para me endereçar um sorriso rápido e automático. Deu uma avaliada na faca, não havia

dúvidas quanto ao que estava pensando, mas, mesmo assim, ele era o carrasco mais improvável que eu jamais poderia imaginar.

– Você não deveria ter vindo aqui, Dexter – ele disse, com um tom pesaroso, como se tudo fosse culpa minha.

– Você não deveria ter matado a Jackie – eu disse.

Ele fez uma ligeira careta.

– É, odeio isso. Eu não tenho estômago para fazer isso. Mas tive de fazer – ele disse e deu de ombros. – Fica um pouquinho mais fácil a cada vez. – Ele me olhou como se achasse que eu ia ser o mais fácil de todos, e dava para ver que eu estava ficando sem tempo. – Seja como for, eu fiz isso por causa da Astor.

Ele se virou e a olhou e, para lhe fazer justiça, se é que essa era a palavra exata, o olhar que ele lançou para ela era de afeição genuína, ou ele era um ator muito melhor do que eu pensava. Astor devolveu o olhar, mas não parecia tão apaixonada, e achei que eu tinha uma chance minúscula de salvar o couro do pobre Dexter.

– Se você gosta tanto assim da Astor – eu disse –, nunca deveria ter mentido para ela.

Robert voltou rapidamente a cabeça para me olhar e franziu as sobrancelhas.

– Eu não menti para ela – ele disse. – Nunca faria isso, eu a amo de verdade. Ela sabe disso. – Ele sorriu de novo, colocando a faca no chão ao seu lado, para poder pegar a mão dela com um gesto tranquilizador.

– Você *mentiu* para ela – eu disse, e essa era a única cartada que eu podia jogar, então forcei a mão. – Você disse para ela que podia levá-la para o mundo do cinema, e isso é mentira.

– Não – ele disse. – Eu tenho um monte de contatos e...

– Seus contatos vão fugir de você como se você fosse a peste – eu falei. – Assim que ficarem sabendo que você é um pedófilo mentiroso e assassino.

Robert enrubesceu profundamente.

– Você não entende – ele disse. – Ninguém entende.

– Isso mesmo – eu falei. – E os tiras também não vão entender e vão fazer de tudo para você ir para a cadeia pelo resto da sua

vida. Isso se você tiver sorte. Nós temos pena de morte na Flórida, sabe.

Ele estava balançando a cabeça, cada vez mais rápido.

– Não, de jeito nenhum. Nunca vão me pegar. Eu posso fugir.

– Como, Robert? – eu disse. – Já estão vigiando os aeroportos, as docas, até mesmo o terminal de ônibus.

– Eu tenho um carro – ele disse, quase como se esperasse que aquilo valesse alguma coisa.

– E se você usar seu cartão de crédito para comprar combustível, eles vão saber. Vão pegar você, Robert. Você pegou uma menininha, e eles vão vir atrás de você e não vão parar, até colocarem as mãos em você.

Robert mordeu o lábio. Uma gota de suor se formou em sua testa.

– Eu posso... eu posso negociar – ele disse.

– Você não tem nada com que negociar – eu disse.

– Tenho – ele falou. – Eu tenho uma... uma refém.

– O quê? – eu perguntei.

– Isso mesmo. Eu posso pegar um barco e chegar a Cuba... Eu só preciso tomar a dianteira. Eles vão me dar isso se eu lhes entregar Astor.

Bem ao lado de Robert, eu vi o rosto de Astor se alterar. Ela estava nos observando como se estivesse assistindo a uma partida de pingue-pongue, a cabeça se voltando de Robert para mim, enquanto um franzir de sobrancelhas aparecia momentaneamente em seu rosto. Mas, quando Robert disse “lhes entregar Astor”, o rosto dela se endureceu em uma máscara de raiva fria e sombria, e ela a direcionou exatamente para Robert.

– Entregar Astor? Achei que você a amasse – eu disse.

Ele balançou a cabeça.

– Eu não posso ir para a prisão – ele falou. – Sei o que fazem com gente como eu. – O maxilar dele se moveu de um lado para o outro, soltou a respiração e repetiu: – Não posso ir para a prisão. Não posso mesmo. Vou fazer qualquer coisa para ficar fora dessa. – Ele se inclinou sobre meu corpo, afastando tudo do meu campo de visão, a não ser seu rosto perfeitamente

bronzeado e excessivamente bonito, e realmente parecia estar um pouco sentido. – Então, eu sinto muito: Mas isso quer dizer que tenho de, hum, você sabe. – Soltou um suspiro profundo. – *Matar* você. Sinto muito, Dexter. Mesmo. Eu gosto de você. Mas não posso me arriscar a uurrgh... – ele disse, e seus olhos se arregalaram.

Por um momento, ele não se mexeu nem respirou, só ficou ajoelhado ao meu lado, parecendo ligeiramente surpreendido. Então, franziu a testa e abriu a boca para dizer alguma coisa. Mas, em vez de palavras, uma grande e horrível golfada de sangue abjeto e quente e pavoroso saiu dela e se espalhou no chão e por cima de mim, e embora eu fizesse um gesto brusco com a cabeça para um lado um pouquinho dele respingou no meu rosto...

E então Robert caiu para um lado e não se moveu, e atrás dele, emitindo um som triunfante para ele e segurando uma faca muito ensanguentada e afiada – por trás dele, com o seu pequeno *négligé* de seda branca com o laço de um azul-claro, e um novo conjunto de bolinhas vermelhas e brilhantes, estava Astor.

– Seu idiota retardado – ela disse para Robert.

CAPÍTULO 36

ASTOR USOU A FACA PARA CORTAR AS CORDAS DAS MINHAS MÃOS. ERA só varal para roupas, de náilon, e ele se partiu com facilidade, e em poucos segundos eu estava em pé e esfregando o sangue úmido e desagradável do meu rosto. Eu me sentia sujo, enxovalhado, e muito perto de entrar em pânico até que desamarrei meus pés também, e tropecei até a pia para lavar aquela coisa nojenta. Olhei no espelho sobre a pia para ter certeza de que tinha tirado tudo, e vi um rosto estranho e indeciso me olhando de volta.

Onde você está agora? Fiquei pensando. Era uma boa pergunta, e eu não conseguia respondê-la. Tinha tentado ser um Dexter novo e diferente – tentado e falhado. Tinha visto o que achava que era uma maravilhosa e iluminada vida nova, um lugar onde o luxo era moeda corrente, todos eram belos e nenhuma possibilidade estava fora do alcance. Tinha visto isso, e tinha desejado isso, e tinha até mesmo sido convidado a entrar nesse mundo, e tinha pensado que, em um lugar com tanto brilho, até mesmo o amor fosse possível: o amor para alguém como eu, que nunca havia sentido nenhuma emoção mais forte do que a irritação.

E eu tinha olhado ao redor do meu pequeno poleiro, um lugar testado e autêntico de segurança comprovada, santificado por anos de experiência e pelo Código de Harry e, subitamente, ele não tinha sido suficiente. Então eu tinha saltado do meu poleiro e havia aterrissado no meu Novo Mundo brilhante e faiscante – só para descobrir que o lugar brilhante e luminoso que parecia tão cálido e sólido não era nada mais do que gelo fino e quebradiço que nunca poderia sustentar o meu peso. E ele se fizera em pedaços e me jogara no mar gelado e salgado.

E quando mais tinha precisado ser o meu verdadeiro eu, o são Dexter da Faca, eu tinha dado um passo padronizado e bem praticado na Dança Sombria, e caído do meu *plié*[23]. Tinha sido enganado e preso em uma armadilha por um homem tão

estúpido e vazio que era praticamente um holograma; e ele teria acabado comigo se eu não tivesse sido salvo por uma menina de onze anos.

Isso era perfeito; só mesmo os verdadeiramente iludidos podem cair tão fundo. Eu tinha despencado de todas as minhas ilusões, antigas e novas. E agora iria cair o resto do caminho, de volta para a sufocante monotonia do mundo simples e limitado por sua moldura de madeira atrás do belo e falso cenário.

Ei-lo no espelho: Senhoras e Senhores, o Pateta Peso-Pesado do mundo – Dexter Desiludido!

E o meu reflexo assentiu, sábio e caçoísta. *É nisso que dá você querer ser o que não é,* ele disse, e foi minha vez de assentiu Porque não importa quão longe você vá, você é o que é, e mesmo quando está voando em novas e excitantes alturas, rodeando o sol e pensando que faz parte da auréola daquela perfeita luz dourada, você não faz. As asas sempre se derretem, e você sempre se esborracha em terra, no seu mesmo e velho eu.

Um rosto delicado e bonito apareceu no espelho por trás de mim.

– Dexter? – chamou Astor. – O que a gente tem de fazer?

Eu pisquei, e meu entorpecente egocentrismo desapareceu. Eu me virei para olhar Astor; e, atrás dela, transformando o carpete cor de creme em uma sujeira vermelha e encharcada, vi um astro da televisão. Bem na minha frente estava parada uma menina de onze anos de idade usando um *négligé,* e em algum lugar da casa minha esposa estava amarrada e inconsciente.

Com uma onda súbita de compreensão paranoica, percebi que essa não era a melhor situação para a gente se encontrar, sobretudo quando a gente está tão longe da melhor forma. A coisa toda subitamente parecia ter sido concebida para apontar diretamente para mim, começando com a morte de Jackie, até a de Robert – e até mesmo Astor em sua improvável roupa sensual, já que eu era, afinal de contas, somente o *padrasto* dela, e, nos círculos policiais, padrasto é um código para *Predador Sexual.*

Dava para eu montar esse cenário sem dificuldade, e nele definitivamente havia um papel principal para o Dexter.

Dez minutos de interrogatório básico da polícia com qualquer um envolvido na gravação do piloto iria revelar que eu tinha sido o novo namorado de Jackie. Isso automaticamente me transformava no principal suspeito da morte dela – afinal, escolher entre mim e o Mundialmente Famoso Robert Chase como provável assassino era uma escolha tão simples que até mesmo um retardado como Anderson me escolheria.

E, é claro, *seria* Anderson, que tinha razões recentes e irrefutáveis para me odiar. Meu usual coringa, a Irmã Sargento, não era mais uma carta no baralho. Pensando na minha última tentativa de falar com ela, eu tinha certeza de que ela ficaria absolutamente deliciada em me ver balançando ao vento. Ela poderia não dar o laço, mas com certeza não ergueria um dedo para desfazê-lo. Iria dar um passo para o lado e observar enquanto Anderson encaixava Dexter direitinho em seu cenário perfeitamente elaborado. E ele iria encaixar: tinha feito a carreira dele arruinando provas acidentalmente e prendendo a pessoa errada. Por que ele não agiria melhor agora, quando poderia fazer isso de propósito e com alegria?

Havia Astor, é claro – mas qualquer coisa que ela dissesse seria em grande parte deixada de lado. Ela era menor e, além disso, todo mundo sabe que padrastos usam a intimidação e o temor para manter em segredo seus prazeres maldosos, e uma pobre e jovem criaturinha iria dizer exatamente o que ele mandasse dizer.

Era a mistura perfeita de clichês – e os policiais amam clichês, porque eles são verdadeiros na maior parte do tempo. É por isso que eles passam a ser clichês.

Quanto mais pensava nisso, mais pensava que eu poderia estar numa enrascada das grandes.

Não era mera paranoia; Jackie tinha sido muito famosa. A pressão para prender *alguém* pela sua morte seria enorme. Acrescentar Robert a essa mistura aumentava a pressão dez vezes. E só para fechar o negócio, Jackie havia sido morta enquanto estava sob a proteção publicamente proclamada dos

Melhores de Miami. Se um assassino tivesse conseguido passar por aquela proteção, os policiais ficariam com uma cara ainda pior. Mas se o assassino fosse alguém de *dentro,* alguém que pudesse com facilidade passar pela Muralha Azul, mas não um policial trapaceiro, isso daria uma aliviada na situação. Eles se agarrariam a isso com unhas e dentes.

Os policiais prendem e incriminam alguém que sabem que é inocente? Não com tanta frequência. Mas será que o Departamento, de modo geral, se recusaria a dar uma boa examinada quando um companheiro da corporação prendesse alguém plausível e dissesse que ele era culpado? Será que o capitão Matthews não aceitaria tudo sem contestar, somente para proteger a imagem do Departamento?

Um mais um é mesmo igual a dois?

E Deborah – o que quer que tivesse dito antes – ainda estava dividida a respeito da minha inocência. Mas qual metade sairia vencedora? No passado, ela teria ido, incansável, em busca da verdade, sem pensar em nada, enfrentando todos os tipos de críticas e ignorando as flechadas recebidas. A velha Debs teria enfrentado qualquer coisa para libertar um homem inocente – e se esse inocente fosse seu irmão, nada a impediria. Ela iria com toda a boa vontade lutar contra o Departamento inteiro.

Mas agora?

Agora, em um caso de que Debs havia sido chutada com os dois pés pelo capitão Matthews? Agora, que já estava Oficialmente Encrencada, sua preciosa carreira pendendo por um fio? Ela havia levado umas bordoadas em público e lhe disseram para se afastar. Qualquer ligeiro movimento do barco poderia jogá-la na água e encerrar uma coisa que, para ela, significava mais que tudo na vida – será que arriscaria tudo isso por mim, *agora?* Agora que ela tinha dito com toda a clareza que pensava que eu era um patife tão grande que poderia até mesmo matar Rita, e que nunca mais ia querer olhar na minha cara?

Eu não sabia. Mas não parecia uma ideia muito boa apostar minha vida nisso.

Mas, é claro, eu tinha um jeito muito bom de me livrar disso tudo, um coringa que poderia me tirar da cadeia e que era muito

simples e eficiente: Rita. Na verdade, eu não a tinha matado. Ela iria confirmar que Robert havia levado Astor e vestido a menina naquele *négligé* incriminador e depois atacado Rita. E isso levaria a investigação de volta para o motivo pelo qual ele havia matado Jackie, e até mesmo Kathy – tudo isso se encaixaria, e a morte de Robert repentinamente se transformaria em algo merecido, um caso claro de autodefesa. Anderson provavelmente ainda tentaria colocar tudo nas minhas costas e poderia fazer com que as coisas ficassem muito desagradáveis por uns tempos, mas, no fim, até mesmo um retardado tão grande quanto ele seria forçado a ver a verdade.

Rita era a chave. Ela iria me manter livre da Justiça, e isso parecia ser a ironia final. Por mais que eu tivesse, com todas as minhas forças, tentado fugir dela e do tipo de vida pavorosa, sem graça e comum que ela representava, era a única pessoa que poderia me salvar agora; perfeito. Bem-vindo ao lar, Dexter.

– Dexter? – chamou Astor. – Ei, Dexter?

Ela me assustou, embora eu soubesse que ela estava lá, e a olhei e pisquei. Vi incerteza no rosto dela e alguma coisa que poderia até mesmo ser culpa.

– O que a gente tem que fazer? – ela perguntou de novo. Pela primeira vez em muitas semanas, ela se parecia com uma menina de onze anos de idade: apavorada, insegura, perdida em um súbito ataque de realidade.

– Em primeiro lugar – eu disse –, a gente vai procurar sua mãe.

Encontramos Rita no lado oposto da casa, perto da lavadora e da secadora de roupas. Estava amarrada assim como eu tinha ficado e não se movia; quando me ajoelhei ao seu lado, senti somente uma pulsação muito fraca, muito irregular. Eu a virei com cuidado e comecei a desfazer os nós que prendiam os pulsos dela e, em determinado momento, enquanto puxava as cordas, a pulsação dela parou.

Tentei todas as minhas técnicas básicas de reanimação cardiorrespiratória. Fiz respiração boca a boca. Fiz tudo que o treinamento e uma imaginação desesperada pudessem sugerir, mas depois de cinco minutos de tentativas ela ainda não estava

respirando, e a pele dela já havia começado a ficar fria e pegajosa.

Rita estava morta.

E então, com toda a probabilidade, Dexter também.

Olhei para o corpo dela. Pensei nos muitos anos em que tínhamos ficado juntos, e em todas as refeições excelentes que ela tinha preparado, e nas inúmeras coisas que ela havia feito por mim que iam muito além de cozinhar. Balancei a cabeça. Eu sei que deveria ter *sentido* alguma coisa – raiva, remorsos, pesar, quase qualquer coisa mesmo. Mas o único pensamento que me ocorreu foi que a morte havia suavizado a maior parte das rugas que nos últimos tempos surgiram no rosto dela.

E pensei em Jackie – a morte não tinha lhe caído assim tão bem. Não que isso fizesse a menor diferença, não mesmo. As duas estavam igualmente mortas. Balancei a cabeça lentamente e, por fim, eu senti alguma coisa – senti um profundo entendimento da ironia que a Vida havia infligido ao Profundamente Merecedor Dexter. Eu, que nunca tinha me importado com mulheres, tinha me sentido orgulhoso como um pavão porque tinha duas.

E agora não tinha nenhuma.

Dei as costas para o corpo de Rita. Astor estava em pé atrás de mim, mordendo o lábio inferior.

– Ela está... A mamãe está... morta? – me perguntou.

Fiz um gesto afirmativo.

– Mas não tem alguma coisa... Você não... não pode *fazer* alguma coisa?

– Eu fiz. E não deu certo. – E eu poderia ter acrescentado: *Assim como todas as outras coisas que tentei fazer ultimamente.*

Astor olhou o corpo da mãe e balançou a cabeça. Por uns instantes, pensei que ela fosse mesmo chorar – mas, é claro, não era capaz disso, assim como eu também não. Em vez disso, ela se ajoelhou ao lado de Rita e tocou o queixo dela. Durante alguns instantes, ficou encarando Rita, seu rosto tão inexpressivo quanto o da mãe. Então se virou e olhou para mim.

– O que a gente faz agora? – ela perguntou.

Suspirei. Havia muitas coisas que eu poderia fazer – mas todas conduziam, no fim das contas, à mesma cela no Centro de Detenção no centro da cidade. E até eu tinha de admitir que merecia isso. Toda a minha carreira não havia sido mais do que um prelúdio para a prisão. Eu tinha me mantido na dianteira do Merecido Destino por muito tempo mesmo, usando minha inteligência, mas os acontecimentos recentes provaram que ela havia desaparecido, ressecada e soprada pelo vento como as últimas folhas do outono. Tudo havia se acabado; incontestavelmente, inescapavelmente acabado, e quando eu admiti isso para mim mesmo, até senti um pouco de alívio.

Não fazia o menor sentido prolongar tudo isso mais do que o necessário.

Eu fiz Astor se levantar.

– Vamos chamar a polícia – eu disse. – E, daí, a gente dança conforme a música.

Ela estava com ar intrigado, mas isso não fazia a menor diferença.

Peguei meu celular e chamei a polícia. Então me sentei ao lado de Astor e esperei que a música começasse.

FIM

1. Expressão francesa que significa “comentário sagaz”. (N. T.)

2. Grafia equivocada da expressão francesa au courant, que no contexto acima significa “na moda”, “habitualmente usada”. (N. T.)

3. Prato típico cubano que consiste de bananas fritas e açucaradas.

4. Ropa vieja: prato composto de carne desfiada no molho; yuca: mandioca; arroz con frijoles negros: arroz com feijão preto; flan: pudim com canela; cafecita: café espresso cubano.

5. Pastelzinho folhado típico da culinária cubana.

6. Membro de uma fraternidade relacionada à maçonaria e conhecida por seus hospitais para crianças. (N. T.)

7. Emily Post foi uma famosa escritora norte-americana de livros sobre etiqueta. (N. T.)

8. “Saúde”, em gaélico. (N. T.)

9. “É um prazer conhecê-lo, senhor”, em francês. (N. T.)

10. Expressão francesa que indica que as pessoas esperam certo tipo de comportamento das pessoas nobres. (N. T.)

11. Marcação de pontos no futebol americano. (N. T.)

12. De mim, em francês. (N. T.)

13. Valhalla, ou “Salão dos Mortos”, é o majestoso local para onde vão os heróis que morrem em combate na mitologia escandinava. (N. T.)

14. Tipo de camisa masculina popular na América Central, com bolsos e pregas.

15. Trocadilho existente no texto original, baseado em “under-five” – menos de cinco – e “plus fours” – mais quatro –, nome dado às calças para jogar golfe, por elas descerem quatro polegadas abaixo dos joelhos. (N. T.)

16. Palavra francesa que indica tecidos, ou quem trabalha com tecidos. (N. T.)

17. Loja de lingerie fundada em 1946.

18. Marcha que ficou famosa por ter sido usada na trilha sonora do filme de 1957, A ponte do rio Kwai.

19. OSHA é a Occupational Safety and Health Administration, agência encarregada de cuidar da segurança e da higiene dos locais de trabalho. (N. T.)

20. Detetive sino-americano fictício que foi o personagem protagonista de filmes e desenhos animados.

21. Frase latina usada por matemáticos e filósofos no fim de um problema de matemática ou de um argumento filosófico, para indicar que haviam conseguido alcançar o resultado final exigido para a comprovação do problema, e cuja tradução em português normalmente é C. Q. D., como queríamos demonstrar. (N. T.)

22. Antagonista do livro de Robert L. Stevenson, A Ilha do Tesouro. Conhecido por ter a perna amputada e usar muleta.

23. Passo básico do balé, com os joelhos afastados e as pernas flexionadas. (N. T.)

Table of Contents

- Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Agradecimentos
- Introdução
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28

- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36

Table of Contents

Rosto
Créditos
Dedicatória
Agradecimentos
Introdução
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36